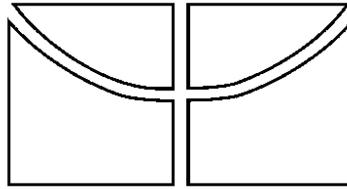


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**Um Programa de Pesquisa Comunicacional a
partir de Harold Innis e Marshall McLuhan**

Rodrigo Miranda Barbosa

Fevereiro de 2014



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Um Programa de Pesquisa Comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan

Rodrigo Miranda Barbosa

Tese apresentada ao PPG/FAC para
obtenção do grau de Doutor em
Comunicação. Linha de pesquisa: Teorias e
Tecnologias da Comunicação
Orientador: Prof. Dr. Luiz C. Martino.

Fevereiro de 2014

Rodrigo Miranda Barbosa

Um Programa de Pesquisa Comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan

Tese apresentada ao PPG/FAC para obtenção do grau de Doutor em Comunicação.

Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação.

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Claudio Martino (FAC/UnB)

1º Examinador: Prof. Dr. Pedro David Russi Duarte (FAC/UnB)

2º Examinador: Prof. Dr. Aluizio Ramos Trinta (UFJF)

3º Examinador: Prof. Dr. Alexandre Shirmer Kieling (UCB)

4º Examinador: Prof. Dr^a. Rafiza Luziani Varão Ribeiro (UCB)

5º Examinador: Prof. Dr^a. Rosana Nantes Pavarino (Suplente – UCB)

AGRADECIMENTOS

Na monografia publicada em 2007 não escrevi nenhum agradecimento, assim como na dissertação publicada em 2010. Essa dívida pretendo sanar com este agradecimento no fechamento de uma primeira fase de estudos que se encerra com esta tese. Por isso, desde já me desculpo pela extensão destes agradecimentos.

Meus primeiros agradecimentos vão ao professor Alexandre Carrasco que no primeiro dia de aula do curso de Publicidade e Propaganda em Joinville-SC assustou a sua turma avisando que teríamos que escrever uma resenha de dez páginas para entregar no fim do semestre sobre o livro *A Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. Foi esse choque durante as suas aulas de filosofia e metodologia da pesquisa que deram início a tudo.

Aos professores Silnei Scharten Soares, Pedro David Russi Duarte e Juciano Lacerda que confiaram em mim e me permitiram participar do NECOM (Núcleo de Estudos em Comunicação) durante os anos de graduação. Ao professor Silnei pela amizade e paciência em orientar minha monografia, ao professor e mentor Pedro Russi pela orientação no mestrado, pelas risadas cronópicas, amizade, e por sempre estar disposto e aberto a uma boa discussão. Agradeço ao professor Luiz Claudio Martino pela inspiração, amizade, pelas conversas prazerosas e intermináveis sobre tecnologia e por me adotar durante todos esses anos. A estes professores dedicados em conjunto com Maria Elisa Máximo, Valdete Daufemback Niehues e Carlos Sautchuk agradeço aos ensinamentos do rigor científico.

Ao professor William J. Buxton pela paciência durante o ano do doutorado sanduíche em que fiz perguntas sem parar.

Ao *National Archives of Canada*, a *Thomas Fisher Rare Book Library*, a *John Kelly's Library*, a *Concordia Library* e seus funcionários pela receptividade e ajuda nos dias incansáveis de digitalização de arquivos e documentos.

A CAPES que financiou minhas pesquisas durante o mestrado, doutorado e doutorado sanduíche. Sem este apoio, nada seria possível.

Um agradecimento especial aos professores João Curvello, Janara de Sousa, Tiago Quiroga, Michelangelo Trigueiro, Juciano Lacerda, Maria Elisa Máximo e Adriana Braga, que foram avaliadores dos meus trabalhos durante os anos, suas críticas

me motivaram ainda mais no caminho da pesquisa. Muito obrigado pela honra de participarem da minha avaliação.

Aos professores e intelectuais Eric McLuhan, Paul Heyer, Charles Acland, Darren Wershler, Janet Steinberg, Lance Strate, Paul Levinson, Alexander John Watson e Oumar Kane, que aceitaram cordialmente a conversar comigo sobre Innis e McLuhan durante o doutorado sanduíche.

As amizades feitas pelo caminho, Josane Muriel, Mariana Martins, Miguel Ventura, Nelson Moura, André Zani, Delia Dutra e Chris Heck. A Mira Lopes e Denis Gagnon que foram nossos pais e mães durante o ano em Montreal. A Giana pela alegria, amizade, companheirismo e por ser a melhor guia de cidades que alguém poderia desejar.

Agradeço aos amigos que fiz durante os vários anos de Associação de Pós-Graduandos da Universidade de Brasília (APG-UnB): Robson Camara, Ananda Martins e James Lewis Gorman.

Agradeço também aos companheiros(as) do Programa de Pós-Graduação da UnB, Gabriela Freitas, Roberta Simons, Danyella Proença. E aos companheiros(as) da linha de pesquisa de Teorias e Tecnologias da Comunicação: Duda, Edimárcia, Valéria, Beatriz, Evandro, Lazarte, Itamar entre outros. E aos que se tornaram amigos(as) para uma vida e que fazem a arte da pesquisa ser ainda mais divertida Rosana Pavarino, Raquel Cantarelli, Rafiza Varão, Katrine Boaventura.

Um agradecimento especial aos amigos Rodrigo Garcia Vieira Braz e Mike Peixoto pela amizade, companheirismo e pelos debates acalorados sobre comunicação, o universo e tudo mais durante as caminhadas no Parque Olhos D'água em Brasília no início do mestrado.

Aos amigos, conhecidos e desconhecidos que tiveram a coragem de perguntar “O que você pesquisa?”.

Ao meu pai, pela amizade eterna e apoio nos projetos da vida. A minha mãe pela garra, alegria e dedicação com que ultrapassa todos os obstáculos da vida.

A Juliana minha esposa e companheira de aventura que compartilha de todas as transformações da minha vida desde a graduação. Pelo amor, carinho e estímulo para seguir em frente. A aventura está lá fora.

Agradeço em especial aos professores que aceitaram compor a banca deste trabalho: Aluizio Ramos Trinsta, Alexandre Schirmer Kieling, Pedro David Russi Duarte, Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho e Rosana Nantes Pavarino.

Esta tese é uma nota de rodapé ao trabalho realizado pelo professor Luiz Claudio Martino.

RESUMO

Na história do campo comunicacional percebemos uma dificuldade em encontrar critérios que estabeleçam o que é preciso para que uma teoria seja considerada como pertencente ao campo comunicacional. Tal fato repercute também no uso de denominações frouxas (escola, tradição, corrente, etc.) sem que haja um engajamento epistemológico a fim de dar rigor às denominações. A presente tese propõe a elaboração de um programa de pesquisa comunicacional tendo como guia a proposta do epistemólogo Imre Lakatos a partir do trabalho dos canadenses Harold Adams Innis e Marshall McLuhan. Autores, estes últimos, que se dedicaram a análise dos meios de comunicação enquanto tecnologias como elementos centrais para compreender a sociedade. Para estabelecer um programa de pesquisa comunicacional sistematizamos as principais teses dos dois autores, assim como as críticas a estas teses e os pontos de contato epistemológico que existem entre ambos os autores. Procuramos então, estabelecer um núcleo duro capaz de sustentar um programa de pesquisa assim como as hipóteses auxiliares que compõe o círculo protetor do mesmo.

Palavras chaves: Teoria da Comunicação, Marshall McLuhan, Harold Innis, Programa de Pesquisa.

ABSTRACT

In the history of communication field we perceive a difficulty to find criteria that establish what is needed for a theory to be considered as belonging to the communication field. This fact also affects the use of loose designations (school, tradition, current, etc..) without an epistemological commitment to give rigor denominations. This thesis proposes the development of a communication research program under the guidance of the proposal by the epistemologist Imre Lakatos from the work of the Canadians Harold Adams Innis and Marshall McLuhan. These authors who dedicated themselves to the analysis of media as technologies as central elements to understand society. To establish a communication research program we systematized the main theses of the two authors, as well as the criticisms against their thesis and the epistemological points of contact between them. Thus, we try to establish a core capable of sustaining a research program as well as the auxiliary hypotheses that composes the protective circle around the core.

Keywords: Communication Theory, Marshall McLuhan, Harold Innis, Research Program.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
1 INNIS E MCLUHAN: UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	20
2 PROBLEMÁTICA: CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO	21
2.1 LOCALIZANDO A EPISTEMOLOGIA.....	21
2.2 EPISTEMOLOGIAS DA CIÊNCIA.....	25
2.2.1 Indutivismo.....	26
2.2.2 Falseacionismo de Karl Popper.....	29
2.2.3 O Paradigma de Thomas Kuhn	32
2.2.4 Os Programas de Pesquisa de Imre Lakatos.....	35
2.3 EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	46
3 MARSHALL MCLUHAN.....	56
3.1 AS PRINCIPAIS TESES DE MCLUHAN	115
3.1.1 O meio é mensagem e as extensões do homem	115
3.1.2 A proposta estético-sensorial: espaço acústico e espaço visual	134
3.1.3 Leis dos meios.....	157
3.2 AS CRÍTICAS A MCLUHAN.....	166
3.2.1 Determinismo Tecnológico.....	168
3.2.2 Estilo e método.....	183
4 HAROLD ADAMS INNIS.....	205
4.1 AS PRINCIPAIS TESES DE INNIS.....	256
4.1.1 Viés da comunicação (tempo e espaço) e Monopólios de conhecimento	256
4.2 AS CRÍTICAS A INNIS	282
4.2.1 Determinismo Tecnológico.....	282
4.2.2 Estilo e método.....	290
5 UM PROGRAMA DE PESQUISA COMUNICACIONAL A PARTIR DE HAROLD INNIS E MARSHALL MCLUHAN.....	295

5.1	AS TENTATIVAS DE DESIGNAÇÃO: TEORIA DO MEIO, ESCOLA DE TORONTO OU MEDIA ECOLOGY?	296
5.1.1	Medium Theory	297
5.1.2	Media Ecology	306
5.1.3	Toronto School of Communication por Derrick de Kerckhove	318
5.1.4	Toronto School of Communication por Donald F. Theall	322
5.2	NÚCLEO DURO E HIPÓTESES AUXILIARES	339
5.2.1	A centralidade dos meios de comunicação.....	340
5.2.2	O viés é a mensagem: para além da neutralidade dos meios de comunicação	342
5.2.2.1	As diferentes tradições sobre as tecnologias	344
5.2.2.2	Determinismo tecnológico	351
5.2.3	Hipóteses auxiliares.....	369
5.2.3.1	Uma tese estético-sensorial e uma tese materialista-organizacional	370
5.2.3.2	Monopólios do Conhecimento	377
5.2.3.3	Leis dos meios	377
5.2.4	O conceito de meio de comunicação.....	378
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	382
	REFERÊNCIAS.....	386

APRESENTAÇÃO

As relações entre tecnologia, meios de comunicação e sociedade a partir das teorias da comunicação vem sendo trabalhadas por mim desde o projeto de mestrado em 2008, que submeti à linha de pesquisa de Teorias e Tecnologias da Comunicação. Em 2010, defendi a dissertação *A Internet como meio de comunicação a partir dos estudos da Teoria do Meio* (2010), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Pedro David Russi Duarte.

O projeto de doutorado intitulado *Um Programa de Pesquisa Comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan*, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Claudio Martino, dá continuidade aos estudos iniciados no mestrado. Nesta pesquisa, procuramos investigar as similaridades e diferenças das propostas dos canadenses Harold Innis (1894-1952) e Marshall McLuhan (1911-1980), e contrapô-las às críticas feitas as suas principais propostas. Nosso objetivo é a elaboração de um programa de pesquisa (com base em Imre Lakatos), a partir das contribuições destes dois autores, problematizando suas principais deficiências e seus pontos fortes. Com isso, pretendemos a elaboração de um sistema teórico, tendo em vista a problematização de suas propostas para **a análise dos estudos relacionados aos efeitos dos meios de comunicação**, no quadro das relações entre sociedade e tecnologias comunicacionais.

Visando me preparar para os problemas da tecnologia, tive a oportunidade de participar, no início do ano de 2010, da disciplina especial organizado pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, intitulada *Ciclo de Conferências - Andrew Feenberg - Democracia e Tecnologia*. E que tinha como convidado principal o ilustre filósofo da tecnologia Andrew Feenberg, professor da Simon Fraser University no Canadá. Preeminente professor na área da filosofia da técnica, Feenberg possui também uma extensa bibliografia sobre problemáticas da tecnologia e sobre a constituição de uma *Teoria Crítica da Tecnologia*.

Neste mesmo ano participei da disciplina de pós-graduação, *Antropologia da Técnica*, no departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk. O professor é especialista nas questões da técnica e um profundo conhecedor do trabalho de importantes antropólogos que lidam com o tema como André Leroi-Gourhan e Tim Ingold.

Estas duas disciplinas foram fundamentais para o amadurecimento e aprofundamento no âmbito da tecnologia, pois me apresentaram tanto a visão filosófica quanto a antropológica da tecnologia. Fruto dessa problematização foram os artigos: “As relações entre a Teoria Crítica da Tecnologia e a Teoria do Meio” (2010) apresentado no X Congreso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación ALAIC, em Bogotá; “Os lugares do determinismo tecnológico” (2011), escrito para a disciplina de Antropologia da Técnica e ainda sem publicação; e “Do determinismo tecnológico à determinação teórica” (2011), em conjunto com o orientador Prof. Dr. Luiz Claudio Martino, ainda não publicado.

Durante os anos de 2010-2011, participei ativamente dos seminários da linha de pesquisa *Teorias e Tecnologias da Comunicação*. Além das discussões aprofundadas sobre os sumários de teses e dissertações dos colegas, ao longo dos anos, os seminários foram se modificando para atender as demandas e anseios de estudantes e professores. Tivemos seminários estruturados focados na discussão dos sumários dos estudantes; seminários organizados pelos estudantes; seminários temáticos em que foram discutidos os conceitos de tecnologia, comunicação, conceito, e teoria; e um seminário para discutir importantes autores da epistemologia, como Thomas Kuhn, Karl Popper e Imre Lakatos e que dão suporte para a discussão feita aqui em relação à metodologia do trabalho.

No primeiro semestre de 2011, também acompanhei e colaborei com a disciplina *Tecnologias da Comunicação*, na graduação, ministrada então pela Prof.^a Dr.^a Janara Kalline Leal Lopes de Sousa.

Durante os anos, participei ainda de diversos eventos dedicados a discussão sobre as tecnologias, Innis e McLuhan, entre eles, *O Século McLuhan* realizado em São Paulo pela ECA-USP entre os dias 2 e 3 de Maio de 2011. Em Setembro de 2011 apresentei na *Intercom 2011* o artigo *McLuhan e as críticas*, e que viria a ser publicado na revista *Infoamérica - Revista Iberoamericana de Comunicación* (2012).

Durante a *Intercom 2011* acompanhei duas mesas de discussão temáticas em comemoração aos 100 anos de nascimento do McLuhan. A primeira mesa teve com tema “McLuhan: o legado teórico” teve a participação dos professores Carlos Collado (Universidade de Oviedo/Espanha), Oumar Kane (UQÀM/Canadá) e Filomena Bonfim (UFSJ). E a segunda mesa, com título *Harold Innis e McLuhan: diálogos possíveis* foi

composta por Gaetan Tremblay (Montreal), William Buxton (Concordia University), Octavio Islas (Universidade de Monterrey), e Luiz Claudio Martino (UnB).

No *Seminário Internacional 100 Anos de McLuhan*, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, e que ocorreu entre os dias 10 e 11 de Novembro de 2011 no PPGCOM-UnB, colaborei como membro do comitê organizador. E também fiz parte de mesa redonda com o trabalho *McLuhan e as extensões* (2012), que posteriormente foi publicado em livro.

Entre conferencistas e palestrantes, estavam importantes pesquisadores como Prof. Dr. Jesús Octavio Elizondo Martínez (Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa e Universidad Iberoamericana, México), Prof. Dr. Vinícius Andrade Pereira (UERJ), Profa. Dra. Janara Sousa (PPGCOM-UnB), Prof. Dr. Alexandre Schirmer Kieling (UCB), Prof. Dra. Suzete Venturelli (IDA-UnB), Prof. Dra. Ana Carolina Temer (UFG), Prof. Dr. Aluizio Ramos Trinta (UFJF) e Profa. Dra. Irene Machado (ECA-USP).

Já na mesa em que estive apresentando meu trabalho, estavam a Profa. Dra. Filomena Bomfim (UFSJ), Prof. Dr. João José Curvello (UCB) e a Profa. Dra. Raquel de Almeida Moraes (FE-UnB).

Ainda em 2011, tomei a iniciativa de iniciar um projeto chamado *Espectros de McLuhan*¹, que tem inspiração no site em língua inglesa *Specters of McLuhan*², criado pelo Prof. Dr. Richard Cavell. O projeto *Espectros de McLuhan* consiste em arquivar e organizar a produção em língua portuguesa de artigos, livros, resenhas e outros materiais sobre o trabalho de McLuhan. Fruto da investigação pessoal para apoio à tese o projeto serve também como contribuição para outros pesquisadores nacionais e internacionais sobre o impacto do trabalho de McLuhan no Brasil.

De Julho de 2012 até Junho de 2013, tive a oportunidade de realizar o estágio de doutoramento na Concordia University (Montreal, Canadá), sob orientação do prof. Dr. William J. Buxton, uma das maiores autoridades sobre a história do campo comunicacional e um dos responsáveis por organizar os arquivos históricos de Harold Innis.

Durante esse período, pude conversar com importantes pesquisadores que se dedicaram aos estudos sobre Innis e McLuhan, além de realizar pesquisas nos mais

¹ <http://rodrigobarba.com/espectrosdemcluhan>

² <http://www.spectersofmcluhan.net/>

importantes arquivos históricos do Canadá, que reúnem importantes documentos sobre Innis e McLuhan. O primeiro deles foi o *Library and Archives Canada*³ em Ottawa, Ontario. Neste local, ficam situados principalmente os documentos referentes à Marshall McLuhan. O arquivo é amplo e extenso contendo centenas de trabalhos de comentaristas e críticos, assim como os originais de cartas, anotações, artigos e livros de McLuhan. Em segundo o *University of Toronto Archives & Records Management*⁴, em Toronto, Ontario. Local onde ficam situados os documentos de Harold Innis. Neste arquivo, existem milhares de documentos jamais publicados como o manuscrito do livro *History of Communication*, além de notas de pesquisa, cartas, e artigos.

Os acessos aos arquivos históricos no Canadá permitiram um aprofundamento da tese, uma vez que boa parte dos artigos e livros sobre/de McLuhan e Innis não se encontram disponíveis através do *Periódicos CAPES*.

O caminho percorrido nos permitiu uma compreensão crítica de áreas chave para o projeto da tese que vão desde a epistemologia da ciência, para o problema da tecnologia nas mais diferentes áreas e uma sistematização importante dos trabalhos de Innis e McLuhan pelo contato com fontes primárias, seja através do acesso aos arquivos históricos como no contato com importantes pesquisadores, em especial o Prof. Dr. Williams J. Buxton, que lecionou no primeiro semestre de 2013, uma disciplina inteiramente dedicada ao trabalho de Harold Innis. É com esse aporte e lugar de fala que propomos um programa de pesquisa comunicacional a partir de Innis e McLuhan.

³ <http://www.collectionscanada.gc.ca/visit-us/index-e.html>

⁴ <http://www.library.utoronto.ca/utarms/>

1 INNIS E MCLUHAN: UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Com vistas ao avanço da importância dos meios de comunicação na vida das pessoas e também nas mais diferentes instituições sociais, torna-se cada vez mais explícita a necessidade de compreensão dos meios de comunicação e suas relações com a sociedade. Esse interesse que já era crescente, ganha nova dimensão a partir do advento da Internet, e com ele uma retomada do interesse pelas pesquisas principalmente de Marshall McLuhan.

Marshall McLuhan (1911-1980) começou sua carreira acadêmica na década de 1940 no Canadá como professor de literatura, sem grande expressão. Em poucos anos se tornou um fenômeno *acadêmico, mediático e cultural* que extrapolou a fronteira canadense ao escrever livros em que marca os meios de comunicação como atores importantes nas reconfigurações da sociedade, ao analisar as transformações da sociedade a partir dos meios de comunicação.

Apesar do grande furor, nos anos 1980, caiu no esquecimento, voltando ao cenário acadêmico e intelectual, a começar dos anos 1990, quando suas afirmações pareciam acertadas a partir da profusão da tecnologia dos computadores, Internet e de um mundo mais globalizado. Entretanto, mesmo no ano de 2011, em que se comemorou o seu centenário, e que houve uma confluência de esforços para uma melhor compreensão do seu trabalho, ainda assim, há pouco material traduzido na língua portuguesa, para os estudantes na área de comunicação. Sua apropriação no Brasil tem sido, no mínimo, equivocada em inúmeras situações. O livro de teorias da comunicação mais conhecido por professores e estudantes da área cita o nome de McLuhan apenas em uma nota de rodapé, considerando-o como pertencente a uma “perspectiva culturológica” (Wolf, 1995, p. 94) jamais vista em outros livros. Não raro também, o autor é considerado como “inclassificável”. Em meio às diversas tradições e teorias, o nome de McLuhan aparece por vezes como um nome de “corrente”, isolado em sua ilha teórica sem qualquer relação com outros pesquisadores (MARTINO, 2008).

Nosso esforço em compreender McLuhan, coloca-nos na trilha de Harold Innis (1894-1952), seu maior inspirador e em grande parte negligenciado no Brasil, o que contrasta com os trabalhos de pesquisadores canadenses e americanos em que Innis é até mais celebrado (ainda que menos “popular”), principalmente pelo seu rigor teórico em comparação com McLuhan (MARTINO, 2011). Isso demonstra, em parte, como nós,

pesquisadores brasileiros, estamos com uma percepção equivocada do trabalho de McLuhan ao percebê-lo como um caso isolado.

Devido ao seu sucesso, Marshall McLuhan chamou a atenção tanto do ambiente mediático, quanto acadêmico. No ambiente acadêmico, McLuhan foi alvo de diversas críticas, e com isso todo um universo de livros e artigos comenta sobre o seu trabalho na tentativa de criticá-lo, mas também na tentativa de melhor compreendê-lo e expandir suas propostas para outras áreas de pesquisa. Prova disso são as dezenas de livros escritos que procuram avaliar a contribuição de McLuhan para as mais variadas áreas do conhecimento, mas em destaque para a Comunicação.

No ambiente mediático, McLuhan também deixou sua marca. Foi adorado por publicitários, pelo *show business*, e frequentemente era visto na televisão comentando os meios de comunicação e até os debates eleitorais para presidente nos Estados Unidos (e muitos outros assuntos). Deu consultoria para grandes empresas, como a IBM, de como se adaptar a sociedade do futuro modificada pelos meios de comunicação. Já foi chamado de O Guru dos *Media*, *Sage of Aquarius*, O Oráculo da Era Eletrônica, O Cometa Intelectual do Canadá, e foi até escolhido em 1993 como santo padroeiro (*patron saint*) da revista *Wired* (especializada em tecnologia e informática). Foi considerado um dos maiores pensadores do século XX, ao lado de personalidades, como Charles Darwin, Albert Einstein e Sigmund Freud, e apenas no ano de 1967, o jornal *The New York Times* publicou 27 artigos sobre McLuhan (STRATE; WACHTEL, 2005, p. 6). Sua notoriedade chegou a tal ponto que em 1977 o próprio McLuhan fez uma aparição emblemática no filme *Annie Hall* de Woody Allen, no qual em um diálogo com um personagem expressava a frase “Você não sabe nada sobre o meu trabalho!”.

Entretanto, Harold Adams Innis (1894-1952), economista e um dos principais inspiradores de Marshall McLuhan, não teve a mesma amplitude. Innis iniciou seus estudos sobre os meios de comunicação apenas na sua última década de vida e produziu apenas três livros *Empire and Communications* ([1950] 1972) e *O viés da Comunicação* (*The Bias of Communication*). ([1951] 2011), *Changing Concepts of Time* ([1952] 2004) e também sobre o trabalho comunicacional de Innis poucos livros foram produzidos até então.

No Brasil, apenas recentemente é que pesquisadores e estudantes brasileiros estão tendo a oportunidade de entrar em contato com a sua obra em português, com o

lançamento do livro *O Viés da Comunicação* (2011) de Harold Innis (tradução de L. C. Martino). Outra lacuna importante para a compreensão da relação de Innis e McLuhan.

A ideia de que as pesquisas de Innis e McLuhan configuravam uma tradição de pesquisa é mais referenciada (apesar da falta de profundidade) em países de língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. O agrupamento dos projetos de Innis e McLuhan ganhou nomes como Escola de Toronto de Comunicação ou Escola Canadense de Comunicação, devido à origem de seus autores; *Media Ecology*, nome dado por Neil Postman (ex-aluno de McLuhan), a um curso de pós-graduação e que após sua morte o nome passou a denominar uma associação de pesquisadores que tem como base o pensamento de McLuhan; e *Medium Theory* (Teoria do Meio), nome dado por Joshua Meyrowitz e que agrupa inúmeros outros autores e propõe uma segunda fase para a tradição.

Restaria, então, o alcance de contribuição do autor ou por não compartilharem da mesma opinião sobre qual seria o ponto fundamental da discussão de Innis e McLuhan, por exemplo. Por isso é importante também uma problematização das designações, pois as disputas podem ser tanto políticas, quanto epistemológicas devido a uma abordagem diferente, com base nos estudos de Innis e McLuhan. A existência destas diferentes designações representam tentativas de organizar o trabalho dos autores e de definir os pontos principais de suas ligações.

A proposta aqui apresentada é importante para as Teorias da Comunicação, devido a dois pontos fundamentais. O primeiro é a problematização e aprofundamento do trabalho de dois autores importantíssimos para a comunicação como Marshall McLuhan e Harold Innis. O segundo visa justamente nosso objetivo de aproximar estes autores na tentativa de um sistema teórico coerente, o que produz questões epistemológicas e teóricas importantes, como o nosso critério para determinar uma teoria como pertencente ao campo comunicacional e no que consiste este estatuto.

O que nos faz dedicar essa pesquisa a um aprofundamento do trabalho de Innis e McLuhan? Em primeiro lugar, a elaboração teórica destes autores sofre crítica intensa que aponta a impossibilidade de uma proposição teórica coerente a partir destes autores.

Vários autores apontam críticas a Innis e McLuhan, e de diversos tipos, ora especificamente sobre o pensamento de um autor, ora sob a tradição que se formou a partir deles. Entre elas está à falta de clareza (sistematização), a abstração dos textos dos autores, o nível macro das análises, o estilo de escrita, a má apropriação de ideias de

outros autores, o recurso a fontes secundárias, métodos considerados não-científicos, assim como o determinismo tecnológico nas mais variadas vertentes, tratada como a principal crítica.

Em relação à crítica do determinismo tecnológico, esta é mais comumente associada a uma determinação da sociedade pela tecnologia e no caso especial de Innis e McLuhan ela se configura como um determinismo dos meios de comunicação. O determinismo é um termo utilizado frequentemente em tom acusatório e de teor negativo, sendo assim, dificilmente algum autor assume para si a postura de ser determinista tecnológico. É por causa dessa crítica que Innis e McLuhan muitas vezes são descartados sem um exame minucioso do problema.

A incapacidade de um sistema teórico coerente a partir de Innis e McLuhan é um dos problemas que Katz (1988) identifica ao definir o trabalho de Innis e McLuhan como “teorias tecnológicas”. Para Katz, estas não apresentam um modelo de análise coerente, pois estas propostas, principalmente a de McLuhan, estariam protegidas de críticas devido a sua “inverificabilidade empírica”. Segundo Katz, as pesquisas tecnológicas se voltaram para os “efeitos cognitivos e sociais de longo termo”, sendo que elas “raramente deram lugar a pesquisas empíricas”. Essa situação nos guia para discussões do que Katz está considerando como uma “inverificabilidade empírica”, termo que está muito mais ligado a um modelo indutivista da ciência que considera o conhecimento científico como aquele conhecimento comprovado objetivamente.

A importância de trazer esse debate envolve a discussão sobre o que é ciência, não só para Innis e McLuhan, mas também para seus críticos. Mas, a partir de que ponto de vista sobre a ciência, Katz faz seus ataques? Seus próprios trabalhos conseguiriam passar pelo critério da “verificabilidade empírica”?

As críticas em relação ao determinismo tecnológico e a cientificidade, tomadas de forma muito rigorosa fazem parte daquelas que inviabilizam qualquer possibilidade de um sistema teórico coerente. Isto nos leva, então, a investigar atentamente quais são os entraves que se colocam para a efetivação e consolidação de um sistema teórico comunicacional a partir de Innis e McLuhan. O que une e afasta estes dois pesquisadores? Quais suas principais propostas teóricas? As críticas a estas propostas são capazes de atingir as teses centrais da tradição e impedir o desenvolvimento deste programa?

Vários autores, como já apresentamos, acreditam que Innis e McLuhan formam um tipo de tradição ou corrente de pesquisa. Apesar disso, a “Teoria do Meio” designada por Meyrowitz, por exemplo, não diz propriamente que se trata de uma teoria, e sim no sentido de uma “tradição de pesquisa” (1994, p. 50). Segundo Janara de Sousa, em sua dissertação sobre a Teoria do Meio, “A rigor não podemos considerar essa corrente de pesquisa como uma teoria por causa das lacunas metodológicas e epistemológicas” (2003, p. 51).

Normalmente, não há receio em designar os trabalhos de Innis e McLuhan enquanto uma tradição, corrente, ou escola. Neste texto, já utilizamos as suas mais variadas formas, mas porque não é empregada a designação de *teoria*? O que significa aplicar este conceito, uma vez que este também pode facilmente ser apresentado de forma simplista e sem estabelecer mecanismos de sistematização e estruturação?

Sendo assim, na tentativa de uma melhor compreensão das críticas e de uma sistematização das teses de Innis e McLuhan, é importante uma discussão dos fundamentos do campo teórico comunicacional, já que eles são invocados nas críticas. Isto implica uma discussão sobre a epistemologia da ciência em geral, que envolve o indutivismo, e as perspectivas de Kuhn, Popper e Lakatos, bem como da epistemologia da comunicação. E de outro uma investigação sobre a tecnologia em conjunto com outras abordagens (antropologia da técnica e filosofia da tecnologia), para compreender as relações entre tecnologias, meios de comunicação e sociedade.

A tese é estruturada da seguinte maneira, no segundo capítulo começamos discutindo as diferentes abordagens do problema da investigação teórica a partir da epistemologia da ciência como o (1) indutivismo; (2) falseacionismo de Karl Popper; (3) o paradigma de Thomas Kuhn; (4) o programa de pesquisa de Imre Lakatos;. Com base nessa elaboração, passamos para a estruturação epistemológica do campo comunicacional.

No terceiro capítulo, discutimos o percurso intelectual de Marshall McLuhan, suas principais teses como (1) o meio é a mensagem e as extensões do homem; (2) a proposta estético-sensorial: espaço acústico e espaço visual; (3) leis dos meios. E também, as principais críticas contra McLuhan como as do (1) determinismo tecnológico; (2) estilo e método.

No quarto capítulo, passamos a discutir as principais contribuições de Harold Innis, sua trajetória intelectual e suas principais teses como a do viés do tempo e

espaços e os monopólios de conhecimento. Já as principais críticas foram direcionadas ao seu trabalho também foi a de (1) determinismo tecnológico; e quanto ao seu (2) estilo e método.

Empreendemos no quinto capítulo a nossa proposta de um programa de pesquisa comunicacional a partir de Innis e McLuhan, partindo da base estipulada por Imre Lakatos e construindo o núcleo duro do programa e as hipóteses auxiliares, que formam o círculo protetor e pesando sob elas, as críticas feitas às teses.

1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O objetivo geral é a elaboração de um programa de pesquisa comunicacional a partir de Innis e McLuhan, com base na proposta de Imre Lakatos. Dentre os objetivos específicos estão: estabelecer as principais teses de Innis e McLuhan e as principais críticas feitas a estas teses.

2 PROBLEMÁTICA: CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO

Os estudos realizados por Innis e McLuhan, por vezes, são designados como uma corrente ou tradição, mas em outros momentos é a questão de sua viabilidade como estudo teórico coerente que ganha importância. Uma das principais críticas reside no estatuto científico destes trabalhos. Para adentrarmos na discussão, é preciso revisitar as bases das teorias da ciência que pretendem definir o que seria um estudo “científico” e isso nos leva a discutir as diversas epistemologias sobre como a ciência funciona, a partir de propostas como a do indutivismo, e as propostas de Kuhn, Popper e Lakatos. Posteriormente avaliar como essa discussão sobre a cientificidade se reflete na Comunicação, e como a partir de Lakatos poderíamos adaptá-la aos estudos do campo comunicacional e em especial aos estudos realizados por Innis e McLuhan.

2.1 LOCALIZANDO A EPISTEMOLOGIA

Segundo Martino (2002), há diversas formas de encarar o problema da possibilidade do conhecimento. De um lado está a (1) gnosiologia (ou teoria do conhecimento) e a (2) filosofia das ciências. E de outro a (1) psicologia das ciências; (2) a história das ciências; e (3) a sociologia da ciência.

A epistemologia é uma das formas de lidar com o conhecimento, restrita ao conhecimento científico. Discutir epistemologia, significa aceitar certos pressupostos, como a possibilidade de conhecer o real a partir de certos critérios de investigação, como a reflexão crítica, a objetividade, e a produção de verdade a pela argumentação e comprovação. A possibilidade de conhecer faz parte de uma discussão de fundo, sem a qual não podemos prosseguir sem colocá-la como pressuposto. Não sendo possível discutir epistemologia da ciência sem encarar que há uma possibilidade de conhecimento do real, a partir dos fundamentos da ciência.

A gnosiologia e a filosofia da ciência colocam a discussão dentro do quadro da Filosofia. Já o segundo grupo, formado pela psicologia das ciências, história das ciências e a sociologia da ciência se atém ao conhecimento científico das disciplinas específicas. Martino cita alguns desses exemplos.

A história da ciência toma como seu objeto a evolução do pensamento científico. Duas vertentes podem ser diferenciadas, aquela (1) que toma a ciência como uma instituição que se modifica ao longo do tempo, e (2) que toma os aspectos internos e inerentes do empreendimento científico. Para Martino:

Neste aspecto a história da ciência se confunde com uma das vias e métodos do pensamento epistemológico, que busca na historicidade do conhecimento científico um parâmetro da variabilidade possível para a abordagem e tratamento de certas questões colocadas ao pensamento científico (2002).

Ainda assim, o primeiro item tem relativa autonomia revelando-se um campo particular de investigação. A psicologia da ciência vai se dedicar à evolução do conhecimento, na forma de apropriação do conhecimento como um sistema dinâmico que se aprimora e torna-se cada vez mais complexa. Um dos exemplos é justamente o acompanhamento do aprendizado de uma criança na sua ação de adquirir o conhecimento a partir de suas estruturas psicológicas.

Já a sociologia da ciência vai se voltar principalmente para *o fazer ciência*, principalmente na linha de desenvolvimento proposta por Pierre Bourdieu de um “campo social” da ciência. Nesse sentido, a sociologia da ciência foca na análise das instituições de pesquisa, nas práticas culturais, nas disputas ideológicas e relações de poder que envolvem os aspectos sociais do trabalho científico considerando que não se pode analisar o fazer ciência, sem compreendê-la como um empreendimento coletivo e social e que tem seus embates e condicionamentos.

Segundo Martino, estas disciplinas não tomam a investigação científica em si como objeto de estudo. Estas se atêm mais a uma análise das condições que cercam o trabalho científico, na qual seu objeto não é a ciência, mas o trabalho dos cientistas (algo que até encontraria interface com o trabalho de Thomas Kuhn, como veremos posteriormente). Do outro lado, temos a filosofia das ciências que toma a ciência como objeto. Dentre as diversas abordagens Martino seleciona os problemas que esta procura dar conta:

(1) o exame da linguagem da ciência, pesquisa dos fundamentos entendida como a análise dos pressupostos básicos (ideias, critérios e princípios) que caracterizam o trabalho científico; 2) as tarefas de sondar os princípios ontológicos, metodológicos e lógicos da ciência; 3) a classificação e a relação entre as diversas disciplinas do saber de tipo científico; 4) a problematização da correspondência das verdades científicas com o mundo, o problema de sua eficácia como adequação à natureza das coisas; 5) a análise da evolução do conhecimento científico (progresso?), a busca de um princípio teleológico para a história da ciência; 6) problemas éticos colocados à produção e à aplicação do conhecimento científico em tecnologias de alto poder de intervenção social ou que se chocam com princípios morais largamente

difundidos (bomba atômica, clonagem de seres humanos...); 7) problemas de definição, possibilidade, origem e natureza do conhecimento humano em geral. (2002)

Estas questões colocadas pela ciência ao pensamento filosófico são questões que não podem ser resolvidas por um rigor metodológico, elas são questões filosóficas e que devem ser resolvidas no âmbito da filosofia pelos seus próprios recursos e métodos. Para resolver esse dilema, segundo o autor, uma alternativa seria situar apenas algumas destas questões a filosofia dividindo as questões em três perspectivas: (1) filosofia das ciências, (2) epistemologia, (3) gnosiologia (teoria do conhecimento).

A gnosiologia poderia ser oposta às outras duas vertentes que se dedicam exclusivamente ao pensamento científico. Ela daria conta do problema nº 7 que discute a possibilidade, origem e natureza do conhecimento. A filosofia da ciência ficaria com os problemas 4, 5, e 6. E a epistemologia ficaria com os problemas 1, 2 e 3.

A Gnosiologia, ou teoria do conhecimento procura investigar a possibilidade do conhecimento, as diferenças entre crer e conhecer, entre ver e conhecer, entre outras. Como Johannes Hessen divide seu livro *A Teoria do Conhecimento* (1987) nas mesmas perguntas centrais para este estudo, como a possibilidade do conhecimento, a origem do conhecimento, a essência do conhecimento, as espécies de conhecimento, assim como o critério de verdade.

Para Martino a gnosiologia tem três dimensões de pesquisa. O primeiro relacionado com a psicologia que comporta esta parte que citamos. O segundo é na interface com a lógica que confere perguntas como a justificação de uma crença, indução. A terceira são as questões propriamente filosóficas como:

[...] análise dos posicionamentos possíveis frente à relação sujeito-objeto, tais como ceticismo, realismo, idealismo, empirismo, fenomenismo...; análise de conceitos chaves como verdade, causalidade...; ou mesmo muito curiosos, como o “problema da existência das outras mentes”, trazido na discussão do fundacionismo. (2002)

Devido a esta última, ela pode ser confundida com a filosofia da ciência “na medida em que as diferentes compreensões da relação Sujeito-Objeto se apresentam e se deixam traduzir em correntes filosóficas” (2002), mas não se limita a ela, demonstrando que a gnosiologia tem um campo de atuação muito maior, pois não se limita ao conhecimento científico.

As questões próprias da epistemologia, sobretudo se fundam no estudo do conhecimento científico. Ela se opõe à filosofia da ciência, por se ocupar dos problemas

específicos e próprios do conhecimento científico. A epistemologia configura-se como uma disciplina filosófica que tem como objeto a ciência, e estudo das ciências.

(1) o exame da linguagem da ciência, pesquisa dos fundamentos entendida como a análise dos pressupostos básicos (ideias, critérios e princípios) que caracterizam o trabalho científico; 2) as tarefas de sondar os princípios ontológicos, metodológicos e lógicos da ciência; 3) a classificação e a relação entre as diversas disciplinas do saber de tipo científico. (2002).

A epistemologia pode ainda ser dividida ainda entre uma *epistemologia geral* e a *epistemologia aplicada*, que se dedica ao estudo de um conhecimento específico de uma disciplina científica. Assim é possível falar de uma epistemologia da física, da sociologia e da comunicação. Focando assim nas particularidades do saber científico e seus objetos de estudo específicos.

Esta distinção nos obriga a retomar e recolocar a definição do saber epistemológico como um saber de natureza filosófica. Num sentido amplo, como já dissemos, a epistemologia sem dúvida encontra a filosofia e se desenvolve como disciplina filosófica, mas em um sentido mais estrito, quando a tomamos como saber “aplicado”, a epistemologia se apresenta como parte integrante e inalienável de cada disciplina científica. Ela passa a ser ciência, sem no entanto ser propriamente uma disciplina científica, já que não teria autonomia. (2002)

Segundo Martino, sua cientificidade é apenas relativa, e assim não faz com que mude a sua natureza filosófica. A ciência redireciona o trabalho filosófico para seus fins particulares, de modo que:

[...] a reflexão filosófica aí aparece completamente condicionada pelos limites, pelos procedimentos e finalidades do trabalho científico. Neste sentido, a ciência deixa de ser o objeto de uma disciplina filosófica para ser parte da investigação científica. (2002)

Fazendo com que a “epistemologia passe a ser deslocada da filosofia para a ciência. [...] todo trabalho científico comporta uma dimensão epistemológica. Daí a razão da inter-relação profunda entre ciência e epistemologia.” (2002)

É devido a estes fatores que as propostas epistemológicas de Kuhn, Popper e Lakatos têm de ser passíveis de serem aplicadas a si mesmas. Ainda que não possamos dizer que estes se dedicaram a problemas exclusivamente epistemológicos, estes problemas são os principais, como a análise dos pressupostos básicos da ciência, os princípios metodológicos, ontológicos e lógicos da ciência, e a relação entre diversos tipos de saberes científicos.

Discutiremos em sequência, as concepções de epistemologia geral que propõem maneiras diferentes de encarar o empreendimento científico, e depois passaremos para o

estágio onde a epistemologia específica da comunicação será discutida tendo em vista a discussão da epistemologia geral.

2.2 EPISTEMOLOGIAS DA CIÊNCIA

Os estudos sobre a ciência têm se dedicado a um aprofundamento desses alicerces e alguns nomes são importantes para a nossa discussão. São eles: Thomas Kuhn, Karl Popper e Imre Lakatos. Nossa preocupação é justamente justificar nossa proposta de trabalhar com a metodologia de programas de pesquisa de Imre Lakatos, e como ela pode servir como um guia para estruturar o trabalho de Innis e McLuhan em um núcleo irreduzível e suas hipóteses auxiliares. Para isso, vamos apresentar no que a estrutura em programas de pesquisa se diferencia de outras propostas como as de Kuhn e Popper, que também se dedicaram à construção/explicação de como o conhecimento científico se estabelece, como é possível comparar teorias, quando abandonar teorias não-válidas entre outras.

A posição do conhecimento científico na sociedade é um dos elementos constantes nos debates sobre a ciência. O senso-comum tem a ciência como o mais alto grau do conhecimento e por vezes este mantém o *status* de verdade única. Quando o conhecimento ganha o predicado científico, ele é tido como um conhecimento comprovado, que inspira o mérito e confiabilidade. Mas o que diferencia o conhecimento científico de outras formas de conhecimento?

Uma pré-noção do que consiste o conhecimento, relaciona este com o modelo empírico ligado à física, em que se consiste em uma coleta cuidadosa de dados, a partir de processo rigoroso de observação e de experimentos. Devido à incapacidade de se provar essa noção e também de desaprová-la, é também que se têm abordagens como a do crítico Paul Feyerabend, onde tudo vale como conhecimento científico.

Tudo indica que o conhecimento científico não tem nenhuma característica intrínseca que o coloque como um conhecimento superior, mas isso não significa dizer que a ciência não seja diferente de outras formas de conhecimento.

Segundo Alan Chalmers (1993), Francis Bacon no século XVII foi um dos primeiros a tentar articular o que seria o método científico moderno, acreditando que a ciência tinha como objetivo melhorar a vida do homem na terra. E isso aconteceria a

partir de teorias que seriam derivadas de coleta de dados feita a partir de uma observação sistematizada.

Dependendo da proposta dos autores, a noção de teoria pode variar muito entre descrever, explicar e prever. Supõe-se que as teorias são verificadas ao compará-las com a realidade a partir da observação e dos experimentos. Dessa forma, aquilo que não pode ser observado não tem qualquer significado para a ciência.

Essa noção de ciência perdurou (e porque não dizer, ainda perdura), mesmo com importantes críticas a partir de 1930 de críticos destacados do positivismo como Gaston Bachelard e Karl Popper. Estas críticas, segundo Chalmers, foram em grande parte negligenciadas, produzindo pouco efeito sobre essa posição sobre ciência.

Vamos tratar de quatro diferentes teorias sobre como a ciência funciona – Indutivismo, Falseacionismo de Karl Popper, a Metodologia de Programas de Pesquisa de Imre Lakatos e por último o Paradigma de Thomas Kuhn. Elas devem nos dizer: (1) Como podemos identificar o que é ciência; (2) Como a ciência progride; (3) Como podemos comparar diferentes teorias e definir a melhor. Obviamente que a discussão não fica apenas entre esses pontos, mas leva em consideração conceitos e propostas importantes como: (1) A necessidade ou não da observação e do experimento; (2) racionalismo versus relativismo.

2.2.1 Indutivismo

A explicação de como funciona a ciência a partir da proposta indutivista se aproxima muito da noção de senso comum que descrevemos há pouco. Para um indutivista, o conhecimento científico é o conhecimento comprovado. Isso significa um tipo de conhecimento que é corroborado por observações e experiências sob a natureza do mundo.

Observe que, nos dias de hoje, poucos ousariam se declarar indutivistas ou mesmo positivistas, acontecendo o mesmo tipo de fenômeno em relação à acusação de determinismo tecnológico. É sempre a acusação sobre o outro, mas poucos trazem para si a posição.

O nome indutivismo provém, justamente, porque esta concepção da ciência se baseia no método indutivo. Este se baseia a partir de um processo rigoroso de

experimento e observação do plano da realidade a partir dos sentidos é capaz de chegar a generalizações teóricas. Os sentidos são considerados como antenas sensoriais capazes de captar o real. Mesmo assim, o cientista deve se afastar de toda sua subjetividade, pois o conhecimento científico é considerado como o conhecimento comprovado objetivamente.

A verdade se dá pela observação e é a partir dela e contrastando com ela que as teorias são formuladas. Existem dois tipos de afirmações que podem ser feitas a partir das observações. As singulares que se referem a um lugar específico e um tempo específico, e, de outro, as afirmações gerais que se referem a todos os eventos de um tipo específico, mas que independem do tempo e do lugar. São as afirmações gerais que fazem parte das proposições teóricas.

Partindo de um número limitado de observações específicas, ou afirmações singulares, é possível conceber teorias e leis. Isso porque estas se baseiam em afirmações gerais, ou universais. Mas para afirmações singulares constituírem uma afirmação geral elas devem obedecer a certos critérios, segundo Chalmers: (1) o número de observações deve ser grande para que forme uma base para a generalização; (2) as observações devem ser repetidas sob uma ampla variedade de condições; (3) nenhuma proposição de observação deve conflitar com a lei universal derivada.

Dessa forma, a ciência cresce doravante uma ampliação dessa base empírica através da observação. A ciência pode com isso ter uma maior capacidade de explicar e prever os acontecimentos do mundo. Essa explicação corresponde, sem problemas, à concepção do senso comum de ciência, e com uma confiabilidade superior comparada com outros tipos de conhecimento.

Nessa perspectiva, a observação e o raciocínio indutivos são objetivos, e sua verdade pode ser colocada à prova pelo uso direto dos sentidos. Essa concepção de ciência encara diversos problemas e o primeiro deles é a confiabilidade da percepção sensorial como forma de se chegar a uma verdade última. Mas não há qualquer tipo de garantia de que o próximo experimento não contradiga a afirmação geral. Isso demonstra que uma coisa é dizer que dentre as observações não foram encontrados corvos diferentes de preto, por exemplo, mas outra coisa é dizer que todos os corvos são pretos.

Um dos problemas é que não se tem qualquer noção do que significa ter uma “grande quantidade” de observações e por uma “grande variedade de condições”. Qual

o número certo para dizer que é o suficiente? Para Chalmers, “a exigência de um grande número de observações parece inadequada.” (1993, p.39).

Para resolver esse problema, muitos indutivistas recuaram para a probabilidade, ou seja, as observações que eram encaradas como verdadeiras, passam a ser provavelmente verdadeiras. Qualquer observação vai ser considerada como mais uma em um número finito de evidências, mas ainda assim seria um princípio de afirmação universal, haja vista que “Ele implica, baseado em um número limitado de eventos, que todas as aplicações do princípio levarão a conclusões provavelmente verdadeiras.” (1993, p. 41).

Segundo Chalmers, outra tentativa seria justamente a de não caracterizar as teorias e leis como prováveis, mas sim as observações individuais. “De acordo com esta abordagem, o objeto da ciência é, por exemplo, medir a probabilidade de o Sol nascer amanhã em vez da probabilidade de que ele sempre nascerá.” (1993, p. 42).

O primeiro problema dessa alternativa é que a ciência seria concebida como a produção de um conjunto de previsões individuais, em vez de um empreendimento complexo e coletivo de previsões gerais. Em segundo lugar, mesmo quando a atenção é restrita a previsões individuais, pode-se argumentar que as teorias científicas e, portanto, as afirmações universais, estão inevitavelmente envolvidas na estimativa da probabilidade de uma previsão ser bem-sucedida. Quanto mais teoria for utilizada para guiar a observação mais plausível será a probabilidade. Segundo Chalmers:

Da mesma forma, estimativas da probabilidade de que o Sol nascerá amanhã aumentarão, uma vez que o conhecimento das leis que governam o comportamento do sistema solar seja levado em consideração.(1993, p. 43).

Há três respostas para estes problemas, segundo o autor. A primeira é aceitar que a ciência se baseia na indução, e que ela não pode ser justificada por apelo à lógica ou pela experiência e assim concluir que não se pode justificar a ciência de forma racional. A segunda é diminuir a necessidade indutivista de que todo o conhecimento deve ser derivado da experiência, e situar outra base para a racionalidade. A terceira é contestar que a ciência se baseia no indutivismo, o que só pode ser feito se for possível estabelecer que a ciência não envolva indução. O falsificacionista Karl Popper procura estabelecer essa relação.

Esta crítica ao uso do indutivismo coloca em questão a possibilidade de uma Ciência a partir da observação, e revela a dependência que a observação tem da teoria.

A crença indutivista é que a observação produz uma base segura, da qual o conhecimento pode ser derivado. Supõe-se, assim que o humano tem acesso direto às propriedades do mundo a partir de seus sentidos, e devido a isso duas pessoas poderiam “ver” a mesma coisa. Logo, há um tipo de correspondência entre as diversas mentes. Esse fato não ocorre, segundo Chalmers, pois o histórico cultural de cada pessoa vai ser diferente, e ao olhar um objeto eles podem ter experiências perceptivas diferentes, pois têm experiências anteriores diferentes.

Assim, qualquer tipo de observação ao ser declarada demonstra que as proposições de observação pressupõem a teoria. Um exemplo é a proposição “Cuidado, o vento está soprando o carrinho do bebê em direção ao precipício!”. Nesta está implícita diversas propostas teóricas, como que existe algo como o vento, que tem a propriedade de movimentar objetos, entre outras.

Isso dá base para Chalmers dizer que essas proposições sempre são feitas a partir de uma teoria, o que contradiz a proposta da experiência direta defendida pelos indutivistas. O autor chama a atenção que não se pretende um abandono da observação, mas que a forma como os indutivistas a utilizam não pode ser sustentada.

A orientação e o experimento são orientados pela teoria. Dessa forma, as observações (que já são teóricas) também podem ser falíveis, assim como as teorias. Logo, uma teoria falível, pode muitas vezes guiar a observação para caminhos enganosos. Em decorrência desse tipo de crítica, nos anos posteriores o indutivismo perderia parte de seu alcance ainda que seja uma interpretação corrente até os dias de hoje .

2.2.2 Falseacionismo de Karl Popper

Karl Popper, um dos mais importantes filósofos da ciência, endereçou suas propostas justamente à crítica ao indutivismo, utilizando-se o falseacionismo, como uma tentativa de explicitar um funcionamento mais coerente do processo da ciência.

Segundo Lakatos (1979, p. 224). , existiram pelo menos três versões de Popper. O *Popper 0* seria um falsificacionista dogmático, que só existiria na mente dos críticos de Popper, pois este jamais teria escrito uma frase sequer. O *Popper 1* é o falseacionista

ingênuo, e o *Popper 2* é o falseacionista sofisticado (que é representado aqui principalmente pelas propostas de Lakatos).

Para Lakatos, o Popper real é uma mistura de Popper 1 e Popper 2, mas principalmente Popper 1. Isso porque Popper não teria conseguido se desvencilhar de suas propostas ingênuas, ainda que, em alguns momentos, tenha optado por um falseacionismo sofisticado.

Para o falseacionismo, as teorias especulativas devem passar sempre por testes rigorosos de observação e experimento. Aquelas que não resistem aos testes (falsificações) devem ser excluídas sumariamente e substituídas por conjecturas que consigam responder aos testes (esse é o falseacionismo ingênuo que Lakatos se refere). A ciência dessa forma seria um empreendimento baseado em tentativa e erro, por conjecturas e refutações (conceitos chaves para Popper), onde apenas aquelas teorias que sobrevivem aos testes sobrevivem.

A busca pela verdade última é deixada de lado, opta-se pela melhor teoria disponível. Elas podem ser falsas, basta que os resultados da observação e do experimento contradigam a teoria. Ou seja, a lógica ajuda derrubar as proposições universais. É possível também, segundo Chalmers, “realizar deduções lógicas partindo de proposições de observação singulares como premissas, para chegar à falsidade de leis e teorias universais por dedução lógica” (1993, p. 65).

A ciência, a partir da proposta falsificacionista, tem a finalidade de descrever ou explicar o comportamento de certos aspectos do mundo ou do universo. Essa descrição é possível a partir de hipóteses que devem ser balizadas por experimentos, e essas hipóteses devem ser possíveis de serem falsificáveis. Ou seja, a hipótese deve ser formulada abrindo a possibilidade de que o resultado de experimentos a contradiga e indubitavelmente possa falsificar a hipótese. Aquelas que não possuem esse pré-requisito, não podem ser consideradas como teorias ou leis. Pois, se a hipótese é infalsificável “então o mundo pode ter quaisquer propriedades, pode se comportar de qualquer maneira, sem conflitar com a afirmação” (CHALMERS, 1993, p. 67). Entretanto, se a hipótese se confirma isso significa que ela consegue explicar “como de fato o mundo se comporta”, eliminando assim todas as outras possibilidades possíveis de como o mundo poderia se comportar.

Segundo Chalmers (1993), para Popper, a teoria da história de Marx e a psicanálise de Freud sofrem dessa falha, pois, ao tentarem explicar tudo, não conseguem dar respostas definitivas, e não conseguem resistir aos testes.

Para o autor, existe a possibilidade de determinar certos graus de falsificabilidade, uma vez que aquela teoria que faz afirmações amplas sobre o mundo será altamente falsificável, ao contrário daquela que procura explicar pequenas e/ou simples relações em situações específicas. O falseacionismo incentiva, de certa forma, que as teorias especulativas sejam cada vez mais audaciosas. E não há perigo nessa proliferação porque a partir do teste ela pode se tornar inadequada e aí ela deve ser excluída.

O falseacionismo poderia ser resumido em:

- A ciência é a explicação do comportamento de alguns aspectos do mundo ou do universo;
- Toda teoria deve ser possível de ser falsificada;
- Toda teoria deve ser excluída imediatamente se falsificada pela observação e experimento;
- A teoria excluída será substituída por uma que poderá resistir aos testes que outras não puderam, e que continuamente serão testadas;
- Uma teoria não falsificada não significa uma teoria verdadeira, ou que se chegou à verdade.

Por mais que uma teoria tenha sido testada, nunca se pode dizer que ela é verdadeira, mas pode se dizer que ela é superior que às suas predecessoras. Uma hipótese deve ser mais falsificável do que aquela que ela se propõe a substituir. Mas como se chega a essa conclusão? Não seria justamente pela observação e experimento? Poderia parecer que esta seria a vingança dos indutivistas ingênuos, mas segundo Chalmers, as observações ainda são feitas a partir de uma teoria, ainda que especulativa por um momento.

Obviamente a proposta de Popper não ficou sem críticas, e os principais foram feitas por Thomas Kuhn, que traz uma abordagem oposta em vários critérios e que veremos adiante, e as de Imre Lakatos, aluno de Popper que procura resolver os problemas encontrados na proposta do mestre.

2.2.3 O Paradigma de Thomas Kuhn

Autor de um dos livros mais importantes da discussão epistemológica, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado inicialmente em 1962, o físico americano é uma das personalidades mais importantes quando o assunto é história e das ciências e epistemologia das ciências, e conhecido pelos embates com Karl Popper sobre como a ciência funciona.

Assim como Lakatos, Kuhn também não acredita que a forma utilizada pelos indutivistas e falsificacionistas suporta uma comparação com o testemunho histórico. Os dois exigem que a história da ciência, seja o elemento contestador de suas propostas para como a ciência funciona.

Um dos pontos-chaves e que diferencia Kuhn dos demais, é justamente a sua priorização pela ideia das revoluções. Para ele, a ciência não progride de forma gradual, mas sim por revoluções. A revolução pode ser descrita como um abandono de uma estrutura teórica por outra que é incompatível com esta. A concepção de revolução é a alternativa de Kuhn para o processo acumulativo do conhecimento, típico dos indutivistas, pois a substituição de um paradigma por outro é revolucionário e não acumulativo. Outro ponto é a inclusão dos aspectos das comunidades científicas como atores importantes para a mudança das teorias. Kuhn, ao relegar certas funções às comunidades científicas, ganha de seus críticos o rótulo de *relativista*.

Apesar de focar as revoluções, não é só de revoluções que se processa a ciência. A ciência a partir de Kuhn poderia ser descrita, segundo Chalmers (1993) como formada pelas seguintes etapas: pré-ciência, ciência normal, crise-revolução, nova ciência normal, nova crise.

Kuhn interpreta o processo da ciência como desenvolvido a partir de paradigmas, que são consensos duradouros, que guiam toda a comunidade científica. O paradigma é composto por suposições teóricas gerais, leis, métodos de observação e experimento. Assim, quando se chega ao paradigma, significa que a atividade desorganizada ganha um novo tipo de organização. Essa organização se dá principalmente quando a comunidade se atém a um único paradigma. Dentro desse paradigma, todo e qualquer desenvolvimento é considerado como ciência normal.

Em determinado ponto de desenvolvimento, surge um novo paradigma. Passa-se a uma situação de crise onde o novo paradigma ganha adeptos até o ponto de o antigo ser abandonado. Como Kuhn fala de crise, a mudança de um paradigma para outro não é simples, pois o novo paradigma não é apenas um incremento, ou uma ampliação dos fenômenos previstos. O novo paradigma é incompatível com o anterior, ou seja, é uma mudança descontínua e que constitui uma revolução científica.

O paradigma serve para definir os padrões de desenvolvimento e do que é um trabalho legítimo dentro da ciência. Só pode existir um único paradigma dentro de uma ciência, pois é isso que caracteriza uma ciência madura. É por isso que uma ciência que consegue instituir um paradigma é considerada como científica. Devido a esse critério é que a Sociologia é colocada como uma não-ciência na visão de Kuhn.

Para guiar os pesquisadores um paradigma, como um programa de pesquisa, possui normas declaradas, suposições teóricas, leis, maneiras padrão de aplicação das leis e teorias, assim como orientações para as técnicas e instrumentalizações necessárias. Dentro do paradigma, a ciência normal consiste em resoluções de problemas considerados até de certa forma conservadores. Pois, deve-se pressupor o conhecimento básico do paradigma para os seus testes, são esses pressupostos que lhe servem de orientação para chegar às soluções. É conservadora, pois ela não questiona estas suposições iniciais. Dessa forma, quando se obtém um revés, ele não é considerado como uma incapacidade do paradigma, a culpa é situada no pesquisador. Se ainda assim persistir a não-solução dentro dos parâmetros do paradigma, essa é considerada uma anomalia, o que a situa em um plano diferente da falsificação.

Os programas sempre encontram dificuldades, e muitas vezes possuirão diversos enigmas não resolvidos, mas isso não é suficiente para um paradigma entrar em crise. É a partir de conjuntos especiais de anomalias, que podem se desenvolver de maneira a abalar a confiança no paradigma. Para isto, as anomalias têm de atacar os fundamentos básicos de um paradigma ao mesmo tempo em que os pesquisadores inseridos neste paradigma procuram remover essas anomalias.

Segundo Chalmers, todo paradigma tem algumas anomalias. “As anomalias serão também consideradas sérias se forem importantes para alguma necessidade social urgente” (1993, p. 129). A seriedade de uma anomalia também está baseada no tempo em que consegue resistir às tentativas de removê-la, além é claro da quantidade de anomalias que afetam o paradigma.

Em vez da racionalidade preconizada por Lakatos, Kuhn diz que a análise de um período de crise precisa tanto da competência de um psicólogo, quanto de um historiador. Pois, um paradigma que continuamente perde a sua confiança, é reflexo de um descontentamento de seus cientistas. Um paradigma novo vai surgir, segundo Chalmers, justamente desse corpo de cientistas altamente especializado e que está imerso na crise.

O paradigma nos parâmetros ditados por Kuhn é formado por essas afirmações básicas. Isso serve para que sejam possíveis avanços mais profundos dentro do paradigma. Para este, se o debate e desacordo sobre essas formulações básicas são constantes, torna-se impossível se dedicar a um trabalho detalhado e aprofundado, pois os cientistas estão sempre discutindo sobre os parâmetros básicos. “Caso todos os cientistas fossem críticos de todas as partes do arcabouço no qual trabalhassem todo o tempo, trabalho algum seria feito em profundidade.” (Chalmers, 1993, p. 134).

Essa posição de Kuhn reforça a ideia de dependência que a observação tem da teoria. Pois é o paradigma que vai definir esse quadro do que será e como será observado. Os princípios serão contestados ou discutidos justamente quando um novo paradigma rival surge, pois então se fará necessário explicitar as regras gerais sob as quais o paradigma está estabelecido.

Existem os mais variados critérios pelos quais pesquisadores individuais mudam de paradigma. Podem ser a simplicidade do novo paradigma, sua ligação como alguma necessidade social, a habilidade do paradigma de resolver certas questões, entre outras.

Segundo Chalmers, a partir da proposta de Kuhn, não há nenhuma característica lógica e obrigatória para mostrar que um paradigma é melhor que outro. Diz ele:

Um segundo motivo para que não exista nenhuma demonstração logicamente obrigatória da superioridade de um paradigma sobre outro origina-se no fato de que os proponentes de paradigmas rivais aderem a conjuntos diferentes de padrões, de princípios metafísicos etc. (1993, p. 132).

Para Kuhn, isso significa que os argumentos racionais não vão ser os únicos. Dessa forma, não há maneiras de decidir racionalmente qual paradigma é melhor. Pesquisadores de paradigmas rivais não aceitam as premissas um dos outros, e dessa forma, não serão necessariamente convencidos pelos seus argumentos. Isso faz com que as revoluções científicas se pareçam muito com revoluções políticas diz Kuhn.

Um dos conceitos principais utilizados por Kuhn para demonstrar essa situação é o de incomensurabilidade. Os paradigmas possuem bases sólidas, mas quando outro

paradigma concorrente aparece, e desencadeia uma revolução, isso significa que as bases de ambos os paradigmas, são completamente diferentes, não sendo possível uma comparação entre ambos. Os paradigmas são considerados incomparáveis, ou seja, não existe um argumento lógico racional e único capaz de dizer qual paradigma é o melhor, ou capaz de convencer pesquisadores de adotar um deles. Assim, a adoção de um paradigma é um consenso realizado pela comunidade científica como um todo.

A proposta de Kuhn não é apenas um relato descritivo do funcionamento da ciência, pois, segundo Chalmers, ele inclui a explicação da função de seus vários componentes. Assim, a ciência normal e as revoluções podem ser vistas como exercendo funções essenciais para o desenvolvimento da ciência.

Para Chalmers, como o objetivo é todos ficarem dentro de um mesmo paradigma, parece que não há evolução da ciência. Afinal, porque alguns sairiam da zona de conforto de realizar suas pesquisas dentro de um paradigma que lhe fornece tudo que precisa? Ainda assim, nenhum paradigma é perfeito, pois contém as suas anomalias, então em alguma medida ele será inadequado no que se refere a sua correspondência com a natureza, possibilitando, então, sempre o surgimento de novos paradigmas.

Alguns pontos importantes da proposta de Thomas Kuhn poderiam ser resumidos em:

- O processo da construção da ciência não é acumulativo, e funciona por revoluções que são sucedidas por novas revoluções, ainda que por vezes avance incrementalmente em períodos de ciência normal;
- Os paradigmas entram em crise dependendo da quantidade e qualidade das anomalias;
- A mudança de um paradigma para outro, não é guiado exclusivamente pelo racionalismo, um ator mais importante é a comunidade científica.

2.2.4 Os Programas de Pesquisa de Imre Lakatos

O húngaro Lakatos foi um filósofo da matemática e da ciência, e é em grande parte lembrado pela sua metodologia de provas e refutações que desemboca na sua proposta de entender o desenvolvimento da ciência a partir da metodologia de

programas de pesquisa. Em 1960, foi convidado para fazer parte da *London School of Economics*, prestigiado departamento, onde figuravam personalidades como Karl Popper, Joseph Agassi e John Watkins.

Lakatos foi um crítico ativo das propostas de Popper e Kuhn e teve como amigo e crítico outro célebre epistemólogo, Paul Feyerabend. É com base em Popper e Kuhn, que Lakatos chama a sua opção de uma terceira via em que utiliza como base estes autores, procurando resolver os problemas destas duas propostas.

Na sua tese *Proofs and refutations, mathematics*, publicada em 1976, o autor a apresenta em forma de uma aula em que instiga seus alunos a provarem que uma determinada fórmula matemática é verdadeira. Dessa forma, o diálogo apresenta-se como o processo de provas e refutações com o objetivo de estabelecer que nenhum teorema é completo ou final.

Com a sua aposta nos programas de pesquisa, Lakatos procura resolver o conflito entre o falseacionismo de Popper e a estrutura revolucionária da ciência de Kuhn. Em relação a Popper, visa sobre a concepção que diz que quando uma pesquisa encontra uma evidencia falsificadora, os cientistas devem abandoná-la. Mas não é sempre assim, por vezes pesquisadores não abandonam rapidamente de suas teorias devido a alguma falsificação. Falsificação esta que pode ser referida também como uma anomalia.

Kuhn diz que os bons cientistas desconsideram as evidências contra as suas teorias, já Popper diz que os cientistas devem lidar com essas evidências. Seja explicando-as ou até mesmo modificando sua teoria.

Popper não estava dessa forma descrevendo a ação dos cientistas, mas o que um cientista deveria fazer. Entretanto, Kuhn descrevia o que os cientistas realmente fazem. Dessa forma, Lakatos pensou em uma metodologia capaz de harmonizar estas duas metodologias aparentemente contraditórias.

Para Imre Lakatos, tanto o indutivismo quanto o falseacionismo não deram conta de caracterizar de forma adequada como a ciência funciona e como se dá o crescimento das teorias. Segundo Chalmers (1993), a posição de Lakatos, parte do princípio de que para compreender a ciência é preciso pensar nas teorias enquanto estruturas históricas. Um programa de pesquisa, como Lakatos denomina, não se trata de apenas uma única teoria e sim um conjunto, que poderia ser grosseiramente dividida entre dois tipos: *teoria especulativa e teoria observacional*.

Um dos pontos de Lakatos para situar não só a observação como uma investigação teórica, é o de considerar que os conceitos só podem ser bem delimitados quando exercem um papel específico e bem definido em uma teoria. Os conceitos só poderiam ser definidos em termos de outros sentidos. Um conceito obtém seu sentido em parte pelo papel que exerce em uma teoria. A experimentação só pode ser considerada de forma efetiva se houver uma teoria que seja capaz de produzir previsões de forma precisa. Os conceitos começam como uma ideia vaga, e que vai ganhando gradativamente definição e clareza enquanto a teoria também toma uma forma mais precisa e coerente.

Em vez de instituir um padrão universal para identificar se a teoria é ou não científica, ou se foi ou não falsificada, Lakatos propõe focar no processo histórico e na comparação entre múltiplas teorias, mas ainda assim procura situar uma regra geral, instituindo um *falseacionismo sofisticado*.

Uma nova teoria deve ser comparada com as teorias anteriores, para que seja possível decidir se ela é capaz de substituí-las. No falseacionismo ingênuo, quanto mais falsificável uma teoria, melhor. Já no caso do falseacionismo sofisticado, considerada que este não pode ser o único critério e com vistas para o progresso da ciência encara que a teoria deve procurar ser *mais falsificável que a teoria que ele se propõe substituir*. E na sua ampliação, isso significa que ela também deve prever fatos e comportamentos não previstos pela sua rival⁵. Esse é o ponto de destaque de Lakatos, pois para este, a nova teoria tem que prever novos fenômenos e aquelas que não conseguem guiar o desenvolvimento para novos fatos vão ser consideradas degenerativas. Isso porque para ele é muito difícil especificar o quão falsificável é uma teoria se analisada de forma isolada. Mas em relação a outras leis e teorias é possível comparar os diferentes graus de falsificabilidade.

Um dos pontos importantes é que a necessidade de aumentar a amplitude da teoria afasta aquelas opções que são apenas modificações projetadas para proteger uma teoria e uma falsificação que lhe ameaça. Esse tipo de modificação ganha o nome de *ad hoc* e pode ser de vários tipos como: apenas linguística, mas também pode ser um acréscimo ou modificação em um postulado, ou que não tenha a possibilidade de ser testada, ou experimentos já previstos pela teoria.

⁵ Sobre a questão da “previsão” e “fatos novos” discutimos mais adiante.

Uma modificação considerada *ad hoc*, segundo exemplo de Chalmers, é “(Todo) pão alimenta, com a exceção daquela partícula específica de pão produzida na aldeia francesa em questão, alimenta” (1993, p. 80). A teoria não leva as novas consequências testáveis, e não pode ser analisada sem analisar a teoria original. Assim, mais uma característica é colocada em prática. A modificação da teoria deve ser independentemente testável. O mesmo exemplo pode ter essa característica, desde que descrito da seguinte forma “Todo pão alimenta, exceto o pão feito de trigo contaminado por uma espécie específica de fungo (seguida pela especificação do fungo e de algumas de suas características).” (1993, p. 80), que acabariam a levar a novos testes.

O problema da proposta falseacionismo, é que há exemplos na história da ciência, segundo Chalmers, que contradizem a máxima de que a ciência tem avanços quando essas conjecturas são falsificadas. O exemplo utilizado pelo autor foi a tentativa de salvar a teoria de Newton, partindo de uma hipótese especulativa que acabou se tornando um sucesso, não porque foi falsificada, mas porque a hipótese testada independentemente foi confirmada pela descoberta de Netuno.

As hipóteses especulativas uma vez falsificadas, não acrescentam muita coisa para a ciência, apenas que mais uma ideia foi descartada. Então, não é a partir das falsificações que o progresso pode ser explicado.

Isto equivale a dizer que, antes de poder ser vista como uma substituta adequada a uma teoria falsificada, uma teoria inovadora e audaciosamente proposta deve fazer algumas previsões novas que sejam confirmadas. (1993, p.84)

Uma teoria ao substituir outra, parece assim, que a teoria substituída simplesmente deixa de existir e que não poderá ainda retomar o seu posto. Isso significa que continuar trabalhando em uma teoria que foi falsificada seria considerado como uma desonestidade.

Ainda assim, a história da ciência dá base para dizer que teorias falsificadas outrora podem voltar a serem progressivas. Assim como os experimentos que colocaram a teoria como degenerativa podem ser falsificados

Em contraste, na explicação falsificacionista, o significado das confirmações depende muito mais de seu contexto histórico. Uma confirmação pode conferir alto grau de mérito a uma teoria se resultou do teste de uma nova previsão. Isto é, uma confirmação será significativa se for avaliada como improvável à luz do conhecimento prévio da época. Confirmações que são conclusões inevitáveis são insignificantes. (1993, p. 87)

O falsificacionista ingênuo tem a preocupação de contestar as teorias baseadas nas verdades das observações. Já o falsificacionista sofisticado se preocupa com a confirmação das teorias especulativas, assim como a falsificação de teorias bem estabelecidas.

O problema de confiar nos experimentos e nas observações para falsificar as teorias, é que estes também podem ser falseados, uma vez que há teoria nos mesmos. Nesse sentido, não há tanta diferença entre indutivistas e falsificacionistas, uma vez que ambos acreditam que os experimentos são considerados como capazes de um acesso direto a verdade. Ainda que as teorias nunca possam ser consideradas verdadeiras.

Ou seja, os experimentos e observações também podem estar equivocados e levar a proposições equivocadas. Então, em um choque entre teoria e observação, pode também a observação ser falível e dessa forma rejeitada. Sendo assim, tanto os experimentos e observações, quanto as teorias também deveriam ser consideradas como falíveis. Devido a isso, as teorias também não podem ser falseadas de forma conclusiva e direta se o experimento também pode ser contestado. Não há critério para dizer que é sempre a teoria que deve ser deixada de lado, quando se choca com um experimento, em vez do experimento em si.

Uma tentativa de escapar desse problema, proposta por Popper, é que seria possível dividir as observações em dois tipos. Um tipo referente à observação individual e privada, e a outra que seria a observação pública. Na esperança de que aquilo que a maioria vê, ou formulada numa linguagem pública, poderia ser testável e estaria aberta para modificações ou rejeição.

Assim, as observações também devem passar por testes, e esse corpo acaba formando o que Popper chama de “afirmações básicas”, segundo Chalmers, que são afirmações básicas aceitas por decisão coletiva, tornando-se convenções. Dessa forma, Popper ainda que procure estabelecer regras gerais da ciência e que independem do sujeito, acaba inserindo o sujeito no processo. Para Chalmers:

Mas é precisamente o fato de as proposições de observação serem falíveis, e sua aceitação apenas experimental e aberta à revisão que derruba a posição falsificacionista. [...] Uma teoria não pode ser conclusivamente falsificada, porque a possibilidade de que alguma parte da complexa situação do teste, que não a teoria em teste, seja responsável por uma previsão errada não pode ser descartada. (1993, p. 94-95)

Assim, a todo instante, a teoria pode fugir do seu falseamento, pois pode colocar a culpa em um experimento. Para Chalmers, “O falsificacionismo é inadequado em bases históricas”.

Outro ponto de crítica, é que segundo o falseacionismo, uma teoria deve ser descartada assim que um experimento for possível de falseá-la. Isso é desconexo em relação à história da ciência, segundo Chalmers, uma vez que se a proposta falsificacionista fosse aplicada de forma rígida, boa parte das melhores e grandes teorias que já apareceram teriam sido excluídas logo de início e nunca teriam sido desenvolvidas.

Então, o que separa o falseacionismo ingênuo de Popper do sofisticado de Lakatos (ainda que Popper tivesse tocado na superfície destes temas) é o acréscimo referente à possibilidade de teste independente e também o requisito destes testes terem de resultar em corroborações.

A proposta de Lakatos, que foi aluno de Popper, era de melhorar o falseacionismo, mas ao mesmo tempo trazer as contribuições de Kuhn. Assim, a Metodologia dos Programas de Pesquisa é composta por dois conceitos: (1) a heurística negativa e (2) a heurística positiva.

A heurística negativa consiste em estipular um núcleo irreduzível com suposições básicas sobre o programa de pesquisa e que não podem ser questionadas. Em volta deste núcleo, situa-se um cinturão protetor formado pelas hipóteses auxiliares que protegem o núcleo da falsificação. Este cinturão, chamado de heurística positiva, é formado por hipóteses auxiliares, condições iniciais, métodos de análise e observação.

Para Lakatos, o principal, não é o falseamento das hipóteses como critério de avanço dos programas. Para ele, um novo desenvolvimento dentro de um programa de pesquisa deve explicar os fatos conhecidos e deve prever fenômenos novos. Assim, uma teoria só pode ser ultrapassada por outra que conseguir explicar os mesmos fenômenos e ampliar o universo de fenômenos explicados.

Assim, os programas de pesquisa podem ser divididos em: (1) progressivos e (2) degenerativos. Aqueles que têm sucesso e gradativamente fazem à descoberta de fenômenos novos são considerados progressivos. Aqueles que encontram revés nessa função, pouco a pouco vão se tornando degenerativos. Se um programa é degenerativo ela sofre competição de outros programas, pois ele pode ser superado por um programa de pesquisa melhor, mais progressivo.

É importante situar o sentido gradual desse processo, pois ele contraria o pensamento de Popper de uma eliminação direta e total de uma proposta caso tenha sido falseada.

O núcleo duro deve ser uma hipótese teórica muito geral que constitua ao mesmo tempo a base do programa e como um guia a partir do qual o problema deve se desenvolver e os caminhos pelos quais não deve proceder. Chalmers cita alguns exemplos como:

O núcleo irredutível da astronomia copernicana seriam as suposições que a Terra e os planetas orbitam um Sol estacionário e que a Terra gira em seu eixo uma vez por dia. O núcleo irredutível da física newtoniana é composto das leis do movimento de Newton mais a sua lei da atração gravitacional. O núcleo irredutível do materialismo histórico de Marx seria a suposição de que a mudança histórica deva ser explicada em termos de lutas de classes, a natureza das classes e os detalhes das lutas sendo determinados, em última análise, pela base econômica. (1993, p. 113).

Lakatos abre espaço para a subjetividade, pois dá a liberdade do núcleo ser formado por um tipo de “decisão metodológica de seus protagonistas” (Lakatos *apud* Chalmers, 1993, p. 113). O núcleo do programa jamais pode passar por modificações e os cientistas devem aceitá-lo, pois caso contrário, estarão trabalhando em outro programa de pesquisa.

A heurística positiva indica como o núcleo deve ser suplementado para explicar e prever fenômenos reais. Nas palavras do próprio Lakatos, ‘A heurística positiva consiste em um conjunto de sugestões ou indícios parcialmente articulados de como mudar, desenvolver, as ‘variantes refutáveis’ de um programa de pesquisa, como modificar, sofisticar, o cinturão protetor *refutável*’ (Lakatos, 1974, p. 135). O desenvolvimento de um programa de pesquisa envolverá não somente a adição de hipóteses auxiliares adequadas, mas também o desenvolvimento de técnicas matemáticas e experimentais adequadas. (CHALMERS, 1993, p. 115).

Segundo Chalmers, um ponto interessante da proposta de Lakatos, é que a observação não precisa ser imediatamente realizada na tentativa de falsificar as hipóteses auxiliares. O propósito são as propostas especulativas. Lakatos faz com isso uma crítica à proposta de Popper, onde boa parte das teorias mais bem sucedidas do mundo teriam sido excluídas logo no início do seu desenvolvimento devido a falsificações a partir da observação. Dessa forma, o programa deve ter chance de desenvolver seu potencial.

Lakatos não diz quanto tempo é necessário para este estabelecimento, mas indica que seria quando chegasse a um “determinado nível”, ele deve ser contestado pelas observações. São as confirmações mais que as falsificações que são importantes, pois

demonstram que o programa é progressivo. Tanto a psicologia freudiana quanto o marxismo, ambos satisfazem o critério de serem coerentes, mas não o segundo critério de levar a novos fatos, segundo Lakatos.

Aqui, voltamos ao ponto brevemente discutido de uma teoria ter que prever novos fatos. O progresso pode ser dividido em dois tipos: de um lado, o progresso teórico e de outro, o progresso empírico.

Ao passo que o "progresso teórico" (no sentido aqui descrito) pode ser verificado imediatamente, o "progresso empírico" não pode, e num programa de pesquisa somos, às vezes, frustrados por uma longa série de "refutações" antes que hipóteses auxiliares, engenhosas e felizes, capazes de aumentar o conteúdo, convertam - retrospectivamente - uma cadeia de derrotas numa ressoante história de sucesso, quer revendo alguns "fatos" falsos, quer acrescentando novas hipóteses auxiliares. (LAKATOS, 1979, p. 164)

Segundo Lakatos, deve-se seguir a regra de Popper de “arquitetar conjeturas que tenham maior conteúdo empírico do que as predecessoras” (1979 p. 162). Isso fica claro na sua análise sobre o programa de pesquisa newtoniano onde diz:

Dei um microexemplo inventado de uma transferência progressiva newtoniana, de problemas. Se o analisarmos, veremos que cada elo sucessivo nesse exercício prediz um fato novo; cada passo representa um aumento do conteúdo empírico: o conteúdo constitui uma transferência teórica coerentemente progressiva. (1979, p. 164)

Predizer um fato novo refere-se dessa forma, em aumentar o conteúdo empírico do programa de pesquisa e assim permanecer como um programa progressivo.

Além disso, só precisamos; pelo menos de vez em quando, que se veja que o aumento do conteúdo foi retrospectivamente corroborado; o programa como um todo deve também exibir uma transferência empírica intermitentemente progressiva. (1979, p. 164)

É a progressividade de um programa que instiga os cientistas a pesquisar e não as suas anomalias. A progressividade significa novas adições ao programa, mas que tipo de adições e modificações pode ser feita a um programa de pesquisa? Mantido o núcleo irreduzível, quase toda adição poderá ser considerada científica, desde que respeitando o critério da coerência em relação ao núcleo, a previsão de fenômenos novos, e de serem capazes de serem testadas independentemente. O que fica de fora são as construções *ad hoc*. Sendo assim, as modificações devem avaliadas pela sua capacidade de explicar as aparentes refutações e pela sua habilidade em produzir novos fatos. Segundo Chalmers:

O fato de que qualquer parte de um labirinto teórico complexo possa ser responsável por uma falsificação aparente coloca um problema sério para o falsificacionista que confia num método incondicional de conjeturas e refutações. Para ele, a inabilidade em localizar a origem do problema resultou

num caos não-metódico. [...] A importância de uma observação para uma hipótese sendo testada não é tão problemática dentro de um programa de pesquisa [...] (1993, p. 119).

Então, como podemos comparar dois programas de pesquisa? Uma forma é ver em que medida eles estão progredindo ou degenerando. Para Chalmers, esse processo parece quase natural, onde os pesquisadores irão preferir um programa progressivo a um degenerativo, dessa forma abandonando o degenerativo de forma gradual. E quando ele será abandonado completamente? Não existe tempo para isso, pois é sempre possível que o programa sofra uma modificação no seu cinturão e que pode levá-lo a ser progressivo novamente.

Para Chalmers, isso é problemático, mas podemos perguntar se afinal de contas o conhecimento deva ser abandonado por completo, e/ou expurgado da história da humanidade. Como Lakatos não estabelece critérios rigorosos para a rejeição completa de um programa, a decisão para escolher entre programas rivais é difícil, e estes só podem ser analisados de forma histórica, ou seja, olhando-se para trás. Outra crítica, é que os programas são construídos como autônomos e isolados, dessa forma fica difícil perceber a interação entre dois programas de pesquisa que compartilham certos elementos.

Alguns pontos importantes da proposta de Imre Lakatos poderiam ser resumidos em:

- O núcleo duro de um programa de pesquisa é formado por consenso, não pode ser refutado e é denominado de heurística negativa;
- A heurística positiva é composta por hipóteses auxiliares, que derivam do núcleo duro, servem como cinturão protetor do núcleo duro e devem ser independentemente testadas;
- Toda modificação na teoria, ou teoria nova deve prever novos fenômenos;
- A teoria não é excluída imediatamente se falsificada, pois a observação e experimento também podem ser falseados;
- Programas que não conseguem prever fatos novos tornam-se programas degenerativos;
- Não se chega à verdade. Programas melhores são aqueles que conseguem prever fenômenos novos.

Considerações

Essa disputa entre Lakatos e Popper de um lado, e Kuhn de outro, é também uma disputa entre relativismo e racionalismo. A noção extrema de racionalismo é aquela que afirma que há um critério único, atemporal e universal capaz de guiar os méritos das diferentes teorias rivais.

[...] um indutivista pode aceitar como o seu critério universal o grau de corroboração indutiva que uma teoria recebe dos fatos aceitos, ao passo que um falsificacionista pode basear o seu critério no grau de falsificabilidade de teorias não falsificadas. Sejam quais forem os detalhes da formulação do critério por um racionalista, uma característica importante dela é sua universalidade e seu caráter não-histórico. (CHALMERS, 1993, p. 138)

Assim, o critério racionalista para a comparação entre diferentes teorias é universal, atemporal e ahistórico. E os cientistas guiam-se por este critério para tomar suas decisões e escolhas. Para o racionalista definir a diferença entre ciência e não-ciência é fácil. Podem ser considerados *ciência* aquelas capazes de serem avaliadas a partir do critério universal e resistirem aos testes.

Já o relativista nega que haja um critério universal e ahistórico sob o qual possa julgar as teorias. A forma como o pesquisador se guiará dependerá do que é considerado importante por ele, ou pela sua comunidade científica. O relativista extremo considera a discussão entre ciência e não-ciência em grande parte uma posição arbitrária, e dessa forma, com um peso menor do que os racionalistas.

Segundo Chalmers, o objetivo de Lakatos era o de fornecer uma base racionalista para o problema, tanto que criticava abertamente a concepção de Kuhn de transformar a escolha de uma teoria em “psicologia das multidões”. A opção de Lakatos é universal, mas não é ahistórica, pois é baseada na evolução histórica da física.

Há diversos testes contra a história da física que podem de um lado confirmar como desacreditar a proposta de Lakatos. Assim, se for aplicada à proposta de programa de pesquisa na própria noção de Lakatos, isso significa que ela deve ser corroborada na medida em que é capaz de explicar a ciência e sua história.

O problema, segundo Chalmers, é que Lakatos pretendia dar critérios corroborados com a história da ciência para que os cientistas pudessem seguir esse guia. Mas o que fica da proposta não é que os cientistas devam adotar programas de pesquisa progressivos e abandonar os degenerativos. Pois, isso não é possível uma vez que um programa degenerativo pode sempre voltar a ser progressivo.

Kuhn considera que certos critérios podem ser utilizados para avaliar se uma teoria é melhor que a sua rival. Eles incluem “precisão de previsão, especialmente da previsão quantitativa; o equilíbrio entre os assuntos esotéricos e os cotidianos; o número de problemas diferentes resolvidos” e, também, embora em menor importância, “simplicidade, escopo e compatibilidade com outras especialidades”. (KUHN *apud* CHALMERS, 1993, p. 145).

Mas o critério mais alto é a aprovação da comunidade científica relevante. Ou seja, não há critério decisivo e racional para avaliar se uma teoria é melhor do que a outra.

No caso da relação entre ciência e não-ciência, Kuhn procura estabelecer um critério. Para ele, pode ser considerado um campo científico aquele que é capaz de sustentar uma tradição científica normal. Segundo Chalmers, tal critério recebeu todo tipo de crítica como a falta de importância dada para a competição entre paradigmas. Feyerabend diz que através desse critério até mesmo o crime organizado poderia ser considerado científico (Chalmers, 1993, p.148).

Kuhn deixa de ser relativista quando considerada, assim como Lakatos, de que a ciência é um exemplo de racionalidade, e supõe que a ciência é superior a outras formas de conhecimento. Outro problema, é que ainda que Kuhn decida relegar as decisões para a comunidade científica, ele não dá elementos para criticar as decisões e o modo de operação da comunidade. Ou seja, simplesmente deixa a decisão para a comunidade. Então, se a sua opção é uma sociologia da ciência, ele não oferece nada de sociologia da ciência para análise, critica Chalmers (1993).

Para este, tanto Kuhn quanto Lakatos não conseguiram atingir plenamente seus objetivos. Lakatos tentou um relato racionalista, mas teria fracassado, e Kuhn negou sua intenção de ser relativista, mas foi o que forneceu. (1993, p. 148)

A crítica de Chalmers parece dura demais em relação à Lakatos. Pois, não se trata de tomar uma decisão para todo o sempre. Um programa degenerativo não é descartado e apagado da história. A própria comparação entre programas não pode ser definitiva, mas ela é temporalmente específica. Com as informações que temos no momento podemos avaliar qual é o programa mais progressivo, ainda que este seja um *status* temporário.

2.3 EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Os exemplos dados por Kuhn, Popper e Lakatos são em sua maioria exemplos da Física, ao ponto de a filosofia da ciência destes, poder ser denominada de filosofia da ciência física. Assim, para estes autores, o modelo de ciência é o da física e todas as outras são comparadas com esta (e poucos argumentos justificam essa opção).

Uma importante exceção é o debate (ou não-debate) entre Popper e Adorno, e que se transformou no livro *A lógica das Ciências Sociais* (2004), no qual Popper (e apenas ele) apresenta as 27 teses sobre a lógica das ciências sociais (apesar de não tê-las apresentado durante o debate), assim como um texto crítico sobre o debate que não ocorreu na sua plenitude.

Neste texto, Popper dá poucos elementos para diferenciar a Sociologia (enquanto representante das ciências sociais) das ciências naturais. O seu alvo é justamente a compreensão que os cientistas das ciências sociais têm de que devem imitar os desenvolvimentos das ciências naturais. Estes creem na ciência natural como objetivista e não percebem que a ciência se refere a uma tradição crítica e não a um não-subjetivismo. E que não se refere a uma eliminação dessas características subjetivas, mas sim a diferenciação entre aquelas características que pertencem à pesquisa científica para a verdade enquanto um ideal inalcançável e aquelas que não pertencem.

Como podemos então trabalhar com a estrutura de Programa de Pesquisa para a Comunicação? A Comunicação, enquanto campo científico sofre de diversos problemas epistemológicos que se configuram, em grande parte, como um entrave para a sua construção. Em primeiro lugar, a questão do estatuto disciplinar que recebe abordagens diferentes como: (1) a comunicação enquanto um termo utilizado para se referir a vários saberes que se dedicam ao estudo de um universo empírico em comum como os processos comunicacionais, e (2) a comunicação enquanto uma super-disciplina.

Em segundo lugar, o problema do objeto da comunicação, e em terceiro lugar, a falta de debate epistemológico.

O estatuto disciplinar

O primeiro ponto é descrito por José Luiz Braga (2001), como um dos significados utilizados para a noção de interdisciplinaridade e mostra como a questão da

disciplinaridade da Comunicação pode ser tratada. Este primeiro sentido é o de encarar o campo da comunicação enquanto um campo interdisciplinar. Isso significa perceber o campo, enquanto atravessado por saberes de outras disciplinas. A partir dessa referencia, poderia se dizer que nenhum campo é isolado e que compartilham métodos, dados, e abordagens sem qualquer problema para a sua constituição enquanto um campo.

A segunda noção é a de encarar a comunicação enquanto um espaço de interface “[...] em que um determinado âmbito de conhecimentos se faz na confluência de duas ou mais disciplinas estabelecidas – por exemplo, a Psicossociologia, a Sociologia Jurídica a Bioquímica” (BRAGA, 2001, p. 12).

O terceiro sentido é o que se torna problemático por ser vago e pouco refletido. É o de encarar a comunicação enquanto um terreno vazio e que não pode existir, pois é entrecruzamento de todas as disciplinas humanas e sociais. Pois todas essas tem algo a dizer sobre o tema comunicação, a comunicação vira então um simples tema, um fato do mundo. Parece assim, segundo Braga, que “há um tema que se torna de interesse tão generalizado e com tal acuidade que não consegue mais efetivamente caber nos espaços de cada campo particular ou de algumas interfaces bem construídas” (2001, p. 13).

Braga critica essa posição, pois isto não é nada incomum em relação a outros temas que são tratados por várias disciplinas, mas estes sempre acabam sendo “subsumidos ao ângulo de interesse de cada disciplina” (2001, p. 13), o que não torna impossível a composição de um campo devido a isso.

Esta se configura então como uma não disciplina, problema este que também é referido por Martino (2002). O oposto é caracterizar a Comunicação como uma super-disciplina. Como a comunicação está presente em todas as atividades humanas e todas as disciplinas tocam no mesmo ponto, a comunicação poderia se apresentar como uma super-disciplina, “entendida como uma espécie de síntese e acabamento das ciências humanas e da filosofia.” (2002).

O objeto da Comunicação

“De que comunicação estamos falando” é debate frequente entre aqueles que se dedicam às questões epistemológicas, mas não da maioria de seus pesquisadores.

Devido à ambiguidade e abrangência do termo comunicação, muitos também acreditam que a Comunicação enquanto saber científico estuda todos os aspectos do termo.

E sem uma definição clara, quase tudo pode ser considerado comunicação como, por exemplo, o choque entre objetos físicos, ou uma conversa entre pessoas. Este é talvez um dos problemas da ambiguidade do termo, pois não há uma diferenciação clara quando estamos nos referindo ao saber, e quando estamos nos dirigindo aos processos comunicacionais que existem no mundo.

Aqueles que apoiam a perspectiva que a Comunicação não apresenta especificidade e que seria um campo interdisciplinar (no sentido de um ponto de cruzamento, ou sem objeto de estudo) por sua relação com outros saberes, parecem não fazer a distinção entre objeto empírico e análise do objeto de pesquisa. O objeto empírico é interdisciplinar por natureza. Nenhum saber coloca cercas na realidade e a transforma em um lote em que somente um saber pode estudar. Em contrapartida, por análise do objeto, entende-se a ação de análise a partir de um saber definido de um objeto que não é aquele do mundo, mas um objeto de estudo construído, ou seja, o objeto é construído para uma disciplina específica. Discussão esta que está de acordo com o desenvolvimento tanto de Popper e Lakatos, quanto de Kuhn, que descrevemos há pouco. Para Martino:

A diferença parece ser que em todas as demais áreas observa-se a comunicação enquanto processo que faz funcionar alguma outra atividade ou instância de interesse social-humano – a literatura, a linguagem, a política, as trocas econômicas, etc. No campo específico da Comunicação, inversamente, os diferentes objetivos e objetos humano e do social é que seriam percebidos pelo ângulo prioritário da comunicação que os organiza e que deles decorre. Assim, nas demais áreas de conhecimento, ou a comunicação é observada sem ser problematizada; ou então é problematizada em função dos interesses específicos da área. No campo da Comunicação, todo e qualquer fato humano seria problematizável *no ângulo comunicacional*. (BRAGA, 2001, p.18)

Como diz Martino (2002), “discutir o objeto de estudo de uma ciência não é exatamente fazer uma lista dos objetos que ela pode ou não pode tratar”. Ou seja, não é olhar para o mundo e cercar o empírico e dizer que estes são terrenos, objetos, que a comunicação estuda. É antes uma explicação de que maneira o saber comunicacional olha o mundo. Esse olhar é construído teoricamente, é o seu objeto de estudo.

[...] ele [objeto de estudo] aparece como linha de fuga imaginária e construída a partir de uma diversidade real (as correntes de pesquisa no interior de uma disciplina); de outro lado, ele aparece como o princípio mesmo dessa diversidade, tal como a causa eficiente responsável pela geração dessa diversidade teórica Sua função é fornecer uma base de comparação crítica para as diferentes correntes teóricas, engajando-as num

debate comum, ao invés da simples constatação de diferenças absolutas e incompatíveis. (2002)

Isso leva a outro ponto de discussão, que é a construção e definição de um objeto de estudo traria uma rigidez infrutífera para os estudos da comunicação, uma vez que limitaria o escopo de desenvolvimento destes estudos. Ou seja, a diversidade de abordagens correria risco, uma vez que o objeto de estudo fosse definido com maior clareza. Isso não significa que escolher pela construção de um objeto de pesquisa é uma oposição à diversidade. Um objeto de estudo não precisa ser consensual, podendo haver inúmeras construções de objetos para a Comunicação. Mas é a construção de um objeto de estudo que torna as pesquisas frutíferas, pois ele funciona como um guia para as pesquisas (como visto na proposta de Lakatos).

Na comunicação o quadro de análise de Martino (2002) mostra como a questão do objeto é problemática “Alguns autores falam em morte (F. Rüdiger, Juremir Machado) ou desaparecimento (Eric Felinto) do objeto.”. E ainda, “Outra variante importante do irracionalismo é o subjetivismo, tal como é desenvolvido pelo prof. Denilson Lopes, em seu texto *A Experiência na Escritura: uma estória e um impasse*. [...] uma defesa da revelação da verdade do sujeito como sendo mais autêntica ou real que a da ciência” (2002).

Apesar desse quadro, que é capaz de desiludir qualquer estudante e pesquisador da Comunicação, alguns autores consideram que o caminho está sendo trilhado mesmo de que de forma lenta. É o caso, por exemplo, de Maria Immacolata Vassallo de Lopes e de José Luiz Braga.

Para Lopes, a partir de uma perspectiva kuhniana (2003, p.36), a comunicação enquanto campo de estudos está progressivamente ganhando autonomia dentro das ciências humanas e sociais, pois tem “demonstrado a especificidade intrínseca de seu objeto – os fenômenos comunicacionais da sociedade atual” (2003, p. 14).

Parece estranho chamar de propriedade intrínseca se ela é uma construção teórica, e dessa forma, não é óbvia e muito menos definitiva. Os fenômenos comunicacionais não são os fenômenos do mundo, e sim observações teóricas. O mundo existe sem nós, mas o que enxergamos, enxergamos pelos olhos das teorias.

Segundo a autora, essa “autonomização” acontece em paralelo com a constituição da cultura de massa e dos meios de comunicação de massa, que ganham destaque e uma lógica própria. Nesse contexto, que surgiram os cursos de comunicação,

enquanto formação de profissionais para este novo mercado cultural, e ao mesmo um desenvolvimento das pesquisas acadêmicas. A partir dessa perspectiva, poderíamos questionar se a autonomia se faz pela sua institucionalização, pela sua profissionalização, ou se é o debate epistemológico sobre as suas bases é que permite falar em uma autonomização. Para ela,

[...] o estudo dos fenômenos da comunicação dentro da cultura industrializada é o que concebemos como o objeto da Comunicação. Deste ponto de vista caberia perfeitamente a esse campo de estudos a designação de Comunicação Social ou Comunicação de Massa. (2003, p. 14)

Para Braga (2001, p. 15), a discussão sobre o objeto da comunicação é claramente não consensual, mas duas generalizações poderiam ser descritas. A primeira em que o objeto da Comunicação poderia ser tomado como toda e qualquer “conversa” no espaço social. Ou seja, todo e qualquer tipo de interação simbólica e prática que se relaciona com a vida social. A segunda restringe o objeto da Comunicação às trocas simbólicas e práticas relacionadas aos meios de comunicação social.

A primeira opção é a escolhida por Braga, sendo que a segunda recebe suas críticas, em que a escolha pelos meios limitaria o objeto às “questões tecnológicas, ou jurídico-políticas, ou expressivo-interpretativas, ou outras”. O risco é de que um pesquisador vindo de outra área tende a escolher apenas uma dessas questões. Braga tem receio de que a opção pelos meios faça com que outros elementos sociais, igualmente importantes ficassem ausentes de suas observações. O que nos parece no mínimo estranho, pois uma abordagem a partir dos meios de comunicação não significa que as interações sociais são deixadas de lado, uma vez que os meios de comunicação se relacionam justamente com a sociedade.

O problema maior que aparece é que essa lucidez sobre o objeto da comunicação e sobre o estatuto do campo comunicacional não é a atitude comum dos pesquisadores da área, fazendo com que a falta de um debate epistemológico seja o maior sintoma.

A falta de debate epistemológico

Essas dificuldades se dão, não por uma diversidade das discussões, mas principalmente por uma falta de discussão sobre elas. Poucos são os pesquisadores que se dedicam às questões epistemológicas da comunicação⁶.

Uma das consequências para essa falta de trabalhos sobre os fundamentos da comunicação é a de considerar os trabalhos de comunicação como frágeis comparados a outros saberes. Assim, a grande variedade e quantidade de pesquisas em comunicação não se reflete em uma discussão epistemológica aprofundada da área, ou seja, um fortalecimento das questões primárias da área.

Essa fragilidade e diversidade desembocam em um ceticismo, quanto ao estatuto disciplinar da Comunicação (MARTINO, 2001a). Essa percepção cética se apresenta (involuntária ou não) em inúmeros autores, como Bernard Miège (2000), que considera que ainda que o pensamento comunicacional tenha avançado consideravelmente nos últimos 50 anos, o mesmo não é unificado e nem está pronto para isso, a ponto de considerarmos uma disciplina. As desavenças em relação ao objeto de estudo, para o autor, criam um entrave que fica entre limitar o objeto da comunicação ou ampliar todo processo comunicacional. E ainda Rodrigo Alsina (2001, p. 12), que considera a comunicação como pluridisciplinar; Melvin Defleur (1993, p. 12-13) chama a atenção para a natureza interdisciplinar e que alguns consideram como vaga e desnorteante. E o panorama de Armand Mattelart e Michèle Mattelart (1999, p. 11) que situam:

Se a noção de comunicação constitui problema, a de teoria da comunicação não fica atrás. Também ela é produtora de clivagens. Antes de mais nada, o estatuto e a definição da teoria, a exemplo do que ocorre em várias ciências do homem e da sociedade, contrapõem-se vigorosamente de uma escola a outra, de uma epistemologia a outra. Além disso, a designação “escolas” pode ser ilusória. Uma escola pode abrigar numerosos componentes e estar longe de possuir a homogeneidade que seu nome parece sugerir. Enfim, o discurso sobre a comunicação é com frequência promovido ao estatuto de teoria geral, sem inventário. (MATTELART & MATTELART, 1999, p. 11)

⁶ Para citar alguns: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003. ; HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C., FRANÇA, V. V. (orgs.). Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.; FAUSTO NETO, A., AIDAR PRADO, J. L., DAYRELL PORTO, S. (orgs). Campo da comunicação. João Pessoa: Editora Universitária, 2001; BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006; FERREIRA, Giovandro Marcus e MARTINO, L. C.. Teorias da Comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção. Salvador: Edufba, 2007.

Assim, de maneira geral, o conceito de comunicação é aquele em que tudo é comunicação (MARTINO, 2001b). O estatuto disciplinar é aquele de um entrecruzamento entre diversos saberes, não podendo então ter uma autonomia, ou é o da superdisciplina. O objeto de estudo é aquele representado pelo conceito de comunicação, ou seja, se há um saber, ele estuda tudo, pois a comunicação é tudo. E as teorias pertencentes ao campo comunicacional são as mais diversas possíveis e, frequentemente, os livros de teorias não têm qualquer correspondência e critérios para suas seleções.

Assim, o campo comunicacional configura-se com uma gama diversa de problemas que se resumem em uma falta de atenção ao aspecto epistemológico. Não se trata de terem decidido coletivamente que o campo comunicacional não possui um objeto minimamente definido e também não se trata que discordamos dessas decisões. Trata-se de desistir da tentativa de constituir objetos de estudos e da formação do estatuto sem antes tentar, por não discutir os seus princípios.

Então, o que temos é uma composição de senso comum e conceitos que não são bem desenvolvidos, em sentido estrito, sem que haja a formulação de propostas que possam ser submetidas à crítica, à falsificação, à refutação ou à comparação. O consenso na busca de um objeto de pesquisa único, um sentido único para comunicação, e de critérios únicos para definir quais são as teorias da comunicação, não é nosso objetivo. Mas que existam algumas que possam ser criticadas e que potencializem a função agregadora de campo comunicacional.

Como percebemos nesta breve apresentação dos problemas que se apresentam ao estatuto disciplinar da Comunicação, é difícil esperar que com uma falta de debate epistemológico seja possível de haver critérios mínimos para avaliação de quais são as teorias que compõe a comunicação. Os livros de teorias da comunicação, que seriam os responsáveis por apresentar ao estudante da comunicação uma sistematização e critérios para a seleção das teorias, acabam por não fazê-lo. Até mesmo, correspondências entre teorias entre os livros é problemática. Martino (2006) faz uma extensa sistematização a partir dos destes e percebe que as teorias relatadas pelos livros de Daniel Bougnoux (1999) e Francisco Rüdiger (1998), por exemplo, não possuem nenhuma correspondência entre eles ou com outros autores como Melvin Defleur (1993), ou Mauro Wolf (1995). A dificuldade na sistematização das teorias, colocando-as em

comparação, dá-se também no critério de pertinência estabelecido para definir quais teorias fazem parte da Comunicação (MARTINO, 2006).

A diversidade de propostas cria uma dificuldade para a sistematização das teorias. Não se trata apenas de quantidade de teorias, mas sim porque estão funcionando de forma isolada, em vez de integradas. Se elas funcionam de forma isolada, em que condições podemos confrontá-las?

Segundo Martino, essa dificuldade se apresenta por igual diversidade de nomes como interdisciplinaridade, *ferment in the field*⁷ e pluralismo (*pluralistic champ*). Estas colocam em dúvida a possibilidade de um campo teórico da comunicação.

Então, dependendo da compreensão que temos sobre as teorias, o que chamamos de campo pode ser considerado uma unidade, no sentido forte de uma disciplina científica ou deve ser considerado, num sentido fraco, como apenas uma designação geral, exterior, um rótulo para abrigar teorias circunstancialmente reunidas, mas sem unidade epistemológica (2010, p.3).

Por uma falta de discussão epistemológica interna do saber comunicacional, aponta Martino (2002), acabamos nos apoiando na epistemologia geral para discutir o saber comunicacional. É essa falta de fundamento epistemológico da comunicação nos leva a discutir os problemas da epistemologia da comunicação no contexto de uma epistemologia geral e filosofia da ciência como Kuhn, Popper e Lakatos.

Devido a essa dificuldade, parece-nos importante trazer a discussão destes autores que discutem a epistemologia geral (ou da física, muitas vezes) e problematizar a sua adaptação para o campo comunicacional.

Lakatos para a Comunicação

Então, como podemos propor uma proposta com base em Lakatos para a Comunicação? Parece ser preciso fazer importantes ressalvas com a proposta de Lakatos para lidar com o nosso problema para a Comunicação.

Para Lakatos, uma teoria não é de fato uma teoria única e isolada, ela compõe-se de diferentes teorias e métodos de observação, chamando-se assim de programa de pesquisa. Isso faz mudar a nossa visão de uma teoria da comunicação. Apresenta-se, assim, uma saída semântica e conceitual para uma não dicotomia entre teoria e prática. Uma teoria não é apenas abstração, pois leva em conta métodos de observação, e ao

⁷ Nome dado a uma edição especial da revista Journal of Communication (Summer, 1983) que se dedicou a discutir a epistemologia do campo comunicacional.

mesmo tempo não é uma teoria isolada, pois estes métodos de observação também estão mergulhados na teoria. A proposta de denominar este sistema de programa de pesquisa é uma saída importante para a percepção de que temos sobre o empreendimento científico.

Como dissemos anteriormente, a comparação entre teorias é um problema considerável e nada é definitivo. Ainda assim, parece ser possível distinguir programas progressivos e degenerativos em um determinado tempo. Aqueles programas que se dedicam mais se defendendo, do que ampliando ou reforçando suas bases, certamente está em maus lençóis no momento, mas não significa que essas anomalias não possam se reverter em novos fatos benéficos para o programa.

O primeiro apontamento é a dificuldade de estabelecer de forma rígida a divisão entre ciência e pseudociência. Para Lakatos, por exemplo, a perspectiva marxista é pseudocientífica.

Thus the early predictions of Marxism were bold and stunning, but they failed. But their auxiliary hypotheses were all cooked up after the event to protect Marxian theory from the facts. The Newtonian programme led to novel facts; the Marxian programme lagged behind the facts and has been running fast to catch up with them. (1977)⁸.

Não que a perspectiva marxista seja um exemplo claro que situa uma teoria das ciências sociais, mas sua relativa aproximação teórica com o trabalho de Innis e McLuhan induziria a situação de considerar estes como pseudocientíficos também.

Optamos então por nos basear na proposta epistemológica de Lakatos, como um guia para o desenvolvimento de programas de pesquisa. A proposta de Lakatos é uma forma de analisar como a ciência se desenvolveu ao longo da história, muito mais do que uma recomendação de como a ciência deve funcionar. Isso é problemático, pois as perspectivas de Popper e Kuhn poderiam ser analisadas levando-se em conta se suas proposições estão querendo explicar como a ciência *deve* funcionar (enquanto uma recomendação) ou como a ciência funcionou até então. Por consequência, isto nos conduz a discussão se a proposta de Lakatos poderia servir como um guia para o desenvolvimento para novos programas de pesquisa.

⁸ Assim, as previsões iniciais do marxismo foram ousadas e impressionantes, mas elas falharam. Mas as suas hipóteses auxiliares foram todas cozinhadas depois do evento para proteger a teoria marxista a partir dos fatos. O programa newtoniano levou a fatos novos, o programa marxista ficou para trás dos fatos e foi correndo rápido para alcançá-los. (1977). Todas as traduções no presente trabalho são nossas.

Ainda assim, ela nos permite importantes avanços para uma perspectiva teórica. De um lado, pois permite que o núcleo irreduzível do programa possa ser definido enquanto uma construção teórica por certa comunidade científica. Isso faz com que qualquer grupo de pesquisadores possa a partir dos trabalhos de Innis e McLuhan propor um núcleo diferente, dependendo dos pontos que os mesmos consideram de maior destaque. Nesse sentido, existem inúmeras possibilidades de se trabalhar com um mesmo conjunto de autores, mas sob perspectivas totalmente diferentes. Esse poderia ser um dos elementos importantes para a nomenclatura da tradição e que poderia problematizar as designações de Escola de Toronto de Comunicação ou Escola Canadense de Comunicação; Media Ecology; e Teoria do Meio.

Outro ponto de destaque são as construções de hipóteses auxiliares que compõem o cinto protetor que protege o núcleo irreduzível. Podemos, assim, avaliar as hipóteses auxiliares que são baseadas no mesmo núcleo em relação às críticas que receberam. Podemos, por exemplo, chegar a certas conclusões que aquelas hipóteses mais comentadas pelos críticos realmente são fracas e de difícil sustentação, mas da mesma forma, aqueles que sobrevivem a esse exame crítico fortalecem o programa. Assim, utilizar a metodologia de programas de pesquisa, proposta por Lakatos, permite sistematizar as hipóteses e as críticas feitas à Innis e McLuhan.

Sendo assim, passamos para a análise em profundidade das principais teses de Innis e McLuhan, assim como as críticas que ganharam destaque a fim de dar sustentação a nossa proposta de um programa de pesquisa comunicacional a partir de Innis e McLuhan.

3 MARSHALL MCLUHAN

Apresentamos, então, uma pequena biografia de McLuhan, que procura dar conta dos aspectos intelectuais da formação do seu pensamento relacionado com o percurso pessoal. Nesse sentido, os aspectos pessoais só ganham relevância uma vez que nos ajudam compreender suas escolhas e porque marcam também o percurso intelectual do autor. As teses de McLuhan são apresentadas apenas brevemente, pois irão ser discutidas em detalhes em conjunto com as críticas as mesmas no próximo capítulo.

O Canadá, após a onda de imigração aos Estados Unidos dos séculos passados, tornou-se o lugar escolhido para estabelecer vida nova até o início do século XIX, quando ocorreram as últimas grandes ondas imigratórias para o Canadá. Foi assim que a família de Elsie Hall, mãe de Marshall McLuhan chegou ao Canadá em 1906 e se instalou na província de Alberta, região do oeste e um pouco afastada do litoral. A família de religião batista, abstêmica de tabaco e álcool, dedicada aos livros e a educação, logo viu sua filha Elsie sair de casa para ser uma professora em outra cidade. Elsie tinha gênio forte e sua saída de casa também era uma maneira de fugir dos conflitos com seu pai.

Em um piquenique em uma visita a sua família, Elsie apareceu com um homem alto e bonito: era Herbert McLuhan. A família de religião metodista de Herbert era migrante da Irlanda e se instalou no Canadá a partir do seu avô, James McLuhan em 1846 (GORDON, 1997, p. 4), mas havia recentemente se mudado do estado de Ontario para Alberta. Herbert, como seu pai, tinha uma inclinação para a bebida, mas a sua maior fraqueza parece ter sido o debate. Ele nunca estudou formalmente em uma escola, mas era um leitor voraz dos "grandes livros" e, como muitos autodidatas, gostava de entrar em discussões com aqueles que tinham opiniões diferentes e principalmente pessoas com maior grau educacional como ministros de religiosos e professores.

Dois anos após Herbert e seu pai James McLuhan chegarem a Alberta, em 1907, Herbert casou com Elsie Hall. Apesar de Herbert e Elsie passarem o ano após o casamento tentando cultivar suas terras, ser um agricultor não era o desejo de Herbert e muito menos de Elsie, que já tinha uma carreira como professora com experiência na arte da elocução na tradição de Emerson (GORDON, 1997, p. 7). Então, eles se mudaram para Edmonton onde Herbert acabou entrando para o mercado imobiliário. Em 1912,

Edmonton estava em pleno desenvolvimento, devido ao comércio pelo North Saskatchewan River e pelas grandes áreas de agricultura (GORDON, 1997, p. 9), ao ponto da população crescer 60% naquele ano e em tais condições a empresa, formada por Herbert e seus colegas, prosperou (MARCHAND, 1989, p. 4). Foi nesse cenário que Herbert Marshall McLuhan, o primeiro filho de Herbert e Elsie nasceu em Edmonton, em 21 de Julho de 1911. Dois anos depois nasceu o único irmão de McLuhan, Maurice Raymond McLuhan.

Esse ambiente rural e bucólico de Edmonton com seus rios e pradarias, diria McLuhan posteriormente, servia como um antídoto, ou contra ambiente em relação às paisagens urbanas. O conceito de contra-ambiente McLuhan viria a utilizar para refletir sobre a cultura e os meios de comunicação. Ele reafirmava a posição do contexto canadense a partir do qual era possível fazer uma análise mais clara das coisas do mundo do que de dentro dos grandes centros das civilizações.

I think of western skies as one of the most beautiful things about the West, and the western horizons. The Westerner doesn't have a point of view. He has a vast panorama ... he has at all times a total field of vision, and since he can take this total field at any time, he doesn't have to worry about goals. (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 5)⁹

Isso permitia, segundo McLuhan, perceber padrões gerais na cultura que não eram perceptíveis pelos habitantes, que foram moldados por esses padrões. Essa qualidade de perceber o ambiente a partir do lado de fora segundo McLuhan fazia parte da cultura canadense, em comparação aos Estados Unidos e a Europa.

Quando iniciou a 1ª guerra mundial, o boom imobiliário acabou em Edmonton e em 1914, Herbert McLuhan e seus sócios perderam tudo, fazendo com que ele se alistasse ao exército. Após ser dispensado e voltar ao Canadá, a família se mudou para Winnipeg, que era então a terceira maior cidade do Canadá. A cidade, assim como Edmonton foi outrora, era uma cidade em pleno desenvolvimento após receber a sua primeira linha férrea em 1885, conectando assim a cidade com outros importantes centros produtores e urbanos. Quando os McLuhans chegaram à cidade a 1ª guerra ainda estava longe de acabar e Herbert se tornou vendedor de seguro de vida.

⁹ Penso nos céus ocidentais como uma das mais belas coisas sobre o Ocidente, e os horizontes ocidentais. O ocidental não tem um ponto de vista. Ele tem um vasto panorama ... ele tem em todos os tempos um campo de visão, e como ele pode tomar este campo total, a qualquer momento, ele não precisa se preocupar com metas. (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 5)

McLuhan teve uma infância tranquila. Seu pai gostava de estar com as crianças, mas Elsie não era muito amável. Ela tinha o espírito mais independente a ponto de ser criticada pelas vizinhas pela sua falta de amabilidade para com as crianças, mas ela se dedicava a organizar o tempo livre das crianças com concertos, peças de teatro, piqueniques e idas a fazenda. (GORDON, 1997, p.11).

A carreira de Elsie estava indo muito bem. Ela começou a fazer amizades em grandes círculos de profissionais e aristocratas que encorajavam os talentos dramáticos. Com isso, a partir de 1922, Elsie se viu cada vez mais viajando durante longos períodos para apresentar seus monólogos e elocuições. Herbert não estava muito feliz com a situação, mas dificilmente expressava seu descontento. O mesmo tipo de tolerância e paciência não poderia ser atribuído a Elsie. Ela era ambiciosa, enquanto que Herbert não tinha a mesma determinação para seguir os ideais de sucesso e se sentia satisfeito em socializar, ao contrário de Elsie que tinha desenvolvido cada vez fascínio ao frequentar esses círculos intelectuais.

Elsie desde cedo ensinava seus filhos a arte da elocução, nos anos após a Primeira Guerra Mundial e antes da explosão do rádio, ela encorajava seus filhos a recitarem poemas dramáticos, a fazerem apresentações de oratória e poesias. Segundo o biógrafo Marchand (1989, p. 8), a elocução naquela época era mais do que apenas a arte da recitação, mas envolvia uma forma rudimentar de análise das leis subjacentes da literatura. Os efeitos foram de forma mais imediata foram percebidas em Maurice, que falou muitas vezes em grupos de igrejas ao ponto de se tornar ministro, mas essa influência foi mais profunda em Marshall McLuhan.

McLuhan memorizou grandes quantidades de poesias e familiarizou-se com as obras de grandes poetas de língua inglesa antes de começar seus estudos universitários. McLuhan, então, utilizava dos seus conhecimentos para discutir com a sua mãe uma vez que ele já havia se apresentado por volta dos anos 30 em grandes igrejas e nas maiores cidades do Canadá com recitais e peças de teatro.

A convivência com Elsie era difícil, pois as brigas eram constantes ao ponto de McLuhan ter descrito em seu diário que a situação doméstica era tão dolorosa que ele mal conseguia pensar nisso. Já com Herbert as situações eram diferentes e eles nunca entravam em conflito (MARCHAND, 1989, p. 11).

Já Herbert passava mais tempo com as crianças e uma das coisas que McLuhan viveu durante sua infância e que ecoou durante toda sua vida foi um interessante

passatempo que Herbert fazia com seus filhos. Herbert procurava palavras obscuras e interessantes no dicionário e eles ficavam brincando com as origens das palavras. McLuhan ficou conhecido por toda a sua vida por tentar memorizar três palavras do dicionário por dia ao ponto de investigar suas etimologias como se fossem runas místicas e conseguir utilizá-las durante as conversas (MARCHAND, 1989, p. 10).

McLuhan adquiriu rapidamente o interesse nos livros e os lia em grandes quantidades, o que acabava por distanciá-lo de seus amigos devido a uma certa arrogância. Apesar de McLuhan nunca ter considerado Elsie um modelo de mãe, ela respeitava muito McLuhan pela sua obstinação, e encontrou na relação com seus filhos a forma de um grande orgulho de suas realizações e um incentivo as suas faculdades intelectuais.

Após a adolescência, a aspereza de McLuhan diminuiu, mas o orgulho se manteve. A capacidade argumentativa de McLuhan dava os seus primeiros passos nas discussões com Elsie e com seus amigos em que demonstrava uma agilidade verbal e mental capaz de lidar com seus oponentes em debate ao utilizar o seu aprendizado na arte da elocução ainda assim McLuhan nunca foi um aluno espetacular durante a adolescência.

Em 1928, McLuhan entrou para a universidade de Manitoba, a terceira maior universidade do Canadá então com 3500 alunos na época, para enfrentar o curso de engenharia na cidade de Winnipeg (GORDON, 1997, p. 15). A instrução era de tipo rudimentar, mas o ensino de letras era necessário para todos os alunos nos primeiros dois anos, como forma de impor a apreciação das letras e um padrão de letramento. McLuhan nunca gostou da ideia de disciplinas obrigatórias (ainda que fosse para o estudo de letras), pois não gostava de ser forçado a estudar algo alheio a seus interesses básicos, uma vez que ele preferia rastrear uma ideia.

Em seus dois primeiros anos de graduação, dedicou-se principalmente ao estudo de Letras e História uma vez que ele já era versado nos grandes poetas. Apesar disto, ele não ficou impressionado pelos seus professores de letras, pois a maioria lecionava sobre temas já versados por ele fazendo com que seus professores fugissem de suas perguntas, ao ponto dele escrever no seu diário que ele teve que criar seu próprio programa de leitura para se manter interessado (GORDON, 1997, p. 16). Isso mudaria no terceiro ano quando ele teve aulas com o professor de filosofia R. C. Lodge que introduziu McLuhan

aos estudos de Platão e com Noel Fieldhouse professor de história (MARCHAND, 1989, p. 15).

Posteriormente, ele viria a comparar este ambiente com o da Universidade de Toronto, dizendo que em Manitoba o ambiente era mais amistoso, pois era possível ter contato com os professores pelo fato da universidade ser pequena em comparação com a Universidade de Toronto.

McLuhan entrou na universidade para se formar em engenharia, mas no fim do terceiro ano ele deixou de lado o curso de engenharia e seguiu os estudos mais focados em letras e filosofia, cursando disciplinas como letras, geologia, história, latim, astronomia, economia e psicologia (GORDON, 1997, p. 15).

O ensino de letras da Universidade de Manitoba estava firmemente baseado no ideal vitoriano dos grandes poetas românticos. (MARCHAND, 1989, p. 17). Esse ambiente contrastava com o ambiente da Inglaterra onde a literatura vitoriana já estava em total declínio nos anos 30 devido aos trabalhos de T. S. Eliot, I. A. Richards e Ezra Pound que denunciaram a literatura inglesa como incompetente. Mas esse movimento inglês ainda não havia exercido a sua influência com força suficiente no Canadá e nos Estados Unidos para desencadear algum tipo de mudança.

McLuhan estava envolvido na tradição vitoriana e não se opunha a visão das belas letras (*belles lettres*) que eram obras primas valorizadas por suas qualidades estéticas e originalidade de estilo e tom. E uma vez envolvido neste contexto, e estimulado por professores, ele resolveu se especializar na literatura inglesa do século XVIII, e a escolha deste século se dava justamente porque para ele nenhum dos autores contemporâneos que ele teve contato era digno de nota.

Ele sentiu que o mundo de língua inglesa estava passando por um período de baixa qualidade, a ponto de dizer que um homem ocupado poderia ignorar tudo que havia sido escrito após 1842, sem prejudicar o seu intelecto. McLuhan não tinha conhecimento, durante os anos 30 em Manitoba, dos trabalhos de Joyce, Eliot e Pound, autores que ele viria a admirar (MARCHAND, 1989, p. 19).

Em 1933, aconteceu o que já era previsto: Elsie e Herbert se separaram. Apesar de McLuhan continuar em contato com ambos, foi com Elsie que ele mais trocou cartas e conviveu posteriormente, pois ela acabou por morar em Toronto.

As discussões que McLuhan tinha com colegas tornava difícil McLuhan ter amigos e um dos únicos capazes de aguentar as suas discussões era William Thomas

Easterbrook. Eles tinham o costume de caminhar e discutir durante as noites, Easterbrook tomava a posição de um cientista empírico e desafiava McLuhan a produzir evidências para suas afirmações.

Foi com seu amigo Easterbrook que McLuhan foi para Inglaterra em 1932 para visitar a terra dos grandes literatos como Shakespeare e Keats. Foi também Easterbrook quem apresentou G. K. Chesterton a McLuhan, ao introduzi-lo ao texto *What's wrong with the world* (1910). O trabalho de Chesterton influenciou diretamente a religiosidade de McLuhan, mas também o seu trabalho intelectual, pois ele considerava que a estrutura do pensamento de Chesterton era analógico em vez de dialético ou lógico. Esse tipo de distinção viria se tornar um pilar das análises de McLuhan.

O livro de Chesterton era uma defesa de certas noções que McLuhan já estava predisposto como a liberdade pessoal, as sanidades da família e as tradições da Europa cristã que se opunham tanto ao socialismo quanto ao capitalismo desenfreado.

McLuhan, mais tarde, fazia uma distinção entre "percepts" e "concepts" que era baseada principalmente na obra de Chesterton. Percepts significava simplesmente o jogo livre de uma mente perspicaz sobre clichês e o fornecimento de contextos desaparecidos e inesperados para esses clichês. Outra influência de Chesterton foi que o método deste também envolvia certo desdém pelos "especialistas", como refletido em sua declaração "What ruins mankind is the ignorance of the expert" (MARCHAND, 1989, p. 24)¹⁰. Ele também apontou McLuhan na direção do catolicismo romano, pois os escritos de Chesterton constantemente reafirmavam a crença católica de que o mundo, apesar de muito complexo era real e finalmente, razoável, mas que não era para ser reduzida a nenhuma fórmula intelectual ou matemática. Além disso, o mundo era bom, uma vez que foi criado por Deus. (ibid.).

Durante o tempo de faculdade, ele continuou exercitando a arte do debate, ao ponto de discutir com grupos de estudantes anti-Darwin. Sua posição em relação ao darwinismo vinha do seu contato com a cristandade e, a partir de uma aproximação metafísica, ele utilizou isso como forma de entender a sociedade. Para ele, Deus definiu as regras do mundo, regras que são desconhecidas pelos seres humanos, mas que governam toda a vida mental, espiritual e física. Isso não era uma posição anti-darwinista, pois para McLuhan eles estavam tentando descobrir as regras definidas por

¹⁰ "O que arruína a humanidade é a ignorância do perito". (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 24).

Deus. Mas se uma pessoa viola as leis de Deus ele se frustra nas suas ações. Se a pessoa obedece às regras, ela prospera.

A partir da distinção que McLuhan fez entre a compreensão de Chesterton como um pensador analógico em oposição ao pensamento dialético e lógico, McLuhan começou a perceber as mesmas distinções em vários outros autores. McLuhan, apoiado no pensamento analógico, compreendia que o pensamento de São Tomás de Aquino foi substituído no ocidente pela lógica de Descartes e pela dialética de Hegel.

Chesterton influenciou McLuhan na crença de que as coisas eram reais e amáveis, e coerentes porque Deus as tinha criado. Para McLuhan, a pior coisa não era o materialismo no século XX, mas sim o gnosticismo, que era a negação da realidade, da bondade, da razoabilidade da criação de Deus (MARCHAND, 1989, p. 25).

Em 1933, McLuhan obteve seu diploma de bacharel da Universidade de Manitoba e começou a trabalhar na sua dissertação de mestrado intitulada *George Meredith as a Poet and Dramatic Novelist*. Meredith foi uma figura literária do século XIX cuja reputação encolheu drasticamente após a sua morte.

Para McLuhan, “[Meredith] has no derivation and no tendency; and yet he bridges the gap between the eighteenth century and the twentieth century as though the Victorian era had never been.” (MCLUHAN, 1934 *apud* GORDON, 1997, p. 37)¹¹.

Segundo Marchand (1989, p. 27), McLuhan forneceu um resumo lúcido das ideias por trás da obra deste escritor intelectual, incluindo a crença hegeliana de Meredith na "evolução criativa", que McLuhan estava começando a rejeitar enquanto escrevia sobre Meredith. Apesar de ter se dedicado durante anos a análise dos textos de Meredith, após terminar a dissertação, McLuhan dificilmente voltaria a referenciá-lo.

A partir de 1934, McLuhan começa a escrever uma série de artigos que caracterizavam o mundo moderno como afundado em corrupção a partir do pensamento de vários pensadores vitorianos, antecipando a publicação do livro *The Mechanical Bride* que viria a ser publicado em 1951. Neste livro, ele apresentaria as formas pelas quais o capitalismo industrial distorcia a vida e a sexualidade humana. Apesar das críticas ao modernismo, McLuhan não optou pelo marxismo em busca de soluções para estes problemas. Ao contrário ele considerava o marxismo desprezível. Ainda que não aprovando os erros dos fascistas, McLuhan concordava com o diagnóstico destes sobre

¹¹ “Ele não tem derivação e nem tendência; e ainda que ele preenche a lacuna entre o século XVIII e o século XX, como se a era vitoriana nunca tivesse existido.” (MCLUHAN, 1934 *apud* GORDON, 1997, p. 37).

os males do mundo moderno, e a proposta de retorno aos tempos heroicos, o enfraquecimento das utopias socialistas e do capitalismo desenfreado (Marchand, 1989, p. 27). Isso fez com que seus críticos utilizassem, segundo Marchand, os textos de McLuhan dessa época para demonstrar como McLuhan era um conservador e com tendências ultracatólicas.

No final de 1934, ele entrega a sua dissertação, e então McLuhan opta por voltar a Cambridge só que desta vez para continuar os seus estudos e não apenas a passeio como outrora. A transformação na vida de McLuhan estava apenas começando.

McLuhan tinha a opção de Cambridge ou Oxford para continuar seus estudos, mas preferiu Cambridge diante de várias sugestões. Segundo Marchand (1989), Cambridge era certamente o melhor lugar do mundo para um estudante de literatura naquele período, pois Cambridge praticamente inaugurou a crítica literária moderna. Já em Oxford, segundo o amigo e rival de McLuhan, Northrop Frye, eles ainda estavam sob o feitiço da filologia do século XVIII que era uma concepção imperialista. Ao contrário de Cambridge que a partir de 1910 estabeleceu-se com a explícita proposta de colocar a literatura sob análise crítica em vez de filologia (MARCHAND, 1989, p. 32).

Os dois anos que ele esteve na Universidade de Cambridge serviram para McLuhan esquecer tudo que havia aprendido na Universidade de Manitoba. Isso refletiu não só o impacto que os professores de Cambridge tiveram na sua vida, mas também explica porque ele se transformou em um aluno de graduação novamente, pois desconsideraram os seus diplomas anteriores (GORDON, 1997, p. 40). Seu status em Cambridge era o de um estudante afiliado, que havia ganhado um ano de crédito dos três necessários. Foi em Cambridge, então, que ele viria a realizar o seu B.A., M.A. novamente e um PhD (MARCHAND, 1989, p. 31).

Em Cambridge, ele encontrou outro ambiente intelectual e de muito mais autoridade não só dos livros que teve que lidar, mas pelos professores com quem teve contato e que não consideravam McLuhan como um aluno especial e dedicado como acontecia em Manitoba. Nesse ambiente de eruditos, mais uma vez ele era um intruso sendo considerado um caipira com forte sotaque. Diferente de seus colegas de Manitoba, os de Cambridge eram mais focados nos estudos, mas isso não mudou o fato de seus colegas não se darem bem com ele.

No início de 1935, McLuhan já havia compreendido que os conhecimentos que ele havia formado sobre a literatura em Manitoba eram completamente inúteis.

(MARCHAND, 1989, p. 31). Entre os professores que mais tiveram impacto profundo em McLuhan, com certeza está I. A. Richards. McLuhan sua disciplina onde uma das práticas comuns era dar poemas sem os nomes dos autores para seus alunos e pedir para que estes fizessem análises sobre os mesmos (Gordon, 1997, p. 48). Para analisar o poema Richards instruíu os alunos a prestarem atenção nas palavras do poema e como elas funcionavam. Ou seja, destituía-se assim a história dos autores, suas intenções, e a ideia de obras prima, verdade e beleza, não mais olhando para a poesia como a expressão de uma idade ou da vida pessoal do poeta ou como uma declaração da verdade embelezada por todos os tipos de recursos poéticos. Na opinião de Richards, um poema é simplesmente uma forma suprema de comunicação humana (Marchand, 1989, p. 33), pois o leitor analisa o poema para saber como ele consegue os seus efeitos, que é comunicar uma experiência. O estudo da literatura é na verdade o estudo do processo de comunicação segundo Marchand (1989, p. 33).

Para Richards, as palavras possuem múltiplos significados, dizendo que qualquer comunicação entre seres humanos é quase um milagre. Richards e William Empson são considerados os pais fundadores do *New Criticism*. Segundo Marchand (1989, p. 34), o próprio McLuhan se colocou posteriormente como o único a perceber a utilidade do tipo de análise do *New Criticism* para compreender os meios de comunicação eletrônicos.

Richards taught that poetry ‘remains unintelligible so long as we separate words from their meanings and treat them as mere signs fitted into a sensory pattern.’ This was a fundamental principle from which McLuhan developed his later observations and teachings on symbolism, patterns, cliché, archetype, and closure. (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 49).¹²

Uma vez que as palavras são ambíguas, elas deveriam ser analisadas em termos dos seus efeitos (às vezes subliminares) em um determinado contexto, McLuhan acreditaria, seguindo a análise de Marchand, então que o mesmo tipo de análise poderia ser realizado em outros artefatos humanos. O homem que deu McLuhan os primeiros indícios de que o *New Criticism* poderia ser uma abordagem fecunda para os estudos de todo o ambiente humano, foi a outra figura importante em Cambridge e um ex-aluno de Richards, F. R. Leavis.

¹² Richards ensinou que a poesia “permanece ininteligível enquanto nós separarmos as palavras de seus significados e tratá-las como meros sinais encaixados em um padrão sensorial.” Este foi um princípio fundamental a partir do qual McLuhan desenvolveu suas observações posteriores e ensinamentos sobre simbolismo, padrões, clichê, arquétipo, e encerramento. (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 49).

Leavis criticava abertamente as “*belles lettres*”, a literatura vitoriana e a literatura eduardiana. Para este a crítica deveria ser exercida não apenas para analisar a literatura, mas também o ambiente social. Neste escopo ele criticou a morte da chamada comunidade orgânica, em que as pessoas eram educadas nas tradições folclóricas, artesanato, e modos de vida baseados no solo e em indústrias caseiras. Isso apresentou McLuhan com a ideia de que o *Practical Criticism* poderia ser associado com a formação da consciência do ambiente e que o tipo de análise de prosa e verso poderia ser estendido para a análise de anúncios publicitários. Segundo Marchand (1989, p. 35), as análises de Leavis ajudaram McLuhan a fugir das análises puramente literárias para se tornar um estudioso sobre a sociedade em um sentido amplo e dos meios de comunicação.

Ele também despertou o interesse de McLuhan para autores contemporâneos, pois Leavis deixava de lado aqueles que ele denominava de metafísicos que eram na verdade considerados até então como os principais poetas do século XVII. Reverteu-se assim, tudo aquilo que McLuhan aprendeu em Manitoba, agora era a literatura desenvolvida até o século XX que era inferior em comparação com os contemporâneos.

McLuhan sempre insistiu, repetindo Ezra Pound, que o trabalho de um professor era para economizar o tempo de seus alunos, colocando-os em contato com o que precisavam saber. Um desses exemplos era T. S. Eliot, um dos autores favoritos de Leavis e que viria a se tornar um dos favoritos de McLuhan também.

Estes poetas reforçaram a visão de Richards da literatura como a forma de comunicação suprema. Pound e Eliot foram influenciados pelos simbolistas franceses do século XIX, que então foram influenciados por Edgar Allan Poe.

Os simbolistas franceses viram em Poe um poeta que trabalhava deliberadamente para obter efeitos. McLuhan então percebeu que se a poesia poderia ser considerada como a soma dos efeitos sobre o leitor, talvez fosse possível aplicar esse tipo de análise das tecnologias humanas (1989, p. 36). Isso significava analisar o poema não somente pelo o que ele diz, mas sim pela dinâmica que ela produz na cabeça das pessoas. Segundo o próprio T. S. Eliot *apud* Marchand:

The chief use of the “meaning” of a poem ... may be ... to satisfy one habit of the reader, to keep his mind diverted and quiet, while the poem does its work upon him; much as the imaginary burglar is always provided with a bit of nice meat for the house-dog. (1989, p. 37)¹³

¹³ “O principal uso do “significado” de um poema [...] pode ser ... para satisfazer um hábito do leitor, para manter sua mente desviada e tranquila, enquanto o poema faz o seu trabalho sobre ele, tanto quanto o

McLuhan depois em *Understanding Media* viria a parafrasear Eliot dizendo que “the ‘content’ of a medium is like the juicy piece of meat carried by the burglar to distract the watchdog of the mind” ([1964] 1969, p. 33)¹⁴.

A análise a partir de conceitos, ou “static mental pictures divorced from a rich sensory life” (1989, p. 37) – o que Eliot chamou de “dissociação de sensibilidade” foi substituída por Eliot pela análise a partir de “percepts”, ou seja, pela percepção direta. Autores como Eliot, Leavis e Richards também deram pistas para uma das mais importantes noções de McLuhan, de que a percepção humana varia de forma significativa de acordo com os sentidos predominantes no preceptor, assim como a ênfase do som na poesia. Eles sugeriram de que o modo visual de percepção é inteiramente diferente do modo auditivo, pois não funciona de acordo com uma lógica estrita, linear ou sequencial de pensamento. Esse tipo de análise viria a se tornar um dos pontos focais do trabalho feito por McLuhan.

Quando McLuhan deixou a Universidade de Cambridge, em 1936, e voltou para o Canadá para continuar a trabalhar em sua tese de doutorado ele foi confrontado com o problema de encontrar um emprego de professor em alguma universidade em um cenário econômico de plena depressão o que fez com que ele fosse procurar uma vaga fora do Canadá.

Ele começou na Universidade de Wisconsin, que era uma das melhores universidades estatais dos EUA e que tinha um departamento de letras que estava entre os mais prestigiados. Como assistente ele tinha que se encontrar com 25 alunos, três vezes por semana para discutir e ajudá-los em exercícios de composição. Esses encontros rapidamente foram transformados por McLuhan seguindo os princípios de Leavis em uma pesquisa sobre a cultura contemporânea com base em anúncios, jornais e outros (MARCHAND, 1989, p. 43).

Foi a primeira experiência de McLuhan na tentativa de compreender os americanos e em plena sala de aula. Para lidar com isso ele utilizou como método a análise da própria cultura deles, no idioma deles, mas não para os fins que estes esperavam. Isso significava trazer para discussão temas e produtos de sua realidade

ladrão imaginário que está sempre abastecido com um pedaço de boa carne para o cachorro da casa” (1989, p. 37)

¹⁴ O “conteúdo” de um meio é como a “bola” de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. ([1964], 1969, p. 33).

como jornais, anúncios, quadrinhos e outros. Para McLuhan, o desespero dos professores com a cultura contemporânea não poderia ser superada a partir do desprezo, pois se estes realmente queriam acabar com o interesse dos alunos em quadrinhos, televisão ou rock, o que professores deveriam fazer era colocar estes produtos culturais sob o mesmo tipo de análise e tratamento que as obras de Shakespeare ou Dickens já tiveram outrora.

Em 1936, McLuhan publicou um artigo sobre Chesterton “G. K. Chesterton: A Practical Mystic” que acabou chegando às mãos de um padre chamado Gerald Phelan. McLuhan já influenciado por Chesterton e a partir de uma intensa troca de cartas com Phelan acabou por se converter ao Catolicismo em Março de 1937, uma mudança que teve influência fundamental na sua trajetória até o fim da sua vida. Segundo Gordon:

Chesterton and St. Thomas Aquinas, he said, were his two biggest influences. He loved Chesterton’s rhetorical flourishes, imbibed his playfulness, turned his impulse to try out new combinations of ideas into the hallmark of the McLuhan method (GORDON, 1997, p. 54)¹⁵.

Ele escreveu uma longa carta explicando suas justificativas para Elsie e Herbert. Herbert o apoiou após receber recomendações de um padre, mas Elsie estava inconsolada. Ela sabia que ser católico iria restringir o acesso de McLuhan as principais universidades, pois ficaria restrito apenas as universidades católicas, mas McLuhan sabia disso. Ainda assim, apesar de McLuhan se tornar um católico bastante praticante, sua opção religiosa continuou sendo um assunto privado durante toda a sua vida. Para ele, uma vez tomada à decisão, não era mais preciso se justificar ou explicar sobre o assunto (GORDON, 1997, p. 55). Segundo Marchand:

The fact that real bread and real wine were transformed, through the actions of the priest, into the real Body and the real Blood of Christ was the ultimate refutation of both materialism and gnosticism, the denial of the supernatural world and the denial of the natural world. It also meant that Christ blessed the very senses of the human body, giving humans an advantage even over the angels. (1989, p. 46)¹⁶

¹⁵ Chesterton e São Tomás de Aquino, segundo ele, foram as suas duas maiores influências. Ele amava os floreios retóricos de Chesterton, absorveu a sua ludicidade, transformou o seu impulso de experimentar novas combinações de idéias na marca do método de McLuhan (GORDON, 1997, p. 54).

¹⁶ O fato que o pão real e o vinho real foram transformados, através das ações do sacerdote, no Corpo e no real Sangue de Cristo foi a refutação definitiva de tanto o materialismo quanto do gnosticismo, a negação do mundo sobrenatural ea negação do mundo natural. Também significava que Cristo abençoou os próprios sentidos do corpo humano, dando aos seres humanos uma vantagem ainda sobre os anjos. (1989, p. 46)

Em pouco menos de dois anos McLuhan já estava cansado de Wisconsin e estava procurando justamente por uma universidade católica que pudesse preencher o seu desejo de participar de círculo de intelectuais importante. Com essa expectativa que ele foi para St. Louis University, uma universidade jesuíta conhecida como uma das melhores universidades católicas dos EUA, e que tinha um departamento de letras bastante influenciado por Cambridge, pois vários professores haviam sido instruídos lá (GORDON, 1997, p. 77). Ela não era uma das melhores universidades nos Estados Unidos, mas entre as católicas ela mantinha um lugar de prestígio, mas como boa parte das universidades católicas o salário era baixo, a biblioteca não era das melhores e enquanto instituição ela era gerenciada por clérigos. Mas ao mesmo tempo McLuhan ganhou enormes incentivos e liberdades no seu departamento ao ponto do seu chefe de departamento, Padre William McCabe, convidar McLuhan a lecionar na pós-graduação um curso sobre *Practical Criticism* no seu segundo semestre na universidade (GORDON, 1997, p. 78).

As universidades católicas não haviam ainda escapado completamente da ideia de que elas eram basicamente instrumentos para a formação de sacerdotes. Foi só a partir de 1937 que começou uma mudança de pensamento que insistia que o departamento podia ser mais bem gerenciado por um leigo do que por um medíocre jesuíta diz Marchand (1989, p. 47).

Em St. Louis ele conheceu J. Muller-Thym professor de filosofia que deu a primeira introdução sobre a vida e a filosofia da Idade Média e da Renascença para McLuhan enquanto faziam suas extensas caminhadas. Foi a partir de Muller-Thym que McLuhan percebeu que a Idade Média era muito mais complexa e rica do que ele conheceu a partir de Chesterton, conhecimento este que foi aplicado diretamente na sua tese.

Durante esse período, McLuhan continuava a escrever artigos sobre a crítica da cultura. Em 1938 na edição da revista universitária *Fleur de Lis* ele fez um artigo chamado “Peter or Peter Pan” onde ele condenava a propaganda, industrialismo, big business e marxismo em contraste com São Pedro (*Saint Peter*) e os princípios eternos da igreja católica.

Elsie que estava estudando em Pasadena, conheceu uma jovem atriz chamada Corinne Keller Lewis (GORDON, 1997, p. 81). Nascida em 1912, graduada e professora de drama e *speech teacher*, impressionou McLuhan desde o princípio a ponto de se

casar com ela tempos depois. Ainda assim havia três problemas contra McLuhan para o relacionamento dar certo. Ele era católico enquanto a família dela era batista, ele era um professor universitário e com isso condenado a uma situação financeira difícil e ele era canadense, ou seja, uma figura do norte. Depois de várias discussões, quando McLuhan iria voltar para Cambridge para terminar o seu PhD, ele enviou um ultimato para Corinne e eles acabaram se casando em 1939 (GORDON, 1997, p. 86).

Eles foram em lua de mel para a Europa tendo Cambridge como destino final. O dia que chegaram a Cambridge foi justamente o dia em que a Segunda Guerra Mundial começou 1º de Setembro de 1939. Eles se hospedaram perto da universidade e se estabeleceram para uma estadia de dois anos, financiado em parte por uma bolsa de estudos do governo canadense.

A ideia inicial de McLuhan era escrever a tese intitulada *The Arrest of Tudor Prose* com o objetivo de demonstrar que:

[...] English prose had suffered a severe setback with the execution of the great English humanist and Catholic martyr Thomas More. It was an idea consistent with the notion McLuhan had presented to his first tutor at Cambridge, Lionel Elvin, that the Reformation was the greatest cultural disaster in the history of civilization. (MARCHAND, 1989, p. 54)¹⁷

Mas quando chegou a Cambridge sua ideia mudou, ele percebeu que a prosa durante a dinastia Tudor (1485-1603) na Inglaterra continuou a florescer, e a literatura em prosa que se desenvolveu era incrivelmente rica durante o período como Muller-Thym lhe chamou a atenção e não que essa diversidade no século XVI tinha sido uma anomalia. Uma destas prosas era a de Thomas Nashe um jornalista conhecido também pelo seu humor polêmico e satírico que tinha ganhado certa notoriedade em Cambridge na época em que McLuhan era estudante de graduação.

His high-spirited, colloquial style, his indulgence in seemingly endless and pointless literary horseplay, and his appetite for words and puns made him very attractive to people like Empson and other New Critics who were more interested in the way writers handled language than in their "ideas." No less a writer than James Joyce took Nashe as a model. (MARCHAND, 1989, p. 54)¹⁸

¹⁷ [...] a prosa inglesa sofreu um grave revés com a execução do grande humanista Inglês e mártir católico Thomas More. Foi uma ideia consistente com a noção McLuhan tinha apresentado a seu primeiro tutor de que a Reforma foi o maior desastre cultural na história da civilização. (MARCHAND, 1989, p. 54)

¹⁸ Seu alto astral, estilo coloquial, sua indulgência na aparentemente interminável e sem sentido brincadeira literária, e seu apetite por palavras e trocadilhos fez ele ficar muito atraente para pessoas como Empson e outros New Critics que estavam mais interessados nas maneiras em que escritores tratavam a linguagem do que nas suas "idéias". Nada menos do que o escritor James Joyce tomou Nashe como modelo. (MARCHAND, 1989, p. 54)

McLuhan decidiu escrever sua tese sobre Nashe e quanto mais que ele se aprofundava no estudo, mais ele se desviava de Nashe enquanto tema da tese e se dedicava ao estudo profundo da influência da teoria antiga e prática da retórica no trabalho de Nashe. McLuhan começou a perceber que quase toda a história cultural do Ocidente poderia ser lida em termos de uma batalha entre as três artes liberais (*trivium*) composta pela retórica, gramática e dialética (lógica) na qual McLuhan dedica $\frac{3}{4}$ da tese para analisar. O estudo de McLuhan sobre o estilo de Nashe começou com um entendimento geral sobre a teoria e prática da retórica no seu período e concluiu que o século XVI foi justamente uma era da retórica (GORDON, 1997, p. 104).

O *trivium* em conjunto com as ciências do *quadrivium* formavam o currículo do estudo durante a Idade Média e Grécia e Roma antiga. A origem desse embate tem suas raízes desde Sócrates enquanto um dialético e seu desprezo para com os sofistas enquanto retóricos. E os gramáticos se juntando ocasionalmente com os retóricos contra os dialéticos (lógicos).

Dessa forma, a análise sobre Nashe é ao mesmo tempo o estopim¹⁹ que faz com que se aventure no trabalho sobre o Trivium, mas também uma prova da vitalidade dessa chave de leitura para entender suas consequências. McLuhan utilizou o trivium como chave de leitura, mas dando clara preferência para o ponto de vista da gramática e que iria servir como base para análise dos meios de comunicação e tecnologias para toda a sua vida.

Cada um dos três segmentos do trivium representa uma maneira diferente de olhar o mundo. A gramática é a arte de interpretação em geral e é primariamente uma atividade humanística (GORDON, 1997, p. 104) e floresce em conjunto com a retórica. A retórica tem como função a produção da eloquência, a arte da persuasão e é inseparável da virtude política e ética. E a dialética enquanto atividade filosófica tem como tarefa a argumentação teórica, a lógica e a explicação em forma de razão crítica.

[Grammar's] claim to be viewed as an important basis of scientific method, both during antiquity and continuously throughout medieval times, and in the work of Francis Bacon, has, I think, never been indicated till the present study. (MCLUHAN, 2006, p. 15)²⁰

¹⁹ Há críticas que dizem que a ideia pode ter aparecido antes ou depois.

²⁰ [...] a reivindicação [da Gramática] de ser vista como uma importante base do método científico, tanto durante a antiguidade e continuamente ao longo dos tempos medievais, e na obra de Francis Bacon, nunca foi, creio eu, indicada até o presente estudo. (MCLUHAN, 2006, p. 15)

Para McLuhan, havia uma disputa da dialética contra a gramática e a retórica. A gramática enquanto arte da interpretação em termos gerais permitia uma análise para além da literatura e foi estendida para a análise do universo enquanto o livro da natureza:

[...] was based on the belief that all human knowledge inhered in language. To the ancient Stoics, who developed this science, the universe itself was the Logos, or divine word; the order of human language and the order of reality were closely related. (MARCHAND, 1989, p. 55)²¹

Posteriormente, a discussão sobre trivium foi sistematizada em parte por Petrus Ramus, que viria a ser objeto de estudo de Walter Ong, aluno de McLuhan em St. Louis.

Para McLuhan, a gramática é a arte de reunir e interpretar fenômenos e textos. Os gramáticos são considerados como alquimistas e enciclopedistas que acreditam poder estudar tudo em termos de formas gramaticais de uma linguagem subjacente. E uma vez que a natureza é encarada como uma linguagem, ela poderia ser explicada a partir das artes liberais (*trivium*).

A gramática entendida como as mecânicas da linguagem, a retórica enquanto o uso da linguagem para a instrução e persuasão e a lógica enquanto a lógica é compreendida como as mecânicas do pensamento e análise. McLuhan ser favorável aos gramáticos também pode ser justificado pelo seu gosto pela etimologia, análise das palavras e as figuras de linguagem.

There McLuhan documents the modern failure to understand the nature of grammar in the ancient and medieval worlds, and traces the unbroken tradition linking Francis Bacon, Thomas Urquhart, the Cambridge Platonists, James Harris, Etienne de Condillac, Auguste Comte, Alfred Korzybski, and the Chicago University school of encyclopedists. The objective is to demonstrate the outgrowth of the tradition uniting science and grammar by the concept of language as the expression and analogy of the Logos. (GORDON, 1997, p. 107)²²

²¹ [...] foi com base na crença de que todo o conhecimento humano é embutida na linguagem. Para os antigos estoícos, que desenvolveram esta ciência, o próprio universo era o Logos, ou palavra divina, a ordem da linguagem humana e a ordem da realidade estavam intimamente relacionadas. (MARCHAND, 1989, p 55.)

²² Ali McLuhan documenta o fracasso moderno em compreender a natureza da gramática nos mundos antigos e medievais, e traça a tradição ininterrupta que liga Francis Bacon, Thomas Urquhart, os platônicos de Cambridge, James Harris, Etienne de Condillac, Auguste Comte, Alfred Korzybski, e a escola de enciclopedistas da Universidade de Chicago. O objetivo é demonstrar a consequência da ciência tradição unificadora e gramática pelo conceito de linguagem como a expressão ea analogia do Logos. (GORDON, 1997, p. 107)

Para McLuhan era impossível entender a cultura ocidental sem entender as relações mutáveis entre gramática, retórica e dialética e sem tomar a posição de um deles.

Dialectics is described in grammatical terms from a rhetorical point of view by the Sophists; the dialecticians subordinate grammar and rhetoric to their art; the rhetoricians subordinate dialectics to the first two divisions of their art. But there is harmony as well as rivalry among the arts of the trivium. (GORDON, 1997, p. 108)²³

Durante a Idade Média a ênfase foi na dialética e no desenvolvimento da lógica, mas que foi desafiada na renascença pela retórica e gramática. Então no século XVII, Descartes novamente mudou o equilíbrio ao enfatizar a lógica (MARCHAND, 1989, p. 56). Para McLuhan, no século XX, a gramática, embora ainda sob ataque de matemáticos e lógicos, tinha voltado a ser favorecida com o advento da *New Criticism* e sua ênfase na análise verbal de textos literários. Posteriormente McLuhan iria relacionar a gramática com o mundo acústico (como no conceito de T. S. Eliot de *auditory imagination*) desenvolvido pelos meios eletrônicos enquanto a dialética pertenceria ao mundo visual fomentado pelo alfabeto fonético e pela invenção da prensa.

Na volta de McLuhan e Corinne para a universidade de St. Louis in 1940 marcou o início do período mais depressivo, em alguns aspectos, da vida acadêmica de McLuhan (MARCHAND, 1989, p. 57).

McLuhan, diferente da maioria dos acadêmicos não conseguia demarcar uma área minimamente gerenciável para seguir durante o resto da sua vida isso fazia com que enfrentava dificuldades em restringir a abrangência da tese. Uma das alternativas para avançar em várias áreas de interesse de McLuhan era o alistamento de seus alunos enquanto colaboradores como um deles fazendo uma tese sobre Bacon e a arte da retórica. Já um dos mais importantes foi o Padre Walter Ong, que apesar de sua dissertação não chamar a atenção de McLuhan, sua tese foi sobre renascentista teólogo Peter Ramus, defensor da dialética e da lógica utilitarista em contraste com Nashe, Bacon e Cícero. McLuhan encarava seus orientandos como colaboradores muito mais do que orientandos, pois ele não fazia qualquer tipo de orientação para ajudar os seus

²³ A dialética é descrita em termos gramaticais, de um ponto de vista retórico pelos sofistas; os dialéticos subordinam a gramática e a retórica à sua arte; os retóricos subordinam a dialética às suas primeiras duas divisões da sua arte. Mas há harmonia, bem como a rivalidade entre as artes do trivium. (GORDON, 1997, p. 108)

estudantes a conseguirem recortar seus projetos de pesquisa. Mas ele se preocupava com o futuro profissional deles indicando eles para várias posições acadêmicas.

As disciplinas de McLuhan eram um retrato de seu desenvolvimento. Uma delas baseada no livro *Culture and Environment* de F. R. Leavis e a outra uma disciplina sobre *Practical Criticism* em que ele fazia o mesmo tipo de exercício de Ivor Richards. Durante as aulas McLuhan demonstrava que algumas das técnicas dos retóricos renascentistas tinham sido apropriadas no século XX justamente para criar publicidades.

Enquanto McLuhan desenvolvia suas aulas tendo o *Practical Criticism* como base, nasceu Eric McLuhan em Janeiro de 1942, o primeiro dos seis filhos de McLuhan e Corinne. McLuhan não tinha muito jeito para criança. Ele era gentil, mas seus pensamentos e percepções estavam longe dali, tudo ficava a cargo da Corinne. O que McLuhan fazia era tentar proteger seus filhos da influência dos meios de comunicação utilizando métodos parecidos com o de sua mãe ao pedir os seus filhos que recitassem poemas e citações de grandes poetas como tópicos de discussão. Segundo Marchand (1989, p. 62), McLuhan era obcecado pelo seu trabalho, só o seu relacionamento com Deus tinha prioridade sobre isso e a família tinha que se contentar com o terceiro lugar.

Com o nascimento de Eric, as finanças da família foram afetadas e McLuhan encontrava um ambiente cada vez menos propício na sua universidade. Para dar conta dos novos gastos com a família e pela falta de prestígio McLuhan escreveu pedindo recursos para a administração da universidade. Além disso, seu amigo diretor do departamento acabou saindo da Universidade e um dos desafetos de McLuhan acendeu ao poder, o que acendia ainda mais o sentimento de conspiração contra ele. Para completar a situação, após a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial o departamento de letras foi todo orientado a ensinar estudantes de enfermagem como escrever relatórios, o que foi uma tortura para McLuhan. Somente em 1943 com o diploma de doutorado pela tese *The Place of Thomas Nashe in the Learning of His Time* (posteriormente viria a ser publicado como *The Trivium: The Place of Thomas Nashe in the Learning of His Time*, 2006) é que a situação melhorou e abriu-se a possibilidade de mudar de universidade.

Após o término da tese, McLuhan estava querendo publicar artigos em diversas revistas de universidades que poderiam aceitá-lo como professor. Várias tentativas foram frustradas com editores que acabaram por negar a publicação (GORDON, 1997, p.

115) ou pedindo que o texto fosse mais claro em sua estrutura, o que aumentava a opinião de McLuhan de que ele era incapaz de lidar com o academicismo.

Seus artigos denunciavam as ameaças à moralidade contemporânea como a feminização do mundo com tons de anti-homosexualismo, e que a vida industrial e comercial estava destruindo a monogamia, a família tradicional e a vida em comunidade. Mas segundo Marchand, o sucesso de McLuhan estava nos artigos que combinavam cultura e criticismo social com a perspectiva literária dos estudos sobre o *trivium* (1989, p. 67).

Em pouco tempo, o Padre William McCabe assim como Bernie Muller-Thym deixaram a universidade de Saint-Louis e o senso de comunidade intelectual que McLuhan prezava tanto se esvaiu (GORDON, 1997, p. 123). Com isso, McLuhan acertou sua volta ao Canadá em 1944 para a Assumption College, na cidade de Windsor, Ontario. O colégio era gerenciado pela ordem basílica da igreja católica e era conhecida como uma das mais liberais, mas academicamente era considerada de menor prestígio que St. Louis. Mas seu diretor era um entusiasta e conseguia mesmo sem dinheiro e funcionários atrair vários intelectuais importantes na tentativa de transformá-la em uma grande universidade, o que não aconteceu.

Durante o tempo que esteve em Windsor, McLuhan começou a apresentar os primeiros problemas de saúde também. Primeiro foram as dores no coração e depois os primeiros apagões mentais (*blackouts*), que se tornaram mais frequentes principalmente no final da década de 1960.

McLuhan continua lidando com os seus filhos e filhas da mesma maneira e a feminização da sociedade que ele criticava que estava acontecendo também estava acontecendo na sua própria casa de McLuhan. Em 1945 duas filhas gêmeas nasceram e as mulheres passaram a ser a maioria em sua casa. Depois em 1947 e 1950 mais duas meninas nasceram e um segundo filho em 1952.

Foi também em Windsor que McLuhan conheceu um dos seus ídolos: o pintor e escritor Wyndham Lewis, que viria a se tornar um dos seus grandes amigos. Inicialmente, McLuhan foi atraído para Lewis, já que compartilhavam os mesmos inimigos. McLuhan tinha pouco apreço para com as mudanças que ele estava descrevendo e por causa disso ele se sentia impelido em estudar as mudanças para não ser atropelado por elas. Wyndham Lewis ajudou McLuhan a estudar o ambiente a partir de um método capaz de estudar qualquer coisa do ambiente social. Isso também era

direcionado para os seus alunos, em que McLuhan dizia a eles que eles estavam em transe e que a sua missão era acordá-los. De outro lado, a influência de Lewis também trouxe um importante revés. Lewis tinha o hábito de ver antagonistas artísticos e intelectuais como inimigos e em McLuhan essa influência se apresentava pela sua desconfiança que autores pertencentes a escolas teóricas diferentes estavam sempre confabulando em conjunto contra a verdade e contra ele. McLuhan continuou em seus artigos:

McLuhan repeated his conviction that the educational system was helpless against the powerful onslaught of such daydreams, that children received their real education from the media and not from their schoolteachers, and that the only hope of educators was to bring the media within the classroom and try to encourage students to conduct some sort of rational analysis of it. (MARCHAND, 1989, p. 77)²⁴

Perto do final de seu segundo ano em Windsor, na primavera de 1946, McLuhan, chegou a escrever para Wyndham Lewis dizendo sobre a universidade “There is terrible social cowardice” (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 129)²⁵. Pouco tempo depois ele recebeu uma oferta para lecionar na Faculdade de St. Michael, da Universidade de Toronto. A ida para Toronto seria a última da família, tirando por um ano que estiveram em Nova York, McLuhan iria passar o resto da vida lecionando e vivendo em Toronto.

A St. Michael’s College em 1946 era uma instituição parecida com a St. Assumption College e St. Louis. Era uma universidade de católica em que os professores deveriam começar cada aula com uma oração, e um lugar dirigido por e para sacerdotes basilios. Com isso a instituição se transformou em um reduto para professores medíocres que encontravam lá um abrigo (MARCHAND, 1989, p. 80)

Mais uma vez McLuhan encontrou uma instituição católica que no final dos anos 1940, que se sentia inferior em relação aos demais colégios da universidade. De um lado isso era o resultado de uma crença generalizada de que a educação católica era obrigada a ser inferior, e em parte era um reflexo dos salários serem mais baixos do que as demais universidades, Um argumento dado por McLuhan era de que a educação

²⁴ McLuhan repetiu sua convicção de que o sistema educacional era impotente contra o ataque poderoso de tais devaneios, que as crianças receberam a sua educação real dos meios de comunicação e não de seus professores, e que a única esperança de educadores foi trazer os meios de comunicação para a sala de aula e tentar incentivar os alunos a realizar algum tipo de análise racional da mesma. (MARCHAND, 1989, p. 77)

²⁵ "Existe terrível covardia social" (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 129).

católica foi bloqueada por causa de seu afastamento do século XX em relação as realizações nas artes e nas ciências, especialmente as artes.

Em St. Michael, McLuhan expandiu as suas relações dentro da universidade, conversando com colegas de outros departamentos (principalmente filosofia) e fazendo perguntas sobre as suas disciplinas. De um lado para satisfazer sua própria curiosidade e de outro para estimular a pesquisa nas áreas em que ele acreditava serem interessantes. Ainda que poucos se interessassem e o clima não fosse de simpatia sobre as suas ideias, isso não impediu que McLuhan conhecesse de forma mais direta as outras disciplinas e professores importantes (MARCHAND, 1989, p. 81).

Um deles era o professor A. S. P. Woodhouse, um dos maiores eruditos da universidade e chefiou o departamento de literatura durante longos anos. Woodhouse via em McLuhan a morte de seu próprio mundo. O fim de uma forma do ensino de letras na universidade que era totalmente antipática para linhas de análise como o *New Criticism* que McLuhan trouxe com ele de Cambridge. De outro lado McLuhan era o primeiro de muitos doutores enquanto Woodhouse jamais obteve o grau de doutor (MARCHAND, 1989, p. 82).

McLuhan não se importava tanto com os incômodos dos seus colegas, mas como a hostilidade de seus colegas iria afetar seus alunos, já que esses sim poderiam ser penalizados por serem orientandos dele. Além de penalizados, muitos alunos eram desencorajados por professores a cursarem as disciplinas de McLuhan. Seja por este ou outros fatores, McLuhan só orientou sete teses durante todo o período que foi professor da Universidade de Toronto.

O estilo de McLuhan enquanto professor também sempre foi característico. McLuhan não gostava do sistema por notas ou de provas, ele preferia anotar apenas quantas ideias boas existiam nos ensaios que seus alunos apresentavam. E tratava estes como colaboradores que poderiam perseguir caminhos que ele não tinha pernas suficientes.

Outro colega que teve impacto em McLuhan e se tornou discípulo foi Hugh Kenner, que tinha acabado seu M.A. na Universidade de Toronto quando eles se conheceram em 1946. Segundo Kenner, McLuhan nessa época considerava James Joyce como meramente mecanicista (MARCHAND, 1989, p. 94). Ainda que McLuhan já tivesse lido Joyce, segundo Marchand, foi Kenner quem introduziu McLuhan a um tipo diferente de James Joyce. McLuhan encontrou em Joyce e principalmente no livro

Finnegans Wake o mistério perfeito. Ele afirmava que a investigação produziu algumas de suas mais importantes descobertas em seus estudos dos meios de comunicação por causa deste livro. Quase tudo poderia ser inferido a partir dos trocadilhos de múltiplos níveis de *Finnegans Wake*.

Além disso, o livro de Joyce reformou a suspeita em relação a psicologia sensorial que McLuhan absorveu de São Tomás de Aquino através de Muller-Thym de que uma visão lógica e sequencial da realidade desenvolveu-se a partir da imaginação primariamente visual em oposição a “auditory imagination” de T. S. Eliot (MARCHAND, 1989, p. 95).

Na imaginação auditiva, palavras ressoam com diferentes níveis de significação ligando o moderno com o mais primitivo, e *Finnegans Wake* apresenta uma visão da língua como proporcionando, nas palavras de McLuhan, “uma ininterrupta linha de comunicação com a totalidade do passado humano” (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 95)²⁶.

Joyce, perhaps the greatest Thomist of this century, reminded McLuhan that the senses are a form of reason; they recapture, by analogy as it were, the forms and movements of reality in the human mind. Therefore McLuhan felt that to leave any of the senses out of one’s perception of something was literally irrational. And the sensory preferences of an individual were not a mere idiosyncrasy but a clue to his very character. As a result, McLuhan’s studies of media tended to emphasize the sensory effects, but not sensory effects as measured, say, by a clinical psychologist. (MARCHAND, 1989, p. 95-96)²⁷.

In that sense, the book certainly shatters the habit of seeing human history as a linear and sequential process by showing both past and present as present in the medium of human speech — not speech as nailed down in print, with one or two dictionary meanings attached to each word, but speech the way, Eliot and the ancient grammarians saw it, echoing with a rich and elaborate and meaningful history.²⁸

Isso fez com que McLuhan compreendesse os sentidos como uma forma de

²⁶ “an unbroken line of communication with the totality of the human past.” (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 95)

²⁷ Joyce, talvez o maior tomista deste século, lembrou McLuhan que os sentidos são uma forma de razão; eles recapturaram, por analogia, por assim dizer, as formas e os movimentos da realidade na mente humana. Portanto McLuhan sentiu que deixar qualquer dos sentidos de sua percepção de que alguma coisa era literalmente irracional. E as preferências sensoriais de um indivíduo não eram uma mera idiosincrasia, mas uma pista para seu próprio caráter. Como resultado, os estudos de McLuhan dos meios de comunicação tendem a enfatizar os efeitos sensoriais, mas não os efeitos sensoriais enquanto mensurado, como, por exemplo, por um psicólogo clínico. (MARCHAND, 1989, p. 95-96).

²⁸ Nesse sentido, o livro certamente quebra o hábito de ver a história humana como um processo linear e sequencial, mostrando tanto do passado e do presente como presente através da fala humana - não fala como pregado na impressão, com um ou dois significados do dicionário ligados a cada palavra, mas fala a forma como, Eliot e os gramáticos antigos viram, ecoando com uma história rica e elaborada e significativa. (MARCHAND, 1989, p. 95).

razão, pois eles recapturam, por analogia, por assim dizer, as formas e os movimentos da realidade na mente humana (MARCHAND, 1989, p 96). Como resultado, os estudos de McLuhan dos meios de comunicação tendem a enfatizar os efeitos sensoriais, mas não como uma forma de mensurá-los. McLuhan, por exemplo, considerava a televisão como um meio de comunicação tátil em vez de visual. Para Marchand, é possível justificar esse tipo de análise quando se observa o uso da teoria aristotélica e medieval da sensação por McLuhan.

In that theory, the senses are agents operating in the mind as a kind of artistic collective, working together in a very delicate balance to recapture reality. When the media upset that balance, disaster strikes. (MARCHAND, 1989, p. 96)²⁹

Outro autor que influenciou diretamente McLuhan foi Ezra Pound. Ambos tinham certo horror da cultura popular, mas defenderam-se contra ela de maneiras muito diferentes: McLuhan, estudando a cultura e Pound optou por ignorá-la completamente.

Mas estudar a cultura e escrever sobre ela são coisas diferentes, pois escrever livros nunca foi algo fácil para McLuhan. Até mesmo na hora de avaliar os estudantes durante as suas aulas, transformava-se em uma conversa casual, na qual o estudante era forçado a desenvolver seu conhecimento sobre os textos. Vários estudantes que saíam de suas aulas e se transformaram em colaboradores de McLuhan acabaram sendo chamados de *mcluhanatics* e até serviam de co-leitores dos periódicos e livros que vários correspondentes mandavam pra McLuhan. Esse tipo de relação de discutir, conversar seja pessoalmente ou via carta fazia parte de McLuhan e também da sua dificuldade de escrever.

Isso não impedia McLuhan de tentar formar um grupo coeso de intelectuais. McLuhan, durante os anos 40, organizou vários grupos de discussão sobre diversos temas como estudar grego, ler *Finnegans Wake*, ou livros específicos de psicólogos e antropólogos contemporâneos, mas a proposta de fundar uma revista científica sempre esteve entre as prioridades (GORDON, 1997, p. 135).

Apesar de McLuhan reclamar de boicotes aos seus artigos nas revistas, seus artigos apareceram em diversas revistas a partir de 1946. Em 1947, no artigo “American Advertising”, McLuhan continuou o estudo dos efeitos das técnicas da publicidade.

²⁹ Nessa teoria, os sentidos são agentes que operam na mente como uma espécie de coletivo artístico, trabalhando juntos em um equilíbrio muito delicado para recapturar a realidade. Quando a mídia perturbar esse equilíbrio, acontece um desastre. (MARCHAND, 1989, p. 96)

Certamente, para muitos, a relação de McLuhan com a propaganda é ambígua. Mas McLuhan tinha receio sobre os efeitos da propaganda, mas ao mesmo tempo tinha certa admiração pelos publicitários, pois para ele, assim como os grandes artistas, os publicitários sabiam que seu trabalho era alcançar certos efeitos na mente de seu público. Uma vez que eles usavam as mesmas técnicas que os artistas, incluindo as técnicas dos poetas simbolistas (MARCHAND, 1989, p. 106-107). Para McLuhan, o poder das publicidades só poderia ser detido se as pessoas parassem de ignorá-las e começassem a prestar atenção seriamente nelas.

Após sete anos em desenvolvimento as análises de McLuhan sobre publicidade que faziam parte do dia a dia das suas aulas finalmente ganharam forma no seu primeiro livro em 1951 *The Mechanical Bride*. Devido a essa demora, segundo o próprio McLuhan no artigo "Sight, Sound and the Fury" (1954), o livro chegou atrasado fazendo com que os seus principais pontos de análise irrelevantes, pois a penetração da televisão começar a se difundir enquanto a era da prensa tinha começado a declinar. (MARCHAND, 1989, p. 109). O livro segundo Gordon (1997, p. 141):

McLuhan's media analysis at this early stage found its roots in I. A. Richards, who analyzed what McLuhan would later call mankind's first technology — language. In analyzing the media of popular culture — magazines and newspapers — McLuhan focused on both form and content; later he would move to analysis of the effects of form alone: typography in *The Gutenberg Galaxy*-, television's cathode-ray tube in *Understanding Media*.³⁰

Um dos elementos que comprovam a falta de tato de McLuhan com seus livros é que após anos de *clippings* de campanhas publicitárias e análises para a realização do *The Mechanical Bride* (1951), ele enviou uma caixa para o seu editor. O editor Sean Manley ficou horrorizado quando finalmente abriu a caixa. Dentro havia um manuscrito 500 páginas além de centenas de jornais amarelados e recortes de revistas ligados com cliques de várias páginas. Apesar disso, Manley sabia que tinha algo diferente no livro de McLuhan, uma crítica de uma cultura inteira a partir da publicidade. Como ficaria característico durante toda a sua vida podia-se perceber que as frases curtas e de impacto eram o forte do McLuhan, mas o mesmo não tinha paciência para esclarecer as ideias.

³⁰ Análise de dos meios de comunicação de McLuhan nesta fase inicial encontrou suas raízes em I. A. Richards, que analisou o que McLuhan chamaria mais tarde a primeira tecnologia da humanidade - linguagem. Ao analisar os meios de comunicação da cultura popular - revistas e jornais - McLuhan focou na forma e conteúdo, mais tarde ele se mudaria para a análise dos efeitos da forma sozinha: tipografia em *The Gutenberg Galaxy*, tubo de raios catódicos da televisão em *Understanding Media*. (1997, p. 141)

Ele não gostava de fazer cortes, ele também não gostava de expansão em um assunto, no sentido de dar exemplos ou sublinhando o seu ponto. “Isso o aborrecia”, comenta Manley. “He wrote in the style of a man who refused to bore himself” (MARCHAND, 1989, p. 109)³¹.

It was, in any case, his last protest against the ravages of capitalism, industrialism, dialectical thinking, and mechanistic automatism in general. He was soon to discover that the automatism portrayed in *The Mechanical Bride* was yielding to a new tribalism. The study of this new tribalism would strip the last traces of moral earnestness from his prose and immerse him completely in the role of explorer, the relentless seeker of insights unhindered by the striking of moral attitudes. (MARCHAND, 1989, p. 110)³²

O livro vendeu poucas cópias, mas recebeu críticas respeitadas, segundo Marchand, isso serviu como estímulo para McLuhan procurar novas abordagens para o estudo da sociedade. McLuhan a partir de 1951 não estava mais interessado em lutar no campo da crítica literária, mas começa a desenvolver um interesse nas tecnologias. Seu interesse em tecnologia deveu-se não apenas a um desgosto com estudos da literatura, mas também pela exposição ao trabalho de Harold Adams Innis professor da Universidade de Toronto (MARCHAND, 1989, p. 111).

Quando Innis e McLuhan se encontraram nos final dos anos 40, Innis estava lidando com as implicações dos meios de comunicação na sociedade desenvolvendo conceitos importantes como monopólios de conhecimento e as tendências dos meios de favorecerem o espaço ou tempo e que iremos descrever em detalhe no capítulo dedicado.

Em 1949, em uma das reuniões do grupo de discussão formado por Innis, Innis falou sobre as características da imprensa e do rádio, que esses meios necessariamente tinham características a parte do que eles divulgavam ou imprimiam. Marchand (1989, p. 112) diz que esse era um grupo informal que McLuhan e que pelas palavras dele dá a entender que McLuhan teria organizado e que a participação de Innis era esporádica. Mas na verdade o grupo foi formado por Harold Innis por orientação da Fundação Rockefeller que destinou 20 mil dólares para o projeto (BUXTON, 2004)

³¹ “Ele escreveu no estilo de um homem que se recusou a aborrecer-se.” (MARCHAND, 1989, p. 109).

³² Foi, em qualquer caso, o seu último protesto contra os estragos do capitalismo, o industrialismo, o pensamento dialético, e automatismo mecanicista em geral. Ele estava prestes a descobrir que o automatismo retratada em *The Mechanical Bride* foi cedendo a um novo tribalismo. O estudo deste novo tribalismo tiraria os últimos vestígios de fervor moral de sua prosa e mergulha-lo completamente no papel de explorador, o buscador incansável de insights desimpedido das marcantes atitudes morais. (MARCHAND, 1989, p. 110)

Innis disse, por exemplo, que os jornais promoveram uma preocupação com o imediato, à custa de qualquer senso de continuidade. Rádio, com seu caráter semipública e conseqüente necessidade de regulamentação do governo, fomentou a centralização do governo. Antes e depois das reuniões McLuhan e Innis mantiveram contato esporádico, Innis ocasionalmente aparecia nas reuniões, apesar dos dois nunca terem desenvolvido uma proximidade como amigos ou como colegas. A influência de Innis no pensamento de McLuhan seria tanta que Philip Marchand diz que diversas frases do livro *The Bias of Communication* ([1951] 2008) de Innis soam como se fosse escritas por McLuhan. McLuhan viria a dizer que seu próprio trabalho não seria mais do que uma nota de rodapé ao trabalho de Innis. (MCLUHAN, 1962)

McLuhan ficou enormemente impressionado com o grau de conhecimento do seu colega da economia política e história, especialmente nos aspectos relacionados com os meios de comunicação. Innis realizou diversas pesquisas que McLuhan queria fazer e o apontou para diversas pesquisas posteriores. Desde F. R. Leavis diz Marchand, que um professor não estimulava tanto o pensamento de McLuhan.

Innis, segundo Marchand, foi o impulso extra que colocou McLuhan no estudo dos meios de comunicação. O entusiasmo de McLuhan com o trabalho de Innis fica evidente quando ele se questiona “How did that hick Baptist ever come up with this amazing method of studying the effects of technology?” (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 113)³³.

McLuhan, então, adapta seu método de análise para os meios de comunicação e tecnologias. Para Marchand, esse método McLuhan já estava preparando desde Cambridge, mas agora com o entendimento de que a linguagem é a maior de todas as tecnologias da comunicação.

Had not Richards and Empson and Leavis taught him to look to the effects of this particular technology? Had not his study of the ancient *trivium* taught him to analyze the way people experienced this technology, not what its “content” was supposed to be? By emphasizing communication, Innis had set up a perfect arena for McLuhan’s work — although McLuhan entered it via Cicero and T. S. Eliot instead of through fur trappers and wood pulp manufacturers. (MARCHAND, 1989, p. 114)³⁴

³³ “Como esse caipira Batista já chegou com este método incrível de estudar os efeitos da tecnologia?” (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 113)

³⁴ “Se Richards e Empson não tivessem lhe ensinado a olhar para os efeitos desta tecnologia em particular? Se não tivesse o seu estudo do antigo *trivium* lhe ensinado a analisar a forma como as pessoas experimentavam esta tecnologia, e não o que seu “conteúdo” deveria ser? Ao enfatizar a comunicação, Innis montou uma arena perfeita para o trabalho de McLuhan - embora McLuhan entrado através de Cícero e T. S. Eliot, em vez de através de caçadores de peles e fabricantes de polpa de madeira.” (MARCHAND, 1989, p. 114)

Para se preparar para o trabalho que vinha pela frente, McLuhan escreveu para Pound em 1951 dizendo que queria absorver a estrutura de 20 diferentes disciplinas, e a partir delas ser capaz de dominar a linguagem da tecnologia e da ciência moderna. Com o foco de Innis, ele queria repetir a tentativa de Sigfried Giedion de mostrar como a mecanização alterou toda a sensibilidade humana.

Segundo Marchand, McLuhan queria colaborar com Innis nessa tentativa. Tanto que em uma carta para Innis ele propõe um boletim informativo que seria enviado para uma dezena de pessoas influentes de vários campos a fim de estruturar uma rede, pois o mesmo acreditava que existia uma “gramática e linguagem geral” subjacente de seus campos que facilitaria o diálogo entre eles e que Innis estaria interessado em tal projeto. (MARCHAND, 1989, p. 114).

A parceria entre Innis e McLuhan nunca se concretizou fora do pequeno grupo de debate, mas McLuhan queria criar um grupo intelectual. McLuhan ficou sabendo que o *Behavioral Sciences Division* da *Ford Foundation* estava oferecendo 50 mil dólares para um projeto de pesquisa interdisciplinar. Sob pressão de acadêmicos canadenses, (Innis era um dos mais ativos nessa função) para o financiamento de projetos no Canadá, a *Ford Foundation* enviou formulários de inscrição diretamente ao presidente da universidade, Sidney Smith, que por sua vez passou-as a um professor de economia política, Vincent Bladen. Um dos inimigos declarados de McLuhan, e que estava há muito tempo trabalhando em uma proposta.

McLuhan foi então atrás do seu amigo Claude Bissel, professor de literatura que tinha alguma força dentro da universidade. Ele confirmou a informação e deu os formulários para McLuhan e Edmund Carpenter.

Os critérios para propostas incluíram poucos detalhes além de que o projeto envolve pesquisadores de ciências do comportamento, bem como disciplinas relacionadas e que organize um seminário em curso para lidar não apenas com um problema particular de pesquisa, mas com os problemas gerais da colaboração interdisciplinar.

McLuhan escreveu o projeto com o seu amigo Edmund Carpenter, um jovem antropólogo que ele havia conhecido em 1948 e que se tornou um dos amigos mais leais de McLuhan. Apenas três grupos da universidade se aplicaram para a concessão. O grupo Bladen apresentou uma proposta de pesquisa em "problemas de aprendizagem social e

cooperação em uma sociedade industrial.". Outro grupo, que incluía o ilustre historiador canadense (e biógrafo de Harold Innis) Donald Creighton, apresentou uma proposta para estudar as origens do comportamento radical e conservador. McLuhan e Carpenter apresentaram uma proposta intitulada *Changing Patterns of Language and Behavior and the New Media of Communication* (MARCHAND, 1989, p.117)³⁵.

Segundo Marchand, a proposta citava o trabalho de Innis enquanto base do projeto para demonstrar que as mudanças dos meios de comunicação resultavam em mudanças sociais, políticas e econômicas, e que com a mudança para um novo meio de comunicação como a televisão, rádio e filmes a sociedade estava se reformulando uma nova linguagem. O projeto ainda citava o trabalho de linguistas como Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, que desenvolveram estudos que indicavam que a linguagem em grande parte determina a forma como experienciamos o mundo, uma tese que aparenta bastante compatível com o aprendizado de McLuhan a partir de I. A. Richards sobre a crença dos antigos gramáticos que a ordem da linguagem era análoga à ordem da realidade

The McLuhan-Carpenter proposal went on to state that their view of language and the media as art forms — that is, as instruments of focusing perception — gave them an advantage over all other academic groups studying human communication since those groups tended to view communication as a problem of information engineering. (MARCHAND, 1989, p. 117)³⁶

Em 19 de Maio de 1953, a *Ford Foundation* anunciou que McLuhan e Carpenter ganharam a competição. Além de McLuhan e Carpenter, o grupo era constituído por William Thomas Easterbrook amigo de infância de McLuhan e agora um professor de economia da Universidade de Toronto; Carl Williams, professor de psicologia e Jacqueline Tyrwhitt, professora de arquitetura e urbanismo amiga de Sigfried Giedion.

Naquele primeiro verão, cada membro resumiu os acontecimentos do século passado em seu próprio campo. McLuhan teria interpretado estes resumos como confirmação de que havia, na época atual, uma unidade básica de abordagem na maioria dos principais disciplinas intelectuais.

³⁵ “Mudanças nos padrões de linguagem e comportamento e os novos meios de comunicação.” (MARCHAND, 1989, p.117).

³⁶ A proposta de McLuhan-Carpenter passou a afirmar que a sua visão da linguagem e dos meios de comunicação como formas de arte - isto é, como instrumentos de focando a percepção - deu-lhes uma vantagem sobre todos os outros grupos acadêmicos que estudam a comunicação humana já que os grupos tendem a ver a comunicação como um problema de engenharia de informação. (MARCHAND, 1989, p. 117)

Em 1953, McLuhan resolveu colocar em prática o seu grande projeto de fazer uma revista, era a criação da revista *Explorations*. O grande editor e organizador da revista era Carpenter, pois ele que fazia tudo até impressão, layout e design. Foi ele quem conseguiu fazer com que artigos de importantes personalidades aparecessem na revista como David Riesman, Sigfried Giedion, Hans Selye, Jacques Maritain, Ashley Montagu, Jean Piaget, e ainda H. Northrop Frye. Robert Graves, Jorge Luis Borges, e E. E. Cummings. Segundo Gordon, a revista foi um sucesso de público:

It soon became impossible to meet the demand for the magazine. With print runs limited to a thousand copies for all but the second number, thousands of orders remained unfilled. *Explorations* was snapped up so quickly by the curious at the University of Toronto that few copies remained for wider distribution. *Explorations* was published three times a year for the two years that the interdisciplinary seminar operated under the Ford Foundation grant. (GORDON, 1997, p. 161-162)³⁷

No outono daquele ano, o grupo começou o seminário semanal que era para ser o coração do projeto de dois anos. Onze estudantes de pós-graduação de várias disciplinas também participaram do seminário, que teve início com discussões sobre a obra de Harold Innis, embora o trabalho de Whorf e Sapir também fizeram aparições rápidas.

Segundo Marchand, não demorou muito para McLuhan fazer uma adaptação do pensamento de Innis demonstrando que cada meio de comunicação afetava o equilíbrio dos sentidos ao requisitar de forma especializada um ou outro sentido.

Essa torção parecia de certa forma uma evolução natural de alguém que estudou por muito tempo poetas como Eliot, Yeats, Hopkins e com as suas opiniões pronunciadas sobre os efeitos diferentes de ouvido e olho na poesia. (MARCHAND, 1989, p. 119). Para McLuhan, foi só por causa de Innis por não conhecer a obra desses poetas é que ele não reconheceu o que ele considerava como “óbvia realidade”.

The analogy between a poem and a medium of communication was, according to McLuhan, extremely tight. Just as a poem imposed its own assumptions on the listener, created its own world, so too did a medium of communication. (MARCHAND, 1989, p. 120)³⁸

³⁷ Logo tornou-se impossível para atender a demanda para a revista. Com tiragens limitadas a mil cópias para todos, mas o segundo número, milhares de ordens ficou vago. *Explorations* foi tirada tão rapidamente pelo curioso da Universidade de Toronto, que alguns exemplares permaneceu por uma distribuição mais ampla. *Explorations* foi publicado três vezes por ano para os dois anos que o seminário interdisciplinar operaram sob a concessão da Fundação Ford. (GORDON, 1997, p. 161-162)

³⁸ “A analogia entre um poema e um meio de comunicação era, de acordo com McLuhan, extremamente apertado. Assim como um poema impôs as suas próprias suposições sobre o ouvinte, criou o seu próprio mundo, assim como fez um meio de comunicação”. (MARCHAND, 1989, p. 120)

A primeira edição da revista *Explorations* foi publicada em dezembro de 1953. McLuhan já havia abandonado a crítica moral e denunciativa e apresentou o seu artigo “Culture without Literacy”. O artigo demonstrava o caminho percorrido por McLuhan desde a sua exposição ao trabalho de Innis, mas no seu estilo de escrita de forma comprimida, com trocadilhos e metáforas. O método que ele chamou de “observação menos ideias” na sua tentativa de fugir daquilo que poderia interferir em um tipo de análise “pura” (ainda que obviamente ele não possa proceder sem certos preconceitos e suposições).

I don't know what's inside [the safe]; maybe it's nothing. I just sit down and start to work. I grope, I listen, I test, I accept and discard; I try out different sequences — until the tumblers fall and the doors spring open. (MCLUHAN, 1969b).³⁹

Esse método de observação McLuhan posteriormente viria a chamar de *probes*, ou sonda. Para McLuhan, passava a ser impertinente dar uma opinião privada e individual sobre se uma tecnologia era boa ou ruim, a moralidade e indignação viriam a se transformar em sinais de fraqueza daqueles incapazes de agir ou compreender os fenômenos experienciados. Algumas vezes diz Marchand, esse tipo de aproximação de forma amoral foi denominado de sátira. Seria a partir da sátira, ou seja, colocar o foco em uma característica de uma situação que as pessoas ignoravam e demonstrar a ridicularidade latente da situação.

No artigo, ele toma a posição tomista de que o mundo é basicamente coerente, o caráter instantâneo de modernos meios de comunicação, no entanto, fez com que o mundo pareça irracional. Neste artigo, McLuhan resumiu brevemente a história do Ocidente em termos dos meios de comunicação, demonstrando que com a invenção da escrita, e, particularmente, o alfabeto fonético, a palavra falada foi traduzida para símbolos visuais abstratos sem sentido e sons que também não tem relação uma vez que não se trata de uma imitação de sons da natureza e sim abstratos.

A palavra foi transformada em um mero sinal, um rótulo. Foi possível um distanciamento psíquico de sua percepção sensorial, permitindo então a análise lógica e as burocracias. Um dos elementos que aparecem neste texto que viria a ganhar mais aprofundamento ao longo da carreira de McLuhan é a ideia do efeito hipnótico dos

³⁹ “Eu não sei o que está dentro [do cofre], talvez não seja nada. Eu apenas sento e começo a trabalhar. Eu tatear, eu escuto, eu testar, eu aceito e descartar, eu experimentar sequências diferentes - até o cadeado [tumbler] cair e as portas se abrirem”. (MCLUHAN, 1969b).

meios. Neste caso, é a impressão teria um efeito de hipnotismo ao criar um obstáculo para a nossa consciência em perceber os seus efeitos.

McLuhan was groping for an explanation of something he no doubt felt intuitively: that the effects of the television medium on viewers were drastically different from the effects of anything else experienced by human beings. (MARCHAND, 1989, p. 123)⁴⁰

McLuhan encontrou uma forma de articulação da noção de espaços sensoriais principalmente no trabalho de Carl Williams que leu o texto “Acoustic Space” em Novembro de 1954 durante um dos seminários⁴¹. No texto, ele explicava que o conceito de espaço como então utilizado era quase inteiramente visual, pois separava os objetos visíveis. Williams advogava para uma diferente noção, pois se o espaço é considerado como o mundo criado pelo som, no entanto, as suas características são totalmente diferentes das do espaço visual. Ela não tem limites fixos, sem centro, e muito pouco sentido de direção.

A partir desses conceitos, McLuhan desenvolveu a sua aproximação da relação entre espaço acústico e espaço visual. Onde o espaço visual se relaciona com um conjunto de definições como linear, sequencial, mente orientada pela prensa, todas essas são definições que podem ser vistas como efeitos do alfabeto fonético. O espaço visual viria a ser o espaço onde a lógica é aplicada.

Visual space was the space of continuous vistas — of continuity itself — of areas enclosed in three-dimensional rooms and therefore of such unlikely phenomena as central heating. Acoustic space, on the other hand, was two-dimensional, according to McLuhan — and two-dimensional space he regarded, for some reason, as eliciting the richest interplay of the senses. It was the space of the electric world, in which people are hit with almost random bursts of information from all sides. (MARCHAND, 1989, p. 124)⁴²

McLuhan favorecia obviamente o mundo do espaço acústico (ou áudio-tátil) devido as suas relações com a retórica e com a gramática. McLuhan acreditava que isto

⁴⁰ McLuhan foi tateando em busca de uma explicação de algo que ele sem dúvida senti intuitivamente: que os efeitos da mídia televisiva sobre os espectadores eram drasticamente diferentes dos efeitos de qualquer outra coisa vivida por seres humanos. (MARCHAND, 1989, p. 123)

⁴¹ Este texto viria a ser republicado no livro *Explorations: An Anthology* (1960), mas com o nome de McLuhan e Carpenter. Ao que tudo indica, os editores (McLuhan e Carpenter) editaram o texto e Carl Williams não gostou das alterações e então McLuhan e Carpenter publicaram o artigo com os seus nomes como autores.

⁴² O espaço visual era o espaço de vistas contínuas - da continuidade em si - de áreas fechadas em salas tridimensionais e, portanto, de tais fenômenos improváveis como o aquecimento central. Espaço acústico, por outro lado, era bidimensional, de acordo com McLuhan - e espaço bidimensional ele considerava, por alguma razão, como provocando a mais rica interação mais rico dos sentidos. Era o espaço do mundo elétrico, em que as pessoas são atingidas com rajadas quase aleatórias de informações de todos os lados. (MARCHAND, 1989, p. 124)

não estava acabado e que com os meios eletrônicos a cultura ocidental havia retornado a este mundo de ressonância de espaço acústico três mil anos depois de o alfabeto fonético ter desviado a cultura para um longo período de alfabetização e ênfase no visual.

Os seminários semanais do grupo serviam para McLuhan testar estes novos termos e também para propor novos experimentos. Carpenter, por exemplo, desenvolveu um com alunos para tentar demonstrar as diferenças do aprendizado a partir dos vários tipos de meios de comunicação. Eram experimentos que procuravam dar cientificidade a aquilo que McLuhan vinha descrevendo, mas os experimentos acabaram não sendo conclusivos e não conseguiram se transformar em evidências capazes de lutar contra os seus críticos. Mas pela integração com outros professores para realizar os experimentos, os experimentos ajudaram a chamar a atenção ao seminário, da mesma forma em que a revista *Explorations* também estava fazendo.

Em Abril de 1955, o seminário teve seu último encontro. McLuhan não estava triste com o final, pois o esforço de realizar as reuniões interdisciplinares envolvia controvérsias políticas, disputas e discussões desgastantes. Em seu relatório para a fundação, McLuhan concluiu que os membros do seminário acabaram entendendo mais sobre as outras disciplinas, mas temiam uma espécie de espionagem mútua. Percebendo que quanto mais especializado um acadêmico se tornava mais ele se agarrava a sua própria experiência e menos vontade este possuía para compreender os outros ou que os outros o compreendessem (GORDON, 1997, p. 162). Outro fato relevante que ocorria durante os seminários, é que quando McLuhan não participava acontecia que cada pessoa lia um artigo da sua disciplina e havia pouca interação para a compreensão e discussão, e a pouca discussão acabava descambando para o academicismo, outra forma de entender esse fato é que McLuhan monopolizava a fala muitas vezes durante o seminário.

McLuhan também continuou uma correspondência com outros acadêmicos, empresários, conhecidos casuais - quaisquer pessoas interessantes que ele tinha executado em ou cujas obras ele tinha lido como outra forma para chamar a atenção sobre o que eles estavam fazendo. Após o término do projeto da *Ford Foundation*, então ele se dedicou a conseguir mais financiamento para a revista. A revista então se tornou o mecanismo para alcançar um público ainda maior. Assim a revista *Explorations* ainda teve 9 edições de 1953 até 1959.

Segundo Marchand, tudo que McLuhan escreveu após 1959 poderia ser rastreado em ideias já presentes nos seus artigos para a revista *Explorations*. O mesmo disse Gordon (1997, p. 163) que os temas desenvolvidos posteriormente por McLuhan eram fruto direto das discussões durante os seminários:

The informing influence of the printed page on music, painting, poetry, and drama, the contrast between European and North American culture, Gutenberg's movable type as prototype of assembly lines in the industrial age, all emerged from the seminar. The Gutenberg Galaxy and Understanding Media were in the making.⁴³

Em 1959, McLuhan era um professor que havia passado por uma longa preparação intelectual. Suas noções sobre os meios de comunicação já estavam sólidas e já se percebia a ascensão de sua reputação dentro e fora da academia como um intelectual.

Um sinal de sua crescente notoriedade no campo acadêmico e fora dele foi a sua presença em 1959, no primeiro *Congresso de Líderes Culturais*, patrocinado pelo *Institute of Contemporary Arts*, em Washington, D.C.. O congresso foi planejado para ser uma "reunião de cúpula" de líderes culturais de vários países e McLuhan foi ao congresso como representante "líder cultural" do Canadá (MARCHAND, 1989, p. 126).

Outro fato que atestava o seu crescente reconhecimento, veio quando McLuhan conheceu no final da década de 50 o professor Harry J. Skornia um professor do departamento de *speech and theater* da University of Illinois, que viria a ser o presidente da *National Association of Educational Broadcasters* (NAEB). Para a convenção da NAEB de 1958, McLuhan foi convidado para fazer uma apresentação e foi a primeira vez que ele disse a célebre frase “o meio é a mensagem” para um grande público (MARCHAND, 1989, p. 137).

Skornia então convidou McLuhan a realizar um projeto para a NAEB financiado pela *National Defense Education Act* em conjunto com o *United States Office of Education*, para desenvolver um plano para o estudo dos meios de comunicação em salas de aula. McLuhan queria com este projeto ensinar a “gramática” das novas linguagens da televisão, rádio e outros meios. O projeto apesar de não ter sido utilizado

⁴³ A influência informacional da página impressa na música, pintura, poesia e drama, o contraste entre a cultura europeia e norte americana, os tipos móveis de Gutenberg, como protótipo de linhas de montagem na era industrial, tudo surgiu a partir do seminário. The Gutenberg Galaxy e Understanding Media estavam em formação. (GORDON, 1997, p. 163)

em qualquer tipo de política prática, posteriormente serviu de base para o livro *Understanding Media* escrito por McLuhan e lançado em 1964.

No final dos anos 50, ele começou a sair do circuito acadêmico e falar para os empresários, até mesmo na *General Electric* grande companhia do ramo elétrico.

McLuhan argumentava que os executivos de negócios, assim como as crianças, tiveram um menor contato com a cultura impressa e estavam mais abertos as mudanças sociais e dessa forma, mais receptivos as ideias dele. Outro argumento para a simpatia que ele tinha pelos homens de negócio era a possibilidade de ver as suas ideias colocadas em prática.

Foi durante o projeto do NAEB, em janeiro de 1960, que McLuhan teria desenvolvido um dos pontos-chaves da sua percepção sobre os meios de comunicação. A noção básica de que dentro do sensorio humano cada um dos sentidos reagia em relação aos outros sentidos (de forma quase subliminar) e traduzia esses outros sentidos em um próprio modo de perceber o mundo. Assim quando um meio de comunicação estende um sentido isso afeta diretamente os demais sentidos. Segundo Marchand (1989, p. 140):

First he postulated that any extension of a sense via a medium — what McLuhan called the “structural impact” of a medium — was not the same as the altered pattern of the senses as a whole that resulted from that extension. The altered pattern was the combination of structural impact and “subjective completion” of that impact within the sensorium.⁴⁴

Mais uma vez, McLuhan incentivou aos seus alunos a fazerem um projeto com computadores para testar essas hipóteses, na tentativa de tornar suas ideias científicas. Para fazer isso ele também recorria a cientistas de outros departamentos. Com isso McLuhan frequentemente utilizava termos de outras áreas, mas que podiam ser vistas como tentativas de como um artista compreenderia estes conceitos dizia Arthur Porter, professor de engenharia industrial e amigo de McLuhan.

McLuhan após a publicação de *The Mechanical Bride* (1951) então começou a voltar as suas atenções a televisão ao perceber que a era da noiva mecânica via ser confrontada com uma nova era, a da noiva eletrônica.

⁴⁴ Primeiro ele postulou que qualquer extensão de um sentido por meio de um meio - o que McLuhan chamou de "impacto estrutural" de um meio - não era o mesmo que o padrão alterado dos sentidos como um todo, que resultou da referida extensão. O padrão alterado foi a combinação de impacto estrutural e a "conclusão subjetiva" daquele impacto dentro do sensorio. (MARCHAND, 1989, p. 140).

Um dos seus assistentes de pesquisa, (MARCHAND, 1989, p. 142) observou que, uma sala de aula em que os alunos responderam às instruções automaticamente quando um programa televisivo convidou-os a participar cantando junto coisa que nunca teriam feito com um filme. McLuhan considerava isso como prova de que os telespectadores participaram profundamente no que eles assistiram.

McLuhan então viria a entender os meios de comunicação a partir das características de alta ou baixa definição que o meio fornecia para o espectador/leitor. A alta definição encara como meio quente (*hot medium*) e a baixa definição enquanto meio frio (*cool medium*), esta é uma das teses que iremos desenvolver com mais detalhes posteriormente.

Já no prefácio do seu relatório do projeto do NAEB, McLuhan deixava claro certas premissas que iriam ser desenvolvidas durante toda a sua vida, como a ideia de que os meios de comunicação são capazes de “impor” as suas “próprias suposições” sobre as pessoas que os utilizam. Se em *The Mechanical Bride* (1951), ele já alertava para os riscos de não fazer uma análise da estrutura das campanhas publicitárias, agora ele alertava também sobre a necessidade das pessoas entenderem a natureza dos meios de comunicação, ou estas corriam o risco de “[...] losing all the traditional values of literacy and Western civilization” (1989, p. 145)⁴⁵.

O relatório era dividido entre em seções dedicadas a cada meio de comunicação, e ainda uma introdução para cada seção, projetos e perguntas para o uso em sala de aula, uma bibliografia comentada e um gráfico com comentários. Segundo Marchand, os gráficos eram mais uma das tentativas de McLuhan de dar uma aura de cientificidade para as suas percepções. Mas, obviamente, o material encontrou dificuldades para ter alguma utilidade uma vez que era dedicado a alunos do primeiro e segundo grau e o seu conteúdo era muito mais avançado. Ainda assim, o relatório trouxe para professores e alunos a ideia de treinar o hábito de observar os efeitos das coisas, principalmente dos meios de comunicação a partir de novos prismas. O relatório *Report on Project in Understanding the New Media*, que acabaria por ser revisado e lançado como *Understanding Media* (1964) acabou por sedimentar uma mudança estrutural de aproximação de McLuhan, em relação aos meios de comunicação.

Após o término do relatório McLuhan estava acabado pelo excesso de trabalho e sua saúde começou a falhar. Ele havia sido hospitalizado por um acidente vascular

⁴⁵ “perder os valores tradicionais da alfabetização e da civilização ocidental” (1989, p. 145).

cerebral e seus médicos insistiram em um repouso prolongado. A partir deste momento McLuhan começou a ter uma série de problemas de saúde durante sua vida.

A partir de 1960, também começam a aparecer às oportunidades de visibilidade para McLuhan como a publicação em livro dos melhores artigos publicados na revista *Explorations* e a sua aparição em programa televisivo em que realizou análises sobre o debate televisivo entre Kennedy e Nixon para presidente dos Estados Unidos, além de diversas apresentações para empresas.

A ascensão da carreira de McLuhan interrompida por um momento quando sua mãe morreu em julho de 1961. Ela estava morando desde 1953 em Toronto, após vários anos de transição entre Toronto e Detroit onde ela trabalhou como professora de expressão e drama.

McLuhan havia decidido juntar várias ideias que ele teve desde os tempos de St. Louis para escrever um novo livro que agregaria tanto os seus estudos sobre o *trivium* quanto os estudos mais recentes sobre os meios de comunicação. Em 1955, McLuhan escreveu para Wyndham Lewis dizendo que ele estava trabalhando em um livro intitulado *The Gutenberg Era*, que lidava com as mudanças culturais envolvidas na introdução da alfabetização e da imprensa.

O processo novamente foi penoso, pois McLuhan preferia falar a escrever. Foi um alívio quando conseguiu se isolar em 1961 com suas notas de quase uma década para escrever o livro que veio a ser publicado em 1962 como *The Gutenberg Galaxy*. Para lidar com o problema de escrever, McLuhan intensificaria o hábito a partir dos anos 60 de ditar para sua esposa ou secretária em vez de escrever por si mesmo. Em outros momentos os seus parceiros que ficavam com o trabalho de escrever os textos. A escrita tomou a forma de pequenos comentários sobre itens aparentemente aleatórios, com passagens de livros sérios, passagens de jornais e anúncios.

The Gutenberg Galaxy explained why the Western world had become devoted to a visual orientation to reality. It postulated that the tribal state was the normal condition of humanity and that that condition had been disrupted in the West by the invention of the phonetic alphabet, a radical technology unique to the West. Amplifying Walter Ong's thesis, McLuhan argued that the invention of print effected a still more profound transformation in the psyche of Western man, leading to an emphasis on the visualization of knowledge and the subsequent development of rationalism, mechanistic science and industry, capitalism, nationalism, and so on. Laced throughout the text was material from McLuhan's Ph.D. thesis, used as a kind of subtheme explaining how the printing press eventually de-emphasized

traditional studies in rhetoric and grammar and brought logic and dialectics into prominence. (MARCHAND, 1989, p. 155)⁴⁶

O livro era para se chamar *The Gutenberg Era*, mas McLuhan preferiu o uso do termo *Galaxy* justamente pelo projeto focar nos eventos comunicacionais como efeitos e para evocar o seu tema de efeitos como um conjunto de mudanças ambientais.

Diferente de *The Mechanical Bride* (1951), o livro *The Gutenberg Galaxy* (1962) não foi ignorado e foi considerado um livro interessante. No Canadá, McLuhan ganhou o prêmio *Governor-General's Award for Non-Fiction* de 1962, o prêmio mais alto de literatura do país. E em 1964 a revista *Times Literary Supplement* publicou uma seleção detalhada de pensadores *avant-garde* e colocou McLuhan nessa lista. Com a publicação do livro, McLuhan ainda deu sucessivas entrevistas para jornais e revistas e ganhando renome até fora do Canadá, ao ponto de McLuhan passar longos períodos de 1963 em Nova York se encontrando com empresários e jornalistas.

Ainda que o financiamento da *Ford Foundation* já tivesse terminado em 1955, McLuhan e seu grupo continuaram se encontrando durante os anos seguintes, mas ele não havia desistido de conseguir de alguma forma institucionalizar o financiamento destes seminários. Segundo Marchand:

The rationale for such an institution was the continuing need for the Innis-like study of the effects of human artifacts. The institution could also confront the emotional resistance that McLuhan believed existed against such studies. (McLuhan puzzled for many years over this resistance — at one point he decided that people resented studying effects in the same way they resented any other invasion of their privacy.) (1989, p. 49)⁴⁷

Quando McLuhan teve a oportunidade, ele criou a sua própria instituição, o *Center for Culture and Technology* dentro da Universidade de Toronto em 1963 com

⁴⁶ *The Gutenberg Galaxy* explicou por que o mundo ocidental tornou-se devoto a uma orientação visual para a realidade. Ele postulou que o estado tribal era a condição normal da humanidade e que esta condição tinha sido interrompida no Ocidente pela invenção do alfabeto fonético, uma tecnologia radical exclusiva para o Ocidente. Ampliando a tese de Walter Ong, McLuhan argumentou que a invenção da impressão afetou uma transformação ainda mais profunda na psique do homem ocidental, levando a uma ênfase na visualização do conhecimento e do desenvolvimento posterior do racionalismo, a ciência mecanicista e da indústria, o capitalismo, o nacionalismo, e assim por diante. Atado ao longo do texto era o material da tese de doutorado de McLuhan, usado como uma espécie de subtema explicando como a imprensa, eventualmente, desenfatiou estudos tradicionais sobre retórica e gramática e trouxe a lógica e a dialética em destaque. (MARCHAND, 1989, p. 155)

⁴⁷ A justificativa para tal instituição foi a necessidade de continuar para o estudo do tipo de Innis dos efeitos de artefatos humanos. A instituição também pode enfrentar a resistência emocional que McLuhan acreditava que existia contra tais estudos. (McLuhan confuso por muitos anos sobre esta resistência - em um ponto, ele decidiu que as pessoas se ressentiam estudar os efeitos da mesma forma que se ressentia de qualquer outra invasão de sua privacidade.). (1989, p. 49)

objetivo declarado de investigar “[...] the psychic and social consequences of all technologies.”(MARCHAND, 1989, p. 158)⁴⁸.

Um objetivo não-declarado do patrocínio da Universidade de Toronto ao centro foi o desejo do Padre John Kelly e de Claude Bissell de manter McLuhan em Toronto. Universidades nos Estados Unidos estavam oferecendo-lhe salários até cinco vezes maior para tê-lo, segundo Kelly. Com certeza esse desejo de ficar com McLuhan na universidade não era o desejo de todos, pois muitos gostariam de vê-lo ir embora, mas de outro lado a ideia do centro ajudava estes críticos a isolar McLuhan dentro da universidade. O centro interdisciplinar era pequeno e o financiamento era suficiente apenas para o salário de McLuhan, de uma assistente, uma secretaria e para material de escritório. Apesar do espaço pequeno, McLuhan viria a dizer que o objetivo era “We shall concentrate upon achieving an intellectual identity rather than a physical one.” (McLuhan, 1965 *apud* Gordon, 1997, p. 195)⁴⁹. Para demonstrar a variedade de intelectuais podemos consultar os membros do centro em agosto de 1964:

The members of the Centre as of August 1964 were Allen Bernholtz (School of Architecture), Dr. Daniel Cappon (Medicine), Prof. B. M. Carpendale (Mechanical Engineering), Prof. W. T. Easterbrook (Political Science), Dr. E. Llewellyn-Thomas (Medicine), Arthur Porter (Industrial Engineering), Prof. Carl Williams (Psychology), Harley Parker (Design, Royal Ontario Museum), Prof. Ed Rogers (Anthropology), and McLuhan. (GORDON, 1997, p. 195)⁵⁰

A administração deveria ser feita por um conselho e um comitê executivo, mas nenhum dos dois fez qualquer coisa e McLuhan gerenciava o centro sozinho. E após alguma resistência, em 1967, McLuhan conseguiu que o centro tivesse um curso curricular que possibilitava aos seus alunos a obterem créditos válidos para a universidade. E a importância disso era que só assim ele poderia usar o nome da universidade na documentação do centro como papel timbrado e envelopes. Na descrição do curso proposto seguia:

C&T 1000Y/1001F&S
Media and Society / A course considering media as man-made environments.
These environments act both as services ad disservices, shaping the

⁴⁸ “as consequências psíquicas e sociais de todas as tecnologias” (MARCHAND, 1989, p. 158).

⁴⁹ "Nós devemos nos concentrar em alcançar uma identidade intelectual, em vez de uma identidade física." (MCLUHAN, 1965 *apud* GORDON, 1997, p. 195).

⁵⁰ Os membros do Centro a partir de agosto 1964 foram Allen Bernholtz (Faculdade de Arquitetura), Dr. Daniel Cappon (Medicina), o Prof B. M. Carpendale (Engenharia Mecânica), o Prof W. T. Easterbrook (Ciência Política), Dr. E. Llewellyn-Thomas (Medicina), Arthur Porter (Engenharia industrial), o professor Carl Williams (Psicologia), Harley Parker (Design, Royal Ontario Museum), o professor Ed Rogers (Antropologia), e McLuhan. (GORDON, 1997, p. 195)

awareness of users. These active environments have the inclusive character of mythic forms and perform as hidden grounds of all activities. The course trains perception of the nature and effects of these ever-changing structures. (MARCHAND, 1989, p. 160)⁵¹

Com o centro, McLuhan desenvolveu em colaboração com diversos professores e estudantes uma série de testes para medir a eficácia de um meio de comunicação e a alteração sensorial do corpo e da cultura como um todo, um dos exemplos era justamente o estudo da dislexia e deficiência de leitura enquanto consequência da invasão da televisão.

Em 1964, McLuhan publica *Understanding Media: The extensions of man* (1964) um livro que era essencialmente o seu relatório para o NAEB, mas reescrito e expandido e que ele havia desenvolvido em momentos de folga antes e depois de escrever *The Gutenberg Galaxy* (1962). O livro tinha sete capítulos sobre a natureza dos meios de comunicação em geral, e 26 capítulos de meios específicos, incluindo a fala humana, a impressão, relógios, dinheiro e, é claro, televisão.

McLuhan estava certo que dessa vez não escreveria um livro sobre um meio de comunicação que estava prestes a perder o posto de principal meio de comunicação e agora ele acertara em cheio. A televisão ganhou grande popularidade nos Estados Unidos nos anos 1960 e as pessoas mais do que nunca estavam entrando em numa nova era.

Foi com esse livro que McLuhan atingiu o estrelado internacional e que fez a frase “o meio é a mensagem” se tornar jargão conhecido pelo público em geral. Segundo Marchand (1989, p. 167), a frase significava:

One could simply say that every new medium created its own environment, which acted on human sensibilities in a “total and ruthless” fashion. A new medium did not just add itself to what already existed; it transformed, however imperceptibly, whatever already existed. That was because the medium was not just the physical object but all of its appurtenances and the vortex of energy it created. The automobile, for example, had to be perceived in the context of highways, gas stations, neon signs designed to be seen as it passed — the almost innumerable altered habits and situations the automobile brought with it.⁵²

⁵¹ C&T 1000Y/1001F&S. Meios de Comunicação e Sociedade / Um curso considerando os meios de comunicação como ambientes criados pelo Homem. Estes ambientes atuam simultaneamente como serviços e desserviços, moldando a consciência dos usuários. Estes ambientes ativos têm o caráter inclusivo de formas míticas e desempenham como fundos ocultos de todas as atividades. O curso treina a percepção da natureza e os efeitos destas estruturas em constante mudança. (MARCHAND, 1989, p. 160)

⁵² Alguém poderia simplesmente dizer que cada novo meio criou seu próprio ambiente, que atuou na sensibilidade humana de forma "total e implacável". Um novo meio não apenas de acrescentar-se ao que já existia, mas transforma, entretanto, imperceptivelmente, o que já existia. Isso porque o meio não era

Este novo ambiente transformado tinham propriedades muito curiosas, de acordo com McLuhan. Assim como a roupa nova do imperador, ele disse que o ambiente era praticamente invisível e imperceptível - subliminar, como expressões faciais de uma pessoa e postura, que podem mudar a nossa atitude em relação a essa pessoa sem a nossa consciência. A razão deste novo ambiente era invisível, McLuhan explicou, foi que "satura todo o campo da atenção" (MARCHAND, 1989, p. 167).

Esse novo ambiente fez com que as velhas tecnologias e seus ambientes mais visíveis, que McLuhan diria que transformaram em uma forma de arte. Seria justamente na transição de uma era para a outra que seria possível perceber os efeitos ambientais sob os quais estávamos imersos. "The one person who could see the invisible environment, according to McLuhan, was the artist."⁵³ Mas não qualquer artista, mas o artista como o "explorador real do presente", segundo Marchand. Uma pessoa que, ao contrário da maioria das pessoas, realmente viveu no presente e, portanto, tinha uma consciência muito profunda do que estava acontecendo no mundo ao seu redor, por isso também chamava estes de "antenas da raça" lembrando o seu amigo Ezra Pound. A arte então, para McLuhan, funcionava como um sistema de alerta antecipando ou tornando visíveis os efeitos de comunicação (MARCHAND, 1989, p. 168).

Essa invisibilidade também é expressa pela noção da tecnologia enquanto extensões do homem, ou seja, a extensão de algum sentido humano ou parte do corpo, uma noção que ele já estava trabalhando há alguns anos, mas que no livro *Understanding Media* ganhou relevância fundamental.

O livro *Understanding Media* (1964) diferente do *The Gutenberg Galaxy* (1962) tinha uma estrutura menos irregular com menos citações quebrando o fluxo do texto. Em grande parte essa estrutura foi imposta por exigências do editor, algo recorrente nos livros de McLuhan.

O editor mais uma vez teve que lidar com um texto difícil e que ele achava impúblicável ao ponto de dizer que McLuhan deveria fazer modificações "if your

apenas um objeto físico, mas todos os seus pertences e os vórtices de energia que criou. O automóvel, por exemplo, teve de ser percebido no contexto de rodovias, postos de gasolina, sinais de néon destinados a ser visto como passou – dos alterados hábitos e situações quase inumeráveis que o automóvel trouxe consigo. (MARCHAND, 1989, p. 167)

⁵³ A única pessoa que pode ver o ambiente invisível, de acordo com McLuhan, era o artista. (MARCHAND, 1989, p. 168)

message is to be intelligible between covers” (GORDON, 1997, p. 196)⁵⁴. O editor saiu da editora e o novo editor foi um pouco menos agressivo, mas disse:

I have rarely read anything that required so many unprepared mental leaps on the part of the reader.”⁵⁵ e depois de tantas revisões cedeu “If you are absolutely set on your mosaic style, I will back down entirely. (GORDON, 1997, p. 198)⁵⁶.

Ainda que McLuhan tenha ditto:

I abandoned the mosaic approach in *Understanding Media* for a very simple reason. The McGraw-Hill editors wouldn't have it. One of their house rules is 'don't quote anybody at all unless you disagree with him.' (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 198)⁵⁷.

Parece a todo o momento que os livros de McLuhan nunca foram publicados da forma como ele queria e que para compreender suas propostas seria mais interessante assisti-lo falando do que lendo os seus livros.

Independentemente das críticas serem positivas ou negativas, por fim, McLuhan se tornou um intelectual mediático e que qualquer pessoa com pretensões intelectuais deveria conhecer, vendendo mais de 100 mil cópias do livro *Understanding Media* (1964) (GORDON, 1997, p. 200). De outro lado, McLuhan deveria enfrentar a resposta desse sucesso e fazer aparições constantes nos meios de comunicação, entrando na própria máquina que o mesmo analisava.

O sucesso de McLuhan aconteceu nos anos 1960, época de grande efervescência das galerias, museus de arte, novos historiadores e críticos de arte com a invasão de movimentos artísticos como a *pop art*. A mania por McLuhan estava prestes a começar no início dos anos 1960 e os artistas seriam um dos elementos essenciais para essa difusão, como por exemplo, Gerd Stern, proeminente em um coletivo de artistas em Nova York, que foi um dos promotores mais fervorosos do McLuhan nos anos sessenta.

McLuhan encontrou também Gerald Feigen e Howard Gossage, dois americanos que tinham uma empresa de consultoria e que acabariam criando um plano para promover McLuhan nos Estados Unidos. Mas estes não foram os únicos que desejavam

⁵⁴ "Se sua mensagem é para ser inteligível entre as capas" (GORDON, 1997, p. 196).

⁵⁵ “Eu raramente tinha lido nada que requeria tantos saltos mentais despreparados por parte do leitor.” (GORDON, 1997, p. 198)

⁵⁶ “Se você está absolutamente definido no seu estilo mosaico, eu vou deixar completamente. (Gordon, 1997, p. 198)

⁵⁷ “Eu abandonei a abordagem mosaico em *Understanding Media* por uma razão muito simples. Os editores McGraw-Hill não deixavam. ‘Uma de suas regras da casa é 'não citar ninguém a menos que você não concorde com ele.’”(MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 198).

projetos com McLuhan. Alguns tiveram certo retorno, mas a maioria não conseguiu qualquer tipo de retorno financeiro ou mesmo gratidão pelos seus esforços.

McLuhan recebeu críticas a favor e ainda mais críticas contra e pesadas, como o livro de Jonathan Miller dedicado inteiramente para criticar McLuhan. Jonathan Miller é um diretor de teatro, físico e médico que foi amigo de McLuhan, mas que em seu ataque ele mesmo confundiu as características entre os meios quentes e frios. Do outro lado, Tom Wolfe com certeza deu um aumento considerável do valor prestígio de McLuhan quando seu perfil de McLuhan apareceu em novembro de 1965 na revista *New York* com a pergunta “What if he is right?”

McLuhan também seguiu fazendo várias palestras, conversando com políticos e trabalhos de consultoria, sempre utilizando suas piadas guardadas no bolso a fim de quebrar o clima tenso da audiência, mas em algumas situações era levado ao extremo quando em certas ocasiões ele fazia sua apresentação inteiramente de piadas.

McLuhan, quando confrontado em debate, havia desenvolvido uma estratégia eficaz de lidar com pessoas que faziam perguntas. McLuhan se dirigia a pessoa e lidando com a pessoa como se ela fosse uma grande autoridade intelectual, fazia uma pergunta sobre um tema totalmente alheio aos conhecimentos da pessoa. O crítico ficava perplexo e desconcertado. McLuhan havia realizado o seu ponto, e enfatizado que todo mundo tinha vastas áreas de ignorância e que “[...] that fruitful discussions often begin when people recognize the frontiers of their ignorance rather than harping on what they know.” (MARCHAND, 1989, p. 181)⁵⁸.

Em uma sessão com alguns políticos foi interrompida por um fato inesperado. Segundo Marchand que relata o acontecido:

In the course of McLuhan’s monologue his listeners, sitting in a hotel room, noticed that he occasionally hesitated, a blank look in his eye, as if his train of thought had been broken by some fleeting memory or association. Then he would shake his head in an effort to recapture his train of thought and proceed with the monologue. This happened two or three times in a half hour. McLuhan excused himself to go to the bathroom, and a moment later the men heard a dull, unsettling noise from inside. When they opened the door McLuhan was lying on the floor. He had lost consciousness momentarily and collapsed. (MARCHAND, 1989, p. 186)⁵⁹

⁵⁸ “[...] que as discussões frutíferas geralmente começam quando as pessoas reconhecem as fronteiras da sua ignorância, em vez de insistir em que eles sabem.” (MARCHAND, 1989, p. 181).

⁵⁹ No curso do monólogo de McLuhan seus ouvintes, sentado em um quarto de hotel, percebeu que ele ocasionalmente hesitou, um olhar vazio em seus olhos, como se a sua linha de pensamento tinha sido quebrada por alguma memória fugaz ou associação. Então, ele balançava a cabeça em um esforço para recuperar sua linha de pensamento e continuar com o monólogo. Isso aconteceu duas ou três vezes em meia hora. McLuhan pediu licença para ir ao banheiro, e um momento depois, os homens ouviram um

Esse tipo de apagão em que McLuhan tomava uma aparência pálida e sem vida até recobrar a consciência vinha acontecendo desde 1950, mas estavam ficando cada vez mais frequentes e graves. McLuhan fez o possível para ignorar esses apagões e ele se tornou ainda mais ativo em 1966 e início de 1967 colocando mais exigências sobre o seu corpo e mente tentando capitalizar em cima de sua fama ao ponto de estar trabalhando simultaneamente em vários livros. Apesar desse empenho, apenas alguns livros chegaram a ver a luz do dia e a ideia de estabelecer uma superprodução foi particularmente infeliz para McLuhan, que não já não tinha gosto de escrever longos textos.

Ele também era péssimo em estabelecer prioridades, perdendo compromissos, prazos para a entrega de textos, e esquecia completamente a sua agenda. E justamente entre 1966 e 1967, a máquina publicitária continuou a promover McLuhan aparecendo longos perfis sobre McLuhan em revistas como *Newsweek*, *Fortune*, *Life*, o *Saturday Review*, *Esquire* e *The New York Times Magazine*. E com a mesma intensidade, apareciam os críticos, segundo Marchand (1989, p. 190), para cada Susan Sontag que proclamava sua admiração por McLuhan apareciam uma dúzia de autores como MacDonalds Dwight e Christopher Rickses para criticá-lo abertamente.

McLuhan precisava de ajuda para manter o ritmo e Eric McLuhan se tornou assistente pago do seu pai em 1965. Com isso Eric tornou-se para o resto da vida de McLuhan um escravo virtual do seu pai. Ao ponto de dedicar a mesma paixão por James Joyce que seu pai, ao ponto de McLuhan dizer que seu filho era o melhor intérprete de Joyce.

Em 1967, foi publicado *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects* um estilo totalmente diferente de se fazer livro que hoje é conhecido como *non-books*. O livro, vendido com capa comum sem ser capa dura, era uma mistura de pequenas frases e trabalho gráfico de Quentin Fiore e design de Jerome Agel e foi um estrondoso sucesso de vendas e revertendo o processo linear do livro.

Sua mistura de texto e imagens estabelecia uma nova forma de apresentação para McLuhan, utilizando fotografias, obras de arte, realizando experiências interessantes com tipografia. Agel dizia que o resultado foi "cubista" a partir do ponto de vista da

barulho abafado, inquietante de dentro. Quando eles abriram a porta McLuhan estava deitado no chão. Ele havia perdido a consciência momentaneamente e desabou. (MARCHAND, 1989, p. 186)

produção corroborando com a análise de McLuhan que reconheceu que o livro era um folheto de vendas eficaz para suas idéias.

O ano de 1967 foi o ano de McLuhan, ano em que seu sucesso chegou ao pico, com aparições em programas de TV, e inúmeras reportagens em jornais e revistas. Depois do *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects* (1967) ele já estava elaborando mais um livro *Culture Is Our Business* que viria a ser publicado em 1970.

Foi em 1967, que com o esforço de John Culkin diretor do Centro de Comunicações da Fordham University, McLuhan foi lecionar durante um ano na universidade em Nova York. O valor de 100 mil dólares para o salário de McLuhan foi uma das controvérsias da época, pois atestava para os seus críticos de que McLuhan havia se vendido para o mundo da publicidade e que não passava de um charlatão. O valor apesar das críticas devido a uma série de fatos acabou sendo na verdade 40 mil dólares.

Herbert McLuhan, pai de McLuhan, na primavera de 1967, acabou por falecer (GORDON, 1997, p. 227), e seu filho também passou por dificuldades de saúde. Durante o ano em que lecionou na Fordham, houve uma deterioração considerável da saúde de McLuhan. Com o outono de 1967 avançava, apagões de McLuhan ficaram mais graves, mas McLuhan se recusava a ver um médico.

No final de outubro, no entanto, Edmund Carpenter explicou a um médico as reações de McLuhan durante os apagões e o médico lhe respondeu que isso poderia ser um tumor no cérebro. E ele estava certo, McLuhan foi submetido a uma longa cirurgia, que ficou conhecida como a mais longa operação de neurocirurgia na história da medicina americana até então (GORDON, 1997, p. 229). Além disso, no hospital mais de 200 representantes dos meios de comunicação entraram em contato com o hospital para saber notícias de McLuhan.

Embora a vida agora fosse apenas suportável devido as constantes dores, os efeitos da operação ficaram para o resto da vida de McLuhan. Nos meses que se seguiram era dramaticamente óbvio para os seus companheiros que McLuhan tinha mudado. Ele havia se tornado hipersensível aos sons agudos houve perturbação da memória ao ponto de McLuhan (que até então tinha uma memória fotográfica) dizer que vários anos de leitura haviam sido perdidos. Sua agilidade mental ficou prejudicada e muitas vezes ele se lembrava dos rostos das pessoas e não conseguia evocar os nomes e vice-versa, além de uma irritação incomum para com todos ao seu redor.

Seu retorno às atividades foi lento e gradual e pouco se sabia na Universidade de Toronto sobre a sua saúde. Em 1968 após um ano da cirurgia McLuhan voltou para Toronto para retomar algo parecido com sua rotina confortável e por lá ficou até a sua morte. Com o tempo ele foi retornando as suas atividades normais e após a sua recuperação ele publicou ainda em colaboração com outros autores uma série de livros, mas que nunca chegaram perto do sucesso de *Understanding Media* e de *The Medium is the Massage*.

Logo após a cirurgia foi publicado *War and Peace in the Global Village* (1968). Como o título indica, o livro apresenta análises em relação aos temas de violência e de identidade, apesar de não se referir em detalhe à guerra no Vietnã.

Em seguida, McLuhan publicou outro livro, em 1968, *Through the Vanishing Point: Space in Poetry and Painting*, que ele e o pintor Harley Parker estavam trabalhando em conjunto desde os anos cinquenta e inspirado por suas longas conversas sobre arte e do sensorio humano. O foco do livro eram os espaços criados por cada um dos sentidos - o espaço visual, espaço acústico – tendo como objeto de análise uma série de poemas e pinturas. (MARCHAND, 1989, p. 210).

Para alguém que tinha acabado de se recuperar de uma cirurgia à volta para Toronto deveria trazer tranquilidade, mas não foi o que aconteceu. A família teve que mudar e o centro também teve que mudar de endereço e agora estava ainda mais escondido, atrás de outro prédio. Apesar disso, o telefone não parava de tocar no centro com pedidos para entrevistas, palestras, consultorias e projetos em colaboração. Nessa época seu irmão Maurice foi contratado como seu assistente funcionando como uma blindagem para falar com McLuhan, fato que lhe rendeu o apelido de Xerife de McLuhan.

Além de Harley Parker que foi contratado como seu assistente, outros dois professores Sheila e Wilfred Watson foram seus assistentes para o ano de 1968-1969. Mas eles sempre foram apagados por McLuhan, ao ponto de seus assistentes serem conhecidos como as “Esposas de McLuhan” (MARCHAND, 1989, p. 214), o biógrafo Gordon ainda disse que no caso do irmão de McLuhan, Maurice, que havia sido contratado como assistente não prosperou, pois “nothing grows under an oak” (GORDON, 1997, p. 241). Segundo Marchand, esse círculo de esposas representou também uma deterioração da noção de um círculo de intelectuais que era um dos

objetivos iniciais de McLuhan com a criação do centro, mas agora McLuhan passava boa parte do tempo lidando apenas com os assistentes e às vezes insultando-os.

Logo depois, mais um livro foi publicado, *From Cliché to Archetype* em 1970 e desta vez em parceria com o poeta Wilfred Watson.

The idea for the book was based on McLuhan's discovery of the process whereby the ordinary technology and activity of one era become the artistic and archetypal forms of the following era. Such ordinary technology and activity, characteristic of the contemporary environment, McLuhan called "cliche" — that is, forms of expression that are pervasive in a culture and are used with little or no examination of their meaning. Archetypal forms, on the other hand, compel attention and seem to be charged with significance. (MARCHAND, 1989, p. 218)⁶⁰

Com esses dois livros (*From Cliché to Archetype*, *Through the Vanishing Point: Space in Poetry and Painting*) e um terceiro livro *Culture Is Our Business* (1970) que já estava pronto desde 1967 (MARCHAND, 1989, p. 220) marcam também uma crescente queda da popularidade de McLuhan apesar da grande produtividade. *Culture Is Our Business* foi um livro direcionado sobre a publicidade e às técnicas utilizadas, na qual mais uma vez apareceu a ambiguidade do autor em relação à publicidade. Para Gordon (1997, p. 246), a publicidade é criticada por McLuhan muito mais pelos seus fins do que propriamente pelos seus métodos.

[Making someone ill, then selling the cure is] the way advertising is done. They start off with the effects then look for the causes. That's how I prophesy. I look around at the effects and say, well, the causes will soon be here. (GLOBE AND MAIL, 1973 *apud* GORDON, 1997, p. 246)⁶¹

Como McLuhan havia feito em outros momentos, em *Culture Is Our Business* identificou a publicidade como a arte nas cavernas do século XX. Segundo Gordon (1997, p. 246), a similaridade entre os dois é que ambos expressam objetivos corporativos em vez de pensamentos privados. Diferentemente de *The Mechanical Bride* que endereçou a publicidade dos anos 40, agora McLuhan se dedicava a

⁶⁰ A idéia para o livro foi baseado na descoberta de McLuhan do processo em que a tecnologia comum e da atividade de uma era tornar as formas artísticas e arquetípica da época seguinte. A tecnologia comum tal actividade e, característico do ambiente contemporâneo, McLuhan chamado "cliché" - isto é, as formas de expressão que são difundidas em cultura e são usados com pouca ou nenhuma análise do seu significado. Formas arquetípicas, por outro lado, obrigam a atenção e parecem ser carregada com significado. (MARCHAND, 1989, p. 218)

⁶¹ [Fazer alguém doente, em seguida, vender a cura é] a forma como a publicidade é feita. Eles começam com os efeitos, em seguida, procuram as causas. É assim que eu profetizo. Eu olho em volta para os efeitos e digo, bem, as causas em breve estarão aqui. (GLOBE AND MAIL, 1973 *apud* GORDON, 1997, p. 246)

publicidade dos anos 60 pós-advento da televisão com o objetivo de demonstrar que o rádio, televisão e filmes se tornaram o maior negócio do mundo.

Apesar da repetição de um tema polêmico, a década de 1980 seria de decadência em muitos ângulos para McLuhan. Para Marchand (1989, p. 220), os livros em grande parte eram superficiais e ainda mais “[...] surprisingly for a writer so interested in classical rhetoric — produced with little thought of the impact they might have on their readers” (MARCHAND, 1989, p. 220)⁶².

McLuhan estava ficando cada vez mais isolado dentro da universidade. Ele já não era o único professor a ensinar os autores contemporâneos como Pound e Joyce e a universidade crescia exponencialmente com a chegada da primeira geração pós-guerra. Com um departamento com novos professores e novos alunos, a universidade deixava de ser um ambiente ideal para McLuhan que imaginava pequenos grupos de pesquisadores e com estudantes dedicados e interessados no debate intelectual.

As críticas a McLuhan diminuía, enquanto ele caía no esquecimento, mas ao mesmo tempo algumas pesquisas surgiam dando suporte às suas ideias. Ele que fora sempre acusado de não ser científico, recebeu com lisonjeio quando em 1970, Herbert Krugman, um cientista de pesquisa da *General Electric*, apresentou um documento à *Associação Americana para Pesquisa de Opinião Pública* relatando que a experiência de assistir televisão era uma coisa nova e fundamentalmente diferente de qualquer outra forma de comunicação humana (MARCHAND, 1989, p. 229).

Krugman havia testado a reação de espectadores medindo as ondas cerebrais produzidas em resposta ao material impresso e as reações ao assistir televisão. As ondas cerebrais eram um indicador muito mais sofisticado de resposta do que a dilatação da pupila, batimentos cardíacos, ou respiração.

Depois de ler os seus resultados à *Associação Americana para Pesquisa de Opinião Pública*, Krugman disse a um repórter: “I’m on a trip I didn’t plan. I never set out to confirm McLuhan’s hypothesis — I just kept falling over him.” (KRUGMAN, 1970 *apud* MARCHAND, 1989, p. 229)⁶³. McLuhan, é claro, ficou lisonjeado com o relatório de Krugman, pois aliviou os ombros de McLuhan de comprovar suas teorias com

⁶² “surpreendente para um escritor tão interessado na retórica clássica - produzido com o pensamento pouco do impacto que poderia ter sobre os seus leitores” (MARCHAND, 1989, p. 220).

⁶³ “Eu estou em uma viagem que eu não planejei. Nunca tive a intenção de confirmar a hipótese de McLuhan - Eu só continuava caindo sobre ele” (KRUGMAN, 1970 *apud* MARCHAND, 1989, p. 229).

pesquisas em laboratório e fez com que McLuhan mantivesse uma correspondência com ele por vários anos depois.

Os projetos e publicações de McLuhan diminuíram de importância frente à deterioração de sua saúde a partir de 1970. Seja por motivos de saúde ou de cansaço, McLuhan foi deixando de lado os debates contra seus críticos.

Em 1972, um novo livro intitulado *Take Today: The Executive as Dropout* de McLuhan foi publicado, desta vez em parceria com o engenheiro elétrico e consultor do governo de Ontário, Barry Nevitt. O primeiro contrato para a publicação do mesmo foi realizado em 1968 e McLuhan produziu bem durante os dois primeiros meses, mas o livro acabou ficando, como boa parte dos projetos do autor, em espera por mais de três anos (GORDON, 1997, p. 258). O livro era em grande parte dedicado aos homens de negócios com análises de como o mundo das organizações estava mudando com os novos meios eletrônicos, para eles estava acontecendo uma mudança de foco de *hardware*, ou aspecto físico das coisas como prédios e estruturas burocráticas, para uma era baseada em *software* que tinha como base os microchips e o circuito elétrico criando um novo mundo informacional passando da centralização para a descentralização e do especialismo para a compreensão total.

O livro, assim como os anteriores foi um fracasso de vendas chegando a vender apenas quatro mil livros (MARCHAND, 1989, p. 234). A culpa novamente McLuhan delegou para o seu colaborador que na verdade tinha feito o trabalho de transformar o livro em algo minimamente legível. “McLuhan was now simply paying the price for refusing to tackle the problem of how best to translate his thinking to the medium of the printed word. It was a problem for which he never really found a solution” (MARCHAND, 1989, p. 235)⁶⁴. Seu fracasso assinalou o fim de uma era - quando os executivos já não sentiam que eles estavam escutando coisas muito importantes.

Segundo Marchand, as preocupações com as eleições de 1972 colocaram um fim definitivo na década de 60 e McLuhan mais uma vez colocou-se na defensiva, acreditando que as mudanças sociais como a revolução sexual seriam sangrentas e apocalípticas, seguindo a tradicional ideia de que haveria a revelação da segunda vinda de Cristo. Essa apreensão foi reforçada pelo desenvolvimento de novas ideias em

⁶⁴ “McLuhan estava agora simplesmente pagando o preço por se recusar a resolver o problema de como melhor traduzir o seu pensamento para o meio da palavra impressa. Foi um problema para o qual ele nunca encontrou realmente uma solução” (MARCHAND, 1989, p. 235).

relação aos efeitos do novo mundo acústico e o nascimento do que ele veio a denominar de o “homem desencarnado”.

O homem desencarnado seria o homem capaz de estar presente em um ou vários lugares sem o estar fisicamente presente e acostumado a conversar com outros seres humanos a quilômetros de distância e acostumado a ter pessoas invadindo a sua casa e seu sistema nervoso através da televisão (MARCHAND, 1989, p. 238). O efeito dessa realidade era o estado tipicamente hipnótico, pois psiquicamente, o homem desencarnado sofreu um colapso entre a sua consciência e seu inconsciente.

McLuhan elaborou ainda mais as suas percepções sobre o homem desencarnado, em 1977, trazendo o conceito de lei natural. A lei natural, segundo a teologia católica, versa sobre a lei natural de que buscamos a saúde, a evitar lesões e valorizar os laços de família e afins. Para McLuhan, o homem desencarnado destruiu quase totalmente a lei natural (MARCHAND, 1989, p. 239).

Em 1973, após a publicação de *Take Today*, McLuhan começou a trabalhar em um novo livro baseado na sua leitura de *The Structure of Scientific Revolutions* (1962) de Thomas Kuhn. Segundo Marchand, após ter se dedicado aos avanços artísticos daquele século ele resolveu se dedicar aos avanços científicos vasculhando as revistas *Scientific American* de 1900 e interrogando seus amigos e alistando estudantes para o projeto. Harley Parker disse antes de deixar o centro em 1975, que estava convencido que o projeto mais uma vez não veria a luz do dia, ainda que ele tivesse participado do mesmo. Segundo Marchand, o empreendimento exigia um tipo de análise e pesquisa sistemática estranha à natureza do pensamento de McLuhan. Ele até se candidatou para receber financiamento para desenvolvê-lo em 1974, mas foi negado.

He knew very well that the academics chosen to evaluate his proposal would have had a field day dismissing his sweeping assertions and his highly improper “methodology.” (His articles, which lacked the scholarly standards required by most university journals — the rigorously documented and footnoted conclusions and so on — manifested the same refusal to play by academic rules.) (MARCHAND, 1989, p. 240)⁶⁵

Para Marchand, mesmo se tivesse recebido o financiamento ele provavelmente não teria terminado o livro. Com os seus editores da Doubleday ele ofereceu outro livro,

⁶⁵ Ele sabia muito bem que os acadêmicos que escolheram avaliar a sua proposta teriam tido um dia de campo descartando suas afirmações radicais e sua altamente imprópria “metodologia” (Seus artigos, que não tinham os padrões acadêmicos exigidos pela maioria das revistas universitárias - as conclusões rigorosamente documentadas e notas de rodapé e assim por diante - manifestou a mesma recusa de jogar pelas regras acadêmicas) (MARCHAND, 1989, p. 240)

pois este ele tinha deixado de lado. O livro se chamaria *The Laws of Media*, e tinha suas origens no livro de Karl Popper (1972) e a noção de que para ser uma teoria científica a teoria tinha que ser necessariamente capaz de ser reprovada nos testes.

McLuhan, que tinha ciúmes do prestígio da ciência, aproveitou a noção com o objetivo de utilizar a mesma forma de reconhecimento que validava a ciência. Seu objetivo era formular proposições sobre a dinâmica recorrente dos principais artefatos humanos que ele denominou de as quatro leis dos meios (*laws of media*).

A primeira diz que os meios intensificam ou aceleram certo processo ou coisa. A segunda diz que, um novo meio torna obsoleto outro processo ou coisa. A terceira lei parte do livro *From Cliché to Archetype* diz que, o meio recupera algum processo ou coisa que estava obsoleta. E a quarta diz que, uma vez que o meio é superaquecido, utilizado ao extremo de seu potencial ele reverte as suas propriedades para algo novo. Isso McLuhan direcionou para a compreensão não só dos meios de comunicação, mas de qualquer tecnologia. As leis funcionariam como uma ferramenta para o homem visual para ele ser capaz de compreender o processo, para uma percepção total das coisas.

Suas descobertas apareceram em 1975 na revista *Technology and Culture* sob o título "*McLuhan's Laws of the Media*". Essa foi mais uma tentativa de ser científico, pois McLuhan diria que as leis foram desenvolvidas a partir do método científico e já que as leis poderiam ser falsificadas conforme procedimento descrito por Popper.

No doubt McLuhan felt that he had seized the high ground, and he waited hopefully for battalions of scientifically minded critics either to attempt to storm his positions or else to acknowledge, in effect, that he was not the intellectual buffoon he had been made out to be. He was desperate, in short, to be taken seriously. Unfortunately, the sole response was a long, rambling letter from one William Henry Venable, described as an "engineer and practicing attorney" from Pittsburgh, Pennsylvania. In a way, it was absurd for McLuhan to think that his laws of the media were any more "inductive" or "scientific" than any of his other pronouncements. They could not be disproved, only endlessly argued. There were too few factual constraints on this tetrad for it to resemble, however faintly, a true scientific hypothesis. And yet, no more than the rest of McLuhan's work, it could not be dismissed as simply fanciful. There was too much intellectual life compressed within it. (MARCHAND, 1989, p. 242)⁶⁶

⁶⁶ Sem dúvida McLuhan sentiu que ele tinha apreendido o terreno elevado, e ele esperou esperançosamente pelos batalhões de críticos de mente científica, quer para tentar invadir suas posições, ou então a reconhecer, com efeito, que ele não era o palhaço intelectual que tinha sido feito parecer ser. Ele estava desesperado, em suma, para ser levado a sério. Infelizmente, a única resposta foi uma longa carta desconexa de William Henry Venable, descrito como um "engenheiro e advogado praticante" de Pittsburgh, Pensilvânia. De certa forma, era um absurdo para McLuhan pensar que as suas leis dos meios de comunicação eram mais "indutivas" ou "científicas" do que qualquer outro de seus pronunciamentos. Elas não podiam ser refutadas, argumentou apenas infinitamente. Havia muito poucas restrições factuais

Seus editores concordaram, em 1974, em publicar o livro, mas segundo um dos editores o livro era impublicável na forma em que estava. O livro, apesar das promessas de revisão de Eric McLuhan, não foi publicado na época. Somente em 1988, após oito anos da morte de McLuhan, o livro foi publicado tendo Eric McLuhan como coautor.

Em 1972, ele conheceu Robert Logan, professor de física da Universidade de Toronto que estava lecionando uma disciplina denominada *Poetry of Physics* também conhecida como *The Physics of Poetry*. Robert Logan se tornou o consultor não-oficial sobre ciência de McLuhan e com ele desenvolveu um projeto para um livro (que jamais foi publicado). Mas eles colaboraram em alguns artigos e Logan posteriormente, publicou uma série de livros sobre os meios de comunicação, linguagem e sobre McLuhan, em especial, o livro *The Alphabet Effect* baseado nas suas conversas com McLuhan e que supostamente seria o livro feito em colaboração.

Enquanto a década de 70 acabava, McLuhan se sentia cada vez mais depressivo pelos diversos projetos inacabados e também porque nenhum dos seus livros após *Understanding Media* (1964) tinha melhorado a sua reputação ou trazido uma boa impressão com o público intelectual. Segundo Marchand, ele raramente discutia algum assunto que era doloroso e também a quase ausência de orgulho de seus livros além de minar a sua vontade de terminar seus outros livros planejados. Ele sabia que seus livros tinham ideias interessantes, mas também sabia que as críticas muitas vezes eram equivocadas.

Segundo Marchand, McLuhan não conseguia se dedicar a recriar e clarear seus escritos. “If he had found collaborators who also possessed superb editorial powers and if he had trusted those collaborators to exercise such powers, McLuhan’s later books might have been more successful.” (MARCHAND, 1989, p. 245)⁶⁷.

Whatever the reasons, McLuhan could see that he would share the fate of Ezra Pound and Wyndham Lewis, who had also tried to wake up contemporaries with their insights and who had failed. McLuhan’s insights were not negligible. His most important insight, perhaps, had been his realization that the introduction of a major medium of communication, such as print or television, involved a major shift in the mental posture of that

sobre esta téttrade para que se assemelhassem, ainda que fracamente, a uma hipótese científica verdadeira. E, no entanto, não mais do que o resto da obra de McLuhan, não poderia ser descartada como simplesmente fantasiosa. Havia muita vida intelectual comprimida dentro dele. (MARCHAND, 1989, p. 242)

⁶⁷ “Se ele tivesse encontrado colaboradores que também possuíam poderes editoriais soberbas e se ele tivesse confiado aos colaboradores para exercer tais poderes, os livros posteriores de McLuhan poderiam ter sido mais bem sucedidos.” (MARCHAND, 1989, p. 245)

medium's users, regardless of what was actually printed or broadcast. To indicate the specific dimensions of the shift, given its subtlety and complexity, was extraordinarily difficult. As soon as one aspect of the shift was pointed out, ten good arguments could be made that that aspect was exaggerated or was due to other causes. (MARCHAND, 1989, p. 245)⁶⁸

Robert Logan, entretanto, continuou a trabalhar com McLuhan. Logan estava desenvolvendo para o seu curso o questionamento de como a ciência começou no ocidente e sua hipótese era de que o monoteísmo e a codificação jurídica foram os desenvolvimentos necessários para o sistema jurídico. Essa era a principal diferença entre o ocidente eo oriente e a razão pela qual o ocidente desenvolveu as ciências e não oriente. McLuhan direcionou Logan para outro caminho, dizendo que o que diferenciava os dois sistemas era justamente o alfabeto fonético devido ao seu processo analítico e lógico e ele sim era o ponto fundamental da razão ter desenvolvido as ciências.

Logan também influenciou diretamente o pensamento de McLuhan, inspirando o interesse de McLuhan nos hemisférios do cérebro que ele começou a divulgar em todas as suas falas e textos, principalmente por volta de 1976.

Para McLuhan, o hemisfério direito era o hemisfério dedicado ao universo do acústico, simultâneo, intuitivo e da era eletrônica. O hemisfério esquerdo, em sintonia com o visual, o linear, e o quantitativo, foi o hemisfério do alfabeto fonético e da prensa. Na interpretação de Marchand, a divisão dos hemisférios do cérebro reafirmavam as hipóteses de toda uma vida para McLuhan. A divisão em hemisférios não era algo que adicionava às suas hipóteses, mas dava base neurológica para aquilo que ele passou a vida toda dizendo sobre as dicotomias entre acústico e visual, relações analógicas e lógicas, entre outros. Ao mesmo tempo, essa noção dava retorno às suas críticas contra os críticos, pois respondia o fato pelo qual os críticos haviam rejeitado as suas ideias. McLuhan era alguém utilizando o hemisfério direito falando com pessoas que usavam o hemisfério esquerdo.

⁶⁸ Quaisquer que sejam as razões, McLuhan poderia ver que ele iria partilhar o destino de Ezra Pound e Wyndham Lewis, que também tentou acordar contemporâneos com suas ideias e que tinha falhado. As ideias de McLuhan não eram desprezíveis. Sua visão mais importante, talvez, tinha sido sua percepção de que a introdução de um importante meio de comunicação, tais como impressão ou televisão, envolveu uma grande mudança na postura mental dos usuários desse meio, independentemente do que realmente foi impresso ou transmitido. Para indicar as dimensões específicas da mudança, dada a sua sutileza e complexidade, foi extraordinariamente difícil. Assim que um dos aspectos da mudança foi apontado, dez bons argumentos poderia ser feito que esse aspecto foi exagerado ou foi devido a outras causas. (MARCHAND, 1989, p. 245)

McLuhan tinha impaciência com a pesquisa científica, para ele, não era necessário passar 10 anos de pesquisa para confirmar algo que ele já percebia claramente, dessa forma a indiferença dos homens da ciência era compreensível. Da mesma maneira que a interpretação de McLuhan do trabalho destes cientistas também não seria algo que eles iriam endossar.

Marcel Kinsbourne, que havia conversado com McLuhan durante este período sobre a questão dos hemisférios tinha opiniões contrárias sobre as distinções entre os dois hemisférios. Pois para ele, diz Marchand.

In Kinsbourne's interpretation, the right brain was perfectly logical and by no means intuitive, or receptive [...] Rather, the right hemisphere specialized in the perception of spatial relationships, and the left hemisphere specialized in sequential relationships, especially those sequences of words we call written or spoken language. In simplest terms, according to Kinsbourne, the left hemisphere dealt with what a point was, and the right dealt with where it was. It was easy to understand how McLuhan could use this distinction as a launching pad for his own distinctions between acoustic and visual, but what McLuhan meant by "visual" was not what Kinsbourne and his colleagues would have meant by "visual," and that made communication very difficult. In fact, Kinsbourne saw McLuhan, if anything, as a left hemisphere man par excellence. "He was one of the most linear people I've ever met,"... (MARCHAND, 1989, p. 247)⁶⁹

O conceito dos hemisférios se juntava com outra noção que McLuhan desenvolveu nos anos 1970 de *figure e ground* que ele tomou emprestado do universo da pintura. Para McLuhan, as pessoas focavam apenas nas figuras e esqueciam-se do fundo, que é o ambiente que modifica toda a experiência.

A percepção verdadeira seria ter a capacidade de manter a atenção tanto na figura quanto no fundo para perceber a situação total. O conceito também entrou no sistema de McLuhan. Dessa forma a figura era visual, conceitual e a causa atribuída de uma coisa e obviamente no sistema de McLuhan era o homem letrado que tinha se preocupado quase exclusivamente com a figura. Já o fundo era acústico, perceptivo e efeito percebido de uma coisa.

⁶⁹ Na interpretação de Kinsbourne, o lado direito do cérebro era perfeitamente lógico e de nenhuma maneira intuitiva, ou receptivo [...] Em vez disso, o hemisfério direito se especializou na percepção de relações espaciais, e o hemisfério esquerdo se especializou em relações sequenciais, especialmente as seqüências de palavras que chamamos de língua escrita ou falada. Em termos mais simples, de acordo com Kinsbourne, o hemisfério esquerdo lidava com o que era um ponto e o direito tratado onde estava [o ponto]. Foi fácil entender como McLuhan poderia usar esta distinção como uma plataforma de lançamento para as suas próprias distinções entre acústico e visual, mas o que McLuhan quis dizer com "visual" não era o que Kinsbourne e seus colegas entendiam por "visual", e que fez comunicação muito difícil. Na verdade, Kinsbourne viu McLuhan, se alguma coisa, como um homem de hemisfério esquerdo por excelência. "Ele era uma das pessoas mais lineares que eu já conheci",[...] (MARCHAND, 1989, p. 247)

Now McLuhan was concerned to retrieve some of that primitive awareness. One way of encouraging awareness of the ground of a thing, instead of merely focusing on the thing itself, was to imagine what it would be like to be suddenly deprived of that thing. Or one could take a thing and put it in a different ground — imagine a car in the nave of a church. (MARCHAND, 1989, p. 248)⁷⁰

McLuhan first began to meditate fully on this dynamic while working on *From Cliche to Archetype* and considering the ways in which clichés flipped into archetypes and vice versa. He then altered the meaning of these same terms slightly, dubbed them “figure” and “ground” in *Take Today*, and used the new terms with increasing frequency from about 1974 onward. Once he hit on an idea like this, he could not let it go. (MARCHAND, 1989, p. 260)⁷¹

Isso se tornou um complicador, pois McLuhan era conhecido por se repetir infinitamente. Então nessa época qualquer tipo de conversa poderia cair no argumento complexo sobre figura e fundo e hemisfério esquerdo e direito.

Sua mobilidade e saúde também vinham se degradando, mas isso não impedia McLuhan de socializar e continuar convidando pessoas para casa e colocando Corinne em situações complicadas. Eric estava tendo dificuldade em sua carreira acadêmica. Após se graduar em 1972, ele só foi terminar o mestrado em literatura em 1979 e lhe faltava, segundo Marchand a mesma energia e confiança do pai. Eric se tornou assistente de McLuhan e a relação nunca foi tranquila, mas ele era um parceiro mais leal e mais próximo de McLuhan.

E McLuhan acreditava que seu filho tinha, sim, contribuído de forma substancial para o seu trabalho a partir de seus projetos em conjuntos e diálogos. E Eric seguiu a vida trabalho em projetos iniciados pelo pai e organizando seus escritos após a sua morte. McLuhan ainda viveu para ver o casamento de Eric e Elizabeth

McLuhan disse a um amigo que uma de suas filhas havia reclamado com ele sobre a dificuldade de encontrar alguém para casar: quem, ela perguntou, poderia se comparar com o seu pai? Reconhecendo o problema, McLuhan esperava que elas se casassem com homens sem nenhuma pretensão intelectual. Segundo Marchand, elas

⁷⁰ Agora McLuhan estava preocupado em recuperar alguns dessa consciência primitiva. Uma maneira de incentivar a conscientização sobre o fundo de uma coisa, em vez de apenas se concentrar na coisa em si, era de imaginar como seria se, de repente ser privados daquela coisa. Ou pode-se pegar uma coisa e colocá-la em um terreno diferente - imagine um carro na nave de uma igreja. (MARCHAND, 1989, p. 248)

⁷¹ McLuhan começou a meditar totalmente nesta dinâmica, enquanto trabalhava em *From Cliche to Archetype* e considerando-se as formas em que os clichês viravam em arquétipos e vice-versa. Em seguida, ele alterou o significado desses mesmos termos ligeiramente, chamou-os de "figura" e "fundo" em *Take Today*, e usou os novos termos com o aumento da frequência de cerca de 1974 em diante. Uma vez que ele batia em uma ideia como essa, ele não podia deixá-la ir. (MARCHAND, 1989, p. 260)

casaram com homens sem a tal pretensão intelectual, mas isso não salvou o casamento delas de diversos transtornos.

Como o passar dos anos, a participação nos seminários organizados por McLuhan nas segundas-feiras à noite foram gradualmente esvaziados até o ponto que em 1978 sua assistente ficou responsável a mando de McLuhan de tentar atrair alunos e professores para o seminário. Neste período, McLuhan apareceu no centro para o primeiro dia de aula de seu curso de pós-graduação em literatura e foi desagradavelmente surpreendido ao descobrir que apenas seis alunos haviam se inscrito para ele.

Até mesmo a linguagem de suas idéias variou muito pouco. Além disso, como a tecnologia mudou, McLuhan não pareceu interessado em explorar as implicações dos últimos avanços - nem mesmo que grande maravilha tecnológica da década de setenta, o computador e o microchip. Computadores eram interessantes para ele pelas suas características de armazenamento e recuperação de informações, como parte do campo de caça do homem desencarnado.

Em julho de 1976, McLuhan recebeu um telefonema do cineasta Woody Allen pedindo-lhe para desempenhar um pequeno papel como ele próprio para o seu novo filme *Annie Hall*. McLuhan disse que ele não era ator, mas Allen garantiu-lhe que ele poderia usar uma de suas frases de apenas uma linha. McLuhan concordou.

Segundo Marchand (1989, p. 259), Robert Logan estava com McLuhan, quando ele falou com Allen e lembra: “He came back from the conversation like a kid who had just raided a candy store.”⁷². Allen apelou tanto para o lado lúdico do personagem de McLuhan e de sua necessidade de ser levado a sério.

Duas semanas depois, eles gravaram a cena que levou mais de 16 tomadas e teve que ser refeita posteriormente. O episódio foi claramente cansativo e McLuhan não gostou da forma pela qual a frase foi proferida. Na mesma manhã, ele voltou de Nova York, onde as cenas foram gravadas, para Toronto onde tinha uma reunião com um dos seus orientandos de mestrado.

Quando McLuhan entrou no centro orientando Scott Taylor, segundo Marchand, sabia que havia algo de errado com McLuhan. McLuhan teve mais um ataque de uma série de pequenos ataques que aconteceram ao longo de 1976. Em alguns

⁷² “Ele voltou da conversa como uma criança que tinha acabado de invadir uma loja de doces.” (MARCHAND, 1989, p. 259)

casos ele teve perda de memória e a perda de habilidade de focar em qualquer coisa que estava na sua frente.

Apesar disso, o filme foi uma ótima jogada de relações públicas para McLuhan e perdurou até hoje. Algumas semanas depois de gravar o filme, ele apareceu na NBC-TV para discutir novamente sobre os debates eleitorais dos Estados Unidos, desta vez no debate entre Jimmy Carter e Gerald Ford. Segundo Marchand, McLuhan observou que o debate com cuidado, observando a linguagem corporal de ambos os participantes, e observado, com alguma diversão, que moderador Frank Reynolds projetado muito mais autoridade do que qualquer um dos dois candidatos.

McLuhan ainda amava a idéia de influenciar o pensamento das grandes mentes do mundo, e ficou emocionado quando André Malraux enviou-lhe uma cópia de seu último volume, *La tête d'Obsidienne*, em 1974, com um recado lisonjeiro. Foi a perda do potencial de influência, mais do que qualquer vaidade meramente pessoal, que fez McLuhan lamentar o fim da fama. Para McLuhan, todo aquele “sensacionalismo e notoriedade”, segundo ele, interferiram no seu trabalho (1989, p. 260). “O que é pior”, ele disse a um repórter na metade da década de 70, “[...] all the publicity never helped in getting people to understand what I say” (1989, p. 260)⁷³.

Seja qual for a explicação, no entanto, é certo que McLuhan não fez nenhum esforço real para perpetuar suas idéias ou para garantir que o trabalho do centro continuaria depois dele (MARCHAND, 1989, p. 261). Como um associado colocou, McLuhan era mais como “um adulto jogando em um jardim de idéias agradáveis” do que um homem fazendo uma oferta séria para a imortalidade através da preparação de um corpo de trabalho que iria sobreviver a ele. Quando sua obsolescência chegou, ele não estava preparado para isso.

Em Outubro de 1976, ele teve um surto de gripe e um pequeno ataque cardíaco, grave o suficiente para ser internado por mais uma semana. De fato, o corpo de McLuhan dava os sinais de que estava se esgotando.

Durante esse período, ele continuava trabalhando com Robert Logan e o projeto era lançar um livro sobre bibliotecas. Suas ideias mais recentes apareceriam nesse projeto como a ideia de que a invenção de Gutenberg transformou todos em leitores e que a invenção da fotocópia transformou todos em editores. Fruto desse trabalho, Logan e McLuhan publicaram em 1977 o artigo “Alphabet: Mother of Invention” em que

⁷³ “toda a publicidade nunca ajudou em levar as pessoas a entender o que eu digo.” (1989, p. 260)..

discutiam os efeitos do alfabeto fonético sobre a ciência antiga e moderna (MARCHAND, 1989, p. 262).

Se o corpo parecia começar a desistir, a vontade de continuar publicando não cessava. Em 1977, ele publicou *City as Classroom* (1977) mais um livro sobre os efeitos da tecnologia eletrônica na educação em colaboração com seu filho Eric e uma jovem professora Kathryn Hutchon. Este seria o último livro publicado em vida e remontava os trabalhos de F. R. Leavis e Denys Thompson “Culture as Environment” e era direcionado para chamar a atenção de estudantes contra os efeitos da era eletrônica e transformá-los em investigadores sobre a cultura e dos meios de comunicação (MARCHAND, 1989, p. 263).

Em 1978, ainda que McLuhan continuasse a se envolver em vários projetos, ele teve uma nova baixa. Desta vez, a sua fiel secretária Margaret Stewart caiu de uma escada no escritório e acabou nunca retornando ao escritório. Sua substituta Eleanor Austen era jovem secretária no St. Michael’s College, mas não era amável ou tinha qualquer tipo de admiração pelo trabalho de McLuhan. Ela não suportava o caos existente no centro e por várias vezes jogou diversos documentos rabiscados por McLuhan no lixo.

No outono de 1979, começava mais um semestre na universidade e McLuhan se recuperava de mais uma recaída em que ficou paralisado nas pernas durante uma missa. Entre os planejamentos uma apresentação no Brasil, mas que não viria a acontecer (GORDON, 1997, p. 286).

A atmosfera do centro também foi ficando cada vez mais tensa. McLuhan havia recebido um adiantamento de um editor para um projeto de um livro e o livro não estava nem perto de estar pronto, nem mesmo o projeto do livro *Laws of Media*, sua solução foi conseguir uma bolsa de 26 mil dólares da *Social Sciences and Humanities Research Council of Canada*.

McLuhan estava aliviado, mas também porque a bolsa garantiu um ano de salário para Eric. Quando ele se aproximou de aposentadoria, a questão do emprego de Eric assumiu uma importância crescente. Tal como no passado, McLuhan não hesitou em se aproximar até mesmo daqueles que ele não considerava como amigos, se isso significasse uma oportunidade para promover os interesses de seu filho. Dennis Duffy, professor de Inglês da Universidade de Toronto que havia publicado críticas levemente hostis ao trabalho de McLuhan, acabou por receber um convite de almoço de McLuhan

no final dos anos setenta, quando Duffy era um dos diretores de um dos colégios. "Eu pensei, oh não, aqui estou eu, vou ser monologado por 45 minutos", Duffy lembra que "But during the lunch he said, 'Have you met my son Eric? He's looking for a job and you're principal of Innis College and maybe you could give him one.' It was all so clumsy and innocent and nice that I didn't come away mad at all." (MARCHAND, 1989, p. 268)⁷⁴.

Em 30 de Junho de 1980, era para ser seu último dia na folha de pagamento. Como seu último ano letivo começou no outono de 1979, McLuhan começou a esperança de que o prazo pode ser adiado por mais um ano, ou que ele pudesse de alguma forma rodar o centro de forma independente da universidade.

Em 25 de Setembro de 1979, McLuhan sentou em sua mesa de trabalho sobre as provas para um artigo que tinha escrito para a revista Maclean. Eleanor Austen percebeu que ele tinha problemas segurando o lápis e que sua mão estava tremendo. Ele se levantou de sua mesa instável e fez a sua maneira para descer as escadas, onde ele caiu no chão. George Thompson ajudou a para o sofá e, em seguida, telefonou para pedir ajuda. No hospital ao recobrar a consciência, ele teria falado "Eric, Brasil" e não conseguiu mais falar pelo resto da sua vida (GORDON, 1997, p. 287).

Assim, começou a estadia de McLuhan em um purgatório terrestre em que ele ouvia e entendia tudo, mas não podia dizer nada. Para um homem que viveu para falar, foi o tormento final. "When one of his staff asked me about this, I realized they were trying to use McLuhan's ideas to retrain him. With the best will in the world I couldn't see how it could be done. But these people believed so strongly in him." (KINSBOURNE *apud* MARCHAND, 1989, p. 271)⁷⁵

McLuhan não recebeu muitas visitas no hospital o que deixou Corinne desapontada, principalmente com seus colegas de universidade. A relação entre a família McLuhan e do St. Michael's College e da Universidade de Toronto, em geral, tinha-se tornado cada vez mais tensa. McLuhan estava impossibilitado de qualquer atividade e o centro deveria ser protegido. A administração da universidade foi

⁷⁴ "Mas durante o almoço, ele disse, 'Você já conheceu o meu filho Eric? Ele está à procura de um trabalho e você é diretor de Innis College e talvez você poderia dar-lhe um'. Foi tudo tão desajeitado e inocente e agradável que eu não fui embora com raiva de maneira nenhuma." (MARCHAND, 1989, p. 268).

⁷⁵ "Quando um de sua equipe me perguntou sobre isso, percebi que eles estavam tentando usar idéias de McLuhan a treinar ele. Com a melhor boa vontade do mundo eu não podia ver como isso poderia ser feito. Mas essas pessoas acreditavam tão fortemente nele" (KINSBOURNE *apud* MARCHAND, 1989, p. 271).

pressionada a fazer alguma decisão sobre o futuro do centro. John Leyerle, então diretor da Escola de Pós-Graduação, lembra:

We delayed and delayed this decision hoping that McLuhan would recover. We kept getting stories that McLuhan was recuperating and starting to speak and it would just be a couple of weeks before he recovered. We were being told what people wanted to believe, not what was the case (LEYERLE *apud* MARCHAND, 1989, p. 273).⁷⁶

Em março de 1980, um comitê de revisão foi formado, chefiado pelo amigo e admirador Ernest McCulloch. Em maio, o comitê publicou um relatório afirmando, corretamente, que “Marshall McLuhan was the Centre, and the Centre was Marshall McLuhan.” (MARCHAND, 1989, p. 273)⁷⁷. Sob as circunstâncias, o comitê recomendou que o centro fosse substituído por um Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia, que tem como principal função seria a de patrocinar palestras sobre a obra de McLuhan e assuntos relacionados.

Em junho, a universidade anunciou que estava de fato acontecendo para desmantelar o centro. Em seu lugar, o Programa McLuhan, com um orçamento de 20 mil dólares, tentaria levar adiante o legado de seu trabalho na universidade. Os protestos públicos de homens como Buckminster Fuller, Woody Allen, e Tom Wolfe sobre o fechamento do centro não foi capaz de reverter o processo. Até mesmo o ministro Pierre Trudeau tinha escrito uma carta solidarizando-se com McLuhan sobre o plano da universidade e também para a própria universidade, mas mesmo ele não podia fazer nada para salvar o centro.

Os centros da universidade deveriam produzir um tipo de pesquisa que se encontra nas revistas científicas ou treinar estudantes de pós-graduação em programas completos de pós-graduação. Mas segundo Marchand (1989, p. 274) centro de McLuhan tinha feito muito pouco do primeiro e nada do segundo.

O comitê estava em situação difícil, pois o centro estava centrado na figura de McLuhan e em 1980 não havia candidatos promissores para preencher o espaço deixado por McLuhan. O lugar estava um caos, como se alguém tivesse deliberadamente destruído os arquivos. “Era apenas um depósito de lixo completo”, lembra ela. O centro fechou oficialmente em 30 de Junho de 1980 (GORDON, 1997, p. 294). Somente depois

⁷⁶ “Nós atrasou e atrasou a decisão na esperança de que McLuhan iria se recuperar. Continuamos recebendo histórias que McLuhan estava se recuperando e começando a falar e que seria apenas um par de semanas antes de ele se recuperou. Estávamos sendo dito o que as pessoas queriam acreditar, não o que era o caso.” (LEYERLE *apud* MARCHAND, 1989, p. 273).

⁷⁷ “Marshall McLuhan era o Centro e o Centro era Marshall McLuhan.” (MARCHAND, 1989, p. 273)

de um grande levante encabeçado por ex-alunos e professores é que o centro voltou a funcionar.

McLuhan jantou normalmente com a sua família e um amigo padre da família no dia 30 de dezembro, mas acabou por falecer durante a madrugada em sua cama no dia 31 de dezembro de 1980.

3.1 AS PRINCIPAIS TESES DE MCLUHAN

Neste tópico nos dedicamos a uma tentativa de sistematização das principais teses de McLuhan, a dificuldade desse empreendimento está na quantidade de aforismos e expressões utilizados pelo autor ao longo de sua carreira. Torna-se necessário não somente interpretá-los, mas também encontrar os pontos de contatos entre elas, a fim de estabelecer um sistema teórico que tenha coerência. Retomaremos, assim, várias expressões que ficaram famosas para abordá-las como representações de partes de uma tese de plano mais geral, como é o caso da distinção entre meios quentes e frios. Entre as principais teses comunicacionais de McLuhan estão (1) o meio é a mensagem e as extensões do homem; (2) a proposta estético-sensorial: espaço acústico e espaço visual; (3) leis dos meios.

3.1.1 O meio é mensagem e as extensões do homem

Nesse tópico vamos descrever o que nos parecer ser o fundamento do trabalho de McLuhan, sua teoria dos meios de comunicação e das tecnologias. O interesse pela tecnologia já se manifestava na sua adolescência e na decisão de se matricular no curso de engenharia na universidade de Manitoba (ainda que tenha saído do curso em pouco tempo). Posteriormente McLuhan teve contato com o trabalho de autores como Lewis Mumford e Sigfried Giedion, que somados às análises desenvolvidas por I. A. Richards e F. R. Leavis em Cambridge, expandiria seus interesses e daria forma a seu primeiro livro: *The Mechanical Bride* (1951).

Inicialmente, sua atenção se volta para os métodos utilizados na publicidade americana a partir de uma crítica literária, mas ultrapassa a análise do texto (algo que

aprendeu principalmente com F. R. Leavis) e percebe as peças publicitárias como representantes de um espírito tecnológico, típico de uma sociedade que relaciona sexo com tecnologia. Mais tarde ele chegará a considerar as técnicas da publicidade como similares as dos grandes poetas.

No entanto, o marco de seu interesse pelas tecnologias comunicacionais provavelmente é seu contato com o economista político Harold Innis, levando-o a desenvolver um projeto teórico mais amplo e complexo, centrado neste tipo de tecnologia. Sua concepção sobre as relações entre tecnologias e sociedade foi sintetizada na expressão “o meio é a mensagem”, resultado de um longo processo intelectual. Segundo Gordon (1997, p. 173), ela teria sido utilizada pela primeira vez entre os anos de 1957 e 1959 e mais tarde seria associada à expressão “os meios de comunicação como extensões do homem”.

Para Meyrowitz (2001), os meios de comunicação foram descritos e diferenciados de três maneiras. A primeira considera os meios de comunicação como condutores de informações, ideias, valores entre outros. A alfabetização necessária para analisar a mensagem implica a capacidade de acessar e analisar as mensagens para decodificar e decifrar a intenção da mensagem. Quando o conteúdo é o foco de análise, os meios de comunicação quase que não se diferenciam deste, a atenção se volta para as diferenças entre os conteúdos (por exemplo, a oposição entre conteúdo violento e pacífico), mas também pode envolver as análises de como os conteúdos são construídos diante das pressões políticas, econômicas e institucionais, determinando sua forma.

A segunda refere-se à gramática dos meios, que são os elementos de produção de cada meio, como estas são utilizadas para tentar moldar a percepção e as respostas às comunicações mediadas. A alfabetização necessária envolve o conhecimento dos elementos possíveis de cada meio de comunicação e como pode ser utilizada para guiar a percepção levando em consideração as variações de público e cultura. No caso da mídia impressa, entre os elementos gramaticais estão: o tamanho de papel, cores, tipografia, diagramação e etc.. Além disso, podem emprestar elementos entre os diversos meios, mas ainda assim cada meio tende a oferecer uma forma única de combinar os elementos. É possível perceber os elementos quando um elemento do conteúdo é mantido e os elementos gramaticais são alterados, mas utilizando o mesmo meio. Como, por exemplo, a diferença entre uma narrativa escrita sobre um assassinato a partir da perspectiva da vítima ou a partir da perspectiva do assassino. Segundo

Meyrowitz, “Quanto mais efetivos forem os elementos gramaticais dos media, menos consciente dos mesmos estará um membro da audiência” (2001, p. 94).

A terceira maneira, que é foco central de McLuhan, entende que cada meio de comunicação tem as suas características relativamente fixas, estas influenciam diretamente a psique humana, sendo em grande parte independente do conteúdo dos meios e dos elementos gramaticais. Entre elas estão o tipo de sentido requisitado (visual, oral, olfativo etc.); a forma da informação (ilustração, palavra escrita, voz, entre outros); direção da comunicação (unidirecional, bidirecional, multidirecional); se a comunicação ocorre de forma simultânea ou em sequência bidirecional por turnos; velocidade da codificação, disseminação e decodificação; requerimento físico para engajar o meio (como a necessidade de estar presente fisicamente ou fixar o olhar em uma única direção); o grau e medida de manipulação humana (como na diferença entre pintar um quadro e tirar uma foto); amplitude e a natureza da disseminação (se a comunicação é individual, ou para várias pessoas ao mesmo tempo). Notemos que McLuhan não chegou a fazer esta sistematização como Meyrowitz mas utilizava essas diferenciações de modo intuitivo.

O aspecto macro das análises feitas por McLuhan leva em conta o efeito amplo das mudanças sociais devido à inserção de um novo meio de comunicação. Explorando também as alterações que podem ocorrer na natureza e nos tipos de situações sociais, nas relações pessoais quando um novo meio se insere no ambiente. Para McLuhan, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas”. ([1964] 1969, p. 22), algo que para ele havia sido esquecido pelos pesquisadores e que era mais profundo do que os efeitos do conteúdo “Societies have always been shaped more by the nature of the media by which men communicate than by the content of the communication.” (MCLUHAN, 1967b)⁷⁸.

Para McLuhan, os efeitos das tecnologias – e em especial o dos meios de comunicação baseada nas suas características – foram negligenciados por uma grande parcela dos pesquisadores, pois estes se concentraram no aspecto do conteúdo. É isto que nos permite entender a proposta de McLuhan com a sua expressão “o meio é a mensagem”. Vejamos algumas de suas interpretações. A primeira é a de que

⁷⁸ “Sociedades sempre foram moldadas mais pela natureza dos meios de comunicação pelos quais os homens se comunicam do que pelo conteúdo da comunicação”. (MCLUHAN, 1967b).

independente do conteúdo das mensagens, os meios em si têm características intrínsecas que afetam as nossas percepções e alteram o ambiente em que vivemos, essa seria a “mensagem” do meio de comunicação. Ela se refere à potencialidade dos meios de comunicação mudarem a forma como nos comunicamos e com isso alterarem todo o ambiente social.

A segunda interpretação é a de que o meio de comunicação modifica a mensagem no sentido de que o meio estabelece as formas de fruição da mensagem. Por conseguinte, certas mensagens podem ser mais bem adaptadas a certos meios de comunicação e Meyrowitz denominou estas diferentes especificidades dos meios como suas *gramáticas*. A principal é a distinção que se estabelece, por exemplo, entre uma apresentação de teatro assistida ao vivo de outra assistida pela televisão, assim como uma conversa direta, "ao vivo", é diferente de uma conversa pelo telefone.

McLuhan estabelece, assim, uma distinção analítica entre forma e conteúdo, uma distinção que deveria ser fundamental para o estudo da comunicação, mas que restará praticamente ignorada em outras tradições do campo comunicacional. Trata-se de distinguir, de um lado, o conteúdo e, de outro lado, o sistema mediático que compõe o suporte material, o uso da tecnologia como a dificuldade de aprendizagem do código, sua gramática, a capacidade de disseminação no tempo ou no espaço, os sentidos sensoriais requisitados, os serviços e desserviços gerados pela inserção dos meios entre outros, uma preocupação derivada da questão da tecnologia.

A terceira interpretação da expressão “o meio é a mensagem” é a de que a inserção de um novo meio de comunicação faz com que os padrões de relações pessoais se modifiquem e novas relações sejam criadas. McLuhan desenvolve essa perspectiva ao periodizar a história a partir dos meios de comunicação e suas características visuais e/ou auditivas. Um exemplo é que uma vez que a sociedade passa a utilizar a escrita alfabética, as formas de guardar e distribuir o conhecimento se modificam e novos usos também se desenvolvem, alterando assim a forma como nos relacionamos com o mundo e entre nós.

Em sua obra *Fedro*, Platão desenvolve uma análise que provavelmente inspirou essa de McLuhan, quando conta a história do rei egípcio Thamus, na qual este expõe sua preocupação com a mudança estrutural gerada pela inserção de uma tecnologia, especialmente em relação às tecnologias comunicacionais. Segundo este mito, o rei dialoga com o deus Theuth, que havia sido o inventor de muitas coisas, e lhe apresenta a

tecnologia da escrita. Orgulhoso de se sua invenção, Thamus acredita que a escrita iria aperfeiçoar a sabedoria e a memória de seu povo, mas o deus Theuth o adverte que a escrita, na verdade, traria diversos malefícios.

Você encontrará em Fedro de Platão uma história sobre Thamus, o rei de uma grande cidade do Alto Egito. Para pessoas como nós, inclinadas (na frase de Thoreau) a ser ferramentas, poucas lendas são mais instrutivas do que esta. A história, como Sócrates contou para seu amigo Fedro, desenrolou-se da seguinte maneira: um dia Thamus recebeu o deus Theuth, que foi o inventor de muitas coisas, inclusive do número, do cálculo, da geometria, da astronomia e da escrita. Theuth exibiu suas invenções para o rei Thamus, afirmando que elas deviam ser amplamente conhecidas e disponíveis aos egípcios. Sócrates continua: Thamus indagou sobre o uso de cada uma delas, e, enquanto Theuth discorria sobre elas, expressava aprovação ou desaprovação, à medida que julgasse as afirmações de Theuth bem ou mal fundamentadas. Levaria tempo demais repassar tudo o que se relatou sobre o que Thamus disse a favor ou contra cada invenção de Theuth. Mas quando chegou na escrita Theuth declarou: "Aqui está uma realização, meu senhor rei, que irá aperfeiçoar tanto a sabedoria como a memória dos egípcios. Eu descobri uma receita segura para a memória e para a sabedoria". Com isso, Thamus replicou: "Theuth, meu exemplo de inventor, o descobridor de uma arte não é o melhor juiz para avaliar o bem ou dano que ela causará naqueles que a pratiquem. Portanto, você, que é o pai da escrita, por afeição a seu rebento, atribuiu-lhe o oposto de uma verdadeira função. Aqueles que a adquirirem vão parar de exercitar a memória e se tornarão esquecidos; confiarão na escrita para trazer coisas à sua lembrança por sinais externos, em vez de fazê-lo por meio de seus próprios recursos internos. O que você descobriu é a receita para a recordação, não para a memória. E quanto à sabedoria, seus discípulos terão a reputação dela sem a realidade, vão receber uma quantidade de informação sem a instrução adequada, e, como consequência, serão vistos como muito instruídos, quando na maior parte serão bastante ignorantes. E como estarão supridos com o conceito de sabedoria, e não com a sabedoria verdadeira, serão um fardo para a sociedade (PLATÃO *apud* POSTMAN, 1994, p. 13-14).

Este é o tipo de análise que McLuhan adota em muitas de suas análises, ele a emprega, por exemplo, para discutir as mudanças introduzidas pelo automóvel.

Com o impacto do automóvel, a metrópole moderna vai-se espalhando irremediavelmente. Como resposta ao desafio da rapidez rodoviária, os subúrbios e as cidades-jardins chegaram tarde demais — ou no tempo oportuno de se transformarem simplesmente num desastre automobilístico. (MCLUHAN, [1964] 1969, p. 86)

Tais efeitos, como o próprio rei Thamus alertava, são difíceis de prever, o que se harmoniza perfeitamente com a afirmação de McLuhan de que os serviços e desserviços decorrentes da inserção de um novo meio costumam ser invisíveis e imperceptíveis. Sua explicação para a invisibilidade dos meios de comunicação é de que prestamos atenção apenas no conteúdo das mensagens, não notamos os efeitos dos meios de comunicação no plano da percepção individual, nem tampouco no ambiente da sociedade como um todo. Conforme o meio passa a fazer parte do dia a dia da sociedade

e sua penetração é aprofundada, fica mais difícil perceber o ambiente. Mas, de outra parte, é graças à introdução de um novo meio de comunicação que se torna possível perceber o ambiente anterior no qual vivíamos.

Assim, a influência da inserção do automóvel nas nossas sociedades não pode ser compreendida analisando apenas o desenvolvimento do carro, é preciso levar em conta todo o ambiente e o que foi modificado pelas potencialidades do automóvel. “The car is a figure in a ground of services” (MCLUHAN *et al.*, 2003b, p. 242) ⁷⁹. A “mensagem” do carro corresponderia a toda a mudança estrutural decorrente dessa tecnologia, como as rodovias, a indústria automotiva, indústria do petróleo, postos de gasolina, poluição, etc., bem como as mudanças que acontecem com a cidade e o ambiente urbano. Analogamente, isso também ocorreria com a inserção de um novo meio de comunicação. McLuhan costumava recorrer à anedota, dizendo que o peixe não sabe nada sobre a água, pois estando imerso nela, não dispõe das ferramentas necessárias para perceber o ambiente no qual vive. “One thing about which fish know exactly nothing is water, since they have no anti-environment which would enable them to perceive the element they live in”. (MCLUHAN *et al.*, 1968, p. 175) ⁸⁰.

Em *Understanding Media*, McLuhan não hesitou em afirmar que o problema dos efeitos da tecnologia o colocava na mesma posição de Louis Pasteur, de “[...] ter que dizer aos doutores que seu maior inimigo é praticamente invisível e quase não é reconhecido por eles” (MCLUHAN, [1964] 1969, p. 33).

Os meios agiriam, então, como “living vortices of power creating hidden environments (and effects) that act abrasively and destructively on older forms of culture” (MCLUHAN, 1972, p. v) ⁸¹. Portanto, eles não são neutros e também não são apenas simples condutores de conteúdos, pois são agentes ativos que interferem diretamente na percepção individual e, conseqüentemente, também afetam a estrutura do ambiente social como um todo.

Figura e Fundo

Outra forma de estabelecer a diferença entre forma e conteúdo e abordar o problema do reconhecimento dos efeitos estruturais do uso dos meios aparece na

⁷⁹ “O carro é uma figura em um fundo de serviços” (McLuhan *et al.*, 2003b, p. 242).

⁸⁰ “Uma coisa sobre a qual os peixes não sabem exatamente nada é a água, já que eles não têm um anti-ambiente que lhes permitam perceber o elemento em que vivem”. (McLuhan *et al.*, 1968, p. 175).

⁸¹ “[...]vórtices vivos de energia, criando ambientes ocultos (e efeitos) que atuam abrasivamente e destrutivamente sobre as formas mais antigas de cultura” (MCLUHAN, 1972, p. v).

abordagem de McLuhan, ao utilizar as expressões *Figura e Fundo* retiradas das análises sobre as pinturas no livro *Through the Vanishing Point: Space in Poetry and in Painting* (1968). Sua tese é que, ao focarmos no conteúdo (figura), esquecemo-nos da atuação dos meios de comunicação e das tecnologias e sua influência no ambiente social (fundo). Por exemplo, na análise das pinturas o leitor prioriza sua atenção na figura enquanto o resto permanece no fundo, como no caso da famosa figura ambígua, de um vaso ou dois rostos, não sendo possível perceber os dois ao mesmo tempo (MARCHAND, 1989, p. 248).

Essa ambiguidade seria utilizada por McLuhan nas mais variadas situações, pois graças ao contraste é que era possível perceber o ambiente no qual vivemos. McLuhan encarava seu país, o Canadá, como um anti-ambiente em relação a os Estados Unidos, fomentando a sua capacidade de olhar de fora e perceber a realidade da cultura americana. Para ele, os Estados Unidos favoreciam a figura e excluíaam o fundo, já o Canadá favorecia o fundo e excluía a figura.

De modo geral, sua crítica era de que as pessoas não analisavam o todo, focavam apenas uma parte e ignoravam o resto. É o que acontece com o automóvel, cujas análises perdem a totalidade do ambiente de fundo, que fica ignorada. Crítica que também pode ser feita à posição dos construtivistas, como Wiebe Bijker, autor de *Of Bicycles, bakelites and bulbs: Toward a theory of sociotechnical change* (1995), obra que foca apenas o desenvolvimento tecnológico da bicicleta e não percebe toda a rede de mudanças que acontece no ambiente social.

Para compreender a figura é preciso compreender o fundo, o contexto a partir do qual o significado de uma figura emerge. Ou seja, o conteúdo de um meio não é independente e não pode ser compreendido sem que se leve em conta o meio a partir do qual ele é transmitido. O fundo, ao mesmo tempo, também estabelece o ambiente e por causa disso também muda a mensagem. O aspecto tecnológico dos meios enquanto ambiente é peça fundamental nesse esquema, pois para McLuhan os meios enquanto extensões de nós mesmos são capazes de alterar a nossa percepção e forma como vemos o mundo.

Environment is process, not container. [...] The environment always manages somehow to be invisible. Only the content [one can also read figure], the preceding environment, is noticeable. (MCLUHAN, 1970, p. 30).⁸²

⁸² O ambiente é um processo, não um receptáculo. O ambiente sempre consegue de alguma forma ser invisível. Apenas o conteúdo [também se pode ler figura], o ambiente anterior, é perceptível. (MCLUHAN, 1970, p. 30).

Sempre se servindo do paradigma Figura e Fundo, McLuhan posteriormente irá utilizar expressões similares, como Clichê e Arquétipo. Essas expressões iriam encontrar uma nova amplitude com a dicotomia entre os Hemisférios Direito e Esquerdo do cérebro.

Clichê e Arquétipo

Em 1970, McLuhan lançou o livro *From Cliché to Archetype* em parceria com o poeta Wilfred Watson. O livro, não adotou o estilo em mosaico de *Through the Vanishing Point*, tendo um formato mais próximo ao estilo enciclopédico. Ele foi organizado em ordem alfabética, embora repita algumas letras e faltem outras, fazendo com que o próprio índice (*Table of Contents*) constar na letra T, e a Introdução na letra I. A linealidade também não é padrão:

For the seasoned reader of McLuhan, the tardy appearance of the "Introduction" on p. 122 presents no problem, since the point of all that precedes this bow to the "linear mind" will be understood and absorbed as tactile probes - a part of the great task of the purgation of a now errant tradition. (CAHILL, 1971, p. 78)⁸³

Dessa forma, o próprio livro é usado como um clichê e arquétipo, mas notas e referências acabaram sendo deslocadas para o fim do livro por exigência dos editores (PAYNE, 2013).

We can think of the alphabet as a cliché, a technology that has become so pervasive that we fail to notice the way that it shapes our thinking. A Table of Contents, meanwhile, is a kind of archetype, which retrieves other parts of a book. (PAYNE, 2013)⁸⁴

Segundo Gordon, (1997, p. 248), esta obra foi o resultado de mais de 10 anos de conversas esporádicas entre os dois autores, mas que só encontrou momento ideal para o seu desenvolvimento quando Wilfred e sua esposa Sheila vieram a ser professores visitantes no centro de McLuhan durante os anos de 1968-69.

⁸³ Para o leitor experiente de McLuhan, o aparecimento tardio da "Introdução" na p. 122 não apresenta nenhum problema, já que o ponto de tudo o que precede este arco para a "mente linear" será compreendida e absorvida como sondas táteis - uma parte da grande tarefa da purgação de uma tradição agora errante. (CAHILL, 1971, p 78.)

⁸⁴ Podemos pensar o alfabeto como um clichê, uma tecnologia que se tornou tão difundida que deixamos de notar a forma como molda o nosso pensamento. Um Índice, por sua vez, é uma espécie de arquétipo, que recupera outras partes de um livro. (PAYNE, 2013)

McLuhan entendia que haveria uma forte relação entre clichê e arquétipo. Contudo, na análise literária, um arquétipo pode ter vários significados. Poder ser um símbolo, ou uma imagem que é reconhecida, mas reconhecida porque é apresentada com frequência, de modo que é a da repetição do uso de arquétipos de onde se formam os clichês. O clichê é definido como extensão, como uma sonda, um tipo de análise e uma forma de recuperar o passado. Segundo Gordon, os artistas utilizavam os clichês como sondas, em novas formas que estimulam novas consciências. Um exemplo é dado por McLuhan.

Ionesco escreveu seu primeiro drama em 1948, *A Cantora Careca*, como uma tragédia da linguagem, utilizando os diálogos estereotipados que encontrou na cartilha de método-assimilativo na qual estava aprendendo inglês. À medida que ia estudando os clichês desse livro de exercícios – “há sete dias na semana, isso é muito caro, eu não tenho o troco certo, a sala está muito quente, onde é o W. C.” – sentia o texto modificar-se sob seus olhos: isso começou a fermentar, diz ele, e percebeu que esses colóquios automáticos representavam muito bem o colapso de nossa vida diária. Continuamos a falar como se tivéssemos sido atacados por uma espécie de amnésia. Assim Ionesco escreveu sua antipeça na qual os Smiths e os Martins falam, falam, falam a engrolação que soa, quando se consegue realmente ouvir isso, espantosamente igual ao que se ouve num coquetel. Os caracteres se desintegram na gíria que nos serve como meio de vida. Wylie Sypher, *Loss of self in modern literature and art* (MCLUHAN; WATSON, 1971, p. 18).

Ao utilizarmos clichês podemos ficar anestesiados e podemos não perceber os seus efeitos. O conceito básico é que o arquétipo é um modelo e a repetição do arquétipo o transforma em clichê. Ao que tudo indica – devido à dificuldade do conceito –, o que McLuhan e Watson querem dizer é que o uso exagerado que os artistas fazem dos clichês, empregando-os como sondas, acaba por revelar a consciência e a existência do arquétipo, do modelo, do fundo, daquilo que não era percebido.

McLuhan também relaciona os clichês com às tecnologias, as extensões dos nossos sentidos e habilidades, estas que nos permitem, por exemplo, ver e agir a distância. Ao nos conectarmos a estas extensões, novos ambientes são gerados, ambientes persistentes que entorpecem a nossa atenção. Os clichês possibilitam assim novas experiências, pois repetido à exaustão, um clichê pode chamar a atenção para si e revelar então a sua existência para a percepção, ou alfinetar a nossa percepção.

McLuhan and Watson define the archetype as a retrieved awareness or new consciousness. Such awareness is created when the artist probes an archetype

with an old cliché. Eventually, the probe itself turns into a cliché. (GORDON, 1997, p. 249)⁸⁵.

Um dos pontos que motivou McLuhan a escrever o livro foi justamente fazer uma crítica à obra de Northrop Frye, *Anatomy of Criticism* (1957), e ao seu ensaio *The Archetypes of Literature* (1951). Junto com Watson, eles enfatizam que os clichês não estão confinados à forma verbal (conforme McLuhan aprendera com F. R. Leavis). Eles também notaram alguns paralelos entre o tipo verbal e não verbal, em franca oposição à proposta de Frye, que considerava o arquétipo como algo estático e textual.

Podemos ver aqui um dos motivos pelos quais McLuhan tanto aprecia a obra de James Joyce. *Finnegans Wake* (1939) está cheio de clichês elaborados a partir de misturas de palavras, trocadilhos e neologismos retirados de outras línguas, uma nova combinação de palavras capaz de recriar a experiência de um sonho.

As relações entre clichê e arquétipo, assim como figura e fundo, seriam finalmente suplantadas, mas não deixariam de ressoar num terceiro paradigma de análise, a divisão entre os hemisférios esquerdo e direito, uma maneira que McLuhan encontrou para dar cientificidade a seu trabalho.

No fim das contas, é bastante confuso o uso que McLuhan faz das noções de clichês e arquétipos. Em alguns momentos até nossas percepções são clichês, uma vez que são em grande parte moldadas pelas estruturas invisíveis e circundantes da cultura. Por conseguinte, o uso de sondas, um método que promete novas informações, poucas vezes consegue ir além de uma simples reforma das antigas formas estereotipadas de compreensão. Mas um ponto que permanece entre as noções de figura e fundo; clichê e arquétipo; é a noção de como os meios de comunicação em sua relação simbiótica com nós mesmos funciona como um ambiente.

Os meios de comunicação como extensões do homem

A invisibilidade do ambiente comunicacional e dos efeitos dos meios de comunicação e das relações entre figura e fundo acontece, segundo McLuhan, devido a dois fatores principais. O primeiro deles é que os meios de comunicação são extensões do humano; e com isso os meios acabam por nos entorpecer ao ponto de narcotizar a

⁸⁵ McLuhan e Watson definem o arquétipo como uma consciência recuperada ou nova consciência. Tal consciência é criada quando o artista investiga um arquétipo com um velho clichê. Eventualmente, a própria sonda se transforma em um clichê. (GORDON, 1997, p. 249).

nossa percepção. Mas o que significa dizer que os meios de comunicação são extensões do homem?

My main theme is the extension of the nervous system in the electric age and thus the complete break with 5000 years of mechanical technology This I state over and over again. I do not say whether it is a good or bad thing. To do so would be meaningless and arrogant. (MCLUHAN, 1987, p. 300)⁸⁶

O fato de ter empregado o conceito de extensão no subtítulo daquela que poderia ser considerada sua principal obra, *Understanding Media: the extensions of man* (1964), seria de se esperar que a abordagem dos meios de comunicação enquanto extensões do homem constituísse, então, um ponto fundamental. Apesar dessa aparente importância, pouco se discutiu sobre uma concepção tão abrangente que envolve conhecimentos de filosofia da tecnologia e de antropologia da tecnologia, bem como uma profunda discussão dos conceitos de técnica e de meios de comunicação, para citar apenas algumas das problemáticas em jogo.

Enganoso também seria pensar que o desinteresse pelo conceito de extensão se deu apenas por aqueles que não se aprofundaram nos estudos de McLuhan. Um dos exemplos mais emblemáticos é o de W. Terrence Gordon que tanto no glossário que preparou para a versão crítica de *Understanding Media* (2003), como no índice remissivo de sua obra biográfica *Marshall McLuhan: Escape Into Understanding* (1997), o termo “extensão” é simplesmente esquecido. E assim também na biografia escrita por Philip Marchand, *Marshall McLuhan: The Medium and the Messenger* (1989), não há menção ao termo “extensão” ou similares no índice remissivo. Será então que a noção de extensão é tão óbvia assim? Teria passado por um processo de naturalização? Teria sido desacreditada ou simplesmente negligenciada?

McLuhan talvez seja o maior expoente do conceito de extensões, mas não o único. Outros autores assim abordaram e problematizaram as relações entre homem e tecnologia. Tentamos investigar as possíveis influências que tiveram sobre o pensamento de McLuhan, o que nos permitirá trazer à tona a vasta problemática envolvida no conceito de extensões, mas sobretudo mostrar como McLuhan fará desse conceito um dos pontos fundamentais para a compreensão das tecnologias e dos meios de comunicação.

⁸⁶ Meu tema principal é a extensão do sistema nervoso na era elétrica, e assim, a ruptura completa com cinco mil anos de tecnologia mecânica. Isso eu declaro e repetidamente. Eu não digo se é uma coisa boa ou ruim. Fazê-lo seria inútil e arrogante. (MCLUHAN, 1987, p. 300). Trecho de carta enviada para o jornalista canadense Robert Fulford em 1 de Junho de 1964.

Em sua formulação mais básica, a noção de *extensão* representa a forma particular que os objetos técnicos se relacionam com as faculdades do corpo humano, inclusive com suas faculdades mentais. O uso do termo remonta até a Antiguidade, com Aristóteles, o primeiro a colocar em discussão o tema da técnica sob este prisma. Segundo Martin Lister (2009), ele aparece em dois de seus trabalhos, em *Ética a Eudemo* e em *A Política*.

No primeiro, o corpo humano é entendido como uma ferramenta natural:

Now instruments are of various sorts; some are living, others lifeless; in the rudder, the pilot of the ship [the kybernetes] has a lifeless, in the look-out man, a living instrument; for in arts [techne], the servant is a kind of instrument. (EVERSON 1996, p. 15 *apud* LISTER *et al.*, 2009)⁸⁷

Em *A Política* ele amplia ainda mais o âmbito da técnica, ao aplicar o conceito de extensão às relações de escravidão. Nesta obra pode-se ler: “[...]o corpo é o instrumento natural da alma, enquanto o escravo é como se fosse uma parte e ferramenta destacável do mestre, a ferramenta sendo uma espécie de escravo inanimado” (BARNES, 1984 *apud* LISTER, 2009). Em suma, os instrumentos são como escravos sem vida, e os escravos são encarados como instrumentos com vida.

Não obstante o pioneirismo das análises de Aristóteles, é Ernst Kapp, geógrafo e filósofo alemão, que em *Grundlinien einer Philosophie der Technik* (1877) inaugura o termo “filosofia da tecnologia”. Nesta obra a noção de extensão (ou *projeção*) ganha uma importância fundamental. Sua concepção é próxima a de Aristóteles, o objeto técnico é uma forma de “projeção do órgão” (*organ projection*) (Lister, 2009), embora opte pelo termo *projektion*, em vez do equivalente em alemão para extensão (Brey, 2000).

[...] the intrinsic relationship that arises between tools and organs, and one that is to be revealed and emphasized – although it is one of unconscious Discovery rather than of conscious invention – is that in the tool the human continually produces itself. Since the organ whose utility and power is to be increased is controlling factor, the appropriate form of a tool can be derived only from that organ. A wealth of spiritual creations thus springs from hand, arm, and teeth. The bent finger becomes a hook, the hollow of the hand a bowl; in the sword, spear, oar, shovel, rake, plow and spade one observes sundry positions of arm, hand, and fingers, the adaptation of which to hunting, fishing, gardening, and field tools is readily apparent. (KAPP, 1877, p. 44-45 *apud* MITCHAM 1994, p. 23-24)⁸⁸.

⁸⁷ Instrumentos são de vários tipos: uns inanimados, outros animados. Assim é que, para a navegação, o leme é o instrumento inanimado e o piloto, o instrumento animado. Em todas as artes, o trabalhador é uma espécie de instrumento. EVERSON 1996, p. 15 *apud* LISTER *et al.*, 2009)

⁸⁸ [...] a relação intrínseca que surge entre as ferramentas e órgãos, e que é para ser revelada e enfatizada - embora seja mais uma descoberta inconsciente do que consciente de invenção - é que na ferramenta o

O aspecto mais importante da visão de Kapp sobre a tecnologia enquanto projeção dos órgãos é que o objeto técnico tem um aspecto morfológico intrinsecamente ligado ao órgão estendido. Percebemos que a relação entre forma e função é essencial para Kapp. Os instrumentos devem ter o aspecto de órgão humano, assim um objeto como o gancho deve parecer-se com uma mão.

Para Kapp a tecnologia configurava-se como um meio de “to overcome dependence on raw nature” (MITCHAM, 1994, p. 23)⁸⁹. E isso se dá a partir da colonização do espaço e do tempo que permite “ligar as línguas mundo, semiótica, e invenções em uma transfiguração global da Terra e um habitat verdadeiramente humano.” (MITCHAM, 1994, p. 23). Nesta obra Kapp teria previsto uma rede de telégrafos, “*universal telegraphics*”, que iria transformar (encolher) o tempo e (manipular) o espaço. Argumentando que o telégrafo seria uma extensão do sistema nervoso assim como as estradas de ferro são extensões do sistema circulatório.

Como observa Mitcham,

Only after the fact, in many cases, do morphological parallels become apparent. (Indeed, chapter 9 of the *Grundlinien* is devoted to the unconscious.) And it is only on this basis that the railroad is described as an externalization of the circulatory system (chapter 7), and the telegraph as an extension of the nervous system (chapter 8). (MITCHAM, 1994, p. 23)⁹⁰.

O autor sustenta que Kapp leva essa relação morfológica ao extremo ao considerar a linguagem como uma extensão “Finally, even language and the state are analyzed as extensions of mental life and the *res publica* or *externa* of human nature” (MITCHAM, 1994, p. 23)⁹¹.

E o filósofo Taede A. Smedes (2009), nesta mesma linha de pensamento, conclui que o conceito de Kapp não se restringe a uma projeção do órgão, pois estes também

ser humano produz continuamente a si mesmo. Uma vez que o órgão cuja utilidade e poder deve ser aumentado é o fator dominante, a forma apropriada de uma ferramenta pode ser obtida somente a partir desse órgão. A riqueza das criações intelectuais, portanto, surge de mãos, braços e dentes. O dedo dobrado torna-se um gancho, o oco da mão uma tigela; na espada, lança, remo, pá de ferro, rastilho, arador e pá de cavar, observa-se diversas posições de mão, braço e dedos, cuja adaptação à caça, jardinagem, pesca, e ferramentas do campo é facilmente perceptível. (KAPP, 1877, p. 44-45 *apud* MITCHAM 1994, p. 23-24).

⁸⁹ “superar a dependência da natureza bruta” (MITCHAM, 1994, p. 23).

⁹⁰ Muitas vezes, é somente após a ocorrência do fato que os paralelos morfológicos tornam-se aparentes. (Na verdade, o capítulo 9 do *Grundlinien* é dedicada ao inconsciente). E é só nesta base que a ferrovia é descrita como uma externalização do sistema circulatório (capítulo 7), e o telégrafo como uma extensão do sistema nervoso (capítulo 8). (MITCHAM, 1994, p. 23).

⁹¹ “Finalmente, até mesmo a linguagem e o Estado são analisados como extensões da vida mental e da *res publica* ou *externa* da natureza humana.” (MITCHAM, 1994, p. 23).

são tomados como ampliações. “Much of technology was, according to Kapp, an enlargement and externalization of human organs, such that technology supersedes human capacities.” (2009, p. 50)⁹². A comparação morfológica parece simples, mas esconde que esta projeção não é apenas da forma. Uma forma semelhante deve ter uma função semelhante para Kapp, assim os nervos humanos transformam-se em cabos de telégrafo, as lentes em instrumentos óticos imitam as lentes do olho humano, e os sistemas ferroviários imitariam a estrutura do sistema vascular. Sua tese é de que “[...] humans unconsciously transfer form, function and the normal proportions of their body to the works of their hands” (KAPP 1877, p. v-vi, *apud* BREY, 2000)⁹³.

Isso significa que os humanos usam suas próprias faculdades como um padrão de referência sempre que criam novos artefatos, e esse processo não se dá de forma consciente. Sendo assim, as propriedades dos órgãos biológicos são transferidas aos artefatos (forma, função, proporção) e estes órgãos projetados realçam estes poderes naturais. Ainda que para Kapp a forma sempre siga a função, ou seja, para duas coisas serem funcionalmente similares, elas também devem ser morfológicamente similares, segundo Brey (2000), Kapp tende a tratar essas projeções mais como substitutas dos órgãos humanos do que como seus complementos. Kapp propõe assim, a partir do seu conceito de projeção, uma naturalização da produção dos artefatos tecnológicos.

O debate das extensões em McLuhan

Dentre os diversos autores que escreveram sobre extensões, em quais deles McLuhan se apoia? Parece difícil precisar isso. Dois de seus comentaristas procuraram sistematizar de forma mais profunda essas influências: Richard Cavell no livro *McLuhan in Cultural Space* (2003) e Alice Rae em sua tese de doutoramento *McLuhan's Unconscious* (2008).

Ambos convergem na opinião de que as referências de McLuhan teriam vindo de uma linha de autores hoje bastante conhecidos: Ralph Waldo Emerson (1803-1882), Henri Bergson (1859-1941), Ernst Cassirer (1874-1945), Teilhard de Chardin (1881-1955), James Joyce (1882-1941), Sigmund Freud (1856-1939), Edward T. Hall (1914-2009), Buckminster Fuller (1895-1983), e Lewis Mumford (1895-1990). Todos eles

⁹² “Grande parte da tecnologia foi, segundo Kapp, um alargamento e externalização de órgãos humanos, como a tecnologia que substitui as capacidades humanas.” (2009, p. 50).

⁹³ “Os seres humanos inconscientemente transferem forma, função e as proporções normais de seu corpo para as obras das suas mãos” (KAPP 1877, p. v-vi, *apud* BREY, 2000).

foram devidamente citados por McLuhan em seus trabalhos, mas o caso mais interessante talvez seja a relação com Edward T. Hall.

Segundo Rae (2008), apesar de McLuhan ter lido Freud nos anos anteriores à publicação de *The Mechanical Bride* (1951), é *The Silent Language* (1959), de Edward T. Hall que é citado em *A Galáxia de Gutenberg* (1977):

Today man has developed extensions for practically everything he used to do with his body.... all man-made material things can be treated as extensions of what man once did with his body or some specialized part of his body. (HALL, 1959, p. 79, *apud* MCLUHAN, 1977, p.21)⁹⁴.

Edmund Carpenter (2001, p. 19), amigo de McLuhan e que tem trabalhos em co-autoria com ele, atribui justamente a Edward Hall o conceito utilizado por McLuhan. Em diversas cartas enviadas a Walter Ong, McLuhan fala do seu apreço por Edward Hall e lhe atribui o crédito do conceito de extensão. McLuhan e Hall trocaram diversas cartas e Hall até enviou uma versão prévia do seu livro *Beyond Culture* (1976) no qual inclui uma nota em que afirma que o termo extensão foi tomado "emprestado" por McLuhan *A Galáxia de Gutenberg* (HALL, 1976, p. 245, nota 4; MCLUHAN, 1987, p. 515, nota 1).

McLuhan contesta que Hall tenha sido um dos primeiros a conceitualizar o termo extensão, em uma de suas cartas para Walter Ong em 1962, dizendo que a ideia de Hall veio de Buckminster Fuller. Ele diz que “[...] he [Hall] got the idea of our Technologies as outerings of sense and function from Buckminster Fuller. I got from nobody.” (MCLUHAN, 1987, p. 287, nota 1)⁹⁵. Mas é possível que o próprio Fuller estivesse ciente do trabalho de Freud, devido à atenção que recebeu nos EUA.

Para Richard Cavell, o autor de *Culture as Polyphony* (1978), James M. Curtis, deu algumas pistas indicando que até Hegel teria influenciado McLuhan:

One does not usually associate Hegel with technology, but he did in fact first state the principle with which McLuhan shocked people a hundred and fifty years later: the interpretation of technology as the extension of man. (CURTIS, 1978, p. 34-35 *apud* CAVELL, 2003, p. 256-257, nota nº52)⁹⁶.

⁹⁴ Hoje o homem desenvolveu extensões para praticamente tudo o que ele costumava fazer com seu corpo todas as coisas materiais feitas pelo homem podem ser tratadas como extensões do que o homem fez uma vez com seu corpo ou alguma parte especializada do corpo dele. (HALL, 1959, p. 79, *apud* MCLUHAN, 1977, p.21).

⁹⁵ “[...]ele teve a idéia de nossas tecnologias como extensões de sentido e função a partir de Buckminster Fuller. Eu não peguei de ninguém.” (MCLUHAN, 1987, p. 287, nota 1).

⁹⁶ Não se costuma associar Hegel com a tecnologia, mas ele o fez e com o princípio com que McLuhan chocou as pessoas cento e cinquenta anos depois: a interpretação da tecnologia como a extensão do homem (CURTIS, 1978, p. 34-35 *apud* CAVELL, 2003, p. 256-257, nota nº52).

Cavell ainda encontra outros autores que poderiam ter influenciado McLuhan, notando outras apropriações como a de Georg Von Békésy (1967) e a do arquiteto Le Corbusier, para quem a arte decorativa é “[...] an extension of our limbs - in fact artificial limbs” (1987, p. 72)⁹⁷.

Uma vez que fica difícil afirmar de maneira assertiva de qual conceito McLuhan se apropria, o que temos de certo é que o próprio McLuhan rastreou o “conceito” de extensões nestes autores tão diversos, mas ainda assim não propôs um conceito de forma clara e objetiva: qual é o sentido de extensão utilizado por McLuhan? Para ele toda tecnologia é uma extensão. O que pode se referir tanto ao corpo como à inteligência do homem.

O conceito de McLuhan é muitas vezes muito abrangente, sem deixar claro uma diferenciação entre vários tipos de extensões. A própria nomenclatura escolhida pelo autor cria essa dificuldade, visto que por vezes ele utiliza o termo “extensão”, em outras prefere denominar de “tradução”, “repetição” ou “intensificação” para representar o mesmo processo, mas isso não impede de ser uma das propostas fundamentais de compreensão da relação entre humanos e a tecnologia e suas consequências.

Segundo Rae (2008), a partir de 1973 McLuhan deixa de utilizar a noção de tecnologias enquanto extensões, passando a utilizar termos relacionados à linguagem, tais como “metáfora” ou “palavra” com uma “estrutura linguística”, movimento que levará ao modelo tetrádico do livro *Laws of Media* (1988) escrito com seu filho, Eric McLuhan.

Ainda assim é possível identificar alguns traços importantes em sua noção de extensões. O primeiro deles é que as extensões podem ser divididas em dois tipos, de um lado extensões do corpo e de outro, as extensões de faculdades cognitivas como as funções dos sentidos, do sistema nervoso central e até da consciência. Esta última considerada como a fronteira final das extensões.

Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos. (MCLUHAN, [1964] 1969, p. 17)

O outro tipo comporta as extensões de partes do corpo humano, usadas para agir no mundo, se proteger do ambiente ou regular certas funções do corpo. As roupas, por

⁹⁷ “[...]uma extensão de nossos membros - de fato de membros artificiais”. (1987, p. 72).

exemplo, são uma extensão da pele, estende a função do controle de temperatura e de proteção do corpo. Outros utensílios como jarras, fósforos, e dinheiro também são considerados como tecnologias que estendem funções de “armazenamento e mobilidade” (1969, p. 207).

Os meios de comunicação podem ser classificados pelos órgãos sensoriais estendidos. Em destaque o sentido da visão e da audição. O rádio e o telefone, por exemplo, funcionam como orelhas de longa distância. As extensões como livro e a imprensa são extensões visuais. Estas extensões foram analisadas como executando funções de processamento de informação do sistema nervoso central. Funções como gestão da informação, armazenamento e a recuperação que antes eram realizadas pelo sistema nervoso central passam a ser estendidas pelo livro, imprensa etc..

Contudo são outras as propriedades que irão melhor caracterizar o conceito de McLuhan. Por exemplo, McLuhan entende os meios de comunicação como extensões, mas também como parte de nós. Por isso acredita que seu estudo poderia nos ajudar a compreender todos as outras tecnologias. “Posto que todos os meios são extensões de nós mesmos, ou traduções de alguma parte de nós em termos de materiais diversos, o estudo de um meio qualquer nos ajuda compreender os demais” (MCLUHAN [1964] 1969, p. 161-162).

Também devemos destacar a discussão que faz do impacto de uma nova tecnologia. Sua interpretação é tão arrojada quanto consistente. A introdução de uma nova extensão cria um entorpecimento. Por isso, não as percebemos enquanto extensões, nem podemos perceber os novos ambientes criados em decorrência dos efeitos dos meios.

O exame da origem e do desenvolvimento das extensões individuais do homem deve ser precedido de um lance de olhos sobre alguns aspectos gerais dos meios e veículos – extensões do homem – a começar pelo jamais explicado entorpecimento que cada uma das extensões acarreta no indivíduo e na sociedade (MCLUHAN, [1964] 1969, p.20).

McLuhan recorre ao mito de Narciso em *Understanding Media* para explicar o efeito de entorpecimento. No mito grego, o belo e orgulhoso jovem desdenha daqueles que o amam. Ao se dar conta dessa situação, Nemesi induz Narciso a olhar o seu reflexo na água, que imediatamente se apaixona pelo seu próprio reflexo, ou seja, por si mesmo. Sem ser correspondido e sem conseguir escapar da beleza de seu reflexo, Narciso morre.

Para McLuhan, Narciso não se apaixona por si mesmo, pois este não percebe que se trata de um reflexo e acreditava tratar-se de outra pessoa. "A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida." ([1964] 1969, p. 59).

Cada nova extensão exerce uma pressão sobre nós, e em decorrência dessa pressão exercida pela faculdade estendida, nosso corpo procura nos proteger entorpecendo aquela área ou bloqueando a percepção. Dessa forma, toda extensão é (também) uma amputação. Para lidar com essas pressões, segundo McLuhan, contra-irritantes devem ser aplicados, e que se resumem em novas extensões.

Fisiologicamente, o sistema nervoso central, essa rede elétrica que coordena os diversos meios de nossos sentidos desempenha o papel principal. Tudo o que ameaça a sua função deve ser contido, localizado ou cortado, mesmo ao preço da extração total do órgão ofendido. [...] Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. Assim, não há meio de recusarmo-nos a ceder às novas relações sensoriais ou ao "fechamento" de sentidos provocado pela imagem da televisão. Mas o efeito do ingresso da imagem da televisão variará de cultura a cultura, dependente das relações sensoriais existentes em cada cultura. ([1964] 1969, p.61;63)

McLuhan não se preocupa com a descrição do processo de projeção, só pontua que existem os paralelos entre artefatos e faculdades humanas, fato que chama a atenção de seus críticos. Em contraposição ele aponta o que considera mais importante, que são os efeitos dos seus usos e as relações que temos com nossas extensões.

Incorporando continuamente tecnologias, relacionamo-nos a elas como servomecanismos. Eis por que, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos, devemos servi-los, como a ídolos ou religiões menores. Um índio é um servomecanismo de sua canoa, como o vaqueiro de seu cavalo e um executivo de seu relógio. [...] Fisiologicamente, no uso normal da tecnologia (ou seja, de seu corpo em extensão variada vária), o homem é perpetuamente modificado por ela, mas em compensação sempre encontra novos meios de modificá-la. É como se o homem se tornasse o órgão sexual do mundo da máquina, como a abelha do mundo das plantas, fecundando-o e permitindo o evoluir de formas sempre novas. O mundo da máquina corresponde ao amor do homem atendendo a suas vontades e desejos, ou seja, provendo-o de riqueza ([1964] 1969, p. 64-65).

Sua noção de extensão e de tecnologia desenvolve uma visão que coloca o homem e o objeto técnico como parte de um mesmo sistema. A canoa necessita do homem para configurar um sistema funcional, eles são partes intrínsecas de um mesmo projeto. Da mesma forma como Aristóteles situa que para a navegação é uma composição de partes animadas e inanimadas, mas que ainda assim ambos servem como um tipo de instrumento para um projeto maior que é a navegação.

Comparado à concepção de Kapp, McLuhan entende que se trata de extensões funcionais de propriedades de faculdades humanas, não são propriedades morfológicas, ainda que algumas analogias possam ser traçadas. McLuhan ultrapassa o plano da morfologia, o que lhe permite ver que outras funções também podem ser exteriorizadas. Ainda assim, Kapp e McLuhan se aproximam em alguns pontos, pois ambos vão considerar, por exemplo, o telégrafo como uma extensão do sistema nervoso central. Ou ainda na concepção de que os meios elétricos (telégrafo no caso de Kapp) teriam a potencialidade de abolir as dimensões do tempo e do espaço.

Kapp aborda os mais variados artefatos a partir da dupla similaridade morfológica e similaridade funcional. O maior obstáculo à tese da similaridade morfológica é que, formuladas desse modo, o conceito de extensões não poder dar conta da noção de máquina. Quando a força motriz, como descrita por André Leroi-Gourhan (1984; 1965) e Georges Friedmann (1968), passa a ser executada pela máquina, a relação entre forma e função deixa de correr em paralelo. McLuhan escapa dessa limitação ao tratar as extensões como funções.

Considerações

A noção de McLuhan de extensão se complica na tentativa de perceber uma relação exata da função exercida pelo humano, seja mentalmente, seja fisicamente. McLuhan entende isso ao tratar a roupa como uma extensão da pele ou a casa como extensão do controle de temperatura interna do corpo. Poderíamos então nos perguntar o que seria estendido então por uma indústria química? Um avião estende as asas que não possuímos ou nossa faculdade de locomoção? Ou estamos falando de um sentido mais restrito de extensão? Assim, quando se recorre a uma abstração exagerada e as propriedades se tornam inverossímeis, a ideia de que os artefatos são cópias funcionais de órgãos humanos pode tornar-se cada vez mais vazia. Mas, por de outro lado, diante do fato de que McLuhan estaria se servindo de metáforas, aforismos e analogias, seria dispensável que a analogia entre funções e tecnologias tivesse total correspondência.

Enfim, McLuhan aprofunda as discussões sobre os meios de comunicação, que deixam de ser entendidos como simples condutores; ele demonstra a fertilidade do seu pensamento ao incorporar ao processo de extensão seus efeitos de amputação e de narcose. O que lança uma nova luz sobre a questão da invisibilidade dos meios de comunicação: não percebemos os ambientes, uma vez que nossos sentidos estão

estendidos eles sofrem com a saturação e com isso um entorpecimento da percepção. Trata-se de uma teoria original, distinta das tradições que se dedicaram a análise das tecnologias e dos meios de comunicação.

O projeto de McLuhan expresso nas metáforas “o meio é a mensagem” e “os meios de comunicação como extensões do homem” situa a centralidade dos meios de comunicação enquanto tecnologias não neutras para compreender a sociedade.

3.1.2 A proposta estético-sensorial: espaço acústico e espaço visual

Como vimos anteriormente, McLuhan desenvolve uma concepção de que as tecnologias e os meios de comunicação exercem uma influência importante no conteúdo dos meios, na forma como organizamos a nossa experiência e analisa como estes emprestam as suas características às instituições e à sociedade.

Mas como estes efeitos são percebidos na sociedade? Innis e McLuhan tem concepções diferentes para lidar com esses efeitos. McLuhan vai selecionar as alterações no sensorio humano como forma de compreender as consequências da inserção de novos meios de comunicação. Para McLuhan, a forma de estar em contato com a realidade é mediada pelos sentidos, assim ele cria a relação que cada meio de comunicação estaria associado a um ou vários sentidos humanos. Assim qualquer tipo de alteração nos meios de comunicação também alterava o padrão relacional entre os sentidos, alterando de forma profunda a nossa compreensão do mundo. McLuhan percebe dois modos gerais de experiência do ambiente baseadas nos sentidos: o espaço acústico e o espaço visual.

O interesse de McLuhan nessas relações do espaço se deu principalmente pelo seu contato com Carl Williams, professor de psicologia, que introduziu o conceito de “Acoustic Space” durante os seminários do grupo formado por McLuhan em Toronto (1952-1959). Segundo McLuhan, foi em uma das reuniões que a noção de espaços arquitetônicos fechados e não fechados de Sigfried Giedion entrou em discussão e Carl Williams acabou dizendo que “unenclosed space could best be considered as acoustic or

auditory space” (MCLUHAN *apud* CAVELL, 2005, p. 96)⁹⁸. Edmund Carpenter (2001) no seu texto de memórias sobre McLuhan comenta o fato:

Carl ... used the phrase 'auditory space' in describing an experiment by E. A. Bott [then recently retired from the University of Toronto]... the phrase was electrifying. Marshall [McLuhan] changed it to 'acoustic space' and quoted 'inner landscape' poetry. Jackie [Tyrwhitt] mentioned the Indian city of Fatehpur Sikri. Tom [Easterbrook] saw parallels in medieval Europe. I talked about Eskimos.⁹⁹

Carl Williams viria a publicar o texto “Acoustic Space” para a revista *Explorations* número 4 de fevereiro de 1955. Posteriormente o texto seria publicado em 1960 na antologia da revista *Explorations: An Anthology* (1960), mas desta vez sob autoria de McLuhan e Carpenter devido a divergências sobre as alterações no artigo que deveriam ser realizadas para a publicação do livro¹⁰⁰. Foi Edward Alexander Bott, professor de psicologia de Carl Williams na Universidade de Toronto, que chamou sua atenção para a questão ao afirmar que o espaço acústico não tem centro, nem margens. Isso influenciou diretamente o conceito desenvolvido por McLuhan.

O conceito de espaço acústico chamou a atenção de McLuhan ao demonstrar que outras formas de espaço eram possíveis para além do espaço visual. A distinção entre espaço visual e acústico pressupõe que existiam outros tipos de espaço para além do visual. Tanto McLuhan quanto Innis trabalharam com o estudo de Francis M. Cornford e seu conceito de espaço definido em “The Invention of Space” (1936) em que ele afirmava que havia uma naturalização da ideia de espaço.

When I was taught geometry, geometry and Euclid were synonymous terms; and it never occurred to me to doubt that I lived and moved in Euclidean space, extending, quite obviously, in all its three dimensions, without limit. I suspect that, if we look into our minds, all but a few accomplished mathematicians will find the old framework of space and time still unshaken. Common sense lags a good way behind the reasonings of revolutionary thinkers. (CORNFORD, 1936, p. 3)¹⁰¹

⁹⁸ “um espaço não fechado pode ser melhor compreendido como um espaço acústico ou auditivo” (MCLUHAN *apud* CAVELL, 2005, p. 96)

⁹⁹ Carl ... usou a frase “espaço auditivo” para descrever um experimento feito por E. A. Bott [então recém-aposentado da Universidade de Toronto] a frase foi eletrizante. Marshall [McLuhan] a mudou para “espaço acústico” e citou poesia “paisagem interior”. Jackie [Tyrwhitt] mencionou a cidade indiana de Fatehpur Sikri. Tom [Easterbrook] viu paralelos na Europa medieval. Eu falei sobre os esquimós. (CARPENTER, 2001).

¹⁰⁰ Infelizmente não há registro sobre quais eram as divergências em relação ao artigo que culminou na sua publicação sob o nome de McLuhan e Carpenter.

¹⁰¹ Quando eu fui ensinado geometria, geometria e Euclides eram termos sinônimos, e isso nunca me ocorreu duvidar de que eu morava e me movia no espaço euclidiano, estendendo-se, obviamente, em todas as suas três dimensões, sem limite. Eu suspeito que, se olharmos para as nossas mentes, todos, exceto alguns matemáticos talentosos vai encontrar o antigo quadro de espaço e tempo ainda inabalável.

Como outros autores, Cornford apresentara a McLuhan a noção de que o espaço e o tempo não eram absolutos. E que o espaço tinha uma existência para além do espaço visual, possibilitando outras formas de espaço.

R. Murray Schafer (2005, p. 67) observa que, em vez de utilizar apenas a distinção entre visual e acústico, McLuhan adiciona o prefixo espaço na sua análise entre o visual e o acústico. Isso faz com que Richard Cavell defenda que o elemento mais consistente e coerente de McLuhan é uma teoria sobre o espaço (2005, p. 94). Paul Levinson confirma a tese de Cavell dizendo que “within this concept of acoustic space [...] lies a blueprint of all McLuhan’s major insights and theories” (Levinson, 1999, p. 170)¹⁰². Para Cavell, a posição de McLuhan em relação ao campo da comunicação é estranha porque ele estava desenvolvendo uma teoria espacial da comunicação.

Em 1959, McLuhan começava a escrever o *Report on Project in Understanding New Media* (1960) para a NAEB, e nele ele queria explorar o poder de qualquer meio de impor as suas próprias pressuposições espaciais e estruturas. Nesse estudo e no seu consequente *Understanding Media* (1964), McLuhan discorria em como os meios eletrônicos estavam modificando as relações entre os sentidos e a sociedade, desenvolveu uma proposta sobre as transformações nas relações entre a mensagem e contexto.

Segundo Cavell (2005), o modelo de comunicação de McLuhan poderia ser considerado como espacial, pois para McLuhan o diálogo enquanto forma ideal de expressão da comunicação é multidimensional, em vez de linear, e está baseado em todos os sentidos do sensorio humano presentes no ambiente em que o diálogo se dá.

Com isso, Cavell (2005, p. 94) propõe diferenciar os conceitos de *matching* (correspondência) e *making* (fazendo) para desmonstrar como a noção de diálogo de McLuhan, faz com que o seu modelo de comunicação seja uma contraposição ao modelo de Shannon e Weaver. Para McLuhan, em vez de comparar o que foi dito e o que foi entendido (*matching*), preferia o modelo do processo de *making*, o de uma participação ativa no processo comunicacional, trata-se de uma outra maneira de apresentar a distinção já conhecida entre o processo comunicacional passivo e ativo. A

O senso comum fica uma boa distância para trás dos raciocínios de pensadores revolucionários. (CORNFORD, 1936, p. 3)

¹⁰² “neste conceito de espaço acústico [...] se encontra o projeto de todas as grandes idéias e teorias de McLuhan” (1999, p. 170)

comunicação é assim multirelacional em vez de um processo linear e temporal entre o emissor e o receptor. Isso o coloca em uma posição contrária a de Shannon e Weaver.

Segundo Derrick de Kerckhove:

Contrary to the Shannon-Weaver model of communication devised in the late forties for application to information theory and machines, McLuhan's interpretation was that in communication there is no transportation of information (concepts or 'content') from a source to a target, but a transformation of the source and target simultaneously. (DE KERCKHOVE *apud* CAVELL, 2005, p.93)¹⁰³

Graeme Patterson diz que McLuhan escreveu em 1976 para seu amigo Jerome Agel "What they call 'NOISE', I call the medium—that is, all the side-effects, all the unintended patterns and changes" (MCLUHAN, 1976 *apud* PATTERSON, 1990, p. 100)¹⁰⁴.

A teoria do McLuhan não se encaixa nesse modelo. McLuhan desenvolveu a ideia de figura e fundo que procura estabelecer a relação entre o que é comunicado e o contexto é alterado pela ação dos meios de comunicação.

[...] the multiplicity of side-effects of any communication system forms an entire environment of interfacing, a kind of subculture which accompanies the central 'service' or channel of communication (MCLUHAN; MCLUHAN 1988, p. 87 *apud* CAVELL, 2005, p. 93)¹⁰⁵.

Concordando com Cavell (2005, p.94) de que a noção de espaço é uma das mais coerentes dos estudos de McLuhan, ele cita Bruce Grobeck ("McLuhan as Rhetorical Theorist", 1981) que apesar de criticar McLuhan diz que "Communication media bias human organizations ... by governing attitudes toward space and its appropriation by citizens of the collectivity" (1984, p. 122 *apud* 2005, p.94)¹⁰⁶.

A mudança trazida com os meios de comunicação é justamente na nossa percepção do espaço. O interesse de McLuhan pelo fundo, é justamente sua preocupação com o contexto em vez do conteúdo, por isso segundo ele próprio trata-se de uma teoria da transformação geral da sociedade, "My kind of study in

¹⁰³ Ao contrário do modelo de Shannon-Weaver de comunicação concebido em final dos anos quarenta para aplicação da teoria da informação e das máquinas, a interpretação de McLuhan era que na comunicação não há transporte de informações (conceitos ou "conteúdo") a partir de uma fonte para um destino, mas uma transformação da fonte e do alvo simultaneamente. (DE KERCKHOVE *apud* CAVELL 2005, p. 93)

¹⁰⁴ "O que eles chamam de 'ruído', eu chamo de meio, ou seja, todos os efeitos colaterais, todos os padrões e mudanças inesperadas" (MCLUHAN, 1976 *apud* PATTERSON, 1990, p. 100).

¹⁰⁵ [...] a multiplicidade de efeitos colaterais de qualquer sistema de comunicação constitui um ambiente inteiro de *interfacings*, uma espécie de subcultura que acompanha o 'serviço' central ou canal de comunicação (MCLUHAN; MCLUHAN, 1988, p. 87 *apud* CAVELL, 2005, p. 93).

¹⁰⁶ "Os meios de comunicação enviesam as organizações humanas [...] governando atitudes em relação ao espaço e sua apropriação pelos cidadãos da coletividade"(GRONBECK, 1984, p. 122 *apud* 2005, p.94).

communication is a study of transformation, whereas information theory and all the existing theories of communication that I know of are theories of transportation” (MCLUHAN; MCLUHAN; STAINES, 2003, p, 230)¹⁰⁷.

Na proposta de Shannon e Weaver o foco está no sinal, trata-se de um problema de engenharia dos impulsos elétricos e da transmissão para a construção de um sistema de comunicação e por isso não leva em conta a relação humana e o contexto social.

Essa é uma das oposições com à análise de Shannon-Weaver, pois o diálogo enquanto forma ideal para McLuhan é multidimensional em vez de linear e está baseado em todos os sentidos do sensorio humano

Para McLuhan, uma vez que sua opção é por uma análise das transformações do ambiente no processo comunicacional, o ambiente (espaço) social não pode ser considerado como uma caixa em que as coisas eram inseridas, o próprio ambiente era um agente ativo capaz de estruturar e organizar a experiência, onde cada objeto criava o seu próprio ambiente.

McLuhan, então, combina um modelo de estudo sobre o espaço com um modelo sensorial através da noção de que os meios de comunicação eram extensões espaciais (ambientais) dos nossos sentidos. Sendo assim, a introdução de um novo meio de comunicação reconfigura o sensorio humano e como consequência o ambiente (espaço) social com a sua estrutura e as instituições da sociedade. McLuhan estipula, então, uma distinção entre dois tipos de espaço: espaço acústico e espaço visual.

Além de deixar de ser absoluto, o espaço passa a ser considerado como produzido pelo social. Segundo Lucien Lefebvre, em *The Production of Space* (1974), vários são os tipos de espaço, mas o que falta nestas formulações “[...] is an account of the social production of space itself (that which mediates between the social and the mental)” (1974, p. 6)¹⁰⁸.

Segundo Mark Gottdiener em *The Social Production of Urban Space* (1985) discutindo sobre a noção de espaço de Lefebvre afirma:

Space cannot be reduced merely to a location or to the social relations of property ownership—it represents a multiplicity of sociomaterial concerns. [He concludes by stating that] Space is both the geographical site of action

¹⁰⁷ “Meu tipo de estudo na comunicação é um estudo de transformação, enquanto que a teoria da informação e todas as teorias existentes de comunicação que eu conheço são teorias de transporte” (MCLUHAN; MCLUHAN; STAINES, 2003, p. 230).

¹⁰⁸ “[...] é um relato sobre a produção social do espaço em si (que faz a mediação entre o social e o mental)” (1974, p. 6).

and the social possibility for engaging in action. (1985, p. 123 *apud* Cavell, 2005, p. 102)¹⁰⁹.

Lucien Lefebvre reconheceu a importância da discussão de McLuhan sobre o espaço ao afirmar que o espaço abstrato é uma invenção da geometria euclidiana; enquanto um espaço infinito e vazio. Com isso o espaço euclidiano era descrito como uma construção e não algo que era natural, assim como Cornford (CORNFORD, 1936, p. 3) na sua descrição.

Geralmente quando falamos do conceito de espaço nos referimos ao modelos de espaço visual, como um espaço que separa os objetos visuais. O espaço visual é caracterizado por uma ênfase no sentido da visão. Para McLuhan, a tradução de todos os sentidos para o sentido visual só foi possível com a abstração do alfabeto fonético. A escrita se tornou o meio de comunicação dominante e com isso o espaço visual reinou durante um longo período. Para Marchand:

If space is regarded as the world created by sound ... its characteristics are completely different from those of visual space. It has no fixed boundaries, no center, and very little sense of direction. ... It is more immediately connected to the nervous system than anything visual. (1989, p. 123-24)¹¹⁰

Assim, o espaço acústico é a ideia de que o som cria um espaço, um espaço que difere das características do espaço visual. O espaço acústico é considerado como não possuindo um centro, nem margens e também não possuindo um centro de direção¹¹¹. Segundo Schafer (2005, p. 67), ele poderia ser entendido como uma esfera.

Auditory space has no point of favored focus. It's a sphere without fixed boundaries, space made by the thing itself, not space containing the thing. It

¹⁰⁹ O espaço não pode ser reduzido apenas a um local ou para as relações sociais de propriedade - que representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais. [Ele conclui afirmando que] O espaço é tanto o local geográfico da ação e a possibilidade social para engajar-se em ação. (1985, p. 123 *apud* CAVELL, 2005, p. 102).

¹¹⁰ Se o espaço é considerado como o mundo criado pelo som [...] as suas características são totalmente diferentes das do espaço visual. Ele não tem limites fixos, nenhum centro, e muito pouco senso de direção. [...] É mais imediatamente conectado ao sistema nervoso do que qualquer coisa visual. (1989, p. 123-24)

¹¹¹ Em uma carta para R. Murray Schafer em 1974, McLuhan deixa mais claro que a ideia de que o som não tem direção esta baseada no fato que ato de ouvir significa absorver a informação de todas as direções ao mesmo tempo. "We are living in an acoustic age for the first time in centuries, and by that, I mean that the electric environment is simultaneous. Hearing is structured by the experience of picking up information from all directions at once. For this reason, even the telegraph gave to news the simultaneous character which created the "mosaic" press of disconnected events under a single dateline. At this moment, the entire planet exists in that form of instant but discontinuous co-presence of everything". (MCLUHAN, 1974 *apud* SCHAFFER, 2005, p. 67)

is not pictorial space, boxed in, but dynamic, always in flux, creating its own dimensions moment by moment. (McLuhan; Carpenter, 1960, p. 67)¹¹²

O conceito de espaço acústico é aquele que não favorece um ponto de vista fixo. O espaço acústico é dinâmico, ligado à oralidade, e independente das qualidades estáticas, geralmente associadas ao visual (CAVELL, 2005, p. 97).

A ação dos meios enquanto ligados diretamente aos nossos sentidos provocam mudanças na nossa percepção do espaço. Assim, McLuhan se colocou na posição de estudar como através das tecnologias de comunicação a sociedade produz e modifica de forma dinâmica o ambiente (espaço) e sua concepção sobre o espaço, seja na direção do espaço acústico ou espaço visual.

Os sentidos

Para McLuhan, os sentidos são considerados como interdependentes, isso significa que se a capacidade de um sentido for alterada, todas as relações entre os sentidos sofrem alteração. Qualquer alteração no equilíbrio entre os sentidos faz com que também sejam alteradas as formas pelas quais as pessoas organizam a experiência. E, assim, os meios de comunicação dão às pessoas uma maneira particular de organizar a experiência e uma maneira particular de conhecer e compreender o mundo. “Marshall McLuhan’s achievement lies in discussing a single hypothesis, that technology changes man’s senses” (WATSON, 1977 *apud* MOSS; MORRA, 2004, p. 99)¹¹³.

O balanço e equilíbrio sensorial muda de acordo com os meios disponíveis. Uma pessoa cega, tem logicamente sua capacidade visual diminuída e em decorrência disso seus outros sentidos tornam-se mais aguçados. Dessa mesma forma, quando as tecnologias que utilizamos mudam, isso altera o equilíbrio sensorial. Ao estabelecer um novo padrão das relações entre os sentidos, o meio acaba por favorecer uma nova forma característica de organizar a experiência, determina as formas de conhecimento, a estrutura da percepção e o equipamento sensório necessários para absorver a realidade.

Media of communication, consequently, are vast social metaphors that not only transmit information but determine what is knowledge; that not only orient us to the world but tell us what kind of world exists; that not only

¹¹² Espaço auditivo não tem um ponto de focalização favorecido. É uma esfera sem limites fixos, espaço feito pela própria coisa, não espaço contendo a coisa. Não é um espaço pictórico, encaixado, mas dinâmico, sempre em fluxo constante, criando suas próprias dimensões de momento em momento. (MCLUHAN; CARPENTER, [1960] 1980, p.90)

¹¹³ "O feito de Marshall McLuhan encontra-se na discussão de uma única hipótese, que a tecnologia muda os sentidos do homem". (WATSON, 1977 *apud* MOSS; MORRA, 2004, p 99)

excite and delight our sense but, by altering the ratio of sensory equipment that we use, actually change our character (CAREY, 2005, p. 203)¹¹⁴.

Partindo desse princípio, McLuhan começa a estudar as diferenças estruturais que novos meios de comunicação trazem desde a mudança da oralidade para a escrita manuscrita, o processo de impressão e o surgimento dos meios eletrônicos. McLuhan utilizou para exemplificar as culturas pré-letradas os estudos de Edmund Carpenter sobre os esquimós do Ártico do Canadá. Os esquimós experimentavam o mundo de forma diferente, se guiando pelos caminhos do ártico a partir do espaço acústico. A paisagem não era compreendida visualmente, mas sim através de seus sons (FULFORD, 2005, p. 312).

Just as the Eskimo has been de-tribalized via print, going in the course of a few years from primitive nomad to literate technician, so we, in an equally brief period, are becoming tribalized via electronic channels. (MCLUHAN; CARPENTER, 1960, p. xi-xii)¹¹⁵

Until writing was invented, we lived in acoustic space, where the Eskimo now lives: boundless, directionless, horizonless, the dark of the mind, the world of emotion, primordial intuition, terror. Speech is a social chart of this dark bog. Speech structures the abyss of mental and acoustic space, shrouding the voice; it is a cosmic, invisible architecture of the human dark. Speak that I may see you. Writing returned the spotlight on the high, dim Sierras of speech; writing was the visualization of acoustic space. It lit up the dark. I (MCLUHAN, 1960, p. 207)¹¹⁶

The eye focusses, pinpoints, abstracts, locating each object in physical space, against a background; the ear, however, favours sound from any direction ... I know of no example of an Eskimo describing space primarily in visual terms. (CARPENTER, 1973, pp. 35-37 *apud* SCHAFER, 2005, p. 66-67)¹¹⁷.

Edward Hall afirmou que não existe experiência no abstrato como um modo separado e distinto da cultura. Para McLuhan, Hall está usando justamente o conceito

¹¹⁴ Os meios de comunicação são então metáforas sociais que não só transmitem informação, mas determinam o que é conhecimento, não só nos orientam no mundo, mas nos dizem que tipo de mundo existe, ao alterar a nossa proporção sensorial, do nosso equipamento sensorial, que nós usando, mudam o nosso caráter (Carey, 2005, p. 203)

¹¹⁵ Assim como o esquimó tem sido destribalizado através do material impresso, passando em poucos anos do nômade primitivo ao técnico alfabetizado, também nós num período igualmente breve, estamos ficando tribalizados através dos canais eletrônicos. (McLuhan; Carpenter, [1960] 1980, p. 16)

¹¹⁶ Until writing was invented, we lived in acoustic space, where the Eskimo now lives: boundless, directionless, horizonless, the dark of the mind, the world of emotion, primordial intuition, terror. Speech is a social chart of this dark bog. Speech structures the abyss of mental and acoustic space, shrouding the voice; it is a cosmic, invisible architecture of the human dark. Speak that I may see you. Writing returned the spotlight on the high, dim Sierras of speech; writing was the visualization of acoustic space. It lit up the dark. I (McLuhan, 1960, p. 207)

¹¹⁷ O olho focaliza, aponta, abstrai, localizando cada objeto no espaço físico, contra um contexto [*background*], o ouvido, no entanto, favorece o som a partir de qualquer direção [...] Não conheço nenhum exemplo de um esquimó descrevendo o espaço primariamente em termos visuais. (Carpenter, 1973, pp 35-37 *apud* Schafer, 2005, p. 66-67).

por trás de “o meio é a mensagem”, o meio não poderia ser isolado do social e da cultura, ou seja, figura e fundo. A crítica que faz à noção de Hall é que ela está atrelada à ideia de território, enquanto ele mesmo coloca o espaço como um produto das dinâmicas das relações sociais, por isso que ele as denomina de ambientes. E McLuhan prossegue sua crítica dizendo que Hall não estava “try[ing] to relate the diversity of [...] spatial forms to technological impact on our sensibilities” (1987, p. 386)¹¹⁸ e por causa disso ele estava “simply omit[ting] the approach of indicating the preferred stress on each of the senses as a means of defining cultural patterns” (1987, p. 391)¹¹⁹.

Tais interpretações aproximariam a obra de McLuhan da tradição pós-modernista, pois na visão de Cavell, o que distingue esta última das outras tradições é justamente a sua preocupação com o espacial.

McLuhan começou a desenvolver a ideia de que a partir do alfabeto fonético houve uma mudança estrutural nas relações humanas em comparação com a oralidade. O alfabeto fonético teria inaugurado um desequilíbrio entre os sentidos, pois seu uso estende apenas um sentido, o sentido da visão. Já a oralidade estava baseada em uma relação na qual todos os sentidos estariam envolvidos, como em uma discussão presencial entre duas pessoas onde os gestos, cheiros, ambiente, audição e visão estão presentes simultaneamente na situação.

No documento que deu origem ao livro *Understanding Media* (1964).

“Why did the phonetic alphabet hoick man out of the auditory space of the tribal drum into the civilized, homogeneous and continuous space of line and plane and picture?” His answer is that “the phonetic alphabet alone, of all forms of writing, translates the audible and the tactile into the visible and the abstract. Letters, the language of civilization, have this power of translating all of our senses into visual and pictorial space” (MCLUHAN *apud* CAVELL, 2005, p. 99).¹²⁰

O alfabeto fonético ao reduzir o ambiente da oralidade e traduzí-lo para o sentido visual separa os sentidos e favorece o sentido visual. Ao traduzir a oralidade a

¹¹⁸ “tenta[ndo] relacionar a diversidade de. [...] formas espaciais para o impacto tecnológico em nossas sensibilidades”(1987, p. 386)

¹¹⁹ “Simplesmente omiti[ndo] a abordagem de indicação da tensão preferida em cada um dos sentidos como um meio para definir padrões culturais” (1987, p. 391).

¹²⁰ Por que que o homem alfabeto fonético sacão fora do espaço auditivo do tambor tribal no espaço civilizado, homogêneo e contínuo de linha e plano e imagem?" Sua resposta é que "o alfabeto fonético sozinho, de todas as formas de escrita, traduz o audível e tátil para o visível eo abstrato. Cartas, a linguagem da civilização, tem esse poder de traduzir todos os nossos sentidos para o espaço visual e pictórica (MCLUHAN *apud* CAVELL, 2005, p. 99).

partir de uma forma abstrata em que as letras não tem relação com as coisas do mundo, o alfabeto fonético também é o meio em que é possível traduzir qualquer língua.

McLuhan diz em *Gutenberg Galaxy* (1962), que essa tradução reduz a ideia de múltiplos espaços para um único tipo de espaço. Essas alterações entre os espaços é fruto direto da ação dos meios de comunicação.

A invenção do alfabeto, à semelhança da invenção da roda, foi a primeira tradução ou redução de um complexo e orgânico intercâmbio de espaços num único espaço. O alfabeto fonético reduziu o uso simultâneo de todos os sentidos, que é a expressão oral, a um simples código visual. Hoje, pode-se efetuar essa espécie de translação numa ou noutra direção, através de uma variedade de formas espaciais, as quais chamamos de "media", ou "meios de comunicação". Mas cada uma dessas formas de espaço tem propriedades particulares e incide sobre nossos outros sentidos ou espaços de modo também particular. ([1962] 1972, p. 76)

A consequência disso, para McLuhan, é que o alfabeto fonético nos levou para um mundo visual baseado na abstração, linearidade e individualismo. O conhecimento é adquirido por todos os sentidos, mas a confirmação é pela visão – é preciso ver escrito para acreditar. A prensa de Gutenberg dá início a um processo que intensificou ainda mais o aspecto visual da escrita alfabética por causa da uniformidade da forma das letras. Com a acelerada penetração dos processos de impressão acontece o processo de tradução da tradição oral para a tradição do impresso especializada no espaço visual.

Sociedades letradas em que a informação é adquirida principalmente pelo uso da faculdade visual ao ler acabam desenvolvendo uma tendência visual na qual a informação é processada de forma linear sequencial, um item de cada vez, conforme a mesma estrutura da palavra escrita. Dessa forma, o homem letrado opera no espaço visual. A tendência para o espaço visual começa com a escrita não fonética, mas aumenta de intensidade com o alfabeto fonético e ainda mais com o impresso. Uma cultura visual acredita mais naquilo que vê do que ouve e as tradições orais começam a ser traduzidas em forma escrita. Mas durante esse processo acaba também por diminuir a proporção dos outros sentidos.

Existem diferenças entre o manuscrito e o impresso. Os textos anteriormente eram lidos em voz alta, não havia separação entre as palavras, não havia índices ou números de páginas. Tudo isso favorecia a leitura em voz alta para a compreensão dos textos e a leitura era social, uma vez que as palavras começam a serem separadas e iniciou-se o processo de leitura silenciosa. Intensificando ainda mais o processo, a prensa de Gutenberg, segundo McLuhan, inicia um processo de mecanização, é o

primeiro processo linear de produção. A multiplicação de textos e todos iguais faz acontecer aquilo que Benjamin chama de esvaziamento da aura, pois não há mais possibilidade de distinguir entre as cópias.

Frank Kermode descreve esse processo “Manuscript-oral men stop at each word, ignoring the syntactic whole” (KERMODE, 2005, p. 87)¹²¹. A página impressa permite padronizar e universalizar a língua materna, o que, segundo McLuhan, fortalece o nacionalismo. Embora em condições normais nenhum sentido opere em isolamento, a interação com diferentes meios fazem com que diferentes sentidos sejam acionados e acentuados. Dessa forma, sua proposição reitera que cada meio de comunicação cria o seu próprio efeito no nosso sensorio, ou seja, seu próprio viés afeta diretamente a forma como percebemos o mundo. “Print asks for the isolated and stripped-down visual faculty, not for the unified sensorium” (ibid., p. 269)¹²².

Além de nos fazer dependente do sentido visual, o impresso impõe a seus utilizadores uma lógica particular de organizar o conhecimento em termos de relações uniformes, lineares, harmoniosas e causais. Segundo Carey, isso significa quebrar as coisas em unidades elementares (palavras) e a tendência de ver a realidade em unidades discretas e a busca de relações causais e em uma ordem serial linear. Da esquerda para a direita, e a busca da estrutura ordenada da natureza. A geometria da página impressa é transferida para todas as outras atividades sociais como a ciência, governo, arte, arquitetura, trabalho, educação e outros. Sobre essa segmentação Ivan Kalmar diz que:

The analytical bent of the literate mind, its effort to chop everything up into a small number of basic elements, owes its birth to this feature of the alphabet. Just as writing segments language into letters, literate people divide space into angles, meters, and feet, time into years, hours, and minutes, work into jobs, responsibilities, and tasks. This regimentation of reality came into its own when the first printing press superimposed machine technology on that of the alphabet. (KALMAR, 2005, p. 228-229)¹²³

A página impressa é lida em silêncio e de forma individual, cria um universo com pessoas com conhecimentos diferentes e dessa forma a especialização de

¹²¹ “Os homens Manuscrito-orais param em cada palavra, ignorando o todo sintático” (KERMODE, 2005, p. 87).

¹²² “A impressão pede a faculdade visual isolada e despojada, não para o sensorio unificado.” (ibid., p. 269).

¹²³ O pendor analítico da mente letrada, seu esforço para cortar tudo para cima em um pequeno número de elementos básicos, deve o seu nascimento a esta característica do alfabeto. Assim como os segmentos de escrita em letras língua, as pessoas alfabetizadas dividem o espaço em ângulos, metros, e pés, o tempo em anos, horas e minutos, o trabalho em postos de emprego, responsabilidades e tarefas. Esta arregimentação da realidade entrou em sua própria quando a primeira prensa sobrepôs a tecnologia da máquina naquela do alfabeto. (KALMAR, 2005, p. 228-229)

conhecimentos. Na oralidade, a pessoa adquire o conhecimento presencialmente em contato com outras pessoas, com a escrita isso se torna uma atividade isolada e permite o desenvolvimento de pontos de vista privados e individuais. Por isso, segundo McLuhan, o impresso retira o indivíduo da comunidade oral e o destribaliza. Partindo de T.S. Eliot, ele afirma que o impresso desassocia os sentidos, separando a visão do som. (Cavell, 2005). Depois da mudança da oralidade para a escrita/prensa em *The Gutenberg Galaxy* (1962), ou seja, uma mudança entre o espaço acústico para o espaço visual, McLuhan também investiga um novo processo de transição para os meios de comunicação elétricos e com ela uma nova organização estético-sensorial e mudanças sociais.

A mudança para os meios elétricos

McLuhan percebia também que esse domínio visual baseado na escrita e no impresso estava perdendo terreno (ou cedendo lugar) aos meios eletrônicos que iniciaram com o telégrafo, depois o rádio e em seguida a televisão. Surgia a primeira geração que nasceu tendo a televisão como o principal meio de comunicação e, como visto até aqui, a inserção de um novo meio deveria trazer toda uma nova forma de organizar a experiência. Agora, a sociedade baseada nos meios elétricos passa por uma nova revolução sensorial que, segundo McLuhan, quebra a linearidade sequencial da cultura baseada no espaço visual desenvolvida principalmente pela escrita e prensa. Como afirma Ivan Kalmar (p. 209):

Finally, television made possible the immediate audiovisual transmission of events at long distances. Step by step, the linear, ordered sequence of writing was being replaced by a multisense, near-simultaneous implosion of messages.¹²⁴

O resultado é a volta da sinestesia. Os meios eletrônicos permitem a todos estarem em contato, o que irá exigir de McLuhan o desenvolvimento de outro conceito importante, o de *Aldeia Global*, que será descrito posteriormente.

Mas a televisão não é um meio visual? Segundo McLuhan, a televisão exige participação sensorial envolvente que é tátil, pois a tatilidade é a interrelação entre os sentidos. “Com a televisão, vem a extensão do sentido do tato ou da inter-relação dos

¹²⁴ Finalmente, a televisão tornou possível a transmissão imediata audiovisual de eventos em longas distâncias. Passo a passo, o linear, seqüência ordenada de escrita foi sendo substituído por um multisense, quase simultânea implosão de mensagens.

sentidos, que envolve mais intimamente ainda todo o nosso mundo sensorial”. ([1964] 1969, p. 298).

Ele esclarece esta posição dizendo que a “[...] a tatilidade é a inter-relação dos sentidos, mais do que o contato isolado da pele e do objeto.” ([1964] 1969, p. 352). Ele acreditava que culturas orais e pré-letradas eram dominadas pelo sentido audio-tátil e que a informação era processada simultaneamente em tempo real. Na era eletrônica voltaríamos para o espaço acústico devido à aquisição simultânea da informação, o que nos levaria a recuperar os padrões dos sentidos da era oral. Suas observações sobre os meios elétricos remontam a 1957, com o Volume 7 da revista *Explorations*:

The manuscript reader went too slowly, traveled too little to develop much time sense. Whatever of the past was discussed was felt as present, just as today the simultaneity and inclusiveness of our historical knowledge makes it all felt as being now. We have arrived once more at the oral via what appears as non-auditory means (MCLUHAN 1957b, 102).¹²⁵

A abolição do espaço e tempo é um dos efeitos trazidos pelos novos meios.

One of the peculiarities of the electric age is that we live simultaneously in all the cultures of the past. All of the past is here and all of the future is here (MCLUHAN, MCLUHAN, STAINES 2003, p. 213)¹²⁶.

A acentuação do sentido visual desenvolve uma tendência visual, o que gera formas de espaço e tempo que são uniformes, contínuas e conectadas. A geometria Euclidiana estabeleceu a ideia de espaço infinito é fruto do homem tipográfico e visual.

The visual sense, alone of our senses, creates the forms of space and time that are uniform, continuous and connected. Euclidean space is the prerogative of visual and literate man. With the advent of electric circuitry and the instant movement of information, Euclidean space recedes and the non-Euclidean geometries emerge. Lewis Carroll, the Oxford mathematician, was perfectly aware of this change in our world when he took Alice through the looking glass into the world where each object creates its own space and conditions. To the visual or Euclidean man, objects do not create time and space. They are merely fitted into time and space. The idea of the world as an environment that is more or less fixed, is very much the product of literacy and visual assumptions (MCLUHAN, [1966] 2005, p. 15)¹²⁷.

¹²⁵ O leitor do manuscrito foi muito devagar, viajou muito pouco para desenvolver o senso de tempo. Seja o foi discutido do passado foi sentido como presente, tal como hoje a simultaneidade e a inclusão de nosso conhecimento histórico faz tudo ser sentido como sendo agora. Chegamos mais uma vez ao oral via o que aparece como meios não-auditivos (McLuhan 1957b, p. 102).

¹²⁶ Uma das peculiaridades da era da eletricidade é que vivemos simultaneamente em todas as culturas do passado. Todo o passado está aqui e todo o futuro está aqui (McLuhan, McLuhan, Staines 2003, p. 213).

¹²⁷ O sentido visual, sozinho de nossos sentidos, cria as formas de espaço e tempo que são uniformes, contínua e conectado. Espaço euclidiano é prerrogativa do homem visual e letrado. Com o advento de circuitos elétricos e o movimento instantâneo de informações, espaço euclidiano recua e as geometrias não euclidianas emergem. Lewis Carroll, o matemático de Oxford, estava perfeitamente consciente dessa mudança em nosso mundo quando levou Alice através do espelho para o mundo onde cada objeto cria o seu próprio espaço e condições. Para o homem visual ou euclidiana, os objetos não criar tempo e espaço.

O domínio do espaço euclidiano e da física newtoniana foi estremecido com as análises de Einstein e da mecânica quântica, justamente porque Einstein destituiu a ideia do espaço infinito.

Robert Logan, que trabalhou com McLuhan como “consultor de ciência”, encontra nessa discussão um ponto interessante de ligação com Einstein e sua famosa teoria da relatividade. Ambos afirmam que os objetos criam o seu próprio espaço. McLuhan acreditava que a teoria da relatividade e a informação elétrica dependiam da circulação da informação na velocidade da luz.

É fácil a Dantzig ver quão fictícia era a geometria clássica. Gerada pelo alfabeto, ela foi abundantemente nutrida pela tipografia. Da mesma maneira, as geometrias não-euclidianas, características do nosso tempo, também dependem da tecnologia elétrica para sua nutrição e plausibilidade. E isto, tanto não é percebido pelos matemáticos agora, como também não foram, pelos matemáticos do passado, percebidas as relações do alfabeto com a palavra impressa. (MCLUHAN, [1962] 1972, p. 250).

A tendência perceptiva do espaço visual é linear, sequencial, uma coisa por vez, objetiva, abstrata, racional, dedutiva, fragmentada, causal e especializada. Já a do espaço acústico é não linear, simultânea, em todas as direções e ao mesmo tempo, subjetiva, provoca envolvimento intenso, concreto, intuitivo, abrangente, místico, indutivo e experimental. (LOGAN, 2012).

Lefebvre (1974) concorda com McLuhan, que um dos motivos pelos quais o conceito de espaço foi tão pouco teorizado foi justamente o desenvolvimento da escrita.

To underestimate, ignore and diminish space amounts to the overestimation of texts, written matter, and writing systems, along with the readable and the visible, to the point of assigning to these a monopoly on intelligibility (1974, p. 62)¹²⁸

Naturalizou-se, assim, que o espaço era sempre o espaço visual e não abrindo espaço para outras formas de espaço. Segundo a interpretação de Cavell (2005, p. 102), McLuhan teria avaliado que a subestimação do conceito de espaço acústico provém de uma superestimação do espaço visual e de seus modos de pensar, produzidos em conjunto com a imprensa, enquanto extensão do alfabeto fonético. Os meios elétricos

Eles são apenas montados no tempo e no espaço. A ideia do mundo como um ambiente que é mais ou menos fixo, é muito o produto da alfabetização e suposições visuais (McLuhan, [1966] 2005, p. 15).

¹²⁸ Para subestimar, ignorar e diminuir o espaço conta para a superestimação de textos, matéria escrita, e sistemas de escrita, juntamente com o legível e o visível, a ponto de atribuir a estes um monopólio sobre a inteligibilidade (1974, p. 62)

estariam trazendo um processo de reversão, um retorno do espaço acústico em seu equilíbrio sensorial do período pré-impreso, pré-alfabetizado.

Meios Quentes e Frios

Como já dissemos, McLuhan propõe uma distinção entre meios de comunicação espaço visual e espaço acústico. Ela ganhou diversos conceitos auxiliares e foi desenvolvida em suas obras, principalmente, com a definição de Meios Quentes (*hot medium*) e Meios Frios (*cool medium*) proposta em *Understanding Media* (1964).

Os meios quentes seriam aqueles meios que prolongam apenas um dos sentidos e em alta definição, ou seja, um elevada quantidade/clareza de informação. Uma vez que o suporte/mensagem dá muita informação ao receptor, o seus sentidos são pouco requisitados a consciência não precisa completar a informação. Alguns exemplos dados por McLuhan de meios quentes são o rádio, cinema, alfabeto fonético e a fotografia. O rádio, por exemplo, nos fornece informação em alta definição, estendendo apenas o sentido da audição. Já os meios frios são aqueles que prolongam, ou requisitam, mais de um sentido ao mesmo tempo, mas em baixa definição, ou seja, é necessário que o receptor interaja com os seus sentidos de forma mais ativa para completar a informação. Os exemplos dados são o telefone, a fala, a televisão e a caricatura.

A fala, para McLuhan, “é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte”. (1969, p. 38). A escrita em hieroglífico é um meio frio, pois boa parte de seu significado depende da interpretação, em que deve ser preenchida pelo receptor e por ser de baixa intensidade.

Uma vez estendido apenas um sentido e de forma intensa, isso faz com que o meio de comunicação vá perturbar o equilíbrio das relações entre os diferentes sentidos. Por isso é preciso um reordenamento dos sentidos para recuperar o equilíbrio, e para isso, o sistema nervoso central deve agir para se livrar da pressão exercida pela extensão de um dos sentidos. A resposta dada por McLuhan é a *auto-amputação*, a ação de isolar o canal sensorial: “Tudo o que ameaça a sua função deve ser contido, localizado ou cortado, mesmo ao preço da extração total do órgão ofendido” (1969, p. 61).

A auto-amputação faz com que os efeitos dos meios acabem não sendo percebidos, pois o desequilíbrio acontece porque a extensão de nós mesmos nos mergulha “num estado de entorpecimento”. E, qualquer que seja a extensão, ela produz a ação de auto-amputação.

Uma das críticas constantes a essa classificação dos meios incide sobre a crença de McLuhan de que a televisão era um meio audio-tátil, isso significava dizer que a televisão não era visual, mas na verdade obrigava o receptor a se envolver com todos os sentidos.

Television, as a result of the scanning system on which it operates, is capable of conveying or eliciting a sense of touch. Thus, in the apprehension of television not only the eye but the ear and the hand are brought into play. Television re-orchestrates the senses; it engages, if you will, the whole man, the entire range of sensory qualities of the person. (CAREY, [1967] 2005, p. 204-205)¹²⁹

O fato de McLuhan dizer que a televisão era um meio frio fazia com que os críticos (não sem razão) esperassem que a televisão fosse um meio de baixa definição. Meyrowitz (2003, p. 198) observa que muitos brincavam dizendo que McLuhan tinha uma televisão defeituosa em casa. Mas o fato é que a televisão em 1948 nos EUA tinha apenas 525 linhas de definição apresentando uma qualidade de imagem muito inferior comparada com o cinema que apresentava rolos de filme de 35 mm. Hoje, com certeza, essa característica da televisão estaria equivocada devido aos avanços tecnológico dos aparelhos televisivos.

Uma fonte de incompreensão dessa definição de McLuhan é que ela aparenta ser uma distinção absoluta, quando na verdade deveria ser encarada sempre em comparação com outro meio. Por exemplo, a televisão é um meio mais frio do que o rádio. Somente assim, a definição poderia sobreviver as constantes mudanças tecnológicas.

Carey também criticou duramente a distinção entre meios quentes e frios, para ele, é o mais fraco de todos os argumentos de McLuhan.

However, it is the least satisfactory of all McLuhan's concepts and arguments. This is unfortunate, because for most critics it is the terms "hot" and "cool" which are taken to be McLuhan's principal contribution to the study of media, and a lot of unanswerable critical fire can be heaped on McLuhan at this point. (CAREY, [1967] 2005, p. 206)¹³⁰

Contudo, a tese de inconsistência do conceito é sustentável, pois:

¹²⁹ Televisão, como resultado do sistema de digitalização em que atua, é capaz de transmitir ou provocar uma sensação de toque. Assim, na apreensão de televisão não apenas os olhos, mas o ouvido e a mão são colocados em jogo. Televisão re-organiza os sentidos, que se envolve, se quiser, todo o homem, toda a gama de qualidades sensoriais da pessoa. (Carey, [1967] 2005, p. 204-205)

¹³⁰ No entanto, ele é o menos satisfatório de todos os conceitos e argumentos de McLuhan. Isso é lamentável, porque, para a maioria dos críticos são os termos "quente" e "cool", que são tidas como diretor contribuição de McLuhan ao estudo dos meios de comunicação, e um monte de fogo crítico irresponsável pode ser empilhado sobre McLuhan neste momento. (Carey, [1967] 2005, p. 206)

Media that are hot one minute seem to be cool another. It is impossible to tell if temperature is an absolute property of a medium or whether a medium is hot or cool relative only to some other medium. And the classification of media into these categories seems to be always quite arbitrary (CAREY, [1967] 2005, p. 207)¹³¹

Hemisfério Direito e Hemisfério Esquerdo

Nos últimos anos de vida, McLuhan, segundo Robert Logan (2013), McLuhan começou a perceber cada vez mais que as relações entre espaços visuais e acústicos como diferenças entre os hemisférios do cérebro.

Para McLuhan, o hemisfério direito era o hemisfério dedicado ao universo do acústico, simultâneo, intuitivo e da era eletrônica. Já o espaço visual é caracterizado com os padrões associados com a especialização do hemisfério esquerdo do cérebro. As tecnologias especializadas destribalizam, enquanto as tecnologias elétricas não especializadas retribalizam. “As tecnologias especializadas destribalizam. A tecnologia elétrica não especializada retribaliza.” (MCLUHAN, [1964] 1969, p. 40). Isso não significa que utilizamos apenas um dos lados do cérebro a cada vez, mas que existem certas especializações, assim quando alguma pessoa sofre um tipo de lesão em um lado do cérebro o outro lado consegue minimamente tomar as funções executadas pelo outro. Segundo Logan, a linguagem e as habilidades analíticas requerem o trabalho em conjunto dos dois lados do cérebro, mas algumas especialidades são localizadas em um ou outro hemisfério do cérebro.

McLuhan was aware of the split-brain hypothesis as early as 1967 when an admirer had sent him an article on the subject. I reignited McLuhan’s interest in the hypothesis when I suggested to him in early 1976 that possibly this hypothesis might support the thesis that the phonetic alphabet played a key role in the development of Western civilization since it was a more analytic form of writing than the system of Chinese characters, which relied on visual cues more than the alphabet. (LOGAN, 2013)¹³²

Logan (2013) emprestou para McLuhan um diagrama de R. H. Trotter (1976) que demonstra as diferentes qualidades de cada hemisfério. Esse diagrama viria a ser

¹³¹ Meios de comunicação que são quentes em um minuto parecem ser frios em outra. É impossível dizer se a temperatura é uma propriedade absoluta do meio ou se um meio é quente ou frio em relação apenas a algum outro meio. E a classificação dos meios de comunicação nas seguintes categorias parece ser sempre muito arbitrário (Carey, [1967] 2005, p. 207)

¹³² McLuhan estava ciente da hipótese da divisão do cérebro tão cedo quanto 1967, quando um admirador lhe enviou um artigo sobre o assunto. Eu reacendi o interesse de McLuhan na hipótese quando eu sugeri a ele no início de 1976 que, possivelmente, esta hipótese pode apoiar a tese de que o alfabeto fonético desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da civilização ocidental, uma vez que era uma forma mais analítica da escrita do que o sistema de caracteres chineses, que contavam com pistas visuais mais do que o alfabeto. (Logan, 2013)

usado no livro *Laws of Media* (1988, p. 68) e McLuhan o pendurou dentro do *Center of Culture and Technology*.

A ideia de bicamerabilidade teve forte impacto em McLuhan e ele a discutiu em diversos textos e também em diversas cartas com seus correspondentes. Embora tenha exagerado, segundo Logan, nas distinções, pois os dois hemisférios conversam entre si, a tese das especialidades dos hemisférios confirma as descrições de McLuhan. Ainda segundo Logan, há ainda muito a ser explorado no tocante às relações entre atividades cognitivas, da mente e funções neurológicas do cérebro.

Críticas e considerações

A tese de McLuhan de que o espaço acústico estaria ligado a não linearidade, a um espaço multidimensional e o envolvimento de todos os sentidos ao mesmo tempo, fez com que diversos autores relacionassem o seu trabalho com o dos poetas concretos e com o movimento pós-modernista. Para Laurie Petrou (2006), os poetas concretos e McLuhan compartilham o entendimento da relação entre a linguagem e o impresso e seus efeitos nos nossos sentidos.

Os poetas concretos estavam desenvolvendo alternativas ao processo linear da escrita em busca de uma retribalização que ultrapassava a dependência sensorial do impresso e do significado. Da mesma forma, os poetas concretos também trabalhavam na mesma linha do conceito de espaço acústico, pois o significado do poema só pode ser acessível com o entendimento em conjunto da linguagem e da estrutura.

A poesia visual que inclui os ideogramas são tratam diretamente com a espacialidade, espontaneidade, assim como o acústico. Havia a ideia de que os poetas concretos estavam se afastando da oralidade apesar dos seus desejos de focar no som na maioria dos seus trabalhos. Para Cavell, a poesia visual pode ser relacionada com o modelo das leis dos meios de McLuhan. Apesar das semelhanças entre seus trabalhos, McLuhan e os poetas concretos pouco dialogaram. No Brasil, essa relação se deu de forma mais direta pelo esforço de Décio Pignatari, que além de estudioso da linguagem era poeta concreto e foi quem traduziu *The Gutenberg Galaxy* para o português.

McLuhan percebia essas mesmas tentativas nos escritores modernistas como James Joyce que ele percebia que estava tentando “[...] to recreate the aural world by using non-standard spellings and run-on words” (STAMPS, 1995, p. 127)¹³³

Faltava a McLuhan, de acordo com Jonathan Miller (1982), uma teoria psicológica que explicasse a existência de uma divisão entre coração e cabeça. McLuhan a encontrou no seu contato, principalmente, com o trabalho de Harold Innis. Na tentativa de uma teoria psicológica dos meios de comunicação, McLuhan centra um órgão psíquico que em seu interior opera uma colaboração entre os cinco sentidos para propor uma base comum de experiência do consciente. (MILLER, 1982, p. 83). Para Kenneth E. Boulding (1968, p. 82) o que McLuhan pretendia era mostrar que o efeito do meio na estrutura da sociedade depende em grande parte dos aparelhos sensoriais envolvidos e as formas pelas quais isso acontece. John M. Culkin esclarece este ponto ao dizer que:

Each culture develops its own balance of the senses in the response to the demands of its environment. The most generalized formulation of the Theory would maintain that the individual's modes of cognition and perception are influenced by the culture he is in, the language he speaks, and the media to which he is exposed. Each culture, as it were, provides its constituents with a custom-made set of goggles. (1969, p. 248)¹³⁴.

Dentro da dicotomia construída por McLuhan para diferenciar os sentidos, o mesmo considera que o campo auditivo é simultâneo, e o visual é sucessivo (WAGNER, 1969, p. 160) e essa dicotomia é a base para as distinções que McLuhan irá fazer através dos mais diversos pares conceituais, como os de meios *hot* e *cool*, oralidade e escrita, visual e auditivo, *figure* e *ground* entre outros. Entre os exemplos do uso dessa dicotomia está a oralidade baseada no áudio-tátil e por isso simultâneo e integrador, que é quebrado a partir do momento em que a escrita impõe um monopólio visual (sucessivo e linear) e passa a ser o meio de comunicação dominante em determinada sociedade.

A crítica a esta abordagem consiste em dois apontamentos. O primeiro é uma crítica mais profunda sobre a capacidade de McLuhan relacionar os meios de

¹³³ “[...] para recriar o mundo aural usando grafias fora do padrão e palavras sem dar espaços”(STAMPS, 1995, p. 127)

¹³⁴ Cada cultura desenvolve o seu próprio equilíbrio do sentido, em resposta às demandas de seu ambiente. A formulação mais generalizada da teoria sustentam que os modos do indivíduo de cognição e percepção são influenciadas pela cultura que ele se encontra, a língua que ele fala, e os meios de comunicação ao qual ele está exposto. Cada cultura, por assim dizer, fornece aos seus constituintes, um conjunto de óculos feito por encomenda. (1969, p. 248).

comunicação com alterações de sentidos e do equilíbrio sensorial. Já a segunda é a crítica comum que se faz à construção do conceito de meios *hot* e *cool*.

Para McLuhan, a ênfase em um sentido altera o equilíbrio entre os sentidos com a utilização de meios técnicos. Assim, um aumento na intensidade da visão, faz com que o sentido da audição seja reduzido. Há dessa forma um tipo de compensação sensorial, levando a uma redução proporcional dos outros quatro sentidos. A principal crítica de Jonathan Miller (1982) a respeito dessas relações com os sentidos é que os conceitos são considerados vazios, pois não há explicação plausível e sustentável sobre os conceitos de desvio, ou proporção sensorial, e como isso se processa.

Miller interpreta que essa compensação sensorial será uma “permanente alteração da capacidade de apreender a variedade total do mundo que o cerca.” (1982, p. 83). E isso, segundo o autor, é uma falha grave na base de análise de McLuhan:

Se, tal como parece McLuhan sugerir, o *sensus communis* é algo à semelhança de um receptáculo psíquico e se a sua composição sensorial depende de intensidades relativas das cinco correntes de sensação que o alimentam, deveria ser possível indicar os processos físicos através dos quais essas “intensidades” respectivas se fazem suscetíveis de ser medidas. De outra maneira não haveria base firme para a asserção de que determinada técnica alargou a “intensidade da visão”. (1982, p. 84)

Para Miller, quando McLuhan diz que a imprensa alarga a intensidade da visão ele não está errado, mas é vazio de sentido, pois a visão “não é a espécie de ‘coisa’ a qual se possa aplicar significativamente o conceito de intensidade” (1982, p. 85). A única saída seria falar em “atenção” em vez de intensidade. Assim, a escrita chamaria a atenção para a visão, esquecendo por breves momentos dos outros sentidos. Mas mesmo assim, isso não seria suficiente, para Miller, para que estas formas tenham a possibilidade de alterar a proporção dos sentidos. Pois esses momentos em que a atenção é focada para um meio com seus sentidos específicos acontecem normalmente e várias vezes por dia com as pessoas, sem afetar a integridade do *sensus*. Não há dessa forma uma ampliação da quantidade perceptiva visão.

Segundo Finkelstein (1969, p. 39), McLuhan pensa que o desequilíbrio sensorial desencadeado pelo uso de diferentes meios de comunicação, cria uma guerra mítica entre os sentidos, que fragmenta o psiquismo humano. O crítico se opõe a essa ideia dizendo que os meios de comunicação não são antagônicos uns aos outros e que o modo comum de ação é na verdade uma cooperação mútua, e justamente por terem funções diferentes. Em sua descrição da tese de McLuhan, Finkelstein observa que a poesia

antiga deve ser considerada uma forma estritamente oral e que era combinada com a música, mas com o advento da revolução de Gutenberg ela se tornou “visual”. McLuhan diria assim que a poesia e a música seguiram por caminhos diferentes. O crítico então pergunta: “Isso significaria que as pessoas paravam de ouvir assim que aprendem a ler e a escrever?” (1969, p. 42). E continua: “Ora, os sentidos são complexos e cooperativos, não são os puros individualistas que McLuhan pinta.” (1969, p. 44).

Uma das teses de McLuhan com base no equilíbrio sensorial e a diferença entre os diversos meios de comunicação são os conceitos de *hot medium* e *cool medium* (meio quente e meio frio). Como vimos acima, certos autores consideram estes conceitos como os mais infelizes de McLuhan e os que mais fragilizam seu trabalho, acabando por funcionar como um prato cheio para os seus críticos, uma vez que as objeções são irrespondíveis (CAREY, [1967] 2005, p. 206-207).

Uma crítica mais geral sobre estes conceitos é feita por James W. Carey. Primeiramente por McLuhan utilizar a qualidade de “temperatura” e aplicá-la não só aos meios de comunicação, mas também pessoas, culturas, danças, automóveis, esportes entre outros. Meios que eram considerados *cool* em um momento, em outro são considerados como *hot*. Para Carey se torna difícil saber se essa “temperatura” é uma propriedade intrínseca do meio ou se a definição de meio *hot* ou *cool* é relativa a outro meio, quando comparado. A classificação dessa forma aparece ser definida de forma arbitrária, uma vez que não há clareza na proposta (WAGNER, 1969, p. 161; CAREY, 1969, p. 290).

McLuhan, segundo Rosenthal (1969, p. 11), nunca deixa claro como as sensações produzidas pelo uso dos meios são registradas em nossas mentes. As pessoas dessa forma parecem assistir televisão como inertes, sem consciência direta. Pois da forma como ele descreve o processo, segundo Rosenthal, as pessoas estão inertes assistindo televisão, e nada podem fazer contra os efeitos dos sentidos, uma vez que estes não tem consciência direta dos seus efeitos, pois uma vez que a consciência entra em cena ela estraga a noção de uma sensação pura introduzindo outros elementos como o pensamento e a interpretação. As sensações não são elaboradas pela consciência. Estar consciente significa tirar a sensação do seu caráter imaginativo (ROSENTHAL, 1969, p. 11). As sensações evocadas pelos meios estariam estabelecendo uma revolução na consciência sem que houvesse a intervenção da mesma. Possibilidade descartada pelo crítico.

Contudo, o argumento de McLuhan para a modificação do equilíbrio sensorial não seria abalado por causa desses problemas com a classificação entre meios *hot* ou *cool*. É o que afirma Kenneth E. Boulding (1968, p. 81), ao considerar que a terminologia utilizada por McLuhan é inadequada e até mesmo mal explorada, mas ainda assim considera como uma ideia importante. O problema é que para a maioria dos críticos, segundo Carey, a diferenciação entre meios *hot* ou *cool* é a tese principal de McLuhan. Descartar o trabalho do autor devido a uma de suas propostas conceituais como a dos meios *hot* e *cool*, ou tomar esta como sua única proposta não nos parece, devido a estes fatores, uma posição sensata.

Uma das críticas mais interessantes é a de Carey ([1967] 2005, p. 208). Para ele, McLuhan confunde, o tempo todo, efeitos na organização social e no aparato sensorial. E as evidências não são direcionadas, ou não dão suporte a sua análise do viés sensorial dos meios, ao contrário elas sustentam o argumento de Innis, de um viés institucional e organizacional dos meios. O exemplo dado por Carey para ilustrar essa confusão é o exemplo da xerografia. Enquanto um meio elétrico, esta deveria ser relacionada ao espaço acústico, mas na descrição de McLuhan os efeitos da xerografia não afetam diretamente o sensorial.

Segundo Carey, a inovação da xerografia está baseada nos meios eletrônicos, mas “its usual product nonetheless is the orderly, linear type of the printed page.” (CAREY, [1967] 2005, p. 209)¹³⁵. O efeito não está na organização sensorial, mas na velocidade que a mensagem é transmitida e reproduzida, o que permite uma rápida recombinação de materiais impressos e encoraja a criação de novos meios de comunicação e de novos grupos de leitores, ou naquilo que McLuhan chama de transformar consumidores em produtores. Ou seja, os efeitos estão na organização social, pois permite a reorganização estrutural dos grupos sociais. O argumento de Carey é que a xerografia descrita por McLuhan não afeta a organização sensorial e sim a organização social, que são mais fáceis de se perceber do que os efeitos no sensorio. Outro argumento interessante que lida com essa crítica de Carey é que a ideia de espaço visual e espaço acústico pode ser entendida a partir da estrutura perceptiva e não tanto com o sentido em si. É um dos motivos que faz McLuhan falar da página de um jornal como uma estrutura mosaica, ou seja, ela não é visual, ela é acústica, pois ela é

¹³⁵ “[...] seu produto de costume, no entanto, é o tipo de ordem, linear da página impressa.” (CAREY, [1967] 2005, p. 209).

multidimensional e reúne informações sobre todos os lugares do mundo de forma simultânea.

telegraph press is “auditory” in basic structure. That, however, is only to say that any pattern in which the components co-exist without direct lineal hook-up or connection, creating a field of simultaneous relations, is auditory, even though some of its aspects can be seen. The items of news and advertising that exist under a dateline are interrelated only by that dateline. They have no interconnection of logic or statement. Yet they form a mosaic whose parts are interpenetrating. (MCLUHAN, 2005c, p. 9)¹³⁶

Da mesma forma, a televisão é vista como áudio-tátil, em forma de mosaico, sendo assim a televisão seria acústica na sua estrutura perceptiva, assim como a poesia concreta, a arte moderna e a física moderna, conforme descrevemos anteriormente. A televisão, o jornal e poderíamos adicionar a xerografia – a partir da sua possibilidade de expansão de criação multidimensional – são acústicos em estrutura., contrariando a crítica de Carey, ([1967] 2005, p. 209) que procura encontrar uma relação direta entre os sentidos em vez de uma estrutura estético-sensorial. A mesma crítica poderia ser direcionada a Finkelstein (1969) e Miller (1982) que ficam presos na relação material dos sentidos e não levam em conta as formas de organização do conhecimento e as modificações no ambiente.

Essa é uma das principais colaborações de McLuhan para tentar compreender os efeitos dos meios de comunicação. Em vez de uma ligação simples entre sentidos e consequências sociais, como alguns críticos parecem acreditar, McLuhan fornece uma explicação da relação entre os humanos através do sensorial, o uso dos meios de comunicação e seus efeitos. Uma vez que os meios estão diretamente ligados qualquer alteração no equilíbrio sensorial e na forma e estrutura da organização da nossa experiência pelos sentidos altera a forma como compreendemos o mundo. Trata-se de uma mudança de percepção que ele divide entre o espaço acústico e o espaço visual. O espaço visual, desenvolvido principalmente pela escrita, enfatiza a organização visual da experiência que é considerada pelo autor como linear, isolacionista, uniforme, sequencial e mecânica. Já o espaço acústico é aquele da interpelação entre todos os sentidos, dessa forma, ela é dinâmica, simultânea, inclusiva em profundidade e em

¹³⁶ [...] telégrafo imprensa é "auditivo" na estrutura básica. Isso, no entanto, é só para dizer que qualquer padrão em que co-existem os componentes sem gancho linear direto ou conexão, criando um campo de relações simultâneas, é auditivo, embora alguns de seus aspectos podem ser vistos. Os itens de notícias e publicidade que existem sob um dateline estão interligados somente por essa data limite. Eles não têm interligação de lógica ou declaração. No entanto, eles formam um mosaico cujas peças estão interpenetrando. (MCLUHAN, 2005c, p. 9)

estruturada em forma de rede. A transição de domínio entre essas duas formas traz profundas mudanças na nossa experiência do mundo. Assim, o espaço visual e o espaço acústico, cada um representa uma forma ou estrutura para a organização da experiência, mais do que a ideia de que algo é visto ou ouvido.

3.1.3 Leis dos meios

Passados oito anos depois do falecimento de McLuhan, uma nova obra inédita de McLuhan foi lançada *Laws of Media* (1988), em coautoria com seu filho Eric McLuhan. O projeto para o livro, assim como muito de McLuhan, estava em progresso no final da carreira de McLuhan. McLuhan havia publicado dois artigos sobre o tema em 1975 e em 1977. O primeiro para a revista *Technology and Culture*, e o segundo para *Et cetera - ETC - A Review of General Semantics*. O fundador deste último, Alfred Korzybski, acreditava que a semântica geral era uma forma de filosofia aplicada “organized loosely around the basic objective of training the human animal to recognize pitfalls of language and thereby make more efficient use of the central nervous system.” (GORDON, 2005)¹³⁷. Alfred Korzybski já havia sido citado por McLuhan na sua tese *The Place of Thomas Nashe in the Learning of his Time* (1943) e emprestando dele algumas referências como a ideia de viés temporal de que o homem é o único animal capaz de controlar o tempo como uma dimensão do ambiente.

Laws of Media, ganhou o subtítulo “The New Science”, uma clara referência ao trabalho feito pelo italiano Vico Giambattista em *Scienza Nuova* (1725)¹³⁸ e o de Francis Bacon *Novum Organum* (1620). Segundo Eric McLuhan, o subtítulo deveria ser o título

¹³⁷ “Organizado frouxamente em torno do objetivo básico de treinar o animal humano para reconhecer as armadilhas da língua e, assim, fazer um uso mais eficiente do sistema nervoso central.” (Gordon, 2005).

¹³⁸ O livro *Laws of Media: The New Science* e por consequente as leis dos meios são uma extensão, Segundo Stamps, da teoria “quasi-mística” feito por Vico Giambattista. Segundo A. Robert Caponigri (citado por Stamps, 1995, p. 149), Vico acreditava que a pessoa poderia recuperar o significado verdadeiro ou propósito das instituições chaves de uma cultura a partir do estudo histórico cuidados da linguagem. Seus estudos eram baseados em dois elementos de fé. O primeiro de que é a história é um movimento providencial e coletiva para o bem. O segundo de que existe um significado essencial e recuperáveis para tudo na vida e que podemos vir a compreender melhor. A todo momento McLuhan tenta dizer que as tecnologias são equivalentes a textos em sua estrutura. Assim, uma vez compreendido o texto, seria como conseguir desvendar o significado verdadeiro da intenção de Deus. Mas segundo Stamps (1995, p. 150) “The confusion in *Laws of Media* runs deeper still. Vico had turned away from natural science on the grounds that, since God made nature, only God could know it”.

da obra, mas por causa de divergências com a editora permaneceu o título *Laws of Media* (2013).

O intuito do projeto *Laws of Media*, era justamente tentar trazer a estrutura do pensamento como um trabalho científico. Para McLuhan, havia vários tipos de espaço, mas as ciências até então só haviam se dedicado a utilizar o tipo de espaço visual. McLuhan havia sido criticado durante toda a sua carreira como não-científico ou até anti-científico e agora tentava reverter essa crítica assumindo uma tipo posição científica (ainda que não convencional McLuhan & McLuhan, 1988, p. viii). Para isso, McLuhan se apoia em Karl Popper, para dizer “Sir Karl Popper’s (right brain) statement that a scientific law is one so stated as to be capable of falsification made it both possible and necessary to formulate the laws of media” (1988, p. 93)¹³⁹.

McLuhan desenvolveu então quatro leis que são observações sobre a operação e efeitos dos artefatos humanos sob o homem e a sociedade. As quatro leis são: intensificação (*enhances*), reversão (*reverses*), recuperação (*retrieves*), obsolescência (*obsolesces*) (1988, p. 7). As leis dos meios funcionam como duas figuras (causas) e dois fundos (efeitos) em uma dinâmica de que quando algo ganha a proeminência de figura outras dinâmicas acabam se transformando em fundo.

¹³⁹ “A declaração de Sir. Karl Popper (Lado direito do cérebro) que uma lei científica é uma declarada como possível de falsificação tornou possível e necessário para formular as leis dos meios” (1988, p. 93).

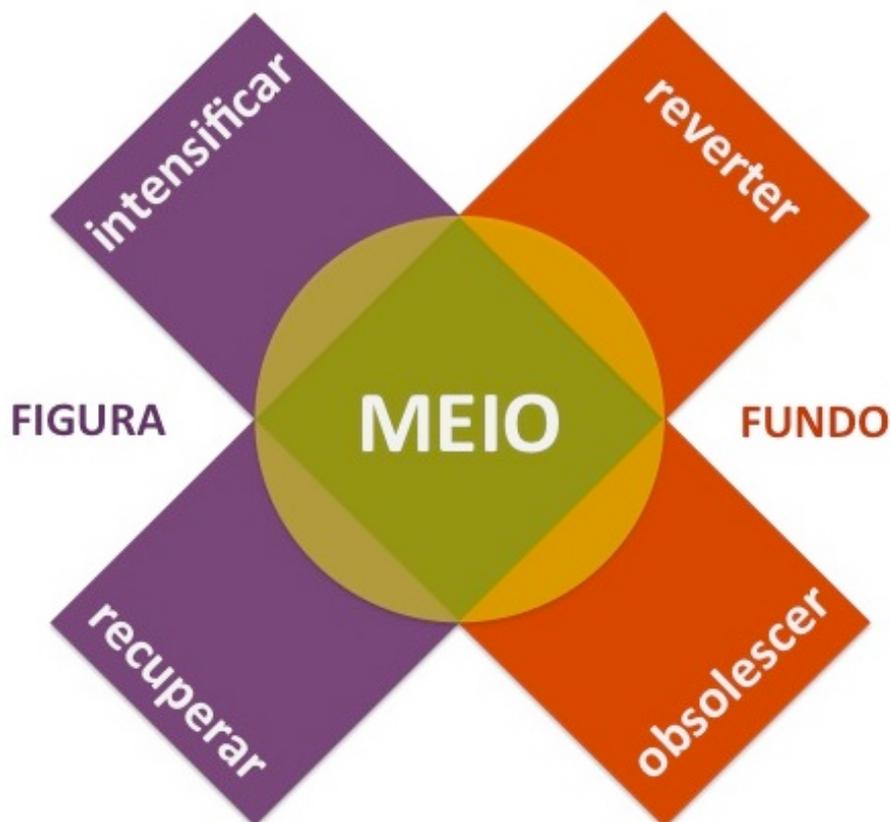


Figura 1. Modelo Tetrádico.

Outro ponto importante é que McLuhan apresenta as leis dos meios a partir de um modelo visual¹⁴⁰ chamado *tetrad* (tétrade), onde as quatro leis formam um conjunto de perguntas a cerca dos efeitos das tecnologias e meios de comunicação. O modelo tetrádico pode ser descrito como quatro diamantes formando um X com o nome da tecnologia ou meio de comunicação no centro do modelo, sendo que os dois diamantes da esquerda seriam as figuras *intensificação* e *recuperação* e os dois diamantes do lado direito que representam o fundo seriam *obsolescência* e *reversão*. O meio que intensifica alguma função é a figura, mas o que acaba caindo na obscolecência e o meio que é recuperado são o fundo. E a reversão do primeiro meio intensificado se transforma na nova figura.

A forma de apresentação reflete a noção de McLuhan de que as leis não são sequenciais, cronológicas, sucessivas ou hierárquicas e sim simultâneas e segundo McLuhan teriam validade para todos os artefatos da humanidade “whether they are

¹⁴⁰ Ainda que as primeiras vezes que foi utilizado ele era apresentado em forma de lista, segundo Hlynka (1990, p. 88)

communication media, technological inventions, or scientific laws or principles.” (LOGAN, 2013)¹⁴¹.

A ideia de McLuhan de que as leis dos meios são simultâneas serve também serve como escapatória para a linearidade causal das relações, algo que posteriormente seria entendido como forma causal, reinterpretando o trabalho de Aristóteles. (MCLUHAN; MCLUHAN, 2011)

Durante os anos McLuhan descreveu as quatro leis de formas diferentes, mas sem perder a essência. A primeira lei é a da *intensificação* que é a ideia de que qualquer meio, tecnologia ou artefato feito por humanos intensifica alguma função humana. Ao intensificar algo ele acaba por *obsolescer* algum meio, tecnologia, ou artefato feito por humanos que era utilizado para fazer a mesma função anteriormente. Da mesma forma, o meio, tecnologia ou artefato feito por humanos, *recupera* alguma outra forma do passado. E uma vez que o meio, tecnologia, ou artefato feito por humanos é puxado ao seu máximo ele *reverte* ou vira uma forma complementar ou oposta.

As propostas das leis funcionam como uma síntese da carreira de McLuhan. Ele já teria utilizado as quatro leis para compreender as mudanças estruturais do uso dos diferentes meios de comunicação. No caso dos meios eletrônicos ele havia descrito a amplificação do espaço acústico pelos meios eletrônicos, a obsolescência do impresso frente aos mesmos meios, a recuperação de certos elementos da aldeia (principalmente com o conceito de Aldeia Global), faltando à reversão do uso extremo dos meios eletrônicos que McLuhan não viveu para ver/escutar.

Paul Grosswiler (2005, p. 292) também identifica que as leis dos meios é uma síntese das teses de McLuhan em um diagrama, nesse sentido, uma evolução mais formalizada daquilo que ele desenvolveu durante toda a vida, pois para ele as quatro leis já haviam sido renunciadas por McLuhan nos seus trabalhos anteriores¹⁴².

A primeira lei pergunta: o que ele intensifica ou aumenta? (*What does enhance or intensify?*). A **intensificação** é uma derivação da noção de que os meios enquanto extensões das funções dos sentidos e do corpo, pois a extensão intensifica, amplia e acelera essas funções criando um viés em favor dessa função. A segunda lei pergunta: o que ele torna obsoleto ou desloca? (*What does it render obsolete or displace?*). A lei da

¹⁴¹ “[...] se eles são meios de comunicação, invenções tecnológicas, ou leis ou princípios científicos.” (LOGAN, 2013).

¹⁴² As quatro leis já estavam descritas em *Understanding Media* (1964), segundo Grosswiler, contrariando o que descreveu Gordon (2005) que considera que a lei da recuperação só foi exposta no livro *From Cliché to Archetype* (1974).

obsolescência pode ser relacionada com a ideia de que o conteúdo de um meio é outro meio, ou seja, o novo meio tomando a posição de domínio em uma sociedade. Para Robert Logan (2013), a ideia de obsolescência é condizente com o modelo desenvolvimento por McLuhan durante toda a sua vida de que as coisas não desaparecem, elas se transformam.

A terceira lei pergunta: O que ele recupera que anteriormente havia sido obsolecido? (*What does it retrieve that had been previously obsolesced?*). Sobre a lei de **recuperação**, Grosswiller diz que é baseada na noção de McLuhan de que o ambiente do novo meio de comunicação transforma o ambiente anterior em uma forma de arte. Segundo Gordon, (1997, p. 252) no livro *From Cliché to Archetype* (1974) na letra “R”¹⁴³ que é possível encontrar o item “Recuperação” e que McLuhan faria a descrição dessa lei alguns anos antes da publicação de *Laws of Media*.

I had asked the publisher to put on the flap of the jacket this formulation of the process that is cliché to archetype: Print scrapped scribe and Schoolmen and retrieved pagan antiquity. Revival of the ancient world created the modern world. Electricity scrapped hardware and industrialism and retrieved the occult. (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 252)¹⁴⁴

Na interpretação de Levinson mesmo a recuperação não é recuperação pura e simples, pois a recuperação sempre traz algo novo e diferente do que era anteriormente.

But actually, as I explained in that paper, there is a real movement forward in this process - it is not just a circle - and so it might better be termed a spiral. What television retrieves, as I indicated above, is a genuinely original compound of prior environments with some wholly new properties. Or we might say that although the reversal of radio into television retrieves what was obsolesced by radio - in this specific example, the visual - that rescued environment runs differently when it is enhanced by the new medium (television) than it did before it was obsolesced. (LEVINSON, 2005, p.18)¹⁴⁵

A quarta lei é representada pela pergunta: O que ele produz ou tornar-se quando pressionado ao extremo? (*What does it produce or become when pressed to an*

¹⁴³ O livro em questão funciona como uma enciclopédia e tem seus capítulos organizados em ordem alfabética.

¹⁴⁴ Eu tinha pedido a editora de colocar a orelha do livro esta formulação do processo que é clichê para arquétipo: O impresso desfez o escriba e escolásticos e recuperou a antiguidade pagã. A recuperação do mundo antigo criou o mundo moderno. Eletricidade desfez hardware e o industrialismo e recuperou o ocultismo. (McLuhan *apud* Gordon, 1997, p. 252)

¹⁴⁵ Mas, na verdade, como expliquei naquele artigo, há um movimento real para frente neste processo - não é apenas um círculo - e por isso pode melhor ser chamado de uma espiral. O que a televisão recupera, como indicado acima, é um composto genuinamente original de ambientes anteriores com algumas propriedades totalmente novas. Ou podemos dizer que, embora a reversão do rádio na televisão recupera o que foi obsolecido pelo rádio - neste exemplo específico, o visual - que o ambiente resgatado funciona de forma diferente quando se é reforçada pelo novo meio de comunicação (televisão) do que ele fez antes de ser obsolecido. (Levinson, 2005, p.18)

extreme?). A lei de **reversão**, Grosswiller (2005, p. 293) também a relaciona com o livro *Understanding Media* (1964), quando McLuhan descreve que quando um meio chega ao “[...] limit of its energy, it tends to reversal into a form that will drive itself into obsolescence and enhance a conflicting characteristic”¹⁴⁶. McLuhan cita em *Understanding Media* (1964) que a inspiração para essa ideia de chegar ao “limite de ruptura” é de Kenneth E. Boulding¹⁴⁷.

O presente capítulo é dedicado a mostrar que em qualquer meio ou estrutura existe o que Kenneth Boulding chama de “limite de ruptura, no qual o sistema subitamente se transforma em outro ou atravessa um ponto irreversível em seu processo dinâmico”. ([1964] 1969, p. 56)

O efeito inicial é revertido “[...] and the medium plays a constituent role in defining a new mode of perception and social relationship.” (ANGUS, 2005, p.12)¹⁴⁸. Segundo Angus, isso não acontece com cada meio de comunicação, mas com todo o processo de comunicação. É esse processo de reversão que liga-se diretamente.

Nesse sentido, a reversão precisa ser contextualizada justamente para saber em que ambiente ela está inserida, algo que não estava óbvio em nenhuma das leis (STAMPS, 1995, p. 148). Para Robert Logan (2013), McLuhan pode ter se baseado no I Ching, também conhecido como livro das mutações, que é um texto clássico composto por várias camadas sobrepostas ao longo do tempo e baseia-se na ideia de mutação contínua que é dirigida por forças cósmicas yin e yang. É “stated in the I Ching that when any form reaches the end of its potential, it reverses its characteristics” (MCLUHAN, 1999, p. 71 *apud* LOGAN, 2013)¹⁴⁹.

As críticas

William Henry Venable (1976) nos seus comentários sobre a carta enviada ao editor por McLuhan para a revista *Technology and Culture* parece tentar brincar com as palavras ao acusar McLuhan de ao definir *media* e *experience* acaba dizendo que a experiência e os pensamentos são concebidos como “produtos” dos meios.

¹⁴⁶ “[...]limite de sua energia, ele tende a reversão para uma forma que irá conduzir-se em obsolescência e intensificar uma característica conflitante”.

¹⁴⁷ Recentemente Robert Logan (2013) tem relacionado o trabalho de McLuhan com os estudos emergencialistas em que uma determinada dinâmica emerge sem estar pré-definido um projeto se analisado apenas as partes.

¹⁴⁸ “[...] e no meio tem um papel constituinte na definição de um novo modo de percepção e relacionamento social.” (ANGUS, 2005, p.12).

¹⁴⁹ “[...] indicado no I Ching que, quando qualquer forma chega ao fim do seu potencial, ele inverte as suas características” (MCLUHAN, 1999, p. 71 *apud* LOGAN, 2013).

McLuhan's four selected symbols, "amplifies," "obsolesces," "retrieves," and "reversal is," seem to postulate that past and present technologists were shooting at the same target, that the present shots come closer to the mark (amplifies) or that present improved bows replaced some bows of archers of the past (obsolesces) and returned to some old bow designs (retrieves), and that there are presently known or past-known shots in the opposite direction (reversal is). (1976, p. 258)¹⁵⁰

Aqui percebemos que Venable coloca o foco na tecnologia em si e não na função que ela exerce. O contrário do foco da descrição feita por Robert Logan que localiza as alterações a serem analisadas entre a tecnologia, sua função e a forma. Mas aqui também aparece uma crítica importante, pois para Venable, a estratégia de McLuhan mais do que abrir as portas da percepção, acaba por fechá-las, uma vez que ao responder as perguntas relativas a uma tecnologia ela acaba por se encerrar em uma única resposta.

Obviamente, é possível fazer uma análise a partir das quatro leis um mesmo artefato técnico em busca de ideias frescas, mas o modelo tetrádico pode encorajar a busca de uma solução única e não contraditória. Levinson (2005, p.17) também diz que o resultado das quatro leis acaba reduzindo a complexidade da compreensão, formando respostas duras.

The more we consider even just these two examples, the more we see things that may not be so obvious. TV, for example, obsolesces not only radio but motion picture theaters: the audio-visual in the home not only replaced radio as a narrative audio medium, but resulted in a sharp drop in the number of movie theaters, and the number of films thus available to the public in such theaters. (LEVINSON, 2005, p. 17)¹⁵¹

A mesma coisa pode ser percebida no caso de mais de uma tecnologia intensificar, recuperar, reverter ou obsolescer a mesma função/tecnologia (LEVINSON, 2005, p. 18) e também mais de uma, dessa forma, não ficando limitada a apenas uma resposta¹⁵².

¹⁵⁰ Quatro símbolos selecionados de McLuhan, "amplifica", "obsolece", "recupera" e "reversão é", parecem postular que tecnólogos do passado e do presente estavam atirando no mesmo alvo, que as actuais tiros aproximavam-se da marca (amplifica) ou que apresentam arcos melhorados substituiu alguns arcos de arqueiros do passado (obsolece) e voltou para alguns desenhos antigos de arcos (recupera), e que não são tiros presentemente conhecidos ou conhecidos passado na direção oposta (reversão é). (1976, p. 258)

¹⁵¹ Quanto mais consideramos mesmo apenas estes dois exemplos, mais vemos as coisas que podem não ser tão óbvias. TV, por exemplo, obsolece não só o rádio, mas as salas de cinema: o audiovisual em casa, não só substituiu o rádio como um meio de áudio narrativa, mas resultou em uma queda acentuada no número de salas de cinema, bem como o número de filmes, assim, disponível para o público em tais cinemas. (LEVINSON, 2005, p 17.)

¹⁵² McLuhan, segundo Marchand (1989, p. 241), queria desenvolver uma solução a relação triádica desenvolvida por Hegel enquanto dialética. McLuhan a considerava "truncada", linear e destinada ao

As I pointed out in my 1977 Preface to McLuhan's "Laws of the Media," there is a cyclical but progressive relationship among media and their effects which becomes plain when they are parsed according to the four "laws." (LEVINSON, 2005, p. 17)¹⁵³

No caso de Stamps (1995, p. 149) ela ainda diz que o as leis dos meios não acabam ajudando nas análises dos meios, e sim uma volta a uma análise histórica e cultural que era central no trabalho de Adorno, Benjamin e até Innis e o início da carreira de McLuhan quando escreveu *The Mechanical Bride* (1951).

Segundo Guardiani (1996), um item que não escapou de todos os autores foi o entendimento de que a proposta das leis dos meios era um modelo dinâmico que incluía a história nas análises, mas também uma consciência de que estamos constantemente imersos nessa dinâmica das tecnologias e meios de comunicação.

If one looks at the pattern of an historical event (considering "Retrieval" and "Reversal" laws primarily-formal cause), the understanding of it would be far greater than simply looking at the linear sequence of efficient causes which inevitably tend to "freeze" an occurrence in its unicity. (GUARDIANI, 1996)¹⁵⁴

As leis dos meios podem ser denominadas leis? É difícil manter a promessa de McLuhan em *Laws of Media* (1988) quando diz estar guiado pela proposta de Karl Popper, pois não é possível falsificá-la, uma vez que não ficam determinadas os elementos que devem ser utilizadas para a análise e crítica. Judith Stamps (1995, p. 147), concorda com essa posição:

"Laws of Media, however, is certainly not scientific in Popper's sense. The text ignores the rule of falsification almost as soon as it states the rule [e diz ainda] The first two are tautologies; the second two require too strict a definition of the media in question" (1995, p. 147-148)¹⁵⁵.

"homem visual", pois não considerava a lei da recuperação. Tanto Paul Levinson quanto Paul Grosswiller (2005, p. 293) fazem a comparação da dialética de Hegel com a proposta de McLuhan, sendo que este até chega a dizer em uma carta que a proposta de Hegel, poderia ser descrita como "subjetivismo acústico": "[...] Hegel simply flipped out of Hume's visual determination into acoustic subjectivism. All of their followers are still under the illusion that the acoustic world is spiritual and unlike the outer visual world, whereas, in fact, the acoustic is just as material as the visual." (McLuhan, 1987, p. 489) Isso é fruto da descrença de McLuhan em relação a dialética, justamente pela oposição a retórica e a gramática como visto na sua tese, ainda assim, Paul Grosswiller (2005) e Judith Stamps (1995) acreditam que McLuhan, apesar de ser um crítico da dialética, desenvolve uma variação do pensamento dialético.

¹⁵³ Como assinalo no meu Prefácio de 1977 de McLuhan "Laws of Media," existe uma relação cíclica, mas progressiva entre os meios e seus efeitos, que se torna claro quando são analisados de acordo com os quatro "leis". (Levinson, 2005, p. 17)

¹⁵⁴ Se olharmos para o padrão de um evento histórico (considerando "Recuperação" e "Reversão" leis de causa principalmente formais), o entendimento de que seria muito maior do que simplesmente olhando para a sequência linear de causas eficientes que inevitavelmente tendem a "congelar" uma ocorrência em sua unicidade. (Guardiani, 1996)

¹⁵⁵ "Laws of Media, no entanto, certamente não é científica no sentido de Popper. O texto ignora a regra de falsificação quase ao mesmo tempo em que afirma a regra [e diz ainda] Os dois primeiros são

As leis são importantes como ferramentas para ajudar a pensar e sua potencialidade de fuga do senso comum, mas não poderiam ser consideradas científicas no sentido que aplicamos aqui neste trabalho como em Popper e Lakatos. Nesse sentido, as leis dos meios servem mais como ferramenta heurística do que propriamente leis científicas no sentido estrito.

More of the foundation of this New Science consists of proper and systematic procedure. We propose no underlying theory to attack or defend, but rather a heuristic device, a set of four questions, which we call a tetrad. (MCLUHAN, 1988, p. 7)¹⁵⁶

A proposta é próxima do que hoje denominamos de *brainstorm*, pois um *brainstorm* que visa desenvolver ideias novas necessita de guias que estimulem pensar de forma diferente. O próprio McLuhan desenvolveu um baralho de cartas denominado DEW (*Distant Early Warning*) que deveria ser jogado como um jogo e destinado aos homens de negócio a fim de alcançarem novas ideias, ou seja, poderíamos dizer que o objetivo das leis é chegar a uma percepção do *fundo* e então permitir a análise das consequências das tecnologias e meios de comunicação. As leis dos meios se apresentam como quatro processos para organizar os nossos pensamentos sobre os vários tipos de meios de comunicação. Robert Logan (2013) concorda com essa descrição de que não poderíamos chamar as leis dos meios como leis científicas no sentido estrito.

LOM is not strictly a scientific law in the sense that it makes a unique prediction as to what is retrieved from the past or what complementary form the technology or medium will flip into. The LOM is a generalization or law in that all media obey the same general pattern of enhancement, obsolescence, retrieval and flip into a complementary form or forms. The LOM is more of an exploratory tool or probe that provides insights into the effects of a new medium or technology and its possible evolution. (LOGAN, 2013)¹⁵⁷

tautologias, o dois segundos exigem muito uma rigorosa definição dos meios de comunicação em questão” (1995, p 147-148.).

¹⁵⁶ Mais da fundação desta Nova Ciência consiste em procedimento adequado e sistemático. Propomos nenhuma teoria subjacente para atacar ou defender, mas sim um dispositivo heurístico, um conjunto de quatro questões, que nós chamamos de uma tétrede. (MCLUHAN, 1988, p. 7)

¹⁵⁷ LOM não é estritamente uma lei científica no sentido de que ele faz uma previsão única sobre o que é recuperado do passado ou o que forma a tecnologia complementar ou médio vai virar em. A LOM é uma generalização ou de direito em que todos os meios obedecem o mesmo padrão geral de realce, obsolescência, recuperação e reversão em uma forma complementar ou formas. A LOM é mais uma ferramenta exploratória ou sonda que fornece insights sobre os efeitos de uma nova tecnologia ou meio e sua possível evolução. (LOGAN, 2013)

Aas resenhas publicadas, geralmente não discutiam de forma aprofundada as leis dos meios e não entraram na discussão do livro em si. Francesco Guardiani escreveu uma resenha justamente sobre as resenhas feitas para o livro e concluir que as leis dos meios funcionam como ferramentas para treinar a consciência.

Fekete sees what really counts in LOM, "a powerful tool for training awareness" whether or not Popper's theory, invoked by the authors to certify it as scientific, would apply. He points to the clear definition of McLuhan's formal logic as the cornerstone of his theory. (GUARDIANI, 1996)¹⁵⁸

O interessante da proposta de McLuhan nas *Leis dos Meios* é que o contexto e as pressões sociais, econômicas e políticas podem fazer parte das análises, deixando de lado um determinismo tecnológico, ainda que o aparato utilizado por McLuhan seja mais heurístico do que propriamente teórico.

Uma análise de uma única lei de um meio de comunicação ou tecnologia pode em uma análise detalhada tomar a dimensão natural de um livro inteiro. (Guardiani, 1996), nesse sentido o modelo tetrádico é uma síntese e não uma descrição analítica.

Laws of Media aparece assim como uma síntese também de pontos importantes da carreira de McLuhan, que envolvia a suas concepções sobre a história, metáforas, processos não lineares, as relações entre figura e fundo e efeitos das tecnologias a partir da intensificação, reversão, recuperação e obsolescência.

3.2 AS CRÍTICAS A MCLUHAN

O que sabemos sobre as críticas feitas ao trabalho de Marshall McLuhan? Sua tamanha visibilidade nos anos 1960 e 1970 não se deu sem percalços, se muitos se entusiasmaram com o professor da Universidade de Toronto, outros muitos fizeram críticas duras, por vezes pessoais e inflamadas que poderiam muito bem terem sido proferidas em qualquer bar de esquina. Sua exposição mediática e popularidade contrastam e muito com a compreensão efetiva dos seus trabalhos para muitos dos seus seguidores.

¹⁵⁸ Fekete vê o que realmente importa na LOM, "uma ferramenta poderosa para a consciência da formação" seja ou não uma teoria de Popper, invocado pelos autores para certifiá-lo como científico, seria aplicável. Ele aponta para a definição clara da lógica formal de McLuhan como a pedra angular de sua teoria. (GUARDIANI, 1996)

Compreender essas críticas torna-se importante, não somente pelo apelo histórico, uma vez que ele foi recuperado nos anos 90-2000, mas para problematizar os seus pontos principais de análise em um momento de efervescência crítica. Descartar as críticas é ser guiado única e exclusivamente pela miríade de jogos de palavras muitas vezes feita por McLuhan.

Se a leitura de McLuhan em si, já se configura em uma dificuldade ímpar, reunir e sistematizar esse arcabouço de críticas feitas pelas mais diversas personalidades acadêmicas, artísticas, *mediáticas* entre outras é um desafio importante e necessário para não se cair no antigo, mas recorrente, caminho da aceitação ou recusa completa do pensamento do autor.

Neste trabalho focamos principalmente em sete livros que são compilações com críticas e comentários aos livros de McLuhan ou livros inteiramente dedicados ao ataque as suas propostas. São eles: *As idéias de McLuhan* (1982) de Jonathan Miller; *McLuhan Pro & Con* (1969) editado por Raymond Rosenthal; *McLuhan Hot & Cool* (1968) editado por Gerald E. Stearns e por último o livro *McLuhan: a filosofia da insensatez* (1969) de Sidney Finkelstein; e na impressionante coletânea de três volumes contendo artigos sobre McLuhan editada por Gary Genosko *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory* (volume 1, 2, 3) (2005a, 2005b, 2005c)

Como veremos as críticas apresentadas aqui são em grande parte feitas antes da publicação de todos os trabalhos de McLuhan e no momento de sua maior visibilidade intelectual. Entre os principais alvos dos ataques estão os livros *The Gutenberg Galaxy* (1962), *Understanding Media* (1964); *The Medium is the Massage* (1967).

É importante ressaltar que nossa proposta não é fazer uma defesa frente aos ataques mais recorrentes, mas sim de organizar estas críticas e compreender suas profundidades. Tampouco nossa missão é corroborar com todas as críticas. Da mesma forma este é um texto que não pretende apresentar as principais propostas de McLuhan de forma detalhada. Entretanto, faremos a apresentação breve de sua proposta quando ela for colaborar para a compreensão da crítica.

A análise destas críticas parte de uma preocupação maior que envolve as principais deficiências e pontos fortes das propostas de Marshall McLuhan e do economista político canadense Harold Innis procurando apontar as dificuldades desta tradição muitas vezes chamada de *Toronto School of Communication*, *Media Ecology* ou *Medium theory* para constituir-se como uma teoria dentro do campo comunicacional.

Estruturamos aqui quatro das críticas mais recorrentes à McLuhan e as suas ideias: (1) Determinismo tecnológico; (2) Estilo e método narrativo e de investigação.

3.2.1 Determinismo Tecnológico

O impacto da tecnologia na sociedade é uma das mais recorrentes e mais importantes discussões do nosso tempo para as mais diferentes disciplinas. E quando a questão da tecnologia entra em cena como no caso de McLuhan, geralmente ela é acompanhada da discussão sobre o determinismo tecnológico. Em seu sentido mais clássico, o determinismo tecnológico é a noção de que *o desenvolvimento tecnológico condiciona a dinâmica social e indica o rumo das transformações culturais*. Ou seja, a tecnologia impõe sua forma à sociedade e à cultura.

Desde sua primeira conceituação, o termo “determinismo tecnológico” ganhou inúmeras interpretações, mas de forma geral é um conceito de conotação negativa e muitas vezes acusatória. Por trás do conceito, em discussão há também algo mais profundo e abrangente: as formas pelas quais sociedade e tecnologia se relacionam são o foco principal do trabalho de McLuhan a partir dos meios de comunicação.

Uma grande lista de autores acusam McLuhan de ser um determinista tecnológico. John Fekete disse que na teoria de McLuhan “[...]systems are fully determined according to the independent laws of the dominant technological environment and its relation with antecedent technologies [e que a sua teoria é] completely positive in that it is completely uncritical and has no place for contradictions or alternatives”; (FEKETE, 2005, p. 30)¹⁵⁹. Pamela McCallum disse que as descrições das mudanças tecnológicas de McLuhan são totalmente não mediadas pelas relações humanas (MCCALLUM, 2005); William Kuhns também disse que para McLuhan as pessoas são passíveis em relação aos meios, algo que ele também percebia em Innis (KUHNS, 1971, p. 179). Arthur Kroker também concluiu que a proposta de McLuhan reduzia a sociedade à técnica; (KROKER, 2001 [1984], p. 80). Outros autores foram Carey (2005 [1967], p. 34), Denis McQuail (2003 [1983]), Jean Baudrillard (2005, p.

¹⁵⁹ “[...] os sistemas são totalmente determinados de acordo com as leis independentes do ambiente tecnológico dominante e sua relação com as tecnologias antecedentes [e que a sua teoria é] completamente positiva na medida em que é totalmente acrítica e não tem lugar para contradições ou alternativas” (FEKETE, 2005, p. 30).

104), Christopher Ricks (2005, p. 107), Paul Théberge (2005, p. 49), Williams Merrin (2005, p. 444), Cazeneuve (*apud* Genosko, 2005, p. 231), Jonathan Miller, Raymond Williams (2004 [1974], 2005 [1964]; Stearn (1968); Rosenthal (1969), Kostelanetz, (1968, p. 210); Donald Theall (1971, p. 6) e Daniel Czitrom, (1982, p. 148) só para citar alguns.

Os principais argumentos para criticar McLuhan como um determinista tecnológico são: McLuhan afirmaria que o meio de comunicação é mais importante que o conteúdo; McLuhan desconsideraria fatores sociais, econômicos e políticos das suas análises apresentando uma análise baseada em um único fator; McLuhan consideraria que a tecnologia é autônoma, exerce uma influência causal e dessa forma é inevitável.

Uma das evidências que leva os críticos de McLuhan a defini-lo como determinista é justamente a sua proposta de analisar os meios de comunicação e considerá-lo como elemento mais importante do que o conteúdo principalmente quando ele propõe a ideia de “o meio é a mensagem”.

Ao colocar a ênfase nos efeitos dos meios de comunicação e na experiência estética da relação com o indivíduo McLuhan estaria (1) diminuindo o papel desempenhado por outras características, ou (2) dizendo que o conteúdo não tem qualquer participação.

Para Dell Hymes (1968, p. 201), O meio é então transformado na característica primária e determinante, e as explicações, por vezes, são baseadas poucas evidências sendo apenas afirmação pura. Outros críticos como Christopher Ricks (1968, p. 244) e Ben Liebergman (1968, p. 257) vêem uma negação completa de qualquer efeito do conteúdo. Para Christopher Ricks (2005, p. 107), dizer que os meios têm efeitos para além do conteúdo seria uma coisa fácil de aceitar, mas dizer que o conteúdo não tem participação nenhuma é outra coisa. “for him [McLuhan] the sole effect is that of the medium itself.”¹⁶⁰.

Desconsiderar outros fatores na análise das relações dos meios de comunicação é também a crítica de diversos autores. Uma versão mais específica é aplicada por aqueles pesquisadores que procuram relacionar o trabalho de McLuhan com o de Innis. Para estes, há um processo de esvaziamento do projeto político da proposta de Innis. Este último analisaria as relações entre meios de comunicação e sociedade a partir do viés temporal ou espacial dos meios e dos monopólios do conhecimento fomentados a partir

¹⁶⁰ “[...] para ele [McLuhan] o único efeito é o do próprio meio.” (RICKS, 2005, p. 107).

do controle destes meios por grupos de interesse. Nesse sentido as relações políticas e econômicas estariam inclusas na discussão de Innis, mas para a crítica estas estão ausentes em grande parte da obra de McLuhan mesmo ele se colocando como um seguidor de Innis.

De forma geral, os críticos dizem que McLuhan deixou de lado fatores como os econômicos, geográficos, políticos, sociais entre outros do desenvolvimento, aplicação e uso das tecnologias. Para Sidney Finkelstein, além de ser uma “história fraudada”, os meios de comunicação são retirados do seu contexto social, deixando de lado a análise das “forças reais que as criam e governam” (1969, p. 34)

A crítica também aponta no determinismo tecnológico um reducionismo, isso porque aqueles que se apoiam no determinismo tendem a perder de vista a complexidade do todo para focar a análise nos efeitos de uma variável sobre as demais. No caso de McLuhan esse reducionismo se daria principalmente pelo escopo histórico cultural abarcado, assim as diferenças são reduzidas e os acontecimentos parecem seguir uma sequência inevitável e linear, o que seria justamente o oposto da proposta de McLuhan com o método mosaico.

Até mesmo Raymond Williams ([1964] 2005) considera que os efeitos existem e que são importantes na configuração social e assim como os seus efeitos na percepção, mas faz a crítica a McLuhan dizendo que o mesmo faz uma relação causal e contando apenas com um fator enquanto determinante. E no caso de McLuhan a situação do determinismo é ainda mais difícil devido a pouca evidência empírica que o mesmo oferece para demonstrar o desenvolvimento do meio.

Sobre a relação causal e linear dos efeitos dos meios de comunicação, Finkelstein dá vários exemplos de mesma base em que McLuhan reforça essa relação. Uma delas é a relação entre o “espaço euclidiano” e o desenvolvimento do alfabeto fonético. É verdade, segundo o crítico, que sem o alfabeto fonético que os fenícios transmitiram para os gregos não seria possível Euclides escrever seu livro sobre os princípios da geometria e que a escrita ganhou força frente à transmissão puramente oral e permitiu uma transmissão logicamente estruturada.

Mas isto é muito diferente de dizer-se que alfabeto “causou” o nascimento dos conceitos geométricos, ou que - outra enfadonha teoria de McLuhan - a alfabetização criou o homem lógico e em consequência o fragmentou. (FINKELSTEIN, 1969, p. 27)

Dessa forma, McLuhan defenderia uma linearidade causal das tecnologias e a sociedade não interferiria nesse processo.

De todos os críticos que apontam McLuhan (e em alguns casos Innis) como determinista tecnológico dois ganham destaque. O primeiro é Raymond Williams, considerado um dos principais autores inspiradores dos estudos culturais britânicos e que assim como McLuhan estudou o criticismo literário inglês em Cambridge, apenas cinco anos após McLuhan. O debate entre eles tomou a forma de artigos, resenhas e livros em que um contrapõe a visão do outro.

Raymond Williams' (1967, 1974) critique of Marshall McLuhan's technological determinism has greatly influenced the way McLuhan has been received in communication and cultural studies...Williams was one of the first to suggest that McLuhan was a technological determinist because his formalist analysis of the media was lacking in its ability to account for the workings of power, political economy, institutional organization, and everyday life. (SHAW, 1999)¹⁶¹

O segundo é James Carey, que é um dos primeiros autores a categorizar o trabalho de Innis e McLuhan como determinista, sendo que a sua opinião acabou moldando em grande parte a rejeição acadêmica a McLuhan (Jeffrey, 1989, p. 19).

Raymond Williams

A primeira parte do debate entre Williams e McLuhan começou com a resenha publicada por Williams ([1964] 2005) do livro *The Gutenberg Galaxy* (1962) de McLuhan, Williams ainda escreveu em 1974 um livro publicado *Television: Technology and Cultural Form* ([1974] 2004), em que endereça diretamente uma crítica ao trabalho de McLuhan e de materialismo cultural (WILLIAMS, 1977, p. 6). E McLuhan escreveu a resenha do livro *Television: Technology and Cultural Form* em 1978.

Raymond Williams na sua resenha do livro *The Gutenberg Galaxy* (1962) diz que o principal do livro é a “the isolation of print as a causal factor in social development.” (WILLIAMS, [1964] 2005, p. 4)¹⁶². Ian Angus discutindo justamente o debate entre Williams e McLuhan diz que uma das críticas de Raymond Williams é que as instituições sociais “provide the limits and pressures within which a technology of

¹⁶¹ A crítica de Raymond Williams (1967, 1974) do determinismo tecnológico de Marshall McLuhan teve grande influência na maneira como McLuhan foi recebido na comunicação e nos estudos culturais [...] Williams foi um dos primeiros a sugerir que McLuhan foi um determinista tecnológico, porque sua análise formalista dos meios estava faltando em sua capacidade de explicar o funcionamento do poder, economia política, organização institucional e na vida cotidiana. (SHAW, 1999)

¹⁶² “[...] o isolamento da impressão como um fator causal no desenvolvimento social.” (WILLIAMS, [1964] 2005, p. 4).

communication develops and therefore determine the content of the medium, the uses to which it is put, and its effects.” (ANGUS, 2005, p.8)¹⁶³. A crítica de Williams então diz que McLuhan ignora essas instituições o que faz parecer que a tecnologia em si é a causa dos seus usos e efeitos.

Para Williams, os meios são forças de produção e desconsiderar os meios de comunicação representa uma grande falha do marxismo tradicional, pois em grande parte o marxismo considerou a comunicação como algo de segunda ordem. Ele então chama a atenção para a comunicação como um dos elementos centrais em todas as formas de produção, até mesmo de objetos (Ibid., p. 8).

Williams usa como exemplo o desenvolvimento do rádio como elemento para dizer que uma análise a partir da tecnologia não seria suficiente. Para ele, no início o rádio era primeiramente uma tecnologia direta de pessoa para pessoa, sendo que nada mudou na tecnologia do rádio entre esse rádio de pessoa para pessoa e o que temos até hoje que é o modelo de difusão. Isso servia para Williams dizer que a mudança não poderia ser explicada em termos de tecnologia, e sim a partir das influências das instituições sociais.(Ibid., p. 9).

Ele identifica três problemas com o determinismo tecnológico, segundo Angus. O primeiro é a desconsideração da influência das instituições sociais no desenvolvimento e uso da tecnologia. O segundo é que uma vez que se desconsideram as instituições, também não existe a noção de intenção. Assim, na opinião de Angus, Williams estaria dizendo que somente indivíduos e instituições sociais podem ter intenções e que desenvolvem tecnologias para certos propósitos. E o terceiro é que como não há intenções, não há análise do conteúdo por McLuhan. (Ibid., p. 9). Segundo Angus, o determinista tecnológico tem que ver a sociedade como uma simples totalidade abstrata e não como uma totalidade concreta. Então o que podemos dizer dessas críticas? Para Angus, é preciso saber se Williams descreve a teoria de McLuhan de forma adequada. A resposta pra Angus é não.

Primeiro, pois a noção de intenção existe nas análises de McLuhan, pois o uso de uma tecnologia é sempre o resultado de um grupo social tentando alcançar um propósito definido, mas para McLuhan os meios têm dois efeitos culturais, um efeito primeiro e um efeito posterior que é a reversão do primeiro. O primeiro efeito seria

¹⁶³ “[...]fornece os limites e pressões dentro do qual uma tecnologia de comunicação desenvolve e, portanto, determinam o conteúdo do meio, os usos a que se destina, e seus efeitos.” (ANGUS, 2005, p.8).

devido ao fato da tecnologia ser introduzida por grupos sociais específicos a fim de satisfazer as intenções que ela possui.

The new medium is thus filled up with a previously defined content which it presents in a new fashion. This function of a medium may be called "representation" insofar as its function is limited to a new manner of presenting a prior cultural content. (ANGUS, 2005, p. 10)¹⁶⁴

Segundo Angus, McLuhan não estava muito interessado neste primeiro efeito, mas Williams com certeza estava, ainda que ele em alguns momentos aparenta se importar como segundo tipo de efeito e esse é um ponto chave para Angus mostrar que Williams se contradiz. Para Williams, a televisão seria um meio assim como o rádio, mas quando a televisão deixou de "broadcasting discrete works" característico dos meios anteriores para penetrar na sociedade de uma forma capaz de oferecer whole social intake"(ANGUS, 2005, p. 10)¹⁶⁵.

Por causa do uso da televisão ser na privacidade da casa, começa a se tornar importante analisar a experiência de assistir televisão "what we might call the phenomenology of watching television." (ANGUS, 2005, p. 10)¹⁶⁶. Esse é o segundo ponto do debate, a noção de experiência de assistir televisão como um fluxo contínuo e planejado de programa televisivo seguido por outro programa. Segundo a noção de Williams, não assistimos os programas de forma separada, nós dizemos que assistimos televisão, é uma relação com o meio e não com o conteúdo. É difícil desligar o meio devido ao seu fluxo contínuo e isso se contrapõe com os meios anteriores em que os eventos eram separados, isolados, específicos e temporários tal como ir ao cinema ou ao teatro que são separados do fluxo da experiência do dia a dia. A televisão é formada por partes separadas, mas combinadas em fluxo contínuo a partir de uma justaposição de conteúdos diversos.

Esse foco na experiência televisiva permitiu uma maior convergência entre Williams e McLuhan, pois este foco na experiência é o segundo efeito descrito por McLuhan, que analisa a característica do meio em si e sua extrapolação para mudanças sociais e psicológicas. No caso de Williams ele vai rastrear desde o início essa

¹⁶⁴ O novo meio é assim preenchido com um conteúdo previamente definido que ele apresenta em uma nova forma. Esta função de um meio pode ser chamado de "representação" na medida em que a sua função é limitada a uma nova forma de apresentação de um conteúdo cultural anterior. (ANGUS, 2005, p. 10.)

¹⁶⁵ "[...] difusão das obras discretas" característico dos meios anteriores para penetrar na sociedade de uma forma capaz de oferecer 'ingestão do todo social"(ANGUS, 2005, p. 10).

¹⁶⁶ "[...] o que poderíamos chamar a fenomenologia de ver televisão." (ANGUS, 2005, p. 10).

configuração de assistir televisão a partir de decisões sociais, mas para McLuhan isso acontece como consequência do efeito reverso da tecnologia.

Conforme o meio vai se difundindo e se tornando mais generalizado ele afeta de forma mais incisiva todo o ambiente cultural a partir efeito de amputação perceptiva e sensorial (o problema de narciso). O meio deixa de usar o conteúdo dos meios anteriores e se torna uma nova forma de experiência. “In short, it becomes a constituent of a changed cultural order. This constituent role is not simply different from the first—a more limited effect—but reverses it” (ANGUS, 2005, p. 11)¹⁶⁷. Segundo Angus “This reversed use is not predictable and is not traceable back to the intention of those who designed the technology” (ANGUS, 2005, p. 12)¹⁶⁸.

This logic, be it called supplementarity or heating up, emerges whenever one the- matizes a medium within a context that is not assumed as determinate, but is constituted by other media. It contains three terms—content, medium, context—in which the investigation of each term returns one to the others, i.e., a relational definition: Content is a previous medium; a medium is the totality of its effects on the context; the context is a media environment defined through the interaction of a plurality of media (ANGUS, 2005, p. 12)¹⁶⁹.

Quando um meio penetra no ambiente de forma tão invasiva, a tecnologia chega ao ponto que McLuhan chama de “break boundary”, em que o efeito inicial é revertido e define um novo modo de percepção de relação social. McLuhan percebe duas tendências com a globalização das comunicações, de um lado a possibilidade de uma integração total através da comunicação aquilo que McLuhan chamou de “aldeia global” na opinião de Angus, ainda não se concretizou e também o efeito de uma “ansiedade entorpecente de desconexão que é o diagnóstico de nosso presente”.

O modelo de McLuhan é aquele em que as relações com o ambiente é mediada pela tecnologia, mas para Williams o que é específico e diferencia os meios de comunicação é a organização das relações sociais ou instituições.

Beginning from the dominant broadcast model of a centralized transmitter and widespread availability of the message received privately by individual

¹⁶⁷ “Em suma, torna-se um componente de uma ordem cultural alterada. Este papel constituinte não é simplesmente diferente do primeiro - um efeito mais limitado, mas reverte-o.” (Angus, 2005, p. 11).

¹⁶⁸ “Este uso revertido não é previsível e não é rastreável de volta até a intenção de quem projetou a tecnologia”. (Angus, 2005, p. 12)

¹⁶⁹ Esta lógica, seja ela chamada de complementaridade ou de aquecimento, surge sempre que uma das matizes um meio dentro de um contexto que não é assumido como determinado, mas é constituída por outros meios. Ele contém três termos - conteúdo, meio, contexto em que a investigação de cada termo retorna um para os outros, ou seja, uma definição relacional: O conteúdo é um meio anterior; um meio é a totalidade de seus efeitos sobre o contexto, o contexto é um ambiente de meios definido através da interação de uma pluralidade de meios de comunicação. (Angus, 2005, p. 12)

sets which do not return the signal (as described by Williams), it can be clearly defined what an alternative model of communication would be: the message would be sent from many different sources and the receiver would also be a sender (ANGUS, 2005, p.13-14)¹⁷⁰.

As possibilidades alternativas para o uso da televisão não seriam então determinadas pela tecnologia, mas pelas relações sociais e de poder que são as ênfases de Williams. Para Angus (2005), Williams não consegue perseguir esse caminho sem percalços, pois ao discutir as características únicas da televisão acaba por diminuir a ênfase no conteúdo em favor da discussão de uma nova forma experimental. Isso demonstra para Angus que as relações sociais são apenas uma pré-condição da análise fenomenológica da experiência televisiva, esta última justamente vai de encontro com a proposta de McLuhan.

McLuhan não se preocupa com as escolhas técnicas, ignora as outras formas que a tecnologia poderia ser utilizada, e ele não investiga as práticas sociais e instituições como Williams ou qualquer marxista gostaria. É relativamente verdadeira a afirmação que McLuhan ignorava certos elementos. “It has often, quite correctly, been criticized for ignoring the political and economic constraints under which this global system develops [...]” (ANGUS, 2005, p. 13)¹⁷¹.

Mas em vez de modo de produção como os marxistas, para McLuhan a sociedade é organizada através dos meios de comunicação. O efeito de um meio não é a uma relação interna da tecnologia, mas uma consequência da tecnologia com o ambiente cultural como um todo, dessa forma, significa que McLuhan considera que a cultura exerce o processo de mediação.

Thus, the social relations involved in a medium are attributed to the technology itself and the possibility of alternative models of communication is obscured. While it is necessary to remain attentive to this component of Williams’s critique of McLuhan, exploration of the contemporary media environment and its transformations of experience has a better starting-point in McLuhan’s postmodern theory. The media environment is comprised of a plurality of media which together constitute the contemporary cultural order. Media are not isolated from each other but refer to each other continuously (ANGUS, 2005, p. 15)¹⁷².

¹⁷⁰ Começando a partir do modelo de transmissão dominante de um transmissor central e ampla disponibilidade da mensagem recebida em particular por conjuntos individuais que não retornam o sinal (como descrito por Williams), ele pode ser definido claramente o que um modelo alternativo de comunicação seria: a mensagem iria ser enviada a partir de muitas fontes diferentes, e o receptor seria também um remetente. (Angus, 2005, p.13-14)

¹⁷¹ “Tem muitas vezes, muito corretamente, foi criticado por ignorar as restrições políticas e econômicas sob as quais este sistema global desenvolve [...]” (Angus, 2005, p. 13)

¹⁷² Assim, as relações sociais envolvidas em um meio são atribuídas à própria tecnologia e da possibilidade de modelos alternativos de comunicação é obscurecida. Embora seja necessário manter-se

Na resenha do livro *Television: Technology and Cultural Form* (1978), McLuhan critica o livro de Williams como sendo nada original, pois é mais um livro que está preocupado principalmente com o conteúdo como a única fonte dos efeitos (1978, p. 259) Segundo ele, Williams não tenta seguir as causas, apenas fornece uma breve “história social da televisão como uma tecnologia” e que inclui “história social dos usos da tecnologia da televisão”. Sobre a análise de Williams da tecnologia enquanto *hardware* McLuhan também combate a crítica de Williams. “To suggest that the television image has anything in common with the movie image is very disappointing, indeed, and suggests a lack of elementary aesthetic analysis.” (MCLUHAN, 1978, p. 261)¹⁷³.

It is ironic to have to say, finally, that one of the innovating forms of television is television itself. So many uses of the medium have been the transmission and elaboration of received forms, or have been dominated by the pressures of overt content, that it is often difficult to respond to some of its intrinsic visual experiences, for which no convention and no mode of description have been prepared or offered. (WILLIAMS, [1974] 2004, p. 75)¹⁷⁴

Para McLuhan, o que é irônico sobre isso é que Williams “[...] obviously finds himself confronting the fact that the nature of the TV medium presents a quite unique kind of message.” (MCLUHAN, 1978, p. 261)¹⁷⁵

The direct effect of TV or, for that matter, any other medium on the human sensory response, and alterations in the bias of the entire sensory system, is not a matter that interests Williams or very many other students of the media. (MCLUHAN, 1978, p. 261)¹⁷⁶

atento a este componente de crítica de Williams a McLuhan, a exploração do ambiente dos meios de comunicação contemporânea e suas transformações da experiência tem um melhor ponto de partida na teoria pós-moderna de McLuhan. O ambiente de comunicação está composto por uma pluralidade de meios de comunicação, que em conjunto constituem a ordem cultural contemporânea. Os meios não são isolados uns dos outros, mas referem-se uns aos outros de forma contínua. (ANGUS, 2005, p.15)

¹⁷³ “Sugerir que a imagem da televisão tem alguma coisa em comum com a imagem do filme é muito decepcionante, na verdade, e sugere uma falta de análise estética elementar.” (MCLUHAN, 1978, p. 261).

¹⁷⁴ É irônico ter que dizer, por fim, que uma das formas inovadoras da televisão é a própria televisão. Tantos usos do meio tem sido a transmissão e elaboração de formas recebidas, ou que tenham sido dominado pelas pressões de conteúdo explícito, que muitas vezes é difícil de responder a algumas de suas experiências visuais intrínsecas, para as quais nenhuma convenção e nenhum modo de descrição tenham sido preparados ou oferecido. (WILLIAMS, [1974] 2004, p. 75)

¹⁷⁵ “[...] encontra-se, obviamente, confrontando o facto de a natureza do meio de TV apresenta um tipo bastante único de mensagem.” (MCLUHAN, 1978, p. 261)

¹⁷⁶ O efeito direto da TV ou, para essa matéria, em qualquer outro meio, sobre a resposta sensorial humana, e alterações no viés de todo o sistema sensorial, não é uma questão que interessa a Williams ou muitos outros estudantes dos meios. (MCLUHAN, 1978, p. 261)

Dessa forma, parece claro que McLuhan critica Williams justamente por não dar a atenção devida às características dos meios de comunicação e a experiência do seu uso, considerando como um meio neutro. No caso de Williams a crítica é que McLuhan justamente não considera outros fatores como os sociais, políticos e econômicos apresentando então os meios como único fator de mudança social encaixando-o em um determinismo tecnológico.

James W. Carey

James W. Carey, por exemplo, é um dos principais críticos de McLuhan e começou a sua crítica em 1967 com 32 anos escrevendo um artigo dedicado a analisar as relações entre McLuhan e Innis. Para Liss Jeffrey, o artigo *Harold Adams Innis and Marshall McLuhan* (1967) poderia ser sumarizado em três grandes críticas. A primeira é que McLuhan não respondia aos seus críticos, fazendo chacota com a tradição acadêmica; o segundo que ele era um determinista tecnológico; e em terceiro ele não tomava uma posição moral. A questão do estilo e a resposta aos críticos vai ser discutida em outro momento. Aqui, vamos nos dedicar a análise da acusação de determinismo e a de uma posição moral, pois esta está relacionada.

Carey liga o trabalho de McLuhan com o dos linguistas Edward Sapir e Benjamin Lee-Whorf e a noção de que a linguagem determina a percepção e o pensamento. Com isso Carey desenvolve uma crítica à hipótese Sapir-Whorf dizendo que ela foi pouco frutífera e procura atacar McLuhan em sequência. McLuhan segundo Carey, seguindo Sapir-Whorf reduz a estrutura da percepção e pensamento como uma estrutura da linguagem.

Mas segundo Jeffrey, essa analogia deixa várias outras partes importantes do trabalho de McLuhan de lado. “we see that McLuhan is preoccupied with analyzing historical change-a vastly different undertaking from that of Sapir-Whorf.” (JEFFREY, 1989, p. 19).

O trabalho de McLuhan, segundo Jeffrey, era muito mais abrangente do que a perspectiva da hipótese Sapir-Whorf, pois ele analisava os efeitos de meios de comunicação como extensões sensoriais que ambientes de forma que interativamente processam o sensorio humano. Depois Carey (2005) tenta fazer o mesmo comparando McLuhan com Lewis Mumford e mantendo a acusação de determinismo tecnológico.

Carey procura em boa parte dos artigos sobre McLuhan criticá-lo e ao mesmo tempo elevar Innis que ele considera como um autor esquecido. Essa determinação de Carey é comum já que o mesmo disse ter “[...] aversion to much of what McLuhan represents” ([1967] 2005, p. 209)¹⁷⁷. Esse tipo de contraposição é comum nos estudiosos com mais afinidade ao trabalho de Innis e no caso dos seguidores McLuhan, eles procuram diminuir a importância da influência de Innis mostrando como ele foi influenciado por diversos outros autores.

Carey concorda com a noção do meio é a mensagem, de que os meios são mais importantes do que as mensagens e percebe tanto em Innis quanto em McLuhan essa relação entre meios de comunicação enquanto tecnologias e a sociedade. Isso faz com que ele considere McLuhan enquanto favorável a um determinismo tecnológico de tipo *hard*, ao mesmo tempo em que aponta em Innis um tipo de determinismo *soft*. ([1967] 2005, p. 194). Apesar de apontar a existência de dois tipos de determinismo, Carey não traz um esclarecimento das diferenças entre os níveis de determinismo tecnológico.

Uma das primeiras relações do determinismo que devem ser discutidas é se a tecnologia determinou toda condição humana, ou se isso começa a acontecer a partir de algum estágio de desenvolvimento tecnológico. Se ela determina toda a condição humana, então estamos falando da tese mais estrita de determinismo, também conhecida como de tipo *hard*. A segunda com base em um contexto sociocultural específico coloca a tecnologia como um efeito da vontade humana, ganhando o nome de determinismo *soft* (o que em algumas instâncias não seja determinismo nenhum). Dentro da crítica de Carey de um determinismo tecnológico do tipo *hard* está a crítica de McLuhan ser mecânico e causalidade linear.

Mas Carey, não diz, por exemplo, que McLuhan não considera os efeitos na organização social. “McLuhan also treats the effects of media on social organization, as the previous discussion of nationalism, specialization, science, and education illustrated.” (CAREY, [1967] 2005, p. 208)¹⁷⁸

A crítica mais importante não é determinismo, mas que os argumentos McLuhan utiliza não valida a sua proposta sensorial, mas reforçam muito mais a proposta de Innis de efeitos na organização social (CAREY, [1967] 2005, p.208). Segundo Carey, a teoria

¹⁷⁷ “[...] aversão a muito do que McLuhan representa”([1967] 2005, p. 209).

¹⁷⁸ “McLuhan também trata os efeitos dos meios sobre a organização social, como a discussão anterior de nacionalismo, a especialização, a ciência e a educação ilustrada.” (CAREY, [1967] 2005, p. 208)

de percepção de McLuhan é muito fechada e McLuhan superestima a inflexibilidade dos meios de comunicação, pois ele não percebe que os meios sofrem mudanças.

For example, McLuhan severely overestimates the inflexibility of media of communication. While any given medium confronts an artist with certain inherent constraints, media still allow wide latitude for innovation and artistic manipulation. McLuhan does not consider, for example, that any medium can be used, in any historical period, either discursively or presentationally. (CAREY, [1967] 2005, p. 210)¹⁷⁹

Parte da crítica de Carey também se refere a impossibilidade de reação da audiência, pois McLuhan considera que os efeitos seriam invisíveis.

There is, I suspect, much more freedom in perception and invention in everyday communication than McLuhan is willing to admit. To propose the audience as an empty vessel, a black box, that has no significant autonomous existence but is, instead, filled or wired up by sources exclusively external to the self is not only to deny an enormous amount of everyday evidence but also to casually dismiss a significant amount of reasonably sound scientific evidence. The empty organism view of the self is, I think, not only pernicious but also unsupportable from the evidence at hand on perception. (CAREY, 2005 [1967], p. 211)¹⁸⁰

Considerações

Examinaremos então como McLuhan lida então com as críticas que apresentamos como a afirmação de que o meio de comunicação é mais importante que o conteúdo; que a tecnologia é autônoma exerce uma influência causal na sociedade; e McLuhan desconsideraria outros fatores além dos tecnológicos.

McLuhan acredita que o meio de comunicação em si tem consequências mais profundas que o conteúdo, mas porque ele deveria ser determinista e não aqueles que consideram o conteúdo como o mais importante e ignoram a experiência do meio de comunicação?

Diferente da ideia da acusação de inevitabilidade e autonomia da tecnologia, para McLuhan, era possível a reversão dos meios de comunicação por causa do uso de

¹⁷⁹ Por exemplo, McLuhan exagera a inflexibilidade dos meios de comunicação. Enquanto qualquer meio confronta um artista com algumas restrições inerentes, os meios ainda permitem ampla liberdade para a inovação e manipulação artística. McLuhan não considera, por exemplo, que qualquer meio pode ser utilizado, em qualquer período histórico, ou discursivamente ou apresentacionalmente. (Carey, [1967] 2005, p. 210)

¹⁸⁰ Há, eu suspeito, muito mais liberdade na percepção e invenção na comunicação cotidiana do que McLuhan está disposto a admitir. Propor a audiência como um vaso vazio, uma caixa preta, que não tem existência autônoma significativa, mas é, ao contrário, preenchida ou ligada por fontes exclusivamente externas para o eu é não só negar uma enorme quantidade de evidências, mas também para todos os dias casualmente descartar uma quantidade significativa de evidências científicas razoavelmente sonoras. A visão organismo vazio do ego é, penso eu, não só, perniciosa mas também insustentável a partir da evidência à mão sobre a percepção. (Carey, 2005 [1967], p. 211)

um estilo de escrita, a partir dos esforços dos artistas, e também para qualquer um que estivesse disposto a analisar os meios de comunicação e sua capacidade de alterar o ambiente.

McLuhan acreditava que era possível reverter algumas características do meio de comunicação a partir da estrutura, como, por exemplo, na tentativa de escrever os seus textos com o uso de metáforas, aforismos e uso extensivo de exemplos para montar um mosaico que levaria a um reconhecimento de um padrão em vez de seguir a linearidade sequencial da palavra escrita. Outra forma de demonstrar que McLuhan não tinha uma visão fatalista é que ele afirmava que as pessoas poderiam tomar consciência das consequências dos usos dos meios de comunicação e tecnologias se estivessem dispostas a analisar seriamente o que estava acontecendo. Os artistas eram para McLuhan as pessoas que tinham uma maior tendência de perceber esses efeitos ambientais dos meios de comunicação a partir dos sentidos justamente pelos artistas trabalharem com as percepções humanas como um dos seus focos. Outra característica era a que o artista revertia à noção de causalidade se preocupando primeiro com o efeito que gostariam de imprimir e então passando para a criação das causas.

A própria transição entre diferentes meios de comunicação, segundo McLuhan, facilitaria a percepção das pessoas, pois a transição revelaria o velho ambiente que habitávamos devido ao contraste com o novo ambiente que está sendo criado por um novo meio, algo que McLuhan denominava de relação entre ambiente e contra-ambiente.

Sendo assim, McLuhan, apesar de não muito claro, não dá suporte a ideia de uma inflexibilidade dos meios de comunicação, mas que os mesmos podem sofrer mudanças a partir do social e seus efeitos percebidos pela sociedade fazendo com que ela reaja. Essa ideia poderia ter se perpetuado pela noção de meios quentes e frios, mas o próprio Carey a considera ela como uma das ideias mais fracas e que os comentaristas erram a considera como uma das principais de McLuhan.

Outro problema que leva Carey a considerar McLuhan como determinista é que ele tinha um objetivo moral, devido as suas posições fortes de catolicismo após se converter em 1937. Assim como Bacon, McLuhan acreditava ser possível ler o livro da natureza, ou seja, desvelar as leis que regem o mundo que seriam justamente as leis de Deus, isso fazia McLuhan acreditar em soluções finais como a busca de uma reconciliação cósmica a partir da oralidade. Segundo a crítica de Carey, para McLuhan

não eram necessárias às críticas moralistas aos meios de comunicação, pois os meios de comunicação por si só estariam levando a sociedade a um tipo de aldeia global, um retorno romântico ao período da oralidade.

We are being saved again! This time, however, the salvation does not entail a determined act of will, the endurance of suffering, the selflessness of sacrifice, the torment of anxiety, but only the automatic operation of technology. I won't bore you by piling up quotations in which McLuhan argues that the effect of the media on sensory organization is automatic, without resistance, subliminal. Its operation is independent of the will and the wish of men. McLuhan thus represents a species of a secularized, religious determinism, a modern Calvinism which says, "Everything is gonna be all right, baby." (CAREY, [1967] 2005, p. 217)¹⁸¹

McLuhan encontraria então a salvação da humanidade na tecnologia em si.

For McLuhan (and I must admit for Innis also), the vision of the oral tradition and the tribal society is a substitute Eden, a romantic but unsupportable vision of the past. What McLuhan is constructing, then, is a modern myth, and like all myths it attempts to adjust us to the uncomfortable realities of existence. (CAREY, [1967] 2005, p. 217)¹⁸²

A crítica de Carey é adequada em relação ao objetivo final de McLuhan a partir da religação cósmica no sentido religioso. Mas a ideia de um retorno à oralidade, não é um retorno ao bucólico e uma negação das tecnologias, sendo assim o conceito de Aldeia Global não se refere a um tipo de comunidade em estado de plena harmonia. Mas Carey também exige uma posição moral de McLuhan em relação aos meios de comunicação se estes são bons ou ruins, mas o que fica é que Carey não gosta da solução de McLuhan. Apesar de McLuhan se expressar algumas vezes parecendo que não precisamos fazer nada, pois os meios por si só resolveriam o problema, é possível dizer o contrário também. Seria possível dizer que se conjuntura daquele determinado período continuasse seguindo a sua trajetória ela guiaria a sociedade a uma determinada situação, o mesmo poderia ser dito da era da escrita/prensa. Isso não significa um aporte moralista por parte de McLuhan e também não significa que o mesmo ignorava a ação

¹⁸¹ Nós estamos sendo salvos novamente! Desta vez, porém, a salvação não implica um ato de vontade determinada, a resistência do sofrimento, é o desprendimento de sacrifício, o tormento de ansiedade, mas apenas o funcionamento automático da tecnologia. Eu não vou te aborrecer por acumulando citações em que McLuhan argumenta que o efeito dos meios sobre a organização sensorial é automática, sem resistência, subliminar. Seu funcionamento é independente da vontade e do desejo dos homens. McLuhan representa, assim, uma espécie de um determinismo religioso secularizado, um calvinismo moderno que diz: "Tudo vai ficar bem, baby." (CAREY, [1967] 2005, p. 217)

¹⁸² Para McLuhan (e devo admitir para Innis também), a visão da tradição oral e da sociedade tribal é um Éden substituto, uma visão romântica, mas insuportável do passado. O que McLuhan está construindo, então, é um mito moderno, e como todos os mitos que tenta nos ajustar às realidades desagradáveis da existência. (CAREY, [1967] 2005, p. 217)

social ao ponto de que os meios trariam a religação cósmica enquanto um destino religioso.

Os críticos estão certos que McLuhan em vários momentos descarta inúmeros elementos considerados importantes por outros autores, mas tal fato não pode se atribuído a todo o seu trabalho. Em *The Gutenberg Galaxy* (1962) esses elementos aparecem, e segundo alguns autores, visto que McLuhan estava apoiado principalmente nas análises históricas e em Innis¹⁸³. Já quando McLuhan resolve discutir os novos meios eletrônicos (como em *Understanding Media* e nos textos posteriores), ele não possui o distanciamento histórico e seu estilo apresenta saltos entre fatos e consequências de forma mais bruta, pois sua análise é justamente sobre o presente. Para isso ele se guia por toda uma miríade de exemplos, justaposições, anedotas, notícias de jornal e fatos curiosos como pistas do ambiente prente. Em *Laws of Media* (1988), a consequência do uso dos meios de comunicação aparece mais aberta pelo estilo hermenêutico da proposição. Para Vinicius, a crítica de determinismo, principalmente feita por Raymond Williams poderia ser descartada se o mesmo observasse o livro *Laws of Media* (1988), onde McLuhan demonstraria como o ambiente cultural-social interage com os meios de comunicação. Sendo assim, McLuhan não estaria ignorando os fatores culturais, sociais, econômicos e políticos.

Williams argumenta de forma contundente, com boa retórica, a partir de sólida base de estudos históricos e com idéias lúcidas, curiosamente, é desta mesma perspectiva que McLuhan parece se aproximar nos últimos anos de sua vida. (PEREIRA, 2006, p. 6)

Nesse sentido, se McLuhan não poderia ser considerado um determinista tecnológico de forma tão completa como seus críticos apresentam.

Outro problema é que parte das críticas que apontam em McLuhan um determinismo tecnológico esquece que as tecnologias possam ter efeitos ao serem utilizadas. Caso McLuhan possa ser considerado um determinista tecnológico, os seus críticos deveriam ser considerados como ingênuos tecnológicos, pois na sua maioria estes concebem as tecnologias como neutras e totalmente moldadas pela sociedade.

Um exame mais detalhado do trabalho de McLuhan demonstra que ligar McLuhan a um determinismo de tipo *hard* é muitas vezes exagerada. Isso não significa dizer que McLuhan não era um determinista tecnológico, mas que ele apontava certas características das relações entre os meios de comunicação e a sociedade que era

¹⁸³ Para uma análise mais aprofundada ver a crítica sobre o estilo e método de McLuhan.

negligenciada por outros autores. Sempre temos que fazer uma seleção dos elementos disponíveis para fazer a análise, algo que é comum da disciplinaridade de qualquer ciência, então todos nós seríamos deterministas por fazermos essa seleção? Como então poderia ser possível superar o determinismo tecnológico?

Dessa forma, a proposta de McLuhan não difere tanto da proposta dos seus críticos, mas seleciona um universo diferente de fatores para a análise. Em um capítulo posterior iremos analisar a proposta de McLuhan e Innis em relação ao determinismo tecnológico como uma proposta de arranjo teórico pertencente ao campo comunicacional.

3.2.2 Estilo e método

A dificuldade de leitura dos textos de McLuhan está em pelo menos três pontos principais. O primeiro é a sua erudição no sentido de trazer para sua discussão autores dos mais diversos campos do saber como historiadores, antropólogos, psicólogos, poetas, críticos literários entre outros. Basta dizer que do livro *A Galáxia de Gutenberg* (1962), quase 3/4 são citações de outros autores (SIMON, 1969, p. 96). Outro ponto é a dimensão do trabalho empreendido por McLuhan, de explicar a partir dos meios de comunicação mudanças em centenas e até milhares de anos, como o caso do desenvolvimento da escrita e da prensa de Gutenberg, condensando dessa forma milhares de anos de história. E em terceiro lugar o uso em larga escala de aforismos, metáforas, jogos de palavras e trocadilhos, alguns que, segundo o autor, só poderiam ser apreendidos se lidos em voz alta, pedindo do leitor um esforço considerável para a compreensão de seus argumentos.

Esta última crítica talvez seja a mais presente entre os seus críticos e envolve pelo menos três estratégias por parte de McLuhan. A primeira é a recusa do uso de um ponto de vista fixo; a segunda o uso do método mosaico em conjunto com a ferramenta das sondas.

Justificativa: ponto de vista fixo, sondas, e mosaico

Para McLuhan, o desenvolvimento da escrita permitiu o desenvolvimento da racionalidade, da especialização e do ponto de vista fixo. Isso porque a escrita, devido

as suas características visuais, solicita um tipo de organização sensorial de tipo linear, fragmentada e uma separação dos sentidos em comparação com a oralidade. A oralidade é considerada um meio áudio-táctil, pois em uma conversa presencial entre duas pessoas, ainda que a audição seja o principal sentido em ação, há várias outras deixas simbólicas como o tato, a gesticulação, entonação da voz, e outras, sendo assim todos os sentidos estariam envolvidos. Os novos meios eletrônicos acabariam então com o monopólio do modo de organização visual e recuperariam os aspectos ligados ao acústico como a descontinuidade, simultaneidade, não linearidade.

A criação do ponto de vista fixo representa a separação dos sentidos e a hegemonia do sentido da visão a partir da introdução da escrita, principalmente escrita alfabética e reproduzida em larga escala a partir da prensa de Gutenberg. Essa conclusão que McLuhan desenvolve a partir das suas pesquisas também o leva a tentar operar metodologicamente sem um ponto de vista fixo.

McLuhan na introdução do seu livro *The Mechanical Bride* (1951), chama a atenção para a história de Edgar Allan Poe em *A Descent into the Maelstrom* (1841). Poe relata a história de um marinheiro que se depara com um redemoinho traiçoeiro a sua frente. Após um momento de desespero, ele passa a observar com atenção os destroços que eram engolidos pelo redemoinho compreendendo o seu simples mecanismo de ação e em vez de se debater contra as forças da água, se entrega ao redemoinho e no momento preciso age e assim consegue escapar ileso.

A partir dessa história, McLuhan faz a analogia de que os meios de comunicação, não deveriam ser criticados a partir de um ponto de vista moralista, mas sim observados de dentro e analisando a sua estrutura. McLuhan utiliza esta história para dar início ao seu livro para dizer que não iria fazer uma análise estritamente do conteúdo das campanhas publicitárias, mas ainda que o livro tenha um tom moralista ele começa a discutir a estrutura e forma dos elementos utilizados na tentativa de persuadir o consumidor. Seu intuito era de chamar a atenção da consciência para as estratégias empregadas pela publicidade.

O ponto de vista fixo limitaria dessa forma a ação do pesquisador de uma observação “neutra” e que ao mesmo tempo contaminaria sua investigação com juízos de valor. Algumas das falas e textos de McLuhan demonstram essa aversão ao ponto de vista fixo como nesta carta para David Riesman em que ele escreve:

Thank you for your generous note about Understanding Media. One fact, which you may misjudge about my style is this, I do not have a point of view.

My seemingly stark statements are flat and iconic forms that I learned from symbolist writing. An insight is not a point of view. It is concerned with process, not product (MOLINARO; MCLUHAN; TOYE, 1987, p. 301)¹⁸⁴.

McLuhan diria que este era inspirado no método de Mallarmé, Joyce, Pound, Eliot e Picasso e outros artistas de movimentos como cubismo e simbolismo que estavam analisando o mundo moderno não a partir de um ponto de vista fixo, mas ao apresentar ao observador imagens fragmentadas, com múltiplas perspectivas da realidade e forçando o observador a se tornar participante no processo de perceber os padrões de significação. Com isso McLuhan tenta quebrar a linearidade do visual apresentada pela escrita, algo que McLuhan também sofre inspiração de T. S. Eliot em relação a poesia conforme James Curtis nos ajuda a entender.

T.S. Eliot, and Eliot wrote in *The Use of Poetry*, “It [poetry] may effect revolutions in sensibility, such as are periodically needed, may help break up the conventional modes of perception and valuation which are perpetually forming, and make people see the world afresh, or some new part of it.” (CURTIS, 2005, p. 373)¹⁸⁵

A recusa de um ponto de vista fixo é a opção de McLuhan para uma suspensão de julgamento moral sobre as coisas do mundo, fazendo com que a preocupação de responder se os meios de comunicação eram bons ou ruins a partir dos seus conteúdos não fosse matéria de análise de McLuhan. A crítica de McLuhan ao ponto de vista fixo não ficou somente na crítica e uma postura intelectual, ele precisou absorver essa crítica no seu próprio estudo e isso significou adotar um método próprio que o mesmo iria denominar de mosaico/sondas.

McLuhan diz abertamente que ele não explica, mas explora o real a partir de suas sondas (*probes*). A sonda é uma maneira de McLuhan explorar o social, tal como um método hermenêutico elas são então observações, supostamente temporárias e não fixas a serem testadas. Segundo Logan, as hipóteses são exploradas por McLuhan não porque ele as considerava corretas, mas porque eram interessantes e porque ele acreditava que poderiam levar a novos *insights*. (Logan, 2013).

¹⁸⁴ Obrigado por sua nota generosa sobre *Understanding Media*. Um fato, que você pode julgar mal sobre o meu estilo é esse, eu não tenho um ponto de vista. Minhas afirmações aparentemente gritantes são formas planas e icônicas que eu aprendi da escrita simbolista. Um insight não é um ponto de vista. Ele está preocupado com processo, não produto (MOLINARO; MCLUHAN; TOYE, 1987, p 301.).

¹⁸⁵ T.S. Eliot, e Eliot escreveu em *The Use of Poetry*, “Ela [poesia] pode afetar revoluções na sensibilidade, como são periodicamente necessárias, pode ajudar a romper os modos convencionais de percepção e avaliação que estão perpetuamente formando, e fazer as pessoas ver o mundo novo, ou alguma nova parte dela.” (CURTIS, 2005, p. 373)

Isso remete ao porque McLuhan utilizava a linguagem de forma diferente para lidar com os problemas da ciência. Ralph Tyler (*apud* FINKELSTEIN, 1969, p.16) relata que em um evento nos EUA o famoso sociólogo Robert K. Merton, disse que tudo que McLuhan falava precisaria de uma análise séria. McLuhan argumentou que se Merton não tinha gostado das suas ideias ele poderia criar novas. McLuhan teria dito:

O senhor não está querendo investigar alguma coisa de mim. O senhor está investigando minhas declarações, não a situação. Não estou interessado em minhas declarações. Não concordo com elas. Eu simplesmente as utilizo como testes (TYLER *apud* FINKELSTEIN, 1969, p.16)

Outro exemplo de reação contra os seus críticos foi a resposta que McLuhan deu para Jonathan Miller que havia escrito *A filosofia da insensatez* (1969) inteiramente dedicado a criticar McLuhan. “Don’t allow my terminology to ‘put you off.’ I use language as probe, not as package. Even when I seem to be making very dogmatic statements, I am exploring contours.” (MCLUHAN, 1965 *apud* GORDON, 1997, p. 214)¹⁸⁶

Em *The Book of Probes*, uma seleção de citações de McLuhan editadas em 2003, ele explica o uso das sondas:

The probe is a means or method of perceiving. It comes from the world of conversation and dialogue as much as from poetics and literary criticism. Like conversation, the verbal probe is discontinuous, nonlinear; it tackles things from many angles at once. (MCLUHAN; CARSON, 2003 *apud* LOGAN, 2013)¹⁸⁷

A resolução de McLuhan para o problema do ponto de vista fixo era usar o método mosaico. O termo foi utilizado para descrever o seu próprio processo de escrita (e de oratória) que deveria ser a expressão acústica em contraposição ao espaço visual e esse tipo de análise teria sido uma influência direta da leitura do biofísico e ganhador do Nobel de fisiologia ou medicina Georg von Békésy (CAVELL, 2005, p. 97) a partir da noção de espaço acústico.

What solidified McLuhan’s notion of acoustic space was his reading (before 1962) of Georg von Békésy’s *Experiments in Hearing*. In the introduction to that work, von Békésy writes that he has chosen a mosaic approach for his study, rather than trying to fit it into an existing framework, because the variables of his study remain unknown.¹⁸⁸

¹⁸⁶ "Não permita que minha terminologia de ‘jogá-lo para fora’. Eu uso a linguagem como sonda, não como pacote. Mesmo quando parece que estou fazendo declarações muito dogmáticas, eu estou explorando os contornos.”(MCLUHAN, 1965 *apud* GORDON, 1997, p. 214)

¹⁸⁷ A sonda é um meio ou método de perceber. Ele vem do mundo da conversa e diálogo, tanto quanto da poética e crítica literária. Como conversa, a sonda verbal é descontínua, não-linear, que aborda as coisas de vários ângulos ao mesmo tempo. (MCLUHAN; CARSON, 2003 *apud* LOGAN, 2013)

¹⁸⁸ O que solidificou a noção de espaço acústico de McLuhan foi sua leitura (antes de 1962) de Georg von Békésy *Experiments in Hearing*. Na introdução a esse trabalho, von Békésy escreve que ele escolheu uma

O método mosaico consistiria em não se prender em um ponto de vista fixo utilizando sondagens sobre o real. McLuhan acredita assim ser possível com o uso de aforismos, metáforas e principalmente pela utilização da justaposição de uma coleção de inúmeros exemplos que permite a partir de um mosaico de exemplos, perceber padrões e relações significativas entre eles.

Entendendo as sondagens enquanto ferramentas de análise, ou como pequenas expressões provocadoras do pensamento como “o meio é a mensagem”, os aforismos e metáforas de McLuhan configuram diz Dean Walker (1968, p.68) a situação de que “[...] to Marshall, a question is only a ball to be tossed in the air”¹⁸⁹, ou seja, experimentações temporárias para criar elementos para o debate.

Uma das formas que McLuhan usa a linguagem como forma de pensar e forma de manter as análises em estado não definitivo foi o uso extensivo de metáforas e aforismos. O uso desse sentido de metáfora era uma influência direta de Bacon e sua orientação gramática. O próprio McLuhan cita a explicação de Bacon.

[...] knowledge, while it is in aphorisms and observations, it is in growth [commenting that] the ensuing discussion makes perfectly clear that Bacon considered his own aphoristic style in the Essays as part of a scientific technique of keeping knowledge in a state of emergent evolution. (BACON *apud* MCLUHAN, 2006, p. 1B-57)¹⁹⁰

A predileção de McLuhan nos anos posteriores para aforismos e as demonstrações experimentais que ele chamaria de “sondas” (*probes*) pode ser atribuído ao que ele aprendeu de Bacon através de I. A. Richards em Cambridge.

Here one can detect a source of both McLuhan’s principle of the probe and his preference for the analogical over the logical, as well as a worldview demanding the investigative technique of closure based on relationships — a worldview shared by McLuhan and the ancients of the grammatical school (GORDON, 1997, p. 107)¹⁹¹

abordagem mosaico para seu estudo, ao invés de tentar enquadrá-la em um quadro existente, porque as variáveis de seu estudo permanecem desconhecidas. (CAVELL, 2005, p. 97)

¹⁸⁹ “uma pergunta é apenas uma bola para ser jogada ao ar” (WALKER, 1968, p.68)

¹⁹⁰ [...] o conhecimento, enquanto ele está em aforismos e observações, é de crescimento, [comentando que] o debate que se seguiu torna perfeitamente claro que Bacon considerava o seu próprio estilo aforístico nos Ensaios, como parte de uma técnica científica de manter o conhecimento em um estado de emergente evolução. (BACON *apud* MCLUHAN, 2006, p. 1B-57)

¹⁹¹ Aqui pode-se detectar uma fonte de tanto o princípio das ondas de McLuhan e sua preferência para o analógico sobre a lógica, bem como uma visão de mundo exigindo a investigação técnica do fechamento com base em relacionamentos de uma visão de mundo compartilhada por McLuhan e os anciãos da escola gramatical (GORDON, 1997, p. 107)

Alguns poucos autores entenderam esse processo de McLuhan, mesmo ele tendo explicado inúmeras vezes. Para Umberto Eco, a opção de McLuhan pelas metáforas e aforismos era condizente ao novo cenário da sociedade.

Aphorisms (as McLuhan reminds us) are incomplete and therefore require profound participation. Here his method of argumentation corresponds perfectly to the new universe in which we are invited to integrate ourselves—a universe that to men like Sedlmayr would seem the diabolical perfection of “loss of the center” (the notion of centrality and symmetry belong to the era of Renaissance perspective, supremely Gutenbergian), but for McLuhan it represents the future “broth” in which the bacilli of contemporaneity can develop to a degree unknown to the alphabet bacillus. (ECO, 2005, p. 126)¹⁹²

Isso é importante, pois descarta a ideia de que o uso de metáforas, aforismos, piadas e anedotas por McLuhan fossem apenas para dificultar a leitura. Ao contrário McLuhan assim tentaria recuperar a descontinuidade como um novo método de escapar do problema da linearidade causal e do ponto de vista fixo.

O problema da escrita de McLuhan

Uma das justificativas para a sua escrita ser tão difícil de decifrar é também que McLuhan não gostava de escrever, o que parece no mínimo curioso para um estudioso das letras.

Segundo os biógrafos e autores que tiveram contato com McLuhan, ele tinha muitas dificuldades para escrever e seus livros tinham que sofrer penosos e longos processos de edição pelos editores. *Understanding Media* (1964) foi o último livro que McLuhan escreveu sozinho, pois os demais livros foram escritos sempre em colaboração com outros autores (ainda que estes tenham ficado com a função de escrever literalmente os livros). Quando McLuhan conseguiu fundar o Centro de Cultura e Tecnologia em 1953 foi designada posteriormente uma secretária para ajudá-lo e com isso ele também passou a ditar as cartas e textos para publicação, sem a necessidade de escrevê-los. Robert Logan compartilha de algumas histórias como a vez em que conversou com McLuhan para produzirem um texto sobre o efeito do alfabeto.

¹⁹² Aforismos (como nos lembra McLuhan) são incompletos e, portanto, requerem a participação profunda. Aqui o seu método de argumentação corresponde perfeitamente ao novo universo no qual somos convidados a integrar a nós mesmos, um universo que para homens como Sedlmayr parece a perfeição diabólica de "perda do centro" (a noção de centralidade e simetria pertencem à era da perspectiva renascentista, supremamente Gutenbergiana), mas para McLuhan representa o futuro "caldo", no qual os bacilos da contemporaneidade pode se desenvolver em um grau desconhecido para o bacilo alfabeto. (ECO, 2005, p. 126)

It must be admitted that writing up the results of his explorations was not his favourite activity. This is why most of his books were done in collaboration with another author. (LOGAN, 2013)¹⁹³

Os dois se reuniram um dia e discutiram sobre o assunto durante longas horas, no final do encontro McLuhan teria dito para Logan escrever o manuscrito com o que haviam discutido e entregar no outro dia para a sua secretária para datilografar e revisar (Logan, 2013). Para Philip Marchand, McLuhan se sentia muito mais confortável conversando com as pessoas do que escrevendo.

I do a lot of my serious work while I'm talking out loud to people [...] I'm feeling around, not making pronouncements. Most people use speech as a result of thought, but I use it as the process. (MCLUHAN *apud* MARCHAND, 1989, p. 58)¹⁹⁴

Segundo Logan (2013), McLuhan parecia estar fazendo chacota, nos chamando para a discussão. Millar Mac Lure, por exemplo, diz que McLuhan escreve seus livros como ele fala e por isso as pessoas tendem a não compreendê-lo.

He writes these books as he talks, and so people tend to misinterpret them (as I shall probably do here too) because they think of them as books with an Aristotelian shape. They are, deliberately, not that. They are imperfect translations of McLuhan live, cigar, highball, charm and all, turning any subject at all into his own, an anti-disciplinary and wonderfully voluble prophet, for whom adverse criticism is either a harmless buzz or a new direction, and who can tell which? Perhaps not even the man himself. (MACLURE, 2005, p. 295)¹⁹⁵

Essa provocação de McLuhan a partir dos seus aforismos, metáforas, piadas e anedotas foi deixada ainda mais clara em 1988 no livro póstumo *Laws of Media* em que ele afirma que o seu estilo era deliberado:

The style of UM [Understanding Media] had been deliberately chosen for its abrasive and discontinuous character, and was forged over many redraftings. It was designed deliberately to provoke the reader, to jar the sensibilities into a form of awareness that better complemented the subject-matter. This is

¹⁹³ Deve-se admitir que escrever os resultados de suas explorações não era sua atividade favorita. É por isso que a maioria de seus livros foram feitos em colaboração com outro autor. (Logan, 2013)

¹⁹⁴ Eu faço um monte de meu trabalho sério, enquanto eu estou falando em voz alta para as pessoas [...] Eu estou me sentindo o entorno, não fazendo pronunciamentos. A maioria das pessoas utilizar a voz como resultado do pensamento, mas eu a uso como o processo. (McLuhan *apud* Marchand, 1989, p. 58)

¹⁹⁵ Ele escreve esses livros como ele fala, e assim as pessoas tendem a interpretá-los mal (como eu devo provavelmente fazer aqui também), porque eles pensam neles como livros com uma forma aristotélica. Eles são, deliberadamente, nada disso. Eles são traduções imperfeitas do McLuhan ao vivo, o charuto, *highball* [tipo de drink alcólico], charme e tudo mais, transformando qualquer assunto em seu próprio, um profeta anti-disciplinar e maravilhosamente volúvel, para quem a crítica adversa ou é um zumbido inofensivo ou uma nova direção, e quem pode dizer qual? Talvez nem mesmo o próprio homem. (Maclure, 2005, p. 295)

poetic technique (science, if you will) of a high sort—satirizing the reader directly as a means of training him (MCLUHAN; MCLUHAN 1988, p. viii)¹⁹⁶.

Essa dificuldade de compreender McLuhan era rivalizada com as entrevistas em que ele era muito mais claro, como no caso da famosa entrevista para a revista *Playboy* em 1969. Em determinado momento McLuhan refletiu sobre a sua clareza nestas situações.

I have been asked, ‘Why is it your letters to newspapers are simple and clear and your books are so difficult?’ In writing to newspapers, I am expounding my thoughts. In my books, I am not 'expounding or making exposition — I am making exploration ... I am an explorer, not an explainer. It never occurs to people that you might use the printed word for exploration. (MCLUHAN *apud* GORDON, 1997, p. 62)¹⁹⁷

This question highlights the difference between exposition and exploration. Anything that I know I can explain quite simply and directly. I can package it. Nearly everything I write is concerned with areas of *exploration* in which I am actively engaged in discovery. That is why I say, “I have no point of view”. Anyone engaged in exploration uses every available approach, every available foothold, every accessible crevice to which to cling as he scales the unknown rockface. The actual process of dialogue and discovery is not compatible with packaging of familiar views. A person engaged in exposition has nothing new to say, and he cannot communicate the effects of participating in the process of discovery. (MCLUHAN, 1970a, p. 11-12)¹⁹⁸

McLuhan achava que era um poeta (THEALL, 2005, p. 109), ou um artista. Isso fez com que aqueles que estavam fora dos padrões das ciências observassem em McLuhan alguém que legitimava os seus trabalhos, é o caso da opinião de Rockman (2005, p. 148). O artista para o McLuhan é um dos mais capazes de revelar o viés da sociedade, pois o seu trabalho é justamente o choque entre ambientes. Não é surpresa

¹⁹⁶ O estilo da UM [*Understanding Media*] tinha sido deliberadamente escolhido por seu caráter abrasivo e descontínuo, e foi forjada ao longo de muitos redesenhos *redraftings* [re-rascunhos]. Ele foi projetado deliberadamente para provocar o leitor, para abalar as sensibilidades em uma forma de consciência que melhor complementa a matéria. Esta é a técnica poética (ciência, se preferir) de um elevado tipo - satirizando o leitor diretamente como um meio de treiná-lo. (McLuhan & McLuhan 1988, p. viii).

¹⁹⁷ Tenho sido perguntado: “Por que é que as suas cartas para os jornais são simples e claras e seus livros são tão difíceis?” Ao escrever para os jornais, estou expondo meus pensamentos. Nos meus livros, eu não estou expondo ou fazendo exposição - Eu estou fazendo a exploração [...] Eu sou um explorador, e não um explicador. Isso nunca ocorre as pessoas que você pode usar a palavra impressa para a exploração. (McLuhan *apud* Gordon, 1997, p. 62)

¹⁹⁸ Esta questão destaca a diferença entre a exposição e exploração. Qualquer coisa que eu sei que posso explicar muito simples e direta. Posso empacotá-lo. Quase tudo o que escrevo está preocupado com áreas de exploração em que estou activamente empenhados na descoberta. É por isso que eu digo: "Eu não tenho nenhum ponto de vista". Qualquer pessoa envolvida na exploração usa todas as abordagens disponíveis, cada ponto de apoio disponíveis, cada fenda acessível a que se agarrar, enquanto ele escala o rochedo desconhecido. O atual processo de diálogo e de descoberta não é compatível com o empacotamento de pontos de vista familiar. Uma pessoa envolvida em exposição não tem nada de novo a dizer, e ele não pode se comunicar os efeitos da participação no processo de descoberta. (McLuhan, 1970a, p. 11-12)

então que McLuhan se coloque na posição de artista, pois é justamente ele quem está chamando a atenção para a análise dos efeitos dos meios e está dizendo que eles possuem um efeito para além do conteúdo.

Como é possível então fazer uma crítica do trabalho de McLuhan? Para muitos autores trata-se de uma tarefa ingrata e considerada até mesmo invalidada por McLuhan. Segundo Tom Nairn, o problema é situado da seguinte forma:

The problems and the discomfort appear to arise from an unusual aspect of his work: he is not merely “difficult” in the sense familiar from any college education (obscure, long-winded, technical, etc.), but expresses his ideas deliberately in a manner that outwits our normal categories for understanding theoretical discourse. (NAIRN, 2005, p. 19)¹⁹⁹

Para Christopher Ricks (1968, p. 244) os temas trazidos por McLuhan são de extrema importância, mas estão “[...] together drowned by the style, the manner of arguing, the attitude to evidence and to authorities, and the shouting”.²⁰⁰ Carey ([1967] 2005), que foi um dos críticos mais ferrenhos de McLuhan, no seu artigo de 1967 começa sua crítica se direcionando justamente ao problema da possibilidade de crítica a um trabalho como o de McLuhan. As bases de McLuhan como uma crítica a escrita como um processo linear impede, segundo Carey, uma análise, pois McLuhan simplesmente criticaria dizendo que ele tem o pensamento linear e não preparado para lidar o espaço acústico. A mesma crítica de Rattan citado por Genosko (2005, p. 253) e Daniel Czitrom (1982, p. 165), que observou:

Technical critiques of McLuhan are somewhat beside the point. How does one logically attack a court jester, a man who declares the end of linear logic? McLuhan’s analysis of modern media has profoundly transformed our perceptions of twentieth-century life, particularly for the generation born after World War II.²⁰¹

O método mosaico em conjunto com a recusa do ponto de vista fixo se transforma também em uma estratégia de defesa às críticas. Ela consiste em dizer que ele próprio não tem um ponto de vista fixo sobre as coisas, e dessa forma não tem apego

¹⁹⁹ Os problemas e desconforto parecem surgir a partir de um aspecto incomum de seu trabalho: ele não é apenas “difícil” no sentido familiar de qualquer curso universitário (obscuro, prolixo, técnicos, etc), mas exprime suas idéias deliberadamente em uma maneira que ilude as nossas categorias normais para a compreensão do discurso teórico. (NAIRN, 2005, p 19.)

²⁰⁰ “[...] juntos afogados pelo estilo, a maneira de argumentar, a atitude à prova e às autoridades, e os gritos” (RICKS, 1968, p. 244)

²⁰¹ Críticas técnicas a McLuhan são um tanto irrelevantes. Como é que alguém ataca logicamente um bobo da corte, um homem que declara o fim da lógica linear? A análise dos meios de comunicação modernos por McLuhan tem transformado profundamente a nossa percepção da vida do século XX, especialmente para a geração nascida após a Segunda Guerra Mundial. (CZITROM, 1982, p. 165)

as suas ideias. McLuhan critica assim boa parte dos acadêmicos por estes terem apego as suas ideias e de defendê-las frente a refutações mesmo não concordando com as mesmas, esquecendo, dessa forma, a busca pela verdade.

Para George P. Elliott (1968, p. 93) e também William Kuhns (1971, p. 174), o caso é até mais grave, pois McLuhan utiliza do mecanismo de não utilizar um ponto de vista fixo e de mosaico para manter as suas posições. Se alguém procura aplicar lógica as suas propostas, McLuhan diz que você tem uma mente formada pela prensa e que foi tornada obsoleta pelos meios elétricos. E se você critica suas ideias moralmente ele diz que não está prescrevendo, mas descrevendo.

For to criticize McLuhan was to resist his truth by rationalization. Criticism also put one in the position of being labelled a counterrevolutionary since McLuhan aligned himself, albeit rhetorically and despite his conservative politics, with counter-cultural tendencies. (GENOSKO, 2005, p. 223)²⁰²

Para outros autores, o problema é que McLuhan não fornece um código para descrever o que ele está fazendo.

But McLuhan, as Michel Vermillac (1993, p. 55-6) observes in his unpublished thèse de doctorat, did not provide a code which would help his readers decided about the status and relation of the heterogeneous fragments in which he wrote. McLuhan provided no key to the hierarchy among the fragments, and gave little direction about whether a given passage was intentionally insightful, accidental, comic or purely stylistic. The ‘mosaic method’ was characterized, according to Vermillac, by a ‘generalized indifferenciation’ which made McLuhan ‘neo-baroque’ and ‘postmodernist before the letter’. The absence of this code allowed McLuhan to be many things for many people and, more importantly, also enabled him to appear to be mining a number of intellectual veins. (GENOSKO, 2005, p. 246)²⁰³

Este estilo de McLuhan é definido pelos seus críticos das mais diversas maneiras, mas quase sempre de modo negativo. Para George P. Elliot (1968, p. 89) é impossível fazer um resumo racional das ideias de McLuhan, pois sua escrita é anti-lógica, circular, repetitiva, inadequada, aforística e ultrajante. Mas há também as

²⁰² Para criticar McLuhan era resistir a sua verdade pela racionalização. A crítica também colocar um na posição de ser rotulado como um contra-revolucionário já que McLuhan se alinhou, embora retoricamente e apesar de suas políticas conservadoras, com as tendências contra-culturais. (GENOSKO, 2005, p. 223)

²⁰³ Mas McLuhan, como Michel Vermillac (1993, p. 55-6) observa em sua inédita tese de doutorado, não forneceu um código que iria ajudar seus leitores decidirem sobre o estado ea relação dos fragmentos heterogêneos em que ele escreveu. McLuhan não forneceu a chave para a hierarquia entre os fragmentos, e deu pouca orientação sobre se uma determinada passagem foi intencionalmente perspicaz, acidental, quadrinhos ou puramente estilístico. O “método mosaico” foi caracterizado, de acordo com Vermillac, por uma “indiferenciação generalizada” que fez McLuhan um neo-barroco e “pós-moderno antes da letra” [antes do termo ter sido inventado]. A ausência deste código permitiu McLuhan ser muitas coisas para muitas pessoas e, mais importante, também lhe permitiu parecer estar minando uma série de veias intelectuais. (GENOSKO, 2005, p. 246)

exceções como é o caso de Rudolf E. Morris (1968, p. 101) que faz oposição a estas críticas e congratula McLuhan pelo seu estilo, pois este é capaz de produzir o efeito de fazer-nos parar e pensar. McLuhan sabe que o seu texto não se move de forma linear no tradicional A-B-C-D e transforma isso que seria um ponto negativo para qualquer texto em uma virtude (HALPER, 1969, p. 63).

Uma crítica ao método mosaico de McLuhan é que os exemplos que o mesmo utiliza para a justaposição são formados pela autoridade de outros autores, autores que trabalham em grande parte a partir de uma estrutura linear que McLuhan critica. O escopo do trabalho é tão vasto que é necessário à confiança nas autoridades para atravessar esse campo, segundo Raymond Williams (1968, p. 217). Para este, McLuhan só consegue escapar desse problema quando cita alguma experiência efetiva, mas quando faz uma interpretação histórica, ele fica preso a esta limitação.

Os mosaicos não são iguais, e nem sempre eles permitem revelar operações causais na história. Se ele consegue desenvolver uma relação significativa, a configuração pode até dizer o que um método tradicional não consegue. Mas Umberto Eco, por exemplo, criticou que mesmo se aceitássemos a proposta de McLuhan dos inúmeros exemplos que ele reúne, o que acaba acontecendo é que quando dois exemplos são colocados em oposição acaba se assumindo que eles são congruentes. Para Eco, McLuhan não se importa se os argumentos são verdadeiros e sim que podem ser.

Uma crítica que parece fundamental para boa parte dos críticos tenta demonstrar como McLuhan era contraditório, pois como pode McLuhan criticar a escrita por seus fundamentos lineares, causais, visuais e isolacionistas e ao mesmo tempo usar o livro e a escrita para difundir suas ideias?

Para McLuhan, eram justamente ao utilizar as suas ferramentas como mosaico e as sondas que era possível reverter as características meio (algo que até ajudaria McLuhan em relação a crítica de que ele era muito rígido com as características dos meios como na definição de meios quentes e frios).

A galáxia dos exemplos usados por McLuhan em *The Gutenberg Galaxy* (1962) é que eles são ordenados como justaposições para servir como alternativa a linearidade causal e uma falta de clareza e explícita (STAMPS, 1995, p. 135). Ao justapor uma grande quantidade de exemplos há uma resistência em tentar reduzir os processos sociais e históricos como uma relação linear de causalidade como um jogo de bilhar, mas ao observá-los em conjunto seria possível abranger em vários níveis e reconhecer

padrões, sendo assim, não importaria se as fontes dos exemplos são fontes escritas ou orais, mas sim o mosaico que revelaria os padrões associativos e operações causais da história. Até porque uma das críticas comuns ao trabalho de McLuhan é que ele adapta as falas de outros autores para encaixar no seu próprio sistema.

Como diz Stamps, o estilo formado em *The Gutenberg Galaxy* é “almost entirely a collection of voices.” (STAMPS, 1995, p. 135)²⁰⁴, que procura assemelhar-se ao diálogo ao colocar os diversos autores para conversar. Esse tipo de análise pode ser vista desde *The Mechanical Bride* (1951) onde McLuhan diz:

The various ideas and concepts introduced in the commentaries are intended to provide positions from which to examine the exhibits. They are not conclusions in which anybody is expected to rest but are intended merely as points of departure. This is an approach which is hard to make clear at a time when most books offer a single idea as a means of unifying a troupe of observations. Concepts are provisional affairs for apprehending reality; their value is in the grip they provide. This book, therefore, tries to present at once representative aspects of the reality and a wide range of ideas for taking hold of it. (MCLUHAN, 1951, p. v)²⁰⁵

Sendo assim, as análises não são colocadas por McLuhan como uma resposta definitiva para os problemas analisados, mas pontos de partida para outras análises. Esse é um contraponto que McLuhan faz com outros livros, ou seja, como as outras pessoas utilizaram o formato de livro para difundir as suas ideias como trabalhos prontos. Segundo Janine Marchessault (2005, p. 164):

Concepts and ideas are tools for making sense of the world in its fleeting and multiple modalities. It is this speculative and largely open approach to studying culture that can be interpreted as lacking in the academic rigour of more traditional forms of disciplinary scholarship.²⁰⁶

O método mosaico estava em consonância com as mudanças trazidas pelos novos meios de comunicação elétricos, segundo McLuhan. Na nova era elétrica, não era possível manter o ponto de vista fixo, quando os meios aboliram o espaço e o tempo e a

²⁰⁴ “[...] quase inteiramente uma coleção de vozes.” (STAMPS, 1995, p. 135),

²⁰⁵ As várias idéias e conceitos introduzidos nos comentários são destinados a fornecer as posições a partir do qual a examinar as exposições. Eles não são conclusões em que ninguém é esperado para descansar, mas se destinam apenas como pontos de partida. Esta é uma abordagem que é difícil de deixar claro no momento em que a maioria dos livros oferecem uma única idéia, como forma de unificar uma trupe de observações. Conceitos são coisas provisórias para apreender a realidade, seu valor está nas garras que eles fornecem. Este livro, portanto, tenta apresentar os aspectos uma vez representativos da realidade e uma ampla gama de idéias para tomar posse dela. (MCLUHAN, 1951, p. v)

²⁰⁶ Conceitos e idéias são ferramentas para fazer sentido do mundo em suas modalidades fugazes e múltiplas. É esta abordagem especulativa e amplamente aberta para estudar a cultura que pode ser interpretada como falta ao rigor acadêmico de formas mais tradicionais de erudição disciplinar. (MARCHESSAULT, 2005, p. 164)

realidade se apresentava de forma não linear, fragmentada, mas ao mesmo tempo unindo as pessoas em interdependência. O jornal eletrificado primeiro pelo telégrafo e a televisão são os exemplos mais expressivos para refletir sobre o mosaico, pois eles apresentam uma realidade formada por diversos aspectos, em uma ordem não-linear. Ao abrir o jornal e se deparar com notícias sobre os mais diferentes lugares do mundo, anúncios, ilustrações e afins sem uma ligação direta entre elas, o jornal nos apresenta com um mosaico que temos que organizar e completar.

These enable a detached viewpoint by displaying differences across space and time; they present a model of scholarship that McLuhan likens to cubism and to the heterogeneous form of the newspaper itself. (MARCHESSAULT, 2005, p. 169)²⁰⁷

Esse processo fez com que McLuhan experimentasse com seus colaboradores inúmeros formatos para seus livros a fim de modificar a sua estrutura linear da escrita e do livro a fim de escrever um livro para uma nova era. O livro diferente da apresentação de resultados de uma pesquisa era uma forma de fazer pesquisa para McLuhan e combinado também com o uso de metáforas e referências dos mais variados autores.

[...] my books constitute [a] process rather than the completed product of discovery; the purpose is to employ facts as tentative probes, as means of insight, of pattern recognition, rather than to use them in the traditional and sterile sense of classified data, categories, containers. I want to map new terrain rather than chart old landmarks. (MOLINARO; MCLUHAN; TOYE, 1987, p. 159)²⁰⁸.

Mas, para seus críticos a tentativa de McLuhan é em vão, como Umberto Eco diz:

McLuhan doesn't even worry about whether all his arguments are true; he is content that they be. What might, from our point of view, seem contradiction is, to him, simply co-presence. But, since he is writing a book, McLuhan can't elude the Gutenbergian habit of articulating consequent demonstrations. The consequentiality is fictive, however; he offers us the co-presence of arguments as if it were a logical succession. The speed with which he moves from the concept of linearity in business organization to the concept of linearity in the texture of a stocking is such that the juxtaposition cannot help but seem a causal nexus. (ECO, 2005, p. 126)²⁰⁹

²⁰⁷ Estes permitem um ponto de vista imparcial, mostrando as diferenças entre o espaço eo tempo, pois eles apresentam um modelo de erudição que McLuhan compara ao cubismo e à forma heterogênea do próprio jornal. (MARCHESSAULT, 2005, p. 169)

²⁰⁸ [...] meus livros constituem [um] processo e não um produto completo da descoberta, o objetivo é empregar fatos como sondas experimentais, como meio de introspecção, de reconhecimento de padrões, em vez de usá-los no sentido estéril e tradicional de dados classificados, categorias e recipientes. Quero mapear um novo terreno, em vez de traçar os marcos antigos. (MOLINARO; MCLUHAN;. TOYE, 1987, p. 159).

²⁰⁹ McLuhan nem sequer se preocupa se todos os seus argumentos são verdadeiros, ele é o conteúdo que eles sejam. O que pode, do nosso ponto de vista, parecer contradição é, para ele, simplesmente co-

Raymond Williams, por exemplo, apontou a sua crítica às limitações do livro.

Raymond Williams pointing out the limitations of the book as a form for someone who felt that the book was either being left behind or transformed, the traditional book form was inadequate for McLuhan's later work. (THEALL, 2005, p. 109)²¹⁰

Frank Kermode compreende o empreendimento de McLuhan e diz que se ele fosse claro ele se tornaria enviesado pelo processo linear da escrita.

But McLuhan's problem is more acute, simply because his subject is precisely that distortion of consciousness which prevents our books being about their original subjects, the cries of their particular occasion. The more linear clarity he gives his book, the more obviously he himself becomes the victim of typographical distortion. His book tells us not to believe it. He fights against this by making each chapter-heading a sort of verbal ideograph; if you read them all quickly you get a sort of strip-cartoon puzzle-summary of the book. It seems to me that long books ought, on McLuhan's arguments, to follow long poems into oblivion; however, he has compromised and written a long, serious book. (KERMODE, 2005, p. 85)²¹¹

Do estilo para o método empregado

Para Kermode (1968, p. 203) e Dwight Macdonald (1968, p. 238), McLuhan acreditava que o mosaico seria a única forma de expressar a verdade, que é simultânea em vez de sucessiva. O problema é que ele seria forçado pela lógica do meio tipográfico, mas então se ele rejeita essa lógica, mas segundo seus críticos a alternativa é ainda pior, pois o livro perde as virtudes do meio impresso, e se torna vago, repetitivo, sem forma, e depois de um tempo, chato.

É importante, então, demonstrar como McLuhan experimentou com seus livros formas e ideias diferentes para realizar o seu projeto, com obras importantes com a colaboração de editores e designers.

presença. Mas, já que ele está escrevendo um livro, McLuhan não pode iludir o hábito Gutenbergiano de articular consequentes manifestações. A consequencialidade é fictícia, no entanto, ele nos oferece a co-presença de argumentos, como se fosse uma sucessão lógica. A velocidade com que ele se move a partir do conceito de linearidade na organização empresarial para o conceito de linearidade na textura de uma meia é tal que a justaposição não pode deixar de parecer um nexos causal. (ECO, 2005, p. 126)

²¹⁰ Raymond Williams apontando as limitações do livro como uma forma para alguém que achava que o livro era ou ser deixado para trás ou transformados, a forma de livro tradicional era inadequada para o trabalho depois de McLuhan. (THEALL, 2005, p. 109)

²¹¹ Mas o problema de McLuhan é mais aguda, simplesmente porque seu tema é precisamente que a distorção da consciência que impede que os nossos livros de ser sobre os seus temas originais, os gritos de sua ocasião especial. Quando mais clareza linear ele dá a seu livro, mais obviamente, ele próprio se torna vítima da distorção tipográfica. Seu livro nos diz para não acreditar. Ele luta contra isso fazendo com que cada título do capítulo uma espécie de ideograma verbal; se você lê-los todos rapidamente você começa uma espécie de tirinha de desenho animado, quebra-cabeça resumo do livro. Parece-me que os livros longos devem, em argumentos de McLuhan, acompanhar poemas longos no esquecimento, no entanto, ele se comprometeu e escreveu um longo, livro sério. (KERMODE, 2005, p. 85)

McLuhan começou principalmente fazendo análises literárias, mas com as técnicas aprendidas principalmente em Cambridge com I. A. Richards ele começou a ultrapassar os limites da análise da literatura do aprendizado do *new criticism* com a análise mais ampla de F. R. Leavis. Ele viria a aplicar essa técnica para analisar os anúncios publicitários em 1951, no livro *The Mechanical Bride* (1951) um livro em que McLuhan deixa claro que o livro poderia ser lido a partir de qualquer ordem, pois cada anúncio é analisado separadamente.

Em 1962, McLuhan faz uma sensível mudança da análise de anúncios para a análise histórica da transição da oralidade para a escrita e suas conseqüências em *The Gutenberg Galaxy*. McLuhan continua aprimorando o seu estilo e agora utiliza 3/4 do texto com citações, sem capítulos definidos e substituindo-os com mais de 100 frases de impacto e mais uma vez ele também deixa claro que o livro pode ser lido por qualquer ordem. O livro continua contribuindo para um projeto de experimentação com a escrita não linear, baseada em aforismos, metáforas e que McLuhan iria ligar com o mundo acústico em vez do mundo visual da escrita.

No livro *Understanding Media* (1964), McLuhan utiliza a mesma estratégia, mas agora seu objetivo é analisar os meios elétricos, com isso ele não tinha o mesmo apoio de milhares de anos da história da escrita e também o pouco apoio de Innis em relação aos novos meios. Isso faz com que o livro seja muito mais uma análise do presente e até futurístico, pois não há um distanciamento do mesmo. Sendo assim, McLuhan utiliza todos os tipos de referências como pequenas notas de jornais, anedotas, histórias em quadrinhos e fenômenos como a invenção da saia e do satélite e que muitas vezes se contradizem, mas que são utilizadas por McLuhan na busca de reconhecer padrões.

Segundo Gordon (1997, p. 60), McLuhan foi inspirado por Chesterton no uso de contradições que eram parte integrante das suas aulas “[...] consciously causes a clash between appearances in order to attract attention to a real truth transcending such a conflict.” (MCLUHAN, 2005, p. 7)²¹²

McLuhan começou a utilizar o termo *probes* (sondas) para dizer que fazia apenas explorações. A colagem de citações resumia a posição de McLuhan, mas ao mesmo tempo exemplificava a sua técnica de argumentação que é também a sua tese

²¹² “[...] conscientemente provoca um choque entre aparências, a fim de atrair a atenção para uma verdade que transcende tal conflito.” (MCLUHAN, 2005, p. 7)

dos efeitos da escrita. O uso de ordem diferente para a estrutura dos seus livros era combinado também com o uso de metáforas e referências dos mais variados autores.

Em 1967 apareceu *The Medium is the Massage* um livro diferente e que mudava de forma sensível a estrutura narrativa. O livro era composto por fotografias, ilustrações e colagens com frases de McLuhan com diferentes tipografias e organização visual. O projeto foi idealizado por McLuhan, Quentin Fiore e com coordenação de Jerome Agel²¹³.

Segundo Theall, McLuhan pode utilizar um formato que ele considerava “cool” e envolvente. Tanto *The Medium is the Massage* quanto *War and Peace in the Global Village* eram “aesthetic realizations of the theories of Understanding Media” (Theall, 2005, p.109)²¹⁴. Theall descreveu o estilo do livro *The Medium is the Massage* “This sort of juxtaposition and play with typography is very powerful, and it is difficult to imagine it being any more effective in colour.” (THEALL, 2005, p.110)²¹⁵.

McLuhan também publicou o “The Marshall McLuhan DEW-Line Newsletter” um panfleto organizado por Eugene Schwartz, um dos seus financiadores em Nova York na década de 60, e com custo de 50 dólares por ano que chegou a ter quatro mil assinantes (MARCHAND, 1989, p.199). O nome era uma inspiração do sistema de radares de comunicação denominado DEW-Line (Distant Early Warning) que se estendem por toda a região do ártico do Canadá e completada em 1957 a fim de proteger os Estados Unidos e o Canadá de eventuais ataques. Assim como os radares o panfleto de McLuhan era um projeto de alerta sobre as modificações que sociedade estava vivendo e apresentava novamente um estilo próprio. McLuhan viria a produzir outros projetos com a mesma temática como o baralho de cartas com sondagens e aforismos denominado *Distant Early Warning* (1969) que funcionava como um jogo para gerar novas ideias para executivos.

Novamente em *From Cliché to Archetype* (1970) McLuhan organizou o livro de forma diferente, desta vez em forma de enciclopédia, como já descrevemos anteriormente. Ele não usava referências bibliográficas e intercalava textos e formas e tipos.

²¹³ A trajetória de publicações de não-livros por Jerome Agel, Quentin Fiore, McLuhan e outros foi analisada em detalhes no livro *The Electric Information Age Book* (2012).

²¹⁴ “[...] realizações estéticas das teorias de Understanding Media” (THEALL, 2005, p.109).

²¹⁵ “Esse tipo de justaposição e brincadeira com a tipografia é muito poderosa, e é difícil imaginar que seja mais eficaz em cor.” (THEALL 2005, p.110).

As leis dos meios que já vinham sendo discutidas nos anos 70 e depois publicadas em *Laws of Media* (1988) apresentam a partir do modelo tetrádico também uma forma gráfica ao colocar em um quadro as quatro perguntas que deveriam ser respondidas para analisar os efeitos das tecnologias. McLuhan também experimentou com a televisão e outros meios também como a versão em áudio do livro *The Medium is the Massage* (1967), e entrevistas para a televisão em que ele era filmado simultaneamente por diversas câmeras em 360 graus, mas segundo Theall, ele não teve tão sucesso quando no universo da literatura que lhe era mais próximo, o que pode ser discordado, principalmente pela riqueza da produção em áudio de *The Medium is the Massage* (1967).

Apesar das críticas, os formatos e ideias nos seus projetos mais experimentais são importantes e demonstram a consistência de McLuhan no seu projeto de não utilizar o formato linear dos livros, mas experimentar com formas, tipos, grafismos e organização atípica a fim de criar livros para a nova era elétrica.

Má apropriação de outros autores

O estilo de escrita de McLuhan faz com que os trabalhos de diversos autores apareçam muitas vezes como acessórios. E muitas vezes as citações não corroboram com o que o autor aponta. Apresentando-se assim outra crítica importante: as más apropriações feitas por McLuhan de outros autores.

Em seus textos McLuhan se apóia em diversos autores para desenvolver a sua abordagem sobre os meios de comunicação, e como exemplificamos aqui o estilo exposição dessas propostas é baseado em metáforas, aforismos e frases rápidas e enigmáticas e que em boa parte das vezes não vem acompanhada de uma explicação detalhada. E quando McLuhan procura explicar, ou extrapolar a investigação, o faz pelo mesmo estilo. Essa situação cria segundo seus críticos um ambiente propício para as más interpretações do trabalho de autores discutidos por McLuhan.

Para seus críticos a dificuldade é justamente elencar todos esses problemas uma vez que a quantidade de autores e relações feitas nos textos torna impossível o empenho para checar cada situação. (HAZARD, 1968, p. 197). Ainda assim estes chamam a atenção de diversas situações em que McLuhan incorre nesse tipo de abordagem.

É o que acontece segundo George P. Elliott (1968, p. 93) nas citações que McLuhan faz de Shakespeare, em que a citação que ele usa do autor não confirma o que

McLuhan escreveu anteriormente. Para Elliott, não haveria problema extrair de Shakespeare ideias e expressões para oferecer evidências para a sua própria tese. Mas em vez disso, ele insere a sua própria ideia e atribui esta como se fosse de Shakespeare, e que toda a peça teatral é sobre essa ideia.

Mas não só de adaptações se valem as críticas em relação às autoridades em que McLuhan se baseia. Dan M. Davin (1968, p. 215) é um dos autores que relata outro problema, o uso de fontes secundárias, caso visto principalmente quando McLuhan lida com Gregos e Romanos, neste caso sua fonte reside, quase em absoluto, em autoridades medievais e em traduções duvidosas.

Olivier Burgelin critica a aceitação de McLuhan de tudo que é novo e não necessariamente isso significa autores progressistas. Isso faz com que McLuhan pule de uma disciplina para outra ao citar o nome de diversos autores fora de contexto. O resultado é que McLuhan não discute os debates que estes autores estavam inseridos acabando por descontextualizá-los. (BURGELIN *apud* GENOSKO, 2005, p. 225). McLuhan então fica em uma cena de fácil contradição e de ignorar importantes autores, fatos e contextos.

Genosko considera um problema maior do que o estilo de McLuhan é a “translation of concepts into his own terms in the absence of an adequate table of conversions.” (GENOSKO, 2005, p. 246)²¹⁶. Robert Logan descreveu o processo de McLuhan em relação aos conceitos de outras áreas. Para ele, McLuhan usava termos científicos para criar metáforas e moldar esses termos para atender a sua necessidade específica de descrever os fenômenos dos meios que ele estava analisando. (Logan, 2013). Apesar das críticas de distorção, segundo Logan:

The field concept used in physics was derived from the use of the term as in a farmer's field, and resonance literally means sound again in the original Latin from which it is derived. Just as scientists gave new meaning to common everyday words, so did McLuhan give new meanings to scientific terms to meet his needs. In fact the field concept in physics underwent its own evolution from its first use to describe the interactions of forces between charged particles to a description of elementary particles in which the field itself became the major player and the particles assumed a subsidiary role, the very opposite of the situation with the electric field. (LOGAN, 2013)²¹⁷.

²¹⁶ “[...] tradução de conceitos em seus próprios termos, na ausência de um quadro adequado de conversões.” (GENOSKO, 2005, p. 246).

²¹⁷ O conceito de campo utilizado na física foi derivada a partir da utilização do termo como no campo do agricultor e ressonância significa literalmente som novamente em latim original a partir do qual é derivado. Assim como os cientistas deram um novo significado às palavras diárias comuns, assim como McLuhan deu novos significados para termos científicos para atender suas necessidades. Na verdade, o conceito de campo na física passou por sua própria evolução de sua primeira utilização para descrever as interações das forças entre partículas carregadas a uma descrição das partículas elementares em que o

Os exemplos dados por McLuhan parecem apenas acessórios, uma vez que eles não servem de base para o desenvolvimento de suas ideias. Elas são apenas ilustrações e dessa forma, a crítica aos vários exemplos dados por ele faz sentido teoricamente, ou seriam apenas anedotas, uma vez que não são críticas que atingem ao núcleo de sua pesquisa?

Ciência e Especialização

Como vimos o método e estilo de McLuhan confrontavam o padrão acadêmico de sua época (e poderíamos dizer que até os de hoje também). De um lado ele dizia que seus adversários estavam trabalhando de forma linear, especializada e com um ponto de vista fixo sem perceber que isso era um efeito da escrita. De outro lado estes criticaram McLuhan por não ser científico, uma vez que ele não poderia ser criticado e que ele próprio era linear ao trabalhar com relações causais que ficavam mais evidenciadas pela crítica de determinismo tecnológico.

O especialista para McLuhan estava acomodado em um monopólio do conhecimento. Na nova era dos meios elétricos a posição dos especialistas não permitiria uma análise condizente da sociedade. “Especialista é aquele que nunca comete pequenos erros rumo à grande ilusão”. (MCLUHAN, [1964] 1969, p. 146)

Na educação, a divisão convencional do currículo em matérias já está tão superada quanto o *trivium* e o *quadrivium* medievais na época do Renascimento. [...] Nossa nova preocupação com a educação vai na esteira da mudança dos currículos organizados segundo disciplinas estanques rumo à inter-relação dos conhecimentos. A soberania dos departamentos se dissolve tão rapidamente quanto as soberanias nacionais, sob as condições da velocidade elétrica. (MCLUHAN, [1964] 1969, p. 389; 54).

McLuhan criticou as normas dominantes da academia na busca de uma investigação de amplitude macro a especialização para ele fazia o pesquisador perder a compreensão do todo. Se Innis enfrentava o monopólio e as críticas fáceis, McLuhan acimentou o processo, e assim como Innis, ele também queria recuperar o aspecto acústico da universidade.

McLuhan foi criticado por se ligar as agências de publicidade e aos publicitários, de não respeitar a academia e de ser um charlatão. E também por considerar os produtos culturais populares, pois enquanto as ciências continuavam separando alta e baixa cultura e se negando a analisar as histórias em quadrinhos, as revistas, jornais e a televisão como produtos culturais de segunda classe, McLuhan as colocou sob análise, não fazendo essa distinção. “The professoriat has turned its back on culture for two hundred years because the high culture of technological society is popular culture and knows no boundaries between high and low”. (MCLUHAN, 1960, p.181)²¹⁸

Os cientistas criticaram McLuhan por não ser científico e podemos até entender em parte essa acusação, mas ela depende em muito de que ciência estes acusadores estavam falando. Certamente McLuhan abusava das generalizações, mas certamente elas continham para McLuhan um núcleo de verdade, era sua técnica de levar suas sondas ao limite para testá-las que também irritava seus críticos.

McLuhan inventou um sistema muito interessante para lidar com uma análise de um produto que revertia como influência no próprio processo de análise. As tentativas de fugir do ponto de vista fixo e uso de um tipo diferente de empiricismo baseada na gramática e retórica de Bacon e Giambattista Vico, ela acaba por não se sustentar como uma proposta metodológica que se insere dentro de um quadro de análise pelas bases aqui expostas como a de Popper e Lakatos.

Em *Laws of Media* (1988), parece que McLuhan diante das críticas decide que vai responder aos críticos e desenvolver as suas propostas em termos científicos, pois diz Eric McLuhan no prefácio:

Now we were faced with the question of how to make it 'scientific.' It took my father nearly two full years of constant inquiry to find out 'what constitutes a scientific statement.' He asked everyone he encountered - colleagues, students, friends, associates, visitors. Finally, one evening, he found the answer in Sir Karl Popper's *Objective Knowledge* - that it was something stated in such a manner that it could be disproved. That was it. The next day he began asking: 'What statements can we make about media that anyone can test - prove or disprove - for himself?' (MCLUHAN; MCLUHAN, 1988, p. viii)²¹⁹

²¹⁸ “O professoriado virou as costas sobre a cultura por duzentos anos, porque a alta cultura da sociedade tecnológica é a cultura popular e não conhece fronteiras entre alta e baixa”. (MCLUHAN, 1960, p.181)

²¹⁹ Agora fomos confrontados com a questão de como fazê-lo “científica”. Meu pai levou quase dois anos completos de investigação constante para descobrir “o que constitui uma afirmação científica”. Ele pediu a todos que ele encontrou - colegas, alunos, amigos, colegas, visitantes. Finalmente, uma noite, ele encontrou a resposta em *Objective Knowledge* de Sir. Karl Popper – de que era algo declarado de tal maneira que pudesse ser refutada. Foi isso. No dia seguinte ele começou a perguntar: “O que podemos fazer declarações sobre os meios de comunicação que qualquer um pode testar - provar ou refutar - para si mesmo?” (MCLUHAN; MCLUHAN, 1988, p. viii)

McLuhan consegue manter uma vitalidade de suas proposições, mas o seu conhecimento sobre ciência parece caricato (talvez de propósito), como visto na sua apropriação do trabalho de Karl Popper que tem seus estudos sobre epistemologia da ciência reduzidos em “algo que possa ser falseado”.

Podemos dizer que apesar das tentativas é difícil manter a proposição de McLuhan de não ter um ponto de vista e que ele não tinha uma teoria da comunicação, justamente porque para analisar o real é necessário escolher determinados elementos da realidade. Mas seu método é importante para colocar em cheque a discussão moralista dos meios de comunicação.

For many years, until I wrote my first book, *Mechanical Bride*, I adopted an extremely moralistic approach to all environmental technology. I loathed machinery. I abominated cities. I equated the Industrial Revolution with original sin and the mass media with the Fall. In short, I rejected almost every element of modern life in favour of a Rousseauvian utopianism. But gradually I perceived how sterile and useless this attitude was, and I began to realize that the greatest artists of the 20th century - Yeats, Pound, Joyce, Eliot - had discovered a totally different approach, based on the identity of the processes of cognition and creation. I realized that artistic creation is the playback of ordinary experience - from trash to treasures. I ceased being a moralist and became a student. (MCLUHAN, 1969)²²⁰

Raymond Williams que foi crítico de McLuhan, também considera válida a tentativa de suspensão de julgamento, segundo John Fekete:

As Raymond Williams recently noted in a different context (40, pp.334-338), a suspended judgement may be a necessary prelude to the eventual exercise of an authentic judgement restored to its circumstances and thus deprived of a privileged standpoint of superiority. (FEKETE, 2005, p. 405)²²¹

Algo que o próprio Popper, mesmo sendo um crítico do empiricismo de Bacon congratulou.

²²⁰ Por muitos anos, até que eu escrevi meu primeiro livro, *Mechanical Bride*, eu adotei uma abordagem extremamente moralista de toda a tecnologia ambiental. Eu detestava máquinas. Eu abominava cidades. Eu equiparado a Revolução Industrial com o pecado original e os meios de comunicação com a queda. Em suma, eu rejeitei quase todos os elementos da vida moderna em favor de uma utopia rousseauiana. Mas, gradualmente, uma percebi como estéril e inútil esta atitude era, e eu comecei a perceber que os maiores artistas do século 20 - Yeats, Pound, Joyce, Eliot - tinham descoberto uma abordagem totalmente diferente, com base na identidade dos processos de cognição e criação. Eu percebi que a criação artística é a reprodução da experiência ordinária - do lixo aos tesouros. Eu deixei de ser um moralista e tornei-me um estudante. (MCLUHAN, 1969)

²²¹ Como Raymond Williams observou recentemente em um contexto diferente (40, pp.334-338), um julgamento suspenso pode ser um prelúdio necessário para o eventual exercício de um julgamento autêntico restaurado para as circunstâncias e, assim, privados de um ponto de vista privilegiado de superioridade. (FEKETE, 2005, p. 405)

Francis Bacon estava preocupado, acertadamente, com o fato de que nossas teorias pudessem prejudicar nossas observações. Isto o levou a advertir o's cientistas que eles deveriam evitar o preconceito, purificando suas mentes de todas as teorias. (POPPER, 1978, p. 60)²²²

Ainda que a possibilidade de fugir da linearidade seja tarefa difícil, McLuhan alertou para a sua vigilância, e os cuidados com seguir cegamente o padrão científico. Nesse sentido é louvável a atitude de McLuhan, apesar de sua solução não ser das melhores.

No trabalho de McLuhan forma, método e estilo se confundem com a sua própria pesquisa. Seu estilo de escrita, a forma dos seus livros e apresentações se juntava a um todo e apesar das críticas ao seu estilo é coerente com as suas próprias análises sobre os efeitos dos meios e das tecnologias.

²²² Francis Bacon estava preocupado, acertadamente, com o fato de que nossas teorias pudessem prejudicar nossas observações. Isto o levou a advertir o's cientistas que eles deveriam evitar o preconceito, purificando suas mentes de todas as teorias. (Popper, 1978, p. 60)

4 HAROLD ADAMS INNIS

Neste capítulo, apresentamos o percurso intelectual de Harold Innis com foco nos aspectos que remetem ao seu desenvolvimento teórico deixando de lado questões mais pessoais, a não ser que possuam relevância para a compreensão do seu trajeto e suas escolhas. As suas teses são apresentadas brevemente, pois no próximo capítulo serão analisadas com mais detalhes, assim como as críticas.

Harold Adams Innis, filho de Mary Adams Innis e William Anson Innis, nasceu em uma fazenda perto da cidade Otterville do estado de Ontário no Canadá em 1894, sendo o filho mais velho de quatro irmãos que viriam.

Os pais de Innis, Mary e William se casaram em Dezembro de 1893, Williams levou Mary para morar na fazenda de 100 acres de seu pai (em uma pequena região do sul de Norwich) perto da cidade de Otterville no sudoeste do estado de Ontário, Canadá (GWYN, 1992, p. 352).

James Williams, o desbravador da família no Canadá, foi um soldado inglês que lutou durante a guerra civil americana e como vários dos veteranos da guerra ganhou terras na província de New Brunswick. O pai de Innis representava a quarta geração da família na América do Norte e se instalou em Otterville.

O pai de Mary, William Adams chegou ao Canadá de Roxburghshire na Escócia, e ela era a filha mais velha, de quatro crianças do casamento tardio de seu pai com a viúva Nancy Macdonald Easton. Seu pai apesar de não tem qualquer educação formal, se esforçou para educar seus filhos e a importância da educação, algo bastante estimado nas famílias escocesas. (INNIS, 1952, p. 292)

Quando seu pai morreu, Mary usou parte da sua herança de mil dólares para estudar durante um ano no De Mille Ladies Colige em Whitby, Ontário. Algo que já era incomum para qualquer mulher do interior de Ontario no começo dos anos 1890 (HEYER, 2003, p. 2). Ela ganhou gosto e habilidade principalmente em desenho e pintura eram um feito ainda mais incomum.

Mary era uma mulher independente e quando voltou do colégio, havia 4 a 5 homens dispostos a casa com ela, mas ela fez a sua escolha por William Anson. A sua escolha foi William e se deu principalmente pela sua tradição religiosa (INNIS, 1952, p. 295).

Membros da família Innis eram conhecidos por serem batistas sérios, de alta reputação pelo seu temperamento, trabalhadores honestos e sóbrios, uma combinação difícil quando muitos jovens se afastavam de suas carreiras devido a bebida (CREIGHTON, 1978, p. 6; GWYN, 1992, p. 353).

Não levou muito tempo para Mary pressionar William para construir sua própria vida fora da fazenda do pai de William. Samuel Innis, que morreria quatro anos depois, comprou para William uma fazenda de 100 acres no norte por cerca de 3.500 dólares. A fazenda já tinha uma pequena construção e William e Mary começaram a vida na fazenda com uma dívida de 1.500 dólares por conta do resto da hipoteca.

William com certeza começou a carreira de forma diferente dos pioneiros, pois a fazenda já havia sido limpa e já havia construções para dar início a uma vida no campo, mas ainda assim eles decidiram começar do zero e começaram a construir uma terceira casa na fazenda. (CREIGHTON, 1992, p. 7)

A casa foi finalizada a tempo para o nascimento em 5 de novembro de 1894, de primeiro filho, Harold Adams Innis. Harold começou a vida, protegido e sem saber que as condições eram duras e trabalhosas, pois a fazenda tinha boas condições.

Na fazenda, eles produziam o básico e seus pais procuravam depender cada vez da loja Hawtrey, uma pequena loja de utensílios básicos. A economia estava se recuperando da crise do final do século XIX e o Canadá passava por uma expansão. (CREIGHTON, 1978, p. 6)

A fazenda dependia cada vez menos do trigo e as pradarias do Canadá começavam a dar lugar a uma industrialização. O oeste havia sido explorado e o estado de Ontario despontava como o mais industrializado. William começou a investir em mais animais na fazenda, fazendo com que número de seus cavalos, gado e porcos foi aumentado constantemente, os campos foram semeados com o objetivo de alimentar adequadamente os animais da fazenda e aumentar a produção de leite. (CREIGHTON, 1978, p. 8)

Conforme a fazenda ia progredindo, também a família foi aumentando e nos anos subsequentes Innis ganhou mais três irmãos, Lilian, Hughena e Samuel. Durante esse período Innis já não era uma pequena criança e começava a compreender a dinâmica da fazenda. Segundo a historiadora e jornalista Sandra Gwyn (1992, p. 354), Innis enquanto criança já perceberia que eventos econômicos distantes afetavam

diretamente a economia dos fazendeiros locais e o caráter das fazendas. Na sua biografia incompleta Innis diz que:

I learned something of the character of economical management, and the refusal to be badgered by travelling salesmen, and of the various devices by which farmers could be encouraged to buy more goods. [...] I learned something of the way goods were handled when brought in by freight-train and taken from various cars indicated on the way-bills. (INNIS, 1952, p. 319-320)²²³

Durante os anos em que passou na fazenda de seus pais, Innis desenvolveu uma intensa curiosidade pela rotina e detalhes das atividades da fazenda, os hábitos dos animais, os maquinários utilizados, as restrições do mercado e as mudanças que ocorriam (HEYER, 2003, p. 2). Segundo Berger (1976, p. 85), a esposa de Innis, Mary Innis, recorda que Innis por diversas vezes nas mudanças das estações lembrava o que a sua família deveria estar fazendo naquele exato momento.

A descrição de Creighton da rotina da fazenda é até romântica, como estivesse contando a história de um grande épico. “The rhythm of the farm danced slowly along his blood, echoed faintly in his memory ever afterwards” (CREIGHTON, 1978, p. 9).²²⁴

O período da fazenda segundo Mary Innis, aprofundou a preferência pelas pessoas do meio rural em vez das pessoas da cidade: “[...] a deep preference for country people as against city people” (MARY INNIS *apud* BERGER, 1976, p. 85)²²⁵.

Essa preferência pela fazenda e pelas pessoas que viviam nas pessoas, também é discutido por Irene Spry, que havia sido colega de Innis na Universidade de Toronto:

He loved to get out into the country to pursue country activities. A colleague, Vincent Bladen, had a small farm at King, north of Toronto. On visits to the Bladens', Innis would arrive with an axe to help with woodcutting chores. His farming background perhaps explains his insistence on the necessity of seeing economic problems in the whole context of human experience. (SPRY, 1999, p. 107)²²⁶.

²²³ Eu aprendi alguma coisa do caráter de gestão econômica, bem como a recusa a ser atormentado por vendedores ambulantes e dos vários dispositivos através dos quais os agricultores podem ser encorajados a comprar mais bens. [...] Eu aprendi alguma coisa sobre como bens eram tratados quando trazidos por trem de carga e retirados de vários vagões como indicados na carta de porte. (Innis, 1952, p. 319-320)

²²⁴ “O ritmo da fazenda dançou lentamente ao longo de seu sangue, ecoou fracamente em sua memória cada vez mais tarde” (Creighton, 1978, p. 9).

²²⁵ “[...] uma preferência profunda para as pessoas do interior, contra as pessoas da cidade” (Mary Innis *apud* Berger, 1976, p. 85)

²²⁶ Ele gostava de sair pelo campo e procurar atividades do campo. Um colega, Vincent Bladen, tinha uma pequena fazenda no King, ao norte de Toronto. Em visitas aos Bladen, Innis chegaria com um machado para ajudar com a tarefa de cortar lenha. Sua formação em agricultura talvez explique sua insistência na necessidade de ver os problemas econômicos em todo o contexto da experiência humana. (Spry, 1999, p. 107)

Aos domingos, Innis era levado regularmente para instrução religiosa para na Igreja Batista em Otterville. (CREIGHTON, 1978, p. 10; HEYER, 2003, p. 2). A família era bastante devota e freqüentemente Innis iria para a igreja. Sua família (principalmente sua mãe) queria que ele seguisse o caminho religioso e se tornar ministro. Nessa época, segundo Berger, Innis expressava dúvidas se alguém não batizado pelo procedimento batista teria chance de ir para o céu. Durante a faculdade ele se chocou com a ideia de que muitos amigos estavam inclinados ao materialismo ou que acreditavam que não existia nenhum Deus. Em uma carta para Mary ele diria: “I have run across a lot of fellows in McMaster who tend towards Materialism or who believed there is no God, which was an astonishing fact to me”. (INNIS *apud* GWYN, 1992, p. 357)²²⁷.

Innis conseguiu finalmente convencer a sua mãe para ir à escola e Innis foi educado na única sala de aula da região, na escola S. S. No. I South Norwich. A escola misturava crianças de diversas idades e com diferentes níveis escolares em uma mesma sala. Isso fazia o trabalho do professor ainda mais difícil e, ao tentar lidar com isso, os alunos acabavam ganhando mais liberdade para estudar. Assim aqueles alunos mais interessados não precisavam ficar restritos ao conhecimento especificado para a sua idade e os demais eram incentivados em acompanhar os alunos mais avançados, independente da idade. Isso fazia com que o tarefas destinadas para cada aluno fossem diferentes. (CREIGHTON, 1978, p. 10; INNIS, 1952, p. 309).

Innis progrediu rapidamente na escola e seus pais consideraram a continuação da sua educação na perspectiva de que ele seguisse uma carreira diferente de ser fazendeiro. (CREIGHTON, 1978, p. 11). Seu pai imaginava que ele seria um professor, mas sua mãe esperava que ele seguisse o caminho religioso e se tornasse um clérigo.

O que facilitou a escolha de continuar incentivando os estudos de Innis, foi o nascimento do seu último irmão Samuel em 1905, fazendo com que Innis pudesse seguir os estudos sem interferir na dinâmica de trabalho da fazenda, pois os outros irmãos e irmãs poderiam ajudar (CREIGHTON, 1978, p.11; HEYER, 2003, p. 2).

Em 1905, Innis passou na avaliação da província e pode garantir a continuidade dos seus estudos na escola secundária Otterville High School. A escola ficava mais de 3 quilômetros de distância de sua casa e juntava alunos de várias cidades menores. Era

²²⁷ Eu cruzei com um monte de companheiros em McMaster que tendem para o materialismo, ou que acredita que Deus não existe, o que era um fato surpreendente para mim. (Innis *apud* Gwyn, 1992, p. 357)

uma escola conhecida pelo interesse em esportes, ainda que Innis não tivesse dinheiro para gastar nos equipamentos.

Ainda assim, a escola ainda não era um colégio e apesar de ter começado a escola-secundária, só era possível completar os estudos indo para o Collegiate Institute em Woodstock em 1907. Woodstock era um cidade grande e cerca de 32 quilômetros de distância de casa. A escolha de seguir para Woodstock Collegiate Institute, era incomum para alguém da fazenda, mas ele seguiu estudando incentivado principalmente pela mãe de origem escocesa, e esta era mais uma etapa para ele se tornar um clérigo (GWYN, 1992, p. 355).

O caminho até a cidade de Woodstock era árduo. Innis tinha que caminhar cerca de 3 quilômetros para chegar a pequena estação de trem de Otterville. Quando chegava em Woodstock mais uma caminhada de mais de um quilômetro e meio para chegar a escola (CREIGHTON, 1978, p. 13-14). O caminho diário e árduo a pé e de trem não pode ser menosprezado e pode ainda ter inspirado Innis na sua tese (e primeiro dos livros a serem publicados) sobre a história da ferrovia *A History of the Canadian Pacific Railway* (1923).

Durante os anos que Innis estudou na Woodstock High School e fazendo este mesmo trajeto, pegando o trem as sete horas da manhã e chegando a noite em casa nas mais variadas condições climáticas típicas do Canadá. Segundo Creighton (1978, p. 15), Innis fez poucos amigos na escola, durante os três anos ele continuou sendo considerado um caipira, pobre e desajeitado, ainda que determinado, mas não brilhante. Innis que deveria se esforçar na escola, uma vez que o custo para a família e o esforço do deslocamento era muito alto (1978, p. 15).

Após o terceiro ano, ele foi fazer a prova para admissão na *Normal School* que deveria ser cursada em dois anos e com exames no final de cada ano. Mas ele decidiu fazer os dois anos em apenas um, e tentar fazer as duas provas no final deste ano. Ele se mudou para Woodstock neste ano para estudar e não perder tempo com os trajetos de trem, e chegou ao ponto de exaustão de ficar doente. Ele conseguiu passar nos exames e agora queria dar aula para escolas primárias e secundárias, mas isso significava um treinamento profissional para ser professor, coisa que ele poderia fazer, mas teria que se deslocar todo dia para Londres (Canadá) ou Toronto (Heyer, 2003, p. 3).

Então, para conseguir o dinheiro necessário durante o período em Woodstock, ele construía armadilhas e caçava ratos almiscareiros e vendia suas peles, além de

trabalhar aos sábados na loja geral de seu tio em Hawtrey, mas nenhum desses meios ia dar o dinheiro suficiente para seguir. Mais uma vez um dos seus interesses de infância persistiu na sua carreira acadêmica, seu interesse pela caça e venda de peles apareceriam em 1930 no livro *The Fur Trade in Canada*.

Foi então que quando se formou em Woodstock, Innis conseguiu uma vaga para lecionar mesma escola em que começou seus estudos em Otterville. A escola estava sem professor e com a indicação do seu pai, eles acabaram contratando Innis para um breve período mesmo ele não tendo certificado adequado para o cargo.

Voltar para sua primeira escola e como professor era uma nova aventura. Mas segundo Creighton (1978, p.18) “He quickly came to see how much patience, sympathetic understanding, and planning ability were required of a country school teacher”²²⁸.

Com o dinheiro ganho por lecionar na escola entre 1911-1912, Innis assinou o jornal Toronto Globe e ficou deslumbrado com os discursos do primeiro ministro do Canadá, Wilfrid Laurier publicados no jornal, principalmente pelo uso de palavras por ele até então desconhecidas.

O seu futuro ainda era incerto e ser professor já não parecia ser um caminho tão atrativo e ele, que agora tinha 18 anos, estava ciente de que haveria de tomar a decisão entre seguir os estudos ou virar clérigo. A igreja de seus pais enfatizava o batismo de adultos, como parte central de seu credo e o batismo deveria ser precedido de um testemunho público de fé. (Creighton, 1978, p. 20). Então, não era uma situação que poderia seguir seu caminho sem Innis exercer uma ação definitiva.

Nos meses de inverno de 1912-1913, ele ajudou na fazenda dos pais e pensando no seu futuro. Com o dinheiro ganho durante as aulas na escola ele comprou um furão que o ajudava na caça e na captura de marmotas, ratos almiscareiros e coelhos para vender. Na primavera, ele já tinha decidido seguir o caminho para ser um professor, mas em vez de fazer a formação comum para ser um professor de escola primária, ele decidiu ir para a universidade.

Ele foi para McMaster University, uma universidade gerenciada por batistas em Toronto. Toronto era a maior cidade da província e a universidade apesar de relativamente pequena era uma próspera instituição. Mas, o que era para ser um período

²²⁸ “Ele veio rapidamente veio a perceber quanto de paciência, compreensão simpática e capacidade de planejamento eram necessários de um professor de escola do interior”. (CREIGHTON, 1978, p.18)

feliz e de descobertas para Innis converteu-se em frustrações durante o seu primeiro ano como estudante. (GWYN, 1992, p. 356).

Segundo Creighton (1978, p. 21), em poucas semanas, ele estava se sentindo sozinho e desiludido e isso acontecia devido a dois fatos. Primeiro, ele achava que o dinheiro que ele tinha guardado lecionando não ia ser suficiente para se manter em Toronto ao ponto de mal ter dinheiro para comer. O segundo fato é que ele havia ganhado a *Honour Matriculation* e passado diretamente para o segundo ano, todas as amizades já estavam estabelecidas e ele encontrava dificuldades em se relacionar com os demais estudantes. No final do primeiro ano na universidade ele voltou para a fazenda em Otterville para passar as férias e já decidido a não voltar para a universidade.

Sua mãe já sabia o que estava acontecendo e resolveu agir para não deixar essa crise afetar os seus planos para Innis. Para isso, ela chamou seu irmão William, que estava fazendo medicina na Universidade de Western Ontario para mostrar para Innis o valor da educação superior e mantê-lo na universidade. O plano deu certo e William foi capaz de convencer Innis de continuar seus estudos e seus pais lhe deram mais recursos para sobreviver.

O período de 1914 já foi bem melhor e Innis se adaptou a vida da universidade e estava fazendo progresso nos cursos. Apesar da Primeira Guerra Mundial ter começado em Agosto, ele continuou seus estudos.

Segundo Creighton (1978, p. 23), ele se tornou mais plenamente consciente do leque de oportunidades que a Universidade tinha a oferecer principalmente os diferentes, abordagens e professores.

Quatro professores influenciaram Innis, durante os anos na McMaster. W. S. W. McLay professor de inglês, James Ten Broeke professor de filosofia e W. S. Wallace professor de história que tinha recém chegado de Oxford, além de W. J. Donald que era assistente no curso sobre ciências sociais. McLay e Ten Broeke trouxeram, segundo Creighton, diferentes abordagens para um jovem que era muito dogmático e pouco conhecimento sobre literatura inglesa (1978, p. 23).

Segundo Creighton, ele tinha ido para a universidade com a vaga expectativa de cursar Direito. O que aconteceu é que durante as aulas na universidade ele se incomodou de não saber o suficiente sobre economia, o que o desviou do curso de Direito.

Para cursar Direito, ele também tinha que adquirir a habilidade de falar em público. Desde 1913 ele já vinha lendo livros sobre oratória e participou ativamente de competições de debates da universidade. Segundo Creighton, ele acabou por vencer o concurso anual “oratória” e acabou sendo eleito presidente da sociedade de debates. (1978, p. 24)

Para ajudar nas contas e diminuir a dependência dos seus pais, Innis passou também cinco meses lecionando na *Northern Star* na pequena cidade de Landonville perto de Vermilion no norte da província de Alberta. A escola tinha alunos imigrantes com poucas habilidades e o trabalho era difícil com elas. A região de Landonville era muito mais simples bem diferente da variedade e complexidade da agricultura da região de Ontário.

A produção principal da região era a plantação de grãos e quando chegava agosto e setembro toda a região se juntava para o trabalho intenso e sem descanso de colheita. Já nos outros meses as coisas eram mais tranquilas e era comum fazer piqueniques, pescar, caçar e andar de cavalo. Além de danças até às três da manhã, segundo Creighton, parecia que ninguém dava a mínima atenção ao tempo, e horários não eram específicos, sendo que cada um começava o trabalho a qualquer hora do dia ou da noite (1978, p. 26).

Com esse período em Landonville, Innis conheceu mais um pouco do Canadá e adquiriu mais experiência sobre a região e seus problemas como transporte e agricultura. Ele voltou para Toronto em Outubro depois do semestre em Landonville com a preocupação crescente da primeira guerra mundial.

Segundo Creighton (ibid.), a atmosfera já era tensa na universidade, e Innis não queria se alistar, pois seus pais tinham muitos temores, mas principalmente porque ele queria terminar a universidade.

Nas aulas de W. S. Wallace, ficou claro para Innis de que a compreensão da história precisava da compreensão da economia. Seu próprio interesse nos detalhes dos fenômenos econômicos e as grandes linhas de desenvolvimento econômico foram crescendo rapidamente e nas discussões do clube de debates o tema de economia também eram os seus favoritos.

Em uma delas sobre “a prosperidade comercial é necessariamente a causa da guerra” ele e seu colega J. W. Davis ganharam a discussão. Levantando o argumento que as interações entre o comércio tinham criado um mundo interdependente e que a

chamada “prosperidade comercial” não seria a necessariamente a causa da guerra mas a única panacéia para a paz. (CREIGHTON, 1978, p. 28)

Nesse período, a guerra já estava afetando todas as discussões sobre a vida e economia do país e começou a afetar a universidade de forma sensível. Grandes quantidades de alunos se alistando e ganhando seus diplomas sem as necessárias provas e também professores sendo deslocados para trabalharem diretamente para o governo. A universidade estava ficando um lugar desolado. E obviamente, o alistamento era uma das opções de Innis, mas se alistando ou não, ele queria terminar o seu curso realizando todos os exames necessários e da forma tradicional.

Innis ainda não tinha feito ainda o juramento público de fé para receber o batismo da igreja Batista, e apesar das pressões da família, ele achava que durante a crise nacional e de guerra que o país passava um clérigo não era necessário. Ele tinha lugar garantido para começar como clérigo em uma igreja, mas ele desistiu. Preferiu se alistar e decidiu isso com base nos princípios cristãos, pois para ele a guerra era uma questão moral.

Segundo Sandra Gwyn (1992, p. 360), Innis teria dito ao seu filho anos mais tarde que “They pushed me too hard and I got suspicious”²²⁹. Ele escreveu uma longa carta explicando os motivos para se alistar e Gwyn comenta que apesar do problema ser uma guerra “Conspicuously absent from Innis’s letter was any mention of imperial solidarity, nor for that matter, of Canadian patriotism” (1992, p. 361)²³⁰.

Para ele, segundo Creighton, a Alemanha começou a guerra violando um tratado de paz, ou seja, quebrando a sua palavra. Se a Alemanha não fosse punida significaria “[...] the end of the Christian hope for the world. ‘If I had no faith in Christianity,’ he told his sister, ‘I don’t think I would go.’” (1978, p. 31; BERGER, 1976, p. 86)²³¹. Ou seja, os princípios cristãos estavam em jogo e era parte do dever religioso defender estes princípios.

Em 1916, Innis, então com 22 anos, se alistou para a primeira guerra mundial. Innis se alistou para ser oficial da artilharia especialista em comunicação militar (*signaller*), pois Innis achava que era uma posição de menor risco, pois ele estava determinado em voltar vivo. Segundo Creighton (1978, p. 33), ele disse pra sua irmã

²²⁹ “Eles me empurraram muito duro e eu fiquei desconfiado” (Gwyn, 1992, p. 360).

²³⁰ “Conspicuamente ausente da carta de Innis havia qualquer menção de solidariedade imperial, nem para o caso, de patriotismo canadense.” (1992, p. 361)

²³¹ “[...] o fim da esperança cristã para o mundo. ‘Se eu não tinha fé no cristianismo’, ele disse à sua irmã: ‘Eu não acho que eu iria.’” (1978, p 31;. Berger, 1976, p 86.).

que não iria para infantaria porque não era “place for a man if he wants to come back alive”, mas que artilharia e comunicações (*signaller*) eram posições mais seguras “and a long way back from the firing line”²³².

Mas Innis não sabia que a função de oficial de comunicação (*signaller*), era justamente a função que iria à frente do pelotão para instalar os sistemas de comunicação, que envolvia, segundo Gwyn, cuidar dos cavalos e instalar estradas com tábuas de madeira sob a lama para facilitar o deslocamento de armamento e pessoas (1992, p. 352).

Innis participou da batalha de Vimy Ridge em Julho de 1917 e que durou meses. Innis foi ferido durante uma missão de instalação de comunicações e a guerra acabou para ele. Um balão de reconhecimento avisou a posição do grupo de Innis e ele acabou sendo atingido por um estilhaço na perna. (CREIGHTON, 1978, p. 35).

Seus colegas de frente congratularam Innis após o ferimento. Ele tinha assegurado a sua saída da guerra ferido, mas inteiro. As feridas iriam demorar pelo menos seis anos para curar (Heyer, 2003, p. 29). Isso demonstra um pouco da situação moral dos soldados durante a guerra, pois de depois de certo tempo o sentimento de idealismo ficava de lado devido à rotina diária da guerra, os comandos e a hierarquia. Depois do acontecido Innis passou meses na Inglaterra em recuperação, ajudando no hospital e também visitando amigos pela Inglaterra. O período de guerra fez Innis desenvolver um tipo diferente de nacionalismo. De um lado um forte laço com seus colegas de batalha que criaram um tipo de fraternidade de laços fortes com aqueles que serviram no frente.

E de outro um profundo desdém pelos impérios e por aqueles que decidiam os rumos da guerra (CREIGHTON, 1978, p. 33). Segundo Berger (1976, p. 86), Innis odiava a disciplina rígida, a rotina e a burocracia da vida no exército. Innis tinha desprezo por aqueles que ficaram no Canadá trabalhando nos escritórios do governo e diziam que estavam ajudando na guerra. Mais do que uma revolta contra os alemães por causa da guerra, ele tinha mais raiva contra os oficiais canadenses e ingleses.

Mas a guerra também deixou seus laços de afeto com o Canadá mais fortes, estreitou uma defesa do país em vez de uma subserviência colonial em relação a Inglaterra e outros impérios. A biografia de Alexander Watson (2006) foca bastante na

²³² “[...] lugar para um homem, se ele quer voltar vivo”, “[...] e um longo caminho atrás da linha de fogo” (CREIGHTON, 1978, p. 33)

depressão de Innis durante os anos de guerra e a sua frustração de todo um projeto de vida que não se tornou realidade em vida, ao ponto de dizer que as lembranças da guerra o atormentaram a vida toda.

Quando Innis chegou à Inglaterra para participar da Primeira Guerra Mundial, a revolta se estruturou ainda mais, pois para os Ingleses os canadenses estavam lá para lutar pela pátria mãe (Inglaterra) e não pelo Canadá. Para os soldados “We ... felt that we were concerned with fighting for Canada and for Canada alone.” (Innis *apud* Berger, 1976, p. 87)²³³. Uma das anedotas contadas sobre esse período é que enquanto os canadenses na Inglaterra estavam aprendendo a manejar os cavalos os soldados ingleses ficavam rindo dizendo “Mapple Leaves are falling” (HEYER, 2003, p. 4)²³⁴.

Ainda que a decepção de ter ido para a guerra por um dever religioso afetou o seu idealismo “[...] he never lost the feeling of obligation to preserve those liberal values for which he believed the men of 1914-18 had fought.” (BERGER, 1976, p. 87)²³⁵.

Antes mesmo de ser ferido na guerra, Innis já havia enviado uma carta para sua universidade para saber como proceder para completar a sua dissertação “The Returned Soldier” (Creighton, 1978, p. 37). Após meses de recuperação e de viagens pela Inglaterra, ele finalmente voltou para o Canadá e a defendeu.

Innis dificilmente falava sobre o horror dos acontecidos e sua experiência na guerra para outras pessoas além daqueles que passaram pela mesma experiência. (Gwyn, 1976, p. 363)

Quando voltou para o Canadá no dia 29 Março de 1918 e para os braços de seus pais, no dia 1 de Abril, Innis já estava em Toronto para consultar o professor D. A. McGibbon sobre a sua preparação para o exame do mestrado (Gwyn, 1976, p. 374). No dia 19 de Abril ele conseguiu a dispensa do exército e na semana seguinte passou nos exames e recebeu o título de mestre.

Agora ele tinha o título de mestre, dinheiro suficiente no banco devido aos serviços prestados no exército para dar início a sua vida. Segundo Creighton a pergunta pairava “What was he to do? Was it to be the church or the law? Or, before he began

²³³ "Nós [...] sentimos que estávamos preocupados com lutar pelo Canadá e pelo Canadá sozinho." (INNIS *apud* BERGER, 1976, p. 87).

²³⁴ “As folhas de acér estão caindo” [folha típica das árvores do Canadá e símbolo da bandeira canadense] (HEYER, 2003, p. 4)

²³⁵ “[...] ele nunca perdeu o sentimento de obrigação de preservar esses valores liberais pelos quais ele acreditava que os homens de 1914-1918 tinham lutado.” (BERGER, 1976, p. 87).

any professional training at all, would it be wise to push his favourite studies in political economy just a little further?" (1978, p. 39)²³⁶.

Ele sabia que não poderia voltar atrás e se tornar clérigo, segundo Gwyn (1976, p. 372) "his faith in formal religion had been dismembered in the trenches"²³⁷, e então ele pensou em seguir no curso de Direito. Era outono e na chegada do verão, mais de cinco meses depois, ele decidiu que não poderia seguir o Direito sem aprimorar o seu conhecimento em economia.

Em 1918, ele decidiu entrar na Universidade de Chicago, para aprofundar os seus estudos em economia no curso de verão. Cada vez mais Innis se interessava pela economia política e a formação em Direito nunca foi realizada. Segundo Berger (1976, p. 87), Innis seguiu o caminho comum dos melhores estudantes da McMaster que assim eram incentivados a continuarem seus estudos na Universidade de Chicago.

Na universidade de Chicago, ele entrou em contato com um círculo intelectual de grande expressividade. Foram os anos de ouro da chamada Escola de Chicago de Sociologia. Apesar de Innis não ter sido aluno de nenhum dos nomes comuns, como George Herbert Mead e Robert Ezra Park, vários autores apontam que essa influência estava presente no contexto da universidade. McLuhan até mesmo chegou a dizer que Innis era o mais importante membro da Escola de Chicago (MCLUHAN, [1964] 2005).

Innis pode viver um típico 4 de Julho, dia da Independência americana em 1918 e como estes se comportavam acreditando que haviam ganho a guerra sozinhos. Foi o suficiente para Innis desenvolver uma antipatia pelos americanos e principalmente a posição dos Estados Unidos enquanto um império. Ainda assim, ele veio a admirar estudantes e professores durante esse trimestre que Creighton chamou de difícil e confuso (1978, p. 41).

Em Chicago, ele foi orientado por Frank H. Knight que lecionava sobre teoria econômica e estatística com um ceticismo em relação ao uso da estatística como único método. Isso seria muito importante para Innis que se debruçaria muito mais aos estudos qualitativos do que quantitativos. "[...] one could never again become lost in admiration of statistical compilations". (BERGER, 1976, p. 87)²³⁸. Segundo Creighton

²³⁶ "O que ele estava a fazer? Era para ser a igreja ou a lei? Ou, antes de começar qualquer tipo de formação profissional em tudo, seria sábio impulsionar seus estudos favoritos em economia política um pouco mais?" (1978, p. 39)

²³⁷ "[...] sua fé na religião formal havia sido desmembrada nas trincheiras" (GWYN, 1976, p. 372).

²³⁸ "[...] nunca poderia voltar a ser perdida na admiração de compilações estatísticas". (BERGER, 1976, p. 87).

(1978, p. 41), Knight não só abriu, mas ampliou os horizontes do conhecimento para Innis como o fez sentir o quão pouco ele sabia.

O verão terminou e Innis já estava envolvido no seu interesse pela economia e o caminho do estudo do Direito ficou de lado e ele começou a trabalhar na sua tese de doutorado em economia na Universidade de Chicago. A Universidade de Chicago também estava sob forte influência de Thorstein Veblen, um economista americano que havia saído poucos anos atrás da universidade e que publicou livros importantes como *The Theory of the Leisure Class* (1899).

Veblen foi uma grande influência em Innis que leu atentamente os seus livros e publicou um artigo sobre ele “A Bibliography of Thorstein Veblen” (1929). Sua influência foi principalmente no que concerne as suas críticas a economia clássica e neo-clássica e aos efeitos do industrialismo e as dinâmicas de crescimento e decadência dos países, segundo Berger (1976, p. 88).

Em outros casos, como diz Berger (ibid.), Innis se afasta de Veblen, principalmente em relação a sua teoria dos instintos, ainda que Innis se interesse pelo impacto da tecnologia nos hábitos, valores e estruturas. Creighton, (1978, p. 59) concorda com Berger em apontar os efeitos do industrialismo como um ponto forte de influência.

Veblen, whom Innis began to read with great care and attention during his student days at Chicago, was a most important formative influence in his intellectual development. Veblen was concerned with the general effects of machine industry and the industrial revolution in a continental environment; and Innis's design, as he conceived it, was to study the impact of the industrialism of the West European empires upon colonial Canada. Unlike Veblen, Innis was a born historian, with a tremendous irrepressible interest in the facts of experience; but though, in the nature of the case, he could get no historical guidance whatever from Veblen, the Swedish-American scholar did provide him with a general theoretical framework for his ideas. (ibid.)²³⁹.

Em novembro, a guerra acabou e a Universidade de Chicago assim como todas as outras universidades, foi obrigada a contratar diversos professores por causa no fluxo crescente de novos estudantes, principalmente veteranos de guerra. Innis foi contratado

²³⁹ Veblen, a quem Innis começou a ler com muito cuidado e atenção durante seus dias de estudante em Chicago, foi uma influência formativa mais importante em seu desenvolvimento intelectual. Veblen estava preocupado com os efeitos gerais da indústria de máquinas e da revolução industrial em um ambiente continental, e o projeto de Innis, como ele o concebeu, foi estudar o impacto do industrialismo dos impérios da Europa Ocidental sobre Canadá colonial. Ao contrário de Veblen, Innis foi um historiador nato, com um interesse irreprimível e tremendo nos fatos da experiência, mas no entanto, na natureza do caso, ele poderia obter nenhuma orientação histórica qualquer que seja a partir de Veblen, o estudioso sueco-americano lhe forneceu um arcabouço teórico geral para as suas ideias. (ibid.)

como professor assistente pelo historiador econômico C. W. Wright e com isso aliviou os seus problemas financeiros que já estavam fazendo com que ele pedisse dinheiro emprestado do seu pai (CREIGHTON, 1978, p. 42).

Ele começou a lecionar sob orientação do professor Wright um curso introdutório de economia. Foi uma experiência valiosa para Innis que entrou em contato com os mais variados alunos, e entre eles muitos voltando da guerra. Entre eles estava Mary Quayle, uma jovem vindo de Wilmette, perto de Chicago que tinha ido trabalhar no governo em Washington durante o tempo de guerra e agora voltara para a universidade para terminar os seus estudos (ibid.). Ela tinha interesses parecidos com os de Innis, principalmente a história econômica do Canadá e em pouco tempo os dois estavam juntos.

Em 1909, já fazia um ano que Innis estava em Chicago e o contato com o professor C. W. Wright em história econômica e de F. H. Knight sobre teoria econômica e estatística já faziam os seus efeitos em Innis.

Além disso, outros professores influenciaram de forma intensa Innis durante esse período. Entre eles o professor J. M. Clark que lhe ensinou sobre a economia de custos indiretos, tema que grande importância nos estudos de Innis sobre a história econômica do Canadá. Outra influência citada pelos seus biógrafos (Creighton, 1978, p. 60; Berger, 1976, p. 88) foi a de C. S. Duncan professor que:

[...] emphasized in his lectures on marketing the connections 'between the physical characteristics of a commodity and the marketing structure built up in relation to it'; and Chester Wright, who taught courses on trusts and American economic history and who supervised Innis's doctoral thesis on the Canadian Pacific Railway. (BERGER, 1976, p. 88)²⁴⁰.

Para o verão daquele ano, Innis deixou de lecionar e se concentrou no desenvolvimento da tese. Pediu para o professor Wright um tema canadense para a sua pesquisa e ele sugeriu a história da *Canadian Pacific Railway* (Creighton, 2003 p. 43; Heyer, 2003, p. 5). A primeira estrada de ferro a fazer a interligação entre o leste e o oeste do Canadá e que foi inaugurada em 1885.

Voltando em Setembro para Chicago, mais uma vez, a universidade o chamou para lecionar, dessa vez como professor assistente do Departamento de Economia

²⁴⁰ [...] enfatizado em suas palestras sobre marketing das conexões "entre as características físicas de um commodity e a estrutura de marketing construído em relação a ele", e Chester Wright, que ministrou cursos sobre fiduciários e história econômica norte-americana e que supervisionou a tese de doutorado de Innis sobre a *Canadian Pacific Railway*. (BERGER, 1976, p. 88)

Política da Universidade de Chicago, para o outono de 1919 e boa parte de 1920. Ele queria terminar todos os estudos antes de trabalhar como economista profissional, que era o seu desejo segundo Creighton (1978, p. 45). Mas mesmo com diversas propostas ele preferiu se dedicar aos estudos e negou todas enquanto desenvolvia a sua tese, os exames orais e escritos necessários.

Com o tempo, a decisão de seguir a carreira de economista profissional foi ficando de lado e a ideia de seguir como professor e pesquisador em uma universidade estava se firmando. E se fosse para ser professor, que fosse em uma universidade canadense. Durante esse período, ele estava ganhando cerca de 600 dólares da Universidade de Chicago, quando recebeu uma oferta da Beloit University, uma instituição não muito longe de Chicago que lhe ofereceu um salário de dois mil dólares que ele não aceitou dizendo para sua mãe da sua esperança “[...] on the chance that a Canadian university will send in an application” (CREIGHTON, 1978 p. 46)²⁴¹. Não demorou muito e logo chegou uma nova oferta da Universidade de Toronto, apesar de ter recebido ofertas de outras universidades.

Ele conseguiu passar em todos os exames, entregou a tese no último dia de julho de 1920, assegurou uma posição na Universidade de Toronto e noivou com Mary Quayle (casando-se com ela em 1921).

Em 1923, a tese de Innis, *A History of the Canadian Pacific Railway* foi publicada, três anos depois dele se tornar professor do Departamento de Economia Política da Universidade de Toronto. A tese era:

'an evolutionary and scientific point of view', of the negotiation of the contract, freight and passenger traffic, rates, profitability, and capitalization down to 1921. The framework of Canadian history in which he analysed the function of the railway was traditional. In his discussion of Confederation, Innis stressed that the regions that were joined together—the Maritimes, the St Lawrence basin, the Red River Settlement, and the Pacific coast—had developed independently and autonomously. The construction of the railway, he wrote, 'was the result of the direction of energy to the conquest of geographical barriers'. (BERGER, 1976, p. 88)²⁴²

²⁴¹ “[...] na chance de que uma universidade canadense irá enviar em um convite” (Creighton, 1978 p. 46).

²⁴² “um ponto evolutivo e de vista científico”, da negociação do contrato de tráfego, carga e passageiros, taxas, rentabilidade e capitalização até 1921. O quadro da história do Canadá em que ele analisou a função da ferrovia era tradicional. Em sua discussão sobre a Confederação, Innis enfatizou que as regiões que se uniram - Maritimes, a bacia do São Lourenço, Assentamento Rio Vermelho, e a costa do Pacífico – tinha se desenvolvido de forma independente e autônoma. A construção da estrada de ferro, escreveu ele, “foi o resultado de a direção da energia para a conquista das barreiras geográficas.” (BERGER, 1976, p. 88)

Discorre sobre a construção da primeira estrada de ferro transcontinental do Canadá, finalizada em 1897 até 1921. O texto sobre detalhes da construção e operação da linha é apresentada em conjunto com estatísticas e tabelas, mas em vez de teoria econômica em favor de um método descrito como descritivo e narrativo.

E Innis mesmo chamou de evolucionário e científico “In this study an attempt has been made to trace the history of the Canadian Pacific Railway from an evolutionary and scientific point of view” (INNIS, 1923)²⁴³. A história da CPR (*Canadian Pacific Railway*) era um mito para os canadenses, pois foi um projeto grandioso que atravessou inúmeras barreiras geográficas e era considerado um feito incrível. Innis descrevia a infraestrutura geográfica e suas barreiras para a transposição da CPR, assim como as bacias hidrográficas, e as decisões dos governos para a sua implantação. Além do impacto da estrada de ferro nas economias das regiões e o potencial da CPR em unificar o Canadá, a partir dos meios de transporte e comunicação.

The CPR study also foreshadows concerns Innis would return to in his future work. He notes, for example, how monopolistic business interests in the east encouraged the far west to transport their goods by rail rather than by ship. And although rail was cheaper than a long ocean voyage, one consequence of that option was to diminish the west's independence, rendering it more vulnerable to decisions made in the urban centers of eastern Canada... (HEYER, 2003, p. 7)²⁴⁴

Era uma tese importante em um período em que poucos trabalhos sobre a história do Canadá já haviam sido realizados (HEYER, 2003, p. 7). Ao avaliar a importância da CPR para a economia do Canadá, Innis diz que antes da ferrovia existiam outras formas de transporte que possibilitavam o comércio de peles e que acabou incentivando a imigração e o desenvolvimento agrícola. Este acabou sendo o seu próximo projeto quando partiu para a análise do comércio de peles.

Na Universidade de Toronto, lidou com outro círculo intelectual importante. A economia política estava em frente expansão na universidade, segundo Creighton, e a prova disso era a contratação de Innis para o pequeno departamento. No total, eram sete professores contando com Innis e com o diretor do departamento James Mavor que já

²⁴³ "Neste estudo, foi feita uma tentativa de traçar a história da Canadian Pacific Railway, do ponto de vista evolutivo e científica" (INNIS, 1923).

²⁴⁴ O estudo da CPR também prenuncia as preocupações que Innis voltaria no seu trabalho futuro. Ele observa, por exemplo, como os interesses das empresas monopolistas no leste incentivou o extremo oeste para transportar suas mercadorias por via férrea do que por navio. E embora por linhas férreas era mais barato do que uma longa viagem pelo oceano, uma das consequências dessa opção era diminuir a independência do oeste, tornando-o mais vulnerável a decisões tomadas nos centros urbanos do leste do Canadá [...] (HEYER, 2003, p. 7)

tinha mais de 30 anos de casa e estava chegando a seu momento de aposentadoria. Segundo Creighton, ele tinha interesses variados e amplos e seu grande conhecimento era não sistemático e entre seus principais trabalhos foi no campo da história econômica da Rússia. (1978, p. 49) Entre os membros do departamento, estavam R. M. Maclver, W. Jackman, que estava se especializando em transportes e Gilbert E. Jackson, que lecionava teoria econômica e estatística. E três novatos como Herbert Marshall, que em breve iria para um posto no *Dominion Bureau of Statistics*, Hubert R. Kemp, que Innis conhecia pouco do tempo do Woodstock Collegiate, e Innis.

A universidade de Toronto não era como a de Chicago com sua organização e eficiência, e um retrato disso era que o departamento tinha apenas um datilógrafo e uma secretária e os arquivos em grande parte desorganizados. Mas ao mesmo tempo Toronto tinha as suas vantagens, havia uma liberdade e respeito maiores onde cada um organizava o seu trabalho e a atmosfera amigável e tolerante favorecia os esforços individuais e a experimentação (CREIGHTON, 1978, p. 53)

Nos primeiros anos, ele lecionou três cursos. No primeiro ano o novo curso sobre comércio, no segundo um curso sobre teoria e história econômica do século XVIII e XIX para estudantes de letras e de história e no terceiro ano um curso sobre teoria econômica para professores (CREIGHTON, 1978, p. 50).

Em outubro, ele também começou a lecionar um curso de economia para adultos na cidade de Hamilton para a *Workers' Education Association*, apesar da viagem cansativa de trem, Innis gostava do envolvimento e de realizar serviços para a comunidade.

O novo curso sobre comércio que Innis começou a lecionar na universidade eram baseados na sua sua crença de que o curso devia ser baseado em estudos sólidos de teoria econômica. Devido ao sucesso do curso no outono de 1920, Innis ajudou a criar o *The Commerce Club* com forma de promover “[...] sense of corporate unity and common endeavour among staff and students” (CREIGHTON, 1978, p. 51)²⁴⁵ e ele foi eleito como o presidente do clube e neste formou-se um círculo de amizades com pessoas que também eram veteranos de guerra.

²⁴⁵ “[...] senso de unidade corporativa e esforço comum entre a equipe e os estudantes” (CREIGHTON, 1978, p. 51)

Foi nesse círculo de mentes inspiradoras que Innis encontraria seu caminho de pesquisa e isso o levaria a ser conhecido pelos seus estudos sobre as relações entre as margens e o poder central, ou força centrípeta e centrífuga.

Para compreender a economia do Canadá, era necessário se aprofundar em outras características, uma das principais e demonstradas na sua tese é justamente a importância dos sistemas de transporte. Segundo Berger, o trabalho sobre a CPR, “For all its 'scientific' flavour and non-committal character, the study concluded with a moralistic reiteration of western grievances against the CPR” (1976, p. 88)²⁴⁶.

Para Berger, a tese prenunciava uma série de preocupações de toda uma vida como o interesse abrangente nas condições que facilitavam a extensão da civilização ocidental como, por exemplo, “[...] the significance of drainage basins and river systems, and the function of staple exports in shaping the economies of the separate regions.” (1976, p. 89)²⁴⁷. Innis colocaria as coerências geográficas como um dos elementos a serem analisados, fato que fez com que alguns o considerassem como um possibilista. (HEYER, 2003, p. 9).

A partir desse momento, Innis iniciou uma aventura intelectual que o levaria a fazer pesquisas de fontes primárias. Isso significava viajar por todo o Canadá (de trem, cavalo, canoa, e barco) para conhecer as realidades principalmente das indústrias e transportes envolvidos nesse processo. Ele era um economista com uma clara inclinação histórica, e sua tese lhe ensinou o método histórico e o curso sobre história econômica do Canadá em 1921-1922 ampliou ainda mais o seu conhecimento e as possibilidades de pesquisa. (CREIGHTON, 1978, p. 57)

Innis se viu em dificuldades no seu empreendimento de estudar o Canadá, com a falta de mapas e todo tipo de material e informações sobre os *commodities* do país e com arquivos históricos e bibliografias desorganizadas (CREIGHTON, 1978, p. 53; BERGER, 1976, p. 89). Isso fez com que ele mesmo desenvolvesse mapas para as suas aulas e a solicitar ajuda dos seus alunos para eliminar essas lacunas.

A vida de Innis estava passando por grandes mudanças e uma delas foi o casamento com Mary em Maio de quando ele tinha 26 anos e ela 22 anos. O departamento também passava por mudanças como a saída de Herbert Marshall e a

²⁴⁶ "Por todo o seu sabor 'científico' e de caráter não-comprometido, o estudo concluiu com uma reiteração moralista de queixas ocidentais contra o CPR" (1976, p. 88).

²⁴⁷ "[...] a importância das bacias hidrográficas e sistemas fluviais, ea função das exportações de grampos em moldar as economias das regiões separadas." (1976, p. 89).

contratação de dois novos reforços da Inglaterra. Um deles Vincent Bladen, recém formado na Balliol College, com quem Innis costumava discutir sobre a educação de Oxford e C. R. Fay um professor sênior que vinha de Cambridge para estudar diretamente a unificação do Canadá e pediu uma vaga temporária. Com isso o departamento restabelecia o balanço entre professores jovens e mais experientes, segundo Creighton (1978, p. 54).

No verão de 1924, Innis já estava fazendo longas viagens pelo Canadá. Em conjunto com seu amigo John Long eles desceram de canoa por mais de três mil e duzentos quilômetros o rio Mackenzie parando em diversas cidades e retornando por navio a vapor da Hudson Bay Company o rio Laird (BERGER, 1976, p. 89).

Posteriormente ele viajou ainda para várias outras regiões como 1926 para Yukon, Klondike, Ontário, Quebec e Maritimes, regiões de minas como Hollinger, Newfoundland e outras. Segundo Berger (1976, p. 90), por volta do começo dos anos 1940, a única região que Innis não havia visitado ainda era o oeste ártico e o lado leste da baía Hudson. Innis viajou de todas as formas durante este ano de 1923, o uso da canoa fora o mais difícil e quase heróico, mas a ideia de pesquisa “suja” se manteve como uma parte central do seu trabalho. (CREIGHTON, 1978, p. 64).

Nas viagens Innis falava com todo tipo de pessoa desde funcionários até diretores das empresas e fazia paradas em todo tipo de indústria da região para saber as condições e rotinas da indústria. Segundo Berger, Innis admirava pessoas com experiência prática e era a partir deles que Innis conseguia as informações mais importantes. Um dos exemplos era Alexander Macphail, um dos administradores chefes de uma das cooperativas de compradores de grãos, em especial trigo (*wheat pools*), e que Innis iria editar o seu diário. Outro é Alexander Johnston, que foi membro do parlamento e Vice-Ministro da Marinha e Pescas da província da Nova Scotia entre 1910 e 1932 e que Innis dedicou o livro *Cod Fisheries* (1940). E em terceiro Peter Pond explorador, comerciante de peles e cartógrafo que Innis iria escrever o livro *Peter Pond: Fur Trader and Adventurer* (1930).

Nessas viagens, Innis conheceu de perto a geografia de todo o país, mas também a variedades de suas indústrias e o impacto delas nas cidades e regiões. Na primavera de 1922 aconteceu o previsto e o professor Mavor se aposentou com isso a indicação do professor Maclver como seu sucessor estabelecendo uma nova fase do departamento que passou a ser mais organizado.

Em 1922, quando Innis e Mary foram para a Europa, Innis partiu com várias cartas de recomendação de amigos ingleses do departamento como James Mavor e C. R. Fay. A intenção era ter contato direto com os acadêmicos europeus e ingleses para ter acesso a documentos em primeira mão sobre os *commodities* indústrias do Canadá, uma vez que boa parte dos documentos estavam na Inglaterra, devido a relação entre colônia e império.

Durante essas viagens ficou claro para Innis que as teorias econômicas e sociais existentes não davam conta de compreender um novo país como o Canadá, era necessário desenvolver um paradigma próprio para a compreensão do Canadá. Ele escreveu:

Perhaps the most serious obstacle to effective work in Canadian economics and economic history [he wrote in 1929] is the lack of a philosophy of economic history applicable to new countries... Much of the work has been defective through the attempt to fit the phenomena of new countries into the economic theories of old countries[...]. (INNIS *apud* BERGER, 1976, p. 91)²⁴⁸

Era necessária então uma aproximação baseada na história econômica como forma de corrigir a teoria econômica. Segundo Berger, o problema de todas as histórias econômicas do Canadá é que faltava uma interpretação mais abrangente (*ibid.*). Innis insistia que os novos países se desenvolviam em relação aos velhos países, principalmente pelo comércio de *commodities* que tinham demanda na Europa e que eram explorados na Canadá.

Segundo Creighton (1976, p. 56), Innis sentia que ele devia trabalhar pelo Canadá, e que os canadenses deveriam explicar o seu próprio país para o mundo e mais do que isso, eles mesmos deveriam se entender.

Com essas dificuldades ele deveria viajar e conhecer o país com seus próprios olhos. Ele deveria diminuir o gap de conhecimento existente sobre a história da economia do Canadá com novos métodos, novos recursos e novas interpretações. (CREIGHTON, 1978, p. 57)

Essa compreensão sobre o trabalho a ser feito fez com que ele criticasse o seu próprio trabalho da CPR dizendo que estava insatisfeito “the incompleteness of that volume and of all volumes which have centred on that subject and on the subject of

²⁴⁸ Talvez o mais sério obstáculo para um trabalho eficaz na economia canadense e história econômica [ele escreveu em 1929] é a falta de uma filosofia da história econômica aplicável aos novos países [...] Grande parte do trabalho foi defeituoso através da tentativa de encaixar os fenômenos de novos países nas teorias econômicas de países antigos [...] (INNIS *apud* BERGER, 1976, p. 91)

Canadian Confederation” (CREIGHTON, 1978, p. 57)²⁴⁹ considerando o seu trabalho como ahistórico e uma interpretação artificial do desenvolvimento nacional do Canadá.

Mas, ele criticou o trabalho de outros também. Segundo Creighton, isso aconteceu, porque Innis acreditava que eles acreditavam que a união do Canadá e sua confederação e a construção da CPR como uma conquista não-natural, um ato de força de vontade de homens contra a geografia do país, quando a sua opinião era de que o Canadá foi unificado por causa do comércio de commodities que só poderiam ser alcançados por causa da geografia dos lugares, principalmente os rios, lagos e baías.

Innis percebia que a CPR era um novo meio em uma situação econômica muito mais antiga que era baseada nos transportes fluviais. Ou seja, não era que a geografia estava lutando contra os canadenses, mas ao contrário.

He must get behind the age of Confederation and industrialism, the age of the national policy of protection and the Canadian Pacific Railway, and back to the old communication system and the traffic which it carried. Canada, like every other young country, had been dependent upon the production and sale abroad of a few simple staple products, which could be secured in sufficient quantity and without too much difficulty in the young country, and sold profitably in the metropolitan centres of Great Britain and Western Europe. It was through the sale of staple products that migrants preserved their cultural heritage and supported the burden of civilization in the new world; and the discovery of such commodities was vitally essential to their survival and growth as a colonial people. But in a rigorous north-temperate climate such as that of Canada, the number of available products which could stand the high costs of the long transatlantic voyage in the small ships of the day was inevitably small. Fish had first brought England and France to Newfoundland and the islands of the gulf of St. Lawrence. Furs had taken Frenchmen and Englishmen westward along the interlocked river systems and across the continent to the Pacific coast. Furs had been the basis of the first Canadian transcontinental unity. Innis decided to start with it. He would begin at the beginning of continental expansion. The fur trade would be his subject. (CREIGHTON, 1978, p. 58-59)²⁵⁰.

²⁴⁹ “[...] a incompletude desse volume e de todos os volumes que têm centrado sobre o assunto e sobre o tema da Confederação Canadense”. (Creighton, 1978, p. 57)

²⁵⁰ Ele deve ficar atrás da idade da Confederação e do industrialismo, a idade da política nacional de proteção e Canadian Pacific Railway, e de volta para o velho sistema de comunicação e o tráfico que carregava. O Canadá, como qualquer outro jovem país, tinha sido dependente da produção e venda no exterior de alguns produtos básicos simples, que podem ser garantidos em quantidade suficiente e sem muita dificuldade no jovem país, e vendidos com lucro nos centros metropolitanos de grande Grã-Bretanha e Europa Ocidental. Foi através da venda de produtos de primeira necessidade que os imigrantes preservaram a sua herança cultural e suportaram o fardo da civilização no novo mundo, ea descoberta de tais mercadorias era vitalmente essencial para a sua sobrevivência e crescimento como um povo colonial. Mas, em um clima norte-temperado rigoroso como o do Canadá, o número de produtos disponíveis, que possam resistir os altos custos da longa viagem transatlântica nos pequenos navios da época foi, inevitavelmente, de pequeno porte. Peixe tinha trazido primeiro a Inglaterra e a França para a Newfoundland e as ilhas do Golfo do St. Lawrence. Peles tinham tomado os franceses e ingleses para o oeste ao longo dos sistemas fluviais entrelaçados e em todo o continente para a costa do Pacífico. Peles tinham sido a base da primeira unidade transcontinental canadense. Innis decidiu começar com ele. Ele iria começar no início da expansão continental. O comércio de peles seria seu assunto. (CREIGHTON, 1978, p. 58-59).

Innis encontrou o seu caminho para lidar com esses problemas canadenses principalmente pelo contato com o trabalho de Veblen e do professor C. S. Duncan que lecionou marketing em Chicago. Duncan, segundo Creighton (1978, p. 60) salientou as relações íntimas entre as características físicas de um *commodity* e a estrutura de marketing construída em relação à *commodity*.

Innis transformou isso no ponto focal do seu trabalho e 10 anos depois da tese *The Canadian Pacific Railway* chegaria *The Fur Trade in Canada: An Introduction to Canadian Economic History* (1930), sendo que em 1927 ele já havia lançado o livro *The Fur Trade of Canada*. Estabeleceu-se o padrão de Innis de lançar um grande trabalho a cada 10 anos. Em 1940 ele lançaria *The Cod Fisheries*, e depois em 1950 ele publicaria uma série de palestras em formato de livro *Empire and Communications*.

Isso fez com que muitos autores dividissem o interesse de Innis em determinados temas com base nos lançamentos dos livros, mas outros como veremos mais a frente consideram discutível essa divisão do trabalho do autor.

Nas suas aulas, Innis trazia materiais da sua própria pesquisa. Para isso ele precisava ir diretamente aos lugares. Em 1924 ele e Mary Quayle Innis estavam prontos para continuar, foi então que o primeiro filho deles, Donald, nasceu em abril de 1924. Mas, isso não impediu que em menos de um mês, Innis estivesse novamente na estrada em direção a Winnipeg para continuar a sua pesquisa principalmente no norte do país.

Em menos de dois anos começaram os primeiros voos comerciais para o norte do Canadá, era o começo de uma revolução no norte do país. A preocupação de Innis com o desenvolvimento do norte do Canadá foi tema do livro mais recente dedicado ao trabalho de Innis, *Harold Innis and the North* (2013) editado por William J. Buxton.

Na volta de sua viagem, Innis já estava muito mais recuperado da guerra e ele estava em um estado de saúde física e mental melhor do que nunca e ele acabou deixando de usar a sua bengala também. Das viagens ele trouxe um conhecimento do norte que nenhum estudioso contemporâneo tinha (CREIGHTON, 1978, p. 63).

Mas além das viagens e visitas as pessoas e indústrias as viagens de Innis também consistiam na pesquisa de documentos nos arquivos públicos. No arquivo público, em 1925, Innis discutiu com Arthur Lower, que estava trabalhando como assistente no arquivo público para um projeto de escrever um livro sobre documentos da história econômica canadense.

As viagens continuaram e começou se estabelecer uma dinâmica que ele levaria para o resto da sua vida: lecionar, pesquisar e viajar. E as viagens quase nunca eram para lazer.

Em 1926, ele foi para o norte, para o Yukon para começar a sua investigação sobre mineração canadense. E em 1927 ele visitou uma lista maior ainda de minas, serrarias e fábricas de celulose e papel na Nova Scotia, New Brunswick, norte de Ontário e Quebec. (Creighton, 1978, p. 65). Em Junho de 1928, ele navegou para a Inglaterra a pedido da universidade para ir ao *International Geographical Congress* em Cambridge e para fazer pesquisa sobre os departamentos de geografia de várias universidades da Grã Bretanha e Europa. (CREIGHTON, 1978 p. 66). Um dos objetivos desse pedido da Universidade de Toronto é que ela queria instalar o curso de geografia da universidade e Innis era o mais cotado para o serviço.

Ele já estava lecionando com dedicação na universidade por nove anos e os resultados de seu trabalho estavam aparecendo. Os seus cursos tinham agora muitos materiais e todos estes materiais tinham sido desenvolvidos e organizados por ele, além disso, a sua lista de publicações estava crescendo assim como seu prestígio.

Em 1927, foi publicado *The Fur Trade of Canada* uma análise descritiva do comércio de pele contemporâneo. E quando Innis voltou da Inglaterra para o ano de 1929 ele tinha mais dois grandes manuscritos esperando para publicação. (CREIGHTON, 1978, p. 66)

Durante aquele período não havia muita ajuda financeira para pesquisa e isso era um problema para os projetos de publicação de Innis. Innis teve muita sorte com o aceite de publicação do livro *The History of Canadian Pacific Railway* (1923), mas agora ele teve que lidar com várias recusas.

O projeto de longo termo editado em conjunto com Arthur Lower *Select Documents in Canadian Economic History 1497-1783* foi publicado apenas em 1929 devido ao seu tamanho (inicialmente quase duas mil páginas) e diversas revisões. Mas finalmente a *University of Toronto Press* aceitou publicar a primeira parte que começava no ano de 1783. O segundo volume seria publicado em 1933 em *Select Documents in Canadian Economic History, 1783-1885*.

O departamento também estava passando por mudanças. (CREIGHTON, 1978, p. 68). Em 1927, R. M. MacIver depois de cinco anos como chefe do departamento mudou para a Columbia University. E. J. Urwick, de 60 anos havia recentemente se demitido

da University of London foi apontado para chefe de departamento. Era uma surpresa, pois ele não tinha intenção de continuar estudando depois de ter saído do Canadá e havia se mudado para a Universidade de Toronto para lecionar apenas um ano.

Ele viria a apreciar o trabalho de Innis, mas naquele momento, segundo Creighton, (1978, p. 69-70) “He probably regarded Innis as a typical product of the American graduate schools—a dull, plodding, fact-finding scholar with a materialistic outlook on life and a determinist view of the social process”²⁵¹.

Urwick, em 1929 resolveu promover um professor que estava há menos tempo na universidade do que Innis para professor associado. Seu colega foi promovido no lugar de Innis. Innis ficou furioso, pois achava que seu trabalho no departamento também merecia a promoção. Mas ao invés de ameaçar, ele simplesmente pediu demissão. (CREIGHTON, 1978 p. 70).

As autoridades da universidade ficaram em choque, e decidiram que não queriam perder um bom professor e deram a promoção para Innis. (CREIGHTON, 1978, p. 71), mas mesmo assim um pequeno remorso perdurou.

A família também passou por grandes mudanças, primeiro a sua filha mais nova nasceu em 1927, Mary Elian, depois o seu segundo filho Hugh nasceu em 1930, e a sua filha mais nova Anne em 1933 (CREIGHTON, 1978, p. 71). Ele era um bom pai quando estava com as crianças, mas as viagens e a sua dedicação à universidade sempre estavam em primeiro lugar.

Com a dedicação aos estudos e as inúmeras viagens ele fez muitos amigos em todas as partes do Canadá e do mundo. Ele gostava de pessoas que compartilhavam o seu humor e gosto por anedotas, absurdos e brincadeiras.

Em 1930, Innis tinha dois projetos em andamento. O primeiro era um livro sobre Peter Pond e o segundo era uma versão diferente do *The Fur Trade of Canada*.

Editado por Innis o livro *Peter Pond: Fur Trader and Adventurer* (1930) discorria sobre a vida de Peter Pond, um dos desbravadores e iniciadores do comércio de pele no Canadá. As leituras de biografias e autobiografias feitas por Innis e as suas viagens o levaram a conhecer inúmeros personagens chaves da história do Canadá e uma dessas figuras era justamente Peter Pond. Peter Pond era funcionário da Northwest Company (rival da Hudson Bay Company) e foi o primeiro homem branco a chegar à

²⁵¹ “Ele provavelmente considerava Innis como um produto típico das escolas de pós-graduação americanas – uma maçante, arrastada, estudioso de apuramento de fatos com uma visão materialista da vida e uma visão determinista do processo social” (CREIGHTON, 1978, p. 69-70).

baía Mackenzie, mas ainda assim ele foi quase esquecido devido a Sir. Alexander Mackenzie ser um explorador mais conhecido na história do Canadá. Innis queria reverter essa injustiça. (HEYER, 2003, p. 14)

Diferente de *The Fur Trade of Canada*, lançado em 1927, agora Innis aprontava a publicação de *The Fur Trade in Canada* (1930) com “in” invés de “of” do livro anterior. O livro recuperava o trabalho de uma década em que ele acreditava ter conseguido demonstrar a validade da abordagem de analisar a história econômica canadense a partir dos commodities básicos. (CREIGHTON, 1978, p. 74).

The Fur Trade in Canada é descrito por Berger (1976, p. 94) como um estudo interpretativo sobre as dinâmicas por trás da expansão do comércio de pele do século XVI até meados de 1920. Em vez de ser baseado em figuras importantes como o historiador americano Francis Parkman e na literatura histórica sobre o assunto, ou nas figuras heróicas e suas explorações do país. Innis decidiu desenvolver uma análise baseada nas interrelações entre geografia, tecnologia e as forças econômicas.

O livro, segundo Heyer (2003, p. 11), era muito mais acessível que o sobre a CPR, contendo listas, fatos e gráficos assim como comentários para ajudar os leitores a fazerem sentido dos dados. “Innis tells us more about the fur trade than we might want to know. But he also tells us many things about the industry and its history we should know.” (HEYER, 2003, p. 11)²⁵².

Para Berger (1978, p.98), “At every turn the tempo and direction of expansion, the very efforts of men involved in the trade, were depicted as reflections of inescapable and anonymous forces”²⁵³. Isso é muito interessante, pois Berger acabara de dizer que Innis não tinha uma aproximação determinista.

Em vez de fazer uma análise histórica detalhada da Nova França em toda a sua complexidade, seu objetivo era de analisar os fatores que afetaram a sua evolução e a maneira pela qual a característica do *commodity*, moldou as instituições, os padrões de atividade, e as tendências do desenvolvimento geral do Canadá.

O comércio de pele e a sua expansão era um reflexo de uma demanda por pele de castor na Europa. Essa expansão foi facilitada pelo sistema interconectado de rios e lagos e pela habilidade dos indígenas sob a canoa o que acabou levando ao interior a

²⁵² “Innis diz-nos mais sobre o comércio de peles do que poderíamos querer saber. Mas ele também nos diz muitas coisas sobre a indústria e sua história que devemos saber.” (HEYER, 2003, p. 11).

²⁵³ “A cada momento o ritmo e direção da expansão, os próprios esforços dos homens envolvidos no comércio, foram retratados como reflexos de forças inevitáveis e anônimos” (BERGER, 1978, p. 98).

competição de outras tribos e de companhias poderosas com a Hudson Bay Company, isso elevou os preços, e a competição fez com que a resposta fosse a agressão militar francesa.

O comércio de pele era a base econômica da Nova França, e segundo Innis a intensificação do comércio enfraqueceu a colônia e levou ao seu colapso. Quando as pessoas deviam estar cuidando da agricultura elas estavam correndo atrás de castores e fazendo comércio de peles. E o comércio de peles reforçou a dependência da colônia com o país mãe, aumentou a sua vulnerabilidade e fortaleceu instituições que eram inadequadas para lidar com os desafios da evolução das condições econômicas.

Segundo Berger (1976, p. 95), em certo sentido os limites do Canadá moderno eram simplesmente os limites de domínio efetivo do comércio de pele. Ou seja, o Canadá unificado “[...] emerged not in spite of geography but because of it” (INNIS, 1930, p. 393)²⁵⁴.

O Canadá não é apenas uma criação política, mas uma unidade lógica baseada no Escudo canadense, seus sistemas de rios e historicamente definida pelo comércio de peles (ibid.). Assim a Canadian Pacific Railway, e de fato a economia de trigo, tinha reforçado e reafirmou a solidariedade que havia sido estabelecida pelo comércio de peles. A história econômica canadense poderia ser compreendida apenas em termos de dominação de uma sucessão de exportação de *commodities*.

The economic history of Canada, [he explained] has been dominated by the discrepancy between the centre and the margin of western civilization. Energy has been directed toward the exploitation of staple products and the tendency has been cumulative. [...] Agriculture, industry, transportation, trade, finance, and governmental activities tend to become subordinate to the production of the staple for a more highly specialized community. (BERGER, 1976, p. 96)²⁵⁵

As características físicas de cada *commodity*, o contexto geográfico, e a tecnologia moldaram os padrões de crescimento e as instituições. Assim as relações entre o governo e a atividade econômica durante a história do Canadá foram uma direta consequência da dependência da exploração do *commodity* e do transporte de longa

²⁵⁴ “[...] não emergiu, apesar de geografia, mas por causa dele” (INNIS, 1930, p. 393)

²⁵⁵ A história econômica do Canadá [explicou ele] tem sido dominada pela discrepância entre o centro e a margem da civilização ocidental. A energia tem sido direcionada para a exploração de produtos de primeira necessidade e a tendência tem sido acumulada [...] Agricultura, indústria, transporte, comércio, finanças e atividades governamentais tendem a se tornar subordinado à produção do grampo para uma comunidade mais altamente especializado. (INNIS *apud* BERGER, 1976, p. 96)

distância. As fundações do Canadá foram colocadas na relação simbiótica entre a exploração de *commodities* e as exigências européias.

Ele considerou que a dependência da Europa através da economia fez o Canadá continuar “britânico” apesar do livre comércio e principalmente porque o Canadá continuou sendo apenas um exportador de mercadorias básicas para um país industrializado (BERGER, 1976, p. 96).

Ao dizer que o Canadá estava intimamente ligado e dependente dos ingleses por causa de uma relação econômica em posição contrária as dos historiadores que viam a relação do Canadá com a Inglaterra com um sentimento de união moral. E isso implicava uma vulnerabilidade, pois a dependência dos mercados mundiais fazia com que o Canadá estivesse sujeito às flutuações fora de seu controle. Um dos exemplos é que uma mudança no estilo dos chapéus de pele de castor na Europa tinha conseqüências desastrosas no Canadá, pois alterava toda a estrutura de exportação.

O que seria simples oferta e demanda Innis demonstra em *Fur Trade in Canada*, que o desenvolvimento do Canadá foi afetado sensivelmente pelas mudanças de configuração do industrialismo e da tecnologia durante a história, e que “[...] the closer one move towards the present the more sudden and unpredictable such changes became” (BERGER, 1976, p. 96)²⁵⁶.

E que o Canadá mais do que qualquer outro país sofreu com um desenvolvimento frenético que vinha do desenvolvimento de novas tecnologias, exaustão dos recursos naturais brutos e avanço do industrialismo. Esse tipo de efeito Innis denominou de efeitos “cyclonics”, e segundo Robin Neill esse conceito foi um dos principais que o levou para além da tese sobre os *commodities* que ele estava aplicando (NEILL, 1972, p. 43). E a partir de uma clara influência de Veblen que havia colocado as bases desse conceito.

Veblen has waged a constructive warfare of emancipation against the standardized static economics which has become so dangerous on a continent with ever increasing numbers of students clamouring for textbooks on final economic theory. He attempted to outline the economics of dynamic change and to work out a theory not only of dynamics but of cyclonics [...] The conflict between the economics of a long and highly industrialized country such as England and the economics of recently new and borrowing countries will become less severe as the theory of cyclonics is worked out. (INNIS, 1929, p.67)²⁵⁷.

²⁵⁶ “[...] quanto mais próximo de um movimento em direção a as mais repentinas e imprevisíveis tais mudanças presente tornou-se” (BERGER, 1976, p. 96).

²⁵⁷ Veblen tem travado uma guerra construtiva de emancipação contra a economia estática padronizados que se tornou tão perigoso em um continente com números cada vez maiores de estudantes clamando por

Apesar do livro não ter vendido muitas cópias, ele se tornou seminal e um livro básico para qualquer estudioso sobre a economia canadense.

The Fur Trade caught the attention of younger scholars at a moment when their dissatisfaction with constitutional and political history was most pronounced and when the Depression made the economic interpretation of the past seem more appropriate than the Britannic idealism of the previous generation. The sense of fatalism and determinism in Innis's economic history, moreover, suited the mood of the early thirties when people felt themselves at the mercy of overwhelming forces beyond their control (BERGER, 1976, p.97)²⁵⁸.

Para Innis, apesar da noção de que o Canadá ser dividido por cinco regiões, para ele havia uma tendência para a unidade baseada no sistema de rios e no Escudo canadense²⁵⁹, que explicava porque as diversas regiões eram unidas politicamente. A confederação em certo sentido era um reflexo político de uma coerência natural da América do norte.

A Grande Depressão de 1929, fortaleceu os historiadores e cientistas políticos, e economistas e fez com que todos os estudiosos se focassem nos fatores materiais da história em busca de soluções que englobassem todo o Canadá (Berger, 1976, p. 100). Mas com isso também veio um desejo de respostas rápidas e um favorecimento das ideias de centralizar o poder no governo.

Com esse aumento de prestígio, também cresceu a pressão para o cientista social sair da universidade e ir trabalhar no governo. Innis era um crítico dessas mudanças, assim como fora crítico de receber o diploma de graduação por causa do alistamento para a Primeira Guerra Mundial. Os acadêmicos para Innis deveriam se isolar das pressões do presente e manter os padrões acadêmicos.

livros sobre teoria econômica final. Ele tentou descrever a economia da mudança dinâmica e elaborar uma teoria não só da dinâmica mas de cyclonics [...] O conflito entre a economia de um país longo e altamente industrializado, como a Inglaterra e a economia dos países recentemente novos empréstimos e vão se tornar menos graves como a teoria da cyclonics é trabalhada. (INNIS, 1929, p.67)

²⁵⁸ The Fur Trade chamou a atenção dos estudiosos mais jovens no momento em que a suas insatisfações com a história constitucional e política foi mais pronunciada e quando a Grande Depressão fez a interpretação econômica do passado parecerem ser mais apropriadas do que o idealismo britânico da geração anterior. A sensação de fatalismo e o determinismo na história econômica de Innis, além disso, era adequada ao clima do início dos anos trinta, quando as pessoas sentiam-se à mercê de forças além de seu controle esmagadora (BERGER, 1976, p.97).

²⁵⁹ Escudo canadense é uma grande área geológica do Canadá rica em diferentes tipos de rochas magmáticas e que ocupa quase metade do território canadense englobando as províncias de Saskatchewan, Manitoba, Ontário e Québec, bem como a maior parte do Labrador, mas é rica em rios e baías.

No período pós-guerra o declínio da expansão da economia do trigo, a insegurança dos mercados europeus e teve como contraposição o crescimento das indústrias do papel, polpa e mineração, e o a crescente importância do mercado e capital americanos combinaram para o enfraquecendo o St. Lawrence como fator centralizador no sistema canadense, deixando o Canadá a mercê dos Estados Unidos.

These new staple resources were under provincial jurisdictions and the results were uneven development and complications of political control. 'The extension of the American empire, the decline of its natural resources, and the emergence of metropolitan areas, supported capitalist expansion in Canada and reinforced the trend to regionalism/ he wrote in 1937. (BERGER, 102-103)²⁶⁰.

Innis não trazia soluções para mudar esse cenário, segundo Berger, Innis parecia estar mais impressionado com todas as forças envolvidas nesse sistema (1976, p. 103). Ele combateu as centralizações de qualquer tipo, mas havia uma ironia nisso. Pois, Innis estava cada vez mais sendo visto como um líder quando o assunto era economia do Canadá, dessa forma, exercendo certo tipo de centralização.

Ninguém fora Innis tinha analisado e revelado tanto as tendências históricas que levaram a unidade do Canadá e o monopólio de suas instituições, mas ao mesmo tempo ele era totalmente contrário a essa tendência. (BERGER, 1976, p. 103)

Com *The Fur Trade in Canada*, relacionou em um mesmo sistema o estudo dos *commodities* para explicar a história do Canadá. Segundo Creighton (1978, p. 74), Innis estava ansioso em aplicar o seu método em outras indústrias, regiões e períodos históricos e agora ele começava a focar os seus estudos sobre o comércio no Norte Atlântico.

E para aprofundar o seu conhecimento em uma área que ele já tinha interesse eram necessários novas viagens para conhecer os lugares e as pessoas. A viagem de Junho de 1930 para Newfoundland e Labrador o colocaram em mais uma área de pesquisa. No mesmo ano foi publicado o primeiro ensaio sobre pesca “The Rise and Fall of the Spanish Fishery in Newfoundland” (1930) e outro artigo em 1931 “An Introduction to the Economic History of the Maritimes (including Newfoundland and New England)” (CREIGHTON, 1978, p. 74). Na última década em passou desenvolvendo o seu *approach* para a história econômica canadense e provendo a este método com

²⁶⁰ Esses novos recursos básicos estavam sob jurisdições provinciais e os resultados foram um desenvolvimento desigual e complicações de controle político. 'A extensão do império americano, o declínio de seus recursos naturais, eo surgimento de áreas metropolitanas, com o apoio de expansão capitalista no Canadá e reforçou a tendência ao regionalismo” ele escreveu em 1937 (BERGER, 102-103).

validade e valor, agora ele o estava aplicando a mesma aproximação para outros mercados e aprofundando as suas relações.

Seu prestígio estava em ascensão assim como a política econômica perante a sociedade. Na universidade o departamento de Innis também estava se tornando um dos mais importantes na universidade e uma rápida expansão estava em percurso.

Primeiro com a entrada de C. R. Fay que havia sido contratado para cinco anos, mas permaneceu na universidade até 1931. Depois com C. A. Ashley, L. T. Morgan, J. F. Parkinson, e Irene Biss. E dois juniores que foram alunos de Innis, D. C. MacGregor e A. F. W. Plumptre

Seu prestígio também cresceu com a sua participação nos conselhos do departamento, assim como nas políticas da universidade como um todo. Ao ponto dele ser apontado pela universidade para indicar um professor para o novo curso em geografia da universidade.

Ele era tolerante e tranquilo, mas podia ser muito teimoso e obstinado para defender o seu ponto de vista. (CREIGHTON, 1978, p. 77). A vida no departamento não era fácil e cada vez mais estava acontecendo também um tipo de cooperação para além do departamento, uma cooperação entre economistas e cientistas políticos no Canadá como um todo. E essa cooperação começava a dar os seus primeiros passos com a criação de várias associações e comissões.

Em 1929, a *Canadian Political Science Association*, voltaria a ser reorganizada e Innis apresentou em Maio de 1931 o artigo “Transportation as a Factor in Canadian Economic History”. As associações nacionais eram fruto de uma nova cooperação entre economistas, historiadores e cientistas políticos e um dos objetivos das associações era fomentar a produção de livros e séries de livros sobre o desenvolvimento do Canadá.

Com o aumento da força da *canadian scholarship* em história e ciências sociais, os acadêmicos canadenses começaram a pressionar as fundações americanas para que estas também dessem suporte financeiro para pesquisa canadense, o que começou a acontecer pouco a pouco.

O primeiro projeto foi o *Canadian Frontiers of Settlement*, editado por W. A. Mackintosh, amigo de Innis da Queen’s University. O segundo projeto, ainda mais abrangente, foi uma série de livros financiada pela *Carnegie Endowment for International Peace* e editado por James T. Shotwell, sob um título geral de *The Relations of Canada and the United States*. Innis obviamente ajudou e fez parte dos dois

projetos. Para Creighton, Innis foi duro na sua edição, pois não queria que os americanos escrevessem sobre o Canadá. Os canadenses deveriam tomar o projeto para si ainda mais agora que o sentido de unidade corporativa entre os estudiosos estava crescendo (1978, p. 79-80).

Essas novas publicações demonstravam o clima do período após a crise de 1929 e o prestígio adquirido pelo cientista social. Para Innis, o cientista social deveria ter mais responsabilidade e consciência em uma sociedade que enfrentava dificuldades, assim como tomar cuidado com os economistas messiânicos e que “that any exposition by any economist which explains the problems and their solutions with perfect clarity is certainly wrong.” (INNIS *apud* CREIGHTON, 1978, p. 83)²⁶¹.

As soluções deveriam ser planejadas e com cautela com reformas políticas e com uma análise das interrelações na economia nacional como um todo. Mais do que as soluções, era preciso primeiro compreender as origens da depressão. (Creighton, 1978, p. 83-84) e que no seu caso envolviam uma combinação de pesquisa de campo e estudo de documentos.

A aliviação da depressão apareceu no seu prefácio do livro *Problems of Staple Production in Canada* (1933) e também era o tema principal de *The Canadian Economy and its Problems* (1934), que ele editou com A. F. W. Plumptre. Nas análises mais econômicas Innis mantinha a sua inclinação para um tratamento mais histórico, até mesmo quando o problema eram taxas e impostos. Ele preferia uma ênfase em uma política nacional em sentido amplo do que uma solução fiscal muito restrita. (Creighton, 1978, p. 89)

Os anos de 1934 e 1935, trouxeram pra Innis mais reconhecimento e honrarias. Ele se tornou membro da *Royal Society of Canada* e agora estava ficando cada vez mais aparente que Innis seria o sucessor de Urwick como chefe do departamento de economia política da Universidade de Toronto (CREIGHTON, 1978, p. 89).

Por anos o *Canadian Historical Review* foi a revista que Innis preferia publicar devido aos interesses relacionados, mas agora surgia uma nova revista. Em Fevereiro de 1935 a revista *Canadian Journal of Economics and Political Science* surgiu e em abril nas comemorações do seu início os editores Vincent Bladen e Innis foram homenageados. (CREIGHTON, 1978, p. 90). No primeiro número da publicação apareceu

²⁶¹ “[...] que qualquer exposição por qualquer economista que explica os problemas e suas soluções com perfeita clareza é certamente errada.” (INNIS *apud* CREIGHTON, 1978, p. 83)

o artigo de E. J. Urwick, diretor do departamento de Innis com o artigo “The Role of Intelligence in the Social Process” (1935).

Urwick negava a possibilidade de objetividade nas ciências sociais, pois o ser humano era indeterminado e dessa forma qualquer tentativa de cientificidade nas ciências sociais era fadada ao fracasso. Innis certamente sabia das limitações e fraquezas das ciências sociais. Ele dizia que os cientistas sociais não eram imunes ao mundo e imunes ao problema dos viéses. O problema era quando estes estudiosos começavam a trabalhar para empresas, governo ou igreja, sofrendo as pressões destes setores, aí estava o maior dos perigos para um enviesamento da ciência.

Innis direcionou sua crítica em *The Role of Intelligence: Some Further Notes* (1935) dizendo que a pesquisa científica era possível se não fosse enfatizada apenas no indivíduo isolado, mas sim na “sedimentação da experiência”. Onde era possível analisar a sedimentação da experiência? Nas instituições. Os hábitos e viéses de várias pessoas eram reforçados e transferidos para a tendência acumulada das instituições.

The innumerable difficulties of the social scientist are paradoxically his only salvation. Since the social scientist cannot be "scientific" or "objective" because of the contradiction in terms, he can learn of his numerous limitations. The 'sediment of experience' provides the basis for scientific investigation. The never-ending shell of life suggested in the persistent character of bias provides possibilities of intensive study of the limitations of life and its probable direction. . . . The habits or biases of individuals which permit prediction are reinforced in the cumulative bias of institutions and constitute the chief interest of the social scientist. (INNIS, 1935, p. 283)²⁶²

Mas a discussão não acabou com este artigo. Alguns meses depois Innis se deparou do que poderia ser chamado de “[...] in essence a political version of Urwick's case.” (CREIGHTON, 1978, p. 91)²⁶³.

No encontro anual da *Canadian Political Science Association* em Maio de 1935, o historiador da Universidade de Toronto, F. H. Underhill apresentou “The Conception of a National Interest”. Underhill declarou que deveríamos declarar abertamente nossas posições políticas uma vez que não podemos ser neutros. Com isso ele estava expressando o seu apoio como membro fundador do *League for Social Reconstruction*,

²⁶² As inúmeras dificuldades do cientista social são, paradoxalmente, sua única salvação. Desde que o cientista social não pode ser "científica" ou "objetivo" por causa da contradição em termos, ele pode aprender de suas numerosas limitações. O “sedimentos da experiência” fornece a base para a investigação científica. O escudo interminável de vida sugerido no caráter persistente de viés fornece possibilidades de estudo intensivo das limitações da vida e sua direção provável. [...] Os hábitos ou viéses dos indivíduos que permitem a previsão são reforçadas no viés cumulativo de instituições e constituem o principal interesse do cientista social. (INNIS, 1935, p. 283)

²⁶³ “[...] em essência uma versão política do caso de Urwick.” (CREIGHTON, 1978, p. 91)

um pequeno círculo de intelectuais socialistas que surgiu justamente por causa da grande depressão. Sua posição era uma crítica a aqueles que não declaravam sua fé e seus interesses, e que a sociedade era baseada na luta de classes sendo a crise de 1929 uma crise do capitalismo (ibid.).

Ele afirmou que a pretensão de imparcialidade científica deveria ser abandonada e uma posição definitiva tomada por causa da justiça social (CREIGHTON, 1978, p. 92). Innis sabia que o argumento de Urwick era um sólido argumento filosófico, mas o de Underhill era um argumento partidário. Innis detestava a ideia de pregação política, em detrimento de análise aprofundada sobre os problemas reais da economia do Canadá. Creighton relata:

The weakness of the social sciences in Canada, [he wrote to one correspondent] and the aggressiveness of a new party looking about for any substance which it may devour involve the breaking and the aggressiveness of a new party looking about for any substance which it may devour involve the breaking down of our intellectual position. Whatever may be said about the old parties, there has never been the flagrant attempt to prostitute intellectual interest which has characterized the recent arrival. [...] I cannot conceive how anyone can have solved the problem of the Canadian economy and become so convinced of his solution as to start preaching and to berate those of us who are trying to do a decent job in our own way. There is much to be said for the Marxian approach to Canadian history, but not sufficient to support absolute certainty. Intellectual honesty and curiosity demand fresh interpretations and not the same interpretation. [...] The country is full of so-called leaders always anxious to seize upon anything which has the ring of truth in it and a thoroughly sound and scholarly piece of work will be taken up by all parties and make far more advance than years of preaching. We suffer from a plethora of preachers and a scarcity of intellectual effort. [...] But I am becoming weary of preaching against preaching [...] (INNIS *apud* CREIGHTON, 1978, p. 93)²⁶⁴

Em 1935, em “Discussion in the Social Sciences”, Innis fez uma defesa aberta à tradição acadêmica canadense contra o clamor da depressão. Ele começou a tomar

²⁶⁴ A fraqueza das ciências sociais no Canadá, [escreveu a um correspondente] e a agressividade de um novo partido que olha sobre para qualquer substância que possa tragar envolvem a quebra ea agressividade de um novo partido que olha sobre para qualquer substância que ele pode devorar envolvem a quebra de nossa posição intelectual. Qualquer que seja pode ser dito sobre os velhos partidos, nunca houve a tentativa flagrante a prostituir interesse intelectual que tem caracterizado a chegada recente. [...] Eu não posso conceber como alguém pode ter resolvido o problema da economia canadense e se tornou tão convencido de sua solução como começar a pregar e para repreender aqueles de nós que estão tentando fazer um trabalho decente em nosso próprio caminho. Há muito a ser dito sobre a abordagem marxista da história canadense, mas não suficiente para suportar certeza absoluta. A honestidade intelectual e curiosidade exigem novas interpretações e não a mesma interpretação. [...] O país está cheio dos chamados líderes sempre ansiosos para apoderar-se qualquer coisa que tem o anel de verdade e uma peça completamente som e erudita de trabalho serão ocupados por todas as partes e fazer muito mais antecedência do que anos de pregação. Sofremos de uma infinidade de pregadores e uma escassez de esforço intelectual. [...] Mas eu estou me tornando cansado de pregar contra a pregação [...] (Innis *apud* Creighton, 1978, p. 93)

posições contrárias a ideia de liberdade de expressão que ele chamava de “tyranny of talk” (INNIS, 1936, p. 406)²⁶⁵.

The travelling comedians who masquerade as economists and prophets have fortunately done much to displace the meaningless outbursts of eloquence which delighted our fathers by at least a form of entertainment more suited to the taste of the present generation. (INNIS, 1936, p. 406)²⁶⁶.

Ele estava cansado da opinião vazia, pelo simples fato da opinião sem as bases necessárias, falando enquanto profetas a fim de resolver todos os problemas como um passo de mágica era uma atitude impopular e até seus amigos torceram o nariz para sua opinião.

Em julho de 1936, ele foi apontado como professor de Economia Política e seu trabalho sobre as minas finalmente foi publicado *Settlement and the Mining Frontier* (1936).

Em relação ao projeto *The Relations of Canada and the United States*, Innis acabou participando da primeira conferência e depois ele acabou se tornando o principal responsável sobre a parte que interessava ao Canadá. Ele que negociava com o editor Shotwell e com os financiadores do projeto e acabou escrevendo o prefácio para quatro volumes (HEYER, 2003, p. 18). Mas ainda faltava muito para os seus estudos sobre o comércio de pesca e de bacalhau encontrarem publicação.

Ele também continuou as suas homenagens a grandes exploradores do Canadá com a edição do *The Diary of Alexander James McPhail* que seria publicada em 1940 sobre o líder das cooperativas de compradores de grãos durante os dias dos triunfos e colapso final da *Central Sales Agency*.

Innis também estava fazendo resenhas de dúzias de livros agora. Se Innis começava a diminuir o ritmo das viagens, ele compensava lendo livros de seus colegas sobre as regiões e indústrias e escrevendo resenhas para os livros. E também introduções como *The Dairy Industry in Canada* (1940) e *Labour in Canadian-American Relations* (1937).

No inverno de 1937, ele teve um colapso nervoso e passou quase todo o mês de março na cama. Em Julho ele já estava recuperado chegou ao topo da carreira acadêmica na universidade. E. J. Urwick se aposentou da vida acadêmica e Innis foi

²⁶⁵ “tirania da fala” (INNIS, 1936, p. 406).

²⁶⁶ Os comediantes de viagem que se mascararam como economistas e profetas tem felizmente feito muito para deslocar as explosões sem sentido de eloquência que deliciaram os nossos pais, pelo menos, uma forma de entretenimento mais adequado para o gosto da geração atual. (INNIS, 1936, p. 406)

apontado para ser diretor do departamento de economia política na Universidade de Toronto. (CREIGHTON, 1978, p. 95). Não sem antes ameaçar se demitir novamente.

Segundo Creighton, a carreira de Innis poderia ser dividida em períodos de dez anos começando, na década de 1920, com a tese *The History of Canadian Pacific Railway* para a Universidade de Chicago, seguido na década de 1930 com o grande trabalho *The Fur Trade in Canada* e na década de 1940, Innis lançou mais um grande volume *Cod Fisheries: The History of an International Economy*. (CREIGHTON, 1978, p. 96). Mas isso não significa que Innis só se interessou pelo comércio de pesca nos anos 30, assim como pode ser considerado que os seus trabalhos da última década foram exclusivos sobre comunicação, e que seu interesse pela comunicação começou apenas nos anos 40. Ainda assim há um processo histórico no seu desenvolvimento Heyer (2003, p. 17)

In the 1920s, he had sought to develop a curriculum appropriate to the way he conceived political economy. In the 1930s, with that largely accomplished, he explored various branch lines of his staples research—mining, lumber, and pulp and paper. He regularly lent his expertise to various government committees and began to assume the role of a public intellectual. Travel was also on the agenda.²⁶⁷

E o fim das décadas também eram contextualmente complicadas.

In 1919, while Innis was toiling over the first chapters of his thesis, the post-war world of the Paris Peace Treaties was just beginning its brief, uneasy career. In 1929, at a time when the stock market crash was slowly deepening into the great depression, the last revision of the *Fur Trade in Canada* had just got nicely under way. And in 1939, while Innis was putting the final touches to the vast, complex manuscript of the *Cod Fisheries*, the war, which was to affect the university world as profoundly as it affected everything else, had just broken out. (CREIGHTON, 1978, p. 97)²⁶⁸.

Os anos de incerta paz cresciam e a tendência de uma nova catástrofe estava no horizonte. Innis já era uma autoridade por todo o Canadá e agora estava se transformado no diretor de departamento e um estudante de assuntos mundiais. Seu trabalho agora era

²⁶⁷ Na década de 1920, ele havia procurado desenvolver um currículo apropriado para a forma como ele concebia a economia política. Na década de 1930, com isso em grande parte realizado, ele explorou várias linhas de sua pesquisa de commodities - mineração, madeiras, de celulose e papel. Ele emprestou regularmente sua experiência para vários comitês do governo e começou a assumir o papel de um intelectual público. Viagens também estava na agenda. (HEYER, 2003, p. 17)

²⁶⁸ Em 1919, enquanto Innis estava trabalhando ao longo dos primeiros capítulos de sua tese, o mundo do pós-guerra dos Tratados de Paz de Paris estava apenas começando sua breve, carreira desconfortável. Em 1929, num momento em que o crash da bolsa foi lentamente aprofundando na grande depressão, a última revisão do *Fur Trade in Canada* tinha acabado de chegar bem em andamento. E em 1939, enquanto que Innis estava dando os retoques finais para a grande manuscrito, complexo de *Cod Fisheries*, a guerra, o que era para afetar o mundo universitário tão profundamente como isso afetou tudo, tinha acabado de iniciar. (CREIGHTON, 1978, p. 97)

mais amplo em alcance no espaço e também mais amplo no tempo. Uma investigação fundações econômicas da cultura através de uma longa sucessão de civilizações.

Innis continuava incentivando a academia e como ele se tornou o novo diretor do departamento no lugar de Urwick, Innis fez uma homenagem a ele (*Essays in Political Economy in Honour of E. J. Urwick* em 1938) e a Jackman (*Essays in Transportation in Honour of W. T. Jackman*, em 1941) pelos seus trabalhos ao departamento, dando então voz ao passado de estudos importantes e densos, como uma forma de contraposição com o que acontecia no mercado e governo e que estava invadindo a universidade.

Em 1938, também faria 50 anos desde que Sir William Ashley discursou a aula inaugural do departamento. E Innis decidiu fazer uma grande comemoração com uma série de aulas públicas de professores do Canadá do passado e do presente em sua homenagem. Entre as homenagens estava a de Innis a Stephen Leacock.

O breve período de paz estava acabando enquanto aumentava a tensão de uma futura Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo Innis e seus colegas e estudantes finalizavam mais uma série de livros sobre a economia canadense e mundial que estava prestes a entrar em uma nova reviravolta.

Em 1938, Innis escreveu a introdução para o livro *History of Transportation in Canada* de G. P. de T. Glazebrook, depois o prefácio editorial *The North American Assault on the Canadian Forest* de A. R. M. Lower e os últimos volumes da série *Canadian Frontiers of Settlement* foram publicados e os últimos estudos de *Relations of Canada and the United States* estavam prestes a serem impressos. (Creighton, 1978, p. 99)

O manuscrito para o *Cod Fisheries: The History of an International Economy* foi enviado para seu editor, em 1937. Seu estilo era difícil, altamente condensado, extremamente elíptico e obscuro.

Long, none too obviously relevant quotations and big chunks of statistics were inserted, in a solidly unassimilated form, in the middle of his text. The steps which had led him from the immense detail of his evidence to the grand, sweeping generalizations of his conclusion were often most imperfectly indicated; and there were huge excrescences in the material and gaps and discontinuities in the argument which might only too easily bewilder and exasperate a reader. (CREIGHTON, 1978, p. 101)²⁶⁹.

²⁶⁹ Longo, nenhuma citação muito óbvia e relevante e grandes pedaços de estatísticas foram inseridos, de forma solidamente não assimilada, no meio de seu texto. Os passos que o levaram a partir do imenso detalhe de sua evidência para os grandes, generalizações de sua conclusão muitas vezes eram mais imperfeitamente indicado, e houve enormes excrescências no material e falhas e descontinuidades no argumento de que só poderia facilmente confundir e exasperar um leitor. (CREIGHTON, 1978, p. 101)

Segundo Creighton (ibid.), Innis não deu o cuidado devido para arrumar o manuscrito e por indicação do seu editor um assistente foi designado para ajudá-lo.

Innis se tornou presidente da *Canadian Political Science Association* imediatamente antes do seu apontamento como diretor do departamento e em Maio, 1938, apresentou seu discurso presidencial “The Penetrative Powers of the Price System”.

O artigo colocava em relação às implicações da teoria econômica com o seus estudos históricos. Seus trabalhos anteriores, principalmente sobre o mercado de pele, ele demonstrou a importância da tecnologia como um fator na mudança econômica, nesse sentido ele apresenta uma análise do significado histórico do sistema de preço, algo que havia ficado restrito as análises quantitativas. “It was another, and an impressive, illustration of the essential independence of Innis’s thought” (CREIGHTON, 1978, p. 102)²⁷⁰.

Enquanto a maior parte dos economistas partia de sistemas já consagrados como Karl Marx e John Maynard Keynes, as especulações eram próprias de Innis. Era uma forma dele criticar os monopólios e as ditaduras na teoria histórica e econômica.

I keep coming back [he wrote later to Joseph Willits of the Rockefeller Foundation] to my own particular interests in what I laughingly call ‘research’, namely the persistent tendency in the field of knowledge and in the social sciences to build up monopoly or oligopoly situations. The literature builds up around the name of Keynes or Marx or someone else and everything else is dropped. A situation responsible for these tendencies is dangerous and comes a little short of dictatorship. [...] What I am wondering about is whether we can reach a position in which there is continuous discussion of vital problems. Problems cease when they become unmanageable or monopolies. [...] (CREIGHTON, 1978, p. 103)²⁷¹

Segundo Creighton (1978, p. 103), Innis havia se tornado “the greatest Canadian national historian”²⁷². Os nacionalistas eram orgulhosos do princípio “norte americanismo”, de que os canadenses, assim como os americanos, lutaram contra o imperialismo europeu. Para estes a briga do Canadá era para conseguir autonomia

²⁷⁰ "Foi mais um, e um impressionante ilustração da independência essencial do pensamento de Innis". (CREIGHTON, 1978, p. 102).

²⁷¹ Eu fico voltando [escreveu ele mais tarde a José Willits, da Fundação Rockefeller] para os meus próprios interesses particulares no que eu rindo chamo de ‘pesquisa’, nomeadamente, a tendência persistente no campo do conhecimento e nas ciências sociais para construir monopólio ou situações de oligopólio. A literatura constrói-se em torno do nome de Keynes ou Marx ou de outra pessoa e tudo o resto é descartado. Uma situação responsável por essas tendências é perigoso e vem um pouco aquém da ditadura. [...] O que eu estou querendo saber é se podemos chegar a uma situação em que há uma discussão contínua dos problemas vitais. Problemas cessam quando eles se tornam incontroláveis ou monopólios. [...] (CREIGHTON, 1978, p. 103)

²⁷² “[...] o maior historiador nacional canadense” (CREIGHTON, 1978, p. 103)

dentro do império inglês assim como a manutenção de existência política na América do Norte. Havia uma disputa entre a nacionalidade dita canadense e o império inglês.

No livro *The Fur Trade in Canada e Cod Fisheries*, desconstruíram as bases das teses comuns aplicadas pelos historiadores do Canadá. *The Fur Trade in Canada* acabou com a concepção de que o continente norte americano como uma unidade geográfica não dividida e *Cod Fisheries* invalidava a noção de isolamento da América do Norte em relação à Europa.

Innis conceived of the new continent as inevitably and inextricably bound up with the political conflicts, the economic rivalries, the cultural crosscurrents of West European-American civilization as a whole. He believed that Canada in particular had been deeply dependent upon the markets, political power, and military assistance of Europe, precisely because Canada had been determined to maintain, as the real essence of its being, a separate and competitive position in North America. The Dominion—it was the great discovery upon which the whole argument of his Fur Trade was based— (CREIGHTON, 1978, p. 105)²⁷³.

Em *The Cod Fisheries* (1940), o autor explora o comércio de peixes, em especial o bacalhau. Em 1931, ele já publicaria artigo sobre as tentativas européias de estabelecer uma indústria pesqueira em uma área com abundância de bacalhau. Mas mesmo com a abundância as rivalidades foram inevitáveis. Uma disputa pelo mercado de pesca entre Espanha, Grã Bretanha, Irlanda e França que chegou até as agressões militares. Innis lidava agora com um cenário mais amplo sobre disputas internacionais com o comércio canadense no centro destas.

Assim que Innis terminou outro grande volume sobre a historia econômica do canadense o Canadá declarou guerra a Alemanha e Innis não queria obviamente a guerra. Ele via a guerra sempre pelo olhar do soldado e sua filosofia individual o fez um céptico e crítico contra o poder e a autoridade até mesmo em tempos de paz.

Innis não queria que os acadêmicos trabalhassem para o governo, pois eles esvaziavam a universidade. E se a guerra significava algo pra Innis, era uma defesa da universidade e a tradição acadêmica, pois estas eram vitais para a civilização ocidental.

²⁷³ Innis concebeu o novo continente como inevitável e intrinsecamente ligado aos conflitos políticos, as rivalidades econômicas, as correntes culturais cruzadas da civilização ocidental euro-americana como um todo. Ele acreditava que o Canadá, em particular, tinha sido profundamente dependente dos mercados, do poder político, e da assistência militar da Europa, precisamente porque o Canadá tinha sido determinado a manter, como a verdadeira essência do seu ser, uma posição separada e competitiva na América do Norte. O Domínio - foi a grande descoberta sobre a qual todo o argumento de seu *Fur Trade* foi baseada. (CREIGHTON, 1978, p. 105).

A preservação dessa herança, e que a universidade devia estar pronta para aqueles que voltassem na guerra. A universidade não deveria baixar o seu nível em períodos de guerra e a comunidade universitária deveria ser mantida, intacta com todo o seu vigor e vitalidade. Eles deviam isso a sociedade. Innis se tornaria um dos maiores defensores da tradição universitária no Canadá.

Os professores deveriam manter os padrões acadêmicos e a liberdade acadêmica e sem interrupção ou interferência. E isso valia para Innis até para aqueles com quem ele não concordava. F. H. Underhill criticou a universidade e o governo durante o período de guerra e pediram que ele se demitisse Innis o defendeu ameaçando a universidade com a sua demissão, mesmo não concordando com os argumentos Underhill (HEYER, 2003, p. 19).

Em fevereiro de 1940, *Cod Fisheries* foi finalmente publicado depois das inúmeras revisões. A partir de 1940, Innis começou a se dedicar a estudar ainda mais os jornais, a indústria do papel de jornal, o jornalismo e a publicidade. Era um assunto que já interessava Innis há anos, desde as suas visitas a fábricas de celulose e papel e era um estágio derivado do comércio de madeira. O comércio de madeira e todos os seus derivados foram por gerações um dos principais materiais básicos de comércio do Canadá (CREIGHTON, 1978, p. 111).

O colega de Innis, A. R. M. Lower, já havia escrito em *North American Assault on the Canadian Forest* e em outros lugares também sobre as primeiras fases da história da madeira e de seus derivados. Innis, segundo Creighton (1978, p. 111) se concentrou nos estágios finais da história desse *commodity*.

Innis desde o projeto da *The Relations of Canada and the United States*, tinha o desejo de contribuir para o projeto com um volume dedicado exclusivamente sobre a indústria de papel e celulose canadense. Infelizmente não deu certo, mas agora com a publicação de *Cod Fisheries* o assunto ganhava cada vez mais importância.

O jornalismo e o jornal eram dois temas muito diferentes do que Innis estava acostumado, era um terreno novo e fértil para as suas investigações. Diferente dos outros *commodities*, pois os estágios mais avançados dessa indústria não aconteceram no Canadá como os que ele havia analisado anteriormente, mas na Grã Bretanha e nos Estados Unidos.

Ele começou a ler grandes quantidades de monografias, memórias, biografias, autobiografias sobre papel, processo de impressão e jornalismo, comércio de livros,

censura e publicidade. Não demorou muito e em 1942 Innis publicaria “The Newspaper in Economic Development” e já havia chegado a conclusão de que a imprensa, havia tido uma extrema e potente influência na mudança econômica e social. Seu artigo rastreava as conseqüências expansivas dos principais desenvolvimentos no processo de fabricação do papel e de impressão durante a era industrial.

Mas antes existiam os períodos pré-industriais, ou seja, antes do jornal e do livro Innis se interessou em analisar os vestígios de outras formas de comunicação e antes da civilização Européia ocidental e América, buscando localizar essas formas nos antigos impérios que desapareceram.

No Canadá e nos Estados Unidos, durante o início dos anos 1940 ele viu o surgimento de novas organizações acadêmicas para o avanço das ciências sociais. A fundação da *Economic History Association* e a primeira aparição do *Journal of Economic History* asseguraram a continuidade e a expansão dos estudos que Innis estava relacionado. Os dois eram projetos americanos, mas que Innis participou ativamente no planejamento, se tornando até o segundo presidente da associação (HEYER, 2003, p. 30). Além desses, ele também participou ativamente de diversos outros conselhos e associações. Uma delas a *Committee on Research in Economic History* que havia sido financiada pela *Social Science Research Council* dos Estados Unidos. Estes inúmeros associações e comitês o fizeram entrar em contato com grande número de importantes estudiosos americanos.

Mas o Canadá estava em situação muito pior, não havia ainda comitês e instituições dedicadas a apoiar e financiar pesquisas como nos Estados Unidos como a *Rockefeller Foundation* e *Carnegie Corporation*.

In the United States, organizations such as the Social Science Research Council, the Rockefeller Foundation and the Carnegie Corporation had all been actively engaged for some time in the encouragement and support of scholarship. But no comparable bodies, and no comparable sources of funds, existed in Canada (CREIGHTON, 1978, p. 113)²⁷⁴.

No Canadá, a *The Canadian Institute of International Affairs* financiou o livro *Canadian Economy and its Problems*, que Innis e Plumtre editaram. Já os investimentos em pesquisa nas universidades eram ocasionais e geralmente

²⁷⁴ Nos Estados Unidos, organizações como a Social Science Research Council, a Fundação Rockefeller e Carnegie Corporation tinham sido ativamente engajadas há algum tempo no estímulo e apoio de bolsa de estudos. Mas nenhum corpo institucional comparável, e nem fontes comparáveis de fundos, existiam no Canadá. (CREIGHTON, 1978, p. 113)

direcionados aos membros do seu próprio grupo administrativo. Com a ajuda de Innis e outros em Setembro de 1940, a *Canadian Social Science Research Council* veio a ser fundada. O conselho não tinha muitos poderes e não fez muita coisa no começo, até porque faltava muita pesquisa para saber quais eram os pontos fortes e fracos da pesquisa no Canadá.

Mas em 1943, a *Royal Society of Canada* propôs a formação de uma organização nacional similar, a *Humanities Research Council of Canada*. E no mesmo ano a *Rockefeller Foundation* deu um grande investimento para o novo conselho com o objetivo de financiar a pesquisa nas humanidades e os resultados apareceram dois anos depois em *The Humanities in Canada*. É muito significativo que essas novas organizações surgiram durante o período de guerra.

Em 1943, Innis recebeu uma carta do departamento de economia da Universidade de Chicago. Chester W. Wright que durante 25 anos havia lecionado história econômica para Innis em Chicago estava prestes a se aposentar. E agora Innis que já era diretor do departamento por seis anos, recebeu o convite para se mudar para a Universidade de Chicago. (CREIGHTON, 1978, p. 116; HEYER, 2003, p. 30)

Ele possivelmente teve outros convites anteriormente, mas até então nenhum com tanto prestígio. Ele agradeceu o convite e pediu mais informações sobre o posto oferecido e viajando em Dezembro para Chicago para discutir a posição. (CREIGHTON, 1978, p. 117)

A oferta dava carta branca para Innis desenvolver qualquer projeto que lhe interessasse, não precisando lecionar no departamento em Chicago. Mas mesmo com uma oferta como essa, ele pediu mais tempo para pensar. E alguns meses depois ele mandou uma carta recusando a proposta, apesar disso ele ainda receberia diversos outros convites da Universidade de Chicago.

Poucas justificativas condizentes são dadas para essa negativa, mas tudo indica que Innis estava envolvido em muitos projetos, comissões, e com um grande número de estudantes voltando da guerra para ir à universidade e que ele não os poderia abandonar. Para Creighton, (1978, p.118), Innis recusou a proposta por ser patriota. Outros autores questionaram esse nacionalismo na sua recusa de ir para Chicago.

He was a Canadian. He had struck thick and deep roots in the Canadian scene. His previous research had lain chiefly in Canadian history. His friends,

his interests, his influence, his authority, were all Canadian. (CREIGHTON, 1978, p. 118)²⁷⁵

A Universidade de Toronto também estava prestes a passar por uma grande transformação. O novo presidente da universidade era Sidney Smith, um apaixonado por educação e na mesma faixa etária de Innis, queria mudar muitas coisas. E nesse projeto de expansão e mudança, Innis foi chamado para o pequeno grupo de planejamento, reorganização e expansão. E menos de oito meses após a ascensão de Smith, Innis foi apontado como presidente de um comitê para reestruturar a pós-graduação da universidade (CREIGHTON, 1978, p. 119-120).

Ele havia chegado ao auge de autoridade em uma universidade canadense. Seus estudos estavam levando-o para além da América do norte e mais para uma atitude de distanciamento crítico em relação à civilização norte-americana (CREIGHTON, 1978, p. 120).

Ele começou a ficar cada vez mais crítico da “present-mindedness” e especialização da economia moderna. No centro dos seus estudos sobre a comunicação, colocaram-o o problema de compreender as interrelações da comunicação com a política, economia e religião, ao longo da história e ao longo de todo o mundo.

Até o fim da guerra, ele deixou de ser espiritualmente um norte americano. E por uma coincidência ele começou a viajar para além dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. No fim de maio de 1945, Innis recebeu um convite da Embaixada Soviética em Ottawa para viajar até a União Soviética para a celebração do 220º aniversário da *Academy of Sciences of the U.S.S.R* em Moscou e Leningrado. A viagem de Innis, em conjunto com uma comissão, tinha o objetivo de espionar sobre os Russos. Para Innis, a viagem em primeiro lugar tinha o objetivo de observar a experiência dos Russos no desenvolvimento do norte ártico e aproximar essas experiências com o Canadá sem o clima de hostilidade que existia entre russos e americanos (CREIGHTON, 1978, p. 121).

The whole venture [he wrote to Anne Bezanson] was a tremendous shock to me.... It may seem ridiculous to think that Marx should be used to open up Russia to the industrial techniques of the West, but so it seems. I have felt the necessity for a much broader approach in economic history and the very great danger of a very narrow approach such as we seem to get nothing else but. Somehow we must work out approaches in the social sciences which will include the Russian situation now that it has become part of the West. I think I learned a little about the necessity of being tolerant and to be a little

²⁷⁵ Ele era um canadense. Ele tinha raízes grossas e profundas na cena canadense. Sua pesquisa anterior tinha focado principalmente na história do Canadá. Seus amigos, seus interesses, sua influência, a sua autoridade, eram todos canadenses. (CREIGHTON, 1978, p. 118)

humiliated that I knew almost nothing about the situation. [...](CREIGHTON, 1978, p. 122)²⁷⁶

Ele queria manter os dois países em contato. E uma forma de manter esse contato era através da ciência. Ele viu uma conexão entre a economia política e comunicação que seria válida para ajudar a entender o mundo moderno. A experiência da viagem aumentou o campo de visão de Innis e uma maior abrangência do seu trabalho começava a se definir. Ele sentiu como raramente sentiu no passado, algo de importante imediato que deveria ser comunicada (HEYER, 2003, p. 32).

Durante a viagem, Innis escreveu um diário “Russian Diary” (1945) e publicado posteriormente como *Innis on Russia* (1981), Além de vários comentários publicados no jornal *Financial Post* e ainda durante o inverno de 1945-1946, ele falou repetidamente para diversos grupos sobre as suas experiências na união soviética (CREIGHTON, 1978, p. 123).

A guerra tinha acabado e tudo aquilo que estava previsto aconteceu. Uma nova geração de alunos novos inflou a universidade e Innis estava atolado em tarefas administrativas. Crítico das tendências populares na sua profissão em economia, e duvidoso e impaciente com os desenvolvimentos da vida universitária no Canadá (ibid.).

Entre Junho e Julho de 1946, ele lecionou por três semanas na Universidade de Chicago e novamente a oferta para se mudar para Chicago foi renovada e agora sem a necessidade de ficar atrelado a qualquer departamento, mas Innis agora negou a proposta definitivamente.

What academic could ask for more? Here was an opportunity to develop his newfound communications interest in any direction he might choose to take it. A pure scholar might have acquiesced immediately, but Innis had a multiplicity of other commitments in Canada, and they were mounting. (HEYER, 2003, p. 33)²⁷⁷

²⁷⁶ Todo o empreendimento [ele escreveu para Anne Bezanson] foi um tremendo choque para mim [...] Pode parecer ridículo pensar que Marx deve ser usado para abrir a Rússia para as técnicas industriais do Ocidente, mas assim parece. Eu senti a necessidade de uma abordagem muito mais ampla na história econômica eo grande perigo de uma abordagem muito estreita, como parece que estamos a obter senão outra coisa. De alguma forma, temos de exercer abordagens em ciências sociais que incluem a situação da Rússia, agora que ela se tornou parte do Ocidente. Acho que aprendi um pouco sobre a necessidade de ser tolerante e de ser um pouco humilhado que eu não sabia quase nada sobre a situação. [...] (CREIGHTON, 1978, p. 122)

²⁷⁷ Que acadêmico poderia pedir mais? Ali estava uma oportunidade para desenvolver o seu recente interesse em comunicações em qualquer direção que ele quisesse optar por tomá-lo. Um estudioso puro poderia ter concordado imediatamente, mas Innis teve uma multiplicidade de outros compromissos no Canadá, e eles estavam instalados. (HEYER, 2003, p. 33)

Em Maio de 1946, ele foi eleito presidente da *Royal Society of Canada* e um ano antes ele aceitou uma posição na *Royal Commission on Adult Education* na província de Manitoba. Innis estava muito interessado na organização que iria dar treinamento para novos professores e pesquisadores nos padrões da tradição universitária.

No mesmo ano, foi publicado *Political Economy in the Modern State* (1946) uma coletânea de apresentações e artigos escritos por Innis desde 1933. E com esse livro é possível ver o interesse nas comunicações emergindo dos seus estudos sobre história econômica.

Alguns autores chamaram a atenção que foi principalmente partir da última década que Innis começou a explorar os problemas da comunicação. Mas, os temas comunicacionais já estavam nos horizontes de Innis desde a muito tempo. No início, meios de comunicação e transporte se confundiam, mas com o tempo Innis foi aprimorando cada vez mais seu entendimento sobre os meios e desenvolvendo conceitos que só poderiam ser aplicados para as análises dos meios de comunicação.

Em “The Teaching of Economic History in Canada” (1929) já deixava claro que “Economists cannot pretend to an understanding of Canadian economic history without an adequate history of transportation.”²⁷⁸ e novamente o transporte ganhou grande atenção em 1931 “Transportation As a Factor in Canadian Economic History”. (HEYER, 2003, p. 18). Novamente instaura a importância do transporte para o Canadá como uma relação simbiótica com os *commodities* do Canadá.

Paul Heyer (2003, p. 15), diz “Given that in a large segment of the history he studied transportation was also the main means of communication, can we not see this as an anticipation of his later work in that field?”²⁷⁹ Meios de transporte e meios de comunicação não tinham como ser dissociados, pois até mesmo o telégrafo que rompia a relação entre transporte e mensagem necessitava das linhas férreas por causa da sua infraestrutura.

Em 1938, “The Lumber Trade in Canada” Innis relata que os maiores rios foram adaptados para o transporte de toras de madeira pelos rios. O industrialismo e o crescimento urbano fez a demanda por madeira explodir. Nos Estados Unidos a madeira encontrou destino fácil pelos rios e pelas estradas de ferro, fazendo com que a venda da

²⁷⁸ “Economistas não podem pretender uma compreensão da história econômica canadense sem uma adequada história do transporte”.(INNIS, 1929).

²⁷⁹ “Dado que em um grande segmento da história, ele estudou o transporte e era também o principal meio de comunicação, não podemos ver isso como uma antecipação de seu trabalho mais tarde, no campo?” (HEYER, 2003, p. 15)

madeira ser um dos commodities mais vendidos do Canadá durante décadas. Segundo Heyer (2003, p. 21), ainda não se tinha ideia de que a madeira era um recurso renovável, assim quando uma região era totalmente esgotada as serrarias eram abandonadas e o resultado eram cidades fantasmas, um caso típico de efeito ciclônicos.

Seguindo a trilha das ofertas e demandas da madeira ele se deparou com a influência dos jornais e da publicidade. Innis começou analisando o comércio de madeira no Canadá seguiu para a celulose, o papel e os seus estágios subseqüentes como os jornais, os livros, o jornalismo e a crescente importância da publicidade.

Como aponta Heyer, “The Teaching of Economic History in Canada” (1929) já apresentava a ligação entre a indústria de celulose e papel e o desenvolvimento da publicidade. “The rapid rise of advertising has been largely responsible for the development of the pulp and paper industry.” (HEYER, 2003, p. 16)²⁸⁰. Era típico de Innis um tipo de análise que apresentava a rede que explorou determinado *commodity* e suas conseqüências.

Durante anos, ele juntou informações e notas volumosas em um manuscrito hoje conhecido como *The Idea File of Harold Adams Innis*. William Christian tentou compilar esse grande conjunto de anotações que ele estaria coletando durante os seus últimos sete anos e que serviu como um banco de dados para vários artigos e até mesmo livros. (Heyer, 2003, p. 41). Um deles é o manuscrito “History of Communications” que teve início nos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial com mais de duas mil páginas e que está sendo editado atualmente por William J. Buxton.

Cod Fisheries (1940) foi o último livro completo que Innis escreveu. Os livros subseqüentes eram compilações de ensaios e palestras como *Political Economy in the Modern State* (1946), *Empire and Communications* (1950), *Bias of Communication* (1951), e *Changing Concepts of Time* (1952). Com tantas responsabilidades, tarefas administrativas e comissões do governo tudo indica que a sua escrita foi afetada diretamente, mas que também demonstram uma mente em processo, principalmente por lidar com um tema ainda não familiar como a comunicação, dessa forma não fugindo muito do próprio estilo de suas anotações do *Idea File*. Outro importante aspecto é que a saúde de Innis começava a se deteriorar, então a própria questão do tempo pode ter influenciado-o a publicar os textos desta forma. (HEYER, 2003, p. 60)

²⁸⁰ “O rápido aumento da publicidade tem sido largamente responsável pelo desenvolvimento da indústria de papel e polpa.” (HEYER, 2003, p. 16).

Em 1942, apareceu “The Newspaper in Economic Development,” e que seria publicado posteriormente no livro *Political Economy in the Modern State* (1947). Innis reconstrói a história de três séculos da evolução da imprensa em 42 páginas. A condensação é tão gritante que Heyer propõe que se os argumentos fossem contextualizados e detalhados a fim de possibilitar uma maior clareza seriam necessárias 300 páginas (2003, p. 36).

Segundo Heyer (2003, p. 36), Innis sabia que muitos autores já haviam escrito sobre a ênfase política da imprensa na história, principalmente no caso de existir uma imprensa livre ou não. Mas outros aspectos do meio interessava a ele, particularmente o poder da publicidade que cresceu com o desenvolvimento da *penny press* na primeira metade do século XIX. O desenvolvimento de tecnologias como o telégrafo foram ainda fundamentais para o estabelecimento de agências de notícias como a *Associated Press* e que começaram a desenvolver um monopólio do conhecimento, um conceito que ele dedicaria diversos artigos e livros discutindo.

Em junho de 1946, os administradores do *Beit Fund* da Universidade de Oxford convidaram Innis para lecionar seis palestras sobre qualquer assunto a partir do tema da história econômica do império inglês. Innis lecionou no verão de 1948 além de várias outras apresentações pela Inglaterra. Foi a partir dessas apresentações em Oxford que foi publicado *Empire and Communications* (1950)

No verão de 1947, Innis aceitou o convite da Universidade de Toronto e se tornou decano do reorganizado decanato de pós-graduação e trouxe um fim as negociações com Chicago. Não existia posição de mais prestígio para um acadêmico do que esta e Innis continuava a fortalecer a tradição acadêmica.

Ele ainda acumulava a chefia do departamento de economia política que era um dos mais populares da faculdade de artes. Innis nunca foi um bom administrador, mas era um bom planejador no direcionamento de recursos financeiros e pessoais para áreas que ele considerava importante para pesquisa. Innis acreditava que a universidade deveria ser gerenciada por professores e não por administradores profissionais. A administração da universidade assim como a pesquisa era parte do trabalho do professor.

Como administrador e decano, segundo Creighton (1978, p. 128), Innis era tolerante com as outras pessoas, simpático aos seus interesses e sensível aos seus direitos, e uma vez decidido dar-lhes alguma tarefa e responsabilidade, deixa as pessoas

a vontade sem interferência dos seus jeitos. Ele consultava seus colegas, mas as reuniões formais do departamento e as discussões intermináveis eram coisas que ele não gostava. Ele preferia lidar de forma individual com as pessoas do que em grandes grupos e com problemas particulares do que problemas abrangentes e administrativos (CREIGHTON, 1978, p. 128).

Innis não era considerado como um professor muito popular e eloqüente, mas suas aulas eram inspiradoras, pois eram baseadas nas suas pesquisas recentes, novas ideias, rascunhos de ensaios e capítulos de livros a serem publicados.

[...] the student must not be intimidated into some narrow, specialized inquiry, contracted in both time and space. He must go forward on a "broad approach", through some significant synthesis, towards the recovery of the unity of knowledge. (CREIGHTON, 1978, p. 130)²⁸¹

Innis se transformou em referência na defesa da tradição acadêmica e um estudioso respeitado e prestigiado. Alguns membros de agências e fundações internacionais até se referiam a ele como o "Innis do Canadá", sendo assim a principal referência acadêmica em todo o Canadá (CREIGHTON, 1978, p. 130). Seu círculo de amizade, como poderia se imaginar, era vasto e formado por políticos, servidores públicos, executivos de diversas cooperativas, estudantes e professores das mais diferentes disciplinas.

Durante os anos de 1947-1948, viajou para a Inglaterra depois da guerra, mas quando voltou ele estava ainda desconfiado das políticas dos Estados Unidos, que estavam aumentando a tensão da guerra fria, percebendo como a Grã Bretanha e o ocidente europeu estava posicionado como peças de um tabuleiro na disputa entre a Rússia e os Estados Unidos.

Innis estava cético de que o Canadá tinha poder de resistir a indústria da publicidade dos Estados Unidos e o seu imperialismo. E ele duvidava que existissem políticos em Ottawa que tinham interesse em fazer qualquer tentativa, ao contrário ele achava que os políticos estavam vendendo o país para os Estados Unidos. A viagem aumentou o seu horizonte e fortaleceu o seu ponto de vista. As apresentações feitas na Inglaterra serviram de termômetro para o seu trabalho recente sobre a importância dos meios de comunicação.

²⁸¹ [...] o estudante não deve se intimidar em alguns, a investigação especializada estreita, contratada no tempo e no espaço. Ele deve ir para a frente em uma "abordagem ampla", através de alguma síntese significativa, para a recuperação da unidade do conhecimento. (CREIGHTON, 1978, p. 130)

Mas as *Beit Lectures* pediam dele um tema específico, uma discussão sobre o império inglês. Segundo Creighton, Innis não estava mais interessado ou envolvido no tema da história econômica do império Inglês (1978, p. 134).

O seu tema de interesse agora era a contemplação da história da palavra escrita e falada, não apenas no Império Inglês, mas também na civilização greco-romana e os impérios da Babilônia e Egito.

Ele tinha que direcionar a discussão ao problema do império inglês, mas não conseguiu e direcionou ao problema dos impérios em geral, mas principalmente elaborando um argumento histórico sobre as comunicações dentro dos limites de seis apresentações acadêmicas (CREIGHTON, 1978, p. 135). Sua tese mais compreensiva e original, segundo Creighton (ibid.), foi apresentada prematuramente, muito brevemente e sem o suporte de devidas evidências. Innis vê a história das civilizações em termos de forças centrípetas e centrífugas, forças que agregam ou dispersam o poder que elas tem sob a sociedade.

Innis decidira que iria explicar a ascensão e quedas dos impérios a partir do ponto de vista da comunicação.

It has seemed to me that the subject of communication offers possibilities in that it occupies a crucial position in the organization and administration of government and in turn of empires and of Western civilization. (INNIS, 1950, p. 5)²⁸²

Para Innis, a existência dos impérios significava que existia um sistema comunicacional eficiente. Isso porque os meios de comunicação eram ponto fundamental para a organização e administração da sociedade. As ideias de tradição oral e tradição escrita, das comunicações que dominara o espaço e as comunicações que sobreviveram o tempo, o necessário balanço desses sistemas e suas influencias vigorosas e a expansão do império foram todas discutidas nas suas seis aulas em Oxford.

O livro *Empire and Communications* poderia ter sido melhor, houve ganhos e perdas no método de apresentação, pois foi a transcrição de suas apresentações e não um livro preparado e revisado. O estilo era baseado em uma série de palestras era mais acessível do que outros textos. Alguns autores apontam como Heyer (2003, p. 42) que

²⁸² Pareceu-me que o tema da comunicação oferece possibilidades em que ele ocupa uma posição fundamental na organização e administração do governo e por sua vez dos impérios e da civilização ocidental. (INNIS, 1950, p. 5)

os três primeiros capítulos de *Empire and Communications* (1950) vieram diretamente do manuscrito “History of Communications”, mas recentemente William J. Buxton discordou dessa visão e diz que todos os capítulos estão todos no manuscrito.

Minerva's Owl (1947) e que seria publicado em *The Bias of Communication* (1951) foi apresentado como seu discurso presidencial para o *Royal Society of Canada* e considerado por Creighton como “the most important general statement of the last phase of Innis's career” (CREIGHTON, 1978, p. 127).

O título recorre a um conceito de Georg Hegel, a evocação do vôo da coruja de Minerva do livro *Philosophy of History* em que ele diz a coruja de Minerva só levanta vôo no crepúsculo. A descrição se refere a clássica civilização que chegou ao apogeu pouco antes da sua decadência. E só então a coruja de minerva toma o vôo e permite uma avaliação de tudo o que tinha acontecido antes (HEYER, 2003, p. 43).

Tentei sugerir que a civilização ocidental tem sido profundamente influenciada pela comunicação e que transformações significativas nas comunicações tiveram implicações importante (INNIS, [1951] 2011, p. 69)

Innis diz que vai começar com mesopotâmia antiga e termina com o cinema e o rádio, mas mal toca no século XX. Um tema recorrente é a visita metafórica da coruja em si nas várias civilizações, depois de encontrar um lugar para descansar apenas por breves períodos e voa para outro lugar quando a civilização começa a decair.

Quando Innis estava adensando cada vez mais as suas análises sobre o papel central dos meios de comunicação, foi convidado pelo governo para ser membro da *Royal Commission on Transportation* em 1950. A comissão era prestigiosa e Innis aceitou, foi uma decisão de grande importância que afetou o resto da sua carreira. As viagens eram árduas, e afetaram diretamente as suas aulas e a sua administração, suas leituras e pesquisa.

A investigação da comissão necessitava de muitas viagens e um estudo sistemático e prolongado que poderia demorar meses, ou até anos de trabalho. Innis viajou durante todo o inverno entre Toronto e Ottawa e no fim de Maio, a comissão começou a turnê ocidental (CREIGHTON, 1978, p. 136; HEYER, 2003, p. 45). E nos meses subseqüentes outras regiões. Depois das viagens, ele teria que ficar em Ottawa por longos períodos, mas Innis não suportaria ficar longe das suas obrigações na universidade (CREIGHTON, 1978, p. 137).

Ele ficava os cinco dias da semana em Ottawa e então viajava para Toronto na sexta feira. Lecionava para seus alunos no sábado, conversava com os colegas, recebia a

correspondência e visitava a pós-graduação. O domingo ele tinha para se recuperar, mas logo a noite ele estava novamente pegando o trem de volta para Ottawa (Creighton, 1978, p. 138). Mas mais do que um cansaço com o trabalho na *Royal Commission*, o que incomodava Innis era o fato de que a natureza da tarefa jamais poderia ser preenchida.

Os últimos 10 anos, de trabalho levaram Innis para longe do Canadá enquanto tema principal e para pesquisas e especulações que na sua visão tocavam no coração dos problemas modernos, mas que ele estava analisando-os a partir de uma abordagem abrangente e filosófica (CREIGHTON, 1978, p. 138).

Ele sempre esteve interessado em transporte, mas ele via o transporte em uma maneira que era mais agradável pra ele, como um fator permanente e importante no desenvolvimento histórico do Canadá. E não como um problema moderno de enorme complexidade técnica. Ele sempre foi crítico dos males do “present-mindedness” e ele tinha tido o prazer em expor as limitações de estatísticas e medidas quantitativas (CREIGHTON, 1978, p. 139).

Ele provavelmente não fez o seu melhor trabalho dentro dessas circunstâncias. A comissão poderia ser encarada como um infeliz acontecimento que o atrasou e que no fim o impediu de completar os estudos, mas também agravou a sua saúde. A deterioração da sua saúde começou até mesmo antes da comissão terminar o seu trabalho, mas no final de 1948, antes dele aceitar a comissão ele teve que ficar na cama por quase uma semana (CREIGHTON, 1978, p. 139). No início de Setembro de 1950, foi para o hospital e depois de vários dias na cama em casa, ele começou a responder as correspondências por ditado. Sua última visita pela comissão foi em dezembro de 1950, o relatório terminou em Fevereiro de 1951 com a sua publicação em março.

Em 1951, ele lançou *The Bias of Communication* uma coletânea de suas palestras e artigos. Segundo Heyer, mesmo sendo publicado pela editora da Universidade de Toronto o que garantia uma boa circulação o livro teve pouca aceitação e não recebeu boas resenhas.

It found little acceptance, even in Canada, where he was still viewed as the Innis of the fur trade and cod fisheries—until the 1960s when Marshall McLuhan exhorted his readers to take seriously the writings on media done by his former University of Toronto colleague. (HEYER, 2003, p. 31)²⁸³

²⁸³ Ele encontrou pouca aceitação, mesmo no Canadá, onde ele ainda era visto como o Innis do comércio de peles e pesca de bacalhau, até os anos 1960, quando Marshall McLuhan exortou seus leitores a levar a sério os escritos sobre meios de comunicação feito pelo seu ex-colega da Universidade de Toronto. (HEYER, 2003, p. 31)

Em junho de 1951, ele foi com o seu filho mais novo Hugh cruzar o atlântico para Dublin para ver outros membros da comissão e outros compromissos. E em Agosto, quando voltou para Toronto, parecia estar fisicamente e espiritualmente renovado. Já em Dezembro, em Boston, foi eleito o presidente da *American Economic Association*, sendo o primeiro presidente não-americano da associação.

Entre os anos de 1950 e 1952, ele pode parar para estudar. O relatório afirmava o valor e a promessa canadense. Mas a guerra colocava em cheque essa validade. Análise do estado presente e futuros prospectos de uma distinta e diferente cultura canadense. Para Innis, a guerra era uma aventura americana fruto do imperialismo militar no leste. Mas em Ottawa era visto com aprovação.

Ottawa officialdom in general applauded the “leadership” of the United States with all the uncompromising ardour of converts to a new religion. [...] In his view, what had happened supplied one more incontrovertible proof that in wartime American propaganda became a battering-ram that flattened the last vestige of independent thought in Canada. (CREIGHTON, 1978, p. 142)²⁸⁴.

Mas em 1952, suas apreensões deram expressão mais explícita e enfática em dois ensaios. “The Strategy of Culture” e “Military Implications of the American Constitution”. Com a segunda guerra, os instrumentos de propaganda dos estados unidos foram estendidos e a cultura do Canadá era pressionada a todo o momento pela pressão do comercialismo americano.

O inverno de 1951-1952 foi severo. Innis começou a sentir fortes dores nas costas dificultando o seu andar e com o agravamento ele acabou ficando vários dias de cama. Em Março de 1952, seus amigos e colegas ficaram chocados com a sua aparência debilitada para introduzir uma apresentação de um professor de Chicago. A sua saúde estava tão agravada que agora ele se deslocava para a universidade, lecionava e voltava de taxi casa e direto para a cama. Ele foi diagnosticado com câncer e no hospital ele começou a ditar as suas memórias, mas chegou só até o ano de 1922. Falecendo em 8 de novembro de 1952.

Em *Empire and Communications* (1950), *The Bias of Communication* (1951) e *Changing Concepts of Time* (1952), Innis desenvolveu suas principais teses

²⁸⁴ O funcionalismo de Ottawa em geral aplaudiu a "liderança" dos Estados Unidos, com todo o ardor intransigente dos convertidos a uma nova religião. [...] Na sua opinião, o que tinha acontecido fornecia a prova mais incontestável de que a propaganda americana durante a guerra se tornou um aríete que arrasou o último vestígio do pensamento independente no Canadá. (CREIGHTON, 1978, p. 142).

comunicacionais. O *bias* (viés) dos meios de comunicação que podem ser divididos entre tempo e espaço. O uso de forma dominante de um meio que enfatiza ou o tempo ou o espaço favorece o estabelecimento de monopólios de conhecimento por aqueles que controlam ou são beneficiados pelo seu controle. Estes e outros conceitos importantes são discutidos em detalhe nos capítulos posteriores.

4.1 AS PRINCIPAIS TESES DE INNIS

Neste capítulo discutimos as principais teses de Innis relacionadas ao campo comunicacional. Isso significa não discutir em profundidade a tese que os economistas e economistas históricos consideram a principal de Innis que é a *staples theory* (teoria dos commodities) em que Innis argumenta que a forma como se deu o desenvolvimento do Canadá era fruto principalmente dos tipos de commodities exportados e suas características econômicas, sociais, de transporte e comunicação entre outras, levando a criação das instituições canadenses e economias regionais. Essa tese é referenciada aqui quando aparece como aspecto base que influencia as demais teses de Innis que consideramos comunicacionais. As principais teses comunicacionais de Innis podem ser exploradas a partir dos conceitos chave de viés dos meios de comunicação e dos monopólios de conhecimento.

4.1.1 Viés da comunicação (tempo e espaço) e Monopólios de conhecimento

Como descrevemos no capítulo sobre o percurso intelectual de Innis, ele já tinha interesse pela comunicação desde muito cedo na sua carreira. Mas é importante deixar claro que é também na última década da sua vida que ele se dedicou com mais afinco aos estudos da comunicação e quando ele desenvolveu conceitos importantes relacionados ao processo de comunicação.

Innis fez estes estudos a partir dos aparatos que tinha em mãos, isso significava fazer uso da historicidade (*historicity*) enquanto método. Algo que McLuhan na sua introdução para *The Bias of Communication* descreve como método de Innis. “He had

discovered a means of using historical situations as a lab in which to test the character of technology in the shaping of cultures” ([1964] 2005, p. xi)²⁸⁵.

Na sua análise histórica sobre a tecnologia, ele considera as condições geográficas e culturais pré-existentes nas quais um novo meio é adotado (a forma como o meio é adotado também é moldada pelas suas características inerentes); as características econômicas e tecnológicas associadas ao meio; e o potencial do meio em influenciar o conteúdo, a sociedade e de desenvolver monopólios econômicos e sociais.

Outro elemento característico dos estudos de Innis coloca o foco das suas análises nas tecnologias comunicacionais, analisando os processos de comunicação e seus significados sociais. Colocando em destaque as características e atributos dos meios de comunicação (ou de um conjunto de meios) dominantes em uma sociedade e como estas características condicionam as práticas de comunicação, as instituições, e a organização social.

O critério proposto por Innis para analisar os meios de comunicação durante a história é a dimensão do espaço e do tempo. Meios viesados para o tempo como pedra e argila são duráveis e favorecem a descentralização, tipos de instituições hierárquicas e governos baseados na religião como teocracias. Estes são meios que são mais eficientes na transmissão e preservação do conhecimento através do tempo. Meios viesados para o espaço como papiro, papel, são geralmente leves e de fácil transporte, estes favorecem impérios expansionistas e centralizados, menos hierárquicos e mantidos pela eficiência administrativa desses meios, pois são mais eficientes na transmissão do conhecimento através do espaço. Os meios de comunicação diz Innis:

[...]tem uma importante influência na disseminação do conhecimento através do espaço e do tempo [...] De acordo com suas características, um meio pode ser mais apropriado para a disseminação do conhecimento através do tempo em detrimento do espaço, particularmente se o meio for pesado, durável e não apropriado para o transporte ou, ao inverso, pode ser mais apropriado para a disseminação do conhecimento através do espaço em detrimento do tempo, se o meio for leve e facilmente transportável. (INNIS, [1951] 2011, p. 103)

Dito desta forma fica a impressão que o conceito de meio de comunicação de Innis é restrito a materialidade pura e simples, mas não é o que acontece, pois ele leva em consideração também os códigos empregados nos suportes materiais. Dessa forma, o papiro enquanto suporte em conjunto com o alfabeto fonético é um meio muito mais

²⁸⁵ “Ele havia descoberto uma maneira de usar as situações históricas como um laboratório para testar o caráter da tecnologia em moldar as culturas. ([1964] 2005, p. xi).

eficiente para o espaço, pois além da possibilidade de ser de mais fácil transporte devido a sua leveza, o alfabeto fonético aparece como um código de mais fácil aprendizagem do que outros códigos como a escrita cuneiforme ou hierógrifo que ficaram sob domínio de conhecimento de um grupo ainda menor.

A divisão entre a tradição oral e a tradição escrita serve de modelo fundamental, pois demonstra a transição entre meios com viés para o tempo e meios com viés para o espaço. A oralidade para Innis seria uma forma de comunicação com ênfase para o tempo. Isso acontece, pois a fala não consegue alcançar longas distâncias e a memória não é capaz de guardar grandes quantidades de conhecimento. Para manter a memória social a comunidade teve que adaptar e desenvolver diversas técnicas como músicas, rituais e ritmos, pois somente o essencial poderia ser guardado, limitando o arcabouço de conhecimento possível. A oralidade só pode ser preservada a partir da internalização e da repetição da mensagem, pois a mensagem deve a todo o momento fazer parte da comunidade como conhecimento vivo e capaz de ligar o presente com o passado. Isso faz com que as mudanças institucionais sejam lentas e que a comunidade oral geralmente seja considerada como conservadora e com uma estrutura religiosa muito forte.

A oralidade traduzida para a escrita faz da palavra um objeto dissociado do indivíduo e permite as comunidades ultrapassarem os limites espaciais da oralidade. A invenção da escrita cristaliza a tradição oral, pois como a escrita é dissociada do indivíduo ela potencializa a crítica impessoal e não é mais necessário estar no aqui e agora da palavra falada²⁸⁶. Isso faz com que aqueles que estão distantes no tempo e no espaço de um autor possam discutir o seus argumentos sem a interação direta com a pessoa.

Quando um meio, ou um conjunto de meios, voltados para o tempo ou o espaço toma domínio como principal meio de comunicação daquela sociedade, acontece um desequilíbrio entre as dimensões do espaço e tempo. Assim, se o sistema sócio-político é moldado para ser efetivo no controle do espaço, então o seu problema se torna tempo, e é ameaçado pela descontinuidade no tempo. Se a sociedade é organizada para controlar o tempo, o problema passa a ser a dimensão espacial.

²⁸⁶ Eric Havelock um classista do mesmo período de Innis e professor da Universidade de Toronto desenvolveu boa parte das suas pesquisas justamente sobre a transição da oralidade para a escrita. Walter Ong foi outro autor que desenvolveu ideias similares e foi orientado por McLuhan.

O objetivo de Innis era descobrir as leis para a ascensão e queda dos impérios da antiguidade em termos de forças centrípedas e centrífugas, centralização e descentralização, espaço e tempo como uma forma de compreender os impérios do seu tempo como império inglês e americano que ameaçavam o Canadá.

Uma defesa do tempo

Para Innis, a história é cíclica e tem a tendência a se repetir, assim a história pode ser compreendida por uma constante troca entre ascensão e queda entre a dimensão do espaço e do tempo. Essa aproximação acaba sendo também uma crítica de Innis contra a ideia de que a história segue para o “progresso” de forma linear. Qual é então o conceito de tempo e espaço utilizado por Innis? Innis declara no prefácio de seu último livro *Changing Concepts of Time* ([1952] 2004)²⁸⁷:

It has been assumed that different civilizations regard the concepts of space and time in different ways and that even the same civilization, for example that of the West since the invention of printing, differs widely in attitude at different periods and in different areas. (INNIS, [1952] 2004, p. xxv)²⁸⁸

O texto “A Plea for Time” publicado em *The Bias of Communication* (1951) deixa claro que ele está advogando a atenção para a dimensão do tempo, mas não é qualquer sentido de tempo. Innis, por exemplo, no final do texto apesar de pedir uma atenção ao tempo, também requisita uma liberação do tempo. “Libertando-nos do tempo – e buscando um equilíbrio entre as demandas de tempo e de espaço – podemos estabelecer as condições favoráveis para o interesse na atividade cultural.” ([1951], 2011, p. 168).

Andrew Wernick diz que Innis ao situar a relação dos gregos com o tempo diz que a mente deles era ahistórica. “fato que a mentalidade desta era ahistórica e sem perspectiva.” (INNIS, [1951] 2011, p. 167). Segundo Wernick:

Conversely, if good time is escape from time, the negative pole of Innis’s diagram is not occupied simply by the absence of temporality. What it represents is a dominance that has come to be exercised over the organization, conception, and experience of time by a particular temporal

²⁸⁷ Innis estava revisando o livro enquanto estava no hospital em 1951, mas o livro foi publicado apenas posteriormente.

²⁸⁸ Assumi-se que as diferentes civilizações consideravam os conceitos de espaço e tempo de diferentes maneiras e que até mesmo a mesma civilização, por exemplo, que do Ocidente desde a invenção da imprensa, varia muito de atitude em diferentes períodos e em diferentes áreas. (INNIS, [1952] 2004, p. xxv)

mode: - an overarching chronotype that Innis calls “linear time.” (WERNICK, 1999, p. 272)²⁸⁹

Para Innis, então, existem pelo menos dois tipos de tempo. Na interpretação de Wernick, o texto de Innis usa 25 das 30 páginas para falar do tempo linear e sua ascensão ao poder em relação a sua reconstrução da civilização euro-asiática. Mas mesmo assim Innis não é fácil de decifrar. “Innis gives us only quotes and facts, refusing to show us directly the thinking of his thoughts, leaving the reader to fill in the blanks.” (1999, p. 273)²⁹⁰.

Na opinião de Wernick, Innis tenta reconciliar a visão de Friedrich Nietzsche *The Use and Abuse of History* (1956) e Wyndham Lewis *Time and Western Man* (1957), (ambos citados em “A Plea for Time”) sendo que ambos os livros tinham como tema geral a ruptura da poética grega. Na opinião de Nietzsche existia um exagero de consciência histórica que poderia ser paralisante, e no caso de Lewis, o problema é o mesmo, mas ao contrário, existia um domínio excessivo da consciência do aqui e agora.

The obsession with time masked the fact that no one had any, and the radical discontinuity experienced between one moment and the next made it impossible to develop a monumentalizing perspective that could rise, and create, above the pressures and fashions of the moment. (WERNICK, 1999, p. 274)²⁹¹

Innis queria um meio termo entre o antiquarismo²⁹² e a noção de tempo nenhum, ele tenta combinar as duas posições a partir da sua crítica do conceito de tempo linear.

Thus Innis traces the rise of modern historiography (and so Nietzsche’s problem) to several factors - the improvement of astronomical calculations in Renaissance science; the rise of secular activity, leading to the church’s losing its monopoly over time; printing; and the inception of history writing as continuous chronology. In turn, the concept of time as a unidirectional line extending to infinity in both directions, and measurable in terms of stellar regularities, was deemed to have been fixed in Newtonian physics, whence it developed as a frame for reconstructing the human story backward: first as self-documented, next so as to include its preliterate phases, and finally, via

²⁸⁹ Por outro lado, se o tempo útil é a fuga de tempo, o pólo negativo do diagrama de Innis não está ocupado apenas pela ausência de temporalidade. O que ela representa é um domínio que veio a ser exercido sobre a organização, concepção e experiência do tempo por um modo temporal, nomeadamente: um cronotipo global que Innis chama de “Tempo linear” (WERNICK, 1999, p. 272)

²⁹⁰ “Innis te dá apenas citações e fatos, recusando em nos mostrar diretamente os a reflexão dos seus pensamentos deixando o leitor preencher os espaços em branco.” (1999, p. 273)

²⁹¹ A obsessão com o tempo mascarou o fato de que ninguém tinha um, ea descontinuidade radical vivida entre um momento e o seguinte tornou impossível desenvolver uma perspectiva monumentalizante que pudesse ascender, e criar, acima das pressões e modas do momento. (WERNICK, 1999, p. 274)

²⁹² Antiquarismo refere-se ao estudioso ou apaixonado por coisas antigas. É também contraposto a função de historiador que o vê com desdém, mas ao mesmo tempo esse movimento do século XVI e XVII é um precursor da história enquanto disciplina acadêmica.

evolutionary biology, geology, and speculative cosmology, so as to merge with natural history in the largest sense. (WERNICK, 1999, p. 274)²⁹³

Mas o mesmo desenvolvimento que levou a ideia de tempo cronológico acabou também subvertendo os próprios efeitos da historiografia. Pois, a ascensão do tempo linear que possibilitou a historiografia moderna, também ganhou apoio no industrialismo, no mercado, e na necessidade de tempo mensurável e dividido para coordenar as atividades da sociedade. Coincidindo também com a troca da igreja e do estado no controle do tempo e espaço pelo domínio do corporativismo e pelos jornais e revistas. Graeme Patterson diz que “Linear concepts of time, and related linear concepts of historical development, as Innis suggested, were a product of this technological conditioning.” (1990, p. 19)²⁹⁴

Assim, segundo Wernick (1999, p. 275), a linearização do tempo produz o problema de Nietzsche, um exagero de história e também em um segundo momento o problema de Lewis, uma escassez da história. Pois o industrialismo e o comércio segmentaram o tempo em fragmentos fazendo com que quando em condições crônicas de *present-mindedness* (obsessão pelo presente) “[...] conhecimento do passado possa ser ignorado ao ponto de deixar de servir ao presente e ao futuro [...]” (INNIS, [1951] 2011, p. 135).

Para Innis, todos os historiadores assumem um período, um conceito de tempo a partir do qual estes escrevem isso significa que o próprio ato de escrever a história implica um conceito de tempo que muitas vezes não é percebido pelo autor. Esse problema colocado por Wernick, não envolve apenas o problema do conceito de tempo, mas também o conceito de viés (*bias*).

No prefácio para *The Bias of Communication* ([1951] 2008), Innis diz que o conjunto de artigos ali expostos procura refletir sobre a pergunta feita pelo seu antigo professor de filosofia da McMaster University, James Ten Broeke. Ele costumava

²⁹³ Assim Innis traça a ascensão da historiografia moderna (e assim o problema de Nietzsche) a vários fatores - a melhoria dos cálculos astronômicos na ciência do Renascimento; o aumento da atividade secular; levando à igreja de perder seu monopólio ao longo do tempo; impressão; e o início da escrita da história como cronologia contínua. Por sua vez, o conceito de tempo como uma linha unidirecional estendendo-se até o infinito em ambas as direções, e mensuráveis em termos de regularidades estelares, foi considerado como tendo sido fixado na física newtoniana, por onde desenvolveu-se como um quadro para a reconstrução da história humana desde trás: primeiro como auto-documentado, próximo de modo a incluir as suas fases pré-letradas e, finalmente, por meio da biologia evolutiva, geologia e cosmologia especulativa, de modo a fundir-se com a história natural no sentido mais amplo. (Wernick, 1999, p. 274)

²⁹⁴ “Conceitos lineares de tempo e conceitos lineares relacionados do desenvolvimento histórico, como Innis sugeriu, eram um produto desse condicionamento tecnológico.” (1990, p. 19)

perguntar “Why do we attend to the things to which we attend?”. Os textos contidos no *The Bias of Communication* ([1951] 2008), segundo Innis, “Enfatizam a importância da comunicação na definição das ‘coisas para as quais damos atenção’ e sugerem também que as mudanças na comunicação seguirão mudanças nas ‘coisas para as quais damos atenção’”. (INNIS, [1951] 2011, p. 67). Em 1952, no *Changing Concepts of Time*, Innis complementou.

In an attempt to explain these differences emphasis has been given to technological changes in communication. The problems of understanding others have become exceedingly complex partly as a result of improved communications. (INNIS, [1952] 2004, p. xxv).²⁹⁵

Os meios de comunicação, assim agiriam diretamente na nossa tendência/viés (*bias*) de atender as coisas do mundo, então as nossas ações já seriam enviesadas e muitas vezes não percebemos o nosso próprio viés. Esse viés acaba bloqueando a compreensão da nossa própria civilização e a possibilidade de compreender as outras civilizações nos seus próprios termos.

Em “A Plea for Time”, do livro *The Bias of Communication* ([1951] 2008), Innis diz que “todos os historiadores, pressupõem um fator tempo e suas suposições refletem a atitude em relação ao tempo do período no qual eles escrevem.” ([1951] 2011, p. 135)

Innis, então, combina de um lado o problema dos meios de comunicação e as tecnologias como influenciadores diretos da percepção da sociedade de si mesmas. De outro lado o que é um problema epistemológico da ciência, que é o problema da objetividade e que discutimos anteriormente no capítulo sobre percurso intelectual e onde endereçamos as disputas com Underhill e Urwick. Aqui, a discussão se refere justamente a objetividade em relação à possibilidade de superar o problema do viés temporal dos historiadores.

Em 1951, o arqueólogo e filólogo Vere Gordon-Childe, uma das maiores autoridades da sua área, e que estava no auge da carreira assim como Innis, escreveu uma resenha para o livro *Empire and Communications* (1950). Innis, pouco tempo depois, publicou o artigo “Communications and Archeology” (1951a) que pode ser considerada uma resposta direta a resenha feita por Gordon-Childe. Neste texto ele enfatiza o aspecto da dificuldade de reconstruir a história de uma civilização do passado

²⁹⁵ Na tentativa de explicar essas diferenças a ênfase tem sido dada às mudanças tecnológicas de comunicação. Os problemas de compreender os outros tornaram-se extremamente complexos, em parte como resultado da melhoria das comunicações. (INNIS, [1952] 2004, p. Xxv).

devido ao fato que só alguns meios de comunicação resistiram ao tempo e que a influência do então atual viés espacial baseado nos jornais e revistas atua diretamente no estabelecimento de um hábito que é difícil de escapar para compreender a civilização do passado.

The bias of the present century reflected by constitutional guarantees of freedom of the press in the United States has restricted an interest in the oral tradition and makes it difficult to throw light on the problems Professor Childe has raised. (INNIS, 1951a, p. 239).²⁹⁶

E no *Empire and Communications* ([1950] 1972), Innis diz o viés que estamos imersos nos impede a análise:

The significance of a basic medium to its civilization is difficult to appraise since the means of appraisal are influenced by the media, and indeed the fact of appraisal appears to be peculiar to certain types of media. A change in the type of medium implies a change in the type of appraisal and hence makes it difficult for one civilization to understand another. (1972 [1950], p. 9)²⁹⁷

A saída, para atingir a objetividade, diz Wernick, seria “appraising” o viés e seus perigos em relação ao viés dos outros. Assim cada vez que a história é reescrita ela implica um conceito de tempo por parte do escritor. “but this can be provisionalized, and rendered multiple, through a historical focus on the formation and deployment of this and other time concepts.” (WERNICK, 1999, p. 276)²⁹⁸. Na visão de Wernick, Innis estaria chamando a atenção de que seria possível escapar do seu próprio viés, ao demonstrar que as categorias de espaço e tempo são construtos sociais, e que seria então necessário um estudo com foco histórico na formação e instalação desse e de outros conceitos de tempo.

Dessa forma, parece que Innis está falando de um tipo de vigilância epistemológica muito parecida com a desenvolvida por Bachelard em *A Formação do Espírito Científico* (2002), como forma de lidar com o seu próprio viés. Leslie Pal confirmaria que se trata de um tipo de método quando diz que a descoberta dos vieses seria “[...] because of the unity of the observer and observed, a method of introspection

²⁹⁶ O viés do século presente refletida por garantias constitucionais de liberdade de imprensa nos Estados Unidos restringiu o interesse na tradição oral e dificulta lançar luz sobre os problemas que o Professor Childe levantou. (INNIS, 1951a, p. 239).

²⁹⁷ A importância de um meio essencial para a sua civilização é difícil de avaliar, pois os meios de avaliação são influenciados pelos meios de comunicação, e na verdade o fato da avaliação parece ser peculiar a certos tipos de meios de comunicação. Uma mudança no tipo de meio implica uma mudança no tipo de avaliação e, portanto, torna-se difícil para uma civilização para compreender o outro. (1972 [1950], p. 9)

²⁹⁸ “[...] mas isso pode ser provido, e tornado múltiplo, através de um enfoque histórico sobre a formação e implementação deste e de outros conceitos de tempo.” (WERNICK, 1999, p. 276).

as well.” (1977, p. 34)²⁹⁹. Essa auto-análise em comparação com a de outros autores permitiria uma perspectiva móvel por parte do historiógrafo.

It would be free yet self-controlled, enabling them to dance through different historical and civilizational configurations while maintaining a certain ironical balance through the at-least-relational knowledge to which this mobility can lead. (WERNICK, 1999, p. 276)³⁰⁰

Mas na visão de Wernick, a solução não seria simplesmente assumir outro conceito de tempo de tipo não linear para combater a linearidade, mas assumir que os conceitos são muitos e plurais.

It could be conceived only in terms of an openness to the irreducible complexity of human times in the plural. In this view, we may add, Innis was by no means fixed in a binary opposition between linear and creative/ruptural/transhistorical time. Beyond these, his list of chronotypes extends to the varieties of “social time” taxonomized by social scientists (he specifically cites Sorokin and Merton), as well as to the cyclical time of seasons and river floods, the rhythms of collective memory and cultural duration, and - in his earlier writings - the “cyclonic” course of capitalist development. (WERNICK, 1999, p. 276-277).³⁰¹

O tempo histórico é então a concatenação de vários tipos de tempo, sendo que a noção de tempo do próprio autor também está inscrita, algo que era inimaginável em termos newtonianos com seu espaço e tempos absolutos, diz Wernick (1999, p. 277).

Outro ponto era a necessidade de fazer uma análise do espaço em conjunto com o tempo. Wyndham Lewis estava diretamente ligado (assim como vários outros autores) com o início do facínio modernista com as possibilidades das ideias de Einstein como a do *time space continuum*, que era justamente a combinação das dimensões do espaço com a do tempo. Assim como Einstein rejeita a ideia de evolução da experiência tridimensional em favor de uma realidade física quadridimensional, Innis identifica os processos materiais através do qual o espaço e o tempo alcançam suas configurações e interações específicas. (BERLAND, 1999, p. 286).

²⁹⁹ “[...] por causa da união do observador e observado, um método de introspecção também.” (1977, p. 34).

³⁰⁰ Seria livre ainda que auto-controlada, permitindo-lhes a dançar através de diferentes configurações históricas e civilizacionais, mantendo um certo equilíbrio irônico através do conhecimento em-menos-relacional para que essa mobilidade pode levar. (WERNICK, 1999, p. 276)

³⁰¹ Poderia ser concebido apenas em termos de uma abertura para a complexidade irreduzível dos tempos humanos no plural. Neste ponto de vista, podemos acrescentar, Innis não era de forma alguma fixo em uma oposição binária entre tempo linear e tempo criativo/ruptural/transhistórico. Além destes, sua lista de cronotipos se estende até as variedades do “tempo social” taxonomizado por cientistas sociais (ele cita especificamente Sorokin e Merton), bem como ao tempo cíclico das estações e enchentes de rios, os ritmos da memória coletiva e duração cultural e - em seus escritos anteriores - o “ciclônico” curso do desenvolvimento capitalista. (WERNICK, 1999, p. 276-277).

Nós supomos que a história não é uma rede descosida, ao contrário, ela é um tecido no qual os fios da urdidura e da trama são o espaço e o tempo, tecidos de maneira muito desigual, produzindo padrões distorcidos.(INNIS, [1951] 2011, p. 67).

Para Innis, uma forma de escapar do conceito de tempo único, era de encarar conceitos múltiplos de tempo, mas Innis não ficou restrito ao conceito de tempo. É possível perceber que o conceito de espaço de Innis também apresenta as suas nuances.

O problema do espaço

Um dos objetivos de Graeme Patterson em *History and Communication: Harold Innis, Marshall McLuhan, the Interpretation of History* (1990) era o de investigar as inspirações explícitas e implícitas de Innis e suas relações com conceitos e ideias sobre espaço dos físicos, matemáticos e astrônomos que ele cita.

No primeiro parágrafo do texto “The Problem of Space” publicado em *The Bias of Communication* (1951) Innis cita a frase “Space and time, and also their space-time product, fall into their places as mere mental frameworks of our own constitution.”³⁰². Innis buscou essa frase no texto do classista F. M. Cornford “The Invention of Space” (1936) e que Innis leu suas principais obras³⁰³. Cornford, que estava discutindo o recém-datado conceito de espaço euclidiano estava citando diretamente o discurso do presidente da *British Association* em 1934, Sir Arthur Eddington.

Arthur Eddington era astrônomo e matemático e não foi nada mais nada menos do que o inglês designado para realizar experimentos para testar (e o fez com sucesso) as ideias de Albert Einstein com relação à relatividade a partir do experimento de que a luz solar era modificada pelo magnetismo do sol ao examinar a posição de Mercúrio.

Na primeira página de “The Problem of Space” Innis não fica restrito a citação indireta de Eddington, mas cita ainda o matemático e físico Carl Friedrich Gauss, e o filósofo Ernst Cassirer. No caso de Gauss, a referência é do texto de Cassirer *The Problem of Knowledge* (1950) em especial no capítulo “The Problem of Space and the Development of Non-Euclidean Geometry”. Além disso, Innis fez ainda uma resenha do

³⁰² “Espaço e tempo, e também o seu produto espaço-tempo, caem em seus lugares como meros quadros mentais de sua própria constituição.”

³⁰³ Entre as obras estavam F. M. Cornford, *From Religion to Philosophy: A Study in the Origins of Western Speculation* (1912); F. M. Cornford, *Thucydides Mythistoricus* (1907); F. M. Cornford, *Microcosmographia Academica: Being a Guide for the Young Academic Politician* (1933)

livro *Physics and Philosophy* (1943) do físico Sir James Jeans, que em conjunto com Sir Arthur Eddington são conhecidos como os fundadores da cosmologia inglesa (PATTERSON, 1990, p. 77).

Innis toma como inspiração esses autores para dizer que muitas vezes é o tempo que tem prioridade e outras vezes é o espaço que ganha proeminência na sociedade. Poderíamos dizer então pela análise geral de Innis, que os meios de comunicação e as tecnologias têm uma influência direta nos conceitos de espaço e tempo. Diante dessas referências quando Innis resolve se dedicar a discutir o conceito de tempo e espaço ele opta por uma análise em confluência com Einstein. Segundo Patterson:

And while, like these other students of universal history, he was much concerned with the way the universe was regarded by physicists, he was interested in the modern, post-Einstein physics of relativity and rejected the mechanical, Newtonian physics of the eighteenth and nineteenth centuries. (PATTERSON, 1990, p. 4-5)³⁰⁴

Por isso, é importante dizer que a mudança de conceitos de espaço e tempo é uma mudança na estrutura da mente, ou seja, a possibilidade de mudar o enviesamento das pessoas, das instituições e como consequência a sociedade.

Technological innovation had upset a space-time balance in favour of space; flexible, holistic oral traditions had yielded to rigid, fragmenting, written and mechanical traditions; unified learning had given way to specialized knowledge; and centralized authority threatened to overcome decentralized decision making. This bias of space, he further contended, was also reflected in the present-minded, specialized concerns of contemporary scholarship. (PATTERSON, 1990, p. 5)³⁰⁵

Um aspecto muito importante do conceito de espaço de Innis é a diferenciação entre centralização e descentralização e margens e centros. Innis já desenvolvia essas relações desde o seus textos mais econômicos quando dizia que “[...] the economic history of Canada has been dominated by the discrepancy between the center and the margin of western civilization.” (INNIS, 1930, p. 385)³⁰⁶ e quando Innis confrontava a

³⁰⁴ E, embora, como esse outros estudantes de história universal, ele estava muito preocupado com a forma como o universo foi considerado pelos físicos, ele estava interessado no moderna, física pós-Einstein da relatividade e rejeitou a física mecânica, newtoniana do século XVIII e XIX séculos. (PATTERSON, 1990, p. 4-5)

³⁰⁵ A inovação tecnológica tinha perturbado o equilíbrio do espaço-tempo, em favor do espaço; as tradições orais holísticas, flexíveis tinha cedido a rígida, fragmentação, tradições mecânicas e escritas; aprendizagem unificada tinha dado lugar a um conhecimento especializado; e autoridade centralizada ameaçou superar a tomada de decisão descentralizada. Esse viés espacial, ele ainda sustentou, também se refletiu na obsessão do presente, e nas preocupações especializadas da erudição contemporânea. (PATTERSON, 1990, p. 5)

³⁰⁶ “[...] a história econômica do Canadá foi dominada pela discrepância entre o centro e a margem da civilização ocidental.” (INNIS, 1930, p. 385)

tese de fronteira de Turner, em que ele colocava a situação do Canadá enquanto colônia marginal em relação ao poder central inglês e europeu. Estar à margem significava espacialmente um lugar afastado do centro, então a questão da marginalidade é principalmente uma relação espacial.

Segundo Berland (1999), assim como Henri Lefebvre, Edward Soja e Frederic Jameson, Innis encarava a produção do espaço e a produção da vida social como um único processo.

Innis conceives topographical space as produced space and shows that the production of space and the production of social life are one process. Communication technologies are understood as practices that both respond to and mediate the social relations of a particular society, by setting the limits and boundaries within which both power and knowledge operate (JHALLY 1993, p. 64 *apud* BERLAND, 1999, p. 284)³⁰⁷.

As tecnologias do transporte e da comunicação facilitaram a produção de centros e margens que são encaradas por ele pelo aspecto do poder político-econômico. Segundo Berland, Innis acaba colocando no centro da sua pesquisa a tecnologia e o espaço. Innis já havia desenvolvido um tipo de análise que já era marginal em relação à tese de fronteiras de Turner, e não aceitava o monopólio de conhecimento das grandes narrativas como Marx e Keynes. Então Innis além de se dedicar a analisar os centros e margens, a sua própria proposta era um contraponto aos monopólios da área da economia política.

O conceito de espaço de Innis deixa claro que o “Space is neither an empty frontier nor a backdrop for history, but the very subject-matter of historical change.” (BERLAND, 1999, p. 284)³⁰⁸. Dessa forma, o espaço era sempre um espaço produzido e principalmente pelos meios de comunicação que enviados para o espaço permitem a aquisição, transmissão e controle da informação no espaço geográfico.

Na sua relação entre as margens e os centros, Innis estabeleceria a existência de dois tipos de espaço: o espaço colonial (margem) e o espaço imperial (centro). O espaço se tornou para toda civilização um dos aspectos fundamentais de dominação, e também por causa dos meios de comunicação e sua capacidade de mediar a relação entre poder e

³⁰⁷ Innis concebe espaço topográfico como espaço produzido e mostra que a produção de espaço e a produção da vida social são um processo. As tecnologias de comunicação são entendidas como práticas que ambas respondem a e mediam as relações sociais de uma determinada sociedade, definindo os limites e os fronteiras dentro dos quais tanto o poder e conhecimento operam (JHALLY 1993, p. 64 *apud* BERLAND, 1999, p. 284).

³⁰⁸ “O espaço não é nem uma fronteira vazia nem um pano de fundo para a história, mas a própria essência da mudança histórica.” (BERLAND, 1999, p. 284).

conhecimento, assim como espacialmente entre centro e periferia. Nesse sentido a proposta de Innis enfatiza os vieses dos meios de comunicação como forças produtivas mediando o poder imperial e a transformação do espaço em vez de temas clássicos como a terra e o trabalho (BERLAND, 1999, p. 289).

Para Wernick (1999), Innis analisava como a expansão do espaço e a penetração de uma economia baseada no mercado fazia cada vez mais acelerar um consumerismo e a competição entre as empresas³⁰⁹. Da mesma forma houve uma comercialização dos meios de comunicação que combinou com a produção em massa e a publicidade. Um novo meio de comunicação implica o desenvolvimento de um novo fenômeno econômico, dessa forma, a publicidade se tornou um negócio com a difusão em grande escala do jornal. (FROST, 2003, p. 12). Innis ao analisar o processo de avanço da fronteira com o a história da CPR, com o mercado de pele, pesca, minério e afins já percebia que o mercado estava penetrando nas áreas mais ocidentais e nortes do Canadá.

O mercado influenciou diretamente o industrialismo na sua compulsão por eficiência. No industrialismo o relógio estabeleceu o tempo homogêneo, dividido e linear, possibilitando a divisão técnica do trabalho e a adequação do trabalho às máquinas de produção. A publicidade veio em seguida como consequência da produção em larga escala de mensagens para satisfazer a competição das indústrias de produtos voltados ao mercado consumidor. Isso não significa que não existiram diversas outras formas de organizar o tempo, mas a do industrialismo adquiriu uma nova proporção.

Innis did not imagine of course that a universal temporal grid was the unique product of the industrial revolution. His history of the modern mapping of time goes back to the discovery of lunar, solar, and sidereal cycles in the ancient empires of the Middle East. He also traces from Babylon through Rome and medieval Europe the increasingly refined effort to fix the periodicities of ceremonies and festivals through calendar reform. Industrialization, however, reflecting the unprecedented rise of secular economic activity, gave a massive impetus to this development. (WERNICK, 1999, p. 265)³¹⁰

O desenvolvimento de importantes meios de comunicação como a circulação em massa dos jornais e revistas e a possibilidade de transmitir informação rapidamente

³⁰⁹ Ver “The Penetrative Powers of the Price System” (INNIS, 1938).

³¹⁰ Innis não imaginava é claro que uma grade temporal universal foi o único produto da revolução industrial. Sua história da cartografia moderna do tempo remonta à descoberta de ciclos lunares, solares e siderais nos antigos impérios do Oriente Médio. Ele também traça da Babilônia passando por Roma e Europa medieval o esforço cada vez mais refinado para corrigir as periodicidades de cerimônias e festivais através de uma reforma do calendário. A industrialização, no entanto, refletindo o aumento sem precedentes da atividade econômica secular, deu um enorme impulso para esse desenvolvimento. (WERNICK, 1999, p. 265)

através de longas distâncias, ou seja, enviesados para o controle do espaço mudaram o balanço em favor do espaço em vez do tempo.

[...] o equilíbrio entre tempo e espaço tem sido seriamente perturbado com conseqüências desastrosas para a civilização ocidental. A falta de interesse com os problemas de duração na civilização ocidental sugere que o viés do papel e da impressão tem persistido na preocupação com o espaço. O Estado tem se interessado no alargamento de seus territórios e a imposição da uniformidade cultural em seus povos [...]. (INNIS, [1951] 2011, p. 152).

A inserção da imprensa, da televisão e do rádio colocou o foco ainda mais no espaço e na sincronicidade das sociedades. Diferente de McLuhan que percebia uma inversão de determinadas características com a chegada dos meios elétricos, para Innis, estes meios só intensificaram ainda mais o que já estava acontecendo com a imprensa. O rádio, por exemplo, tinha o potencial de ser um meio com ênfase para o tempo, mas as circunstâncias sociais modificaram esse potencial, segundo Innis.

O viés [*bias*] da comunicação no papel e na indústria gráfica estava destinado a ser anulado [*offset*] pelo viés do rádio. A democracia – que, nas palavras de Guizot, sacrificou o passado e o futuro em prol do presente – estava destinada a ser anulada [*offset*] pelo planejamento e pela burocracia. ([1951] 2011, p. 133).

O modelo de Innis era a oposição entre o Estado enquanto instituição preocupada com o espaço e a igreja na outra ponta favorecendo o tempo. Essa disputa ganhou novas configurações com a chegada da revolução industrial e a difusão dos jornais e revistas como o primeiro estágio de expansão do industrialismo. O monopólio do tempo da igreja conflitava com as demandas da burocracia centrada no espaço e fazendo com que o Estado se consolidasse. O Estado sem uma oposição se viu cada vez mais rígido e não foi capaz de lidar com os interesses comerciais da revolução industrial e dos jornais (BUXTON, 1997, p. 39).

O viés espacial favoreceu uma obsessão com o presente que Innis chamou de *present-mindedness* acabando com a preocupação com o passado ou futuro. O *present-mindedness* é uma consequência necessária de uma comunicação com viés espacial e como uma estratégia crucial do moderno industrialismo que afetou todos os setores da sociedade tocados pelos seus imperativos (BERLAND, 1999, p. 287).

Para Innis, a obsessão com o presente, sugeria uma perda de habilidade de compreender o sentido de tempo em outros períodos e de outras civilizações, essa perda de sentido do tempo ele atribuía a imprensa que insistia em um tempo uniforme. Essa obsessão aparece em todos os domínios da produção do conhecimento.

[...] in journalism, which creates newsworthiness increasingly separate from place, ethics, or community; in science, which accumulates knowledge by "continually liquidating its past"; in academe, which suffers from overspecialization and the bureaucratic fragmentation and transience of knowledge; and (to extrapolate once again) in modernist aesthetics, with its will to release perception from memory. (BERLAND, 1999, p. 287)³¹¹

Innis ainda diria:

As demandas dos novos meios foram impostas aos antigos meios, o jornal e o livro. Com esses poderosos desenvolvimentos, o tempo foi destruído e se tornou cada vez mais difícil conseguir realizar a continuidade ou solicitar a consideração do futuro.. (INNIS, [1951] 2011, p.159).

A doutrina da liberdade de expressão da imprensa criou um monopólio da imprensa que dependia e mantinha o Canadá como fonte de matérias primas para a indústria americana. Pois, o Canadá além de exportar a madeira e celulose para os Estados Unidos, ele acabava por consumir os jornais e revistas americanas, o que fazia Innis dizer que o Canadá passou de colônia (império inglês) para nação no período de guerras e transitando novamente para colônia diante do império americano.

Mas Innis não analisa o conteúdo em si dos jornais, pois ele analisa a produção do jornal como uma mediação entre matérias primas, tecnologias e o sistema de poder. As margens produzem o papel do jornal, mas são os centros que produzem e disseminam os discursos, assim os jornais em conjunto com as tecnologias de transporte facilitaram a centralização da produção jornalística (BERLAND, 1999, p. 291).

Thus the production of American industry (i.e., the production of a centre) cannot be separated from the production of a staples-based economy in Canada (the margin), and the dialectical relationship that arose between them and produced them both is economic, technological, spatial, and cultural all at the same time. To this day we cannot escape its effects. In the cultural industries, we export musicians, actors, and writers (along with one or two select series) and import the schedules of entire tv networks. The process of spatial transformation exemplified here by the newspaper can be deciphered in all subsequent technologies. (BERLAND, 1999, p. 291)³¹²

³¹¹ [...] no jornalismo, que cria noticiabilidade cada vez mais separada do lugar, a ética, ou a comunidade; na ciência, que acumula conhecimentos pela "liquidação contínua do seu passado"; na academia, que sofre de superespecialização e fragmentação burocrática e transitoriedade de conhecimento, e (para extrapolar mais uma vez) na estética modernista, com sua vontade de liberar a percepção da memória. (BERLAND, 1999, p. 287)

³¹² Assim, a produção da indústria americana (ou seja, a produção de um centro) não pode ser separada da produção de uma economia baseada em commodities no Canadá (a margem), ea relação dialética que surgiu entre eles e produziu ambos, é econômico, tecnológico, espacial e cultural, tudo ao mesmo tempo. Até hoje não podemos escapar de seus efeitos. Nas indústrias culturais, exportamos músicos, atores e escritores (junto com uma ou duas séries selecionadas) e importar os horários inteiros das redes de televisão. O processo de transformação espacial exemplificado aqui pelo jornal pode ser decifrado em todas as tecnologias subsequentes. (BERLAND, 1999, p. 291)

Monopólios do Conhecimento

Quando uma das dimensões (espaço ou tempo) ganha proeminência ele gera o que Innis chama de um monopólio do conhecimento, um conceito é trazido por Innis diretamente da economia para aplicar na área do conhecimento. Para Innis existem dois tipos de monopólio, o primeiro é um monopólio sobre o conhecimento no sentido estrito o outro é um monopólio que se refere ao controle sócio-econômico. Mas os dois geralmente estavam intimamente ligados, pois muitas vezes os meios sob controle de um determinado grupo, além do domínio sócio-econômico, acabam exercendo também um domínio sobre o conhecimento.

Sua pesquisa descreve a formação de monopólios que controlem a circulação do conhecimento e informação e a simultânea emergência das dependências territoriais, que centralizam e descentralizam esse conhecimento ou informação. A eficácia de um monopólio é limitada pela natureza complexa das tecnologias, que é um conjunto de relações moldadas por limitações econômicas, jurídicos e culturais, bem como pelas capacidades tecnológicas, no sentido puro. Através do controle dessas restrições os centros exercem a sua influência para manter o poder sobre o espaço comunicativo.

O uso do papiro, por exemplo, combinado com um código complexo no Egito antigo acabou fortalecendo a profissão dos escribas enquanto uma classe privilegiada exercendo um monopólio sob o conhecimento. Ao alcançar o monopólio, ou seja, ao se tornar o principal meio de comunicação de uma sociedade o seu viés também domina a natureza do conhecimento e sua difusão.

A existência de um monopólio significa um desequilíbrio na sociedade, seja para o espaço ou para o tempo. Assim, a ascensão do meio impresso facilitou a democratização do conhecimento e o triunfo da cultura humanística, mas a tecnologia comunicacional com viés espacial também levou a aceleração da marginalização da cultura oral, a racionalização do conhecimento e negligenciou fatores como continuidade, reflexividade e duração. Essa ênfase no espaço faz com que a cultura oral e sua capacidade para o dialogo e pensamento criativo apareça como um antídoto a esse viés.

O desequilíbrio entre espaço e tempo leva a um enfraquecimento da sociedade em sua capacidade de se adaptar aos novos meios de comunicação e a fragiliza frente às forças de mudança em relação às outras sociedades. A concentração em um meio de

comunicação implica um viés no desenvolvimento cultural da civilização, essa concentração faz com que apareçam nas margens da sociedade tendências contrárias a esse viés, que acabam colocando em cheque o monopólio do conhecimento em vigor. “Introduction of a second medium tends to check the bias of the first and to create conditions suited to the growth of empire” (INNIS, [1950] 1972, p.170)³¹³.

O uso marginal dos meios pode ser inovador, crítico e desestabilizador e podem quebrar o domínio e controle da informação de um monopólio (BERLAND, 1999, p. 292). O enfraquecimento de um monopólio, nos diz Innis, está diretamente ligado aos meios de comunicação.

Monopolies of knowledge had developed and declined partly in relation to the medium of communication on which they were built, and tended to alternate as they emphasized religion, decentralization, and time; or force, centralization, and space. (INNIS, [1950] 1972, p.166)³¹⁴

Uma sociedade equilibrada promove a diversidade, a criatividade, a continuidade do passado através da consciência histórica, tradição e memória, por isso a importância da tradição acadêmica para Innis. Nesse sentido, a ideia de progresso ou processo evolutivo não se aplica as dimensões propostas por Innis, pois a sua discussão era contrária à ideia de tempo linear e espaço dissociado da dimensão material.

Diante do desprezo de Innis pelos efeitos do domínio do viés espacial na civilização ocidental seria de se esperar que Innis estivesse advogando por um retorno a sociedade oral, mas não é o que acontece. Quando ele se refere, por exemplo, que o seu viés está baseado na tradição oral, não significa que o viés é somente oralidade, mas é uma oralidade apoiada na escrita conforme o modelo Grego. “Meu viés é a tradição oral, particularmente aquela refletida na civilização grega e na necessidade de retomar algo de seu espírito” (INNIS, [1951] 2011, p. 161).

A oralidade de Innis, não é a oralidade de uma comunidade dita primitiva, mas a tradição oral da *polis* grega, onde a fala serve para cultivar a memória e tradição e o processo de reflexão que fornece os elementos para a formação do caráter e da inteligência, levando de um lado o processo reflexivo e de outro a práxis.

³¹³ "A introdução de um segundo meio tende a colocar em cheque o viés do primeiro e criar condições adequadas para o crescimento do império" (INNIS, [1950] 1972, p.170).

³¹⁴ Os monopólios de conhecimento se desenvolveram e decaíram, em parte, em relação ao meio de comunicação em que foram construídos, e tenderam a alternar como eles enfatizaram a religião, descentralização, e tempo; ou a força, centralização e espaço. (INNIS, [1950] 1972, p.166)

No modelo grego, segundo Wernick, Innis vê o exemplo de uma sociedade com intensa vitalidade, flexibilidade, excelência e *phronesis*. Este último geralmente traduzido como inteligência ou sabedoria, mas o mais adequado ao caso seria sabedoria prática, que seria a habilidade de disciplinar a si mesmo pelo uso da razão, também encarado como prudência.

Presumimos que nos países democráticos o governo está baseado na vontade dos governados, que o povo pode decidir e que se deva dar todo estímulo para ajudá-lo a fazer isto [...] Então, assim como os gregos, devemos estar preocupados em produzir homens, não os massacrando com fatos disseminados por papel e tinta, filmes, rádio e televisão. A educação é a base do Estado, sua essência e derradeiro propósito é instruir o caráter. (INNIS, [1951] 2011, p. 301).

Para ele, foi um balanço entre a palavra falada e escrita limitada que contribuíram para o florescimento da Grécia antiga no tempo de Platão. O florescimento é na verdade quando uma sociedade consegue criar as condições favoráveis para o interesse em atividades culturais, para a flexibilidade e também capaz de se adaptar as mudanças. Mas esse balanço entre as duas dimensões durou apenas um breve período e a dimensão do espaço a partir da escrita acabou se tornando o meio dominante e também a decadência da tradição oral na Grécia e abrindo a possibilidade da civilização dominante passar para a romana³¹⁵. As análises feitas por Innis sobre a ascensão e queda dos impérios o levaram a soar o alarme de que a civilização ocidental dos anos 1940-1950 estava enfrentando a sua mais profunda crise diante dos novos meios.

O interessante da proposta de Innis é que o viés temporal das forças econômicas, tecnológicas e comunicacionais não só enfraqueceram a tradição oral e o potencial de um viés contrário, mas também a própria capacidade da civilização perceber e compreender o desequilíbrio sob o qual estava imerso (WERNICK, 1999, p. 268). Segundo Leslie Pal, uma das formas de perceber os vieses é justamente pelo estudo dos vieses no processo social e assim desempenhar um processo de autoconsciência. (1977, p.33)

The difficulty if not impossibility of predicting one's own course of action is decreased in predicting the course of action of others, as anyone knows who has been forced to live in close relations with one other person over a considerable period of time. [...] The habits or biases of individuals which

³¹⁵ Outras civilizações que conseguiram certo equilíbrio foram Atenas no período clássico e o império bizantino no começo da idade média.

permit prediction are reinforced in the cumulative bias of institutions and constitute the chief interest of the social scientist. (INNIS, 1935, p. 283)³¹⁶

Os monopólios são hábitos ou vieses institucionalizados como diz Innis. Em vez de analisar o humano Innis dizia que as ciências sociais deveriam analisar as instituições, pois elas representavam a sedimentação da experiência, ou o acúmulo dos vieses das pessoas. Por isso eles são parte intrínseca das análises das ciências sociais. “[...] conservative character of institutions as a basic fator in method in the social sciences” (INNIS, 1980, p. 194 *apud* PAL, 1977, p. 33)³¹⁷. Mas ao mesmo tempo para o cientista social “Ele não pode evitar o viés do período no qual escreve” ([1951] 2011, p. 136). Na sua visão pessimista, devido o domínio da dimensão espacial, Innis acreditava que a própria possibilidade de percepção da sociedade estava ameaçada, pois esse viés acaba penetrando em todos os setores da sociedade.

This monopoly of matter, however, since it serves the mind, can perpetuate and fixate not only itself but also the interests and concerns of society, shaping them in its own image. The dynamics of oligopoly operate even more directly when, beyond the technical resources that sustain it, knowledge itself is monopolized. (BLONDHEIM, 2004)³¹⁸

Isso faz com que mudanças nos monopólios dos vieses dos meios de comunicação e das tecnologias afetem diretamente os conceitos de espaço e tempo e também a compreensão da sua situação. “In an attempt to explain these differences emphasis has been given to technological changes in communication. The problems of understanding others have become exceedingly complex partly as a result of improved communications.” (INNIS, [1952] 2004, p. xxv)³¹⁹.

Segundo Leslie Pal, apesar dos monopólios existia ainda que minimamente a possibilidade de perceber e transcender os vieses e chegar à autoconsciência e para fazer isso era necessário o estudo e a compreensão dos vieses dos outros e das instituições.

³¹⁶ A dificuldade se não impossibilidade de prever o seu próprio curso de ação é diminuída ao prever o curso da ação dos outros, como qualquer um sabe quem foi forçado a viver em relações estreitas com uma outra pessoa durante um período de tempo considerável. [...] Os hábitos ou vieses dos indivíduos que permitem a previsão são reforçadas no viés cumulativo das instituições e constituem o principal interesse do cientista social. (INNIS, 1935, p. 283)

³¹⁷ “[...] o caráter conservador das instituições como um fator básico no método das ciências sociais.” (INNIS, 1980, p. 194 *apud* PAL, 1977, p. 33).

³¹⁸ Esse monopólio da matéria, no entanto, uma vez que serve a mente, pode perpetuar e fixar não apenas a si mesmo, mas também os interesses e preocupações da sociedade, moldando-os em sua própria imagem. A dinâmica do oligopólio operam ainda mais diretamente, quando, além dos recursos técnicos que a sustentam, o conhecimento em si é monopolizado. (BLONDHEIM, 2004)

³¹⁹ “Na tentativa de explicar essas diferenças, ênfase tem sido dada às mudanças tecnológicas de comunicação. Os problemas de compreender os outros tornaram-se extremamente complexos, em parte como resultado da melhoria das comunicações.” (INNIS, [1952] 2004, p. xxv).

History for Innis was the accumulated structure of bias which shaped contemporary activity. The most general receptacle for this accumulation was civilization, and this variable was of overwhelming importance in Innis's later work. (PAL, 1977, p.34)³²⁰

As instituições para Innis “were always the embodiment of particular values or interests, they attempted to shape and mold their members accordingly” (PAL, 1977, p. 34)³²¹. De um lado, Innis observava que os vieses das instituições estavam afetando diretamente a universidade, e de outro, ele percebia com receio o movimento das ciências sociais de acreditarem ser livre dos vieses, principalmente a economia política que estava se transformando em uma “new religion”.

Para Innis, a saída seria pela aproximação filosófica, pois a sua preocupação primária era o reconhecimento das suas limitações. Somente reconhecendo as suas próprias limitações era possível manter uma posição crítica e aberta para novas ideias em vez de acreditar de forma cega em suas generalizações. Esse movimento Innis denominava de “[...] decline of skepticism” (INNIS, 1945, p. 303 *apud* PAL, 1977, p. 35)³²².

Innis sabia que não era possível a objetividade, pois qualquer disciplina enfatiza alguns fatores em vez de outros. O todo não poderia ser expresso e por causa disso é que Innis se afastava de qualquer ideia que pregava “final answers” e a “dogmatic fallacy” (INNIS, 1995c, *apud* PAL, 1977, p. 35)³²³. Segundo Innis, “[...] there is no last word in the writing of economic or of other history except in totalitarian states” (INNIS, 1995c, p. 253)³²⁴.

Diante da impossibilidade de respostas finais devido à complexidade dos fatos sociais, para Innis era necessário manter a humildade e as ciências sociais deveriam trabalhar em conjunto e estar ciente das contribuições das outras disciplinas. Era por isso que Innis era contrário à profissionalização e a especialização das ciências, pois a especialização contribuía para a rigidez das ciências sociais e ameaçava a fertilização de novas ideias e métodos.

³²⁰ História para Innis era a estrutura acumulada de viés que moldou a atividade contemporânea. O receptáculo mais geral para esta acumulação foi a civilização, e esta variável foi de extrema importância no trabalho posterior de Innis. (PAL, 1977, p.34)

³²¹ “[...] era sempre a personificação de valores ou interesses particulares, eles tentaram dar forma e moldar seus membros em conformidade” (PAL, 1977, p. 34).

³²² “[...] declínio do ceticismo” (INNIS, 1945, p. 303 *apud* PAL, 1977, p. 35).

³²³ “respostas finais” e a “falácia dogmática” (INNIS, 1995c, *apud* PAL, 1977, p. 35)

³²⁴ “[...] não existe palavra final na escrita da economia ou outra história exceto em estados totalitários.” (INNIS, 1995c, p. 253).

I have a feeling that the chief function of economic history is to protect against professionalization. It is difficult to make a case in a subject in which it is most important that we should emphasize the dangers of making cases. It seems to me that economic history should attempt to check the tendency toward intensive specialization in the social sciences, and that we cannot argue for an intense specialization of economic history. (INNIS *apud* PAL, 1977, p. 36)³²⁵

E a especialização também enfraqueceu o interesse no ceticismo e também levou a crescente disputa por recursos e subsídios para a pesquisa na universidade. (Pal, 1977, p. 36)

Specialization has contributed to the rigidity of the social Science [...] We are constantly reminded of the wonders of science and are always forgetting the eternal problems of society. (1945, p. 304)³²⁶

A matemática, Innis observava com desconfiança a sua aplicação na sociedade, em especial na economia, pois percebia a influência dela devido a uma concentração dos estudos sobre o sistema de preços na economia e porque este poderia ser mais facilmente estudado com a ajuda da matemática. Innis que era um professor de história econômica percebia cada vez mais a inclinação da economia para ramos de pesquisa cada vez mais influenciados pela matemática e como consequência estava acontecendo um movimento de negligenciar aqueles valores que não eram suscetíveis a mensuração matemática.

A matemática era também um dos alicerces do viés do industrialismo moderno, principalmente na sua preocupação com as estimativas e estatísticas. Aquele que utilizava esses métodos sem reflexão, dizia Innis “[...] were also being swept along with the bias of their civilizations.” (INNIS *apud* PAL, 1977, p. 37)³²⁷. O mesmo pode ser dito em relação ao governo e o nacionalismo, principalmente pelo efetivo controle dos impostos o que valorizava ainda mais a posição da matemática como o lugar das certezas. Assim, a matemática cada vez mais deixava obscura as suas limitações e incertezas e ela invadia cada vez mais áreas que até então não eram tangíveis para a mensuração.

³²⁵ Tenho a sensação de que a principal função da história econômica é proteger contra a profissionalização. É difícil fazer um caso em um assunto, em que o mais importante é que se deve enfatizar os perigos de fazer casos. Parece-me que a história econômica deve tentar colocar em cheque a tendência para a especialização intensiva nas ciências sociais, e que não podemos defender uma especialização intensa da história econômica. (INNIS *apud* PAL, 1977, p. 36)

³²⁶ Especialização tem contribuído para a rigidez da ciência social, [...] Nós somos constantemente lembrados das maravilhas da ciência e estão sempre esquecendo os problemas eternos da sociedade. (1945, p. 304)

³²⁷ “[...] nós estamos sendo varridos junto com o viés de suas civilizações.” (INNIS *apud* PAL, 1977, p. 37).

The issue was language - the language of mathematics and of statistics, the language of quantities, the language of prediction. For Innis, this language was biased. It could not claim objectivity because, in his own terminology, there was a lack of balance between power and knowledge - a balance he was deeply hoping for. (BERDOULAY, 1990, p.55)³²⁸

O contorno que Innis escolhe é a ênfase nas humanidades, principalmente no modelo clássico grego, pois eles foram capazes de desenvolver uma sociedade baseada na preocupação como o equilíbrio. Segundo Pal, Innis acreditava que “[...] that a study of the humanities in general would focus attention on values and culture and perhaps broaden the scope of inquiry of social science” (1977, p. 37)³²⁹.

Para Pal, Innis começa a desenvolver a partir de 1935 uma associação entre as suas pesquisas com a tradição acadêmica e ciências sociais com humanismo, além da cultura e civilização. Com essas associações Innis pode dizer que a destruição da universidade era a destruição da civilização ocidental. Ele já havia entrado na discussão sobre as ciências sociais quando defendeu a possibilidade de um tipo de objetividade a partir da análise dos vieses, agora ele desenvolveu conceitos complementares como limites, balanço e especialização.

As estratégias para escapar do problema do viés, podem ser descritas como simples cuidados, ou métodos em um sentido vago. O cientista social deveria analisar o seu viés, o viés da sua própria sociedade e tentar manter uma visão balanceada a partir de uma visão humanística.

Mas a universidade também estava ameaçada na visão de Innis, principalmente pela relação de professores com instituições privadas ou até mesmo trabalhando diretamente em órgãos do governo. Para Innis, estes se colocavam em posição de risco de sofrerem as influências dos vieses das instituições por caus disso que Innis era tão receoso com a participação direta dos professores em cargos do governo e de instituições. Por isso, para Innis, o estudioso deveria ser protegido da influência dessas instituições.

Entretanto, o balanço não era algo capaz de ser percebido nas instituições, pois elas naturalmente promoviam os seus interesses, com excessão da universidade. A

³²⁸ A questão era a língua - a linguagem da matemática e da estatística, a linguagem das quantidades, a linguagem da previsão. Para Innis, esta linguagem era enviesada. Não poderia reivindicar objetividade, porque, em sua própria terminologia, houve uma falta de equilíbrio entre poder e conhecimento - um equilíbrio que estava profundamente esperando. (BERDOULAY, 1990, p.55)

³²⁹ “[...] que o estudo das ciências humanas em geral seria chamar a atenção para os valores e cultura e talvez alargar o âmbito da investigação das ciências sociais” (1977, p. 37).

universidade, na opinião de Innis, deveria manter a tradição acadêmica do equilíbrio não só como dever, mas com refúgio diante dos vieses das demais instituições.

The place of the social sciences in Western civilization must be seen in relation to the role of universities. The university has played its greatest role in serving as a stabilizing factor. However inadequately it has played this role in various periods in the history of civilization, it has served as a repository of the reasoning of the ablest minds attracted to it. It has preferred reason to emotion, Voltaire to Rousseau, persuasion to power, ballots to bullets. [...] It must continue its vital function in checking the dangerous extremes to which all institutions with power are subject. The extreme tendencies of modern civilization shown in the rise of the modern state and in the tyranny of opinion compel universities to resist them. (INNIS, 1946, p. 141)³³⁰

A universidade era a instituição capaz de prover estabilidade e moderação para uma sociedade em excesso de viés espacial. Mais do que uma torre de marfim isolada da sociedade como muitos gostam de caracterizar a universidade, no caso de Innis ela exerce uma função direta na sociedade como resistência e capaz de prover pessoas com a preocupação com o balanço do espaço/tempo.

Assim a universidade é destacada no pensamento de Innis, pois ela representa a cristalização de tudo que Innis defendia como a flexibilidade, anti-dogmatismo, liberdade e criatividade contra as forças que queriam destruir essa tradição. Sua recomendação era fortalecer a universidade contra as mazelas da civilização moderna enviesada pelo espaço.

As mazelas poderiam ser descritas como o enviesamento espacial, a ascensão do estado, a falta de instituições para contrabalancear o viés espacial, e a ascensão de uma onda de nacionalismo, irracionalismo e uso da força (Pal, 1977, p. 39). “Under these circumstances the problem of duration or monopoly over time has been neglected, indeed obliterated. Time has been cut into pieces the length of a day’s newspaper.” (Innis, 1995b, p. 388)³³¹.

³³⁰ O lugar das ciências sociais na civilização ocidental deve ser visto em relação ao papel das universidades. A universidade tem desempenhado o seu papel mais importante em servir como um fator de estabilização. No entanto inadequadamente tem desempenhado esse papel em vários períodos da história da civilização, ela tem servido como um repositório do raciocínio das mentes mais capazes atraídas a ela. Ela preferiu a razão à emoção, Voltaire a Rousseau, a persuasão ao poder, cédulas de votos a balas. [...] Ela deve continuar a sua função vital na verificação dos extremos perigosos para que todas as instituições com poder estão sujeitas. As tendências extremas da civilização moderna mostradas na ascensão do Estado moderno e na tirania da opinião obrigam as universidades para resistir-lhes. (INNIS, 1946, p. 141)

³³¹ "Nestas circunstâncias, o problema da duração ou monopólio ao longo do tempo tem sido negligenciada, de fato obliterada. Tempo foi cortado em pedaços do comprimento de jornal de um dia." (INNIS, 1995b, p. 388)

A preocupação de Innis com o tempo e com a duração também aparecia com a recomendação de que essa visão balanceada deveria ser de longo prazo. Segundo Pal (1977, p. 39) a chamada para um sentido de tempo mais amplo é um dos grandes motivos dos seus últimos trabalhos e isso fez com que ele voltasse até os impérios da antiguidade.

O viés espacial minava diretamente a universidade que era para Innis uma das únicas instituições capazes de resistir aos seus encantos. Innis não deixava claro que o que recomendava era uma solução definitiva, mas ele defendia a busca de balanço em vez do enviesamento primário para o tempo ou para o espaço. Isso aparecia no fortalecimento da universidade.

The university is a very old institution and has been concerned throughout its history with long run problems. It is anxious to see its point of view recognised and to assist in any effort toward its achievement. (INNIS, 1995a, p. 294)³³²

A reversão para Innis dessa situação de ênfase exagerada no viés espacial se dá principalmente pela universidade, ou seja, a partir de elementos temporais a fim de destituir o viés temporal do seu domínio e equilibrar a sociedade, assim como nas margens da sociedade é que poderiam surgir oportunidades de reverter esse processo.

Innis looked to the margins for signs of revitalization in the past, he turned his gaze to an institution whose traditions were at odds with the spatializing tendencies of contemporary societies in the present, namely the universities of the West. (BUXTON, 1997, p. 42)³³³

A universidade enquanto uma instituição mais voltada para o tempo, ou seja, para a reflexão, o estudo cuidadoso e a liberdade acadêmica eram essenciais para a cultivação de mentes e o fortalecimento do aqui e agora.

To be sure, he sympathises with those who defend free time in the name of the purely useless; but he does so less to pronounce in favour of the *vita contemplativa* than to protect thinking from encroachment from the pressures of the short term. "The universities must concern themselves with the living rather than with the dead" (WERNICK, 1999, p. 271)³³⁴

³³² A universidade é uma instituição muito antiga e tem se preocupado ao longo de sua história com problemas de longo prazo. Ela está ansiosa para ver seu ponto de vista reconhecido e para ajudar em qualquer esforço para a sua realização. (INNIS, 1995a, p. 294)

³³³ Innis olhou para as margens por os sinais de revitalização no passado, ele voltou seu olhar para uma instituição cujas tradições estavam em desacordo com as tendências de espacialização das sociedades contemporâneas no presente, ou seja, as universidades do ocidente. (BUXTON, 1997, p. 42)

³³⁴ Para ter certeza, ele simpatiza com aqueles que defendem o tempo livre em nome do puramente inútil, mas ele o faz menos para pronunciar a favor da *vita contemplativa* do que para proteger o pensamento da invasão das pressões do curto prazo. "As universidades devem se preocupar com os vivos e não com os mortos" (WERNICK, 1999, p. 271)

A universidade na sua ênfase no tempo e no equilíbrio apresentava também a sua rejeição aos dogmatismos e tentava prevenir a dominação de um único grupo. Mas a universidade também estava sendo ameaçada pelo próprio viés espacial que era apresentado pelo *present-mindedness*. O avanço dos meios como o jornal, o rádio, as revistas fizeram com que o viés espacial fosse o viés dominante da sociedade analisada por Innis, fazendo com que “[...] that the habit of ignoring time was becoming too difficult to break” (PAL, 1977, p. 41)³³⁵.

A universidade sofre com o enviesamento espacial fazendo com que a universidade estivesse à mercê dos problemas imediatistas e se baseando na comunicação mecanizada como a escrita impressa. A defesa de Innis da universidade como um dos elementos capazes de resistir o avanço do viés espacial, demonstra que em alguns momentos os atores sociais compreendem que está acontecendo através dos vieses das instituições e optam conscientemente por reagirem desenvolvendo meios e instituições que favorecem a dimensão contrária da dominante. Ainda assim diz Buxton na era moderna “Innis maintained that the application of intelligence to the solution of problems was jeopardized by the wide-spread present-mindedness that had taken hold in Western civilization” (1997, p. 40)³³⁶.

Considerações

O conceito de viés para o tempo ou espaço e o conceito de monopólios de conhecimento demonstra a centralidade os meios de comunicação na organização social.

A preocupação de Innis era como as civilizações tentavam lidar com os problemas de controle territorial e duração. Uma sociedade para florescer precisa manter um equilíbrio entre as duas dimensões, para ser criativa, liberdade de conhecimento, abertas a novas ideias e capaz de lidar com as mudanças tecnológicas e comunicacionais e se adaptar a elas.

Quando uma sociedade está sob domínio por uma das duas dimensões monopólios do conhecimento acabam se formando e que acabam enrijecendo a sociedade frente às mudanças sociais e principalmente tecnológicas e comunicacionais.

³³⁵ “[...] que o hábito de ignorar o tempo estava se tornando cada vez mais difícil de se quebrar.” (PAL, 1977, p. 41).

³³⁶ “Innis sustentou que a aplicação da inteligência para a solução dos problemas foi comprometida pela generalizada obsessão pelo presente que tomou conta da civilização ocidental” (1997, p. 40).

Uma sociedade em desequilíbrio, seja enviesada para o tempo ou para o espaço, por um longo período faz com que a sociedade fique a mercê desse viés e negligencie um dos fatores ao ponto de ser difícil que a sociedade perceba que está em desequilíbrio.

Contra esse domínio do tempo ou do espaço, Innis recomenda o fortalecimento de instituições preocupadas com o balanço e um olhar crítico contra conceitos duros na própria academia principalmente o de certos conceitos de tempo e espaço que estavam dominando o ambiente social como o tempo linear e o espaço abstrato dissociado das materialidades.

Ao emprendermos essa investigação, somos obrigados a reconhecer a tendência [*bias*] do período no qual trabalhamos. O interesse nas tendências de outras civilizações pode, por si mesmo, sugerir a tendência da nossa civilização. O conhecimento que temos de outras civilizações depende, em grande medida, da característica dos meios empregados por cada civilização, na medida em que esta é capaz de ser preservada ou tornada acessível através da descoberta. [...] A escrita sobre argila e sobre pedra foi preservada com mais eficácia do que a escrita sobre papiro. Como as *commodities* duráveis enfatizam o tempo e a continuidade, estudos sobre as civilizações, como os de Toynbee, tendem a ter um viés religioso e se mostram negligentes com os problemas do espaço, sobretudo, em relação à administração e à legislação. A tendência [*bias*] da civilização moderna concomitante ao jornal e ao rádio pressupõe uma perspectiva a respeito das civilizações dominadas por outros meios. Pouco podemos fazer, a não ser insistir na necessidade de estarmos constantemente alertas às implicações dessa tendência [*bias*] e, talvez, esperar que a consideração das implicações de outros meios nas diversas civilizações nos permita ver mais claramente a tendência de nossa própria civilização. (INNIS, [1951] 2011, p. 103-104)

Innis analisa as condições do surgimento dos meios, suas características, as dificuldades da sua implementação e a sua potencialidade de influenciar o direcionamento da sociedade. Como os meios encontram dificuldades para serem implementados, então não é garantido de que eles irão ter sucessos em todos os períodos ou lugares, e passam por modificações da sociedade que limitam o seu impacto, como no caso da Grécia em que a escrita foi limitada pela oralidade. Mas uma vez utilizado em grande extensão seu potencial de influenciar diretamente o curso da sociedade é evidente. De um lado Innis estava discutindo as pré-condições para a criação e uso dos meios e suas características, mas isso era uma preparação para a “more forward-looking perspective” (FROST, 2003, p. 12)³³⁷ que era justamente a influência dos meios.

Media, Innis argued, create their own markets by encouraging the spread of literacy and creating an appetite for scriptures, codified law, news, political views, or literature. So in considering a new medium, we need to pay close attention both to the practical process involved in creating and circulating the message in this form, and to the demand or expectations that may be

³³⁷ “perspectiva mais voltada para o futuro” (FROST, 2003, p. 12)

generated as a result of people developing a taste for its new content. (FROST, 2003, p. 12)³³⁸

Fica evidente que é um equívoco dizer que Innis era moralista e queria um retorno à oralidade simples quando se consira que a tradição oral grega era apoiada pela escrita alfabética. Sua defesa em relação ao tempo era devido a uma análise da sua atualidade enquanto diante de um problema para o espaço, isso fazia com que Innis defendesse um retorno à escala humana e rejeitar a pressão nas ciências para o imediato e um cuidado com os vieses das instituições que os cientistas se envolviam.

Se há uma mensagem moral de Innis nos seus trabalhos comunicacionais, isso envolve uma preocupação com a liberdade, a flexibilidade cultural e a longevidade civilizacional a partir de um equilíbrio entre o espaço e o tempo sem monopólios.

4.2 AS CRÍTICAS A INNIS

A quantidade de críticas referentes ao trabalho de Harold Innis é bastante inferior ao tratamento dado pelos críticos ao trabalho de McLuhan. A reputação de Innis, enquanto o principal intelectual do Canadá impediu, segundo alguns autores, um ataque franco as suas teses. Essa também seria uma das justificativas para o estilo de escrita dos seus últimos livros, pois os editores se sentiam constrangidos em corrigi-lo. Somente nas últimas décadas com a recurepação do seu trabalho e um distanciamento temporal foi possível uma análise mais franca de suas teses. Entre as principais críticas estão a do determinismo tecnológico que acompanhou McLuhan e que atinge Innis também, e a do seu estilo de escrita e método de trabalho.

4.2.1 Determinismo Tecnológico

Assim como McLuhan, Harold Innis também foi acusado de determinismo tecnológico diversas vezes e na sua maioria quando analisado em conjunto com

³³⁸ Meios de comunicação, Innis argumentou, criam seus próprios mercados, incentivando a disseminação da alfabetização ea criação de um apetite para escrituras, lei codificada, notícias, opiniões políticas, ou literatura. Assim, ao considerar um novo meio, precisamos prestar muita atenção tanto para o processo de prática envolvidos na criação e circulação da mensagem desta forma, e com a demanda ou expectativas que podem ser geradas como resultado das pessoas desenvolvendo o gosto pelo seu novo conteúdo. (FROST, 2003, p. 12)

McLuhan. No caso de Innis, a acusação tem um precedente importante, pois ele foi influenciado por Thorstein Veblen que é conhecido na literatura como o primeiro a estabelecer o conceito de determinismo tecnológico.

Innis, assim como McLuhan, proferiu diversas vezes frases que o colocariam em um determinismo tecnológico, mas em outros momentos se afasta do determinismo e é cauteloso, como nesta frase, por exemplo, “[...] it would be presumptuous to suggest that the written or printed word has determined the course of civilizations,” (INNIS *apud* HEYER, 2003, p. 46)³³⁹.

Boa parte daqueles autores que se identificam mais com o trabalho de Innis acabam por inocentá-lo da acusação de determinismo, mas mantêm a acusação para McLuhan. Para James Carey, que é apontado como um dos principais recuperadores do trabalho de Innis (Heyer, 2003, p. 89), o determinismo tecnológico de Innis é muito mais suave do que o de McLuhan³⁴⁰.

Em termos gerais, Innis é considerado determinista tecnológico porque, segundo Denis McQuail, “Innis attributed the characteristic features of successive civilizations to the prevailing and dominant modes of communication” (1994, p. 97-98)³⁴¹. Menahem Blondheim (2003, p. 166), diz que a ênfase nos meios de comunicação como determinando as instituições e os sistemas de comunicação social é a causa da acusação de determinismo tecnológico.

Outra justificativa para a acusação é que Innis quando faz uso de exemplos para demarcar as relações da tecnologia com a sociedade apresenta saltos abruptos no tempo e no espaço entre os fatos e suas relações de causalidade, apontando outra crítica que é a do reducionismo. É o caso quando Innis diz que o império romano entrou em declínio devido à falta de papiro do Egito. Deibert (2007, p. 35) cita outros momentos como em “The monarchies of Egypt and Persia, the Roman Empire, and the city-states were essentially products of writing.” (INNIS, [1950] 1972, p.10)³⁴², “Greek science and paper with encouragement of writing in the vernacular provided the wedge between the

³³⁹ “[...] seria presunçoso para sugerir que a palavra escrita ou impressa determinou o curso de civilizações” (INNIS *apud* HEYER, 2003, p. 46)

³⁴⁰ Carey não deixa claro o que significaria isso e quais seriam as diferenças entre os dois tipos de determinismo, mas analisaremos com mais cuidado essa descrição na discussão específica sobre determinismo tecnológico que reúne os dois autores.

³⁴¹ “Innis atribuiu os traços característicos das civilizações sucessivas aos modos de comunicação prevalecentes e dominantes” (1994, p. 97-98).

³⁴² “As monarquias do Egito e da Pérsia, do Império Romano, e as cidades-estado eram essencialmente produtos de escrita.” (INNIS, [1950] 1972, p.10)

temporal and the spiritual power and destroyed the Holy Roman Empire.” (INNIS, [1951] 2008, p. 31)³⁴³, ou ainda “Sumerian culture based on the medium of clay was fused with Semitic culture based on the medium of stone to produce the Babylonian empire.” (INNIS, [1950] 1972, p. 166)³⁴⁴.

O reducionismo é um dos elementos necessários para a acusação de determinismo tecnológico, pois ele vai relacionar que outros elementos são diminuídos e as relações causais são fortalecidas e alia-se a isso ao problema estilístico de Innis de utilizar aforismos³⁴⁵ e temos um cenário para a acusação de determinismo tecnológico.

Alguns autores vão apontar algumas maneiras pelas quais Innis na verdade poderia escapar do determinismo tecnológico. A primeira é a ligar o trabalho de Innis a uma tradição da geografia denominada Possibilismo como faz Vincent Berdoulay (1990); a segunda é do Sócio-Construtivismo desenvolvida por Menahem Blondheim (2004); e por último a de um Holismo Ecológico por Ronald Deibert (2007).

A tradição do **possibilismo** tem suas origens na Geografia. Innis tem relações importantes com a geografia que ultrapassam as óbvias devido as suas pesquisas focarem em grande parte na geografia do Canadá em relação ao comércio e tecnologias de comunicação e transporte. Ele foi convidado em 1928 pela Universidade de Toronto para ir ao *International Geographical Congress* na Inglaterra e foi cogitado para gerenciar e fundar o departamento de Geografia da Universidade de Toronto (CREIGHTON, 1978 [1957], p. 76). Além disso, Innis algumas vezes se identificou como geógrafo econômico (BERGER, 1976, p. 93) e ele tinha conhecimento de importantes geógrafos alinhados ao possibilismo como Vidal de la Blanche e Ellsworth Huntington.

O possibilismo é conhecido como uma teoria que propõe que o meio ambiente impõe uma série de limitações e restrições para ação humana, mas a cultura ainda é determinada por condições sociais, em outras palavras é uma aproximação da relação entre homem e natureza onde as relações entre ativo e passivo mudam constantemente de acordo com Vincent Berdoulay (1990, p. 56).

Para Innis, a criatividade desenvolvida nas margens dos impérios era capaz de levar ao desenvolvimento novos valores e produzindo assim novas instituições,

³⁴³ "ciência grega e papel com o incentivo da escrita em língua vernácula, desde a cunha entre o temporal eo poder espiritual e destruiu o Sacro Império Romano." (INNIS, [1951] 2011, p. 31)

³⁴⁴ "cultura suméria com base no meio do barro foi fundida com a cultura semita baseada na médio de pedra para produzir o império babilônico." (INNIS, [1950] 1972, p. 166.)

³⁴⁵ Um debate mais aprofundado sobre o estilo de escrita de Innis é feito no capítulo sobre estilo e método.

permitindo o desdobramento das possibilidades que eram mantidas latentes nas estruturas geográficas e tecnológicas já estabelecidas. (BERDOULAY, 1990, p. 57). O possibilismo se refere justamente a essa abordagem da geografia humana de enfatizar que as criações humanas representavam na verdade as possibilidades inerentes ao ambiente. Sendo assim, não existiria um determinismo geográfico ou tecnológico, pois eles apenas apresentam novas potencialidades/restrições, que podem ou não serem aproveitadas/ultrapassadas pelo social.

De forma similar a ideia de possibilismo, Heyer diz que Innis escapa do determinismo. O que Innis descreve, na verdade, é a potencialização e intensificação a partir das tecnologias de características já existentes.

Writing enormously enhanced a capacity for abstract thinking which had been evident in the growth of language in the oral tradition. [...] The old magic was transformed into a new and more potent record of the written word. Priests and scribes integrated a slowly changing tradition and provided a justification for established authority. (INNIS, [1950] 1972, p. 10)³⁴⁶

Heyer diz que Innis é cuidadoso para não forçar relações determinísticas nesse caso. “Note again his avoidance of a deterministic slant. Writing itself did not cause these changes, rather it extended and amplified what was already existent in the realm of orality.” (2003, p. 47)³⁴⁷. Para Heyer, o que geralmente é colocado como o determinante são as ideologias, mas em Innis os fatores tecnológicos e contextuais não determinam, mas estendem um potencial.

[...] Innis sees print as extending these elements that had already been asserting themselves a century earlier. Print was also not the only medium contributing to a spatial-bias of modernity. (HEYER, 2003, p. 67)³⁴⁸

Outro autor que tenta salvar Innis da acusação de determinismo tecnológico é Menahem Blondheim, que tenta identificar Innis como um membro do **sócio-construtivismo**. Isso acontece porque a “technological change is engineered and affected by society's strategies and choice.” (2004)³⁴⁹, e as fontes e origens de mudança

³⁴⁶ Escrever enormemente reforçou a capacidade de pensamento abstrato que tinha sido evidente no crescimento da linguagem na tradição oral. [...] A velha magia transformou-se em um novo e mais potente registro da palavra escrita. Os sacerdotes e os escribas integravam uma tradição mudando lentamente e forneceu uma justificativa para a autoridade estabelecida. (INNIS, [1950] 1972, p. 10)

³⁴⁷ “Note novamente sua evitação de um ponto de vista determinista. A escrita em si não causou essas mudanças, mas sim estendeu e ampliou o que já era existente no domínio da oralidade.” (2003, p. 47).

³⁴⁸ [...] Innis vê a impressão como estendendo esses elementos que já tinham vindo a afirmar-se um século antes. A impressão também não era o único meio contribuindo para um viés espacial da modernidade. (HEYER, 2003, p. 67)

³⁴⁹ “[...] mudança tecnológica é engenhada e afetada pelas estratégias e escolhas da sociedade.” (2004),

nem sempre são as tecnologias, (na verdade, segundo Blondheim, dificilmente são as tecnologias). Então, uma vez que a tecnologia é moldada pelas escolhas da sociedade, ele não poderia ser considerado um determinista tecnológico. Innis demonstrou que a sociedade interfere no processo de criação, inserção e uso dos meios de comunicação.

Um dos pontos sutis do estudo de Innis é que em alguns momentos os atores sociais e instituições tomam consciência das relações de poder relacionadas com o tempo e o espaço e agem conscientemente para reverter o jogo do poder. Como diz Blondheim, depois de se recuperar da invasão dos Hicsos do Egito na metade do segundo milênio antes de cristo foi o desenvolvimento de um império de largas extensões uma solução ao problema do espaço que o "brigou o rei a tentar solucionar os problemas de continuidade". (INNIS, [1951] 2008, p. 106). Esse tipo de análise seria uma resposta ao determinismo, mas mesmo que a sociedade faça a mediação no desenvolvimento, inserção e uso dos meios de comunicação, ela ainda tem os seus efeitos.

For even if it is society that drives technology, even if technology is deployed to react to change that was enacted by other factors, once selected and deployed by society, communication technologies may be expected to have very powerful implications. Since they touch on the nexus of mind and matter, those new technologies are of the greatest consequence. In this respect at least, Innis would fit the bill of a communication-technology determinist. (BLONDHEIM, 2004)³⁵⁰..

Apesar de Blondheim, chamar essa abordagem de sócio-construtivismo, ela não se encaixa com a proposta clássica de sócio-construtivismo como a de Wiebe Bijker, Trevor Pinch ou até mesmo Bruno Latour, pois em grande parte estes desconsideram os efeitos das tecnologias. Colocando o foco em outro aspecto, Ronald Deibert também descarta a noção de construtivismo, pois mesmo Innis sendo um crítico das análises ahistóricas, ele era muito materialista para ser construtivista ou pós-modernista.

[constructivism] swung too far in the direction of an airy "idealism," not in the utopian head-in-the-clouds sense of the term, but rather in their slighting of the importance of material factors as constitutive forces in society and politics. (2007, 40)³⁵¹.

³⁵⁰ Pois mesmo que é a sociedade que impulsiona a tecnologia, mesmo que a tecnologia é implantada para reagir a mudança que foi promulgada por outros fatores, uma vez selecionados e desenvolvidos pela sociedade, as tecnologias de comunicação podem vir a ter implicações muito poderosas. Uma vez que eles tocam no nexo de espírito e matéria, essas novas tecnologias são da maior importância. A este respeito, pelo menos, Innis se encaixaria em um determinista da tecnologia da comunicação. (2004).

³⁵¹ [construtivismo] balançou longe demais na direção de um "idealismo" aéreo, não no utópico cabeça nas nuvens no sentido do termo, mas sim em seu menosprezo da importância dos fatores materiais como forças constitutivas da sociedade e da política. (2007, 40).

O sócio-construtivismo então diminuiria a importância do fator material e poderia cair no mesmo tipo de problema do determinismo tecnológico através de um determinismo social. Deibert opta por desenvolver uma alternativa, já que todas essas tradições não parecem estar relacionadas com Innis a ponto de afugentar o determinismo sem retirar os efeitos das tecnologias. Para ele seria possível dizer que Innis faz parte de uma tradição denominada **Holismo Ecológico** (Ecological Holism)

Innis seria, segundo Deibert, um naturalista sem ser reducionista ao mesmo tempo em que apresentava um tipo de materialismo sofisticado que combina os fatores naturais, sociais e avanços tecnológicos na constituição das civilizações. (2007, p. 41).

Innis saw a seamless connection - an inclusive functional system - between human beings as living organisms, the intersubjective web-of-beliefs into which they are acculturated, and the natural environment around them. (DEIBERT, 2007, p. 43)³⁵²

O mais interessante é que boa parte dos autores reverenciam os textos mais econômicos de Innis como os textos com bases mais sérias e consideram os textos mais comunicacionais como sendo experimentais. No caso de Deibert é justamente nos textos comunicacionais que o sistema de Innis se apresenta na melhor forma, na combinação entre fatores materiais e ideacionais.

É por esse motivo que Deibert fica em dúvida se Innis é um essencialista ou um historicista (2007, p. 35). Pois, apesar de suas frases duras contra as análises ahistóricas, ele também “[...] unearths the historical coincidences and conjunctions that take the evolutionary path down one road as opposed to the other.” (2007, p. 36)³⁵³.

Innis' historicism did not stop with his interpretation of historical processes, however. One of the difficult conundrums of historicism is that, when carried to its logical conclusion, it leads ultimately to recognition of the limitations of knowledge itself. (2007, p. 38)³⁵⁴

Para Deibert, pelo tipo de historicismo empregado, Innis não busca por soluções finais e generalizações como leis e ao mesmo tempo ele não fica limitado ao

³⁵² Innis viu uma conexão perfeita - um sistema funcional inclusive - entre os seres humanos como organismos vivos, a rede de crenças intersubjetiva em que eles são aculturados, e o ambiente natural ao seu redor. (DEIBERT, 2007, p. 43)

³⁵³ “[...] desenterra as coincidências históricas e conjunções que tomam o caminho evolutivo por um caminho, em oposição a outro.” (2007, p. 36)

³⁵⁴ O historicismo de Innis não parou com sua interpretação de processos históricos, no entanto. Um dos enigmas difíceis do historicismo é que, quando levada à sua conclusão lógica, leva, finalmente, para o reconhecimento das limitações do próprio conhecimento. (2007, p. 38)

historicismo, pois também considera como a compreensão humana está também baseada na sua situação histórica, que desemboca no problema do viés.

As teorias materialistas, segundo Deibert, nos tempos recentes estão inclinadas a um tipo de reificação ahistórica que os construtivistas combatiam. Isso faz com que ele (2007, p. 41) crie a denominação Holismo Ecológico que é a incorporação dos fatores naturais, tecnológicos e ideacionais na constituição das civilizações e sociedades. A solução seria apontar na ecologia de fatores sem ser reducionista, como acontecia também no sócio-construtivismo como Dan Deudney (1993, p. 193 *apud* DEIBERT, 2007, p. 40) descreve:

In correcting for the reification of social structures, constructivism risks its own blindness in failing to distinguish between social structures constituted by social practice, and material or deep structural realities that are not socially constructed. Natural and material realities structure human action, and such structures are subject to various socially constructed interpretations, but they are not generated by social practices.³⁵⁵

A visão de Deibert é reforçada pela análise Arthur Kroker³⁵⁶ ([1984] 2001, p. 91), que exalta a diversidade de fatores que estão presentes nos estudos de Innis. Tais como os fatores econômicos, psicológicos, políticos, culturais e até mesmo biológicos como nas descrições de Innis sobre o comportamento dos castores em *The Fur Trade in Canada* (1930).

Essa incorporação de diversos fatores era fundamental em um momento de discussão sobre a exclusão da natureza das ciências sociais, segundo Deibert, e funciona como uma escapatória do determinismo tecnológico, algo que Vincent Norcia também concorda.

Innis' multifactorally dense explanations reflected that ecology. Neither economics, geography nor technology operate alone and untrammelled. Rather each is limited relative to the others; and their dynamic interplay changes over time and space. Finally he saw such systems as open not closed. This is hardly determinism. (NORCIA, 1990, p. 10)³⁵⁷

³⁵⁵ Em corrigindo para a reificação das estruturas sociais, o construtivismo arrisca a sua própria cegueira em não distinguir entre as estruturas sociais constituídas por prática social e material ou realidades estruturais profundas que não são socialmente construídas. Realidades naturais e materiais estruturam a ação humana, e essas estruturas estão sujeitas a várias interpretações socialmente construídas, mas elas não são geradas por práticas sociais. (DEUDNEY, 1993, p. 193 *apud* DEIBERT, 2007, p. 40)

³⁵⁶ Arthur Kroker, no livro dedicado a analisar o trabalho de Innis, McLuhan e Grant identificou Innis como um membro do Realismo Tecnológico (*Technological Realism*). Segundo Kroker, trata-se de uma tradição que foca no balanço e proporção e no caso de Innis esse balanço se dá principalmente pelo balanço entre o poder e cultura.

³⁵⁷ As explicações densas multifactoriais de Innis reflete essa ecologia. Nem a economia, a geografia, nem a tecnologia funciona sozinha e sem entraves. Em vez disso cada um é limitado em relação aos outros; e a sua interação dinâmica muda ao longo do tempo e espaço. Finalmente ele viu tais sistemas como abertos e não fechados. Isso é dificilmente determinismo. (NORCIA, 1990, p. 10)

Considerações

Podemos dizer que o sócio construtivismo é só uma resposta contrária ao determinismo para dizer que o social molda as tecnologias e é capaz de controlar o seu desenvolvimento, mas lidar com os seus efeitos é algo que está longe de ser advogado pelos sócio-construtivistas. O possibilismo só compõe que as tecnologias têm potenciais, ou seja, elas têm algum tipo de agenciamento próprio, são atores que não são neutros, mas as consequências dos usos também ficam deixadas de lado. O holismo ecológico de Deibert e o realismo tecnológico de Kroker se assemelham ao considerar que Innis trabalhavam com vários fatores ao mesmo tempo sendo que em alguns momentos um fator ganha proeminência e outros momentos é outro fator que ganha o domínio ao descreve a relação entre concomitante entre mudança tecnológica e transformação cultural.

De um lado, a descrição de Deibert e Kroker parece ser uma análise aceitável para o problema do determinismo tecnológico, mas de outro lado impõe um problema metodológico da possibilidade ou não de abarcar todas os elementos possíveis para uma análise não ser considerada determinista. Menahem Blondheim questiona essa relação de determinismo tecnológico e acredita que Innis poderia ser identificado como um determinismo invertido ao focar que os atores sociais e instituições ao tomar consciência poderiam agir para contrabalancear o viés da sociedade. Para ele, Innis desenvolveu um foco comunicacional e não tecnológico, pois o que ele estava fazendo é demonstrar como os processos comunicacionais e as instituições associadas a estes processos tem grande influência na natureza das sociedades. Innis então optou por ler a história do mundo a partir da história da comunicação, e obviamente a partir das tecnologias da comunicação. Dizer que Innis é um determinista comunicacional não poderia ser usado como uma forma de excluir a tecnologia como elemento material importante nesse processo com as suas possibilidades e restrições. Pois, como diz Blondheim, “Thus, his great revelation in communication theory was suggesting that there should be such a thing; his revolution as a communication theorist was being one.”³⁵⁸. A descoberta do campo comunicacional e de Innis enquanto um teórico da comunicação parafraseado justamente a frase de Heyer “There is good reason to regard

³⁵⁸ "Assim, a sua grande revelação na teoria da comunicação estava em sugerir que deveria haver tal coisa; sua revolução como um teórico da comunicação estava em ser um." (BLONDHEIM, 2004).

Innis as the first writer to create a distinct field of inquiry using the social and economic consequence of developments in communication as subject matter” (HEYER, 1981, p. 250)³⁵⁹. É o que Blondheim denomina da descoberta do significado da comunicação.

4.2.2 Estilo e método

Innis foi criticado principalmente pelo seu estilo; erros históricos; uso de fontes secundárias; e por ser contraditório em relação aos seus exemplos e sua posição em relação à universidade. Paul Heyer, biógrafo de Innis, descreveu o seu estilo de escrita e método da seguinte maneira:

The essay [Minerva’s Owl] is a baffling read of insightful observations followed by statements that seem to bear no logical connection to what preceded them; more often than not, they lead in a completely new direction rather than resolve what has gone before. (HEYER, 2003, p. 43)³⁶⁰

Havelock dizia que Innis era “a complicated and even contradictory person [...] someone for whom you could not find an easy formula.” (1982, p. 17)³⁶¹. Havelock e Innis tinham opiniões políticas diferentes. Havelock, segundo ele próprio, era um *outsider* enquanto Innis era um *insider*. Segundo Havelock, Innis era descrito por muitos como um conservador, mas que não era algo ruim na visão de Havelock, pois representava a sua dedicação e estudo cuidadoso além de se afastar das respostas finais e fáceis, o que na verdade poderia ser chamado de progressivo para outros autores.

[...] never content to select only one or two elements in a complicated equation in order to build a quick-order policy or programme; far ranging enough in intellect to take in the whole sum of the factors, and comprehend their often contradictory effects. (HAVELOCK, 1982, p. 22-23)³⁶²

³⁵⁹ "Há uma boa razão para considerar Innis como o primeiro escritor a criar um campo distinto de investigação usando a consequência social e econômica da evolução da comunicação como assunto" (HEYER, 1981, p. 250).

³⁶⁰ O ensaio [Minerva’s Owl] é uma leitura desconcertante de observações perspicazes seguido por declarações que parecem não têm qualquer conexão lógica com o que os precederam, mais frequentemente do que não, eles levam a uma direção totalmente nova ao invés de resolver o que se passou antes. (HEYER, 2003, p. 43)

³⁶¹ "[...] uma pessoa complicada e até contraditória [...] alguém para quem você não poderia encontrar uma fórmula fácil." (1982, p. 17).

³⁶² [...] nunca conteúdo para selecionar apenas um ou dois elementos de uma equação complicada, a fim de construir uma política de ordem rápida ou programa; longo alcance suficiente no intelecto para tomar toda a soma dos fatores, e compreender seus efeitos, muitas vezes contraditórias. (HAVELOCK, 1982, p. 22-23)

Innis, na visão de Havelock, considerava as posições políticas esquerdistas no Canadá como ingênuas, mas isso não o colocaria como um imperialista em favor da Inglaterra, justamente pela sua análise cuidadosa. (1982, p. 23)

Segundo Havelock, Innis criticava suas colegas que assumiam cargos no governo, mas ele mesmo fazia parte de diversas comissões e era ambicioso escalando rapidamente em prestígio com as diversas comissões e dentro da universidade. De um lado ele era um crítico no início da sua carreira e os biógrafos gostam de situar Innis como um *outsider* que estavam realizando um trabalho pioneiro em contraposição as grandes narrativas como a tese de fronteira de Turner. Havelock diz que Innis era um *insider* devido às posições que conseguiu no governo e na universidade e que havia se tornado novamente um *outsider* ao desenvolver as suas pesquisas comunicacionais fora da sua zona de conforto.

Mas é difícil dizer que isso era uma contradição na postura de Innis, pois Innis não dizia que seus colegas não deveriam agir de forma política por aquilo que acreditavam. Innis tinha a postura de que seus colegas não deveriam abandonar a universidade e quando participassem de comissões do governo deveria ser como consultores e preservadores dos ideais da universidade, como os estudos de longo prazo, cuidadosos e sem a interferência dos vieses institucionais.

Vere Gordon Childe, o importante arqueólogo e filólogo escreveu em 1951 uma resenha para o livro *Empire and Communications* (1950). Diante da situação de que poucos autores da área da economia política se interessaram nos trabalhos mais comunicacionais de Innis, foi uma grata e importante surpresa uma resenha de um estudioso tão renomado quanto Childe.

As críticas foram apontadas em duas direções. A primeira era o problema com os fatos, Innis, por exemplo, diz que no Egito durante as duas primeiras dinastias do antigo reino uma dependência da pedra como meio proveu o pano de fundo para uma monarquia absolutista. Com o papiro, a posição monopolística da pedra foi quebrada e coincidiu com uma mudança para uma organização mais democrática. Mas para Childe, o primeiro faraó e seus sucessores imediatos não utilizaram a pedra como prestígio nas pirâmides ou como meio de comunicação. Em vez de pedra eles utilizavam tijolos de barro e só mudaram de suporte para a pedra na terceira dinastia sendo que os primeiros documentos egípcios escritos não foram esculpidos em pedra, mas pintados em tábuas de madeira ou marfim ou em selos cilíndricos. Dessa forma, como neste exemplo, Innis

teria feito um erro histórico ao confundir os meios disponíveis e seu uso em determinado período.

A causa de erros como este é colocada por Childe no uso de fontes secundárias, algo que Havelock (1982, p. 30) também viria a apontar anos mais tarde. Se no início da sua carreira Innis foi considerado como um defensor da pesquisa suja (*dirty research*), em que ele próprio viajou por todo o Canadá para conhecer a realidade dos meios de transporte, de comunicação, produção e comércio e criou materiais para as suas aulas como mapas detalhados agora ele enfrentava terreno novo.

Como diz Blondheim (2007, p. 66) nenhum texto referenciado por Innis no livro *The Bias of Communication* tinha no título o termo “comunicação”, ao que tudo indica Innis explorou o tema comunicacional em livros gerais sobre impérios da antigüidade recolhendo fatos e informações onde ele encontrava relações com os meios de comunicação. Essa é uma das justificativas que os autores colocam para justificar o estilo de escrita de Innis, que sempre foi considerado difícil, mas nos seus textos comunicacionais eles alcançaram um novo padrão. Era um estilo fragmentado e mosaico, criticado por não ser linear e pela falta das ligações entre os diferentes níveis de análises e conexões entre os argumentos.

Outro argumento que justificaria esse estilo dos seus trabalhos seria a sua saúde debilitada nos últimos anos de vida. Innis já era diretor do seu departamento, decano de pós-graduação da Universidade de Toronto e tinha assumido como membro da *Royal Commision on Transportation* em 1950. Isso o obrigou a viajar por várias regiões do Canadá e posteriormente toda a semana de trem entre Ottawa e Toronto para realizar o trabalho da comissão e dar aulas na universidade sem descanso. Com essa falta de tempo e ao mesmo tempo com sua saúde debilitada, Innis teria decidido escrever o mais rápido possível o que estava desenvolvendo sem o mesmo cuidado que ele era acostumado (HEYER, 2003, p. 33).

William Buxton e Risa Dickens (2006) reforçaram outro argumento, o de que seus últimos livros eram na verdade exposições orais com intenções políticas, no sentido de chamar a atenção de suas audiências para problemas de seu interesse, que acabaram sendo publicadas em forma de livro, o que marcava a diferença entre as suas apresentações orais e a forma escrita. Ainda assim, Paul Heyer, diz “by all accounts his

oral delivery was just as baffling to audiences as his writing. (2003, p. 60)³⁶³ e que o estilo de Innis nos seus textos econômicos já era difícil e não algo tão distinto dos seus textos mais comunicacionais.

First, it should be stated that Innis was never a lucid writer. His early work in political economy overwhelms the reader with detail to the point where it impedes exposition, but the arguments stay their course. In the late work, it is detail that gets sacrificed to concept and the line of argumentation is rarely direct. Exasperation can easily befall the reader when, without transition, a revealing connection is broached only to be followed in the same paragraph by a leap of millennia and the introduction of a new topic. (HEYER, 2003, p. 59)³⁶⁴

O mesmo disse Vincent Berdoulay “Some would say that his first books were standard pieces of economic history. However, a close look at his argumentation reveals what may seem astonishing gaps in logic.” (1990, p. 53)³⁶⁵. Ainda assim, os textos comunicacionais diz Heyer (2003), se apresentam mais como uma mente em processo e que os textos do livro *The Bias of Communication* não seriam tão diferentes quanto o seu *Idea File*. Robert Cox diz que os pulos históricos poderiam ser explicados pelo estilo de Innis, como ferramentas para pensar “devices to set you thinking” (1995, p. 20)³⁶⁶.

Marshall McLuhan percebeu algo similar, dizendo que Innis era um autor preocupado em não ser linear, sem querer dar respostas finais e preocupado com conceitos que rivalizavam o sentido de espaço euclidiano e de tempo linear. Para McLuhan, Innis estava exercendo o método de reconhecimento de padrões, ao mesmo tempo sendo paradoxal ao demonstrar mais de uma faceta da situação ao mesmo tempo, dessa forma Innis não estava fornecendo um ponto de vista fixo, mas sim analisando o processo. “The reason for the ‘difficulties’ which many people encounter in reading

³⁶³ “[...] sob todos os aspectos a sua entrega por via oral era tão desconcertante para o público como a sua escrita.” (2003, p. 60)

³⁶⁴ Primeiro, deve-se afirmar que Innis nunca foi um escritor lúcido. Seus primeiros trabalhos em economia política domina o leitor com detalhes para o ponto onde ele impede a exposição, mas os argumentos ficam no seu curso. Nos seus últimos trabalhos, é o detalhe que é sacrificado ao conceito e a linha de argumentação raramente é direta. A exasperação pode facilmente acontecer quando o leitor, sem transição, é abordado com uma ligação reveladora apenas para ser seguido no mesmo parágrafo por um salto de milênios e a introdução de um novo tópico. (HEYER, 2003, p. 59)

³⁶⁵ “Alguns diriam que seus primeiros livros eram peças padrão de história econômica. No entanto, um olhar mais atento sobre a sua argumentação revela o que pode parecer surpreendente lacunas na lógica.” (1990, p. 53).

³⁶⁶ “[...] dispositivos para ajustá-lo a pensar” (1995, p. 20).

Innis arises from his participative concern with processes rather than a point of view.” ([1950] 1972, p. vi)³⁶⁷

Um dos elementos de Innis que McLuhan admirava era a sua capacidade de condensar e comprimir as suas análises. “I mean compression. Symbolism is the technique of concentrating on effects rather than ‘causes.’” ([1950] 1972, p. xi)³⁶⁸. Na sua introdução a reimpressão de *The Bias of Communication*, McLuhan explicou: “Each sentence is a compressed monograph.” ([1964] 2005, p. 8)³⁶⁹

McLuhan queria dizer que o estilo de Innis era deliberado e que tinha relação com os movimentos modernistas como a poesia simbolista e a pintura cubista, que o próprio McLuhan associava ao seu estilo (ainda que McLuhan aponte que Innis não tivesse conhecimento sobre as artes modernas) ([1964] 2005, p. 5). Sua tentativa era dizer que esse tipo de estilo evocava os princípios da oralidade (HEYER, 2003, p. 59) e de convidar o leitor a embarcar na descoberta.

Acredito que nenhum dos argumentos pode ser considerado como o único motivo do seu estilo, mas foi um dos elementos que levou Innis a ser acusado de determinismo tecnológico. O que podemos dizer sobre as causas desse estilo em Innis é que ele já tinha um estilo difícil desde o seus textos mais econômicos, mas ele contou com a ajuda da sua esposa e de editores para revisar seus textos a ponto de serem publicados. No final da sua vida a situação se agravou, pois ele estava ficando doente; ele tinha pouco tempo para ser cuidadoso; os textos eram primariamente apresentações orais; ele estava avançando em novos terrenos que o retiraram da sua zona de conforto e trabalhando com uma quantidade expressiva de referências em busca dos aspectos para montar o seu quebra-cabeça. O resultado de todos esses fatores foi um texto de difícil acesso, com erros históricos, ainda que com uma base de fácil apreensão e inspiradora que acabam por não diminuir o aparato teórico desenvolvido por Innis.

³⁶⁷ "A razão para as 'dificuldades' que muitas pessoas encontram na leitura de Innis surge de sua preocupação com os processos participativos em vez de um ponto de vista." ([1950] 1972, p. vi)

³⁶⁸ "Quero dizer de compressão. O simbolismo é a técnica de se concentrar sobre os efeitos, em vez de 'causas'." ([1950] 1972, p. xi).

³⁶⁹ “Cada sentença é uma monografia comprimida” ([1964] 2005, p. 8)

5 UM PROGRAMA DE PESQUISA COMUNICACIONAL A PARTIR DE HAROLD INNIS E MARSHALL MCLUHAN

Diante do impacto de Innis e McLuhan e seus seguidores no campo da comunicação, muitos autores perceberam neles uma verdadeira escola de pensamento. Nesse sentido nossa proposta de estabelecer um programa de pesquisa não é a primeira tentativa de organizar o trabalho destes e de outros autores em um conjunto único e que se difere de outras tradições.

Diferente de outros países, no Brasil o pensamento sobre Innis e McLuhan quase sempre ficou restrito a este último encarado como um autor isolado. Prova disso, é que o livro de teorias da comunicação mais utilizado no país tanto na graduação quanto na pós-graduação cita McLuhan como um teórico isolado e apenas em uma nota de rodapé. (Wolf, 1995, p. 94). Caso que não é exclusivo desta obra. O isolamento de McLuhan pode ser percebido também pela trajetória histórica dos dois pesquisadores. Innis foi um economista de grande prestígio tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá, mas seus textos sobre a comunicação foram em grande parte negligenciados pelos economistas, assim como pelos comunicólogos. Basta dizer que seus trabalhos não foram traduzidos para o francês, um dos idiomas oficiais do Canadá. Muito diferente de seu compatriota, o professor de literatura Marshall McLuhan foi um fenômeno mediático e intelectual que abalou o mundo, publicando uma série de livros e artigos sobre meios de comunicação, enquanto que a produção dita comunicacional de Innis se desenvolveu de forma mais intensa apenas nos últimos 10 anos de sua vida. Como resultado a quantidade de livros que discutem McLuhan é largamente superior ao contrário de Innis que tem três biografias publicadas (Creighton, 1978; Heyer, 2003; Watson, 2008) e a produção que discute seu trabalho não ultrapassa uma dezena de livros. Juntamos-nos, assim, a Derrick de Kerckhove (1989) (ex-diretor do *The McLuhan Program in Culture and Technology*), ao enfatizar que as diferentes nomenclaturas nos permitem a recuperar o pensamento de Innis e nos ajudam a entender que McLuhan não era um autor isolado apontando pontos em comum entre Innis e McLuhan e com outros autores.

5.1 AS TENTATIVAS DE DESIGNAÇÃO: TEORIA DO MEIO, ESCOLA DE TORONTO OU MEDIA ECOLOGY?

Diversos autores perceberam na relação entre em Innis e McLuhan uma verdadeira escola de pensamento, com importantes contribuições para a teoria da comunicação, mas empregaram nomenclaturas diversas na tentativa de agrupá-los e de relacioná-los a outros teóricos. Nossa preocupação não é a discussão sobre qual seria a designação mais correta ou sobre originalidade, mas sim questões teóricas e epistemológicas subjacentes às diferentes tentativas de compreender as contribuições de Innis e de McLuhan.

Um dos elementos que colabora para perceber uma relação íntima entre os dois autores dá-se através da própria forma que McLuhan considera seu trabalho, como sendo um continuador de Innis, mesmo se alguns críticos considerem problemática essa relação (BUXTON, 2011; TREMBLAY, 2011). De fato, McLuhan faz uma série de referências a Innis em seus textos, mas o principal fator para esta vinculação se encontra na introdução feita por McLuhan para a reedição do livro de Innis “The Bias of Communication”, realizada em 1964, onde este diz que seu trabalho deve ser considerado como uma nota de rodapé ao trabalho de Innis.

É importante ressaltar, que o trabalho teórico de um autor pode ser percebido por diversos prismas diferentes, sendo assim, um economista certamente destacaria diferentes elementos da obra de Innis se comparado a um comunicólogo e vice-versa.

Dessa forma, propomos uma problematização destas designações para além de suas nomenclaturas e investimos na discussão que tem por fim a problematização de suas diferenças epistemológicas, assim como os pontos de contato entre elas. As referidas designações a serem discutidas neste artigo são: *Medium Theory* (Teoria do Meio), *Media Ecology* (Ecologia dos Meios) e *Toronto School of Communication* (Escola de Toronto de Comunicação). Tomaremos por base quatro teóricos da comunicação e textos de sua autoria que se tornaram referência: (1) Joshua Meyrowitz, “Medium Theory” (1994); (2) Lance Strace “President’s Message – Understanding MEA” (1999) e “The Media Ecology Review” (2004); (3) Derrick de Kerckhove, “McLuhan and The Toronto School of Communication” (1989); (4) Donald Theall “The Toronto School of Communication” (2003).

Estas designações se servem de critérios diferentes e não agrupam o mesmo conjunto de autores, mas logo de início chama a atenção que as três designações enfatizam que se trata de uma escola do pensamento comunicacional, vide o uso que fazem de termos como “comunicação” ou “meios de comunicação”. Assim, as três designações concordam sobre a área de estudo, contudo, o que significa essa apropriação para o campo da comunicação e como estas se colocam em relação a ele é um dos elementos que são analisados aqui.

Perguntamos, por conseguinte, quais são as justificativas dadas pelos autores para considerar a determinada escola de pensamento como pertencente ao campo da Comunicação. Qual é o ponto central que permite dizer que os diversos autores fazem parte desta escola de pensamento? A designação é abrangente ou é restritiva? Quais os autores (primários e secundários) fazem parte da escola de pensamento?

5.1.1 Medium Theory

Desenvolvida em 1986, no livro *No Sense of Place*, Joshua Meyrowitz propõe a designação *Medium Theory* para chamar a atenção do trabalho realizado por Innis e McLuhan, mas também para uma série de autores que fizeram, ou estavam fazendo, pesquisas na mesma direção que estes. Posteriormente no artigo “Medium Theory” (1994) o autor deixa ainda mais clara a proposta e que nos baseamos aqui.

Meyrowitz começa explicando que a maioria das pesquisas em comunicação focam apenas em uma única dimensão do ambiente mediático que é o conteúdo das mensagens dos meios de comunicação, mas os teóricos da *Medium Theory* procuram analisar outra dimensão, a das tecnologias da comunicação. Vários pesquisadores de outras áreas como a sociologia e psicologia, chamaram a atenção para as influências potenciais das tecnologias da comunicação em adição a dimensão do conteúdo que ela veicula. Nesse sentido, Meyrowitz coloca essa tradição como o de pesquisadores que se interessaram pelas influências das tecnologias da comunicação.

Medium theory focuses on the particular characteristics of each individual medium or of each particular type of media. Broadly speaking, medium theorists ask: What are the relatively fixed features of each means of communicating and how do these features make the medium physically, psychologically, and socially different from other media and from face-to-face interaction? Medium theory examines such variables as the senses that are required to attend to the medium, whether the communication is bi-directional or uni directional, how quickly messages can be disseminated,

whether learning how to encode and decode in the medium is difficult or simple, how many people can attend to the same message at the same moment, and so forth. Medium theorists argue that such variables influence the medium's use and its social, political, and psychological impact. (1994, p.51)³⁷⁰

Na proposta de Meyrowitz, fica clara a opção pela centralidade dos meios de comunicação como agentes não neutros e sim formadores de novos ambientes sociais. A escolha de Meyrowitz para designar essa corrente de *Medium Theory* no singular reside na tentativa de afastamento de outras 'teorias dos meios de comunicação' (MEYROWITZ, 1993, p. 69; 1994, p. 50) e para destacar que a tradição investiga as características de cada meio de comunicação e como cada meio de comunicação cria um ambiente único que propõe uma inter-relação entre os órgãos dos sentidos humanos.

Parece-nos, claro, então, que a proposta de Meyrowitz para colocar a tradição dentro da comunicação é encarar que são os meios de comunicação o objeto principal, ainda que o próprio Meyrowitz não traga uma definição de meios de comunicação (assim como os demais autores que apresentaremos adiante). O autor propõe um agrupamento com a designação *Medium Theory* e que pode ser dividida entre duas gerações, na qual a segunda geração resolveria diversos problemas encontrados na primeira.

A Primeira Geração

A primeira geração ficou marcada principalmente por um tipo de análise macro focando nas mudanças nas instituições sociais e tem como autores principais Innis e McLuhan. Entre os outros autores que Meyrowitz considera como pertencentes a primeira geração da *Medium Theory* estão Walter Ong, J. C. Carothers, Eric Havelock, Jack Goody, Ian Watt e A. R. Luria, por se dedicaram ao estudo da oralidade e letramento.

³⁷⁰ Medium Theory aborda as características particulares de cada meio individualmente ou cada tipo específico de meio de comunicação. De um modo geral, os teóricos de meio perguntam: Quais são as características relativamente fixas de cada meio de comunicação e como estas características tornam o meio fisicamente, psicologicamente e socialmente diferente de outros meios de comunicação e da interação face-a-face? Medium Theory analisa variáveis como os sentidos que são necessários para atender o meio, se a comunicação é bi-direcional ou uni direcional, o quão rápido as mensagens são disseminadas, se a aprendizagem necessária para codificar e decodificar as mensagens no meio é difícil ou simples, quantas pessoas podem prestar atenção à mesma mensagem ao mesmo tempo e assim por diante. Teóricos do meio argumentam que tais variáveis influenciam o uso do meio e seu impacto social, político e psicológico. (1994, p.51)

Para Meyrowitz, todos estes autores acreditam que a oralidade e o letramento promovem diferentes modos de consciência humana. Para estes, o avanço do letramento afeta a organização social, a definição social de conhecimento, a concepção de individualidade/indivíduo e até alguns tipos de doenças mentais.

Outros, como H. L. Chaytor e Elizabeth Eisenstein, desenvolveram importantes trabalhos sobre a mudança do manuscrito para a imprensa. Walter Ong, Edmund Carpenter, Tony Schwartz e Daniel Boorstin se dedicaram a analisar as formas pelas quais os meios de comunicação eletrônicos alteram os padrões do pensar e da organização social. Segundo Meyrowitz, as análises de Ong e Boorstin são academicamente mais tradicionais e ajudaram a dar apoio aos argumentos de McLuhan assim como estendê-los. Já Carpenter e Schwartz apresentam um estilo de argumentação mais próximo ao de McLuhan.

Meyrowitz se dedica então a apresentar o pensamento dessa primeira geração com base principalmente em Innis e McLuhan. Dessa forma, o autor deixa claro a sua escolha destes dois como os principais representantes da *Medium Theory*.

Ao descrever o trabalho de Innis, Meyrowitz foca no monopólio de conhecimento e no viés relativo ao uso dos meios e a relação de controle dos meios. No caso de McLuhan, o foco dado é o da organização dos sentidos humanos e a estrutura da cultura.

McLuhan suggests that the use of different technologies affects the organization of the human senses and the structure of the culture. He divides history into three major periods: oral, writing/printing, and electronic. Each period, according to McLuhan, is characterized by its own interplay of the senses and therefore by its own forms of thinking and communicating (1994, p. 52)³⁷¹.

Um dos pontos principais para Meyrowitz é o foco na estrutura dado por McLuhan ao fazer a divisão da história em três grandes eras comunicacionais. Assim, a cada transição de uma era comunicacional mudanças ocorrem na organização dos sentidos. McLuhan sugeria que cada meio exige seu próprio estilo de comportamento, de modo que uma performance que funciona bem em um meio de comunicação *hot*, como o rádio pode parecer muito duro e sem vida em um meio de comunicação *cool* como a televisão (1994, p. 52).

³⁷¹ McLuhan sugere que a utilização de diferentes tecnologias afeta a organização dos sentidos humanos e a estrutura da cultura. Ele divide a história em três grandes períodos: oral, escrita/impressão, e eletrônica. Cada período, de acordo com McLuhan, é caracterizado por sua própria interação dos sentidos e, portanto, por suas próprias formas de pensar e comunicar (1994, p. 52).

Mas estes autores possuem que tipo de similaridades? Para Meyrowitz, eles têm métodos diferentes, se dedicam a territórios diferentes de análise e chegam até a conclusões diferentes. Dessa forma, não são estes elementos que fazem eles participarem de uma mesma tradição. Para Meyrowitz, é a concepção que as tecnologias comunicacionais têm efeitos que estão ligados as características dos meios empregados e que estão para além do conteúdo. Outro ponto forte de contato é a divisão das eras pelos meios de comunicação empregados, o que demonstra a preocupação com a interação entre os meios de comunicação e cultura. Aparecem aí pontos em comum, que segundo Meyrowitz, são consistentes a ponto de podermos estabelecer que se trata de uma tradição comunicacional.

Yet when their arguments and analyses are taken together, a surprisingly consistent and clear image of the interaction of media and culture emerges. Broadly speaking, these theorists' works cohere into a shared image of three phases of civilization matched to three major forms of communicating: the move from traditional oral societies to modern print societies (via a transitional scribal phase), to an electronic global culture. (1994, p. 54)³⁷².

Meyrowitz chama atenção para as relações entre os meios de comunicação e os sentidos, um dos elementos principais da proposta de McLuhan. McLuhan estabelece uma diferença entre oralidade e escrita devido aos sentidos que são requisitados. Na escrita, apenas o sentido da visão é requisitado já na oralidade “... o mundo oral é um de rico envolvimento com e interação de todos os sentidos da audição, visão, olfato, paladar e tato.”(1994, p. 54)³⁷³.

Ao falar da transição da oralidade para a escrita, Meyrowitz diz que a escrita muda a forma de pensar, pois esta permite formas de construir e de conservar a prosa que eram impossíveis com a oralidade como a memorização completa das prosas. Ela não muda somente o padrão de disseminação, mas também o conteúdo que está sendo disseminado. “Writing establishes the potential for true ‘literature’, ‘science’, and ‘philosophy’” (1994, p. 54)³⁷⁴. E altera o conteúdo também. Pois aqueles que estão no mesmo lugar físico agora ganham uma possibilidade maior para saber e experimentar

³⁷² No entanto, quando os seus argumentos e análises são tomadas em conjunto, uma imagem surpreendentemente consistente e clara da interação dos meios de comunicação e cultura emerge. De um modo geral, as obras desses teóricos concordam em uma imagem comum de três fases da civilização correspondentes a três principais formas de comunicação: a mudança de sociedades tradicionais orais para as sociedades modernas de impressão (através de uma fase de transição de escriba), para uma cultura eletrônica global. (1994, p. 54)

³⁷³ “And the oral world is one of rich involvement with and interplay of all the senses of hearing, sight, smell, taste, and touch”. (1994, p. 54.)

³⁷⁴ A escrita estabelece o potencialidade de uma verdadeira 'literatura', 'ciência' e 'filosofia'. (1994, p. 54).

diferentes coisas, e com isso diferentes visões de mundo. E permite que aqueles que tiveram acesso ao mesmo texto se sintam conectados independentemente da distância física entre eles. A escrita serve assim como separador e unificador de pessoas.

Um dos pontos interessantes da discussão de Meyrowitz é que ele chama a atenção de que escrever e ler é diferente de falar e escutar, pois estes são meios de comunicação “naturais”. Ou seja, ele coloca um ponto fundamental na discussão entre o que é natural e o que não é natural, e com isso insinua uma problemática mais profunda que envolve a noção de tecnologia e de meios de comunicação, ainda que Meyrowitz não aprofunde a questão no artigo.

Com o desenvolvimento da escrita e da leitura acontece a separação entre mundos informacionais, quem lê e escreve acaba por desenvolver pontos de vista e perspectivas diferentes. Este ultrapassa os espaços físicos, que definem certa comunidade criando agrupamentos diferentes estabelecidos por afinidades políticas, espirituais e intelectuais.

The ability to ‘see’ on a printed page what were once only spoken folk languages, for example, fosters a sense of unity among all those who use the same language (not just among those who speak it in the same time and place) (1994, p 56.)³⁷⁵.

A impressão modifica o balanço dos sentidos, em vez de todos os sentidos simultaneamente interagindo quando na oralidade, passa-se de para o domínio do sentido da visão apenas ao utilizar a escrita.

But in a print society the word becomes an *object* spatially fixed on a page - that one can stare at and think about. [...] Print, even more than writing, undoes the tribal balance of the senses. The importance of the simultaneous aural surround yields to the dominance of the sequential sense of sight (‘seeing it in black on white’, ‘following your line of thought’, ‘developing your point of view’). [...] A listener interrupts a speaker with a response, but a reader must let a writer have his or her ‘say’ before drafting a reply. [...] The isolation of stimuli fosters cause-and-effect thinking. Literate thinking diminishes the view of life as a repeating sequence of natural cycles and promotes the view of constant linear change and improvement. [...] new form of incremental growth of knowledge. In both oral and manuscript cultures, the key intellectual process was one of *preservation*. But with the printing of multiple copies of exactly the same text, there is a new ‘safety in numbers’ that allows the intellectual challenge to become one of *discovery* and change. [...] In these ways, the printing press fosters the rapid growth of scientific inquiry and the rejection of traditional authority. [...] The use of electronic communication, like other media, takes time to develop and ripen

³⁷⁵ A capacidade de "ver" em uma página impressa o que já foram apenas falas de línguas populares, por exemplo, promove uma sensação de unidade entre todos aqueles que usam a mesma língua (não apenas entre aqueles que falam no mesmo tempo e lugar) (1994, p. 56).

before having dramatic, visible impact on social structure in the mid-twentieth century. (1994, p. 57).³⁷⁶.

Para Meyrowitz, a dimensão que falta é a de ligar esse aparato teórico com as análises da interação social cotidiana como método a fim de demonstrar a influência dos meios de comunicação, e por isso a necessidade de uma segunda geração da *Medium Theory* capaz de dar conta desse processo.

A Segunda Geração

Na segunda geração, Meyrowitz diz que há uma diminuição da abstração exagerada presente nos pais fundadores, mas também um diferente foco de análise, saindo do macro para o micro como uma forma de fugir de críticas como a do determinismo tecnológico, bastante frequente nas críticas a Innis e McLuhan.

O que difere a segunda geração, segundo Meyrowitz, é a tentativa de diminuir a abstração articulando as características dos ambientes mediáticos e os papéis sociais estendendo assim as perspectivas de Innis e McLuhan.

Na segunda geração, Meyrowitz inclui o seu trabalho e também o de outros autores como Susan Sontag, Paul Levinson, Neil Postman, Sherry Turkle, Judith Perrolle, Susan Drucker, Shoshana Zuboff, Ethan Katsh, Gary Gumpert, Roderick Hart.

Segundo Meyrowitz, o que estabelece o sentido de “nós” e “eles” é baseado nas informações que temos deles e de nós mesmos. Dessa forma, os meios de comunicação se apresentam como portões privilegiados para o acesso as informações. Uma vez que a identidade social não se baseia nas pessoas, mas sim na rede de relações sociais, se as redes mudam (ou seja, se os ambientes mediáticos mudam), as identidades sociais também mudam. Essa é a contribuição de Meyrowitz para estender o trabalho de Innis e

³⁷⁶ Mas em uma sociedade de prensa [print society] a palavra torna-se um objeto espacialmente fixo em uma página - que se pode olhar e pensar. [...] De impressão, ainda mais do que a escrita, desfaz o equilíbrio tribal dos sentidos. A importância da cerca aural simultânea produz a dominação do sentido sequencial da visão ('vê-lo em preto no branco', 'seguindo sua linha de pensamento', 'desenvolver o seu ponto de vista'). [...] Um ouvinte interrompe um falante com uma resposta, mas um leitor deve permitir que um escritor ou escritora tenha o seu 'dizer' antes de redigir uma resposta. [...] O isolamento de estímulos promove o pensamento causa-e-efeito. Pensamento letrado diminui a visão da vida como uma sequência de repetição de ciclos naturais e promove a visão de constante mudança linear e melhoria. [...] ... nova forma de crescimento incremental do conhecimento. Em ambas as culturas orais e manuscritas, o processo intelectual chave foi um de preservação. Mas, com a impressão de múltiplas cópias de exatamente o mesmo texto, há uma nova "segurança em números", que permite que o desafio intelectual para se tornar uma de *descoberta* e de mudança. [...] Dessa forma, a imprensa promove o rápido crescimento da investigação científica e da rejeição da autoridade tradicional. [...] O uso da comunicação eletrônica, como outros meios de comunicação, leva tempo para se desenvolver e amadurecer antes de ter impacto dramático, visível na estrutura social em meados do século XX. (1994, p. 57).

McLuhan, ao juntar o aspecto da análise micro baseada no trabalho de Irving Goffman com as análises macro baseadas em Innis e McLuhan.

Put differendy, distinctions in behaviour, identity, and status are created and supported by separating people into different informational worlds. [...] In general, *the more situations and participants are segregated, the greater differentiation in status and behaviour*. Conversely, *the more situations and participants overlap, the less social differentiation in status and behaviour*. [...] But *media* also play a role in defining the boundaries of social situations. [...] In general, *media that segregate access to social situations will work to segregate roles; media that blur access to social situations will foster less distinct roles*. [...] Because nomadic men cannot separate the public sphere from the domestic one, they cannot establish aura and distance. (1994, p. 59-60, 63)³⁷⁷.

Meyrowitz utiliza para sua própria análise as diferentes eras comunicacionais para demonstrar as mudanças nos papéis sociais a cada transição entre as eras comunicacionais, pois estes tem um papel definidor nos limites das situações sociais.

Em geral, nas situações quanto mais os participantes são segregados, maior será diferenciação comportamental entre estes. Por outro lado, nas situações em que os participantes se sobrepõem, a diferenciação comportamental será menor. Ou seja, remontando o conceito de monopólios de conhecimento de Innis, se há a possibilidade de uma separação maior entre as pessoas há uma tendência de uma maior diferenciação entre as pessoas.

As paredes de uma casa já não isolam mais as pessoas da comunidade de fora. Quem está em casa tem acesso a outras pessoas e vice-versa, dessa forma o local físico tem cada vez menos importância no que a pessoa é. Por isso o nome do livro de Meyrowitz, *No Sense of Place*, ou seja, o sentido do local tem seu papel e importância diminuída.

Os estudos dos efeitos dos meios a partir da perspectiva da *Medium Theory* são considerados por Meyrowitz mais difíceis de serem demonstrados pelos métodos científicos comuns do que as pesquisas voltadas ao conteúdo.

³⁷⁷ Colocado de maneira diferente, as distinções de comportamento, identidade e status são criadas e apoiadas, separando as pessoas em diferentes mundos informacionais. [...] Em geral, *quanto mais situações e os participantes são segregados, uma maior diferenciação no estado e comportamento*. Por outro lado, *quanto mais as situações mais e participantes se sobrepõem, menor a diferenciação social no estado e comportamento*. [...] Mas os meios de comunicação também desempenham um papel na definição dos limites de situações sociais. [...] Em geral, *os meios de comunicação que segregam acesso a situações sociais irão trabalhar para segregar papéis [sociais]; meios de comunicação que borram o acesso a situações sociais promoverão papéis [sociais] menos distintos*. [...] Porque os homens nômades não podem separar a esfera pública a partir da doméstica, eles não podem estabelecer aura e distância. (1994, p. 59-60, 63)

A *Medium Theory* é baseada em grande parte em argumentação, análise histórica e identificação de padrões em larga escala. Isso faz com que as análises do tipo quantitativas quase não tenham espaço dentro das análises da *Medium Theory*. Para Meyrowitz as análises a partir da *Medium Theory* tem uma tendência a deixar de lado certos aspectos da análise do conteúdo e de ignorar as influências políticas e econômicas, assim como as diferenças culturais que alteram o desenvolvimento, uso e percepção sobre as tecnologias no processo.

Ainda assim, o mesmo pode ser dito das análises de conteúdo que deixam de lado as diferenças entre os diferentes meios de comunicação encarados enquanto tecnologias. Elas ignoram segundo Meyrowitz “As formas em que as tecnologias ‘escolhidas’ têm consequências sociais para além das planejadas e muitas vezes alteram as instituições e culturas que as desenvolvem.” (1994, p. 71)³⁷⁸. Isso faz com que o tipo de análise feita a partir da *Medium Theory* seja mais útil quando se observa grandes padrões estruturais durante um longo período de tempo.

Outro ataque comum é o de que os autores da *Medium Theory* são deterministas tecnológicos, que considerariam que todo desenvolvimento social já estaria determinado e dessa forma não teríamos liberdade para escolher o nosso caminho, ou seja, os meios de comunicação afetariam a sociedade sem receber qualquer tipo de influência da sociedade e estes dirigiriam o desenvolvimento da sociedade.

Parte dessa crítica, diz Meyrowitz, provém de que os teóricos da *Medium Theory* ao explorarem um processo negligenciado, estes tenderam a esboçar padrões muito amplos de mudança social e não tiveram cuidado especial com as comprovações (1994, p.71). Mas isso não significa ignorar as suas propostas.

Certainly, the most useful way to look at medium theory is to think of it not as deterministic, but as a model that deals in general tendencies. Medium theorists suggest that each medium invites, allows, encourages, fosters some human actions while discouraging others. This perspective is no more deterministic than widely accepted analyses of how the paths of rivers and other geographical features have shaped general patterns of human settlement and exchange. Unlike medium theory, such analyses are rarely dismissed as deterministic and are not usually thought of as being disproved by exceptions to the general patterns. Like medium theory, such analyses do not claim to predict precise outcomes (sharing a waterway may lead societies to peaceful trade or to war), but they do argue for a general structural prediction (sharing a waterway is more likely to lead to interaction than being on either side of an imposing mountain range). Indeed, since medium theory deals with human-made ‘rivers’ and ‘mountains’, it is inherently less deterministic than analyses of the impact of geographical features. Ultimately, the greatest loss

³⁷⁸ “the ways in which the ‘chosen’ technologies have social consequences apart from those planned and often alter those very institutions and cultures that develop them.” (1994, p. 71).

of freedom and control results from ignoring the ways in which the communication pathways and barriers we shape tend to reshape us. [...] A content/institutional approach probably would have led researchers to conclude that books had two major influences: (1) the fostering of religion (most early books were religious texts); and (2) the further empowering of central monarchical and religious authorities (who controlled most of what was printed). Yet most analysts would now agree that in the long term the printing press fostered the opposite: the weakening of religion with the growth of science and the decline of monarchs with the development of constitutional systems. [...] The medium-theory view of the unique features of global electronic media gives us tremendous insight into the power and potential of our new technologies. But the content/institutional perspective allows us to observe how the selective use and foci of the global spotlight intersect with issues of power, ideology, economics, and journalistic conventions. We need to study all these things if we are to understand our media world. (1994, p. 71-73)³⁷⁹

Segundo Meyrowitz, a proposta da *Medium Theory* não tenta suplantiar as demais pesquisas como as do conteúdo. Ela é mais útil, diz o autor, quando trabalha em conjunto com as dimensões para compreender o ambiente mediático. Mas é esse foco nos meios de comunicação que situa a *Medium Theory* como algo diferente das demais tradições da comunicação.

Concluindo, a *Medium Theory* foca suas análises nos meios de comunicação e propõe entender as eras da história a partir dos meios de comunicação. Assim cada era é definida a partir do meio de comunicação predominante e as diferenças entre os meios

³⁷⁹ Certamente, a maneira mais útil olhar para a medium theory é pensar nisso não como determinística, mas como um modelo que trata de tendências gerais. Teóricos do meio sugerem que cada meio convida, permite, incentiva, promove algumas ações humanas, enquanto desencorajam outras. Esta perspectiva não é mais determinista do que as análises amplamente aceitas de como os caminhos de rios e outros acidentes geográficos moldaram padrões gerais de ocupação humana e de intercâmbio. Ao contrário da medium theory, tais análises são raramente descartadas como determinista e não são geralmente consideradas como sendo refutadas por exceções dos padrões gerais. Como a medium theory, tais análises não pretendem prever resultados precisos (compartilhando um curso de água pode levar sociedades ao comércio pacífico ou para a guerra), mas eles defendem uma previsão geral estrutural (compartilhamento de uma hidrovia é mais susceptível de conduzir a interação do que sendo de ambos os lados de uma montanha imponente). De fato, uma vez que a medium theory lida com "rios" e "montanhas" de fabrico humano, é inerentemente menos determinista do que as análises do impacto de características geográficas. Em última análise, a maior perda de liberdade e controle de resulta de ignorar as formas em que as vias e as barreiras de comunicação que nós moldamos tendem a nos moldar. [...] Uma abordagem [de] conteúdo/institucional provavelmente teria levado pesquisadores a concluir que os livros tinham duas influências principais: (1) a promoção da religião (livros mais antigos eram textos religiosos), e (2) o empoderamento das autoridades religiosas e monárquicas centrais (que controlava a maioria do que foi impresso). No entanto, a maioria dos analistas concorda que no longo prazo a prensa fomentou o oposto: o enfraquecimento da religião com o crescimento da ciência e o declínio dos monarcas com o desenvolvimento de sistemas constitucionais. [...] A visão da medium theory das características únicas dos meios de comunicação eletrônicos globais nos dá tremendo insight sobre o poder e o potencial de nossas novas tecnologias. Mas a perspectiva conteúdo/institucional nos permite observar como o uso seletivo e focos dos holofotes globais cruzam-se com questões de poder, ideologia, economia e convenções jornalísticas. Precisamos estudar todas estas coisas, se quisermos compreender o nosso mundo mediático. (1994, p. 71-73)

de comunicação afetam não só o conteúdo, mas criam um ambiente comunicacional diferente, que altera as instituições sociais e as nossas formas de pensar o mundo.

Nesta designação, Innis e McLuhan são os principais pesquisadores, e as pesquisas são divididas em duas gerações, divisão esta que se baseia principalmente na diferenciação entre análises macro e micro. Além disso, uma tentativa de lidar com a crítica de determinismo tecnológico através da mudança de amplitude das análises.

Os principais representantes são Innis e McLuhan, mas outros representantes da primeira geração são Walter Ong, J. C. Carothers, Eric Havelock, Jack Goody, Ian Watt, e A. R. Luria. Na segunda geração os representantes são Susan Sontag, Paul Levinson, Neil Postman, Sherry Turkle, Judith Perrolle, Susan Drucker, Shoshana Zuboff, Ethan Katsh, Gary Gumpert e Roderick Hart.

5.1.2 Media Ecology

A designação *Media Ecology* ganhou proeminência, principalmente a partir do nome dado a um curso de pós-graduação da New York University em Nova York que tinha como principal intelectual e diretor Neil Postman, seguidor de McLuhan. Posteriormente, foi criada uma associação de pesquisadores sob o nome de *Media Ecology Association* (MEA) com vistas a dar continuidade aos trabalhos realizados e também para que os nomes de seus mestres não caíssem no esquecimento. Inspirados por essa intenção a associação organiza anualmente uma convenção internacional, assim como uma publicação anual denominada *Explorations in Media Ecology*. E a MEA já contou com figuras importantes como membros da diretoria da associação como James W. Carey (Columbia University), Neil Postman (New York University) e Lance Strate (Fordham University) (2012).

Lance Strate é uma das figuras mais importantes nessa discussão, pois o mesmo é um dos fundadores da MEA. Seu doutorado foi justamente no curso em Media Ecology na New York University e o mesmo é professor da Fordham University (a mesma universidade de Paul Levinson e Janet Sternberg) local de criação da MEA no dia 4 de Setembro de 1998.

Baseamos-nos aqui em dois textos. O primeiro é a apresentação feita por Strate na primeira edição do informativo da MEA, “IN MEDIAS RES” em Outubro de 1999

em que ele endereça o problema “O que é media ecology?” e o segundo texto de Lance Strate “A Media Ecology Review” (2004) propõe fazer uma avaliação dos anos da media ecology e suas ramificações.

Para Lance Strate, um dos principais envolvidos com a MEA e seu primeiro presidente, o campo da *Media Ecology* poderia ser descrito como um campo que coloca ênfase em temas como comunicação, linguagem, símbolos, cultura e tecnologia. A designação *Media Ecology* tem base em Neil Postman que diz que ela é justamente uma metáfora baseada na biologia.

[...] our first thinking about the subject was guided by a biological metaphor. You will remember from the time when you first became acquainted with a Petri dish, that a medium was defined as a substance within which a culture grows. If you replace the word “substance” with the word “technology,” the definition would stand as a fundamental principle of media ecology: A medium is a technology within which a culture grows; that is to say, it gives form to a culture’s politics, social organization, and habitual ways of thinking. Beginning with that idea, we invoked still another biological metaphor, that of ecology. . . . We put the word “media” in the front of the word “ecology” to suggest that we were not simply interested in media, but in the ways in which the interaction between media and human beings gives a culture its character and, one might say, helps a culture to maintain symbolic balance. (POSTMAN, 2000, p. 10-11)³⁸⁰

Segundo Strate, *Media Ecology* é o estudo de ambientes mediáticos (*media environments*), e que considera que as tecnologias e técnicas, modos de informação e códigos de comunicação desempenham um papel de liderança nos assuntos humanos.

Media Ecology para Strate é a junção de duas escolas de pensamento, a Escola de Toronto e a Escola de Nova York. Toronto por causa do pensamento de Innis, McLuhan e Havelock (além de outros autores) e a escola de Nova York que teria se iniciado durante os anos de 1967-1968, durante o período em McLuhan (e impacto dessa presença) quando ocupou a posição *Albert Schweitzer Chair in Humanities* na Fordham University em Nova York e que posteriormente seria seguido pelo curso de pós-graduação em *Media Ecology* da New York University.

³⁸⁰ [...] nosso primeiro pensamento sobre o assunto foi guiado por uma metáfora biológica. Você vai se lembrar da época em que você começou a se familiarizar com uma placa de Petri, que um meio foi definido como uma substância em que uma cultura que cresce. Se você substituir a palavra "substância" com a palavra "tecnologia", a definição deve ficar como um princípio fundamental da ecologia dos meios: Um meio é uma tecnologia em que uma cultura cresce, ou seja, dá forma à uma cultura política, organização social, e as formas habituais de pensar. Começando com essa ideia, nós invocamos ainda outra metáfora biológica, a da ecologia. [...] Nós colocamos a palavra "meios de comunicação" na frente da palavra "ecologia" para sugerir que nós não estamos simplesmente interessados em meios de comunicação, mas nas formas em que a interação entre a meios de comunicação e os seres humanos dá a cultura o seu caráter e, pode-se dizer, ajuda uma cultura a manter o equilíbrio simbólico. (POSTMAN, 2000, p. 10-11)

Um dos pontos interessantes da definição de Lance Strate é que ela abraça a noção de determinismo tecnológico sejam as versões *soft* ou *hard* e a noção de evolução tecnológica. Mas ao mesmo tempo Strate parece juntar todas as nomenclaturas para coisas que o mesmo considera similar para dentro do guarda chuva “Media Ecology”, como por exemplo, a *media logic* e mediologia (em referência ao pesquisador Régis Debray). Dentro do mesmo guarda-chuva Strate coloca os estudos de McLuhan, estudos sobre a dicotomia oralidade-alfabetização, estudos culturais americanos, teoria dos sistemas, semiótica, gramática e retórica, história e filosofia da tecnologia, pre-literacia, pré-história, pós-moderno e pós-industrial e outros.

Tanto Strate, quanto Kerckhove querem relacionar esse grupo como um colégio invisível. Sendo assim, podemos dizer que Strate sabe que a ideia de uma tradição não é simplesmente um agrupamento de pessoas, mas de ideias e pontos que supostamente compartilham. E que mesmo que eles não se identifiquem como pertencentes a uma escola seria possível agrupá-los a partir de pontos de comum. O problema reside que o ponto em comum na concepção de Strate parece ser largo de mais.

A criação da associação, ou seja, uma etapa de institucionalização desses estudos para Strate serviu para formalizar o que já existia, uma “tradição de pesquisa e uma série de redes informais de pesquisa através do globo” (1999). Ainda que a associação tenha um cunho acadêmico, Strate reforça que esta também serve para outros públicos como intelectuais, jornalistas, artistas, profissionais dos meios de comunicação, ativistas e outros com o intuito de diminuir a distância entre a academia e os demais setores da sociedade.

No texto “A Media Ecology Review” (2004), Lance Strate dedica 48 páginas a relacionar autores e fazer uma recapitulização da *Media Ecology* e principalmente estabelecer as relações teóricas com um universo infindável de questões a fim de estabelecer a frutividade da Media Ecology enquanto um campo de pesquisa.

O texto é uma homenagem a dois dos principais fomentadores da *Media Ecology*, Walter Ong e Neil Postman. Strate tem o cuidado de dizer que o pensamento dos dois autores tem significativas diferenças, mas também o que eles têm em comum é uma sensibilidade e a perspectiva teórica, além de uma forte ligação com McLuhan. Para Strate, a *Media Ecology* pode ser entendida como uma rede intelectual que tem como pontos centrais McLuhan, Ong e Postman e que também é uma rede geográfica,

pois representa as cidades de Toronto, St. Louis (cidade em que McLuhan foi professor e orientador de Walter Ong) e Nova York.

Media ecology is a perspective that embodies what Ong (1977) refers to as “ecological concern,” which he describes as “a new state of consciousness, the ultimate in open-system awareness. Its thrust is the dialectical opposite of the isolating thrust of writing and print” (p. 324). (STRATE, 2004, p. 3)³⁸¹

Essa preocupação ecológica, como diz Strate, seria uma preocupação central na postura de McLuhan analisar os meios de comunicação. Inspirado em McLuhan, Neil Postman em 1968 introduz o termo *Media Ecology* em uma apresentação no encontro anual da *National Council of Teachers of English* que posteriormente foi publicada como “The Reformed English Curriculum” (1970). Na apresentação, segundo Strate, Postman diz “the first thing to be said about media ecology is that I am not inventing it. I am only naming it.” (1970, p. 161)³⁸². Strate não procura por um fundador originário da *Media Ecology*, e sim que ela existia anteriormente de uma forma ou de outra, ainda que tenha sido nominada por Neil Postman.

A opinião de Strate compatibiliza com a nossa de que as pessoas envolvidas não precisam aceitar ou utilizarem o termo para serem incluídas dentro da *Media Ecology* (ou qualquer outra designação). “It follows that individuals need not use the term “*media ecology*” in order to have their work categorized as such” (2004, p. 4)³⁸³

Neil Postman traz então uma definição mínima de *Media Ecology* “the study of media as environments.” (Postman, 1970, p. 161)³⁸⁴ e que se preocupa:

[...] how media of communication affect human perception, understanding, feeling, and value; and how our interaction with media facilitates or impedes our chances of survival. The word ecology implies the study of environments: their structure, content, and impact on people. (1970, p. 161)³⁸⁵

³⁸¹ Ecologia dos meios é uma perspectiva que incorpora o que Ong (1977) se refere como “preocupação ecológica”, que ele descreve como “um novo estado de consciência, o máximo em sistema aberto consciência. Seu impulso é o oposto dialético do impulso de isolar a escrita e impressão” (p. 324). (STRATE, 2004, p. 3).

³⁸² [...] a primeira coisa a ser dita sobre a media ecology é que eu não estou inventando isso. Eu só estou apenas nomeando. (1970, p. 161).

³⁸³. Segue-se que os indivíduos não precisam de usar o termo media ecology’, a fim de ter o seu trabalho categorizado como tal. (2004, p. 4).

³⁸⁴ o estudo dos meios de comunicação como ambientes (1970, p. 161)

³⁸⁵ [...] como meios de comunicação afetam a percepção humana, a compreensão, sentimento e valor, e como a nossa interação com os meios de comunicação facilita ou impede nossas chances de sobrevivência. A palavra ecologia implica o estudo de ambientes: sua estrutura, conteúdo e impacto sobre as pessoas. (POSTMAN, 1970, p. 161)

Na interpretação de Strate, os *environments* (ambientes) consistem em técnicas e tecnologias, símbolos e ferramentas, sistemas de informação e máquinas. Postman também descreve a *Media Ecology* como “[...]the study of transactions among people, their messages, and their message systems” (1971, p. 139)³⁸⁶. McLuhan se preocupou mais com a *Media Ecology* como uma práxis do que um campo de pesquisa como visto em Neil Postman, diz Strate. Em uma entrevista em 1977, ele se refere ao que é *media ecology*:

It means arranging various media to help each other so they won't cancel each other out, to buttress one medium with another. You might say, for example, that radio is a bigger help to literacy than television, but television might be a very wonderful aid to teaching languages. And so you can do some things on some media that you cannot do on others. And, therefore, if you watch the whole field, you can prevent this waste that comes by one canceling the other out. (MCLUHAN, 2003, p. 271)³⁸⁷

Ou seja, a partir de certas restrições seria possível um melhor equilíbrio entre os meios de comunicação, no caso de Postman isso ganharia a posição de uma pedagogia. Uma vez que um programa de *Media Ecology* poderia ser uma alternativa para o padrão do ensino feito nas escolas secundárias.

Em 1973, Christine Nystrom produziu a primeira tese de doutorado dedicada a examinar a *Media Ecology* como um campo de estudo denominado *Towards a Science of Media Ecology: The Formulation of Integrated Conceptual Paradigms for the Study of Human Communication Systems*. E aí parece haver uma complicação, pois ao chamar atenção para o trabalho de Christine Nystrom ele cita uma pequena passagem em que a autora define *Media Ecology* como:

[...] perspective, or emerging metadiscipline [...] broadly defined as the study of complex communication systems as environments” and concerned with “the interactions of communications media, technology, technique, and processes with human feeling, thought, value, and behavior” (1973, p. 3 *apud* STRATE, 2003, p. 5)³⁸⁸.

³⁸⁶ [...] o estudo de transações entre as pessoas, suas mensagens, e seus sistemas de mensagens (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 139).

³⁸⁷ Isso significa arranjar vários meios de comunicação para ajudar uns aos outros para que eles não se anulem mutuamente, para sustentar um meio com outro. Você pode dizer, por exemplo, que o rádio é uma grande ajuda para a alfabetização do que a televisão, mas a televisão pode ser uma ajuda muito maravilhosa para o ensino de línguas. E assim você pode fazer algumas coisas em alguns meios de comunicação que você não pode fazer em outros. E, portanto, se você observar todo o campo, você pode evitar esse desperdício que vem por um cancelar o outro para fora. (MCLUHAN, 2003, p. 271).

³⁸⁸ [...] perspectiva, ou emergente metadisciplina [...] geralmente definida como o estudo de sistemas de comunicação complexos como ambientes e preocupado com as interações dos meios de comunicação, tecnologia, técnica e processos com o sentimento humano, o pensamento, valor e comportamento (1973, p. 3 *apud* STRATE, 2003, p. 5).

Estranhamente, Strate não se posiciona contrário à concepção de metadisciplina, ainda que o mesmo opte por identificar a *Media Ecology* como um campo de estudo. Já o primeiro grande trabalho que encara a Media Ecology como um campo de pesquisa é o livro de William Kuhns *The Post-Industrial Prophets* (1971) que na verdade discute diversos autores além de Innis e McLuhan como os especialistas em tecnologias Lewis Mumford, Siegfried Giedion, Jacques Ellul, e especialistas em sistemas como Buckminster Fuller e Norbert Wiener. Nesse livro o autor não usa o termo *Media Ecology*, mas outros termos aceitáveis por Strate como “environmental, ecological and systems terminology” (STRATE, 2004, p. 5)³⁸⁹. A mesma coisa acontece com outros livros citados por Strate como, por exemplo, o livro *Communication in History* (1991), editado por David Crowley e Paul Heyer.

Segundo Strate, ainda assim desde 1968, o termo vem ganhando amplitude e saindo de suas bases que são Nova York e Toronto. Mas ainda assim, outros termos ganharam preeminência também como *Toronto School* (GOODY, 1968, 1977), *Medium Theory* (Meyrowitz, 1986), *American cultural studies* (CAREY, 1989), e *mediology* (DEBRAY, 1996). E devido a associação forte com o trabalho de Ong (1982), o denominado *orality-literacy studies* também foi utilizado como um sinônimo de media ecology. Mas ainda que Strate dê o devido crédito aos “concorrentes” nos últimos anos o termo “*media ecology*” teria ganho uma aceitação ampla como o termo principal e em decorrência da criação da *Media Ecology Association* em 1998.

A primeira convenção da MEA teve a abertura de Neil Postman e Walter Ong escreveu o artigo na primeira edição da revista. Mostrando que alguns dos principais envolvidos concordavam e apoiavam a ideia por trás da Media Ecology. Para Strate a *Media Ecology*:

[...] has been understood as a perspective or approach, as a field of inquiry or study, and a curriculum. It has also been understood in very basic and concrete terms as a reading list, bibliography, or pattern of citation. Indeed, one way to recognize media ecology scholarship is by the presence of certain sources in the author's reference list (e.g., McLuhan, Ong, and/or Postman). [...] Thus, media ecology is a tradition of independent thinkers who “creatively reshaped traditions and cross-fertilized disciplines, juxtaposing the old and the new to make unexpected connections that remain fresh” (Paglia, 2000, p. 22), thinkers such as McLuhan, Ong, and Postman. It is an intellectual tradition based on what Ong (1977) refers to as “open-system awareness”.(2004, p. 5).³⁹⁰

³⁸⁹ [...] ambiental, ecológico e sistemas de terminologia (STRATE, 2004, p. 5).

³⁹⁰ [...] tem sido entendida como uma perspectiva ou abordagem, como um campo de investigação ou estudo, e um currículo. Também tem sido entendida em termos muito simples e concretos, como uma lista de leitura, bibliografia, ou padrão de citação. Com efeito, uma forma de reconhecer o conhecimento da

Uma das posições que traz dúvida é que ao trazer elementos originários, a partir de Ong e Postman, que focam na análise dos meios de comunicação como constituintes de ambientes, mas ao mesmo tempo, traz as referências que a *Media Ecology* é uma tradição de pensadores independentes de várias disciplinas. Segundo Strate, esse sistema aberto promove a criatividade, liberdade e o processo de exploração e descoberta, mas que também gera dificuldades para um mapeamento.

Media ecology is a network of ideas, individuals, and publications, and it is possible to follow the links of the network in any number of different directions. Some links may bring us closer to the core ideas of the field, and others take us further and further away from them, but there is no definitive boundary line or border to cross, just as there is no single point of origination. (2004, p. 5)³⁹¹

Strate, então, opta por contar a história a partir de todos os pontos de contato com outros teóricos e dá menos atenção a tentativa de estabelecer os pontos centrais, mas ao mesmo tempo conta a história dessa rede a partir de McLuhan, Ong e Postman. Estes são considerados os teóricos principais da *media ecology*.

Ao falar de McLuhan, Strate deixa claro que este não é o fundador ou inventor da *Media Ecology*, mas começar a discuti-la a partir de McLuhan seria como mergulhar no meio de tudo, ou seja, McLuhan é o centro desse processo.

To begin with McLuhan is not to begin at the beginning of media ecology, but to plunge in medias res. Given that the field has no founder and inventor, making it difficult to determine just what constitutes the beginning of the media ecology intellectual tradition, it makes sense to start at the center of the field and work our way outward. Whether McLuhan firmly occupies the center, or is positioned slightly off-center, may be debated, but his importance in establishing the field is generally accepted. (2004, p. 5)³⁹²

ecologia dos meios é pela presença de certas fontes na lista do autor de referência (por exemplo, McLuhan, Ong, e/ou Postman). [...] Assim, ecologia dos meios é uma tradição de pensadores independentes que "criativamente remodelaram tradições e fertilizaram disciplinas cruzadas, justapondo o velho e o novo para fazer conexões inesperadas que permanecem frescas" (PAGLIA, 2000, p. 22), pensadores como McLuhan, Ong, e Postman. É uma tradição intelectual com base no que Ong (1977) se refere como "a consciência de sistema aberto" (2004, p. 5).

³⁹¹ Media Ecology é uma rede de ideias, pessoas e publicações, e é possível seguir as conexões da rede em qualquer número de diferentes direções. Algumas conexões podem aproximar-nos as ideias centrais do campo, e outros nos levar mais e mais longe deles, mas não há linha divisória definitiva ou de fronteira para atravessar, assim como não há nenhum ponto de origem. (2004, p. 5).

³⁹² Para começar McLuhan não é para começar no início de ecologia dos meios, mas para mergulhar *in medias res*. Dado que o campo não tem fundador ou inventor, o que torna difícil determinar exatamente o que constitui o início da tradição intelectual ecologia da mídia, faz sentido começar no centro do campo e fazer nosso caminho para fora. McLuhan se firmemente ocupa o centro, ou é posicionado um pouco fora do centro, pode ser debatido, mas sua importância no estabelecimento do campo é geralmente aceita. (2004, p. 6).

McLuhan é o elemento necessário, mas não suficiente. Para Strate, o campo é formado por uma comunidade de estudiosos, por isso a importância da parceria com Edmund Carpenter para o estabelecimento interdisciplinar do estudo da *Media Ecology* a partir da revista *Explorations* que teve nove edições que foram produzidas entre 1953 e 1959.

Strate diz que Innis é considerado algumas vezes como o primeiro estudioso da *Media Ecology*, pois seria um dos primeiros a focar nos meios de comunicação em oposição a outros termos como “[...] opposed to technology, language, or symbolic form” (2004, p. 8)³⁹³. Já McLuhan seguiu Innis na utilização do termo meios de comunicação, mas segundo Strate, ampliou seu significado e se afastou do sentido puramente materialista do termo feita por Innis. Essa forma de entender os meios de comunicação é derivado das pesquisas realizadas anteriormente por Innis de matérias primas básicas como pele, peixe e madeira.

Como Strate aposta em uma definição de meios de comunicação que aproxima da noção de linguagem, ele aponta em Innis essa relação também como uma variável.

In all of these works, Innis points to the interrelationships between a variety of factors, including communication, language and culture, knowledge and education, transportation, time-keeping, political economy, military operations, and science and technology, all of which interact to produce both unique historical circumstances and discernible historical patterns. In this, he is both true to his economic roots, and points the way to an ecological approach to understanding human civilization. (2004, p. 9)³⁹⁴

Aqueles que defendem outros autores, como Havelock e McLuhan, acabam por ter que se convencer da importância de Innis, devido a postura justamente destes de referenciar o trabalho de Innis. McLuhan escreveu extensamente sobre a influência de Innis na sua trajetória e Havelock que foi seu colega da Universidade de Toronto, até escreveu uma memória sobre Innis em decorrência de seu falecimento.

Strate então se dedica brevemente a discutir as relações de reconhecimento entre Innis e McLuhan dizendo que aparte da dívida de McLuhan com Innis vários outros autores reconheceram que os dois compartilhavam a perspectiva da *Media Ecology*, ainda assim outros acham problemática essa relação.

³⁹³ [...] linguagem, tecnologia, ou forma simbólica. (2004, p. 8).

³⁹⁴ Em todas essas obras, Innis aponta para as inter-relações entre uma variedade de fatores, incluindo a linguagem, comunicação e conhecimento, cultura e educação, transporte, tempo de manutenção, economia política, operações militares, e ciência e tecnologia, os quais interagem para produzir tanto circunstâncias únicas históricas e discerníveis padrões históricos. Neste, ele é ao mesmo tempo fiel às suas raízes econômicas, e aponta o caminho para uma abordagem ecológica para entender a civilização humana. (2004, p. 9).

Um dos autores que Strate traz para a discussão é justamente James Carey, que diz que deve haver cautela na aproximação entre Innis e McLuhan. Carey é um dos autores, que tem uma preferência clara ao trabalho de Innis em detrimento de McLuhan, principalmente pela aproximação sociológica de Innis uma vez que se adequa ao próprio *framework* de Carey, que se dedica a análise das consequências políticas e econômicas dos meios de comunicação durante a revolução da comunicação que começou no século XIX. Carey teria chamado a sua própria abordagem de *American Cultural Studies*, mas que para Strate trata-se de uma “brand of media ecology” (2004, p. 10)³⁹⁵.

However the relationship between Innis and McLuhan is viewed, they are generally considered the two key members of the Toronto School, a group that encompasses a number of other significant scholars who have been associated with McLuhan. For example, the anthropologist Edmund Carpenter worked with McLuhan on the *Explorations* journal during the '50s, which for the first time indicated that an interdisciplinary field of study had been identified; together they also published the *Explorations in Communication* anthology (Carpenter & McLuhan, 1960). Carpenter added an intercultural dimension to McLuhan's media ecology [...] (2004, p. 10)³⁹⁶

A nomenclatura Escola de Toronto (vale lembrar que Strate não enfatiza que se trata de uma escola de pensamento pertencendo ao campo comunicacional) coloca Innis e McLuhan como membros fundamentais da tradição e que tem ainda outros representantes como Edmund Carpenter, Robert Logan, Tony Schwartz, Paul Ryan, e até Donald Theall seguidor e crítico de McLuhan:

And, as previously mentioned, Donald Theall (1971, 2001) subjects his former mentor to critical assessment, but also extends McLuhan's arts and letter approach and calls for an “ecology of sense” in *Beyond the Word* (1995) and James Joyce's *Techno-Poetics* (1997). (2004, p. 11)³⁹⁷

Outros autores importantes são Eric Havelock e Walter Ong. Eric Havelock é considerado por muitos como incluído entre os nomes principais da nomenclatura Escola de Toronto, diz Strate. Ele influenciou McLuhan, Ong e Postman antes de mudar para a Universidade de Yale. Apesar de Innis ter sido colega de Havelock antes de sua

³⁹⁵ tipo de ecologia dos meios (2004, p. 10)

³⁹⁶ No entanto, a relação entre a Innis e McLuhan é visto, são geralmente considerados os dois membros principais da Escola de Toronto, um grupo que compreende uma série de outros estudiosos significativos que têm sido associados com McLuhan. Por exemplo, o antropólogo Edmund Carpenter trabalhou com McLuhan sobre a revista *Explorations* durante os anos 50, que, pela primeira vez, indicou que um campo interdisciplinar de estudo foram identificados, juntos eles também publicaram as *Explorations in Communication anthology* (Carpenter & McLuhan, 1960). Carpenter acrescentou uma dimensão intercultural à ecologia dos meios de McLuhan [...] (2004, p. 10).

³⁹⁷ E, como mencionado anteriormente, Donald Theall (1971, 2001) submete seu ex-mentor para avaliação crítica, mas também estende a abordagem das artes e letras de McLuhan e pede por uma "ecologia do sentido" em *Beyond the Word* (1995) e James Joyce's *Techno-Poetics* (1997). (2004, p. 11)

partida para Yale, eles quase não tiveram interação. Em geral, o trabalho de Ong sobre a história da cultura, consciência e comunicação é informada por uma perspectiva evolutiva e biológica.

Strate também chama atenção, que tanto Innis quanto McLuhan e Ong, dedicaram-se as mesmas questões relacionadas às características únicas da escrita, manuscrito e outros:

Along with the study of writing systems, scholars such as Innis, McLuhan, and Ong have been interested in the unique characteristics of handwritten documents, scribal copying, and manuscript culture, as contrasted with the familiar world of print media. (2004, p. 16)³⁹⁸

Podemos perceber a aproximação da linguística com a designação *Media Ecology* por várias formas. A primeira é que a presença das análises sobre a oralidade e a escrita trouxe naturalmente certos aspectos da linguística, mas mais formalmente, a partir da presença de textos de Edward Sapir e Benjamin Lee Worf, nas descrições de Strate como fontes de debate durante os seminários organizados por Carpenter e McLuhan. Outra forte influência é fruto de que um dos grandes seguidores de McLuhan nos Estados Unidos ser justamente Neil Postman um das inspirações para a *Media Ecology*.

In addition to education, Postman emphasizes linguistics, semantics, and the study of interpersonal communication to a much greater extent than either McLuhan or Ong, as can be seen from his 1976 book, *Crazy Talk, Stupid Talk*. (2004, p.18)³⁹⁹

Não deve ser surpresa que a *media ecology* tem suas bases na literatura, uma vez que McLuhan, Ong e Postman eram no princípio professores de literatura. Estes encontraram *insights* ecológicos na ficção moderna de William Shakespeare a Mary Shelley. McLuhan, Eric McLuhan e Donald Theall foram influenciados em grande parte pelos poetas modernos como James Joyce, em conjunto com a literatura a crítica literária denominada *New Criticism* baseada principalmente em I. A. Richards e F. R. Leavis que discutem a estrutura e função da linguagem e da comunicação simbólica. Essa aproximação, segundo Strate, constitui uma das fundações do campo. Ainda assim, Strate diz que um dos focos da Escola de Nova York é justamente o seu foco nos meios

³⁹⁸ Junto com o estudo de sistemas de escrita, estudiosos como Innis, McLuhan e Ong se interessaram nas características únicas de documentos manuscritos, cópias dos escribas e a cultura manuscrita, em contraste com o mundo familiar do meio impresso. (2004, p. 16)

³⁹⁹ Além da educação, Postman enfatiza linguística, semântica e ao estudo da comunicação interpessoal a uma extensão muito maior do que McLuhan ou Ong, como pode ser visto a partir de seu livro de 1976, conversa de “*Crazy Talk, Stupid Talk*” (2004, p. 18)

de comunicação, ou seja, as questões sobre a linguagem seriam colocadas como dentro do escopo do campo comunicacional.

One of the distinguishing characteristics of the New York School is its strong connection to the field of communication, either by way of adoption, as was the case for Postman, Forsdale, and many others, or by specialization. Henry Perkinson, a colleague of Neil Postman at New York University, was introduced to media ecology and communication studies through his interactions with Postman. Taking issue with Postman's pessimism about media and technology, Perkinson developed an approach to media history that placed greater emphasis on human agency and defended the notion of human progress. (2004, p. 19)⁴⁰⁰

Aparece aí, outra divisão apresentada por Strate entre os pesquisadores focados nos meios de comunicação de massa e os pesquisadores da comunicação interpessoal, que ficariam restritos as interações face-a-face. Para Strate, a proposta da *Media Ecology* seria uma terceira via que transcenderia essas duas divisões com o estudo da comunicação interpessoal mediada.

Meyrowitz e a sua descrição de Medium Theory seria uma adaptação da Media Ecology, mas com um teor mais científico.

In Towards a Science of Media Ecology (1973), Chistine Nystrom draws a parallel between the development of media ecology on the one hand, and cybernetics and systems theory on the other, as both represent holistic, ecological approaches. Joshua Meyrowitz, who studied under Gumpert, Postman, and Nystrom, uses the concept of information systems to bridge the media ecology of McLuhan and the symbolic interactionism of Goffman in his influential work in theory building, No Sense of Place (1985). [...] Meyrowitz introduces the term medium theory here, which can be understood as referring to the theory that the medium is the message. Medium theory is therefore best understood as the adaptation of media ecology to a social scientific framework. (2004, p. 23)⁴⁰¹

Como apontado por Meyrowitz, a maioria dos estudiosos da *Media Ecology* tratam termos como *technology* e *technics* mais ou menos como equivalentes de

⁴⁰⁰ Uma das características distintivas da Escola de Nova York é a sua forte ligação com o campo da comunicação, seja por meio de adoção, como foi o caso do Postman, Forsdale, e muitos outros, ou pela especialização. Henry Perkinson, um colega de Neil Postman da New York University, foi apresentado à ecologia dos meios e os estudos de comunicação através de suas interações com Postman. Tendo problema com o pessimismo de Postman sobre os meios de comunicação e tecnologia, Perkinson desenvolveu uma abordagem à história dos meios de comunicação que colocou maior ênfase na ação humana e defendeu a noção de progresso humano. (2004, p. 19).

⁴⁰¹ Em Towards a Science of Media Ecology (1973), Chistine Nystrom traça um paralelo entre o desenvolvimento da ecologia dos meios por um lado, e da cibernética e da teoria de sistemas, por outro, pois ambos representam abordagens holísticas, ecológicas. Joshua Meyrowitz, que estudou com Gumpert, Postman, e Nystrom, utiliza o conceito de sistemas de informação para colmatar a ecologia dos meios de McLuhan e o interacionismo simbólico de Goffman em seu trabalho influente na construção de teoria, No Sense of Place (1986). [...] Meyrowitz apresenta a *medium theory* termo aqui, o que pode ser entendido como referindo-se a teoria de que o meio é a mensagem. *Medium Theory* é, portanto, melhor entendida como a adaptação de meios de ecologia para um quadro científico social. (2004, p. 23).

medium e *media* o que faria de Mumford um *media theorist* ou *medium theorist*. O mesmo pode ser percebido na linguagem enquanto instrumento. Ogden e Richards categorizam "o meio linguístico" (*the linguistic medium*) como uma tecnologia.

Por fim, a opção de Strate é apresentar a partir da rede de relações intelectuais o campo em sentido amplo para mostrar as possibilidades que a tradição engloba. Ainda assim, alguns optaram por uma aproximação mais estreita do campo, fato que segundo Strate seria contrário os preceitos de McLuhan, Ong, Postman. Ou seja, contra a especialização acadêmica e endurecimento das categorias nas instituições, isso porque a preocupação ecológica destes seria ligada a ideia de um sistema aberto, que envolve imaginação e jocosidade (*playfulness*). Esse tipo de aproximação, estaria então preparada aos desafios e complexidades do século XXI. Segundo Strate, a *Media Ecology* pode ser encarada como uma metadisciplina e seguindo uma tradição "reaching back to Aristotle's Rhetoric, media ecology intersects with all other disciplines and fields of inquiry." (2004, p. 38)⁴⁰².

Concluindo, segundo Strate, a *Media Ecology* está dentro do campo da comunicação pelo fato de estudar os meios de comunicação como constituidores de ambientes, como agentes que afetam a percepção e compreensão humana, mas ao mesmo tempo o autor flerta com a ideia da *Media Ecology* ser uma metadisciplina. Os ambientes formados pelos meios de comunicação então são analisados a partir de suas estruturas, conteúdos e seus efeitos sobre as pessoas. Os autores considerados como os principais são McLuhan, Ong e Postman e os secundários são inúmeros (ainda que Innis, Mumford e Ellul ganhem destaque), pois representam a perspectiva ampla definida por Strate.

Outro ponto importante é que se percebe a aproximação da linguística com a designação *Media Ecology* por várias formas, uma vez que a linguagem é considerada como um meio de comunicação e como uma tecnologia.

A relação é ambígua sobre o campo comunicacional, pois diversas vezes Strate deixa clara uma aproximação a ideia da interdisciplinaridade (às vezes metadisciplina) no sentido de diversas disciplinas analisando um mesmo objeto. O problema é que, esse objeto pode ser tanto um objeto empírico, enquanto meios de comunicação do mundo,

⁴⁰² [...] que remonta a retórica de Aristóteles, media ecology cruza com todas as outras disciplinas e campos de investigação. (2004, p. 38).

ou como objeto de pesquisa como ambientes mediáticos, o que representaria uma posição teórica a partir de um campo estabelecido. Essa ambiguidade também atinge a própria noção da *Media Ecology* ser um campo, que pode ser um campo de investigação que poderíamos igualar com o sentido de “teoria”, ou com outras disciplinas como a sociologia ou antropologia. Sem uma definição clara não sabemos com o que devemos comparar os estudos da *Media Ecology*, se é com teorias do campo comunicacional como, por exemplo, a *Agenda Setting*, ou com outras disciplinas como, por exemplo, a Sociologia ou Antropologia.

5.1.3 Toronto School of Communication por Derrick de Kerckhove

A designação Escola de Toronto de Comunicação é a mais conhecida dentre as designações e também apresenta diversas diferenças, principalmente de autores pertencentes, dependendo do autor que se dedica a discutir a Escola de Toronto de Comunicação.

Kerckhove, que foi diretor *McLuhan Program in Culture and Technology* (centro criado por McLuhan em 1963 como *Centre for Culture and Technology*) de 1983 até o ano de 2008, diz que a escola de pensamento iniciada em Toronto tem, entre as suas peculiaridades, a inserção de Eric Havelock, além de McLuhan e Innis como os principais representantes. Para este, o que os coloca em contato e também na Comunicação é justamente por tentarem explicar que “communication systems create definite psychological and social 'states'”. (1989, p. 73)⁴⁰³.

Os três, segundo Kerckhove, exploraram as implicações do letramento na Grécia antiga para fazer as suas análises e conheciam o trabalho uns dos outros, apesar de nunca terem desenvolvido nada em conjunto. Segundo Kerckhove (1989, p.73), a denominação “escola” para organizar o trabalho destes autores teria aparecido pela primeira vez em uma nota de rodapé do texto “Literacy in Traditional Societies” (1968) de Jack Goody.

The word "school" appears in a mildly unflattering footnote to Goody and Watt's celebrated paper on "The Consequences of Literacy": "See in particular the somewhat extravagant work by Marshall McLuhan, formerly of Toronto, which elaborates on themes developed also at Toronto by Innis and later by E. A. Havelock and others; an appraisal of the work of Imis,

⁴⁰³ “[...] sistemas de comunicação criam definidos ‘estados’ sociais e psicológicos” (1989, p. 73).

McLuhan and the Toronto school has recently been made by Carey (1967) and Compton (1968). The work of Innis and Havelock influenced the paper that Watt and I wrote, but our more concrete interest in the subject arose from the wartime deprivation of written matter we experienced in different parts of the world and our sojourn amongst nonliterate, illiterate or semi-literate people" (GOODY, 1968, p. 1, n. 1 *apud* DE KERKHOVE, 1989, p. 73)⁴⁰⁴

Parte do desenvolvimento da escola, segundo Kerckhove se dava pelo centro fundado por McLuhan, mas que após sua morte foi fechado por um período breve pela Universidade de Toronto. Voltando as suas atividades plenas após três anos de muita insistência, a partir de seus ex-alunos e até mesmo do diretor de cinema Woody Allen (1977).

Um dos elementos para dizer que se formou uma escola de pensamento é que as ideias tiveram impacto em outros países como nos EUA, França e Itália. Principalmente, devido a três eventos que se seguiram nos anos após a morte de McLuhan (Veneza em 1982, Paris em 1983 e Toronto em 1985). Kerckhove, que participou do comitê nestes três eventos, diz que um dos objetivos era justamente mostrar como o pensamento de McLuhan estava relacionado com um contexto maior e baseado numa preocupação específica de Toronto com os efeitos das tecnologias comunicacionais. Em 1985, em evento organizado por Kerckhove, o mesmo fez a abertura falando da ideia de uma escola de pensamento e entre os presentes estavam Jack Goody, David Olson e Brian Stock, que segundo Kerckhove em sua apresentação teriam aprovado a ideia de uma escola de pensamento.

Após a apresentação, Brian Stock teria dito que recusava a sua inclusão nesse trio que supostamente seguia uma direção comum. Goody teria dito que não se lembrava das circunstâncias que o levaram a escrever tal nota de rodapé. Kerckhove, então, diz que se viu em maus lençóis, achando que estava fazendo auto-promoção.

Ainda assim, este tenta encontrar as raízes e inspirações de diversos autores que encontraram no trabalho de Innis, McLuhan e outros como compondo um programa de pesquisa. Uma delas é George Cook, que em 1988, em um artigo chamou a atenção para uma carta enviada por McLuhan para Rollo May em 1972 dizendo:

⁴⁰⁴ Veja em particular o trabalho um tanto extravagante de Marshall McLuhan, ex-Toronto, que discorre sobre temas desenvolvidos também em Toronto por Innis e mais tarde pela E. A. Havelock e outros; uma avaliação do trabalho de Innis, McLuhan e da Toronto school recentemente foi feita por Carey (1967) e Compton (1968). O trabalho de Innis e Havelock influenciou o artigo que Watt e eu escrevemos, mas nosso interesse mais concreto no tema surgiu a partir da privação de guerra da matéria escrita ocorreu em diferentes partes do mundo e nossa permanência entre o povo não-letrado, analfabeto ou semi-analfabeto" (GOODY, 1968, p. 1, n. 1 *apud* DE KERKHOVE, 1989, p. 73).

From Plato to the present, in the Western world, there has been no theory whatever of psychic change resulting from technological change. The exception is the work of Harold Innis and his disciples, Eric Havelock and McLuhan. (MCLUHAN, 2003, p. 457-8, *apud* DE KERCKHOVE, 1989, p. 75)⁴⁰⁵.

McLuhan, assim, teria colocado Havelock no mesmo grupo, situando estes como seguindo um mesmo objetivo e um mesmo ponto de contato e de partida. Uma teoria da mudança psíquica resultante da mudança tecnológica.

Oswyn Murray, citado por Kerckhove como outro autor que trabalha com as origens da escola, diz que Toronto foi por um breve período o centro intelectual do mundo. Segundo este, “[...] a new theory was born, the theory of the primacy of communication in the structuring of human cultures and the human mind” (1989, p. 75)⁴⁰⁶. Murray cita então Jack Goody como pertencendo junto com Innis, McLuhan e Havelock, principalmente devido ao débito de Havelock com Jack Goody em seu *A Musa Aprende a Escrever* (1996). Neste livro, Havelock diz até que se uma tal Escola de Toronto se formou, foi ele o seu principal influenciador, principalmente devido a sua influência em Innis e McLuhan e não o contrário.

Segundo Kerckhove, boa parte dos estudos dos meios de comunicação e da teoria do letramento após uma rápida análise sobre o meio de comunicação cai em uma espécie de análise de conteúdo expandido. O autor vê esse tipo de posicionamento principalmente em Jack Goody (pelo menos nos livros por volta de 1989 quando Kerckhove escreveu o artigo) e Elizabeth Eisenstein que acabam caindo em um tipo análise de conteúdo expandida.

Esta última, segundo Kerckhove, não entendeu o projeto de McLuhan, que seriam “The cognitive dimensions of the print-based revolution following the Renaissance largely escaped her attention because is was riveted to the social and political economy of print material. (1989, 75)⁴⁰⁷.”

Mas então, qual seria o ponto central da Escola de Toronto para Kerckhove? Para ele, tanto Havelock, McLuhan e em menor nível Innis, todos endereçaram a questão da estrutura do meio de comunicação em si e de forma aprofundada. Fazendo

⁴⁰⁵ De Platão até o presente, no mundo ocidental, não houve qualquer teoria da mudança psíquica resultante da evolução tecnológica. A exceção é o trabalho de Harold Innis e seus discípulos, Eric Havelock e McLuhan. (MCLUHAN, 2003, p. 457-8, *apud* DE KERCKHOVE, 1989, p. 75).

⁴⁰⁶ [...] uma nova teoria nasceu, a teoria da primazia da comunicação na estruturação das culturas humanas e da mente humana. (1989, p. 75).

⁴⁰⁷ As dimensões cognitivas da revolução baseada na prensa seguindo o Renascimento escapou largamente a sua atenção porque foi fixada para a economia social e política do material de prensa.” (1989, 75)

dessa forma um contraponto as demais correntes em que os meios de comunicação são analisados só de passagem (1989, p. 76). Segundo Kerckhove:

While Innis, owing to his early training in the staple theory, remained primarily concerned with the networking aspects of the ecology of a given medium, Havelock and McLuhan paid closer attention to the distinguishing features of the media themselves. (1989, p. 76)⁴⁰⁸

Na visão de Kerckhove, o tipo de análise de Havelock poderia ser resumido como o estudo da atomização do discurso através do alfabeto fonético grego levou o processamento de informações para um nível de abstração e confiabilidade não encontrado em qualquer outro sistema de escrita. Já Innis, segundo Kerckhove poderia ser chamado de um lógico dos estudos dos meios de comunicação devido a sua análise como historiador da relação entre estrutura e cognição. McLuhan, considerado como um retórico, estudioso das relações entre o usuário e o meio de comunicação. Em conclusão “While Innis looked for facts, Havelock searched for causes and McLuhan discovered effects.” (1989, p. 76)⁴⁰⁹. Para Kerckhove isso não se perdeu, citando três autores americanos que colocam McLuhan como uma importante fonte de inspiração, Neil Postman, Paul Saenger e Joshua Meyrowitz.

Kerckhove então se pergunta, “O que é uma escola?”. Para Oswyn Murray, a Escola de Toronto, dificilmente pode ser encarada como uma escola. Os diferentes indivíduos (McLuhan, Innis, Havelock e Jack Goody – este último acrescentado por Murray) trabalhavam em áreas diferentes e rapidamente desenvolveram direções diferentes e dispersaram para outros países. E também, não está claro se eles estavam cientes de suas relações mútuas no início. O autor também reafirma a visão de Havelock de que havia independência um do outro. Mas o autor remete que ainda assim é difícil não perceber o ímpeto inicial retomando a Harold Innis. Segundo Murray “[...] it must have been impossible not to make the necessary interdisciplinary connections” (MURRAY *apud* DE KERCKHOVE, 1989, p. 77).⁴¹⁰

⁴⁰⁸ Enquanto Innis, devido à sua formação inicial na teoria de matérias primas, permaneceu primariamente preocupado com os aspectos de rede da ecologia de um determinado meio, Havelock e McLuhan deram mais atenção para as características distintivas dos próprios meios de comunicação (1989, p. 76)

⁴⁰⁹ Enquanto Innis olhou para os fatos, Havelock procurou causas e McLuhan descobriu os efeitos. (1989, p. 76)

⁴¹⁰ “O fato é que em uma comunidade coesa intelectual como Toronto no final de 1950 deve ter sido impossível não fazer as conexões necessárias interdisciplinares. “(MURRAY, p. 655 *apud* DE KERCKHOVE, 1989, p. 77).

Podemos concluir que, a concepção de Kerckhove leva em consideração o aspecto institucional e de quem supostamente deve a quem algum tipo de tributo intelectual e também uma investigação sobre a concepção epistemológica da formação de uma Escola de Toronto de Comunicação. Para Kerckhove, o que permitiu a Escola de Toronto se desenvolver se deram principalmente pela importância da revista *Explorations*, o processo de internacionalização do pensamento destes autores e o centro fundado por McLuhan.

Na área epistemológica, o autor chama a atenção é de que todos estes autores, Innis, McLuhan, Havelock tinham em comum um entendimento sobre os meios de comunicação ao entender que os sistemas de comunicação criam definitivos estados sociais e psicológicos e assim estes se dedicam a analisar de forma aprofundada a estrutura dos meios de comunicação em si, sem cair no senso comum de deslizar para a análise de conteúdo.

5.1.4 Toronto School of Communication por Donald F. Theall

Donald F. Theall, segundo ele próprio, teria sido o primeiro a falar da formação de uma Escola de Toronto de Comunicação em 1983 em uma apresentação em Paris para um simpósio sobre McLuhan organizado pela UNESCO. Na escolha da designação Escola de Toronto, estava a intenção de fazer uma analogia com o nome conhecido na época por “The Cambridge School of English” justamente devido a McLuhan ter sido aluno de mestrado e doutorado na Universidade de Cambridge.

Em artigo de 2003, “Toronto School of Communication”, divulgado na Internet, ele aprofunda a discussão sobre a Escola de Toronto e olha para trás analisando os seus desdobramentos. Ele é traz ainda uma definição mínima de “escola de pensamento”, ao trabalhar com a ideia de uma Escola de Toronto de Comunicação. Para ele poderia ser definida como:

[...] 'school of thought' initiated by a group of individuals from widely different disciplines were all interested in the practice and problems of communication and culture. [...] Initially it would come to embrace individuals from such diverse areas as psychology, political economy, and town planning, and later electrical engineering and industrial engineering. (2003)⁴¹¹

⁴¹¹ [...] "escola de pensamento" iniciado por um grupo de indivíduos de disciplinas muito diferentes eram todos interessados na prática e nos problemas da comunicação e cultura. [...] Inicialmente, ela [escola]

Para Theall, McLuhan intuitivamente (e mais provável conscientemente) quis formar uma escola de pensamento, ainda que talvez fosse mais adequado denominar como “uma escola de percepção” já que McLuhan e Carpenter estariam mais interessados em *percepts* do que em *concepts* (2003). Fica claro também na visão de Theall que a Escola de Toronto é a conjunção de interesses de indivíduos das mais diferentes áreas. Há certos fatores ambientais ou ecológicos no tempo, lugar e ambiente que são cruciais para a compreensão da importância da Escola de Toronto de Comunicação e como isso contribuiu para moldar o estudo da *ecologia dos meios*, segundo Theall.

Theall chama atenção para o contexto da Universidade de Toronto, que na década de 1950 tinha pouco menos que 15 mil estudantes e que em pouco tempo Toronto se tornou um dos locais mais importantes para o estudo da comunicação, cultura e meios de comunicação. Esse *milieu* da Universidade de Toronto se transforma em um dos pontos usados por Theall para mostrar a singularidade das pesquisas feitas ali.

O Canadá enquanto um país entrelaçado pelo império inglês e pelo crescente império americano e com uma cultura baseada em grande parte francesa, inglesa e céltica se viu, a partir de 1940, cada vez mais dependente economicamente dos Estados Unidos e os intelectuais canadenses se preocupando cada vez mais com a propaganda, relações públicas e a ação dos meios de comunicação.

O que dava aos canadenses uma percepção de distanciamento (*detach*), uma capacidade de estar a parte dos Estados Unidos. Para Theall (2003), os canadenses estariam então destacados, é o olhar de fora que aparece nessa concepção de Theall para descrever a capacidade dos canadenses de perceber os desdobramentos dos meios de comunicação, principalmente nos Estados Unidos, ao olhar a situação de fora.

Outro elemento é o fenômeno da propaganda nacionalista, após a segunda guerra mundial, intensificada devido às disputas da guerra fria entre Estados Unidos e a antiga União Soviética. A propaganda nacionalista no Canadá, enquanto preocupação do organismo governamental a partir da *National Film Board of Canada* (que durante a guerra se chamava *Wartime Information Board*), instituiu-se como produtora de uma

viria a abraçar pessoas de diversas áreas, como psicologia, economia política e urbanismo, engenharia e mais tarde engenharia elétrica e engenharia industrial. (2003).

contra-propaganda a propaganda americana. Esta atividade, segundo Theall, estava intimamente ligada às preocupações de Innis e McLuhan que discutiam justamente o papel importante da propaganda, das relações públicas e do uso dos meios de comunicação como forma de controle.

A Universidade de Toronto é em si um ponto importante, pois ela se tornou um terreno livre das pressões por pesquisas militares e industriais desse período e pode continuar sendo baseada, principalmente na erudição até 1950 e com uma forte inclinação a crítica, segundo Theall. Essa independência do corporativismo, (pelo menos até McLuhan se juntar a partir de 1965 com diversos empresários) e dos aspectos militares pode ser percebida também em Innis e sua defesa da universidade, ao salientar a necessidade da pesquisa livre da influência política e fiscal, uma independência financeira para as pesquisas.

O argumento do autor é que a Escola de Toronto de Comunicação, enquanto estudo, prática e método sobre a comunicação e cultura está baseada nesse ambiente (*milieu*). A abordagem primordial da Escola de Toronto foi direcionada para o desenvolvimento de uma análise crítica da história e da comunicação. Além de ser baseada, principalmente, em análise histórica uma vez que Innis, McLuhan e Ong poderiam ser considerados como historiadores e fortemente baseados na estética, poesia e as artes, segundo Theall.

Mas, para Theall, o que é único nessas abordagens é a introdução de Edmund Carpenter nesse conjunto devido as suas preocupações antropológicas e arqueológicas, incluindo o início da etnolingüística com a exploração da linguagem do corpo, da estrutura linguística e do estudo das interrelações dos padrões culturais. A influência de Carpenter é considerada como fundamental pelo autor, pois o mesmo colaborou extensamente com McLuhan, principalmente na revista *Explorations* e nos seminários financiados pela fundação Ford. Durante os seminários de McLuhan e Carpenter, livros de autores como Arthur Kroeber, Edward Sapir, Ruth Benedict, Margaret Mead, Gregory Bateson, George Mead, e em conjunto com a linha de trabalho dos presentes formavam uma variedade de apontamentos.

Essa variedade de apontamentos, segundo Theall, formou a base para o que seria conhecida como Escola de Toronto e propagada internacionalmente como “mcluhanismo”. Mas Theall, também considera que isso desembocou posteriormente na conhecida *Media Ecology* como parte de um movimento de reviver o pensamento de

McLuhan nos anos 1990 e considerado o inspirador do movimento dos novos meios de comunicação (2003).

Ele considera que mais importante do que a participação de Innis, é a participação de Carpenter, e seu contato com McLuhan nos anos 1940. Pois, trata-se do agrupamento de um suave cientista social não-comportamental e precursor das ciências humanas (Carpenter), com um historiador da educação literária, da poesia contemporânea e das artes (McLuhan) (2003)⁴¹².

Innis teria um papel secundário, uma vez que McLuhan e Carpenter teriam se baseado em algumas de suas ideias, mas transformando-as através de métodos derivados de suas especialidades como arqueologia; poesia; artes medievais, renascentistas e pós-iluministas; crítica estética; e antropologia (2003)⁴¹³.

Para Theall, o que catapultou e deu visibilidade a Escola de Toronto foi principalmente a revista *Explorations* editada por McLuhan e Carpenter. E entre os assinantes estavam autores importantes como Roland Barthes, Susan Sontag, Claude Lévi-Strauss e Jacques Derrida. Segundo a análise de Theall (2003), os artigos eram voltados principalmente para os interesses do grupo como os estudos antropológicos, linguísticos, literários e estéticos e ocasionalmente artigos de economistas políticos, psicólogos e cientistas⁴¹⁴.

Assim, as principais preocupações da Escola de Toronto eram baseadas em McLuhan e Carpenter e em seus dois precursores, Innis e Havelock. A contribuição de Havelock está no interesse pelas diferenças entre a oralidade e letramento e a associação específica disso com o momento na Grécia antiga quando Platão analisou a transformação da oralidade para o manuscrito (escrita). Segundo Theall, McLuhan complementou a abordagem de Havelock com estudos sobre a história do ensino da Grécia até Roma no século XVIII e o impacto da prensa na renascença. Já Carpenter complementou ao estudar a linguagem e cultura dos Inuit com as teorias culturais que

⁴¹² The point at which to begin then is the coming together of McLuhan and Carpenter within the context of Toronto in the late 1940s, a marriage of a softer, non-behavioural social scientist, a forerunner of the human sciences, with a historian of literary education and of contemporary poetry and the arts. (2003)

⁴¹³ Within this encounter, Innis ultimately played a secondary role, since the ways in which they supplemented and complemented Innis used some of his insights, but critiqued and transformed them through principles and methods derived from archeology, poetry, the medieval, Renaissance and post-Enlightenment arts, aesthetic criticism and anthropology. (2003)

⁴¹⁴ The majority of articles in the journal concern the anthropological, linguistic, literary and aesthetic interests of the group, although there is the occasional significant article from political economists, psychologists and scientists. (2003)

envolviam o estudo da linguagem corporal, gesto, e outros modos de linguagem silenciosa e relativismo linguístico.

A contribuição de Innis é definida por Theall como a identificação do papel histórico dos meios de comunicação e o impacto das relações de poder e controle. Essa análise se dá principalmente pelos conceitos monopólio do conhecimento e *bias* do tempo e espaço que Theall passa a exemplificar sobre as características dos meios. Já Carpenter completou essa perspectiva de Innis com exemplos de aborígenes e não-indo-europeus e suas concepções de tempo, espaço e ambiente. E McLuhan a complementou parcialmente, ao descrever uma percepção mais abrangente sobre a natureza poética de um meio, mas principalmente por uma percepção poética mais inclusiva sobre a natureza do meio, primariamente por compor seu conhecimento sobre história antiga dos meios de comunicação com a abordagem histórica materialista dos meios de comunicação de Innis (2003).

Para Theall (2003), as preocupações de Innis com o espaço-tempo ainda que complementando o interesse da escola de Toronto se devolveu antes e até tangencialmente a ela. Já o fascínio de McLuhan com o espaço-tempo tem sua fundação no estudo da poesia e artes contemporâneas, incluindo o impacto da física e matemáticas modernas. Enquanto que, em Carpenter, as preocupações partiram do impacto da física contemporânea e da linguística no pensamento antropológico e arqueológico para a consciência da importância da arte pre-histórica enquanto meio.

Mas este trabalho de Innis foi ligado a dois temas que lhe interessavam o primeiro, a ascensão e queda de impérios e que estavam intrinsecamente ligados ao seu interesse no crescimento e desenvolvimento do Canadá. Em segundo lugar, seu interesse nos problemas de controle político e econômico exercido por momentos históricos no crescimento e declínio dos impérios e pela natureza dos meios de comunicação.

A participação de Innis, nos seminários de McLuhan, era a de crítico preocupado com o emergente, relacionamento entre os meios de comunicação e a propaganda, agora transformados para promover e dar impulso ao controle imperial. Para Theall a influência de Innis poderia ser caracterizada como:

But ultimately his direct influence on McLuhan, Carpenter and many of their earliest followers has been exaggerated, for [a] while Innis, even more than Havelock, contributed to this evolving dialogue, his position was reasonably tangential to their major thrust as exemplified in the third issue of *Explorations* in which there was the sole contribution from Innis just shortly before his death. The commentaries on his contribution were provided solely

by graduate students in the Ford seminars, not by McLuhan or Carpenter. (2003)⁴¹⁵

Parece assim, que na tentativa de diminuir a contribuição de Innis sobre as pesquisas sobre o tempo e o espaço, Theall opta por dizer que essa preocupação já estaria presente anteriormente nos textos de Carpenter e McLuhan.

Para Theall, foi Carpenter e seu conhecimento antropológico quem mais contribuiu com as ideias científicas sociais (*social scientific*) que moldaram a Escola de Toronto. Um desses exemplos da influência é o artigo intitulado “The New Languages” de 1956 em que Carpenter (em conjunto com McLuhan) reafirma a sua posição de metade dos anos 50 ao dizer que “English is a mass medium. All languages are mass media. The new media -- film, radio, TV are new languages.” (1956, p. 46 *apud* Theall, 2003)⁴¹⁶.

Mesmo argumentando contra ter existido em algum momento uma definida Escola de Toronto de Comunicação, Carpenter (talvez motivado pela modéstia, pois se McLuhan foi o foco de um grupo, Carpenter teria sido seu fundador, segundo Theall), ilustra ainda como todos esses elementos interagiram ao longo dos anos 1950, quando ele observa:

All this was also happening elsewhere in North America, but with one difference: from Toronto, you could see it happening. It was like living on an island, studying the mainland. You saw the whole show. Its main event was the electronic revolution. The local blackout highlighted that distant glow. There was never a "Toronto School of Communications." It was simply a bunch of islanders watching the greatest show on earth. A table in the museum coffee shop served as meeting place. There, at four o'clock, McLuhan & Tyrwhitt & I gathered, along with Don Theall & John Irving, a few students, occasionally Easterbrook, rarely Innis, plus Dorothy Lee, Sigfried Giedeon, Ashley Montagu, Karl Polyani, Roy Campbell, a dozen other visitors, and talked until the place closed. (CARPENTER, 2001, p. 236–261 *apud* THEALL, 2003)⁴¹⁷

⁴¹⁵ Mas, afinal sua influência direta sobre McLuhan, Carpenter e muitos de seus seguidores mais antigos tem sido exagerada, por algum tempo Innis, ainda mais do que Havelock, contribuiu para esse diálogo evolução, sua posição era razoavelmente tangencial à seus grande impulso como exemplificado na terceira emissão de explorações em que houve a única contribuição de Innis apenas pouco antes de sua morte. Os comentários sobre sua contribuição foram fornecidos exclusivamente por alunos de graduação em seminários a Ford, não por McLuhan ou Carpenter. (2003)

⁴¹⁶ O inglês é um meio de massa. Todas as línguas são meios de comunicação. Os novos meios - cinema, rádio, TV são novas linguagens. (1956, p. 46 *apud* THEALL, 2003)

⁴¹⁷ Tudo isto foi acontecendo também em outros lugares na América do Norte, mas com uma diferença: a partir de Toronto, você podia ver isso acontecendo. Era como viver em uma ilha, estudando o continente. Você via o show inteiro. Seu evento principal foi a revolução eletrônica. O apagão local destacou esse brilho distante. Nunca houve uma "Escola de Toronto de Comunicação." Era simplesmente um monte de ilhéus assistindo ao maior espetáculo da Terra. Uma mesa no café do museu serviu como ponto de encontro. Lá, às quatro horas, McLuhan & Tyrwhitt & eu reunidos, junto com Don Theall & John Irving, alguns estudantes, ocasionalmente Easterbrook, raramente Innis, além de Dorothy Lee, Sigfried Giedeon,

Mas Theall discorda de Carpenter, pois ainda que ninguém usasse o termo “Toronto School”, todos eles interagiam um com o outro de uma forma que seria perfeitamente legítima a nomenclatura de uma escola de pensamento e esta concepção seria apoiado pelas próprias palavras de Carpenter ao dizer que havia uma perspectiva única em Toronto da década de 1950 (2003).

Para Theall, a revista *Explorations* e os seminários sobre Cultura e Comunicação patrocinados pela Fundação Ford reuniram uma combinação única de fatores. Elas combinaram a perspectiva histórica de Innis com a de McLuhan e sua estética modificada pela perspectiva histórica e arqueológica de Carpenter, além da conjunção com o sentido da história da arquitetura e da tecnologia, dos séculos XIX e XX, de Jaqueline Tyrwhitt. Eles trazem assim, um conjunto de temáticas que envolvem:

[...] which is associated with McLuhan and Tyrwhitt's knowledge of the academic work of Mumford, Geddes and Giedion as well as McLuhan's knowledge of early radical modernism (Dadaism, Futurism, Cubism, Constructivism and Joyce, Wyndham Lewis and Pound). (THEALL, 2003)⁴¹⁸

Por fim, isso demonstra o que Theall considera como o central da Escola de Toronto:

What this meant was that for the first time a dedicated interdisciplinary group was committed to the project of examining all cultural artifacts as media and thus to include the examination of media as an art form. This is quite clearly illustrated in two distinct yet complementary ways by the final two issues of *Explorations*, 8 and 9. (THEALL, 2003)⁴¹⁹

Ou seja, explicar os artefatos culturais como meios de comunicação e os meios de comunicação como forma de arte. E com isso, tem início com uma parceria importante entre McLuhan e Carpenter, que começa quando eles estavam planejando o projeto para a Fundação Ford, que daria origem aos seminários e a revista *Explorations* (ainda que os dois tenham se conhecido em 1948).

Ashley Montagu, Karl Polyani, Roy Campbell, um dúzia de outros visitantes, e conversamos até o local fechar. (CARPENTER, 2001, p. 236–261 *apud* THEALL, 2003.)

⁴¹⁸ uma ênfase única nos meios de comunicação, incluindo linguagem, como formas de arte resultante de uma combinação de um interesse em cinesiologia, linguagem gestual, silenciosa e estruturalismo prematuro, uma consciência da crescente importância do relacionamento restaurado entre arte e tecnologia. (THEALL, 2003)

⁴¹⁹ O que isso queria dizer era que, pela primeira vez um dedicado grupo interdisciplinar foi comprometido com o projeto de examinar todos os artefatos culturais como meios de comunicação e, portanto, para incluir a análise dos meios de comunicação como uma forma de arte. Isto é claramente ilustrado em duas formas distintas, mas complementares nas duas últimas edições da *Explorations*, 8 e 9. (THEALL, 2003)

Although McLuhan and Carpenter had first met in 1948 their real partnership began with the planning of their Ford project in 1952. Most of the foundation of what was to become media ecology had been laid through the seminars, Explorations and other publications when Carpenter left Toronto in 1960 . The growing significance of cultural ecology within anthropology and the ecological nature of Carpenter's approach to the groups he studied, like the Inuit, all had ecological implications, implications closely related to the way the McLuhan group perceived media and the relation of art to media and culture. (THEALL, 2003)⁴²⁰

Segundo Theall, é possível determinar a bases da Escola de Toronto, através de quatro tradições acadêmicas distintas tendo como contexto a Universidade de Toronto encarada como a quinta influência em torno da Escola de Toronto. Uma mistura formada por Eric Havelock, Marshall McLuhan, Edmund Carpenter, Harold Innis e a Universidade de Toronto.

A fundação da Escola de Toronto começa com Eric Havelock e a forma como ele analisa o dilema do levante da tecnologia e a criação de um novo sentido de espaço, tempo e memória devido à mudança da oralidade para a escrita e que seria desenvolvido de forma mais aprofundada em seu livro “Prefácio a Platão” e que foi elogiado inúmeras vezes por McLuhan. Innis, segundo Theall, também admitiu abertamente a influência Havelock principalmente seu interesse pelos meios de comunicação e as tendências (*bias*) do uso dos meios de comunicação em relação ao tempo e espaço.

É a base estabelecida por McLuhan, durante sua tese de doutorado em Cambridge e seu livro *The Mechanical Bride* (1951), que lhe permitiu um acesso único ao trabalho de Havelock, expandindo-o e reinterpretando-o e, posteriormente, o mesmo com Innis. Isso preparou McLuhan para fazer o movimento de abraçar os meios de comunicação, como formas de arte e cultura, para ligá-los simultaneamente aos meios de comunicação.

Trabalho de McLuhan sobre a lógica, gramática e retórica como a tecnologia de falar e escrever lhe permitiu intuir a relação entre as análises de Havelock da cultura grega, como o início de uma cultura intelectual e tecnológica para uma história dos modos de expressão como tecnologias intrinsecamente interligadas com os seus meios de transmissão.

⁴²⁰ A maior parte da fundação do que viria a se tornar ecologia dos meios tinha sido estabelecido por meio dos seminários, pela revista Explorations e outras publicações, quando Carpenter deixou Toronto em 1960. A crescente importância da ecologia cultural dentro da antropologia e da natureza ecológica da abordagem de Carpenter para os grupos que ele estudou, como os Inuit, todos tiveram implicações ecológicas, implicações intimamente relacionadas à forma como o grupo de McLuhan percebia os meios de comunicação e a relação da arte com os meios de comunicação e cultura. (THEALL, 2003)

Já Carpenter, segundo Theall, traz para este grupo os meios para estender o método de Havelock e Innis para a análise da pré-história e também para além dos limites da história indo-européia ao considerar as histórias culturais das culturas primitivas e indígenas. As teorias da linguagem, gestos, arte e comunicação que Carpenter trouxe para o projeto enriquecendo as relações que McLuhan estava estabelecendo entre arte, meios de comunicação e tecnologias.

Assim, a metáfora dos meios como obras de arte foi definida como uma prática e método da Escola de Toronto, colocando em foco, segundo Theall, o fato de que toda produção cultural passa pelo processo do fazer técnico como notado por McLuhan e Carpenter.

Implicit in such attitudes were the beginnings of the approach within cultural studies to such questions and of the way that theorists of cultural studies collapsed together the so-called higher arts, the popular arts, the newer media and other cultural objects. This method of procedure, which was already in place by the fall of 1953 when the Ford Seminars were launched, stressed the inter-relationship of communication and culture and their further interrelationship with technology. This meant that a decade or so later, McLuhan was referring to his program as an interdisciplinary (though it might have more properly been called transdisciplinary) investigation into technology and culture. (2003)⁴²¹

É fortalecida a relação de arte com os meios de comunicação, principalmente nos comentários de McLuhan em que o artista funciona como um sistema de alerta sobre os efeitos dos meios que alteram o ambiente. O próprio livro “A Galáxia de Gutenberg”, a palavra “galáxia” poderia ser traduzida segundo McLuhan por “ambiente” (environment) já que “qualquer tecnologia tende a criar um novo ambiente humano.”(2003). Segundo Theall (2003), essa ideia de estudos de “ambientes” seria também compartilhada com outros autores como Carpenter e Jacqueline Tyrhwitt que também estavam preocupados com os problemas ecológicos e ambientais e suas relações com as artes e tecnologias.

Theall quer com isso mostrar que a ideia de *Media Ecology*, seria algo já previsto, presente na concepção da Escola de Toronto. Complementando ainda pela

⁴²¹ Implícitos em tais atitudes, estavam os primórdios da abordagem dentro dos estudos culturais a essas perguntas e a maneira em que os teóricos dos estudos culturais desmoronaram juntos as chamadas artes superiores, as artes populares, os meios de comunicação mais recentes e outros objetos culturais. Este método de procedimento, que já estava em vigor no outono de 1953, quando os Seminários da Ford foram lançados, sublinhou a inter-relação da comunicação e da cultura e ainda sua inter-relação com a tecnologia. Isto significava que, uma década ou mais tarde, McLuhan estava se referindo ao seu programa como uma investigação interdisciplinar (embora possa ter sido chamado mais propriamente transdisciplinar) sobre tecnologia e cultura. (2003)

citação de McLuhan que teria dito que “Technological environments are not merely passive containers of people but are active processes that reshape people and other technologies alike.” (MCLUHAN, 1962, Introdução)⁴²².

Theall (2003), conclui então que a noção de ecologia cultural (*cultural ecology*) tem uma base razoavelmente sólida no *sensorium* humano, através da noção de que qualquer extensão tecnológica do *sensorium* tem efeito na proporção dos sentidos onde a linguagem é a forma da tecnologia constituída pelas alterações em todos os sentidos de uma única vez, e que estão sujeitos ao impacto de qualquer extensão do sentido.

O espaço acústico permitiu uma nova forma de compreender os emergentes ambientes mediáticos, através da relação do som e ouvido com o ambiente e como estes condicionados pelas novas tecnologias transformaram-se. Este é considerado um dos primeiros avanços da Escola de Toronto que remonta as preocupações de Innis e Havelock, porque resitua a tradição oral, mas também permitiu uma compreensão das implicações da "auralidade" como sendo ambientalmente condicionado e condicionante (2003)⁴²³. Carpenter desenvolveu bastante o conceito de espaço auditivo (*auditory space*) mais do que simplesmente criando uma oposição entre espaço e visual, mas abriu as portas para a compreensão da complexidade do papel do espaço e do tempo através da história.

Um dos elementos mais importantes da Escola de Toronto é o ponto de vista do observador (visto também como a posição de *detach*), que se transforma em posição metodológica. Isso para Theall é a justificativa de que porque o tipo de pesquisa realizada pelos teóricos da Escola de Toronto não é do tipo participativa, pois funciona como uma observação de fora, como um intruso em um ambiente. Ainda que a pessoa de fora também esteja envolvida e seja influenciada.

Isso é combinado com uma rejeição da ideia do especialista ou *expert* como o definidor para compreensão destes complexos processos comunicacionais. Segundo Theall, esta foi uma contribuição particular de McLuhan para a Escola de Toronto, uma vez que reforça o posicionamento de distanciamento (*detach*) de Innis, bastante crítico, sobre a postura em relação ao crescente poder do corporativo, militar e político sobre a pesquisa e que também foi complementada pela posição distanciada de Havelock. Ao

⁴²² Ambientes tecnológicos não são recipientes passivos apenas de pessoas, mas são processos ativos que remodelam pessoas e outras tecnologias igualmente. (MCLUHAN, 1962, Introdução)

⁴²³ re-situated the oral tradition, but also allowed for a reconstituted understanding of the implications of "aurality" as being environmentally conditioned and conditioning.

desenvolver um senso de ecologia cultural, a Escola Toronto implicitamente desenvolveu a crítica a sociedade que permite o crescimento da tecnologia e dos meios de comunicação, sem pensar em maneiras de equilibrar as suas possíveis distorções ou manipulações. A aproximação destes autores, segundo Theall (2003), tinha então dois fundamentos, o distanciamento (*detach*) e a independência na pesquisa.

Para McLuhan, esse entendimento ecológico da cultura começou em 1957 com o Sputnik quando a “Ecologia” com “E” maiúsculo nasceu (THEALL, 2003)⁴²⁴. McLuhan sugeriu ao seu amigo Lou Forsdale, que a “ecologia dos meios significa usar os meios para que eles se ajudem mutuamente em vez de apenas limpando uns aos outros.” Ele expressa mais precisamente em *Take Today* (1972), onde ele observa: “Ecology is the simultaneous awareness of the interplay of the total field of processes. The simultaneity pushes the most banal situations into high relevance.” (MCLUHAN *apud* THEALL, 2003)⁴²⁵.

O mundo teria se tornado uma obra de arte, segundo McLuhan. Assim, para McLuhan e Carpenter, o intelecto e a arte seriam ferramentas e métodos cruciais para conseguir resgatar a sociedade. Apesar de serem acadêmicos, estes estavam trabalhando com *percepts* e implicitamente afetações, segundo Theall. Isso faz com que a maioria de seus escritos aparecessem poéticos e aforísticos.

In a techno-scientific age, the Toronto School was developing a way of reinserting into intellectual discourse the value of grammatico-rhetorical (a poetic) exploration of media, culture and technology. (THEALL, 2003)⁴²⁶.

Theall aponta assim, um método que não é apenas estilístico ao utilizar a poética, como forma de explorar as relações entre meios de comunicação, cultura e tecnologia, fazendo uma diferenciação ao tipo de análise feita, por exemplo, por um filósofo que se dedicaria ao desenvolvimento de conceitos, ou de um cientista ou tecnólogo com o desenvolvimento de proposições e *functives*).

Segundo Theall, a posição declarada de McLuhan de realizar a sua crítica por forma de sátira é um dos pontos-chaves da aproximação feita pela Escola de Toronto. O

⁴²⁴ In 1967, commenting in an interview with G.E. Stearn on an event of 1957, McLuhan noted that the revolution in information had begun with Sputnik on October 4, 1957, because at that point Ecology with a capital E was born. (THEALL, 2003)

⁴²⁵ “Ecologia é a consciência simultânea da interação do campo total de processos. A simultaneidade empurra as situações mais banais para a alta relevância.”

⁴²⁶ Em uma era tecno-científica, a Escola de Toronto estava desenvolvendo uma forma de reinserir no discurso intelectual o valor gramático-retórico (a poética) na exploração dos meios de comunicação, cultura e tecnologia (THEALL, 2003)

que poderia ser uma fuga dos ideais da ecologia dos meios, não acontece, pois essa relação entre poesia e sátira pode ser percebida em uso deliberado principalmente em James Joyce, autor que inspirou fundamentalmente McLuhan.

What McLuhan and to an extent Carpenter did was to turn the devices used in satiric fiction into meditations on the actual life and conditions of their contemporary world. Like the Menippean satirists he admired, McLuhan felt that all "moralization" should be implicit and should arise from the way the sensitization to percepts and affects intensified the individual's awareness of the contemporary maelstrom of a society nearly totally dominated by technologies managed by a few. So the style of McLuhan and of Carpenter was one that intensified perceptions and contextualized them in an affective ambience of comic critique. (THEALL, 2003)⁴²⁷

A influência da Escola de Toronto continuou de quatro maneiras. Primeiro, os participantes diretos nas atividades iniciais do grupo passou a criar programas de ensino e pesquisa refletiam os interesses da escola - exemplos é a continuação pós-McLuhan do *The McLuhan Program in Culture & Technology* da Universidade de Toronto por Derrick de Kerckhove e a criação de programas de estudos de comunicação na New York University por Neil Postman e na McGill em Montreal pelo próprio Donald Theall. Em segundo lugar, a influência de McLuhan nos Estados Unidos e na França, produziu indivíduos comprometidos com a promoção dos perceptos de McLuhan, como Baudrillard e Virilio, na França (com interesse anterior de Roland Barthes). Em terceiro lugar, e talvez mais importante, lançou uma infinidade de mcluhanismos mantendo a atenção, a sensibilização e a reação em progresso como Neil Postman e Thomas Wolfe nos EUA e Arthur Kroker, Cook David e Bob Dobbs no Canadá. Em quarto lugar, e, finalmente, incentivou um grupo de artistas e escritores como John Cage, Merce Cunningham, Gerd Stern nos Estados Unidos e Languirand Jacques e Denys Arcand no Canadá. E até a introdução do próprio McLuhan no filme "Annie Hall" de Woody Allen (1977).

Isso é suficiente, para Theall, para agrupar o trabalho desses autores como uma escola de pensamento e para isso ele traz a definição do dicionário para o termo "escola":

⁴²⁷ O que McLuhan e em alguma medida Carpenter fixaram foi transformar os aparelhos utilizados na ficção satírica em meditações sobre a vida real e as condições de seu mundo contemporâneo. Como os satíricos menipeia que ele admirava, McLuhan sentiu que toda "moralização" deveria ser implícita e deveria surgir a partir da forma como a sensibilização a perceptos e afetos intensificou a consciência do indivíduo do turbilhão contemporâneo de uma sociedade quase totalmente dominada por tecnologias gerenciada por alguns. Assim, o estilo de McLuhan e Carpenter foi um que intensificou as percepções e contextualizou-as em um ambiente afetivo da crítica de quadrinhos. (2003).

To understand what is involved here it is necessary to think of a school in terms of its definition in article 5a of the Oxford English Dictionary: 5. a. The body of persons that are or have been taught by a particular master (in philosophy, science, art, etc.); hence, in wider sense, a body or succession of persons who in some department of speculation or practice are disciples of the same master, or who are united by a general similarity of principles and methods. (THEALL, 2003)⁴²⁸

A versão de Theall para a história da designação é similar a de Kerckhove, a diferença reside que ao reconhecer Havelock como sendo um possível iniciador a designação esta não foi reconhecida por ninguém como uma denominação séria na época. Theall afirma que, também desconhecia a nota de rodapé escrita por Jack Goody, mas se sente incomodado com a postura de Kerckhove no artigo de 1989, pois o mesmo não citou o trabalho de Theall sobre a Escola de Toronto, mesmo ele tendo publicado e apresentado o artigo justamente no evento organizado por Kerckhove em 1983 em Paris e que posteriormente ganhou publicação da UNESCO (1984) e mais tarde reimpressa no *Canadian Journal of Political and Social Theory* (1986).

Apesar do mesmo nome, há algumas diferenças sensíveis na designação em relação a abordagem de Kerckhove. A primeira é a lista de autores considerados como os principais. Para Theall, a influência de Innis foi supervalorizada e deixou-se de lado um personagem mais importante que é o antropólogo Edmund Carpenter. Dessa forma, para este os principais representantes são McLuhan e Carpenter e os seus dois precursores, Innis e Havelock. McLuhan e Carpenter são os principais por serem os organizadores da revista *Explorations* e dos seminários financiados pela fundação Ford. Já Innis e Havelock serviram de inspiração para McLuhan e Carpenter que então transformaram suas perspectivas.

A Escola de Toronto no sentido de Theall tem um forte apelo para as artes e para a linguística ao estabelecer todos os artefatos culturais como meios de comunicação e, portanto, incluindo a análise dos meios de comunicação como uma forma de arte. Dessa forma, integrando sob uma mesma perspectiva as relações entre linguagem, arte, tecnologia e meios de comunicação.

A diferença em relação a outras tradições comunicacionais fica de lado nas discussões de Theall, mas um dos pontos que ele situa é a capacidade interdisciplinar do

⁴²⁸ Para entender o que está aqui em causa é necessário pensar em uma escola em termos de sua definição no artigo 5 ° do Dicionário Oxford de Inglês: 5. a. O corpo de pessoas que são ou foram ensinados por um determinado mestre (em filosofia, ciência, arte, etc), portanto, no sentido mais amplo, um corpo ou sucessão de pessoas que em algum departamento de especulação ou de prática são discípulos do mesmo mestre, ou que estão unidos por uma similaridade geral de princípios e métodos. (THEALL, 2003)

grupo formado por McLuhan e Carpenter e que levou ao aparecimento de uma grande variedade de programas de pesquisa e acadêmica em comunicação, bem como os primórdios da *Media Ecology*, transformando Toronto em ambiente único para os estudos dos meios de comunicação e da cultura.

Considerações

Podemos perceber que correntemente as diferentes designações são utilizadas como sinônimos. Donald Theall, mesmo optando por descrever a designação de Escola de Toronto, deixa clara que a noção de ecologia dos meios já estava presente na forma de entendimento das relações entre os meios de comunicação e a cultura em McLuhan, Carpenter e seus inspiradores. Assim, a esperada disputa entre as designações parece não existir, mas ainda assim encontramos diferenças importantes entre elas.

A designação *Medium Theory*, como descrita por Joshua Meyrowitz, tem como ponto fraco a tentativa de utilizar “teoria” na sua nomenclatura, mas sem se dedicar a definir o que a torna uma teoria no sentido estrito do conceito. Apesar disso, é uma das designações mais concisas e restritas. Meyrowitz envia para uma aproximação à sociologia da ciência e seu objetivo é inteiramente epistemológico e comparativo com outras tradições ditas comunicacionais a fim de estabelecer o que faz a *Medium Theory* uma tradição única.

O autor estabelece os autores principais (Harold Innis e Marshall McLuhan) e os pontos fracos da tradição, e tendo em conta isso, procura resolver estes problemas estabelecendo uma segunda-geração, incluindo a sua própria pesquisa como pertencente a esta. A *Medium Theory* pode ser descrita como a análise dos meios de comunicação em si e como suas características relativamente fixas afetam não só o conteúdo, mas criam um ambiente comunicacional que altera a forma como pensamos e as instituições sociais. Meyrowitz coloca a análise macro, a grande abstração de Innis e McLuhan e o determinismo tecnológico como problemas a serem resolvidos. Em relação ao determinismo tecnológico, Meyrowitz não descarta a crítica, mas também não o abraça inteiramente como uma perspectiva que faz parte da tradição, ao contrário, procura problematizar até que ponto a crítica é válida e se há possibilidade de escapar dela. Outro ponto que Meyrowitz destaca é que a *Medium Theory* procura dividir a história

do mundo a partir de eras comunicacionais, como oralidade, escrita e prensa, e era dos meios eletrônicos.

Já a designação *Media Ecology*, como descrita por Lance Strate é a mais abrangente de todas, pois o mesmo tenta traçar todas as relações possíveis de influência dos autores que ele considera os principais: McLuhan, Ong e Postman. A sociologia da ciência é o forte da designação, pois Strate procura a todo o momento reforçar as relações institucionais, a junção de duas escolas de pensamento (Toronto e Nova York), a criação da *Media Ecology Association* e a revista *Explorations in Media Ecology*. Strate não foca nas diferenças da *Media Ecology* em relação a outras tradições comunicacionais, ao ponto de ficarmos em dúvida se a *Media Ecology* é uma tradição comunicacional ou uma metadisciplina como o autor diz em diversas ocasiões. De um lado, para Strate, a *Media Ecology* está dentro do campo da comunicação pelo fato de estudar os meios de comunicação como constituidores de ambientes, como agentes que afetam a percepção e compreensão humana. Como metadisciplina, é uma disciplina acima de todas, segundo Strate, pois o estudo dos sistemas comunicacionais como ambientes cruzaria com todas as outras disciplinas.

A descrição Derrick de Kerckhove, da designação **Escola de Toronto de Comunicação**, leva em consideração principalmente a sociologia da ciência, mas também aponta as bases epistemológicas da designação. Tanto Innis, McLuhan e Havelock se dedicaram a entender os meios de comunicação e suas estruturas como agentes capazes de efeitos sociais e psicológicos em larga escala. Kerckhove é o único a deixar claro que alguns autores não podem ser considerados como dentro da designação, pois fogem do ponto central da tradição e caem na pesquisa comum do conteúdo dos meios de comunicação. Nesse sentido, Kerckhove estabelece uma designação ainda mais restrita que Meyrowitz. O autor também dá bastante destaque para a sociologia da ciência, ao dar ênfase na importância da revista *Explorations* e ao reafirmar que diferente de outras formas de pesquisa é em Toronto que uma tradição única se estabeleceu e se fortaleceu. Uma prova disso é que a tradição ganhou notoriedade mundial com uma série de eventos ao redor do mundo em que o próprio Kerckhove participou.

A designação **Escola de Toronto de Comunicação**, por Donald Theall, assim como Lance Strate, diminui a influência de Harold Innis considerando-a como uma influência de precursor em conjunto com Eric Havelock. Theall então foca

principalmente em McLuhan e Carpenter para descrever a Escola de Toronto de Comunicação. A comunicação, para Theall, vai ter um sentido bastante amplo, pois aos aspectos de comunicação e tecnologia este adiciona as artes e a linguística. Emblemático nesse sentido é a análise dos meios de comunicação enquanto linguagens e como formas de arte.

Theall também dá importância fundamental a história da escola, a partir de Carpenter e McLuhan, a revista *Explorations* e aos seminários financiados pela Fundação Ford. Estabelecendo uma linha de sociologia da ciência bastante próxima da perspectiva de Kerckhove, ao ressaltar a importância das instâncias institucionalizantes, principalmente a Universidade de Toronto, como um eixo de explicação para a particularidade dos estudos feitos pelos autores relacionados. Estudos que com o movimento de reviver os trabalhos dos autores da Escola de Toronto de Comunicação a partir de 1990 acabou se transformando na *Media Ecology*.

Podemos perceber que a participação de Innis também é um ponto que divide opiniões. **Joshua Meyrowitz** coloca Innis e McLuhan como os autores principais; **Lance Strate** prefere a combinação McLuhan, Ong e Postman; **Derrick de Kerckhove** opta por McLuhan, Havelock e Innis; **Donald Theall** coloca Havelock e Innis em segundo plano e situa Carpenter como principal parceiro de McLuhan. Cada designação, a partir de cada autor, promove certos autores e características como as principais. Fica claro que não há uma obrigatoriedade de aproximar Innis e McLuhan. Recentemente essa relação foi problematizada por William Buxton (2011) e Gaëtan Tremblay (2011, 2008) que situam as similaridades e diferenças e o que se ganha e o que se perde ao aproximar os dois autores.

Ainda assim, podemos ver pela seleção dos autores nas designações acontece também uma maior ou menor aproximação com as artes e a linguagem. Strate coloca ponto fundamental na concepção de linguagem e Theall mesmo sendo adepto da Escola de Toronto, em várias oportunidades fala da aproximação a abordagens “ecológicas”, ou seja, a Escola de Toronto seria apenas uma etapa histórica, sendo a da *Media Ecology* a etapa pós-McLuhan. Para Theall, isso tem a ver com a inclusão de Carpenter, devido os seus estudos com a etnolinguística, da linguagem Inuit, linguagem corporal e outras formas de linguagem silenciosa. E é claro, a partir da noção de Carpenter, que todas as linguagens são meios de comunicação e todo novo meio de comunicação deve ser

entendido como uma linguagem. Para Strate essa relação é estabelecida principalmente pela participação de Neil Postman, que tem entre as suas primeiras obras dois livros sobre linguística.

A relação dos estudos feitos por McLuhan com o campo da linguagem pode ser traçada até os linguistas Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, conhecidos pelo chamado determinismo linguístico. McLuhan é aproximado destes autores tanto por Donald Theall, quanto por Lance Strate, e essa análise tem seu aprofundamento em James W. Carey ([1967] 2005) que colocou McLuhan muito mais próximo dos estudos sobre linguagem do que da comunicação.

É importante salientar que as relações entre arte, linguagem e meios de comunicação que estes autores encontraram principalmente na obra de McLuhan não é uma invenção, uma vez que McLuhan, Postman e Ong eram professores de literatura⁴²⁹. Há diversas formas de analisar a obras destes autores, seja através da literatura, da economia, ou da comunicação. O que nos dedicamos aqui é justamente o estabelecimento do que é uma perspectiva estritamente comunicacional.

O que estas designações nos dizem sobre as teorias da comunicação? Acredito que um dos pontos interessantes dessa discussão é justamente mostrar que mesmo analisando os mesmos autores, cada pesquisador pode enxergar diferentes coisas dependendo do ponto de partida. Isso é importante, pois, poderíamos encontrar similaridades e relações sobre aspectos econômicos entre Innis e McLuhan e mesmo assim, pessoas discutindo sobre meios de comunicação não as coloca diretamente dentro da Comunicação enquanto campo científico,. Assim como podemos ter várias maneiras de enxergar os trabalhos deles dentro de outras áreas, mas o ponto de relevância para nós são justamente as contribuições ao pensamento comunicacional, então a Comunicação, enquanto um posicionamento epistemológico é o óculos que colocamos para analisar o trabalho de Innis e McLuhan e propor um programa de pesquisa comunicacional a partir destes.

⁴²⁹ Mas fruto desse trabalho também foi uma expansão cada vez mais crescente do sentido de meio (medium) para incluir qualquer invenção, ideias, filosofias e invenções linguísticas e retóricas. Essa expansão fez Gordon (1997, p.323-338) perguntar no final da sua biografia até que ponto McLuhan poderia ser considerado um linguista.

5.2 NÚCLEO DURO E HIPÓTESES AUXILIARES

As diversas designações concordam em alguns pontos e se afastam em outros, mas no que elas concordam é no ponto fundamental, que converge com nossa proposta de programa de pesquisa comunicacional a partir de Innis e McLuhan. Também é possível ver alguns pontos de discordância importantes, como por exemplo, com a concepção de Lance Strate, pois o programa de pesquisa que propomos desenvolver não é uma metadisciplina, ele se insere dentro do campo comunicacional (ainda que se confunda com a própria formação deste).

A discussão das designações permitiu ver que não podemos nos perder em uma sociologia da ciência, na busca das relações pessoais dos autores como fator primordial para desenvolver um programa de pesquisa. Independentemente se os autores estivessem separados pelo tempo ou espaço, e até mesmo se eles nunca tivessem se encontrado em vida, isso não inviabilizaria um programa de pesquisa, pois está baseado em uma análise teórica de cunho mais racionalista, com um núcleo e suas teses auxiliares. O que realmente importa, nesse sentido, é a criação de ligações teóricas entre as diversas propostas dos autores.

Ainda que a nossa proposta por um programa de pesquisa não defina teses de outros como pertencentes ao programa, a opção de Kerckhove deixa claro que há uma diferença sensível entre aqueles que compartilham de um núcleo duro daqueles que fornecem aparados teóricos para áreas conexas.

Outro ponto que nos distanciamos é a ligação mais forte que Theall e Strate fazem com a lingüística. A solução pela lingüística parece tirar a especificidade da tecnologia e dos meios de comunicação dos seus aspectos materiais. Isso não significa que outros pesquisadores não possam tornar esse um dos pontos centrais do seu núcleo, mas aqui optamos pela especificidade dos meios de comunicação enquanto tecnologias.

O núcleo de um programa de pesquisa, segundo Lakatos, pode ser definido por um consenso entre os pesquisadores e deve ser avaliado pela frutividade do seu núcleo e a capacidade de sobreviver os ataques das críticas. Propomos então como hipótese de trabalho um núcleo duro formado por duas premissas. A primeira é o papel de centralidade dos meios de comunicação para compreender a sociedade e esta centralidade dos meios de comunicação não teria apelo significativo se os meios fossem considerados apenas pela perspectiva de satisfazer as necessidades da sociedade. Ou

seja, os meios de comunicação devem ser encarados como agentes ativos no processo social e dessa forma, não podem ser considerados como neutros e totalmente maleáveis pelo desejo do social.

Nosso núcleo irreduzível se apresenta como um consenso, as diferentes designações (*Media Ecology, The Toronto School of Communication, Medium Theory*) concordam com a centralidade dos meios de comunicação, sendo uma forma de análise diferente de outras do campo comunicacional, visto que os meios de comunicações são analisados a partir de suas características únicas e seus efeitos analisados para além do conteúdo. Elas concordam, assim, no entendimento de que cada meio de comunicação estabelece um ambiente social diferente.

As teorias podem se mostrar muito diversas ao apontarem quais seriam os efeitos dos meios de comunicação, pode haver divergências importantes, como vistos em Innis e McLuhan, mas o ponto principal a destacar é que os meios são considerados como tendo potencialidades de exercer efeitos devido a sua materialidade e a experiência que geram altera a forma como a sociedade se relaciona.

As teses auxiliares referem-se aos demais aspectos que circundam esse núcleo duro. A primeira dela é a tese de McLuhan de que os efeitos dos meios de comunicação podem ser analisados a partir de uma análise sensorial e da experiência. A segunda são os efeitos nas dimensões de tempo e espaço propostos por Innis. A terceira é que os meios de comunicação podem ser entendidos através dos monopólios de conhecimento como descritos por Innis. A quarta e última a ferramenta heurística das leis dos meios.

5.2.1 A centralidade dos meios de comunicação

Innis e McLuhan estabelecem os meios de comunicação como elementos centrais para compreender a organização social das sociedades. Innis, por exemplo, destaca a importância dos meios de comunicação como elemento central para análise das sociedades, sua influência nas dimensões de tempo e espaço. É no equilíbrio entre essas dimensões que o autor estalecia a possibilidade de existência de um império, pois assegurava a continuidade no tempo das suas heranças e ao mesmo tempo a possibilidade de gerenciar o estado e largas quantidades de territórios a partir de meios

com viés espacial. Os vieses dos meios de comunicação modificam as configurações complexas das relações que mantêm o império como o conhecimento e poder.

Segundo Tremblay (2012, p. 564), todo o pensamento de McLuhan estava baseado em uma convicção “the media, which define the environment of man and society, disrupt all aspects of life.”⁴³⁰. Sendo assim, qualquer modificação no ambiente comunicacional seria seguida por uma modificação no ambiente social e nossa dependência dos meios de comunicação enquanto extensões de nossos sentidos explicava essa situação.

Alguns poderiam contra argumentar que toda uma geração de autores estudaram os meios de comunicação e a partir das mais diferentes disciplinas, então o que faz os estudos de Innis e McLuhan sobre os meios se diferenciarem? Parte do argumento é que Innis e McLuhan se dedicam à análise das mudanças entre diferentes meios de comunicação e suas consequências sociais. Suas análises só podem ser feitas a partir de uma perspectiva histórica de longa duração, pois a comparação se dá sempre entre diferentes sistemas de comunicação. Eles demonstraram como era possível dividir a história a partir de diferentes eras comunicacionais, ou seja, a partir dos meios de comunicação dominantes de uma sociedade e as transições para outro sistema comunicacional baseado em novos meios ou novos arranjos de meios. Dessa forma, suas investigações começam a partir da análise das características da oralidade passando para a escrita e, só então, chegam aos meios elétricos, sem deixar de lado as inúmeras derivações de outros meios, em cada uma dessas eras.

Segundo Martino (2008), esse tipo de análise é diferente de um estudo feito por um historiador que se dedica a análise de um único meio de comunicação e de forma minuciosa. Mesmo Innis sendo conhecido como um apaixonado pela história e McLuhan por ter produzido um grande trabalho histórico em *The Classical Trivium* (2006) e *The Gutenberg Galaxy* (1962), os dois autores são criticados por uso de fontes secundárias, contradições e erros históricos. Na verdade o foco das suas análises está nas transições entre diferentes meios de comunicação, o que os coloca em uma posição diferente daquela de um historiador de um único meio de comunicação. Para Innis e McLuhan, os meios de comunicação funcionam como chave de leitura da realidade e que não fica restrita a uma análise do comportamento de um meio de comunicação no

⁴³⁰ "Os meios de comunicação, que definem o ambiente do homem e da sociedade, afetam todos os aspectos da vida."(TREMBLAY, 2012, p. 564).

passado. Nesse sentido as análises sobre os meios durante a história servem diretamente para a interpretação do presente. Isso é mais fácil de ser percebido principalmente em Innis que ultrapassa os trabalhos dedicados às análises das *commodities* e as relações com os transportes e meios de comunicação no Canadá, para se dedicar à investigação dos meios de comunicação nos impérios de milhares de anos atrás. Esse distanciamento histórico permitia um tipo de análise menos enviesada e mais comparativa entre o presente com as diferentes eras comunicacionais.

Não se trata então de periodizações ou de classificações baseadas em tipos sociais, como feita pela sociologia, entre comunidades primitivas, sociedades tradicionais e sociedades complexas; ou como feito pela arqueologia a partir dos materiais brutos como idade da pedra, idade do ferro, idade do silício etc.. Dessa forma, explicar a sociedade a partir das eras comunicacionais marca uma importante chave de leitura para estabelecer o que faz com que uma perspectiva teórica possa ser considerada como especificamente comunicacional.

Apesar das ligações de Innis e McLuhan com as suas disciplinas de formação, respectivamente, a economia política e a literatura, é difícil encontrar críticos que sejam capazes de sustentar que eles não tenham desenvolvido importantes estudos para o que comumente denominamos de campo comunicacional.

A centralidade dos meios de comunicação para compreender a organização social, nos estudos de Innis e McLuhan deixa claro que essa mediação não é neutra. As formas pelas quais interagimos com essas tecnologias e como elas afetam a nossa forma de se relacionar, é um dos temas centrais de Innis e McLuhan.

5.2.2 O viés é a mensagem: para além da neutralidade dos meios de comunicação

Innis e McLuhan desenvolveram diversos conceitos para tentar compreender os efeitos dos meios de comunicação, mas mais importante do que as formas pelas quais os meios de comunicação alteram ou modificam o social na sua relação com a sociedade é a própria ideia de que os meios de comunicação não são neutros.

Para isso, se faz uma distinção analítica entre forma e conteúdo que é mais bem expressa pela definição de McLuhan de que “o meio é a mensagem”. Com a expressão, McLuhan diferenciava o conteúdo dos meios de comunicação do sistema mediático

como um todo. McLuhan rompe com a ideia, dominante até então, de perceber o conteúdo e a forma como uma unidade indivisível. Essa distinção é necessária para a ideia de centralidade dos meios de comunicação, mas também para reafirmar os efeitos dos meios enquanto tecnologias. Nesse sentido, a expressão “o meio é a mensagem” se junta à noção de viés dos meios de comunicação de Innis para constituir a ideia de que os meios de comunicação possuíam efeitos amplos na sua relação com a sociedade.

Innis não identificou apenas que meios leves eram mais fáceis de serem transportados ou que meios mais duráveis resistiam melhor à ação do tempo. Mas extrapola a materialidade para dizer que a “A relativa ênfase no tempo ou no espaço irá implicar um viés [*bias*] de significação para a cultura na qual está inserido” ([1951] 2008, p. 103). Innis e McLuhan percebiam que o uso dos meios de comunicação por um longo tempo implicava a alteração do ambiente social em uma direção em vez de outra dependendo dos meios de comunicação que estavam exercendo ampla influência, pois eles enfatizavam algum aspecto da realidade. O meio também deixa a sua marca, seu viés, isso implica dizer que a sociedade como um todo se inclinaria para o espaço ou para o tempo (Innis), ou para o espaço visual ou espaço acústico (McLuhan). Os meios de comunicação seriam um dos principais agentes que se inserem na disputa entre essas diferentes formas de organizar a informação nas sociedades.

Em uma frase clássica de John Culkin (erroneamente atribuída a McLuhan), um dos seus seguidores, ele diz “We shape our tools thereafter the tools shape us” (CULKIN, 1967)⁴³¹. Apesar de sermos nós os criadores das tecnologias, elas reagem as nossas ações e modificam as formas pelas quais organizamos o conhecimento e as formas como pensamos. Nesse sentido, o viés é a mensagem. O significado geral dos meios dos meios de comunicação poderia ser percebido a longo prazo nos caminhos tendenciosos que a sociedade tomaria devido à dependência dos meios de comunicação dominantes naquela determinada sociedade.

A natureza da comunicação efetuada dependerá do meio utilizado. Apesar de Innis não ser claro em relação a estes mecanismos, McLuhan percebeu essa noção complexa dos efeitos dos vieses dos meios de comunicação no trabalho de Innis e desenvolveu ideias importantes para compreender essa relação, em especial a ideia das tecnologias e meios de comunicação como extensões do homem. A ideia de extensões vai demonstrar como os meios estendem faculdades e funções humanas, em vez de

⁴³¹ "Nós moldamos nossas ferramentas depois as ferramentas nos moldam" (CULKIN, 1967).

materialidades enquanto simples suporte, revelando a relação simbiótica que temos com os meios.

Um dos elementos que tanto Innis quanto McLuhan chamam a atenção é que muitas vezes esses efeitos dos meios são difíceis de perceber. Parafraseando T. S. Eliot, McLuhan viria a dizer que o conteúdo dos meios (figura) tem a capacidade de distrair a nossa mente dos reais efeitos dos meios de comunicação (fundo). Essa crítica estava direcionada à maioria das pesquisas sobre os meios de comunicação, que se destinavam a investigar o conteúdo dos meios. No caso de McLuhan, essa invisibilidade se dava pelos meios serem extensões de nós mesmos e pelos sentidos exteriorizados, desenvolvendo o processo de saturação dos sentidos e de amputação. Em Innis, esse processo se dá pelo domínio excessivo de um meio (ou conjunto de meios) com ênfase em uma das duas dimensões (tempo e espaço) por um longo período. Os métodos possíveis para compreender, dessa forma, o viés das sociedades sofreriam também a influência dos meios e criariam dificuldades para compreender os vieses. Conforme já citamos a descrição que ele mesmo faz dessa dificuldade em que as formas de avaliação são influenciadas pelos próprios meios e seus vieses. (1972 [1950], p. 9)

Como essa forma de lidar com os meios de comunicação enquanto tecnologias é um apontamento original em comparação com outras tradições que investigam as tecnologias?

5.2.2.1 As diferentes tradições sobre as tecnologias

Por causa das análises sobre as tecnologias comunicacionais e seu impacto na sociedade, McLuhan e Innis são frequentemente acusados de serem deterministas tecnológicos. Para entender essa crítica é necessário primeiro entender as diferentes tradições sobre as tecnologias, para depois situar as posições de nossos autores e ver como se relacionam com estas tradições.

Iremos aqui discutir as principais tradições conhecidas como: essencialismo, construtivismo e simetria entre humanos e não-humanos. Dois textos importantes nos servirão de guia para apresentar o argumento básico de cada tradição. Um artigo do filósofo da tecnologia Andrew Feenberg, *Do essencialismo ao construtivismo – a filosofia da tecnologia em uma encruzilhada* (2010c) e o artigo do antropólogo

português José Pinheiro Neves, *Os dilemas da sociologia da técnica: do construtivismo social à teoria do actor-rede* (2009).

O essencialismo

De forma geral, podemos dizer que o essencialismo voltado para a tecnologia é a noção de que a tecnologia tem pelo menos algumas propriedades essenciais. Segundo o filósofo da tecnologia Andrew Feenberg, professor da Simon Fraser University no Canadá, fazem parte desta perspectiva, autores como Martin Heidegger, Jürgen Habermas e Albert Borgman. A posição destes autores em relação à tecnologia é considerada como reducionista, determinista, e demasiadamente abstrata. Segundo Feenberg, estes sustentam que “a modernidade caracteriza-se por uma forma unitária de ação e pensamento técnicos que ameaça valores não-técnicos ao se estenderem cada vez mais profundamente na vida social” (2010c, p. 206)

O essencialismo destes autores os aproxima da ideia de uma racionalidade técnica capitalista. Isso porque a tecnologia aparece como não-social, como fruto da pura racionalidade técnica. Dessa forma o essencialismo não discute a realidade da tecnologia, como em Heidegger, em que não fica claro se o autor propõe uma mudança de atitude em relação à tecnologia ou uma mudança no projeto tecnológico, afirma Feenberg.

Na concepção essencialista há uma discussão intensa entre sociedade moderna e não-moderna, onde a moderna seria a aquela dominada pela tecnologia, enquanto uma causalidade natural da tecnologia. Segundo Feenberg:

Em Heidegger e em Habermas, a modernidade é governada por um conceito muito abstrato da essência da ação técnica. Classifico essa visão como “essencialista”, porque interpreta um fenômeno historicamente específico em termos de uma construção conceitual trans-histórica. É evidente que sistemas e racionalidades de ação técnica devem ter um cerne de traços comuns, que nos permitam distingui-los de outras relações com a realidade. Mas estes pensadores querem extrair muito - toda uma teoria da história - das poucas propriedades abstratas que pertencem a tal cerne. O ponto fraco dessa abordagem aparece acima de tudo nos problemas com a periodização. [...] Heidegger representa a tecnologia moderna como radicalmente diferente do outro modelo de ação técnica que ele reconhece, o artesanato pré-moderno. Enfatiza a redução do objeto da tecnologia moderna a um assunto fungível e descontextualizado, separado de sua própria história. Tal redução está carregada de valores, ou mais exatamente, nos termos de Heidegger, traz “o valor” ao cancelar as potencialidades intrínsecas do objeto - respeitado o artesanal - e entregando-o a fins alheios. (2010c, p. 213-214)

O filósofo da tecnologia Iain Thomson (2000) percebe nas críticas de Feenberg ao essencialismo pelo menos três vertentes do essencialismo tecnológico. São elas: *ahistórico*, *substantivismo* e *unidimensional*.

A crença na tecnologia como *ahistórica*, significa que a tecnologia é vista como uma coisa em si mesmo, independente das suas relações com o contexto social onde está inserida, e como aplicação de uma forma puramente instrumental da racionalidade. Os essencialistas ahistóricos abstraem a sua compreensão da essência da tecnologia a partir de contextos sociais e históricos nos quais a tecnologia está inserida. Dessa forma, essa tradição não entende a tecnologia enquanto um fenômeno social.

O *substantivismo*, segundo Feenberg, é a noção de que a essência da tecnologia vem além de nossas ações, e dessa forma está fora do nosso controle. A tecnologia é entendida como autônoma, capaz de moldar a história e impor-se de fora da sociedade. O fatalismo dessa concepção em relação ao impacto histórico da tecnologia parece claro.

A visão *unidimensional* refere-se à ideia de que todas as tecnologias possuem apenas uma mesma essência. Dessa forma só nos resta rejeitar completamente essa essência ou aceitá-la integralmente, não se pode assim realizar uma análise mais refinada, nos diz Thomson, porque não é possível considerar os pontos positivos e negativos da tecnologia ao mesmo tempo. Aceitar uma tecnologia é aceitar a sua essência, e nesse caso de qualquer tecnologia.

O construtivismo

O essencialismo não ficou sem críticas. Grande parte delas veio a partir da posição dos construtivistas, que a partir de 1980 vem questionando as interpretações essencialistas, pois concebem a tecnologia como socialmente construída, dependente de estruturas sociais e valores culturais. O construtivismo ao fazer a análise dos indivíduos e grupos que constroem as tecnologias leva em conta principalmente os aspectos sociais. Para esta abordagem o desenvolvimento tecnológico é um processo de negociação e conflito contínuo entre os mais variados grupos sociais. Por conseguinte, a escolha e a configuração de uma tecnologia não podem ser entendidas como determinadas a partir apenas de uma “lógica técnica inerente” (Dagnino, R.; Brandão, F. C.; Novaes, H. T., 2004, p. 42). Entre os principais nomes desta linha estão Wiebe Bijker e Trevor Pinch autores do livro *The Social construction of technological systems:*

new directions in Sociology and History of Technology (1987) em conjunto com Thomas Parke Hughes. Esta tradição também recebe o nome em alguns casos de *SCOT – Social Construction of Technology* – ou *SCOST – Social Construction of Science and Technology*.

Entre os conceitos envolvidos no construtivismo, segundo Bijker, estão:

- *flexibilidade interpretativa*, com o qual se procura entender as relações entre os agentes a partir dos agentes, cada grupo tendo uma interpretação sobre os demais agentes;

- *grupos sociais relevantes*, que consiste em “seguir os atores” para compreender os grupos mais detalhadamente e suas influências;

- *flexibilidade do design; fechamento* que consiste em uma diminuição da flexibilidade interpretativa em relação às tecnologias, se aproximando de um consenso;

- e a noção de *estabilização*, quando não se percebe que ocorreu o processo de *fechamento*, o artefato é visto de forma naturalizada, não percebendo-se mais a flexibilidade factual que existia anteriormente do fechamento.

Segundo Neves (2009), os adeptos dessa abordagem acreditam que as tecnologias são desenvolvidas a partir de diversas disputas sociais, resistências e com grupos se posicionando contra ou a favor.

Neves considera que a abordagem sociológica da técnica tem inspiração nas discussões da filosofia da técnica, da qual distingue duas grandes abordagens: a primeira em que a tecnologia se resume à aplicação da ciência e por isso é essencialmente neutra. E a segunda, que tem um foco humanista, pois efetua uma crítica cultural do domínio tecnológico, como no caso de Mumford e Ellul; ou também uma aproximação fenomenológica da técnica, como vista em Heidegger, Habermas e Marcuse, onde o desenvolvimento tecnológico origina um novo tipo de dominação social que é legitimado pela técnica.

Para o construtivismo, as características das tecnologias por si só não explicam porque esta teve sucesso, ou seja, porque foi adotada pela sociedade. Acredita-se que há sempre alternativas e que uma delas é que obteve sucesso. O processo de adaptação da tecnologia e a sua adoção pela sociedade é designada por “fechamento”. Esse fechamento produz uma “caixa preta”, ou seja, uma tecnologia considerada estável e que é reconhecida pela sociedade como um produto completo. Segundo Feenberg, após esse processo “quando verificamos retrospectivamente a sua última etapa de

desenvolvimento, o mesmo artefato aparenta ser um objeto puramente técnico, cujo design é até mesmo inevitável.” (FEENBERG, 2010c, p. 133). Não se percebe assim que esta tecnologia tinha concorrente, acreditando que apenas a função técnica da tecnologia foi a responsável por sua adoção.

Apesar de se basear nessa tradição, Feenberg critica a visão do construtivismo porque eles apresentam apenas descrições de tecnologias específicas em diversos contextos históricos e por considerarem a tecnologia enquanto neutra, uma vez que ela está a serviço da sociedade integralmente, deixando de lado análises mais amplas (KELLNER, 2010). Na proposta de Feenberg:

Procuramos focar, especificamente, na maneira com que os atores percebem os significados dos dispositivos e dos sistemas que eles projetam e usam. Mas, outra vez, somos seletivos em lançar-nos nessa tradição. Não aceitamos seu empiricismo exagerado e extensivamente retórico, nem sua rejeição às categorias da teoria social tradicional. Em vez disso, tento integrar suas introspecções metodológicas a uma teoria mais amplamente concebida da modernidade. (FEENBERG, 2010a, p. 103)

Diferente de Heidegger que considera que só um Deus pode nos salvar, Feenberg faz a crítica de que a tecnologia pode ser uma promessa de liberdades, ainda que reconheça os malefícios do desenvolvimento tecnológico.

Neves ainda divide o construtivismo entre um construtivismo forte e fraco, o primeiro afirma que os objetos técnicos significam disputas sociais que um grupo tenta impor aos demais; e o fraco que se preocupa com as formas que favorecem a uma maior democratização dos projetos tecnológicos.

Simetria entre humanos e não humanos

A simetria entre humanos e não humanos, não é tanto dizer que não há distinção entre homem e técnica, e sim uma revisão da dicotomia. Entre os autores citados por Neves (2009) como seguidores dessa tendência estão Bruno Latour e a Teoria Ator-Rede, Ulrich Beck, Michel Foucault, Deleuze, Scott Lash, Donna Haraway, André Leroi-Gourhan e Gilbert Simondon.

O ponto principal dessa abordagem é afirmar que as relações com objetos técnicos ou com outros organismos biológicos também se dão de forma complexa com o social. Podemos perceber também nestas propostas de simetria entre humanos e não-humanos que grande parte é fruto de uma tradição francesa e de cunho bastante antropológico de compreensão da relação entre seres humanos e objetos técnicos.

A teoria ator-rede articula, segundo Neves, a tradição fenomenológica das ciências sociais com as tradições dos estudos da ciência e tecnologia. Latour propunha que a investigação deveria se ater às maneiras pelas quais os agentes criam e tentam impor-se uns aos outros. Ao utilizar o termo ‘agentes’, deixava claro que humanos, objetos técnicos e outros organismos faziam parte do mesmo processo. Por um lado ela representa uma opção metodológica de não situar o humano como força única de modificação social, nem colocar a técnica nessa posição. De outro lado, como a proposta de Bowers que sugere um princípio de simetria entre humanos e não-humanos, não como “um *a priori* mas como um efeito, algo que se torne visível após estudar contextos e situações concretas, cartografando as ligações técnicas” (NEVES, 2009).

O antropólogo e paleontólogo francês André Leroi-Gourhan (1965; 1984) acredita que a técnica é uma exteriorização do corpo humano (em moldes parecidos com o conceito de extensão de McLuhan), dessa forma a técnica substitui funções que anteriormente eram realizadas pelo corpo. Para Leroi-Gourhan, a evolução dos seres humanos deixa de ser apenas biológica, pois continua extracorporeamente através do desenvolvimento das técnicas e da organização social.

A roda, por exemplo, é uma extensão das pernas, assim como o martelo é uma extensão do braço. Leroi-Gourhan vai chamar essa relação entre o homem e o objeto como um circuito funcional (*chaîne opératoire*) onde o braço é isolado, e deixa de realizar a função de bater, pois essa função acaba sendo substituída pelo martelo. A técnica nesse sentido não é apenas o objeto técnico, instrumental, mas um processo que se dá coletivamente, que é evolutivo, histórico.

A exteriorização de uma função do corpo é o princípio da evolução da técnica, sendo a faculdade de simbolização como a condição desta capacidade de exteriorização. Leroi-Gourhan integra em uma teoria as dimensões sociais, técnicas e zoológicas da existência humana. Dessa forma a tecnologia não é posta em oposição ao humano, ao contrário, é colocada como parte integrante e constituinte do humano.

O filósofo francês Gilbert Simondon (2003; 2007) também recusa a dicotomia entre seres humanos e objetos técnicos e o faz principalmente a partir do conceito de individuação. O que faz do indivíduo, um indivíduo? Para Simondon o indivíduo está sempre em processo de individuação e nunca está acabado. O autor é contra certas concepções por considerarem que o indivíduo já possui uma individuação desde

sempre, não considerando o devir do indivíduo na constituição da sua individuação. O devir para Simondon não é dissociado do ser, pois o devir é a constituição do ser.

Dessa forma tanto seres humanos quanto objetos estão constantemente nesse processo de estar se individuando. Para ele, as máquinas seriam seres semelhantes (mas não iguais) aos seres naturais, uma vez que eles operam sem a atenção dedicada dos seres humanos, sendo dessa forma independentes, autônomos. Diferentemente de objetos técnicos como martelos e afins, em que o humano é parte intrínseca do seu funcionamento. O processo de concretização nesse sentido é o processo contínuo de complexificação e de aproximação à autonomia dos seres biológicos.

Neves (2009) conclui que a proposta de Simondon antes que uma simetria completa, se trata de negar a oposição completa entre a individuação técnica e a individuação humana, acentuando assim a tendência técnica que constitui o humano, é parte intrínseca do humano.

O autor aponta três fases da concepção de simetria. A primeira de tipo estratégico que contempla conceitos como tradução e rede que foram desenvolvidas com cunhos epistemológicos e teóricos. A segunda fase, a conversão ontológica, também chamada de pós-teoria ator-rede, sugere uma recusa da visão antropocêntrica, um descentramento do humano. Já a terceira visão remete a complexidade das relações ente objetos técnicos e humanos, negando a oposição entre a individuação técnica e a individuação humana. Diferenciando-se dessa maneira das tradições aqui exemplificadas, ao focar no agenciamento de animais e tecnologias.

Com base nas descrições que fizemos de Innis e McLuhan podemos afirmar que eles não apresentam uma teoria sobre as tecnologias e seus usos pelo social, como pretendem os sócio-contrutivistas ou até mesmo os membros da teoria ator-rede⁴³².

But because of the publications of Innis and McLuhan in the 50s and 60s, it is no longer possible to consider media as neutral instruments, suitable for all purposes and in all circumstances. Even without sharing the premise of technological determinism, we cannot think of media as merely the means to something else. The works of Innis and McLuhan have definitely established that each medium offers a specific configuration of opportunities and constraints that any theory of communications should take into account. (TREMBLAY, 2008, p. 571)⁴³³

⁴³² Com excessão do trabalho desenvolvido por André Leroi-Gourhan que desenvolve uma análise que leva em conta os efeitos da tecnologia no humano em um processo de simbiose, o que é diferente de dizer que afirmar uma simples simetria de caráter quase metodológico.

⁴³³ Mas por causa das publicações de Innis e McLuhan nos anos 50 e 60, não é mais possível considerar os meios de comunicação como instrumentos neutros, adequados para todos os efeitos e em todas as circunstâncias. Mesmo sem compartilhar a premissa do determinismo tecnológico, não podemos pensar

Mas Innis e McLuhan se dedicam à análise algo esquecido por todos estes. Graças a Innis e McLuhan não se pode mais considerar os meios de comunicação como instrumentos neutros, e maleáveis para quaisquer circunstâncias. Eles estabelecem de que os meios oferecem uma específica configuração de oportunidades e restrições que qualquer teoria da comunicação deveria levar em conta.

Como vimos anteriormente, os trabalhos de Innis e McLuhan se afastam do construtivismo, pois este deixa de lado as consequências dos usos das tecnologias. O mesmo argumento poderia ser feito para negar uma relação com a teoria ator-rede, apesar da ideia de que os objetos técnicos serem agentes ativos e de mútua reciprocidade para a teoria ator-rede. De outro lado, as análises de Innis e McLuhan se aproximam de um essencialismo, afinal de contas o objetivo é desvendar as regras que governam os usos e efeitos das tecnologias, mas nesse sentido, qualquer proposta teórica poderia ser interpretada como uma tentativa essencialista. O essencialismo é mais um ponto de partida, ele ignora as relações com o social ao apontar uma autonomia da tecnologia como algo externo a sociedade, o que não encaixa na interpretação mais sofisticada de Innis e McLuhan.

Como percebemos nenhuma dessas tradições sobre a tecnologia levam em conta de forma clara as consequências sociais e psicológicas da ação dos meios de comunicação. Por causa dessa centralidade nos meios de comunicação na sociedade enquanto tecnologias não neutras é que Innis e McLuhan foram acusados de um determinismo tecnológico. Mas como essa acusação se dá um plano geral da definição de determinismo tecnológico?

5.2.2.2 Determinismo tecnológico

A questão da importância da atividade técnica ou de seu impacto sobre a sociedade constitui um dos pontos incontornáveis para a reflexão sobre os processos comunicacionais. Sobretudo quando a tecnologia é apontada como um dos traços mais característicos da sociedade que vivemos. É fácil, então, constatar que nenhuma grande

em meios de comunicação como meramente um meio para outra coisa. Os trabalhos de Innis e McLuhan definitivamente estabeleceram que cada meio oferece uma configuração específica de oportunidades e restrições que qualquer teoria da comunicação deve ter em conta. (TREMBLAY, 2008, p. 571)

corrente teórica da área de comunicação pode se eximir de uma tomada de posição quanto ao papel ou a significação da tecnologia nas formações sociais.

Toda escola, tendência ou tradição de estudos em comunicação guarda uma relação intrínseca com o problema da tecnologia. Algumas de forma direta, como a Escola canadense e sua preocupação explícita com a tecnologia, ou a tradição norte-americana da *Mass Communication Research* que foca o efeito dos meios de comunicação. Tradições européias, como a Escola de Frankfurt ou os Estudos Culturais, não obstante suas peculiaridades e diferenças em relação às anteriores, também se interessam pela tecnologia. Elas colocam no centro de sua reflexão a cultura de massa ou a indústria cultural, quer dizer, procuram fazer a análise da forma que a cultura assume hoje em dia com o desenvolvimento da tecnologia e os modos de produção e de consumo que lhes estão associados. E mesmo aquelas correntes que a princípio estão focadas em processos de comunicação não-mediada não podem prescindir de um posicionamento em relação à questão sobre as relações entre o desenvolvimento tecnológico e outras dimensões do fenômeno humano (sociedade, cultura, história, psiquê...).

No entanto, tal relevância não se traduz por um tratamento claro da questão trazida pelo determinismo tecnológico⁴³⁴. A tarefa que nos propomos aqui pode ser dividida em três partes:

- 1) Definição da tese do determinismo tecnológico; apontamentos sobre suas consequências; e análise de argumentos contrários a ela.
- 2) Posicionamentos encontrados na literatura específica.
- 3) Do determinismo tecnológico à determinação teórica: discussão crítica.

Definição, consequências e argumentos contrários

Definição

O determinismo tecnológico tem sido um problema constante para todos aqueles que se deparam com a questão da tecnologia. Há várias maneiras de formulá-lo. Em sua versão mais clássica ele se refere às relações entre a tecnologia e o homem, como uma determinação da tecnologia sobre a sociedade ou a cultura. *O desenvolvimento*

⁴³⁴ Parte do texto apresentado aqui foi desenvolvido em MARTINO, L. C.; BARBOSA, R. M. “Do Determinismo Tecnológico à Determinação Teórica”, [no prelo].

tecnológico condiciona a dinâmica social e indica o rumo das transformações culturais. Ou seja, a tecnologia impõe sua forma à sociedade e à cultura.

Mas a tecnologia teria determinado toda a evolução humana ou é apenas a partir de certo estágio do desenvolvimento tecnológico que ela passa ao comando?

A primeira hipótese apresenta a tese mais estrita do determinismo tecnológico (*hard determinism*), como vimos acima, mas a segunda faz do determinismo tecnológico seja o resultado ou a manifestação de uma formação sócio-cultural específica (ela não tinha e poderá não ter este sentido no futuro), colocando a tecnologia como um efeito da vontade humana (sociedade). É uma tese onde o determinismo tecnológico é relativizado (*soft determinism*), pois se ele existe de fato, a fonte última é uma sociedade histórica.

Desdobramentos e Consequências

Alguns temas recorrentemente estão presentes na discussão do determinismo tecnológico.

- 1) O *progresso tecnológico*, enquanto justificativa de certas ideologias, tem sido um dos temas associados à questão do determinismo tecnológico, mesmo se sistematicamente criticado e refutado pela maioria dos estudiosos.
- 2) A *autonomia da tecnologia* em relação ao homem frequentemente é interpretada como um problema de dominação (política, mágica, metafísica, capitalista, causal) que afetaria, assim, a *autodeterminação humana*. A tecnologia não poderia ser autônoma sem colocar em questão a essência mesma do homem. Ela determinaria seu destino e afetaria seu livre-arbítrio.

Rejeição, Argumentação Contrária

1) A tese contrária ao determinismo tecnológico seria a do *determinismo sociológico*, ou dos *usos sociais* encontrado principalmente no construtivismo, segundo a qual o sentido de um objeto técnico é dado pelos usos sociais. As práticas sociais desenvolvem novos sentidos, usos que acabam determinando a real função de um objeto técnico. Logo não seria apropriado falar de autonomia da tecnologia, esta seria determinada pela sociedade.

Vários casos históricos nos servem de exemplo⁴³⁵. O nascimento da fotografia no Brasil, para citar um, antecipa o de outros países, mas não chegou a vingar como tecnologia corrente. A sociedade brasileira da época não pôde acolher o invento de Hércules Florence, que permaneceu uma simples curiosidade. Melhor sorte não teve o pioneiro Landell de Moura, inventor brasileiro do rádio da telegrafia sem fio, que também ficou relegado ao esquecimento. Estes exemplos mostram que uma tecnologia depende de condições sócio-culturais propícias para sua implementação. Já o caso do Minitel francês, muito citado, mostra como o sentido inicial de um dispositivo técnico (servir de catálogo telefônico) acaba ganhando outros sentidos mais importantes com os usos específicos revelados nas práticas desenvolvidas pelos usuários (conversas amorosas, encontros, serviços de informação).

2) Um argumento semelhante pode ser elaborado em relação à cultura, já que esta pode se mostrar resistente ao emprego de determinada tecnologia, na medida em que cria obstáculos ou simplesmente proibindo a implementação de certas tecnologias, ou ainda, fazendo com elas se adaptem a certas tradições próprias à cultura de uma dada sociedade. A diferença com o argumento anterior é que este se apóia na força da tradição como uma resistência ao desenvolvimento tecnológico, ao passo que o determinismo social explora a criatividade dos agentes sociais.

Um exemplo bastante conhecido é a reação que certas sociedades à introdução de tecnologias na Antiguidade, algo que na Antropologia é denominado de *escolhas técnicas*⁴³⁶. Por vezes Roma preferiu continuar com a mão-de-obra escrava a optar por uma solução tecnológica, preocupando-se em preservar a estrutura sócio-cultural baseada na escravatura.

Estes exemplos são usados para criticar a tese do determinismo tecnológico. Nas palavras de Val Dusek (2009), a refutação consiste em “demonstrar que havia disponibilidade de direções alternativas para o desenvolvimento da tecnologia e que foi feita uma escolha socialmente influenciada”. E completa dizendo que no caso disto não ser possível, pois uma tecnologia já está instituída, limitando e coibindo o desenvolvimento de outras, “a tecnologia surge então, em retrospecto, como inevitável, e isto sustenta a crença no determinismo tecnológico” (2009, p.137).

⁴³⁵ Para outros exemplos e mais detalhes ver Val Dusek, 2009, p.137-141.

⁴³⁶ Ver LEMONNIER, P. *Technological choices transformation in material cultures since the Neolithic*. London, Routledge, 1993.

Formulações mais sofisticadas e possibilidade de superação do determinismo tecnológico

A tese de Marcuse e Habermas: A Ciência e a Técnica como Ideologia

Para além da formulação típica, podemos atribuir ao determinismo tecnológico um sentido ampliado e encontrá-lo sob formas diversas e em muitos autores, mesmo naqueles que normalmente são vistos como afastados dessa proposição. Tomemos a tese de Marcuse e Habermas como exemplo, que é interessante sob vários aspectos.

1) Primeiramente porque toma uma definição demasiado ampla de técnica, entendida como ideologia ou racionalidade. Ela estende (indevidamente, a nosso ver) a técnica para o pensamento e toda forma de ação e com isso potencializa ao máximo as conseqüências da tese do determinismo tecnológico.

2) Mas trata-se de uma versão especial e mais sofisticada do determinismo tecnológico: se a técnica domina o homem, isto *não teria sido* sempre assim (circunstâncias históricas relativas ao aparecimento capitalismo) e *não deve* ser assim (combate pela emancipação, ou contra a alienação).

3) Se *de fato* temos hoje uma situação de determinismo tecnológico, as origens dessa predominância da técnica se encontra na forma que o social toma a partir da Revolução Industrial, ou seja, a cultura apoiada na tradição deixa de funcionar como uma resistência ao fator tecnológico, que se hiper-desenvolve e avança para domínios onde tradicionalmente a técnica não se impunha. A tese não é clara sobre se estamos diante de uma “falha” ou transformação estrutural da cultura, ou que se para isso, já temos que levar em conta a própria ação da tecnologia sobre a cultura. Na primeira hipótese o determinismo tecnológico seria resultante de uma formação sócio-cultural específica e historicamente dada. Na segunda hipótese, a tecnologia é o agente ou está na origem desta configuração sócio-histórica, que, por conseguinte, deve ser considerada uma de suas conseqüências. Vemos aqui um contraste entre duas concepções do determinismo tecnológico, uma tese de alcance relativo (formação sócio-histórica específica) e outra, mais usual e direta, onde o determinismo tecnológico não estaria preso a contingências históricas e, portanto, poderia atravessar a história e mesmo dar sentido às mudanças sociais e ao processo histórico.

4) Em todo caso Habermas e Marcuse poderiam ser considerados adeptos da tese do determinismo tecnológico, embora não se vejam e não sejam vistos desta forma. Isto nos dá a oportunidade de fazer uma importante distinção entre a posição daqueles

autores que reivindicam a tese do determinismo tecnológico de modo explícito, quer dizer, a tomam como uma verdadeira *teoria* para explicar os fenômenos sociais – o que, aliás, é muito raro – e outra posição, bastante corrente, na qual o determinismo tecnológico é uma posição inferida dos textos (ou de algumas passagens), mas que não reflete um posicionamento consciente ou explicitamente reivindicado.

Primeira suspeita de que o determinismo tecnológico não pode ser eliminado: teses contrárias ao determinismo tecnológico necessitam que ela seja válida ou podem ser formuladas como um tipo de determinismo tecnológico.

Georges Friedmann e o Meio Técnico

Quando Georges Friedmann (1968) introduz o interessante conceito de *meio técnico* (no sentido de meio ambiente), apresentando uma das mais aguçadas observações sobre o novo sentido da tecnologia que emerge com a sociedade industrial, ele não pode evitar certas passagens onde afirma que a tecnologia condiciona o comportamento dos agentes sociais.

A quantidade de novos elementos técnicos e efeitos do progresso técnico se tornam tais que *ela suscita uma nova qualidade de civilização*, onde se afirmam *novos modos de condicionamento psico-sociológico do homem* por seu meio. [...] trata-se somente de designar a ação multiforme, *cada vez mais difundida e imperiosa, de um conjunto de técnicas* (...) que atingem o homem das sociedades industrializadas (1968, p. 187).

Embora afaste o mecanicismo e restrinja o sentido da tecnologia a uma formação sócio-histórica (como no caso da tese de Marcuse e Habermas), não resta dúvida que esta passagem (cujo conteúdo se repete na nota que fecha a introdução da obra, p.38) expressa uma posição de determinismo tecnológico. Entretanto notemos que não chega a ser uma *teoria* das relações entre técnica e sociedade. Não há construção conceitual ou explicitação de um modelo, nem tampouco uma tomada de posição em um debate.

Somente mais à frente (1968, p. 204) Friedmann deixa claro que o indivíduo estaria submetido a três categorias de influência: psicológica (história do indivíduo no seu meio familiar); sócio-econômica (trabalho e classe social); técnica (meio técnico) (1968, p. 205). Vemos, então, que a tecnologia não é senão parte de um conjunto de influências. O autor na verdade defende (contra certas correntes da psicanálise e do marxismo) a necessidade de se tomar o conjunto das inter-relações dessas diferentes influências. Friedmann não é, portanto, um determinista tecnológico, mesmo se muitas

passagens de sua obra estejam escritas dessa forma ou possam ser enquadradas como tal.

Segunda suspeita de que o determinismo tecnológico não pode ser eliminado: mesmo os que recusam a tese do determinismo tecnológico podem incorrer em explicações deste tipo, ainda que não incorporem o determinismo como teoria, ou que não possam justificar porque sua teoria não é um determinismo.

Longe de ser um caso isolado, o exame do trabalho Friedmann nos permite apontar um curioso movimento entre a forma determinista com que muitos autores se expressam e a veemente recusa de verem suas teses interpretadas como determinismo tecnológico. De fato, há um descompasso, uma clara contradição entre o plano das análises dos fenômenos e um plano mais geral, onde se discute a relação genérica entre técnica e sociedade.

Surge uma questão: Por que aceitamos facilmente que observações empíricas sejam explicadas por argumentos que colocam a tecnologia como agentes de transformação (a internet altera a forma de sociabilidade, o telefone agiliza a comunicação, etc.), mas temos grande resistência a assumir as teses do determinismo tecnológico num plano geral?

Claro que, genericamente, é difícil aceitar uma divisão entre sociedade, cultura e tecnologia, a menos que se queira hipostasiar estas instâncias do real. Isto seria muito artificial e levaria a recusa da tese do determinismo tecnológico. Neste âmbito qualquer tentativa de tomar um único fator de maneira isolada e como determinante será vista como pouco convincente. Seria equivalente a pretender decidir, a priori e de maneira definitiva, se o homem é um animal político, ou um ser social, ou dotado de cultura, ou um ente psicológico, ou ser histórico... operando uma redução de uma instância a outra até chegar-se aquela que seria a “mais verdadeira”. Contudo, é preciso ter em conta que cada uma dessas “qualidades” do homem não representa sua essência metafísica, mas são relativas aos pressupostos disciplinares que marcam a modo de abordar o homem como um objeto de estudo.

Além do mais, não podemos deixar de notar que, mesmo aqueles que argumentam contra o determinismo tecnológico também acabam se expressando em termos deterministas. Uma das contra-argumentações mais correntes consiste em lembrar que vetores econômicos, decisões políticas, etc. estão presentes no desenvolvimento e implementação de uma técnica, ou que os usos sociais podem influir

no sentido que certo objeto técnico irá ter. Ora, a premissa em jogo pressupõe a afirmação de que uma instância pode determinar outra: a economia ou o social determinam o desenvolvimento das técnicas. Trata-se de uma inversão (o social determina a tecnologia), contudo o determinismo continua presente, de modo que as críticas à noção de determinismo também permanecem válidas para aqueles que contra-argumentam com base no primado do social, do econômico ou de qualquer outro vetor de análise.

Terceira suspeita de que o determinismo tecnológico não pode ser eliminado: a tese assume valores diferentes. Se num plano geral ela pode nem mesmo fazer sentido, no plano teórico-empírico ela aparece como explicação recorrente. Até mesmo para agentes sociais, como salienta Sally Wyatt, pois compreendem a ação da tecnologia sobre suas práticas e modo de vida. Mas também há situações em que a tese é pertinente, está baseada em evidências difíceis de serem refutadas. Além disso, a tese do determinismo tecnológico só pode ser refutada por outra tese determinista, com base em outra instância da realidade (social econômica...).

Não queremos dizer com isto que o determinismo é insuperável ou que as ciências sociais estariam condenadas a ele. Ao contrário, estas desenvolveram muitas formas de superá-lo (o que não é a mesma coisa que negá-lo). Por exemplo, abordagens estruturais, funcionalistas e sistêmicas têm por princípio que a soma das partes não equivale ao todo, ou seja, há um efeito sistêmico de modo que as determinações parciais não esgotam e não podem dar conta do significado do todo. Elas prescindem do sentido de causalidade e de linearidade temporal que caracteriza o determinismo. Na tradição marxista, a formulação de uma relação dialética entre os vetores em jogo fornece realidades sintéticas que por sua vez constituem novos pontos de conflito e transformação, de modo que os efeitos se transformam em causas, aquilo que foi determinado passa a determinar e assim por diante.

Praticamente todos os grandes paradigmas que servem de fundamento epistemológico para as ciências sociais desenvolveram alguma forma de escapar do determinismo ingênuo e da noção de causalidade metafísica que lhe é inerente. Ora, mas não é exatamente isto que encontramos quando nos afastamos da formulação ingênuo e avançamos na análise do determinismo tecnológico?

Ontologia, epistemologia, empiria

O determinismo tecnológico somente pode ser superado por uma significação teórico-epistemológica que damos às explicações de problemas formulados com conteúdos empíricos. Em outras palavras, é preciso distinguir pelo menos três níveis de tratamento: o ontológico, no qual o determinismo é uma doutrina metafísica (determinação de um ser sobre outro, conexão universal das causas, escatologia); epistemológico, no qual o determinismo tecnológico é um posicionamento, uma concepção da relação tecnologia-sociedade; e nível empírico, no qual o determinismo tecnológico é uma teoria (recorte e explicação de uma realidade empírica).

O nível ontológico, como tal, fica descartado, mas ele reaparece na medida em que escapa aos pesquisadores os preceitos básicos da produção científica. No entanto, é preciso ter em conta que a versão ingênua do determinismo tecnológico consiste, justamente, em assumir os atributos da versão metafísica do determinismo. Podemos dizer que as versões *hard* ou ingênua são mais bem caracterizadas quanto mais elas incorporam os atributos do determinismo metafísico.

No nível epistemológico, como vimos, o determinismo aparece como um efeito da perspectiva disciplinar. Mais adiante veremos que se trata de um posicionamento frente à questão da relação técnica-sociedade. No plano empírico, o determinismo tecnológico se torna uma explicação sobre fenômenos empíricos. Como tal não pode ser julgado fora de um contexto que liga a teoria aos fatos a serem explicados. Por isso mesmo é o único plano onde pode ser refutado, como vimos nos exemplos que tratam de refutá-lo. Contudo, também é fácil conseguir contra-exemplos (a própria compreensão dos atores sociais, já citada, está cheia deles). E não há nenhum mistério nisso, já que os conteúdos empíricos permitem validar ou não, dependendo do contexto de sua aplicação, a tese do determinismo tecnológico. Deixemos claro que esta validade não é absoluta, mas relativa ao problema, pois este recorta a realidade empírica e dá sentido tanto à investigação, como também às respostas encontradas. A noção de problema é de capital importância para entendermos o significado de “determinismo” em ciência sociais e sua diferença com a doutrina metafísica.

Tendo-se em conta a ressalva que afasta a versão ontológica, podemos dizer que o determinismo tecnológico aparece, então, como um entre outros tantos determinismo possíveis, cujo sentido último se vincula a algum ramo das ciências sociais ou saberes afins (determinismo social, econômico, psicológico, histórico...). Não se trata mais de

buscar uma alternativa ao determinismo, mas de entender sua diversidade e sua significação teórica.

Posicionamentos encontrados na literatura específica

De maneira geral podemos dizer que o conceito de determinismo tecnológico foi pouco debatido e que nos seus usos muitas outras noções ficam subentendidas. Há pouca discussão do conceito propriamente dito.

Trata-se de um conceito difícil de ser compreendido, uma vez que parte da combinação de dois conceitos igualmente complexos: determinismo e tecnologia. Possivelmente tenha sido formulado pelo sociólogo americano Thorstein Veblen (1857-1929), partindo da idéia da sociedade como uma estrutura coerente e evolucionista, no sentido de Darwin. Desde então o termo ganhou inúmeras interpretações e com frequência é empregado em um tom de conotação negativa e mesmo acusatória. Mas por trás do conceito, em discussão também temos algo mais profundo e abrangente: as formas da relação da tecnologia com a sociedade.

Nas linhas que seguem procuramos sistematizar os principais aspectos e definições do determinismo tecnológico. Selecionamos quatro obras para essa discussão. O artigo *Technological Determinism is Dead; Long Live Technological Determinism* (2008) de Sally Wyatt, professora de comunicação da Maastricht University e com experiência em economia; o artigo *Technological or Media Determinism* (1995) de Daniel Chandler professor de comunicação da Aberystwyth University; e o artigo *Three Faces of Technological Determinism* (1994) de Bruce Bimber professor de ciência política e comunicação na University of Califórnia; e por último o capítulo “Determinismo Tecnológico” do livro *Filosofia da Tecnologia* (2009) de Val Dusek professor de filosofia da Universidade de New Hampshire.

Três Faces: Normativa, Nomológica, Conseqüências não intencionais

Para Bruce Bimber grande parte da discussão sobre o determinismo se dá por ser um conceito que é usado para descrever mais de um fenômeno. Haveria pelo menos três concepções do determinismo tecnológico que podem ser caracterizadas como: *Normativa*, *Nomológica*, e por último a *Conseqüências não intencionais*.

Em linhas gerais, podemos dizer que a Nomológica considera que evolução tecnológica é inevitável baseando-se nas leis da natureza. Já para a Normativa, a

tecnologia atua como uma importante influência na história apenas quando as sociedades atribuem significado cultural e político a ela. E a perspectiva das *Conseqüências não intencionais* é nossa incapacidade de antecipar os efeitos do desenvolvimento tecnológico. O foco não é exatamente o processo pelo qual a tecnologia evolui, mas nossa inabilidade de conhecer por completo as conseqüências das escolhas tecnológicas que fazemos.

Os diferentes aspectos

Para **Daniel Chandler** o ponto central da discussão sobre as tecnologias reside em avaliar até que ponto a tecnologia condiciona ou não a mudança social e procura organizar o que estava subentendido nas definições de determinismo tecnológico. Em 1996 no texto "Engagement with media: Shaping and being shaped" Chandler deixa mais clara a sua posição em relação ao determinismo tecnológico. O termo é utilizado para se referir as tecnologias como a causa primária de "importantes mudanças sociais e históricas, a nível macrossocial da estrutura e processos sociais e que podem ser sutis, mas profundas as influências sociais e psicológicas no nível microssocial do uso regular de determinados tipos de ferramentas" (1996).

Chandler também faz a distinção entre determinismo *hard* e *soft*, mas não concorda com a dicotomia entre determinismo social e determinismo tecnológico. Para o autor, uma visão moderada é mais adequada, principalmente quando se pensa no uso regular de certas ferramentas pelos indivíduos, uma vez que "todas as ferramentas e meios de comunicação – da linguagem ao computador – incorporam tendências (*biases*) básicas para um tipo de uso ou modo de experiência ao invés de outro" (1996). Nesse sentido Chandler se aproxima bastante das visões de McLuhan, Innis e Neil Postman, apesar de criticá-los. Parafrasea, deste último, que para um homem com um lápis, tudo parece como uma lista, e para um homem com uma câmera, tudo parece como uma imagem.

Todos os meios de comunicação dão forma às experiências e fazem isso graças a sua seletividade, ou seja, graças a capacidade de dar forma ao fenômeno, dentro dos seus limites e potencialidades. Essa seletividade dos meios "muda os efeitos que um usuário tinha originalmente ao usá-lo. Transformação que dá origem a ressonâncias que podem ser melhor entendidas a partir de uma perspectiva que reconhece os quadros de interação" (1996). Segundo o autor, essa abordagem se afasta do determinismo de tipo

hard. Rejeita assim a ideia da tecnologia como força inevitável que nos levará a profundas e amplas conseqüências e efeitos, presente no profetismo de McLuhan, tese que critica por nos fazer sentir como politicamente impotentes. Se afastando desse autor, Chandler se considera mais próximo de um determinismo *soft*.

Vivo ou Morto?

O texto de Sally Wyatt traz uma das mais abrangentes abordagens sobre o determinismo tecnológico. Começamos por sua análise da distinção entre as noções de *soft determinism* e de *hard determinism*. Para a primeira, o poder de efetuar a mudança “é imputado à tecnologia em si, ou a alguns de seus atributos intrínsecos, portanto, o avanço da tecnologia leva a uma situação de necessidade inevitável” (Smith & Marx, 1994, p. xii).⁴³⁷ No pólo de determinismo “soft”, a tecnologia está localizada “em uma forma mais diversa e complexa de matriz social, econômica, política e cultural” (SMITH; MARX, 1994, p. xiii)⁴³⁸.

A autora rejeita a versão de um determinismo de tipo “*soft*”, por entender que ela perde a especificidade do conceito, tornando-o demasiado vago e de pouca utilidade (2008, p. 173).

A autora propõe, então, quatro tipos de determinismo tecnológico: *justificatório*, *descritivo*, *metodológico* e *normativo*. O primeiro é usado comumente pelos agentes sociais. Por exemplo, quando empregadores querem justificar uma redução e reorganização administrativa. O que Paul Edwards chamou de “ideologia do determinismo tecnológico”, ao refletir sobre a freqüente crença dos gerentes de que os ganhos de produtividade e de transformação social é resultado automático da informatização (WYATT, 2008, p. 174).

O determinismo de tipo *descritivo* já teria sido identificado por MacKenzie & Wajcman (1985), Thomas Misa (1988), Smith & Marx (1994, p. ix–xv), autores que evitam o determinismo tecnológico como modo de explicação, considerado inadequado, ainda que reconheçam o seu uso em outros autores. Uma das mais importantes contribuições de Wyatt é destacar que raramente os pesquisadores se perguntam sobre a razão da existência do determinismo tecnológico, eles se contentam em focar suas

⁴³⁷ “is imputed to technology itself, or to some of its intrinsic attributes; thus the advance of technology leads to a situation of inescapable necessity.” (SMITH; MARX, 1994, p. xii).

⁴³⁸ “in a far more various and complex social, economic, political, and cultural matrix.” (Smith & Marx, 1994, p. xiii).

pesquisas no desenvolvimento de explicações mais ricas e localizadas de mudanças sociotécnicas (2008, p. 174).

Um terceiro tipo de determinismo tecnológico, denominado de *metodológico*, é identificado por autores como Heilbroner, David Edgerton (1999) e Thomas Hughes (1983; 1994). Heilbroner lembra que análise das sociedades e organizações sociais muitas vezes depende quase que exclusivamente da análise das tecnologias disponíveis em cada contexto. E cita o caso de disciplinas como a arqueologia, que têm apenas os objetos técnicos de uma sociedade para recriar as dinâmicas sociais de seu objeto de estudo (Algo que vimos na discussão de Innis sobre os vieses com Vere Gordon Childe).

Já o quarto tipo, o *normativo*, acompanha a proposta de Bruce Bimber, segundo a qual a tecnologia chegou a tal ponto de difusão e de tão complexa que não é mais passível de controle social.

Para Val Dusek, o determinismo tecnológico pode ser entendido como “a afirmação de que a tecnologia causa ou determina a estrutura do resto da sociedade e da cultura” (2009, p. 117). Conforme a tecnologia se desenvolve ela transforma a sociedade e as instituições. Vários exemplos são citados em apoio a esta tese, que vão desde o declínio da postagem de cartas, devido ao surgimento do telefone, até o aparecimento dos computadores e a conseqüente transformação dos empregos, entre outros.

O autor atenta para a diversidade de definições de determinismo, mas destaca algumas características como marcantes, como por exemplo, a noção de *causalidade universal* (todo acontecimento tem uma causa, ou é efeito de uma ou várias causas) e a noção de *regularidade* (uma mesma causa deve também ter o mesmo efeito), condição que torna possível prever os acontecimentos. Também considera que o determinismo tecnológico é apenas um dos vários determinismos, aponta o determinismo biológico (ou genético), o determinismo ambiental (psicologia behaviorista), em que o ambiente determina todas as características do indivíduo; o determinismo estatístico que afirma que há liberdade, mas que mesmo assim há tendências estatísticas maiores (por exemplo, o trabalho de Emile Durkheim sobre o suicídio).

Apoiando-se nas análises de Heilbroner encontra semelhanças no determinismo tecnológico de Karl Marx e de McLuhan: a proposta deste último seria muito similar ao “esquema marxista da seqüência histórica ampla” (2009, p. 131).

Val Dusek observa, corretamente em nossa opinião, que as críticas ao determinismo tecnológico residem em apresentar exemplos em que a sociedade age sobre a tecnologia, mostrando que havia a disponibilidade de direções alternativas para o desenvolvimento da tecnologia e a sociedade fez a sua escolha, visão que ele atribui aos sócio-construtivistas, lembrando a influência da ação dos grupos de interesse no desenvolvimento das tecnologias.

Por fim, procura adotar uma posição intermediária, recusando posições extremadas, seja a do determinismo tecnológico, seja aquela do determinismo sociológico, que favorece o desaparecimento da tecnologia como agente atuante na transformação da sociedade. Para ele

Em algumas situações, os aspectos técnicos e físicos da tecnologia propagam importantes mudanças na cultura, Em outras situações, as orientações de cultura e valor da sociedade impelem e selecionam o desenvolvimento das tecnologias. (2009, p. 118)

Observação importante, pois mostra que temos bons exemplos dos dois lados da dicotomia que opõe a técnica à sociedade, porém, em nossa opinião, ela precisaria ser completada, já que uma pode prevalecer sobre a outra, segundo o contexto de análise (posição epistemológica, enquadramento teórico, conteúdo empírico).

Do determinismo tecnológico à determinação teórica: discussão crítica

Esse breve panorama sobre as discussões sobre o determinismo tecnológico mostra quão variadas e matizadas podem ser as posições sobre o assunto. Se de um lado uma padronização conceitual ajudaria a estabilizar o vocabulário, evitando-se a multiplicação de etiquetas e designações, de outro lado, percebe-se que a discussão envolve diferentes objetos e não portam exatamente sobre o mesmo assunto, devido às diversas concepções da noção de determinação e, em menor grau, de tecnologia.

Nesta secção final, retomaremos alguns pontos das considerações acima, aqueles que julgamos importantes para apresentar nossa compreensão sobre a matéria.

A primeira conclusão que podemos tirar dessas abordagens é a insuficiência da identificação e da classificação dos vários tipos, sentidos e versões do determinismo tecnológico, se eles não avançam mais além de descrições, sem tomar partido ou sem

fazerem críticas. Este é apenas o caso de um dos trabalhos de Chandler, que se limita a apontar o que lhe parece ser os elementos constitutivos da questão.

Também consideramos pouco produtiva a solução de Val Dusek, procurando achar um ponto de equilíbrio para a questão do determinismo tecnológico. A interpretação que dá para análise da obra de McLuhan, situando dois extremos entre o despropósito da tese de McLuhan e a impossibilidade de uma recusa completa, tem o mérito de não descartar a tese do determinismo tecnológico, mas resta largamente insuficiente, já que não aponta o que sustenta tal equilíbrio.

Os demais autores empregam a tipologia para efetuar a desclassificação de alguns tipos do determinismo tecnológico. Seja de sua versão *soft*, como faz Sally Wyatt; sejam os tipos *Normativo* e *Conseqüências não intencionais*, como faz Bimber, que retém apenas o tipo *Nomológico*.

Tais recortes têm importância conceitual e ajudam a manter o foco da discussão, mas não podemos esperar que, por si mesmas, representem soluções à questão fundamental da tese do determinismo tecnológico.

Embora neste aspecto tenhamos certa carência de respostas diretas, nem por isso a discussão se esvazia. Ao contrário. Há muitas observações valiosas para o estudioso do assunto. Destaquemos a significativa ênfase dada por Sally Wyatt à conscientização para o problema, que somada à escassez de produção bibliográfica, dão idéia do pouco cuidado com um assunto crucial para as ciências sociais. Um assunto que não deixará de crescer em importância e certamente estará na pauta das novas gerações de pesquisadores.

A autora alerta para os perigos de usos ideológicos da tese do determinismo tecnológico, notadamente a ideologia do progresso, mas também alerta, de forma provocativa, para o fato de que “somos todos deterministas tecnológicos” e mais que isto aponta que “se não fossemos, não teríamos nenhum objeto de análise, nossa *raison d'être* desapareceria” (Wyatt, 2008, p. 169).

Ela introduz, assim, a idéia da impossibilidade de superar a tese do determinismo tecnológico, mas não dá seqüência à reflexão. A nosso ver, tal impossibilidade deve ser avaliada nos três níveis que apontamos mais acima, na primeira parte. Principalmente no plano epistemológico, pois tem apoio no fato de que cada disciplina tem posicionamento próprio em relação ao determinismo tecnológico. Em outros termos, colocada como um problema epistemológico, o determinismo

tecnológico só pode se apresentar como uma questão em aberto, pois forçosamente varia com o ângulo de ataque e com o pano de fundo disciplinar a partir do qual a focamos.

Questões importantes, de larga envergadura, não podem ser simplesmente “resolvidas”, de forma definitiva. Por exemplo, a relação indivíduo-sociedade: Quem determina quem? Qual a instância “mais real?” A sociedade é o resultado da ação de um conjunto de indivíduos ou ela extrapola e condiciona estas ações?

Será que realmente podemos esperar respostas definitivas de questões como: O que é a história? Como a mente se relaciona com o corpo?

Não seríamos apenas pretensiosos, mas ingênuos desconhecedores da natureza do pensamento científico se alimentamos expectativas nessa matéria. Questões fundamentais têm valor epistemológico, constituem verdadeiros motores da reflexão; elas nos são mais úteis quando ajudam a definir nosso posicionamento teórico e não quando nutrimos a esperança de lhes dar uma resposta definitiva.

O fato de existirem vários tipos e versões do determinismo tecnológico mostra que ele é apenas um rótulo para a relação tecnologia-sociedade. É precisamente isto que constitui o verdadeiro problema em jogo, o determinismo é apenas uma forma de expressá-lo, pois sua significação varia entre ser uma resposta particular (versão *hard* ou ingênua) ou ter várias acepções. O próprio esforço de tentar depurar e encontrar um sentido mais estrito ao termo, distinguindo diferentes acepções, mostra que estamos girando em torno de uma questão e não de uma resposta. A formulação *hard* (a tecnologia determina a sociedade) pressupõe não somente a afirmação contrária, mas instala uma miríade de modos para esta determinação, que as tipologias se propõem a recolher e sistematizar (*hard*, *soft*, nomológico, justificativo, normativo, consequências não-intencionais). Então, entre o preto e branco do sim ou não, vem se instalar uma rica gama de matizes teóricos, uma paleta de opções de interpretação para a investigação de fenômenos empíricos.

É somente no plano empírico – portanto relativizado pelo recorte e enquadramento teórico – que a aparece a possibilidade da questão ser respondida, pois passam a ser válidas ou não. Sem conteúdo empírico ficamos no plano das possibilidades, certamente úteis para a formulação dos problemas teóricos, mas daí não podemos esperar mais do que posicionamentos e não respostas.

É preciso, então, inverter o sentido da questão e passarmos do determinismo tecnológico para as “técnicas” da determinação, isto é, ao significado epistemológico das estratégias de tratamento da relação técnica-sociedade. Lembremos que não estamos diante de uma indagação sobre a verdade das coisas, sobre a natureza última da realidade social e da essência da técnica, o determinismo tecnológico é um posicionamento teórico, não deve ser tomado por um problema metafísico.

Precisamos ter em conta que grandes questões têm alcance epistemológico, por isso a relação técnica-sociedade ganha significação especial quando trabalhada no plano da heterogeneidade do campo científico, com suas diferentes visões disciplinares.

É fácil entender porque a sociologia tem se esforçado em recolher tantos exemplos para negar a tese de uma determinação técnica do social. Ora, como Durkheim afirma corretamente, o social deve ser explicado pelo social, quer dizer, a explicação do que acontece na sociedade deve ser de ordem social, uma condição necessária para ser sociólogo. Explicar os fatos sociais pela ação da tecnologia nos levaria para fora da sociologia, para outro espaço disciplinar.

Em contraste com esta resposta teríamos o saber comunicacional, que não pode prescindir de conferir um lugar central à técnica (mesmo se for para combatê-la), visto que suas inquietações passam por uma compreensão da significação dos meios de comunicação na sociedade complexa. Seria impossível entrar na questão levantada pelos processos de comunicação (propaganda, jornalismo, opinião pública, quarto poder, janela para o mundo, globalização, hegemonia cultural, indústria cultural, etc.) sem ter uma posição prévia sobre a influência que terá a tecnologia (independentemente do grau ou do tipo ou valor que lhe atribuamos). Nem mesmo se poderia entrar no saber comunicacional sem pressupor alguma influência, pois é a modulação, a interpretação das formas específicas da ação dos meios de comunicação, que está em jogo nas análises dos comunicólogos.

Vemos que sociologia e comunicação expressam posicionamentos bem diferentes quanto à relação em pauta. É perfeitamente compreensível que sociólogos e comunicólogos tenham pressupostos muito diferentes, mas é interessante que isto possa ser expresso, dentre outras maneiras, pelo posicionamento que tomam em relação à questão da relação técnica-sociedade. Devemos atentar que, embora devamos afastar as versões metafísicas, a recusa taxativa desta tese pode anular as teorias da comunicação.

Podemos perceber que a discussão sobre determinismo tecnológico extrapola o aprofundamento dado por boa parte dos autores que criticam o trabalho de Innis e McLuhan o que demonstra a fertilidade da questão de como a sociedade se relaciona com as suas tecnologias para além dos dois autores.

No plano epistemológico comunicacional dizer que os meios de comunicação enquanto tecnologias são agentes ativos, não pode significar diretamente que se trata de um determinismo tecnológico ou determinismo tecnológico comunicacional. Trata-se de uma postura disciplinar em que certos elementos são mais importantes que outros, caso contrário poderíamos dizer que a sociologia poderia ser acusada de um determinismo social, a economia um determinismo econômico, entre outros.

Innis e McLuhan, certamente, extrapolam inúmeras vezes as relações causais das tecnologias comunicacionais, mas é mais frutífero ver em Innis e McLuhan, não um determinismo tecnológico, mas como uma perspectiva teórica, da eleição de uma ideia como ponto central do desenvolvimento das pesquisas.

No caso de Innis, seu foco é mais nas propriedades materiais dos sistemas de comunicação, passando da materialidade para o plano das configurações do poder e da cultura. Em várias passagens Innis expressa que de alguma maneira os grupos interessados percebem as relações entre os meios e o poder/cultura e agem de forma intencional para reforçar ou reverter os efeitos. Em alguns momentos são os meios que funcionam como chave de explicação, e em outros momentos é a configuração sistema mediático que sofre alterações ou restrições devidas às configurações do contexto cultural, social, político, econômico e etc..

Innis desenvolve primeiro as formas pelas quais os meios surgem e as formas pelas quais são empregadas e institucionalizadas. Os meios e a sociedade interagem mutuamente. Certos grupos encorajam o desenvolvimento de novos meios, esses meios reagem como agentes de mudança também e assim sucessivamente em um ciclo de mudança.

Contra a análise causal, Innis e McLuhan empreenderam inúmeras ferramentas como a justaposição, as metáforas e as contradições. Ainda assim, não é difícil encontrar rastros de determinismo nos longos saltos entre as relações dos meios e as possíveis mudanças na organização social. Mas como diz Blondheim (2004) e novamente repetimos aqui.

For even if it is society that drives technology, even if technology is deployed to react to change that was enacted by other factors, once selected and

deployed by society, communication technologies may be expected to have very powerful implications. Since they touch on the nexus of mind and matter, those new technologies are of the greatest consequence. In this respect at least, Innis would fit the bill of a communication-technology determinist. (2004)⁴³⁹.

Sendo assim, é necessário um equilíbrio entre a determinação total e nenhuma determinação e isso não significa esvaziar a tecnologia de agenciamento. Trata-se de uma relação simbiótica que por vezes é a geografia, economia, política, cultura ou a tecnologia (comunicacional ou não) que determina uma situação específica. E nem todas os agentes possuem a mesma força de influência em todas as situações, por vezes uma variável pode ser a determinante e em outros momentos ela pode ser a variável determinada.

Os meios de comunicação para Innis e McLuhan não chegam a ser autônomos, mas uma vez utilizados por um longo período certamente favorecem, restringem, potencializam nossas ações, a organização social e nossa forma de pensar.

5.2.3 Hipóteses auxiliares

As teses auxiliares referem-se aos demais aspectos que circundam esse núcleo duro, sendo assim, elas devem partir do mesmo núcleo da centralidade dos meios de comunicação e que os mesmos são considerados como não neutros. A primeira tese auxiliar é a tese de McLuhan de que os efeitos dos meios de comunicação podem ser analisados a partir de uma análise sensorial e da experiência. A segunda é a proposta de Innis de analisar os meios a partir das dimensões do espaço e tempo, já a terceira é a ideia de formação de monopólios de conhecimento devido à atuação dos meios e por último as leis dos meios de McLuhan como ferramenta de análise.

⁴³⁹ Pois mesmo que é a sociedade que impulsiona a tecnologia, mesmo que a tecnologia é implantada para reagir a mudança que foi promulgada por outros fatores, uma vez selecionados e desenvolvidos pela sociedade, as tecnologias de comunicação podem vir a ter implicações muito poderosas. Uma vez que eles tocam no nexo de espírito e matéria, essas novas tecnologias são da maior importância. A este respeito, pelo menos, Innis se encaixaria em um determinista da tecnologia da comunicação. (2004).

5.2.3.1 Uma tese estético-sensorial e uma tese materialista-organizacional

Apesar de concordarem com a centralidade dos meios de comunicação, Innis e McLuhan desenvolveram arcabouços teóricos diferentes para explicar os efeitos dos meios de comunicação. Segundo Carey:

Both McLuhan and Innis assume the centrality of communication technology; where they differ is in the principal kinds of effects they see deriving from this technology. (CAREY, [1967] 2005, p. 200)⁴⁴⁰

Para McLuhan, os efeitos eram fruto primeiro da experiência sensorial do uso dos meios de comunicação que dependendo das suas características espaço visuais ou espaço acústicos (conceitos para uma gama de diferentes formas de organização da informação) desenvolviam uma tendência estética de apreciação a certas formas de organização da informação. Sendo assim o uso da escrita em grande escala enquanto um meio espaço visual fomentava um gosto estético visual pela organização linear, um isolamento por causa da leitura silenciosa, a abstração devido a relação entre sons e forma do alfabeto fonético e um distanciamento entre o texto e o autor. As consequências disso seriam percebidas no plano individual, mas em sequencia nas instituições, cultura, nos outros meios de comunicação, nas relações sociais, nas formas de organização e outras áreas, algo que McLuhan denominaria de serviços e desserviços (a mensagem do meio). As características da experiência sensorial-estética dos meios emprestam então as suas características as instituições e a cultura em um plano geral.

No caso de McLuhan, não se trata apenas da materialidade em si do meio, mas a experiência que se produz na relação com usuário que importa mais, nesse caso, a materialidade é um dos elementos, mas não o único. Sendo assim, um livro é geralmente encarado como o resultado de um trabalho finalizado e é linear, mas McLuhan nos seus livros organiza as informações de forma diferente no livro, ele usa o livro como uma máquina para pensar, testar novas ideias, compondo com aforismos, metáforas, composições elípticas, diferentes tipografias, grafismos e etc.. O livro organizado dessa forma então deixaria de ser experienciado como espaço visual para ser experienciado como espaço acústico.

⁴⁴⁰ Ambos McLuhan e Innis assumem a centralidade da tecnologia de comunicação, onde eles diferem é nos principais tipos de efeitos que vêm decorrente desta tecnologia. (CAREY, [1967] 2005, p. 200)

Segundo McLuhan, quando vivíamos no mundo da oralidade todos os sentidos estariam envolvidos em harmonia, mas em decorrência da invenção e uso da escrita alfabética esse equilíbrio é alterado de forma profunda, pois a escrita requisita do leitor uma nova forma de experiência e organização da informação de forma visual. Esse desequilíbrio tem consequências profundas nas formas pelas quais organizamos as nossas experiências e estabelece uma forma particular de compreender o mundo.

Isso porque os sentidos são percebidos como trabalhando em conjunto e em proporção, sendo assim, quando um sentido é mais aguçado, os outros sentidos diminuem a sua participação. Os meios enquanto extensões de nós mesmos acabam nos entorpecendo e amputando pela ênfase exagerada em algum dos sentidos impedindo a percepção do fundo que são os efeitos dos meios de comunicação, seus serviços e desserviços. Para McLuhan, para compreender os efeitos dos meios era necessário compreender a figura (meio) e o fundo (contexto) juntos, e uma forma de trazer a visibilidade esses efeitos era necessário o comparativo e choque entre ambientes e contra-ambientes.

Essa tese compartilha do núcleo central composto pela centralidade dos meios de comunicação e também que as tecnologias não são neutras. Modificações no sistema de comunicação modificam as proporções do sistema sensorial favorecendo determinadas formas de organizar a experiência. E uma vez que os meios são considerados como extensões de nós mesmos a percepção dos efeitos (serviços e desserviços) dessa preferência pelas características do espaço visual ou espaço acústico é prejudicada.

Em McLuhan, são as formas de organização dos sentidos solicitadas pela materialidade e a forma de organização da experiência que definem a tendência dos meios que então são extrapoladas para tendências da cultura e das instituições. No caso de Innis também são as características e propriedades materiais dos meios que definem a tendência dos meios.

Para Innis, as sociedades são em grande parte modificadas pelos meios a partir dos quais elas dependem. Os meios são analisados enquanto exercendo uma importante influência decisiva na disseminação do conhecimento através do tempo e do espaço. Essa potencialidade de disseminação é analisada principalmente pelas suas particularidades materiais como a sua durabilidade no tempo e a facilidade de transporte pelo espaço. Assim, a influência de um meio de comunicação pode ser entendido pelo favorecimento da dimensão do tempo ou do espaço.

A estabilidade dos impérios depende diretamente do equilíbrio entre as dimensões do tempo ou espaço e os meios de comunicação são portões privilegiados em termos da organização e controle da informação tanto pelo tempo ou espaço.

Essa posição de centralidade dos meios faz com que meios com um viés temporal e que são mais eficientes para a disseminação do conhecimento (do passado para o presente e do presente para o futuro) favoreçam estruturas associadas ao tempo como a tradição, o sagrado, e instituições com hierarquias bem definidas e instituições como as religiosas. Os meios de viés espacial favorecem a expansão espacial do império, fortalecendo as relações militares, secularismo e um maior interesse no poder.

A ênfase exagerada a favor de uma das dimensões minava a estabilidade da sociedade e a fragilizavam, pois ela se tornaria rígida frente às mudanças, assim quanto mais uma sociedade está sob domínio de um único viés, maior é a mudança que decorre devido à inserção de um novo meio. Conforme as características dos meios se modificam, se modifica também a organização do tempo e do espaço. Assim, a substituição de uso de um meio pesado com a argila e a escrita cuneiforme para um meio leve como o papiro e o alfabeto fonético trazem mudanças profundas para a organização social.

Segundo Innis, devido à penetração dos meios na sociedade é difícil perceber a sua as características das suas influências, por isso a necessidade de analisar os meios em diferentes contextos a fim de realizar uma análise comparativa a fim de compreender o viés da sociedade presente.

Talvez possamos admitir que o uso de um meio de comunicação durante um longo período determina, em certa medida, a natureza do conhecimento a ser comunicado e sugerir que sua penetrante influência criará, por fim, uma civilização na qual a vida e a flexibilidade se tornam extraordinariamente difíceis de manter e que as vantagens trazidas por um novo meio podem, por exemplo, levar ao surgimento de uma nova civilização. (INNIS, [1951] 2008, p. 103.)

Sendo assim, o viés de um meio de comunicação, não só favorece determinadas instituições, mas hábitos mentais.

Alguns críticos de McLuhan perceberiam que enquanto ele desenvolve uma teoria estética, Innis desenvolveria uma análise sobre as mudanças das instituições. Discordamos dessa divisão, pois a mudanças nas instituições no caso de Innis obscurece a noção de que elas são formadas pelos vieses das pessoas. Para Innis, todas as

instituições tentam defender o seu viés, mas as instituições são formadas por pessoas e que possuem hábitos mentais.

O que falta em Innis é a etapa intermediária entre a materialidade dos meios para uma tendência cultural e na organização social. McLuhan, nesse sentido, tem uma tese mais bem desenvolvida ao explicar a relação entre meios e o plano mais geral a partir da sua explicação estético-sensorial e um conceito muito mais complexo sobre a ação das tecnologias do que Innis que permanece quase sempre com um conceito de senso comum de tecnologia. A mudança do sistema comunicacional tanto para Innis quanto para McLuhan afeta outros setores da sociedade devido as suas propriedades e características. A diferença entre as duas propostas está que uma é ancorada em uma tese estética-sensorial e a de Innis está ancorada nas características materiais do meio de comunicação. Mas ambas as teses possuem uma dimensão sobre os hábitos mentais formados pela interação com os meios.

As diferenças dos meios em Innis e McLuhan

As divergências entre Innis e McLuhan estão mais direcionadas a descrição que fazem das características dos meios e ao entendimento sobre os efeitos dos meios de comunicação. É pela oposição entre oralidade, escrita e meios elétricos que os dois autores dispõe de ferramentas de análises diferentes e percebem características diferentes nestes meios.

Para Innis, a sociedade ideal é a sociedade equilibrada entre as dimensões do tempo e espaço a partir dos meios de comunicação. Uma sociedade equilibrada favorece a criatividade, afasta os monopólios do conhecimento, mantém uma preocupação com o passado servindo ao presente e os meios espaciais permitem uma estrutura imperial que não é presa no passado. Innis percebeu esse equilíbrio em alguns momentos na história, o principal deles na Grécia antiga⁴⁴¹ que não era dominada pela pura oralidade, ao contrário, era apoiado na escrita.

⁴⁴¹ Innis foi criticado também por ignorar sociedades tribais das suas análises, inclusive deixando de lado as análises sobre as condições dos povos nativos do Canadá. (BERLAND, 1999). (HEYER, 2003, p. 68), por exemplo, acredita que Innis poderia ter se beneficiado de uma análise do Quipu, um tipo de escrita desenvolvida pelos Incas.

No caso de McLuhan, a sociedade ideal é a comunhão das pessoas em interdependência total e em equilíbrio sensorial, uma posição que seria condizente a sua ligação religiosa ao catolicismo, segundo seus críticos⁴⁴².

O importante aqui é que nos dois casos a tecnologia não é demonizada. Innis critica profundamente o viés espacial do seu tempo, mas para ele o problema é o equilíbrio, e não uma visão pura de um mundo sem tecnologias da comunicação. No caso de McLuhan isso é ainda mais pertinente, pois ele percebe nos meios elétricos (de forma quase autônoma) destituem o monopólio da escrita levando a sociedade a um novo ideal de interdependência e envolvimento em profundidade e comunhão.

Sobre as características da oralidade, McLuhan considera como o equilíbrio dos sentidos e uma comunidade tradicional no espaço, interativa, multisensorial e com relações de interdependências ao invés de isolamentos. Para Innis, a oralidade é um meio de viés temporal, ela permite a continuidade no tempo (Wernick, 1999, p. 266), e os elementos que Innis preza na dimensão do tempo são a educação, conhecimento, auto correção do curso da história. Mas como dissemos anteriormente a oralidade sozinha significa um monopólio do viés do tempo, levando a uma sociedade rígida.

Para Innis, a era elétrica expandia ainda mais as tendências já apresentadas pela escrita, ou seja, uma expansão cada vez maior do viés espacial. Isso tinha consequências graves para a sociedade ocidental. Uma ênfase exagerada do viés espacial estava guiando a sociedade para uma obsessão com o presente, enrijecendo e fragilizando a sociedade frente às mudanças.

Mas para McLuhan os meios elétricos não estavam estendendo o viés espacial, ao contrário, eles estavam abolindo o tempo e o espaço. Assim, para McLuhan, os meios elétricos revertem o processo da escrita. Eles quebram o monopólio da escrita e conseguem trazer certas características da oralidade à tona. Nessa visão, os meios elétricos, nós querendo ou não, iriam nos guiar para a integração e interdependência total da Adeia Global.

⁴⁴² Segundo John Fekete, essa ligação de McLuhan e o ideal de uma sociedade religada religiosamente aparece nas seguintes passagens de McLuhan. “McLuhan argues that in electric culture ‘we are returning to collective liturgical participation’ (‘Verbi-Voco-Visual,’ *Explorations: Studies in Culture and Communications*, no. 8, October 1957, item 17); that ‘the Christian concept of the mystical body—all men as members of the body of Christ—this becomes *technologically a fact under electronic conditions*’ (*McLuhan: Hot and Cool*, p. 261); ‘and Christ, after all, is the ultimate extension of man’ (PI 72). Explicitly, in fact, McLuhan professes distaste for the process of change while welcoming its results (158)” (FEKETE, 2005, p. 77, nota 29).

Isso não significa que para Innis, os meios elétricos eram naturalmente enviesados para o espaço. O rádio, por exemplo, tinha o potencial de ser um meio para reintegrar a dimensão do tempo, mas esse potencial foi revertido pelas instituições que focaram no aspecto centralizador difusionista e comercial do meio. (Wernick, 1999, p. 265).

O que incomodava McLuhan era que o rádio segundo Innis era centralizador, mas para McLuhan, no seu plano de análise era o viés espaço visual que era centralizador. Os meios elétricos no seu viés espaço acústico eram descentralizadores. McLuhan tenta criar uma equivalência do plano de análise de Innis, assim o viés espacial está ligado ao olho e o viés temporal com o ouvido. Assim para McLuhan, Innis estava dizendo que o rádio enquanto um meio que está mais ligado ao ouvido era na verdade visual (ou possuía as características do visual como a de centralização) e ele não teria percebido que os efeitos psíquicos e sociais dos meios elétricos eram descentralizadores. McLuhan parece perceber em Innis o mesmo tipo de crítica que fazem dele, pois Innis estava sendo dogmático ao acreditar que todo meio que possui um viés espacial é centralizador de poder, independente do sentido humano estendido. Para McLuhan, Innis estava certo em dizer isso da escrita, mas não é verdade para os meios elétricos. “Visual technology creates a centre-margin pattern of organization whether by literacy or by industry and a price system. But electric technology is instant and omnipresent and creates multiple centres-without-margins.”(MCLUHAN, 2005, p. 14)⁴⁴³. Para McLuhan, as relações entre centro e margem, que são tão importantes para Innis, acabam desaparecendo com os meios elétricos.

Visual technology whether by literacy or by industry creates nations as spatially uniform and homogeneous and connected. But electric technology creates not the nation but the tribe - not the superficial association of equals but the cohesive depth of the totally involved kinship groups. Visual technologies, whether based on papyrus or paper, foster fragmentation and specialism, armies and empires. Electric technology favours not the fragmentary but the integral, not the mechanical but the organic. It had not occurred to Innis that electricity is in effect an extension of the nervous system as a kind of global membrane. (2005, p.14-15)⁴⁴⁴

⁴⁴³ “A tecnologia visual cria um padrão centro-margem da organização seja pela alfabetização ou pela indústria e um sistema de preços. Mas a tecnologia elétrica é instantânea e onipresente e cria vários centros-sem-margens.”(MCLUHAN, 2005, p. 14)

⁴⁴⁴ A tecnologia visual seja pela alfabetização ou pela indústria cria nações como espacialmente uniformes, homogêneas e conectadas. Mas a tecnologia elétrica não cria a nação, mas a tribo - e não a associação superficial entre iguais, mas a profundidade coesa dos grupos de parentesco totalmente envolvidos. Tecnologias visuais, sejam com base em papiro ou papel, promovem a fragmentação e especialismo, exércitos e impérios. Tecnologia elétrica não favorece o fragmentário mas o integral, e não

Innis diz, por exemplo, que a sociedade grega foi mais frutífera, pois se apoiou no alfabeto fonético. Para McLuhan, ele não percebeu o aspecto visual do alfabeto fonético e que ele foi o fator de declínio da tradição oral grega. Citando o trabalho de Eric Havelock em *Preface to Plato*, ele diz:

As long as the oral culture was not overpowered by the technological extension of the visual power in the alphabet, there was a very rich cultural result from the interplay of the oral and written forms. (MCLUHAN, 2005, p. 10-11)⁴⁴⁵

Ainda assim, Innis percebeu que o alfabeto estava levando a sociedade Grega para esse caminho, mas no seu início quando estava sob comando e limitada pela oralidade ela promoveu a criatividade e vivacidade cultural.

McLuhan, por causa da sua relutância em lidar com os problemas políticos, ele não percebeu os monopólios de conhecimento e o processo de centralização do poder pela ênfase dos meios de viés espacial. De outro lado, Innis não teria percebido a descentralização dos meios nas mudanças estéticas da organização da informação, algo que McLuhan preferiu chamar a atenção.

Trata-se de dois planos de análise, um que leva em conta a organização do poder pelas dimensões do espaço e tempo, algo que Innis deu mais atenção, e de outro lado a noção de McLuhan sobre a experiência estético-sensorial da informação dividida entre espaço visual e espaço acústico. A relação entre visual e acústico foi algo que Innis apenas tocou, mas McLuhan a criticou e a transformou como ponto principal de seu trabalho (CAREY, [1967] 2005, p. 200). Nesse sentido não são planos de análise conflitantes como pensam alguns autores (e até mesmo McLuhan), mas sim planos com objetivos e métodos de análise diferentes, mas que ainda assim, partem no mesmo núcleo central da centralidade dos meios de comunicação compreendidos como tecnologias não neutras.

o mecânico, mas o orgânico. Não tinha ocorrido a Innis que a eletricidade está em efeito uma extensão do sistema nervoso como uma espécie de membrana global. (2005, p.14-15)

⁴⁴⁵ Enquanto a cultura oral não foi dominada pela extensão tecnológica do poder visual do alfabeto, houve um resultado muito rico cultural a partir da interação entre as formas oral e escrita. (MCLUHAN, 2005, p. 10-11)

5.2.3.2 Monopólios do Conhecimento

Essa é a tese de mais fácil aceitação entre os críticos de Innis e McLuhan, pois leva em conta algo comum nos debates marxistas que seria o controle dos meios produtivos que seria então transferido para o controle dos meios de comunicação. Mas há, de fato, duas formas distintas de monopólio no trabalho de Innis. O primeiro envolve o monopólio do conteúdo de idéias, o segundo um monopólio de controle socioeconômico. Aqueles que possuem controle sobre os meios de comunicação exercem um tipo de monopólio sobre o conhecimento ganhando prestígio, proeminência e poder. A monopolização do conhecimento divide a sociedade entre uma elite do conhecimento e os demais, dessa forma, ela encoraja a centralização do poder. O monopólio desestabiliza a sociedade e novos grupos podem surgir para reverter as relações de poder de forma consciente, mas também quando um novo meio se insere no jogo social é possível que a configuração dos monopólios também se modifique.

Essa é mais uma tese que compartilha do núcleo proposto de centralidade dos meios e de que os meios não são tecnologias neutras. Os meios são portões privilegiados que dão acesso ao conhecimento e com isso a diferenciação social.

5.2.3.3 Leis dos meios

As Leis dos meios funcionam como parte do círculo protetor, pois segundo Lakatos a heurística positiva é formada por hipóteses auxiliares, condições iniciais, métodos de análise e observação. Nesse sentido, as leis dos meios enquanto ferramenta heurística permite um guia para as observações que devem lidar com os problemas da intensificação, obsolescência, recuperação e reversão das tecnologias e meios da comunicação.

Diferente de uma proposta estritamente teórica, as leis dos meios são ferramentas para gerar novas ideias e ao mesmo tempo controlar o desenvolvimento de análises sobre os meios de comunicação, pois elas lembram o pesquisador das relações complexas que se estabelecem entre o meio e o social e entre os meios. Sendo assim, ela não fica refém das críticas comuns ao trabalho de McLuhan de não se dedicar as análises

econômicas, políticas, sociais e também de desenvolvimento dos meios, deixando o campo aberto para ser aplicado nas mais diferentes situações.

Apesar de abrangente, pois considera mais do que os meios de comunicação, as leis dos meios propõem uma análise das consequências da atuação dos meios na mudança social.

5.2.4 O conceito de meio de comunicação

O núcleo proposto estabelece a centralidade dos meios de comunicação, que o projeto de Innis e McLuhan se trata de uma forma de análise diferente de outras do campo comunicacional, que os meios de comunicações são analisados a partir de suas características únicas e seus efeitos analisados para além do conteúdo. E assim concorda no entendimento de que os meios de comunicação estabelecem um ambiente social diferente.

Um problema central da discussão de Innis e McLuhan é a definição de um conceito de meios de comunicação. Conforme vimos nas diferentes designações apresentadas (*Medium Theory, Toronto School of Communication, Media Ecology*) nenhuma tentativa de organizar o pensamento dos autores se dedicou a estabelecer essa definição então como seria possível estabelecer uma tradição dita comunicacional e que tem como um dos elementos centrais os meios de comunicação sem defini-lo?

As designações como *Media Ecology* colocam a linguagem como meio de comunicação e também como tecnologia. Isso reflete numa discussão ainda mais profunda sobre o que é tecnologia, o que são meios de comunicação e o que é linguagem.

Como Innis e McLuhan encaram as definições de meios de comunicação? Catherine Frost (2003) contesta o conceito de meios de comunicação de Innis perguntando “What constitutes a new medium?” Como sabemos que estamos ligando com um novo meio? Às vezes a escrita é encarada como um meio único, em outros momentos é dado grande importância na diferenciação entre panfletos e jornais. Mas a diferenciação entre oralidade e escrita toma a preferência de Innis. A oralidade praticamente não mudou, enquanto que a escrita passou por diversos estágios em que Innis destaca as ferramentas utilizadas para a escrita, os materiais e métodos físicos de

sua criação. Assim um novo meio é sempre aquele que emprega um novo material, processo ou ferramenta.

No caso de McLuhan a situação de confusão é ainda mais agravada, pois McLuhan considera quase como sinônimos os termos tecnologia e comunicação. Segundo Aluizio Trinta:

Este professor se ocupava e, sobretudo, se preocupava com a interação continuada de *tecnologias* e *civilização*, admitindo que “tecnologia” e “meio de comunicação” fossem uma só e mesma coisa. Comunicação queria dizer soma de todos os artefatos humanos e de todas as instituições criadas pelo homem, com seus rituais, seus modos de existência e suas significações. Co-extensiva à civilização, tal como a conhecemos, a Comunicação compõe um tecido ou texto, cuja forma concreta de ser e de aparecer é constituída por mídias. Tanto em sua variedade estilística, quanto em sua unidade tecnológica, estes *meios* plasmam um *ambiente*, no qual germinam e se desenvolvem consciências individuais. Estas, as nascentes da grande comunidade humana. (TRINTA, 2003)

Para Vinícius Pereira (2004) existem muitos sentidos para “meio” no trabalho de McLuhan. Ele cita cinco principais sentidos dados por McLuhan:

1) como maneira, ou modo, veículo para a realização de diferentes operações; 2) daí o sentido que ganha, quando a operação em questão for a comunicação, de veículo de comunicação, que, por sua vez, se apresenta, praticamente, como sinônimo das diferentes mídias (media, plural de medium, em latim e em inglês): TV, rádio, cinema, jornais, revistas, etc; 3) como sinônimo de extensões tecnológicas, sentido que ganhou enorme divulgação no próprio *Understanding media*; 4) como ambiente, substância envolvente, no sentido em que se fala de meio ambiente — sem que isto signifique, necessariamente, meio ambiente biológico; 5) como sinônimo de público, oposto à idéia de privado, como explica McLuhan, em uma leitura muito peculiar da etimologia da palavra, quando fala da revolução que a imprensa vem causar no cotidiano dos homens pós-Gutenberg: *The word "medium" was Latin for "public". 'There not being any reading public before printing, men perhaps tended to think of readers at large as a kind of scattering of currency — a "medium" in that sense.'* (MCLUHAN, 1995, p. 272). (PEREIRA, 2004)

Percebemos então que os dois autores deixam de lado a especificidade do conceito de meio de comunicação. Mas ainda assim as definições de Innis e McLuhan pelo menos trouxeram o debate de que os meios de comunicação deveriam ser compreendidos também pela sua materialidade, especificidade e serem encarados como tecnologias.

Carlos Alberto Ávila Araújo (2007), se dedica analisar as diferentes vertentes de interpretação do conceito de meios de comunicação. Muitas vezes sendo utilizados

outros termos como mídia, canal, veículo, suporte. Para Araújo, a maioria das tentativas de definição tenta fazer uma perspectiva histórica da evolução dos meios de comunicação, e a importância dos meios de comunicação é componente fundamental da definição de comunicação.

Apesar de faltar uma definição bem estruturada de meio de comunicação em Innis e McLuhan, uma das suas contribuições é justamente pensar nas etapas evolutivas ou tentativas de diferenciar diferentes meios de comunicação e assim conseguir estabelecer a diferença entre eras comunicacionais baseadas nos meios de comunicação dominantes. McLuhan tentou várias formas de separação dos meios pelas suas características como a divisão entre meios quentes e frios, mas principalmente entre espaço acústico e espaço visual, já Innis dividiu os meios entre meios com viés temporal e viés espacial. Eles apresentam uma evolução histórica entre os meios a partir da oralidade, para a escrita, e para os meios elétricos.

Um problema da definição de meio de McLuhan é que fica a impressão que quaisquer tecnologias podem ser consideradas meios de comunicação. Faltou nesse sentido uma diferenciação mais aprofundada dessa relação, mas McLuhan não é um autor isolado, Joshua Meyrowitz, um de seus principais seguidores, chegou a dizer que o conceito de meio de comunicação tinha pouca importância (Sousa, 2003, p. 148). No caso de McLuhan, quase tudo é considerado como uma tecnologia do homem, mas há de se esperar que haja uma diferenciação entre meios de comunicação e outras tecnologias.

Innis não fica livre desse tipo de crítica, pois Carolyn Marvin critica Innis por não deixar claro a sua definição de meio de comunicação e essa falta de definição faz com que não seja possível:

[...] to construct a notion of what is not a consequence of its action in any of its variety of incarnations. With so little of the essential theoretical scaffolding made explicit, communicative consequences are assumed but never investigated. (MARVIN, 2005, p. 313)⁴⁴⁶

Para Marvin, isso é crucial, pois não fica claro quando alguns artefatos são meios de comunicação enquanto outros não são. O que são roupas, arte, arquitetura, etiqueta, cozinha e “all forms of economic activity modes of communication”?⁴⁴⁷ As

⁴⁴⁶ [...] para construir uma noção de que não é uma consequência da sua ação em qualquer uma da sua variedade de encarnações. Com tão pouco apoio teórico essencial explicitado, consequências comunicativas são consideradas, mas nunca investigadas. (MARVIN, 2005, p. 313)

⁴⁴⁷ “[...] todas as formas de atividade econômica dos modos de comunicação”? (MARVIN, 2005, p. 313)

pirâmides, por exemplo, são consideradas como meios de comunicação em alguns momentos, mas e o resto?

Nor does Innis demonstrate why the same media, available to different groups, fail to confer the same power or veneration on them all, or what it really means, in the multi-media history of the world, to label a medium as “dominant.” . (MARVIN, 2005, p. 313)⁴⁴⁸

O crítico ainda diz que Innis deixa de lado várias características dos meios de comunicação como a recuperação e sistemas de armazenamento lidando apenas com o potencial de transmissão dos meios com viés temporal.

Ainda que possamos aceitar aqui o sentido mais geral de meios de comunicação é necessário um estudo aprofundado sobre os possíveis limites entre meios de comunicação, linguagem e tecnologia. A capacidade de comparar diferentes eras comunicacionais a partir dos meios de comunicação necessita de uma problematização do conceito de meio.

⁴⁴⁸ Innis também não demonstra por que os mesmos meios de comunicação, disponíveis para diferentes grupos, deixam de conferir o mesmo poder ou veneração sobre todos eles, ou o que realmente significa, na história multi-mídia do mundo, para rotular um meio como "dominante". (MARVIN, 2005, p. 313)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos o presente trabalho enfrentando o incômodo de muitos autores ao terem de considerar os trabalhos de Innis e McLuhan como teorias e optarem por empregar termos mais vagos. O que nos levou a refletir sobre a questão do estatuto epistemológico destes trabalhos e a revisar o conceito de teoria na epistemologia atual.

Encontramos nas reflexões de Lakatos sobre os problemas do falseacionismo, um aporte adequado à ideia de aproximar a Comunicação das ciências sociais e, particularmente, de ver na obra dos dois autores citados uma continuidade suficiente para sugerir um sistema de pensamento coerente, ou seja, um programa de pesquisa. Conforme proposto por Lakatos, um programa de pesquisa é composto pela heurística positiva e heurística negativa. A heurística positiva é considerada o núcleo duro do programa, trata-se de suas pressuposições básicas, as quais não podem ser falseadas sem colocar em risco a viabilidade e a continuidade do programa. A heurística negativa é composta pelas hipóteses auxiliares, que partem do núcleo do programa e que são os alvos das críticas e devem defender o núcleo, sendo consideradas então como um círculo protetor. Estas podem ser atacadas e substituídas, sem perdas para o programa de pesquisa.

Não obstante todas as diferenças que cercam as preocupações de Lakatos, nos pareceu cabível e produtivo abordar as obras de Innis e de McLuhan sob este prisma. Ou seja, formular o programa de pesquisa comunicacional subjacente a esses dois autores seminais. Nisto consiste o objetivo principal do presente trabalho, que de início se deparava com dois grandes desafios: sistematizar de forma lógica as principais teses destes autores e, de outra parte, compreender de forma aprofundada as críticas que lhes foram feitas.

Tarefa que se complica bastante logo no primeiro contato com a forma com que apresentaram suas proposições, assim como a complexidade do conteúdo de suas teses. Tanto o pensamento de McLuhan como o de Innis frequentemente extrapolam as dimensões disciplinares, criando uma dificuldade suplementar que confunde muitos analistas, principalmente na identificação das teses principais.

Acreditamos que sem referenciar nossa investigação aos quadros de uma reflexão em comunicação, por mais frágeis que sejam suas fronteiras, seria praticamente inviável tentar estipular e distinguir teses principais e secundárias. Algumas das teses

que tomamos aqui como primárias foram tomadas como secundárias por outros autores, que consideraram planos mais ampliados. De fato, se realmente não é possível evitar os múltiplos pontos de vista e diferentes interpretações sobre estes autores tão particularmente controversos, de outra parte, também podemos igualmente afirmar que não é preciso fazer nenhuma concessão aos situá-los como pensadores da comunicação. É nesta última afirmação que fundamentamos nossas reflexões.

Tomando isto como um princípio, foi possível considerar que as principais teses de McLuhan podem ser formuladas em quatro proposições: (1) “o meio é a mensagem”; (2) “os meios de comunicação como extensões do homem”; (3) uma proposta estético sensorial dos efeitos dos meios; (4) um método de análise proporcionado pelas leis dos meios. De outra parte, as teses de Innis podem ser sumarizadas em dois pontos: (1) o viés do espaço e do tempo; (2) o monopólio de conhecimento.

Nossas análises mostram que a principal tese do programa de pesquisa comunicacional comum a estes dos autores, que constitui o núcleo básico deste programa é justamente a da centralidade dos meios de comunicação, ou seja, que eles não são tecnologias neutras, mas elemento chaves para compreender a sociedade em que vivemos.

Todas as diferenças entre os dois autores, bastante abordadas e destacadas na literatura especializada, podem ser consideradas pertencentes ao cinturão das hipóteses secundárias. Cada um deles tem sua visão própria e desenvolve um panorama único da sociedade e da cultura moderna, expondo as formas pelas quais os meios de comunicação se instauram e ganham cada vez mais importância em nossas vidas.

Podemos aqui ecoar as palavras de Meyrowitz ao dizer que Innis e McLuhan têm muitas diferenças (métodos, áreas de análise, conclusões), mas são os pontos de contatos de suas pesquisas que fazem com que participem de uma mesma tradição. Não são as críticas e as tentativas de falsificações de suas teses que fazem com que seu programa de pesquisa seja frutífero, e sim a sua capacidade de fomentar novas ideias, novas hipóteses especulativas.

Esse núcleo funciona como um guia a partir do qual os problemas de pesquisa devem se desenvolver, nesse sentido eles são o ponto de partida que Tremblay critica como uma tendência para o determinismo tecnológico (2012, p. 570). É uma interpretação válida, e aliás, recorrente. Mas o autor também reconhece que as diferentes tradições teóricas do campo comunicacional negligenciaram em grande parte

a análise dos meios e concentraram o foco de suas análises nos estudos do conteúdo dos meios de comunicação ou em outras dimensões comunicacionais descritas no esquema de Lasswell (Tremblay, 2003)⁴⁴⁹.

De modo que, ao mesmo tempo em que entende a originalidade do programa comum, desenvolvido junto com Innis, baseado na centralidade dos meios de comunicação, Tremblay também critica o determinismo tecnológico.

Assim ele expressa um movimento que praticamente sintetiza a polarização das opiniões que se formaram em torno de Innis e McLuhan. A oscilação entre a incontestável importância que os meios de comunicação na sociedade moderna e a crítica ao determinismo tecnológico, que desqualificava as obras de Innis e principalmente a de McLuhan, nos levou à necessidade de reconsiderar a questão do determinismo tecnológico. Além de críticas pouco fundadas (como a de Raymond Williams), o determinismo em questão não pode ser visto de forma mecânica, os meios de comunicação não podem ser vistos como um único ponto que transmite seu significado ao conjunto da cultura ou que se impõe à sociedade. Nos pareceu que o verdadeiro problema aqui não é combater esta causalidade ingênua, mas de entendê-la como um recurso teórico, e em última instância inevitável, no discurso das ciências e dos saberes humanos, na medida que se propõem investigar realidades muito complexas (Barbosa, 2010).

A pesquisa de Innis e McLuhan se distingue pela centralidade dos meios de comunicação enquanto tecnologias não neutras para entender a sociedade. A escolha das tecnologias comunicacionais enquanto um ponto de vista disciplinar não pode ser argumento de acusação de determinismo tecnológico, mas é uma acusação que deve funcionar a todo o momento como vigilância epistemológica para aqueles que empreendem suas pesquisas a partir deste programa de pesquisa. Meyrowitz (1986), por exemplo, é um desses autores que procura a partir de Innis e McLuhan, diminuir a incidência da acusação de determinismo tecnológico ao redimensionar a amplitude da análise para o nível micro dos papéis sociais com a inserção dos estudos de Goffman nesse conjunto.

⁴⁴⁹ O autor também reconhece a importância de McLuhan como um pioneiro do estudo das tecnologias de comunicação: "McLuhan foi um dos primeiros escritores a chamar a atenção para a existência de tecnologias de comunicação, suas características e modo funcionamento, ao invés de se concentrarem apenas nas mensagens transmitidas por essas tecnologias (Tremblay, 2012, p. 563)

Enfim, o programa de pesquisa aqui descrito se confunde por vezes com a formação do campo comunicacional, pois conforme tem discutido Martino (2008; 2007; 2005; 2001), quanto mais distante uma tradição se situa da ideia de centralidade dos meios de comunicação, mais ela se afasta do campo comunicacional. Esta colocação converge com outros autores, como Paul Heyer, por exemplo, que também vê em Innis o desenvolvimento de uma abordagem comunicacional, um ponto de vista singular a partir da comunicação⁴⁵⁰.

Nesse sentido, o programa de pesquisa de Innis e McLuhan se coloca em franca disputa com outras perspectivas contemporâneas, como a *Mass Communication Research* e a Escola de Frankfurt. O que permite reconsiderar a questão da fundação da área de estudos, que seus pioneiros, bem como intensificar o debate sobre os meios de comunicação.

Tal programa talvez possa ser considerado como um empreendimento mais específico do ponto de vista de uma epistemologia da comunicação do que outras tradições que aparecem rotineiramente nos livros de teorias da comunicação.

⁴⁵⁰ “There is good reason to regard Innis as the first writer to create a distinct field of inquiry using the social and economic consequence of developments in communication as subject matter” (Heyer, 1981, p. 250).

REFERÊNCIAS

- ACHTERHUIS, Hans. “Andrew Feenberg: Farewell to Dystopia”. In: Hans Achterhuis (Editor). *American Philosophy of Technology: The Empirical Turn*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2001.
- ACLAND, C.; BUXTON, W. (eds.). *Harold Innis in the New Century: Reflections and Refractions*. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 1999.
- ANDOUZE, Françoise. “Leroi-Gourhan, a Philosopher of Technique and Evolution”. In: *Journal of Archaeological Research*, Vol. 10, No. 4, December 2002. p. 277-306
- ANDRADE, T. de. “Intersecções entre o ambiente e a realidade técnica: Contribuições do pensamento de G. Simondon”. In: *Ambiente & Sociedade*, 8, Campinas, janeiro-junho, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2001000800006&script=sci_arttext. Acesso em 30 de agosto de 2007.
- ANGUS, Ian. Representation versus constitution. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P. 7-18.
- ARAUJO, C. A. A. . Problematizando o conceito de meio de comunicação. E-COM (Belo Horizonte), v. 1, p. 16-44, 2007.
- ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1985. 317p.
- _____. *Eudemian Ethics, book VII*, In: ARISTÓTELES; BARNES, Jonathan. *The Complete Works of Aristotle: The Revised Oxford Translation*. vol. 2. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1984.
- BACHELARD, G.. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2002.
- BARBOSA, Rodrigo M.. “As Contribuições da Tradição Comunicacional da Teoria do Meio para a Filosofia da Técnica”. In: X Congresso Internacional da ABECAN, 2009, Goiânia. X Congresso Internacional da ABECAN, 2009.
- _____. “As relações entre a Teoria Crítica da Tecnologia e a Teoria do Meio”. In: X Congreso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación Alaic, Bogotá, 2010.
- _____. “McLuhan e as críticas”. BARBOSA, Rodrigo Miranda . *Las críticas a Marshall McLuhan*. Infoamérica - Revista Iberoamericana de Comunicación, v. 7-8, p. 145-158, 2012.
- _____. “McLuhan e as extensões”, [no prelo], 2011. BARBOSA, Rodrigo Miranda . *McLuhan e as extensões*. In: Janara Sousa; João Curvello; Pedro Russi. (Org.). *100 anos de McLuhan*. 1ed. Brasília: Casa das Musas, 2012, v. 1, p. 55-66.
- _____. *A Internet como meio de comunicação a partir dos estudos da Teoria do Meio*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, março de 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. Review of Marshall McLuhan’s *Understanding Media*. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.100-105.
- BÉKESY, Georg von. *Sensory Inhibition*. Princeton University Press, Princeton, N.J., 1967. 277 pp.
- BERDOULAY, Vincent. “Harold Innis and Canadian Geography: Discursive Impediments to an Original School of Thought,” pp. 51-60. In: Richard Preston and Bruce Mitchell (eds.), *Reflections and Visions: 25 Years of Geography at*

- Waterloo*. Waterloo: Department of Geography Publication Series No. 33, 1990.
- BERGER, Carl. "Harold Innis: The Search for Limits,". In: *The Writing of Canadian History: Aspects of English-Canadian Historical Writing: 1900 to 1970*. Toronto: Oxford University Press, 1976, 85-111.
- BERGSON, Henri. *Creative Evolution*. Trans. Arthur Mitchell, London: Macmillan, 1911.
- _____. *The Two Sources of Morality and Religion*. Trans. R.Ashley Andra and Cloudesley Brereton, London: Macmillan, 1932.
- BERLAND, Jody. Space at the Margins: Critical Theory and Colonial Space after Innis. In: ACLAND, Charles, BUXTON, William (eds). *Harold Innis in the New Century: Reflections and Refractions*. Montréal: McGill-Queen's University Press, 1999. p.281-308.
- BIJKER, Wiebe. *Bicycles, bakelites and bulbs: Toward a theory of sociotechnical change*. MIT Press, Cambridge, MA, 1995.
- BIMBER, Bruce. "Three Faces of Technological Determinism". In: SMITH, M.R.; MARX, Leo. (eds.) *Does Technology Drive History? The Dilema of Technological Determinism*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts London England, 1994. p. 79-100.
- BLONDHEIM, M.. "The Significance of Communication" According to Harold Adams Innis. In: BLONDHEIM, M.; WATSON, R. (eds.). *The Toronto School of Communication Theory Interpretations. Extensions, Applications*. The Hebrew University Magnes Press: Jerusalem, 2007.
- _____. Discovering "The Significance of Communication": Harold Adams Innis as Social Constructivist. *Canadian Journal of Communication, North America*, 29, Feb. 2004, p. 119-143. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1431/1538>>. Acesso em: 22 Dez. 2013.
- _____. "Harold Adams Innis and his Bias of Communication". In Katz, E., Liebes, T., & Orloff, A. (Eds.). *Canonic Texts in Media Research*. Cambridge: Polity Press, 2003.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: Edusc, 1999.
- BRAGA, José Luiz. "A Construção do Campo da Comunicação". In: *Campo da Comunicação- Caracterização, problematização e perspectivas*. João Pessoa: Universitária UFPB, 2001.
- _____. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de critica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BREY, P. (2000). "Technology as Extension of Human Faculties." *Metaphysics, Epistemology, and Technology. Research in Philosophy and Technology*, vol 19. Ed. C. Mitcham. London: Elsevier/JAI Press.
- BUXTON, W., DICKENS, R.. Harold Innis' "Crisis in Public Opinion": Performance, Retrieval, and the Politics of Knowledge. *Canadian Journal of Communication, North America*, 31, jul. 2006. Available at: <<http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1658>>. Date accessed: 14 Dec. 2013.
- BUXTON, William J.. "A ascensão do mcluhanismo, a perda do senso de Innis: Repensando as origens da Escola de Comunicação de Toronto". In: Barbosa, Marialva; Morais, José Osvando de. (Org.). *Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?. Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?.* São Paulo: Intercom, 2011, v. , p. 255-280.
- _____. "Time, space, and the place of universities in Western civilization: Harold Innis's plea". *International Journal of Canadian Studies*, 15, 1997, Spring. p. 37-48.

- CAHILL, Daniel J. Review of Interior Landscape, by Eugene McNamara, Marshall McLuhan. *The North American Review (New)*, Spring 1971.
- CAREY, J. W.. "Marshall McLuhan: Genealogy" and Legacy, in *Canadian Journal of Communication*, Vol 23, No 3, 1998.
- _____. *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- _____. "Harold Adams Innis and Marshall McLuhan." In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P. 193-220. Reimpresso de CAREY, James W.. "Harold Adams Innis and Marshall McLuhan." *Antioch Review* (spring), 5-39, 1967.
- _____. "McLuhan and Mumford: the roots of modern media analysis". In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005b. P.31-47.
- CARPENTER, E.; McLUHAN, M. (eds). *Explorations in Communication*. Boston: Beacon Press, 1960a.
- CARPENTER, E.; McLUHAN, M.. 'Acoustic Space'. In: Carpenter, E. and McLuhan, M. (eds), *Explorations in Communication*. Boston: Beacon Press, pp. 65-70; reprinted in Moos, M. A. (ed.) (1997). *Media Research: Technology, Art, Communication: Essays by Marshall McLuhan*. Amsterdam: G+B Arts International, pp. 39-44.
- CARPENTER, Edmund. "The not-so-silent sea," In. THEALL, Donald. *The Virtual Marshall McLuhan*. Montréal, McGill-Queen's University Press, 2001. Pages 236-261. Disponível em: <http://mediatedcultures.net/phantom/Silent%20Sea.pdf>
- _____. *That-Not-So-Silent Sea*,". In: Donald Theall. *The Virtual Marshall McLuhan*. Montreal & Kingston: McGill-Queens University Press, 2001. p. 236–261.
- CASSIRER, Ernst. *The Problem of Knowledge: philosophy, Science, and History since Hegel*, trans. by W. H. Woglom and C. W. Hendel. New Haven, Conn., 1950, p. 98.
- CAVELL, Richard. "McLuhan and spatial communication". In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. p. 91-107.
- _____. *McLuhan in Space: A Cultural Geography*. University of Toronto, 2003.
- CHALMERS, Alan F. *O que é Ciência, afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CHANDLER, Daniel. "Engagement with media: Shaping and being shaped". Disponível em [<http://users.aber.ac.uk/dgc/determ.html>] 1996. Acesso em 25 de janeiro de 2011.
- CHANDLER, Daniel. "Technological or Media Determinism". Disponível em [<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/tecdet/tecdet.html>] 1995. Acesso em 25 de janeiro de 2011.
- CHILDE, V. G.. "Review Empire and Communications by H. A. Innis". *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economique et de Science politique*. Vol. 17, No. 1 (Feb., 1951), pp. 98-100. Available at: <<http://www.jstor.org/stable/137886>>. Date accessed: 14 Dec. 2013.
- COOK, George. "Mantic Marshall McLuhan: is the legacy the legend ?", September 12, 1988, p. 7.
- CORNFORD, F. M.. "The Invention of Space," in *Essays in Honour of Gilbert Murray*. London, 1936.
- COX, Robert W.. "Civilizations:" Encounters and Transformations," *Studies in Political Economy* 47, Summer, 1995: 7-31.
- CREIGHTON, Donald Grant; MITCHELL, D.. *Communication theory today*.

- Cambridge. 1998.
- _____. *Harold Innis: Portrait of a Scholar*. Toronto: University of Toronto Press, 1978. [1957].
- CROWLEY, D. J.; HEYER, P.. *Communication in history: technology, culture, society*. White Plains, N.Y., Longman Publishers USA, 1995.
- CULKIN, J.M. (1967, March 18). A schoolman's guide to Marshall McLuhan. *Saturday Review*, 18 de Março de 1967, 1967, pp. 51-53, 71-72. Retrieved from <http://www.unz.org/Pub/SaturdayRev-1967mar18-00051>.
- CURTIS, James M. *Culture As Polyphony: An Essay on the Nature of Paradigms*. Columbia: University of Missouri Press, 1978.
- _____. "Marshall McLuhan and French structuralism". In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. p.365-375.
- CZITROM, Daniel J.. *Media and the American mind: From Morse to McLuhan*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1982.
- DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T. "Sobre o marco analítico conceitual da tecnologia social". In: LASSANCE JR. et al. *Tecnologia social - uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 15 a 64.
- DAVIN, Dan M. A review of *The Gutenberg Galaxy*. In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968.
- de KERCKHOVE, Derrick "McLuhan and The Toronto School of Communication". In: *Canadian Journal of Communication*, Vol 14, No 4, 1989. p.73-79.
- DEBRAY, R.. *Media manifestos: On the technological transmission of cultural forms* (E. Rauth, Trans.). New York: Verso, 1996.
- DEIBERT, Ronald J.. "Between Essentialism and Constructivism : Harold Innis and World Order Transformations". In: R. Watson & M. Blondheim (Eds.), *The Toronto School of Communication Theory: Interpretations, Extensions, Applications*. University of Toronto Press, 2007.
- DEFLEUR, Melvin. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.
- DUSEK, Val. *Filosofia da Tecnologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- EBERSOLE, Samuel E.. *Media Determinism in Cyberspace*. 1995. Disponível em <http://faculty.colostate-pueblo.edu/samuel.ebersole/mdic/index.html>
- ECO, Umberto. *Cogito Interruptus*. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. p. 120-131.
- EDGERTON, David (1999) "From Innovation to Use: Ten Eclectic Theses on the Historiography of Technology,". In: *History and Technology* 16: 111–36.
- ELLIOT, George P.. "McLuhan's Teaching is radical, new, capable of moving people to social action. If he is wrong, it matters". STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968. P.87-100.
- ELLUL, Jacques. *The Technological Society*. New York: Vintage, 1964.
- EVERSON, Stephen (ed). *Aristotle, The Politics and The Constitution of Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FAUSTO NETO, A., AIDAR PRADO, J. L., DAYRELL PORTO, S. (orgs). *Campo da comunicação*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- FEENBERG, Andrew. "Critical Theory of Technology". 2004. Disponível em:

- <<http://www.sfu.ca/~andrewf/ctt.htm>>. Acesso em: 10 de Abril de 2010.
- _____. “Da informação à Comunicação: a experiência francesa com o videotexto”. In: NEDER, Ricardo T. (org.). *Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: OMTS na América Latina/CDS, 2010b. p.121-151.
- _____. “Do essencialismo ao construtivismo – a filosofia da tecnologia em uma encruzilhada”. In: NEDER, Ricardo T. (org.). *Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: OMTS na América Latina/CDS, 2010c. p.205-251.
- _____. “Teoria Crítica da Tecnologia”. In: NEDER, Ricardo T. (org.) – *Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: OMTS na América Latina/CDS, 2010a. p.99-117.
- _____. *Transforming technology: A critical theory revisited*, Oxford University Press, New York, 2002.
- FEKETE, J.. *The Critical Twilight: Explorations in the ideology of Anglo-American literary theory from Eliot to McLuhan*. London, Henley and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1977.
- _____. “McLuhanacy: counterrevolution in cultural theory”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005a. p. 29-82
- _____. *Massage in the mass age: remembering the McLuhan matrix*. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005b. p. 29-82
- FINKELSTEIN, Sidney Walter. *McLuhan: A filosofia da insensatez*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- FLICHY, Patrice. *Understanding Technological Innovation: A Socio-Technical Approach*. Cheltenham (United Kingdom): Edward Elgar Publishing, 2007.
- FRIEDMANN, Georges. *7 Estudos sobre o Homem e a Técnica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- FROST, C.. How Prometheus Is Bound: Applying the Innis Method of Communications Analysis to the Internet. *Canadian Journal of Communication*, North America, 28, Jan. 2003. Disponível em: <<http://cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1338/1396>>. Acesso em: 22 Dec. 2013.
- FRYE, Northrop. “The Archetypes of Literature”. 1951
- _____. *Anatomy of Criticism*. New Jersey: Princeton U. Press, 1957.
- GENOSKO, Gary. “The paradoxical effects of Macluhanisme. Cazeneuve, Baudrillard and Barthes”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.223-257.
- GOODY, J.. (Ed.). *Literacy in traditional societies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1968.
- GOODY, J.. *The domestication of the savage mind*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1977.
- GORDON, Terrence. “Introduction to Laws of Media”. McLUHAN, M.. *Marshall McLuhan Unbound*. Eric McLuhan (ed.), Corte Madera, CA: Gingko Press, 2005. #19
- _____. *Marshall McLuhan: Escape Into Understanding: A Biography*. Basic Books. 1997. 465pp.
- _____. *McLuhan: A Guide for the Perplexed*. New York: Continuum, 2010.
- GORDON, W. Terrence.; WILLMARTH, S.. *McLuhan for Beginners*. New York: Writers and Readers, 1997.

- GROSSWILER, P. *The Method is the Message*. London: Black Rose Books. 1998.
- _____. "The dialectical methods of Marshall McLuhan, Marxism, and critical theory".
In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. p. 283-311.
- GUARDIANI, Francesco. "Reviewing the reviews: Laws of Media and the Critics".
McLuhan Studies, 1. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/mcluhan-studies/>
- HALL, E.T. *Beyond Culture*, New York: Doubleday, 1976.
- _____. *The Silent Language*, New York: Doubleday, 1959.
- HALPER, Nathan. "Marshall McLuhan and Joyce". In: ROSENTHAL, R. (ed.).
McLuhan: Pro and Con. New York: Penguin. 1969, p.58-81.
- HAVELOCK, Eric A. *A musa aprende a escrever. Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- _____. *Harold A. Innis: A Memoir*. Toronto: Harold Innis Foundation, 1982.
- HAZARD, Patrick. "The analogy between print and electronic media history means nothing when looked at closely". In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor.
McLuhan: Hot and Cool. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968.
- HEIDEGGER, Martin. "A Questão da Técnica", trad. Emmanuel Carneiro Leão.
Ensaio e Conferências, Editora Vozes, Petrópolis, 2002.
- HEILBRONER, Robert. "Do Machines Make History?" In: *Technology and Culture* 8,
July 1967. p. 335-345.
- HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Tradução: Antônio Corrêa. 8ª ed.
Portugal: Coimbra, 1987.
- HEYER, P. *Harold Innis*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.
- HLYNKA, D.. Review: Laws of Media: The New Science by Marshall McLuhan; Eric
McLuhan. Educational Technology Research and Development, Vol. 38, No. 2
(1990), pp. 87-89 URL: <http://www.jstor.org/stable/30219947> .
- HUGHES, Thomas P. "Technological Momentum," in M. R. Smith & L. Marx (eds),
Does Technology Drive History? The Dilemma of Technological Determinism.
Cambridge, MA: MIT Press, 1994. p. 101-14.
- HYMES, Dell. "The author's mode of reasoning is such that involvement and
importances (particularly of print) is transformed into primary characteristic and
determinant". In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*.
New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968. P.201-202.
- IHDE, Don. "Technics and Praxis". *Boston Studies in the Philosophy of Science*, Vol.
24. Dordrecht: Reidel, 1979.
- INNIS, H. A.; BROEK, Jan O. M.. "Geography and Nationalism: A Discussion".
Geographical Review , Vol. 35, No. 2 (Apr., 1945) , pp. 301-311
- INNIS, H. A.. *Autobiography* (mimeo., 1952), 1952, pp. 110.
- _____. *Changing Concepts of Time*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield Publishers.
2004 [1952].
- _____. *Empire and Communications*. Reprint of Innis 1950. Toronto: University of
Toronto Press, 1972 [1950].
- _____. *Essays in Canadian Economic History*. Ed. by Mary Q. Innis. Toronto:
University of Toronto Press, 1956.
- _____. *Political Economy in the Modern State*. Toronto: Ryerson Press, 1946.
- _____. *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto Press, 2008
[1951].
- _____. *The Fur Trade in Canada: An Introduction to Canadian Economic History*.
New Haven, Conn.: Yale University Press, 1930.

- _____. *The Idea File of Harold Adams Innis*. Ed. William Christian. Toronto: University of Toronto Press, 1980.
- _____. "The Concept of Monopoly and Civilization". In: *Staples, Markets and Cultural Change: Selected Essays*, ed. D. Drache. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1995b.p. 384
- _____. *O Viés da Comunicação*. Tradução e notas de Luiz C. Martino. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. "Business and Government". In: *Staples, Markets and Cultural Change: Selected Essays*, ed. D. Drache. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1995a. p. 290-294.
- _____. "Communications and Archaeology". *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue Canadienne D'Economique Et De Science Politique*. 17, 1951a. P. 237-240.
- _____. "Discussion in the Social Sciences". In: *Dalhousie Review*, 15, 1936, p. 401—13.
- _____. "The Bias of Communication", in *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economique et de Science politique*, Vol. 15, No. 4, novembro 1949, p. 457-476.
- _____. "The Role of Intelligence: Some Further Notes." *Canadian Journal of Economics and Political Science*, 1, 280-7.
- _____. "The Rowell-Sirois Report". In: *Staples, Markets and Cultural Change: Selected Essays*, ed. D. Drache. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1995c. p.251.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves Editora, 1986.
- JEANS, J.. *Physics & philosophy*. Cambridge, The University Press, 1943.
- JEFFREY, Liss. "The Heat and the Light: Towards a Reassessment of the Contribution of H. Marshall McLuhan." *Canadian Journal of Communication special issue*, December 1989, p. 1-29.
- JHALLY, Sut. "Communications and the Materialist Conception of History." *Continuum*, 7 no. 1, 1993, 161-82.
- JOURNAL OF COMMUNICATION. International Communication Association. September 1983. Volume 33, Issue 3. ISSN 0021-9916.
- KAPP, Ernst. *Grundlinien einer Philosophie der Technik. Zur Entstehungsgeschichte der Kultur aus neuen Gesichtspunkten*. Braunschweig: Verlag George Westermann, 1877.
- KATZ, Ruth; KATZ, Elihu. "McLuhan: Where Did He Come From, Where Did He Disappear?", *Canadian Journal of Communication*, no 3, vol. 23, Summer, 1998, p. 307-19
- KELLNER, Douglas. *Feenberg's Questioning Technology*. Disponível em: <<http://www.gseis.ucla.edu/courses/ed253a/kellner/feenanswer.html>>. Acesso em: 10 de Abril de 2010.
- KERMODE, Franke. "Between two galaxies". In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.85-90.
- KOSTELANETZ, R.. "A Hot Apostle in a Cool Culture". In R. Rosenthal (Ed.). *McLuhan: Pro and Con*. New York: Penguin. 1968. P.207-228.
- KROKER, A.. *Digital Humanism: The Processed World of Marshall McLuhan*, 1995.
- _____. *Technology and the Canadian Mind: Innis/McLuhan/Grant*. Montreal: New World Perspectives, 2001 [1984].

- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- KUHNS, William. *The Post-Industrial Prophets*. New York: Weybright and Talley, 1971.
- LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan (orgs). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LAKATOS, Imre. “O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica”. In: I. Lakatos; A Musgrave (Org.). *A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, p. 109-243. 1979.
- _____. *Proofs and Refutations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. *The Methodology of Scientific Research Programmes: Philosophical Papers Volume I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- LE CORBUSIER. *The Decorative Art of Today*. Trans. James I. Dunnett, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1987, p. 72.
- LEROI-GOURHAN, André. *Evolução e técnicas I - O homem e a matéria*. Lisboa, Edições 70, 1984.
- _____. *O Gesto e a Palavra II. Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1965.
- LEVINSON, Paul. “Spirals of media evolution”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. p. 15-30.
- LEWIS, Wyndham. *Time and Western Man*. Boston: Beacon, 1957.
- LIEBERGMAN, Ben. The greatest defect of McLuhan’s theory is the complete rejection of any role for the content of communication. In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968. P. 244-250.
- LISTER, Martin. *New Media: A Critical Introduction*. 2nd Ed.. New York: Routledge, 2009
- LOGAN, Robert K.. *McLuhan Misunderstood: Setting the Record Straight*. 2013. No prelo. Publicado posteriormente como LOGAN, Robert K.. *McLuhan Misunderstood Setting the Record Straight*. Key Pub House Inc.. 2013.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola. 2003.
- LOVEKIN, David. *Technique, Discourse, and Consciousness: An Introduction to the Philosophy of Jacques Ellul*. Bethlehem: Lehigh University Press 1991.
- MACDONALD, Dwight. “He has looted all culture, from cave painting to mad magazine, for fragments to shore up against the ruin of his system”. In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968. P.235-243.
- MACHADO, Carlos J. S. *Tecnologia Meio Ambiente e Sociedade: Uma introdução aos modelos teóricos*. Rio de Janeiro: e-papers, 2003.
- MACKENZIE, Donald & WAJCMAN, Judy (Eds.). *The Social Shaping of Technology: How the Refrigerator Got its Hum*. Milton Keynes: Open University Press, 1985.
- MACLURE, Millar. “Review of Understanding Media”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005.
- MARCHAND, Philip. *Marshall McLuhan: The Medium and the Messenger*. Random House. 1989. 320pp.
- MARCHESSAULT, Janine. “Mechanical Brides and Mama’s Boys: Gender and Technology in Early McLuhan”, In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall*

- McLuhan: *Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. P.161-180.
- MARCHESSAULT, Janine. *Marshall McLuhan: Cosmic Media*. London: SAGE Publications, 2005.
- MARSHALL, Bárbara L. . “Critical Theory, Feminist Theory, and Technology Studies”. In: Misa, Thomas J., Philip Brey, and Andrew Feenberg (eds.). *Modernity and Technology*. Cambridge: The MIT Press, 2003. p. 105-138.
- MARTINO, L. C.. “Elementos para uma epistemologia da Comunicação”. In: FAUSTO NETO. A. PORTO. S.D.: AIDAR PRADO, J.L. (eds.). *Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2001. p. 51-75.
- _____. “A Atualidade Mediática: o conceito e suas dimensões”. In: *Compós 2009 - Encontro da Associação Brasileira de Programas de Pós-graduação em Comunicação*, 2009, Belo Horizonte. XVIII COMPÓS: , Belo Horizonte/MG: Compós, 2009.
- _____. *As Epistemologias Contemporâneas e o lugar da Comunicação*. Artigo apresentado no III Seminário Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação, realizado na Escola de Comunicações e Artes/USP, nos dias 7 e 8 de novembro – 2002.
- _____. *Classificação e exame crítico da literatura sobre história da comunicação*. In: *Compós 2008 - Encontro da Associação Brasileira de Programas de Pós-graduação em Comunicação*, 2009, São Paulo. XVII COMPÓS: São Paulo/SP: Compós, 2008.
- _____. “Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional”. *Ciberlegenda (UFF)*, Niteroi, v. 5, 2001.
- _____. “Uma Questão Prévia: existem teorias da comunicação?”. In: Martino, Luiz C.. (Org.). *Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, v. 1, p. 13-42.
- _____. *A Revolução Mediática: a comunicação na Era da simulação tecnológica*. In: *V Bienal Iberoamericana de la Comunicación Instituto Tecnológico de Monterrey*, 2005, México-DF. *Revista Razon y Palabra*, 2005.
- _____. “Pensamento Comunicacional Canadense: as contribuições de Innis e McLuhan”, in *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, vol. 5, n.1 4 p.123-148 novembro 2008.
- _____. “Contribuições para o estudo dos meios de comunicação” in *Revista FAMECOS*, Porto Alegre - nº 13, dezembro 2000, p.103-114.
- _____. “Prefácio à edição brasileira”. In: INNIS, H. A.. *O Viés da Comunicação*. Tradução e notas de Luiz C. Martino. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. *História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional*. E-Compós (Brasília), www.compos.org.br, v. 1, p. 1-22, 2004.
- _____.;BERGER, Chaves R. e CRAIG, Robert T. *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- MARTINO, L. C.; BARBOSA, R. M. “Do Determinismo Tecnológico à Determinação Teórica”, [no prelo].
- MARVIN, Carolyn. “Innis, McLuhan and Marx”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. p. 312-316.
- MATTELART, A. e MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

- McCALLUM, Pamela. Walter Benjamin and Marshall McLuhan: theories of history. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. P. 317-330.
- McLUHAN, Eric. Entrevista com o autor em 3 de Junho de 2013 em Toronto, Canadá, 2013.
- McLUHAN, M. *Understanding me: Lectures and Interviews* (S. McLuhan & D. Staines, Eds.). Cambridge, MA: MIT Press, 2003.
- _____. "Education in the Electronic Age." *Interchange* Vol. 1 No. 4, 1-12. 1970a.
- _____. "Electric Consciousness and the Church." In Eric McLuhan and Jacek Szklarek (eds). *The Medium and The Light: Reflections on Religion*. Toronto: Stoddart. 1999.
- _____. "Foreword". In: INNIS, Harold. *Empire and Communications*. Reprint of Innis 1950. Toronto: University of Toronto Press, 1972 [1950].
- _____. "G. K. Chesterton: A Practical Mystic." In: GORDON, W. Terrence (ed.). *McLuhan Unbound*. Corte Madera, CA: Gingko Press, 2005, #11. Repr. from *The Dalhousie Review*, January 1936, 455-464.
- _____. "McLuhan's laws of the media," *Technology and Culture*, January: 74-78. 1975.
- _____. "Raymond Williams, Television: Technology and Cultural Form (Book Review)". *Technology and Culture*, 19:2 (1978:Apr.).
- _____. "The laws of the media," with a Preface by P. Levinson, et cetera, 34, 2: 173-9. 1977.
- _____. "The New Education." *The Basilian Teacher* Vol. 11 (2), 66-73. 1967b.
- _____. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: CEN, 1972.
- _____. *Essential McLuhan*. Eds. E. McLuhan and F. Zingrone. London: Routledge. 1997 [1995].
- _____. Introduction to *The Bias of Communication*. In: INNIS, Harold. *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto, 1964. Reprinted in E. McLuhan and W. T. Gordon (Eds.), *Marshall McLuhan Unbound* (4). Corte Madera (California): Gingko Press, 2005.
- _____. *Letter to Rollo May*, 14 December 1972, p. 457-8. In: _____. *Letters of Marshall McLuhan*. Edited by Matie Molinaro, Corinne McLuhan and William Toye. Toronto: Oxford University Press, 1987.
- _____. *Os meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. *The Classical Trivium: The Place of Thomas Nashe in the learning of his time*. Corte Madera, CA: Gingko Press, 2006.
- _____. *The Gutenberg galaxy: The making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- _____. *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man*. New York: Vanguard Press, 1951.
- _____. *The Place of Thomas Nashe in the Learning of His Time*, diss., Cambridge University, 1943 (Cambridge: Cambridge UP, 1943).
- _____. *Understanding Me: Lectures and Interviews*. Ed. S. McLuhan and D. Staines. Cambridge (Massachusetts): The MIT Press. 2003b.
- _____. *Understanding Media: The Extensions of Man*. London: Routledge & Kegan Paul, 1964.
- _____. "Classroom without Walls". In: Carpenter, E. and McLuhan, M. (eds), *Explorations in Communication*. Boston: Beacon Press, 1960, pp. 1-3.
- _____. *Playboy Interview: Marshall McLuhan - A candid conversation with the high*

- priest of popcult and metaphysician of media”. In: *Playboy* (March), 1969b; Reimpresso em McLuhan, E. and Zingrone, F. (eds) (1995). *Essential McLuhan*. New York: BasicBooks, pp. 233-69. Disponível em: <http://www.nextnature.net/?p=1025>; e também: <http://www.digitallantern.net/mcluhan/mcluhanplayboy.htm>.
- _____. *Os meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969 [1964].
- McLUHAN, Marshall; CARSON, David. *The Book of Probes*. Corte Madera, CA: Gingko Press, 2003.
- McLUHAN, Marshall; FIORE, Q.; AGEL, J.. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. New York: Random House, 1967
- McLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; AGEL, Jerome. *War and Peace in the Global Village*. New York: Bantam Books, 1968
- McLUHAN, Marshall; GORDON, W. Terrence. *Understanding Media: The Extensions of Man. Critical Edition*. Corte Madera, CA: Gingko Press, 2003.
- McLUHAN, Marshall; LOGAN, Robert K.. “Alphabet, Mother of Invention”. *Etcetera*. Vol. 34, 1977, pp. 373–383.
- McLUHAN, Marshall; McLuhan, Eric. *Laws of Media: The New Science*. Toronto, Buffalo and London: University of Toronto Press, 1988.
- _____. *Media and Formal Cause*. NeoPoiesis Press, LLC, Houston, 2011.
- McLUHAN, Marshall; McLuhan, Stephanie; STAINES, David. *Understanding Me: Lectures and Interviews*. Toronto: McClelland and Stewart. 2003b.
- McLUHAN, Marshall; MOLINARO, Matie, McLuhan, Corrine; TOYE, William (eds.). *Letters of Marshall McLuhan*. Toronto: Oxford University Press, 1987.
- McLUHAN, Marshall; PARKER, H.. *Through the Vanishing Point: Space in Poetry and Painting*. New York: Harper & Row, 1968.
- McLUHAN, Marshall; PARKER, H.. Counterblast. London: Rapp and Whiting. 1970
- McLUHAN, Marshall; WATSON, Wilfred. *Do Clichê ao Arquétipo*. Ed. Record. Tradução: Ivan Pedro de Martins, 1975.
- McQUAIL, D.. *Mass Communication Theory. An Introduction* (3rd ed.). London: Sage Publications, 1994.
- McQUAIL, Denis. *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa, Gulbenkian, 2003 [1983].
- MEDIA ECOLOGY ASSOCIATION. “Organization”. 2012. Disponível: (<http://www.media-ecology.org/about/organization.html>)
- MELODY, W.; SALTER, L.; HEYER, P. *Culture, communication and dependency: the tradition of Harold A. Innis*. Norwood: Ablex, 1981.
- MERRIN, William. “Implosion, simulation and the pseudo-event: a critique of McLuhan”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. P.442-465.
- MEYROWITZ, Joshua. “As múltiplas Alfabetizações midiáticas”. in Revista FAMECOS, Porto Alegre - n1/4 15, agosto 2001, p.88-100.
- _____. “Images of Media: Hidden Ferment - And Harmony - In the Field”. In: *Journal of Communication*, New York, Vol 43, Issue 3, 1993, p.55-66
- _____. “Medium Theory”. in D. Crowley and D. Mitchell, eds., *Communication Theory Today*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1994, p. 50-77.
- _____. *No sense of place: The impact of eletronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.
- MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Vozes. Petrópolis, 2000.

- MILLER, J.. *As idéias de McLuhan*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- _____. *McLuhan*. London: Fontana. 1971
- MISA, Thomas. "How Machines Make History and How Historians (and Others) Help Them To Do So,". In: *Science, Technology & Human Values* 13(3 and 4), 1988. p. 308–31.
- MITCHAM, Carl. *Thinking Through Technology*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- MORAGAS SPA, Miguel de. *Teorías de la Comunicación*, 3ª ed., Barcelona (Espanha), G.Gili, 1985.
- MORRIS, Rudolf. E.. "How refreshing to see a critique of a period and of its morals avoiding moral indignation". In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968.P. 101-105.
- NAIRN, Tom. McLuhanism: the myth of our time. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P. 19-28.
- NANCY SHAW. "The Method is the Message: Rethinking McLuhan Through Critical Theory". *Canadian Journal of Communication*, North America, 24, Jan. 1999. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1087/993>>. Acessado em: 23 Dec. 2013.
- NEDER, Ricardo T. (org.). *Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: OMTS na América Latina/CDS, 2010.
- NEVES, José Pinheiro. "Os dilemas da sociologia da técnica: do construtivismo social à teoria do actor-rede", in *Economia e Sociologia*, 2009. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/43509133/Tecnica-Evora-jan2009>>
- NIETZSCHE, F.. *The Use and Abuse of History*. First pub. 1874. Indianapolis, Ind.: Bobbs-Merill, 1956.
- NORCIA, Vincent de. "Communications, Time, and Power: An Innisian View," *Canadian Journal of Political Science: Revue Canadienne de Science Politique*, 23 2 1990: 335-357.
- NYSTROM, C.. *Towards a science of media ecology: The formulation of integrated conceptual paradigms for the study of human communication systems*. (Doctoral dissertation, New York University, 1973). Dissertation Abstracts International, 34, 7800, 1973.
- ONG, Walter J.. *Interfaces of the word: Studies in the evolution of consciousness and culture*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977.
- _____. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Routledge, 1982.
- PAL, Leslie.. "Scholarship and the Later Innis." *Journal of Canadian Studies*, 12 no. 5 (winter), 1977. p. 32-44.
- PATTERSON, Graeme. *History and Communications: Harold Innis, Marshall McLuhan, the Interpretation of History*. Toronto: University of Toronto Press. 1990.
- PAYNE, Rachel. From Cliché to Archetype. 2003. Disponível em <http://www.cyberchimp.co.uk/U75102/cliche.htm>
- PEREIRA, V. A. . Marshall McLuhan, o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos.. *Razón y Palabra*, v. 52, p. 52, 2006.
- PINCH, Trevor J., BIJKER, Wiebe E. e Huges, Thomas Parke (eds.). *The Social Construction of Technological Systems: New directions in sociology and history*

- of technology. MIT Press, Cambridge, 1987.
- PITT, Joseph C. *Thinking About Technology: Foundations of the Philosophy of Technology*. New York: Seven Bridge Press, 2000.
- POE, Edgar Allan. *A Descent into the Maelstrom*. 1841.
- POPPER, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. *Conjecturas e refutações - O progresso do conhecimento científico*. Brasília: Editora da UNB, 2008.
- _____. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Rio de Janeiro: Ed. da UnB, 1978.
- _____. *Objective Knowledge*. London: Oxford University Press, 1972.
- POSTMAN, Neil; WEINGARTNER, C.. *The soft revolution: A student handbook for turning schools around*. New York: Delacorte, 1971.
- POSTMAN, Neil. "The humanism of media ecology". *Proceedings of the Media Ecology Association* 1, 10-16. Disponível: (http://www.media-ecology.org/publications/proceedings/v1/humanism_of_media_ecology.htm)
- _____. *Tecnopólio. A renúncia da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994. pp 13-14.
- _____. *The reformed English curriculum*. In A. C. Eurich (Ed.), *High school 1980: The shape of the future in American secondary education* (pp.160-168). New York: Pitman, 1970.
- RAE, Alice. *McLuhan's Unconscious*. Thesis at School of History and Politics, University of Adelaide - May, 2008.
- RICKS, Christopher. "McLuhanism". In: ROSENTHAL, Raymond, editor. *McLuhan: Pro and Con*. Funk and Wagnalls, 1969. p.100-105.
- _____. *The style is a viscous fog, through which loom stumbling metaphors*. In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968, p.244-250. Reimpresso de 'Electronic Man', *New Statesman*, 11 December 1964, p. 925-926. Reimpresso como "Electronic Man" In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.106-111.
- ROCKMAN, Arnold. *McLuhanism: the natural history of an intellectual fashion*. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.138-153.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. *Teorías de la comunicación: Ámbitos, métodos y perspectivas*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.
- ROESENBERG, Harold. *Philosophy in a pop key*. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.112-119.
- ROSENTHAL, R. (ed.). *McLuhan: Pro and Con*. New York: Penguin. 1969.
- RÜDIGER, Francisco. *Introdução à teoria da comunicação*. São Paulo: Edicon, 1998.
- SCHARFF, R. C.; DUSEK, V. (Ed.). *Philosophy of technology: the technological condition: an anthology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- SIMON, John. *Pilgrim of the Audile-Tactile*. In: ROSENTHAL, R. (ed.). *McLuhan: Pro and Con*. New York: Penguin. 1969, p.93-99.
- SIMONDON, G.. *A gênese do indivíduo ["Introdução" de L'individu et sa gênese physico-biologique]*. *Cadernos de subjetividade – O reencantamento do concreto*. São Paulo; Hucitec, 2003. p. 97-118.
- _____. *El modo de existencia de los objetos técnicos*, Prometeo, 2007. Ttrad. De Margarita Martínez y Pablo Rodríguez.

- SMEDES, Taede A. "Technology and What It Means to Be Human". In: Drees, Willem B.. *Technology, Trust, and Religion: Roles of Religions in Controversies on Ecology and the Modification of Life*. Leiden: Leiden University Press, 2009, p.41-54.
- SMITH, M.R.; MARX, Leo. (eds.) *Does Technology Drive History? The Dilemma of Technological Determinism*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts London England, 1994.
- SOUSA, Janara K. L. de. *Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, dezembro de 2003.
- STAMPS, J.. *Unthinking Modernity: Innis, McLuhan, and the Frankfurt School*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1995.
- STEARNS, G. E. (ed.). *McLuhan: Hot and Cool: a primer for the understanding of and a critical symposium with responses by McLuhan*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968.
- STEVENSON, John. *Technology and Culture: Innis, McLuhan, Carey*. 1995.
Disponível em:
<http://www.tranquileye.com/netessays/innis_mcluhan_carey.html>
- STRATE, Lance; WACHTEL, Edward (Eds.). *The Legacy of McLuhan*. Cresskill: Hampton Press, 2005. Pp. x, 373.
- STRATE, Lance. "A Media Ecology Review". In: *Communication Research Trends*, Vol. 23 No. 2, pp. 3-48, 2004.
- _____. "President's Message – Understanding MEA". In: IN MEDIAS RES - The Official Newsletter of the Media Ecology Association, Vol. 1 No. 1, Inaugural Issue, October 1999. Disponível em: (http://www.media-ecology.org/publications/In_Medias_Res/imrv1n1.html#President%C2%92s%20Message%C2%97UNDERSTANDING%20MEA)
- THEALL, Donald F. "Communication Theory and the Marginal Culture: The Socio-Aesthetic Dimensions of Communication Study." *Studies in Canadian Communications*. Ed. G.I. Robinson and D.F. Theall. Montreal: McGill Studies in Communications, 1975. 7-26.
- _____. "The Toronto School of Communications". 2003. Disponível em: (http://www.fivebodied.com/the_toronto_school_of_communications.rtf)
- _____. *Beyond the word: Reconstructing sense in the Joyce era of technology, culture, and communication*. Toronto: University of Toronto Press, 1995.
- _____. *Joyce's techno-poetics*. Toronto: University of Toronto Press, 1997.
- _____. *The medium is the rear view mirror*. Montreal: McGill-Queens University Press, 1971.
- _____. *The virtual Marshall McLuhan*. Montreal & Kingston: McGill-Queens University Press, 2001.
- _____. "The essay concrete". In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. P.108-121.
- THÉBERGE, Paul. Counterpoint: Glenn Gould & Marshall McLuhan. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. P.48-65.
- THOMSON, Iain. "From the Question Concerning Technology to the Quest for a Democratic Technology: Heidegger, Marcuse, Feenberg". In: *Inquiry* 43, 2000. p.203-16.
- _____. "What's Wrong with Being a Technological Essentialist? A Response to

- Feenberg”. *Inquiry* 43, 2000. p.229-44.
- TREMBLAY, G.. “From Marshall McLuhan to Harold Innis, or From the Global Village to the World Empire”. *Canadian Journal of Communication*, North America, 37, dec. 2012. Available at: <<http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/2662>>. Date accessed: 17 Jan. 2014.
- _____. “As TIC e o sistema educacional. Os temores de Innis e as esperanças de McLuhan”. In: Barbosa, Marialva; Morais, José Osvando de. (Org.). *Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?. Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?.* São Paulo: Intercom, 2011, v. , p. 187-200.
- _____. “De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial”. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 22, dez. 2003, p.13-21.
- TRIGUEIRO, M. G. S. . *O conteúdo social da tecnologia*. 01. ed. Brasília: EMBRAPA, 2008. v. 01.
- TRINTA, Aluizio Ramos . Duas ou três coisas que devemos saber sobre McLuhan. In: I Encontro Regional de Comunicação, 2003, Juiz de Fora. Anais do I Encontro Regional de Comunicação, 2003.
- _____. Harold Adams Innis & Herbert Marshall McLuhan. In: BRAGANÇA, A.; MOREIRA, Sônia V.. (Org.). *Comunicação, acontecimento, memória*. São Paulo: Intercom, 2005, v. , p. -.
- VEAK, Tyler. *Whose Technology? Whose Modernity?: Questioning Feenberg's Questioning Technology*. Disponível em: <http://www.rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/symp2.htm>
- VENABLE, William Henry. “Flaws in McLuhan’s Laws”. *Technology and Culture* 17 1976, p. 256-62.
- VICO, Giambattista. *The New Science*. Tradução da terceira edição (1744) por Thomas Goddard Bergin e Max Harold Fisch. Cornell University Press. Ithaca, 1948.
- VRIES, Marc J. de. *Teaching about Technology: An Introduction to the Philosophy of Technology*. Dordrecht: Springer, 2005.
- WALTER, Dean. *Executives who want this man’s insights will get them only on his own terms*. p. 67-77. In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968.
- WERNICK, Andrew. No Future: Innis, Time Sense, and Postmodernity. In: ACLAND, Charles, BUXTON, William (eds). *Harold Innis in the New Century: Reflections and Refractions*. Montréal: McGill-Queen's University Press, 1999. P.261-280.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press 1977.
- _____. Paradoxically, if the book works it to some extent annihilates itself. In: STEARNS, Gerald Emanuel, editor. *McLuhan: Hot and Cool*. New York: Dial Press, 1967; London: Penguin, 1968. P. 216-224. Reimpresso como “A structure of insights”. P.3-6. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005.
- _____. *Television Technology and cultural form*. New York, Taylor & Francis e-Library, 2004 [1974].
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 4ª ed. 1995.
- WYATT, Sally. “Technological Determinism is Dead; Long Live Technological Determinism”, in: Hackett, Edward, Amsterdamska, Olga, Lynch, Michael & Wajcman, Judy (eds.) *The Handbook of Science and Technology Studies*, 3rd edition, Cambridge Mass.: MIT press, 2008. p. 165-180.